



Paz e Terra

das mulheres

MEMÓRIAS DO EXÍLIO

Obra coletiva dirigida e editada por:
Albertina de Oliveira Costa
Maria Teresa Porciuncula Moraes
Norma Marzola
Valentina da Rocha Lima

MEMÓRIAS DO EXÍLIO
volume II



um convite:

*ELABOREMOS JUNTAS
AS NOSSAS MEMÓRIAS*

Como foi que você
veio parar fora do Brasil?...

escapar à repressão
por causa de atividade política sua?

acompanhar companheiro que
teve que sair, vir junto com marido,
filhos, pais, namorado, família?

ou você não estava perseguida,
nem tinha que acompanhar ninguém,
apenas quis sair porque
lá se sentia abafada, não podia fazer
as coisas que queria?

MEMÓRIAS
das mulheres
DO EXÍLIO

(DEPOIMENTOS)



Ficha Catalográfica

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M487 • Memórias das mulheres do exílio / Albertina de Oliveira Costa | et alii | . - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

1. Brasil - História 2. Exilados - Narrativas pessoais
I. Costa, Albertina de Oliveira

CDD - 981
325.21

80-0016

CDU - 981
325.254-055.2

EDITORA PAZ E TERRA
Conselho Editorial:
Antonio Candido
Celso Furtado
Fernando Gasparian
Fernando Henrique Cardoso

MEMÓRIAS *das mulheres* DO EXÍLIO

MEMÓRIAS DO EXÍLIO
VOLUME II

Obra coletiva dirigida e editada por:
(em ordem alfabética)

Albertina de Oliveira Costa
Maria Teresa Porciuncula Moraes
Norma Marzola
Valentina da Rocha Lima

Projeto MEMÓRIAS DO EXÍLIO

Coordenadores: *Clóvis Brigagão, Jovelino Ramos, Marcos Arruda,*
Pedro Celso Uchôa Cavalcanti, Rubem Cesar
Fernandes, Valentina da Rocha Lima

Patrocinadores: *Abdias do Nascimento, Nelson Werneck Sodré,*
Paulo Freire



Paz e Terra
Rio de Janeiro
1980

Copyright © by Projeto MEMÓRIAS DO EXÍLIO

Diagramação

e capa: *Evangelina da Rocha Lima*

Ilustrações: *Josely de Carvalho **

Revisão: *Heloisa Lanari, Maria Teresa P. Moraes*

**artista brasileira residente no exterior desde janeiro de 1964,
atualmente em Nova York.*

Direitos adquiridos em língua portuguesa pela

EDITORA PAZ E TERRA S.A.

Rua André Cavalcanti, 86

Fátima - Rio de Janeiro - RJ.

Tel.: 263-4399

Rua Carijós, 128

Lapa - São Paulo - SP.

Tel.: 263-9354

1980

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

*Aos que sofreram a nossa ausência
Aos que nos prestaram solidariedade
Aos que não verão o fim do exílio*

Agradecemos

a todas as pessoas que colaboraram conosco, enviaram sugestões e nos apoiaram na realização deste trabalho

em especial a *todas* as mulheres que deram entrevistas ou enviaram depoimentos aqui publicados ou não.

Nossos agradecimentos pela colaboração prestada na recolha de depoimentos a:

Betty Chachamovitz/Clóvis Brigagão/Glória de Araújo Ferreira/Grupo de Mulheres de Lisboa/Vilma Drey

em especial a Ângela da Cunha Neves, sem a qual o nosso trabalho em Paris teria sido muito mais difícil.

Apresentação do II volume de Memórias do Exílio

O PROJETO MEMÓRIAS DO EXÍLIO, três anos depois de lançado De Muitos Caminhos..., publica o seu segundo volume. Desta vez a primeira edição já sai no Brasil e a capa não indaga mais '1964-19??'. Para muitos, foi 1979!

Este volume trata de exiladas e foi dirigido e organizado por quatro mulheres. Entretanto, coletivamente, os coordenadores do projeto assumem também a responsabilidade do trabalho por elas realizado. Três anos de intervalo entre os dois volumes é um período mais longo do que desejávamos na continuidade deste projeto. A vida de todos nós tem sido muito instável, as dificuldades de localização e reunião das pessoas interessadas são enormes. As incertezas comuns do exílio, acrescente-se a carência financeira que caracterizou o projeto desde o seu início. Devemos contudo assinalar que para este volume obtivemos a ajuda da Fundação Ford e uma bolsa individual concedida a Pedro Celso Uchôa Cavalcanti pelo Social Science Research Council. Agradecemos a essas instituições, assim como ao Conselho Nacional de Igrejas dos EUA pelo apoio que nos tem dado.

AS MEMÓRIAS DO EXÍLIO, a partir de 1980, continuarão no Brasil com os que voltaram e também, é bom que não se esqueça, com os que continuam exilados. Iniciamos um levantamento de insti-

tuições que foram criadas, dirigidas ou que sofreram influência de refugiados brasileiros; começamos a ouvir o mundo do exílio das crianças, e queremos, nós mesmos, traçar um perfil dos exílios que procuramos documentar durante esses anos.

Não sabemos se as dificuldades agora serão maiores ou menores, nem podemos imaginar se as pessoas irão se sentir mais ou menos livres em seus depoimentos. Seja como for, a continuidade das MEMÓRIAS DO EXÍLIO é importante para a construção da memória nacional, por um Brasil sem nunca, nunca mais exílios. Que esta esperança, este ideal de liberdade, seja assumido por um número cada vez maior de brasileiros e brasileiras!

Os Coordenadores

Sumário

15 *Introdução: MEMÓRIAS DE UM LIVRO*

I EU NÃO CABIA MAIS LÁ

33 *Maricota da Silva*

48 *Zuleika Alambert*

69 *Maria do Carmo Brito*

81 *Alice*

89 *Carmem*

103 *Fátima Freire Dowbor*

111 *Vânia*

120 *Beatriz*

137 *Saudade*

II A POLÍCIA NO CALCANHAR...

MEU FILHO PELA MÃO

161 *Leta de Souza Alves*

186 *Levo essa criança comigo ou não?*

187 *Therezinha Rabelo*

200 *Elza Freire*

207 *A Bela do Terror*

III LIBERTÉ, EGALITÉ, HUMANITÉ

- 211 *Eny*
229 *França, primavera de 79*
235 *Damaris de Oliveira Lucena*
237 *Angelina e Sonia*
255 *Célia*
262 *No Brasil tudo isso era um bicho do outro mundo*

IV O EXÍLIO É O EXERCÍCIO DA SOLIDÃO

- 267 *Sandra*
290 *Interior*
293 *Ana Maria*
302 *Arlete*
313 *Maria Nakano*
319 *Naná*
328 *Joana*
338 *Amore, che bello!*

V A HISTÓRIA COMEÇA A PARTIR DE MIM

- 341 *Maria Valderez Coelho da Paz*
353 *Maria B.*
370 *Eva*
390 *Emília Viotti da Costa*
413 *Círculo*

441 ORISONTE BRASILEIRO

Introdução

MEMÓRIAS DE UM LIVRO

Lisboa, Estrela, memórias do exílio,
segundo movimento, 1976...

I – EM TORNO DE MEMÓRIA, HISTÓRIA, RAIZ.

Esta é a minha história, a sua história, a história dela. Este livro é uma obra coletiva, que tem início com DE MUITOS CAMINHOS..., e percorre um longo caminho – desde o 'eu não tenho nada para dizer' até 'o que eu tenho para dizer', desde nós quatro até um NÓS maior – em que vidas, sentimentos, intimidades, alegrias e dores diversas foram saindo de cada uma para transformar-se em todas nós. Como tudo tem sua história, a deste livro começa no encontro do projeto MEMÓRIAS DO EXÍLIO com o grupo de mulheres brasileiras em Lisboa, lá na casa da Marie, onde nos reunimos já pelo fato mesmo do exílio, pois que era esta a condição própria, vivenciada, específica e comum deste grupo.

Brasileiras, exiladas, minoria,... Descobrimo a par e passo uma outra condição também determinante e comum: MULHERES. Da idéia trazida pelo projeto – a de uma entrevista coletiva – à idéia nascida em Lisboa de um volume só de mulheres, o desdobramento foi de certa forma natural. Mas porque, além de exiladas e mulheres, pertencíamos àquele grupo, esta experiência coletiva favoreceu o nosso investimento emocional e o nosso empenho neste trabalho.

Por que um volume de mulheres? Tantas maneiras de responder, tantas respostas envolvidas. Talvez porque nem sempre as mulheres se sentiram incluídas quando partiu o convite inicial para que os exilados escrevessem as suas memórias. Talvez porque não se considerassem exiladas, ou não fossem como tais consideradas pelo projeto, aquelas cujas vidas foram profundamente afetadas por acompanharem marido, companheiro, filhos, pais. Certamente porque constatamos que as mulheres, em seus depoimentos no primeiro volume, situavam-se quase que exclusivamente como militantes políticas, deixando apenas entrever – nas entrelinhas e às vezes de forma dramática – o fato de serem mulheres. E, sobretudo, porque partimos da nossa própria condição, sabendo que o que queríamos dizer era de mulheres. Era a nossa ótica. Era a tentativa de recuperar a nossa experiência no que ela tem também de específico, torná-la descritível para transmiti-la.

Para tanto, sentimos a necessidade de tratar a idéia de visão de mundo numa outra perspectiva e numa outra dimensão. As mudanças de visão de mundo, em confronto com o fato exílio, não se esgotam nem só no político, nem só no intelectual. O conceito é mais abrangente do que isto. Tem que sê-lo para poder ser instrumental para a compreensão da totalidade do que somos e da globalidade onde estamos inseridos. Para nós, as idéias são frutos históricos, porque históricas se realizam em práticas cotidianas, e aí ganham consistência, aí se transformam.

Nunca pretendemos que as pessoas falassem daquilo em que se notabilizaram em quaisquer terrenos, mas sim de si mesmas em face de situações por que toda pessoa passa, quando desvinculada de seu país, de sua cultura, de sua família: a luta miúda, as pequenas descobertas, o como enfrentar o dia-a-dia, a casa, a educação dos filhos, as relações afetivas, a solidão, a abertura, o abafamento, os outros, a gente mesma. Nunca pretendemos abandonar as experiências políticas, mas sim ir além delas. Tratava-se de

ampliar, não de reduzir. Por esta razão, buscamos a nossa vivência como mulheres no terreno onde o subjetivo e o objetivo se entrelaçam: o das emoções e o da história pessoal concreta, das mudanças cotidianas e nem por isso menores, nem por isso menos históricas.

Buscamos as grandes alterações de perspectiva, as descobertas intelectuais ou as construções teóricas, com base no que se viveu na própria pele e que, dentro da dura realidade do exílio, foi compreendido, trabalhado, elaborado, transformando-se em muitos casos numa outra visão de mundo.

Procuramos o eu individual, o único e singular, plenamente conscientes da importância da autobiografia na reconstrução histórica. E chegamos a uma grande NÓS anônimo, que contém cada uma de nós e ultrapassa-nos a todas, que não se confunde com nenhuma e está presente em todas nós. Não necessariamente porque as experiências se assemelhem, mas porque elas configuram em seu conjunto um perfil coletivo, em que aparecem traços de universalidade, em que se fixa este momento de nossa história enquanto história social, quer dizer, a história de cada um de nós e de todos nós.

Este livro, como o projeto em que se insere, parte da premissa de que a preservação da memória integra e situa o ser na humanidade, que só a História permite compreender, comparar, imaginar alternativas, definir múltiplas possibilidades, o que implica, enfim, fazer História. Daí a necessidade de mergulharmos nas origens, no que foi, mas também no que poderia ter sido, para projetarmos o que poderá vir a ser.

As mulheres, como todos aqueles que nunca foram reconhecidos pela historiografia, não têm a sua história registrada. Disso decorre que o arrolar dos testemunhos do presente sobre o presente, das histórias de vida, da tradição oral, seja um esforço de reconstituição, assim como uma tentativa de dar livre curso à nossa imaginação e à nossa criatividade, de dar instrumentos para o domínio do futuro.

E porque a libertação de qualquer grupo oprimido passa pela apropriação da sua História, em busca da sua identidade social, mais uma razão para um livro só de mulheres, sem ser um livro só sobre mulheres ou só para mulheres.

II – EM TORNO DE QUEM É EXILADA

São exiladas as perseguidas, as punidas, as presas e torturadas. São exiladas as que sofreram perseguições indiretas. Esposas, mães, filhas e amantes. São exiladas as que perderam suas condições de trabalho, também aquelas que não puderam suportar o sufoco numa sociedade onde a ditadura desenvolveu e potenciou tantas formas de opressão. E ainda aquelas que teimaram em ser livres onde as liberdades estavam cerceadas.

A condição de exilada não se confunde necessariamente com a de asilada ou a de refugiada. O estatuto legal não cobre de forma alguma a diversidade de situações de exílio, nem abrange aquelas pessoas portadoras de documentos mas que não poderiam voltar em segurança, e cuja situação formal foi sempre bastante ambígua.

Constam deste livro alguns depoimentos que poderiam caber na rubrica de exílio voluntário, estreita como todas as rubricas. A saída do país – excluído talvez o caso do banimento – é sempre de certa forma a expressão de uma vontade, ainda que a escolha tenha sido limitada ao nível do absurdo, o exemplo extremo sendo a opção entre morrer/viver, em correlação com ficar/sair.

Por mais duras que tenham sido quase todas as situações, há que constatar que privados de escolha foram aqueles que quiseram sair e se viram impedidos, ou os que decidiram voltar e desapareceram. Esta constatação não diminui em nada as responsabilidades dos que provocaram

todas as formas de exílio, nem envolve juízos de valor no que concerne a escolhas, quaisquer que elas tenham sido. Se para algumas pessoas as condições impostas acrescentaram dificuldades e riscos, nem por isso aquelas que melhor puderam exercer a sua vontade de sair deixaram de sofrer pressões que pesaram decisivamente em suas escolhas.

Exílio deve ser pensado como uma das resultantes da situação do país. É ela o seu referencial básico. Exiladas existem de vários tipos, por várias razões, porque várias foram as formas de lidar com a situação. Houve diferentes graus de recusa/aceitação, diferentes capacidades ou possibilidades de viver em certas condições, diferenças nos modos como as vidas foram afetadas. Atitudes de rejeição e de resistência – de quem ficou e de quem saiu – foram também muito mais diversificadas do que aquelas que aparecem socialmente, publicamente, como as mais óbvias.

O desenvolvimento de nossa pesquisa veio a confirmar a importância capital da categoria exílio voluntário no sentido restrito, seja em termos numéricos, seja em termos de fato social. Acresce que nos casos de exílio voluntário encontra-se sempre, anterior à decisão de saída, ou a ela ligada, uma das seguintes componentes: prisão, perseguição, punição, pressão psicológica, estreitamento de canais de expressão profissional, política e até mesmo familiar.

Verificamos também que não há um exílio, mas muitos exílios, não só no que concerne à motivação inicial, como também no que diz respeito a características individuais, duração, países, condições, resultados etc. e às maneiras como são subjetivamente percebidos e, portanto, definidos. Assim é que exílio pode ser tanto o isolamento dentro do Brasil como a clandestinidade; tanto a marginalização geográfica/cultural como a perda da expectativa de volta imediata; a ruptura com a militância, ou o golpe no Chile. É a legalização e o assumir-se como exilada; é o ghetto, a não integração; é manter o referencial Brasil de forma permanente; é o medo de voltar e sentir-se estrangeira. E é ain-

da, 'o pior castigo'. Múltiplas as experiências, numerosas as formas de encará-las.

É por isso que, para nós, e em tom agora de cantiga de roda, uma exilada é uma exilada, é uma exilada... Todas protagonistas de exílios diferentes, todas protagonistas do fato exílio. E se a Beatriz não é uma exilada – a excessão –, ela aparece aqui para nos contar 'do bitolamento, da lavagem cerebral da geração da educação moral e cívica... Tudo me foi vetado... Descobri... ditadura hoje para mim é sinônimo de Brasil'.

É por isto tudo também que as mais diversas razões de saída são abrangidas em *EU NÃO CABIA MAIS LÁ* (capítulo I), ao que pergunta Beatriz: posso doravante caber lá? E, atravessados estes quinze anos, chegamos a *ORISONTE BRASILEIRO* partilhando esta dúvida, entre o desejo e o temor, entre o sonho e a realidade, entre o descrédito e a esperança.

III – EM TORNO DE TRABALHO, APRENDIZAGENS, GRATIFICAÇÕES.

Desde o início foi gratificante fazer este livro. Ele constituiu-se num desafio permanente, numa confrontação constante com problemas, num repensar contínuo. Criou-se, na sua feitura, uma grande teia de relações ricas e calorosas, emoções intensas foram vividas, estabeleceram-se vínculos profundos. E estes vínculos acabaram por ser, numa certa medida, condição mesma de realização do trabalho. O convite para que as exiladas escrevessem suas memórias quase que só foi respondido onde e quando expresso de forma direta, individualizada, insistente. Isto reforçou nossa convicção quanto ao sentido pessoal desta obra e ao mesmo tempo quanto ao seu caráter coletivo. Isto nos levou também a reflexões (que pesaram no

1 Ver o último texto do livro.

desenvolvimento do trabalho e na atitude diante dele) sobre as nossas relações – de mulheres – com o público e com a linguagem escrita. Relações complexas – se não para todas, ao menos para a maioria de nós – por razões que dizem respeito às formas como se constitui socialmente a personalidade feminina, e que explicam a desalentadora e de início generalizada recusa, o retraimento atrás do ‘eu não tenho nada para dizer’.

Ocorreram ainda dificuldades de outra ordem: as pessoas foram solicitadas a falar daquilo que entra na esfera íntima, do privado. E porque falar de si é mais difícil do que falar do mundo ou das coisas em geral, este processo foi muitas vezes penoso. E extremamente forte e corajoso. Natural, portanto, que cada qual se sentisse profundamente presente em seu texto, independentemente de assiná-lo com o nome completo, o primeiro nome ou com um pseudônimo.

Se houve limites impostos pela identificação, (pudor, por exemplo), surgiram outros trazidos pela não identificação (mutilações de histórias). Há que notar também que a identificação não retira a este livro o seu caráter anônimo, no sentido de que não houve lugar para o notável.

Evidentemente o processo do trabalho sofreu idas e vindas em função das alterações no quadro brasileiro: o que as pessoas queriam ou não contar variou de acordo com este quadro. A própria possibilidade de obter documentos ou de voltar criou barreiras à expressão. Não ter documentos, não poder de forma alguma voltar em segurança, paradoxalmente colocou muitas vezes as pessoas numa posição de maior liberdade. A liberdade de não ter o que perder – em relação ao Brasil – que é talvez uma das maiores de que ‘goza’ o exilado ou a exilada.

Um convite: ELABOREMOS JUNTAS AS NOSSAS MEMÓRIAS, foi o ponto de partida. Nele se definiam os objetivos específicos do volume dentro do projeto como um todo; explicávamos porque um volume só de mulheres e que cate-

gorias de exiladas pretendíamos atingir; sugeríamos temas abertos. Deste convite foram reproduzidas 2000 cópias, com base no levantamento prévio da população feminina no exílio e sua localização, e na permanente atualização deste fichário, haja vista a extrema mobilidade dos exilados.

Todas as fontes recolhidas na fase de pesquisa – tapes, entrevistas, depoimentos, manuscritos, etc..., foram catalogadas e encontram-se arquivadas no exterior. Uma seleção se impôs para a organização deste volume, pois não só o material é muito mais vasto do que o que podemos agora publicar, como também queríamos preencher critérios de diversidade anteriormente estabelecidos e que foram sendo enriquecidos no percurso.

Trabalhamos, portanto, na edição de mais de 2000 páginas de material bruto, cobrindo os seguintes critérios de diversidade:

- 1 Idade: de 13 a 60 anos.
- 2 Background social: local de origem no Brasil; profissão dos pais; grau de escolaridade; profissão; ativa ou não no campo profissional; profissão do marido.
- 3 Situação familiar: solteira; casada; divorciada; viúva; vivendo ou não com um companheiro. Filhos nascidos no Brasil ou no exílio. Presença ou não dos filhos no exílio.
- 4 Relação com a política: grau de envolvimento político direto ou mediado por pessoa interposta; tipos de organizações políticas.
- 5 Época de saída do Brasil: de 1964 a 1976.
- 6 Razão de saída: escapar à repressão (a nível pessoal ou em geral); acompanhar familiares. (razões tais como continuar específicas formas de militância, fugir da organização, ou acompanhar patrão surgiram também durante a pesquisa).
- 7 Condições da partida: banimento; fuga por fronteiras; saída legal; sozinha ou em companhia de outros.

8 Países de exílio: Angola, Argélia, Bélgica, Canadá, Chile, Cuba, Dinamarca, Estados Unidos, França, Guiné-Bissau, Inglaterra, Itália, Moçambique, Polónia, Portugal, República Democrática Alemã, República Federal da Alemanha, Suécia, Suíça, União Soviética, Uruguai. Por curtos períodos: Argentina, México e Panamá. (Devido à seleção que fizemos, as experiências em vários destes países não estão aqui relatadas; por outro lado, as pessoas nem sempre referiram, nas suas narrativas, todos os países em que viveram o exílio – muitas vezes por problemas de identificação. Além disso, as experiências mais recentes na África não foram apresentadas pelas autoras: ou por decisão própria, ou porque lá estiveram depois de entrevistadas).

Os depoimentos aqui presentes não representam todas as mulheres exiladas. Esta amostragem não é, nem pretendeu ser, proporcional. Ou seja, não se buscou a correspondência entre cada tipo determinado e o número de pessoas que neles se enquadram. No entanto, ela é significativa e exemplificadora do maior número possível de problemáticas e tipos.

O material que recolhemos abre possibilidades de análise e aponta para linhas de pesquisa a serem desenvolvidas, buscando responder a questões particulares e em torno de um leque temático bastante vasto. A título de exemplo:

- 1 *integração/marginalização em diferentes sociedades.*
- 2 *continuidade/descontinuidade na vida profissional.*
- 3 *reconversão estrita à vida doméstica/opções feministas.*
- 4 *solidificação de vínculos familiares/instabilidade ou ruptura da família.*
- 5 *modificações positivas/negativas de status económico e social.*

- 6 *revisão/reforço das posições políticas anteriores.*
- 7 *papéis sexuais nas organizações políticas.*
- 8 *perda/reconstrução da identidade.*
- 9 *percepção positiva/negativa da experiência global do exílio.*
- 10 *atitudes em relação à volta ao Brasil.*

Uma última referência: quando se tratou da definição das linhas de interesse, tivemos que fazer algumas opções. Entre o questionário – padrão e os depoimentos abertos, decidimo-nos pelos segundos; entre a espontaneidade e a objetividade – ou a assim chamada objetividade –, preferimos sempre a primeira. Na edição, entre as partes teorizantes e as narrativas, privilegiamos as últimas; entre as generalizações e as experiências particulares, selecionamos estas².

Se estas escolhas implicaram trabalho muito maior, de outro lado foram recompensadas pela riqueza do conseguido; um conteúdo plenamente assumido como um testemunho: O QUE EU TENHO PARA DIZER:

IV – EM TORNO DE PERSONAGENS, E DE OUTROS CAPÍTULOS.

Todos os títulos dos capítulos foram retirados de textos que fazem parte do capítulo em questão ou de outro qualquer. Personagens de uns e outros capítulos estão presentes em todos eles. 'Mulheres de luto' e mulheres que podem dizer, 'como a Edith Piaf, 'Je ne regrette rien'. Mulheres que afirmam: 'Comecei minha vida política muito cedo' ou que, de-

2. Manteve-se, o mais fielmente possível, o teor coloquial da linguagem das pessoas entrevistadas, conservando-se inclusive certas peculiaridades resultantes da influência de idiomas estrangeiros por elas falados.

pois de tudo, se indagam 'Eu não sei se a gente pode chamar a isto de politização. Eu acho que não tinha nada de politizada; eu tinha ouvido cantar o galo e não sabia aonde'. As que se viram desterradas e que lembram: 'Para minha mãe, eu era a realização. Sempre fui primeira aluna da classe, entrei direto para a Faculdade, fui direto dar aulas. Era a Maravilha...', e as que constataam: 'no Brasil, pobre você não é nada, você é merda.' A complexidade e a ambivalência, o positivo e o negativo.

Capítulo II: A POLÍCIA NO CALCANHAR... polícia é polícia. Procuravam a bela do terror. Procuravam a loura da metralhadora. Por que bela? Por que loura? Porque mulher. A mulher existiu para a repressão e como mulher sua imagem foi manipulada. Polícia é polícia, ou o cerco, ou o beco. No calcanhar é o começo de tudo. Poderia ser na garganta, nas pernas, no coração. Exílio interno, impotência, ausência de perspectiva, derrota, medo, fuga, momentos diferentes de um mesmo processo. MEU FILHO PELA MÃO... o papel dos filhos é um dos traços fortes destas vidas de mulheres. Seguindo a outros ou sozinhas, quando filhos existiam, com eles pela mão. Para cada qual de uma maneira diferente. O pior do exílio é a separação dos filhos, ou porque ficam, ou porque voltam; a decisão de sair se condiciona à presença dos filhos, a decisão de ficar é marcada por eles; a descoberta do cotidiano se faz com a existência deles, a opção política se faz para acompanhá-los; o conflito em algumas organizações é em torno de concebê-los ou não, integrá-los ou não no percurso militante. A perda do filho altera a visão da vida. O nascimento do filho no exílio representa simbolicamente a solidão e a condição de exilada.

Capítulos III e IV: LIBERTÉ, ÉGALITÉ, HUMANITÉ e O EXÍLIO É O EXERCÍCIO DA SOLIDÃO são facetas de uma mesma experiência pluridimensional. Da perda, do vazio, da não integração. Dos ganhos, da qualidade nova da vida. Do aprendizado da luta pelas coisas concretas, em melhores condições de existência, pois em sociedades

mais livres e/ou igualitárias. A presença do positivo e do negativo. De mulheres que sentem 'a gente não está mais buscando um lugar para ser feliz, mas um lugar onde se possa viver como gente', e de mulheres que dizem 'continuo plantando amores-perfeitos e sempre-vivas. Se eu não vir, outros ficarão felizes com a visão das flores. A aventura da vida é uma maravilha'.

V - EM TORNO DE ESPAÇO E TEMPO.

Aqui, o exílio aparece como ruptura de um espaço: dimensão brasileira, espaço conhecido, porto seguro. Espaço de certa forma do calor materno, das proteções tradicionais, 'aquele esquema de pintinho dentro da casca' em que as referências estão presentes, os códigos e as formas de comunicação dominados: terra firme, saber como agir, o que dizer, como se relacionar e como enfrentar. O sentimento de pertencer a, fazer parte de.

A situação política enjaula e amputa, embora o Brasil apareça também como o espaço onde as opções, ainda que no limite, podem se exercer. Em que o exercício da opção tem um sentido social que leva tantos à experiência do extremo. E o espaço da militância, da CAUSA, 'você tem uma coisa que é muito grande, e portanto está justificada em todos os sentidos'. Mas para quem, por muito jovem, não conheceu esta experiência, no Brasil a oposição espaço-casa, espaço-rua se faz em detrimento do segundo, mesmo que o primeiro seja resumido na empregada e na TV, porque o segundo se fecha na falta de projeto.

Os impactos provocados pelo exílio subvertem os parâmetros espaciais. Desaparece o espaço familiar, deixa de existir o terreno da ação transformadora, 'o que me desespera, desespera loucamente, é não poder atuar'; reduz-se o espaço físico e simbólico. 'Não é apenas a maneira de dizer as coisas que é diferente, são também os gestos, e não

apenas os gestos, mas o que eles ocultam: a maneira de pensar e de sentir'. É a personalidade pressionada, amesquinhada em sua expressão pela perda da linguagem que lhe é própria, na qual se estruturou.

Mas se rompe também o espaço restritivo. Se há a carência da causa, há a descoberta da universalidade de outras causas, 'aprendi que era possível lutar, morrer, pelo povo chileno da mesma maneira que pelo nosso povo'; a relativização proporcionada pela distância, o alargamento de fronteiras, um sentido de permanência menos rígido, a dimensão do aqui e agora. E há mais. Lembro Liliãna meditando sobre uma volta temporária, 'lá me encontrei entre todos, eu era eles e eles eram eu mesma, fazia parte, mas me perdia na semelhança; aqui meu perfil ganha contornos mais nítidos'. É a afirmação da individualidade, solitária e anônima, mas inteira.

Para nós mulheres, a quem lá e cá sempre foi negado espaço próprio, apesar do 'bife' continuar existindo - no dizer de Maricota da Silva - abre-se o Círculo. É o Feminismo, 'a possibilidade de estabelecer um novo tipo de relações entre mulheres, e entre nós e o mundo', 'a construção de um eixo autônomo'. É o crescimento, em choque com um espaço que não pode mais contê-lo: 'eu sou uma agressão à-quele sistema quando ando pelas ruas, porque é difícil de esconder o nível de liberdade conquistada'.

Para a criança, se inverte o sentido espaço rua/casa, rua agora associada a projeto, ao social, ao dinamismo do mundo. É em Eva que o corte aparece de forma cabal: 'Tudo mudou, aí tudo, completamente tudo mudou'. Em uma e outra língua se expressam realidades tão diferentes que não podem ser traduzidas. A nova realidade é que é a conhecida e dominada, e nela que são sonhados os sonhos de futuro.

O melhor exemplo sobre o significado do tempo está na antinomia entre A HISTÓRIA COMEÇA A PARTIR DE MIM (capítulo V) e ORISONTE BRASILEIRO, que

de certa forma sintetiza a problemática do exílio. 'Orisonte Brasileiro' é a presença do passado no futuro. 'A História começa a partir de mim' é a sua negação: o corte no tempo, o zero, o interregno, o provisório, o presente confinado. Negação aparente, essa experiência do 'novo nascimento sem a mamãe para dar de mamar', porque exílio é um recomeço, uma reconstrução, que cada um compreende carregando em si infância, língua, cheiros e gostos, o horizonte do passado, necessariamente brasileiro para os adultos, cada qual integrando, mais ou menos, melhor ou pior, este presente vivido no horizonte futuro, brasileiro ou não, aberto à escolha.

VI - EM TORNO DE SAUDADE

Este é também um livro sobre a saudade. O exílio é muitas vezes prenhe da saudade do Brasil, seus símbolos, pessoas, carinhos, barulhos. Mas há uma coisa única na experiência do exilado, sobretudo a partir do momento em que a volta configura-se possível. É a saudade do que se deixa e que se incorporou em nossas vidas: outros afetos, hábitos, sabores, lugares, estações do ano. Linda a recordação da conversa no Champs de Mars, uma pessoa partindo, 'nunca mais vou ter isto... o primeiro sol da primavera, a primeira cor do outono, a primeira neve do inverno...'. E outra, 'me dói deixar o amarelo das casas da Toscana, a leitura dos jornais nos cafés, a música do italiano no meu ouvido'.

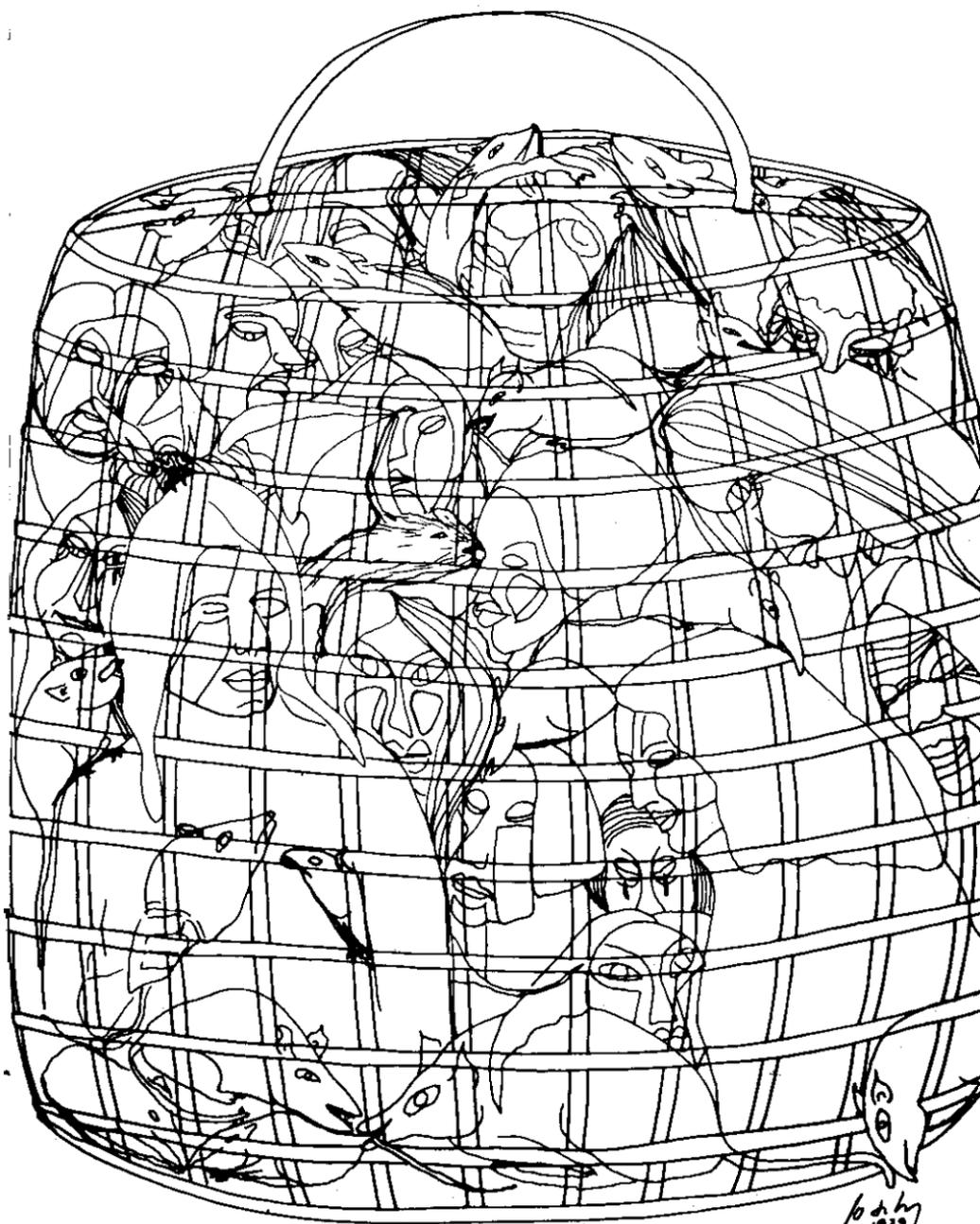
E ainda a visão da Notre Dame, as ladeiras de Lisboa, as luzes de New York. E esse trabalho, onde e quando ele teve significado; essa casa, onde e quando ela foi um retorno à organização da vida, segurança, estabilidade, a casa real; esse país, onde não tive medo, onde construí outras coisas, criei os meus filhos, fiz amigos. Enfim, onde vivi, lutei, amei, aprendi. Essa diversidade que me cerca e que agora faz um pouco parte de mim.

Nem todas sentiram as mesmas saudades, nem todas sentiram saudades da mesma forma e nos mesmos momentos. Mas se voltamos quase todos porque não queremos e não podemos romper com o passado (Norma diz que voltamos por silogismo lógico), será possível esquecer, apagar, cinco, dez, quinze anos? Se nos fosse permitido generalizar, diríamos que, para todas nós como para Valderez, VAI RESTAR SEMPRE UMA SAUDADE.

*Albertina,
Maria Teresa,
Norma,
Valentina*

*Lisboa / Saint Louis / Rio de Janeiro
1979*

I EU NÃO CABIA MAIS LÁ



Maricota da Silva
Abril de 1978.

Eu nunca estaria aqui se não fosse mulher...

EU ACHO QUE eu nunca estaria aqui se não fosse mulher. Estou aqui porque estou acompanhando marido, então, há realmente a tal condição de esposa, e como esposa, de acordo inclusive com a religião, tenho que acompanhar o marido onde ele estiver. Acredito nisso, ainda hoje, por mais ridículo que possa parecer... Favas contadas, eu hoje faria exatamente a mesma coisa porque, primeiro que tudo, sei que ele não cometeu crime algum, em nenhum nível.

Hum... se amanhã o meu marido for para a... No-ruega, eu vou. Posso ir com uma barreira de crítica muito maior, posso ir achando que, enfim, eu tinha conseguido reconstruir um mundo, que estava fazendo finalmente, depois de tantos anos, coisas interessantes, coisas que me agradavam, e que vou ter que refazer tudo outra vez. Mas como continuo ligada pelos sagrados laços do casamento... e isso é mais forte que acreditar... é uma coisa que faz parte, digamos assim, do meu inconsciente. É uma coisa que me foi dita tantas vezes que eu creio nisso... então eu vou.

Eu acho que o meu lugar seria no Brasil...

Eu ponho mil críticas no fato de estar aqui. Lá é a minha terra, é o meu povo, é a minha língua, é a minha cultura, lá eu era mulher do meu marido sim, mas já existia por mim mesma. Perdão, perdão... se eu disse independente do meu marido, volto atrás, eu valia por mim

mesma. Eu tinha uma carreira, tinha já uma realização pessoal, tinha uma família que hoje realmente não tenho mais, tenho contacto hoje com uma pequeníssima parte dessa família...

No Brasil havia muito pra mim a idéia de estar fazendo alguma coisa que sabia que era realmente interessante, que me agradava, eu não tinha propriamente vontade de me projetar, não tinha mesmo, tinha vontade de fazer um trabalho dentro das minhas possibilidades, um trabalho que faria realmente bem ao meu povo. Eu sempre me esqueço do nome do tal personagem que fazia prosa sem saber. Eu fazia política sem saber, porque me envolvia totalmente no meu trabalho e era coerente. É um grande perigo você ser coerente... Eu assumia realmente o que fazia, assumia integralmente, assumia com um amor... Trabalhava em educação... No Brasil daqueles anos a gente estava mexendo em coisas que não sabíamos que eram muito importantes. Nós estávamos mexendo em interesses muito sérios... É por isso que estamos no exílio... Realmente não tinha a mínima consciência de que estava mexendo nos interesses de quem quer que fosse. Eu simplesmente desenvolvia o meu trabalho em função de um povo que adoro, que é o meu... não há exílio que tire.

Eu sou uma pessoa sem passaporte... eu sou 'a mulher do marido'.

Como centenas de outras mulheres no exílio, eu não tenho passaporte, o que considero antes de tudo uma *insolência* terrível, como aliás considero o exílio, que nós chamamos erradamente de exílio, um desaforo inominável. Se formos ver a *Carta dos Direitos do Homem* – que não sei porque é chamada 'direitos do homem' e não do ser humano... – mas enfim, o que estão fazendo conosco é alguma coisa absolutamente imoral! Mas eu sou uma pessoa sem passaporte. Há cerca de dois anos que não tenho passaporte, nem nenhuma explicação para este fato. De repente não deram... e por quê? Mas me expliquem por quê?... Não há nenhuma explicação. No Brasil se fazem coisas kafkianas, realmente magnífico... as pessoas são muito cultas sem saberem que são cultas... esse tipo de pessoa nunca leu Kafka na vida! Eu não viajo, para não criar caso, para não criar dificuldade, para não criar nada. Estou limitada a ficar aqui.

Eu poderia ter o estatuto de refugiada, mas acho que seria o cúmulo dos cúmulos. Não poderia suportar um estatuto de refugiada. Refugiada política, ponhamo-nos de acordo, seria de uma brutalidade acima, tão acima do que eu possa fazer ou ter feito... nunca fiz... não estou me desculpando de não ter feito, simples-

mente estou dizendo que não fiz. Não estou fazendo a coitadinha, estou simplesmente constatando que estou aqui porque sou casada. Alguém poderia me julgar extremamente perigosa no momento em que eu pedisse um estatuto de refugiado. Não mereço estatuto de refugiado, que é algo para quem fez alguma coisa muito séria que não fiz. Eu sou esposa...

Eu acho que nós mulheres deveríamos exigir que houvesse na nossa legislação uma nova figura jurídica: 'a mulher do marido', quer dizer, a mulher que casa com homem de esquerda, ela é de esquerda e pagará por todos os atos desse homem. Na prática é o que está acontecendo. Essa mulher passará a ser uma condenada no momento em que se casa. Que é preciso que ela fique avisada, que é possível que ela queira jogar o jogo, que é possível que não queira! Ela já sabe que a qualquer momento começa a pagar por coisas que jamais... enfim, jamais foram universo dela.

Eu não sei por que tudo isso.

Se formos até o fundo da minha história de vida, veremos que há uma grande perplexidade. Não sei por que tudo isso. Na verdade, se você pensa um pouco como tudo isso começou em 64... Foi do dia pra noite... Foi um pesadelo em cima do outro. De repente... porque como a mim nada era perguntado, como eu era a sombra que ficava num canto...

A saída do Brasil foi uma surpresa absoluta para mim... ah foi, ah foi... principalmente a duração... Nunca pensei que fosse tanto tempo e agora pra mim já tá começando a ficar uma coisa meio mortal. Quanto mais adaptadinha a uma vida artificial mais mortalzinha é a situação... e o dia em que eu morrer alguns dirão: 'ela era tão simpática, coitada, tão cheia de boas intenções...' Mentira, nem boas intenções eu tinha, não tinha intenção nenhuma, nem boa nem má. Simplesmente queria viver como todo o mundo. Mas o fato de ser casada com a pessoa 'X' me levou a ter uma vida 'X', e refletindo um pouco eu penso em várias mulheres que conheci que tiveram assim uma vida inteiramente diferente da minha porque por circunstâncias não se casaram com os indivíduos 'Y' mas com os indivíduos 'N'. Você deve conhecer também... Puramente circunstancial!

Eu volto sempre àquele ponto central, àquele ponto de partida que é o casamento e que não creio que seja uma questão política, mas que no Brasil é política. No momento em que você está engajada num casamento é como se tivesse que pensar e que viver exatamente como o seu companheiro. Isso não está acontecendo apenas

com as mulheres formalmente casadas, mas com as que vivem com um homem de esquerda. É como se fosse uma espécie de doença contagiosa.

Uma espécie de sonho permanente...

O Brasil pra mim agora é assim, eu me dou conta muitas vezes que estou reinventando o Brasil... quando penso no Brasil só penso nas coisas boas... e se só há coisas boas, por que é que não junto dinheiro e não vou passar uma temporada lá?

Mas eu nunca fui, nunca mais, e no momento em que faço a reflexão por que não vou... ouço constantemente dizer: 'não tem importância não ter passaporte porque agora as coisas estão mudando...', nós sabemos tão bem que não estão tão mudadas assim, apesar do general Figueiredo falar sobre 'o aumento da taxa de democratização'. Mas vivo numa espécie de sonho permanente em que de repente me lembro do perfume de uma certa fruta, do nome de uma certa fruta de uma certa região do Brasil, e penso: vou juntar dinheiro e vou enfrentar... mas não vou enfrentar coisa nenhuma, porque na 'hora H' ninguém sabe o que vai acontecer. E lembro que há 20.000 pessoas cadastradas eletronicamente, o que acho um negócio muito engraçado! Então, chegar lá, cadastrada eletronicamente... Apesar de não ter um problema político - a não ser que forjem um problema político para mim - não tenho nenhuma vontade de voltar e cair nas mãos de uma arbitrariedade qualquer representada por não sei quem... Eu queria ser recebida... mais que normalmente, queria ser recebida pelas pessoas que eu amo com amor! Não quero chegar como uma ilustre desconhecida, que não tem pátria, nem família, que não conhece mais ninguém...

Tenho a impressão que ir para ficar, só quando o meu marido puder ir. Aí é uma questão de princípios, eu não iria sem ele. Mas não tenho mais nenhuma certeza absoluta e isso provavelmente vai ser engraçado quando a gente ler ou ouvir o que estou falando; porque como todo o discurso feminino, o meu deve ser cheio de contradições, porque a nossa educação é tão cheia de contradições que é possível que eu esteja dizendo várias coisas contraditórias. Agora, visitar sim, eu gostaria de ver um país que se modificou tanto que não tem mais uma língua. Já prestou atenção ao pessoal muito jovem que aparece por aqui e que só usa os verbos transar e curtir? Realmente, aquela história de universidade para todos... mas a língua continua a ser o privilégio de uma elite. O indivíduo aprende a fazer cruzinha e a

não refletir, porque no momento em que faz uma redação, no momento em que ele tem que trabalhar sobre a articulação das frases, mesmo que não vá muito longe disso, está entrando num processo de análise lógica que pode levá-lo a ter uma reflexão mais profunda da vida... enfim, não muito longe... da vida!

Eu dispenso solenemente do meu curriculum vitae esses dez anos.

Eu sempre digo: não vou mais pensar no Brasil, é o melhor realmente, agora que estou realizando a minha vida e tal... mas o meu apego ao Brasil é tão grande que cada vez que se diz que vai haver a tal célebre abertura, penso imediatamente em quantos caixotes serão necessários pra botar os livros e ir embora, e toda vez que penso que vou embora... é tão interessante... tantos anos longe... e nada me tocou realmente. Eu sou tão fundamentalmente brasileira que nada no fundo me tocou, tomo um banho e nunca mais me lembro disso...

O que nós vamos ser quando chegarmos lá? O que vai sobrar de nós? Completamente despedaçados, procurando os nossos pedaços no meio das ruas esburacadas e irreconhecíveis e de lugares que a gente não encontra mais, família que não encontra mais, nada que você encontra e enfim, o que é aquilo? Aquilo é a nossa raiz, aquilo somos nós... Sei que somos também aqueles oito ou dez anos que vivemos fora, mas no que me concerne são anos em que estudei, trabalhei, consegui com muita dificuldade me reequilibrar. Mas eu poderia perfeitamente não ter vivido esses anos, sei lá... E olha, é aquela velha história, mas aquela história cristã; eu sofri tanto, que é claro que melhorei muito... bá, tirando esse sofrimento que ninguém, nada vai poder pagar, nada no mundo, não tem nenhuma forma de compensação, mas nenhuma, eu não vejo a grande vantagem!

Você sabe tão bem quanto eu que nesse exílio forçado... evidente que tudo ficou mais difícil, o face a face, você é muito mais perto das pessoas aqui do que lá; apesar de lá ser verdadeiramente o seu povo, você não era obrigada a fazer a cada momento estudos psicológicos, como aqui você é obrigada a fazer. As pessoas vão mudando tanto que de gente vão passando a personagens, vão passando a tipos... naquela geléia tropical, todo mundo era tipo, todos eram atípicos, todo o mundo era semelhante... É a confrontação. Aqui você presta muito mais atenção às pessoas com quem convive. Você fica uma técnica do gesto, tá sabendo assim o que o indivíduo quer dizer com uma pequena mudança de olhar, porque você é mais próxima de um grupo pequeno, sei lá, alguma coisa nesse sentido...

Se eu tivesse... se tivesse podido escolher, se me tivessem dado o escolher, se me tivessem dado essa possibilidade, eu diria não, e nunca... Voltando atrás pra esses dez anos, bem, conheci pessoas interessantes, mas eu teria conhecido no Brasil... estudei coisas interessantes, mas eu teria estudado no Brasil; fiz coisas interessantes, certamente teria feito muito mais coisas interessantes no Brasil, nada... ninguém poderá jamais me compensar desses dez anos perdidos; pra mim são perdidos, porque pra mim a minha vida é indissolúvelmente ligada ao Brasil, se isso é cafona, se isso é limitado... talvez seja muito pessoal, mas eu tenho a impressão de que isso mostra assim uma certa ausência de universalismo, estou me somando pro universalismo, nunca fui universalista, sou brasileira até a alma. Se as minhas condições de vida fossem diferentes, nesses dez anos eu teria vindo aqui, como se vem aqui pra ver como são as coisas, como se vive fora, mas os grandes pensadores... aprender língua estrangeira... certamente há traduções no Brasil desses grandes pensadores, não precisava... mas eu nunca tive vontade de sair de lá, mas nunca, mas nunca.

Eu não vejo a mínima razão de nós estarmos fora do Brasil. Não dou pra isso nenhuma desculpa intelectual, de abertura para o mundo, nada, nada, nada tem desculpa. Isso é uma insolência, é um desaforo, é indesculpável, historicamente é indesculpável. Realmente eu nunca direi, jamais na minha vida direi, se não fossem os dez anos passados na Europa... Eu não desculpo. Não desculparia um dia passado fora do Brasil, quanto mais dez anos. Isso é arbitrário. Não há desculpa pra isso. É indesculpável.

Eu me confronto com pessoas que dizem o que eu diria se pudesse dizer.

Pra mim uma experiência muito importante no exílio, certamente eu não a teria vivido no Brasil, foi o grupo de mulheres da América Latina, organizado por Danda Prado.

Nós nos reuníamos uma vez por semana, o grupo cada vez foi aumentando mais, eu francamente acho que no fim, sei lá, devia haver 100 mulheres presentes. Era um grupo completamente apolítico. Cada dia havia um tema, e sobre esse tema você falava ou não falava. Eu pessoalmente levei meses pra falar alguma coisa, mas ficava profundamente comovida quando via certas mulheres falando; não que o meu problema pessoal, que o meu conjunto de problemas se identificasse ao problema delas, ou dela, mas porque ela ousava, ela estava se despedaçando em público pra começar a viver de uma outra forma, pra começar a ousar de uma outra forma, falar sobre si mesma,

coisa que certamente ela nunca tinha tido oportunidade antes e principalmente diante de um público. O nível intelectual de cada uma não contava a mínima; o que contava realmente era a dor e o medo, que você via que eram os grandes temas: a dor, o medo, o amor, a dificuldade imensa que cada uma tinha em assumir a sua própria dor, o seu próprio medo, as suas próprias sensações, o seu próprio corpo, a incapacidade de assumir seu próprio corpo; e aos poucos você via enfim que aquele pessoal estava se enriquecendo enormemente.

Não havia espaço de casa que comportasse... encontrou-se um local, nem me lembro muito bem onde; lembro como uma espécie de grande barracão em que as mulheres se reuniam. Havia uma espécie de duas grandes mesas, bancos, tudo muito tosco e era lindíssimo você ver então pessoas que nunca na vida tinham falado em público, nunca tinham dado uma aula, nunca tinham realmente se manifestado como seres humanos e que de repente começavam a falar. E... eu não sei, não me lembro dos meus temas, mas não eram nada diferentes dos das outras. Havia temas que me interessavam mais, temas que me interessavam menos, mas o que interessava fundamentalmente era ver como nós éramos parecidas; era a gente ver como a nossa dor, enfim como a nossa... como o nosso inconsciente tinha sido forjado da mesma maneira. Idades inteiramente disparatadas, formações inteiramente disparatadas e aquele negócio era sagrado, aquela hora... era uma vez por semana... eu acho que se fosse toda a noite haveria gente toda a noite porque o importante era aquele encontro. Não eram encontros banais, em que as pessoas simplesmente dissessem coisas pra ouvir a própria voz; não havia o mínimo de exibicionismo, foi realmente um negócio de uma beleza, mas de uma beleza fantástica. Acabou, eu tenho a impressão de que talvez tenha continuado de outras formas. Num certo momento eu fiquei doente, deixei de frequentar um certo período e quando voltei tive a impressão de que houve alguma coisa que eu não saberia dizer... enfim, se mal-entendidos ou qualquer coisa de muito imponderável aconteceu e o grupo desfez-se; mas eu considero, pra mim, essa experiência, uma das coisas mais bonitas que já vivi.

Depois desse grupo não quis participar de mais nada porque achei que era uma experiência extremamente forte e que qualquer outra não estaria à altura daquela carga emocional enorme, daquela carga de generosidade enorme, havia, enfim, pessoas que sabiam que estavam vivendo, que tinham plena consciência de que estavam vivendo e que acordavam com isso a consciência das outras, a consciência meio adormecida de gente como eu, que estava sofrendo tremendamente, e nem tava se dando conta de que estava sofrendo. Ia se arrastando pela vida, ia se arrastando realmente... de repente eu to-

mei a consciência da profundidade da minha dor, no momento em que me confrontei com pessoas que diziam o que eu diria se eu pudesse dizer. Eu acabei podendo dizer também.

Tenho a impressão de que no Brasil eu não seria despertada por isso, não teria a chance sequer de... Lá eu estava assim tão tomada pelo meu trabalho, tão completamente voltada pro meu trabalho e tão envolvida por uma família absolutamente tradicional... Pensar uma coisa e não poder verbalizar... levar meses no grupo de mulheres até começar a falar... eu no Brasil nunca teria a oportunidade de verbalizar uma possível reflexão. É a tal história da história conjectural... sei lá, mas acho que não.

Eu considero, pra mim, a experiência no grupo um dos momentos-chaves da minha vida... encontrar a semelhança... enfim, saber... meu Deus, essa dor que eu levo em mim e tudo o que você possa imaginar de samba canção assim de Emilinha Borba, Dalva de Oliveira, essa dor que há em mim, só em mim, finalmente é uma dor absolutamente de todas nós... e isso eu acho que não teria vivido no Brasil, certamente não num grupo como aquele, com uma capacidade intensíssima de sentir as coisas, de sofrer, de amar e de receber o outro, você sabe, eu acho que esse grupo teria que ser forjado no exílio... na dor... Não havia só brasileiras, eram sul-americanas e às vezes havia mulheres de outros países que iam no grupo.

Eu vejo essa ruptura, esse corte com o Brasil, como um luto. Tenho a impressão de que foi Freud que estudou o momento do auge da criação de certos indivíduos, extremamente criativos, ser exarcebado com o luto, e eu tenho a impressão de que no momento em que nós fomos cortadas do Brasil e nos transformamos em pessoas diferentes, fomos transformadas em sombras das pessoas que estávamos acompanhando. Nós éramos pessoas num luto profundo sem mesmo nos darmos conta disso.

Eu não *sou* mais, eu não *sou* mais...

Engraçado, você sabe que no exílio nunca, salvo assim amigas muito próximas, gente que percebia minha sombra num canto mesmo nos momentos em que eu estava sendo mais útil, nunca me perguntaram o que eu tinha feito no Brasil, porque o dado de referência era o marido.

No momento em que eu estivesse, digamos, escrevendo... devem ser cartas o que eu devia estar escrevendo. (O que uma mulher pode estar escrevendo além de cartas ou rol de roupa?) Realmente no exílio é que eu descobri, porque enquanto no Brasil eu tinha um nome, que quando eu peço a você que não ponha o meu nome não

é só por não querer mais confusão nenhuma, nenhuma nunca mais na vida, mas é porque eu não *sou* mais, eu não *sou* mais, eu não tenho mais um nome, tenho que me refazer um nome, o que estou tentando agora é me refazer um nome, mesmo que seja ligado ao meu marido; mas que eu volte a existir... que possa dizer às pessoas, enfim, nas chatíssimas reuniões em que só se fala em dados estatísticos, em que você tem que ter todos os livros de estatística do mundo na cabeça pra ser considerada inteligente, que me perguntem, enfim, sobre as coisas que eu estou fazendo, que saibam que eu estou fazendo coisas, que estou realizando, que estou produzindo. Eu tomei horror de estatísticas no exílio. Sou incapaz de decorar estatísticas, o que sempre me faz cometer gafes incríveis. Cansei de estatísticas e de heróis. Me põe herói na frente, eu saio gritando!

Tenho a impressão de que na esquerda há também um fenômeno que me parece que não é nem de esquerda nem de direita, é um fenômeno social muito mais complexo; é que a mulher é uma sombra, nem vou chamar do marido, no momento, é uma sombra do companheiro. Estou farta, agora já me fartei tanto que a coisa já chegou a um ponto de saturação e passou para um outro nível, passou pro nível da memória apenas, e uma memória crítica: ouvir falar mal ou bem de mulheres em função da pessoa com quem ela vive. A atitude de uma mulher rarissimamente é julgada em função do que ela faz. Imagina-se sempre que ela seja uma marionete guiada por um homem, quando eu estou farta de saber que não é isso...

Eu acho impressionante que homens que tinham no Brasil uma posição extremamente menos significativa que a minha, e que produziam coisas ou no nível das que eu produzia, ou então... esses homens se impuseram com a maior facilidade, sempre foram pessoas, enfim, que não tiveram a mínima dificuldade, e amparados na sua própria incapacidade de reflexão continuaram a produzir sem dor nenhuma, de vez em quando dando grandes suspiros de saudade, enfim, do calor do Brasil, porque aqui faz muito frio; mas pelo contrário, altamente prestigiados pelo fato de serem exilados. Você conhece alguma mulher sendo prestigiada por ser exilada? Tem nego se promovendo em cima disso! São muito poucas as mulheres que 'faturam' em cima do fato de serem exiladas. Nós temos muito mais compostura, convenhamos.

No exílio fiquei durante muito tempo sem trabalho porque a teoria é a seguinte: o marido tem trabalho, então você não precisa. No princípio, ao mesmo tempo em que eu achava monstruoso, achava que tinha que entrar numa outra lógica, que realmente havia pessoas que não tinham nenhum trabalho e, tendo o meu mari-

do trabalho, que eu devia abrir mão das minhas pequenas possibilidades em benefício de pessoas que estavam sozinhas, homens ou mulheres, que precisariam mais disso.

Comecei a trabalhar aos dezesseis anos e sempre trabalhei muito intensamente, de forma que trabalho pra mim fazia parte da vida mesma. De repente ficar numa casa brincando de dona de casa (realmente eu sempre fui uma calamidade como dona de casa), aquilo não funcionava; então comecei a me adaptar ao fato de que não tinha um trabalho, mas que então deveria fazer outras coisas, no sentido de ler ou estudar ou freqüentar cursos... Salvo um ou dois, isso de jeito nenhum me realizava, não me agradava plenamente; ficar em casa também não me agradava. Trabalho fazia parte do meu equilíbrio psíquico e eu levei muito tempo até assumir isso. A partir daí não foi muito difícil conseguir um emprego, mas houve experiências muito curiosas, até dolorosas. Lutei muito até me impor, até, enfim, começar a trabalhar... eu mesma, por minha conta. Acho interessante o meu trabalho, gosto dele, acho que é um mergulho nas coisas que eu sei, nas coisas que eu posso fazer, que gosto de fazer.

É evidente que encontrei dificuldades especiais por ser mulher. Encontrei, por exemplo, um diretor formidável, a quem eu perguntei: por favor, quando vou ter um salário? E ele me perguntou: 'a senhora é ou não é uma mulher casada?' Eu disse: sou (nessas horas você fica até meio perplexa...) Sou. E ele disse: 'bem, quem tem obrigação de sustentar a senhora é o seu marido'. É gozadíssimo... mas eu encontrei mais problemas profissionais por ser mulher aqui na Europa do que no Brasil. Acho interessantíssimo que as pessoas aqui, as mulheres aqui, acho que elas não sentem isso, não percebem isso. E eu assim, digamos, sensibilizada pelas reflexões feitas no maravilhoso grupo de reflexão sobre a mulher latino-americana, acho que há coisas aqui do arco-da-velha que nunca vi no Brasil. Inclusive porque, apesar de tudo, lá há ainda uma espécie de endeusamento do modelo da mulher. Aquela história da mulher que é mais ou menos ligada à idéia de santa, aquela coisa toda que você vai encontrar não no cancionero moderno, mas no cancionero dos anos 30 aos anos 50. Aqui na Europa, acho que as coisas continuam na mesma, além do que a mulher virou um companheiro de brincadeiras, ficou uma coisa que não é santa, não é endeusada, quer dizer, no Brasil ainda dão a colher-de-chá de endeusar... aqui, não dão colher-de-chá nenhuma.

Eu penso muito na história da Virgínia Wolf... 'um quarto para si mesma e quinhentas libras de renda'.

Na minha opinião mulher não tem nenhum espaço. O espaço da casa... é muito engraçado, a mulher tem todo o direito de botar os bibelôs onde quiser e os paninhos de tricô onde achar mais interessante, mas quem comanda o espaço da casa é o homem. E pra mim, espaço... o espaço de cada um varia... Digamos que eu preciso de muito espaço. O espaço que você está vendo é geograficamente limitado mas é imenso... é imenso...

Penso muito na história da Virgínia Wolf... 'um quarto para si mesma e quinhentas libras de renda'... não sei quanto é quinhentas libras de renda... se eu tivesse a tal da renda também não adiantava nada... Mas antes de eu ler a Virgínia Wolf acho que já pensava que era muito necessário o espaço. Um espaço inteiramente desligado da casa, que não tivesse nada a ver com a casa. Casa é uma coisa. Espaço de criação é outra. De repente me dei conta de que eu precisava de um espaço meu, senão ia ficar louca... Precisava de um espaço pra mim, ou não produziria nunca nada, nunca. Porque eu preciso de música e preciso de um espaço... e preciso de um espaço. É uma coisa absolutamente necessária pra mim... enfim, que quero estar sozinha e longe para não poder ser interrompida porque está na hora de fazer o bife, ou porque está na hora de fazer o jantar, ou porque tem uma presença incômoda na casa, que foi imposta pelas circunstâncias sociais... enfim... de repente eu me dei conta de que não podia continuar como antes.

Creio que essa reflexão toda eu tive que fazê-la no exílio, não a teria feito no Brasil... e o que me levou a fazê-la, creio que vai parecer uma bobagem, mas é a grande experiência do espaço. No Brasil você vive em casas muito grandes, tem todo o espaço, um espaço que você domina. Era a sua terra, a sua língua, você sabia como se dirigir às pessoas, como brigar com as pessoas, enfim, você dominava um sistema de sinais que te levavam a se aproximar ou afastar de pessoas. Numa terra estranha, não. No Brasil eu tinha um enorme espaço, do lado de fora da casa também. Era um espaço que me pertencia e era o espaço onde eu exercia as minhas atividades... muita coisa provavelmente acontecia em casa e eu estava me somando... Aqui foi assim... eu não sei se senti logo... creio que fui registrando, sem querer, no dia-a-dia, até o momento em que tive que me dizer: como eu quero extremamente bem a meu marido é preciso que eu tenha um espaço de trabalho sagrado, quer dizer, relativamente sagrado...

O que isso muda? Muda no sentido de que eu tenho um espaço de trabalho. Isso é uma conquista fantástica para mim. A necessidade do espaço pra mim foi uma necessidade brutal, uma necessidade vital. Francamente, não sei como é que eu consegui isso. Não adianta me perguntar porque não sei, não sei. Se eu quiser ficar trabalhando à noite, não quiser voltar para casa? Não, não tem problema, simplesmente é como eu te digo. Eu não fui educada, fui amestrada; e a macaca do circo, de noite, volta direitinho pra casa e acabou-se.

Nós sempre fomos magnificamente desorganizados na vida doméstica, de maneira que a desorganização que havia lá, há aqui. Jamais tivemos horários de refeições, nunca houve aquela história de isso compete a você, isso compete a mim... Isso não mudou no exílio porque nunca houve propriamente... funções... essas tarefas são minhas, essas tarefas são suas. Eu sempre fiz, por exemplo, se estou com vontade de cozinhar, cozinho; se estou com vontade de fazer compras, faço compras, se não estou, ele se ocupa disso com a maior tranquilidade, sem tugar nem mugir... ele é absolutamente capaz de tomar providências, talvez até melhor que eu. Agora, no Brasil, primeiro que tudo tinha empregada; depois tinha a tal história da família extensa, aquela família grande que na hora de um maior aperto aparecia, mesmo se eu sempre procurasse fazer as coisas de forma que não precisasse da família. Lá eu sempre trabalhei fora, sempre, de forma que não podemos pensar em mim como a dona de casa típica que tem problemas domésticos; nunca houve isso porque sempre foi diferente.

A dificuldade de trabalhar em casa e ser interrompida porque está na hora de fazer o bife ... isso é outra coisa. Não se refere à tarefa doméstica, é muito mais complicado. Normalmente eu frito o bife ou ele fritava o bife, mas no momento em que há necessidade da minha concentração, provavelmente, isso deve mexer lá com alguma coisa do inconsciente cultural dele: que diabo, o que é que ela está fazendo? O que atrapalha não é o fato de estar na hora de você fritar o bife. Não é isso, é uma coisa mais complexa, é o momento em que eu paro. Paro para pensar. Não estou pensando necessariamente em problemas feministas, estou na minha, pensando em outra coisa que não é aquele espaço doméstico, que não tem nada a ver com o cidadão e com ninguém aliás; tem a ver comigo, com o meu universo pessoal, portanto, inteiramente à parte, que pertence apenas a mim. Aí aparece o bife... Não se trata da divisão tradicional de tarefas... que na divisão tradicional de tarefas a mulher sempre faz o bife... É a irrupção no meu universo pessoal do detalhe doméstico. De repente, no momento em que eu começo, em que eu me assumo como uma outra coisa, uma pessoa que vai produzir uma outra coisa com a qual ele nem ninguém

tem nada a ver, aparece o bife... o bife tem a forma de bife; tem a forma de salada, tem a forma da presença de alguém cuja presença eu não quero, tem a forma de uma pergunta deslocada, o bife assume várias formas...

Era tão mais fácil antes quando eu não sabia...

Qual é a nossa de mulher senão vivermos divididas? Nós somos e não somos a toda hora. Essa consciência nova nos mostrou enfim... que nós somos, ah... poderosas, no sentido de que nós valemos tanto quanto um homem. É coisa muito recente, muito recente. Mas pra que saber?... Eu preferia não saber, era tão mais fácil antes quando eu não sabia... Pelo menos entrava na grande procissão das mulheres silenciosas... agora não sou mais uma mulher silenciosa, eu sei que posso; agora eu sei também até onde posso, e é tão limitado esse até... que era melhor antes, cá pra nós, porque todo o sentimento de culpa... é trágico o sentimento de culpa da mulher... Sabe, é a velha história do pecado... a pessoa que não sabe que está pecando, não está pecando... verdade... eu antes não sabia.

Não, não estava confortável, confortável não, também não, não vamos a tanto. Confortável nem um pouco. Era como se eu estivesse... quando você era pequena te botavam um vestido de organdi depois do banho... era um pouco a história do vestido de organdi depois do banho... você não sabia porque... picava... ficava aquele negócio debaixo do braço... aquela... Olha, agora que eu sei, ponho o vestido de organdi sem forro nem nada... A única diferença é que eu ponho protestando! Lá dentro não mudei não, não creio que a mulher tenha mudado. Acho que não adianta se vestir de moderninha. Mudança é quando você passa o direito pro avesso e o direito e o avesso são a mesma coisa. Continuo a acreditar nos sagrados laços do matrimônio, eu acredito mesmo, é um negócio mais profundo do que qualquer reação. Isso não me impede de ver as coisas, isso não me impede de criticar profundamente tudo, não me impede de dizer a minha verdade essencial no momento.

Pra mim não vai adiantar coisa nenhuma... mas gostaria de, sei lá, gostaria imensamente de que uma experiência fantástica como foi o grupo de mulheres da América Latina se pudesse repetir... gostaria que outros grupos de reflexão como aquele fossem feitos, gostaria de participar desses grupos, gostaria de participar ativamente... ah... gostaria principalmente de influenciar crianças, acho que *mulheres mais jovens não. Crianças certamente, levá-las a criar*

muito... tivessem muita possibilidade de reflexão, começassem noutra... é uma coisa muito forte... Qual é o presente que você dá de preferência a uma menina? É uma boneca... estou farta de ver gente que já refletiu milhões de vezes sobre o assunto, na hora de mandar a filha deitar diz: 'filhinha... vai fazer a sua filha dormir'. Quer dizer, vai fazer a sua boneca dormir, vai dormir. Já viu alguém dizer isso a um menino? Continua... a grande verdade é que continua tudo na mesma.

Eu não vou mudar nada dessa vida. Sei perfeitamente e hoje tenho a lucidez dos loucos, entende? Sei perfeitamente o que está errado. É por isso que eu digo, antes era muito melhor. Por que? É uma excelente pergunta para a qual eu não tenho resposta porque já me fizeram muitas vezes a mesma pergunta... Sabe, é... por comodismo. Depois que você pegar tudo o que nós conversamos, vai ter o quadro de uma mulher clássica que foi posta numa situação para a qual não estava preparada. Eu não vou mudar porque não vou mudar mesmo. Por comodismo.

Socialmente quem sou eu... Maricota da Silva.

Tenho a impressão de que por força de viver um papel que não é o meu, e conseqüentemente vivê-lo muito mal, eu tomo precauções que não são às vezes necessárias... Por isso é que eu digo que tudo o que tenho pra dizer é extremamente limitado. Ainda outro dia eu estava lendo um livro muito interessante do Roberto Freire, *Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu*, em que ele fala do problema do medo, e do medo de ter medo. Eu vivo constantemente o problema do medo e do medo de ter medo. Quando você é uma exilada e vai receber os golpes de coisas que não fez porque você está vivendo com uma pessoa que age e pensa numa direção diferente da sua, você tem que... você desenvolve mecanismos absolutamente paranóicos de defesa, você fica apavorada com os golpes que poderão vir porque não sabe o que o outro está fazendo, o que o outro poderá receber como répresália. Você sempre é a sombra. Então com o seu pequeno papel de sombra, que diacho podem fazer! E eu sou aquela história da... talvez da alma-sombra... Estou sempre recebendo golpes pelas coisas que não faço.

Eu não quero me identificar, primeiro porque não quero me identificar como uma pessoa de esquerda, porquanto realmente eu não sou uma pessoa de esquerda. A gente não sabe nunca o que pode acontecer... isso que estou dizendo pode ser decodificado de mil formas, então eu posso ser uma perigosíssima pessoa pelo fato de

ter percebido o novo pensamento das mulheres... querendo o que é mau... sei lá.

Eu digo tudo isso mas não me digo. Não assumo dizer nada disso, Maricota da Silva sim. Mas para além do medo do que minhas opiniões possam gerar, certamente há razões pessoais. Certamente. E digo mais, se um dia vocês puderem colocar esse livro plenamente, oficialmente apresentado, eu continuo Maricota da Silva. Eu não existo. A família do meu marido só vê em mim a pessoa que tem a honra e glória de ser casada com ele e de acompanhá-lo. A maior parte das pessoas que conheço também pensa assim. Pra minha família eu não existo porque acompanhei o marido... Então realmente fiquei uma pessoa sem família, você já imaginou? Dessa ainda não consigo rir, dessa eu vou rir daqui a alguns anos, se rir. Essa eu engulo mal, essa eu engulo muito mal...

Em suma... socialmente, quem sou eu?...

MARICOTA DA SILVA.

Zuleika Alambert Dezembro de 1978

COMECEI UMA VIDA POLÍTICA MUITO CEDO. Então o golpe de 1964 já me apanhou com uma experiência política de muitos anos. Naquele momento sofri uma perseguição pessoal grande, mas ainda assim consegui ficar no Brasil até 1970. Tive que sair, sempre com a idéia de que poderia voltar dali a uns 6, 7 meses pra recomeçar o trabalho. Mas a verdade é que esses meses se transformaram já em oito anos.

Um rol de acontecimentos envolvendo a juventude da época...

A minha adolescência foi durante o Estado Novo. Como toda aquela geração, não tive condições de me desenvolver politicamente. Até culturalmente era difícil. Depois sim, com os acontecimentos que levaram à participação do Brasil na guerra, e ainda mais com a queda do regime. Eu era estudante e todos os jovens de então foram muito tocados pela guerra, sobretudo quando os primeiros navios brasileiros foram afundados pelo 'eixo'. Toda a movimentação da juventude foi no sentido de que o governo rompesse com a Alemanha. Conseguida esta vitória, os jovens começam a lutar ao lado do movimento democrático para que o Brasil enviasse ao exterior uma Força Expedicionária. Eu vivia em São Vicente que foi o centro dos acontecimentos, porque o primeiro escalão da FEB aquartelou lá até o embarque. A cidade foi toda dominada pelos pracinhas! E nós, moças, passamos a participar dos chamados 'Comitês de Ajuda à FEB'. Minha primeira atividade política foi muito de ordem sentimental, pela ligação que eu tinha de namoro ou amizade com os rapazes que se tornaram soldados.

No primeiro Comitê que se formou, organizamos um trabalho de madrinhas de guerra que faziam roupas de lã, sapato, cachecol e conseguiam remédios para os soldados no *front*. Como na época eu me dedicava muito ao teatro e escrevia para jornal, realizei junto com os correspondentes de todos os jornais *soirées* para os soldados.

A minha descoberta da política, como a de muitos outros jovens naquela época, foi através de toda uma atividade para ajudar a Força Expedicionária Brasileira. Foi, aliás, quando começou praticamente em todo o Brasil um renascimento do movimento democrático, quase esmagado durante o Estado Novo. Meu nascimento político coincide exatamente com este renascer. A passagem desta campanha da FEB para outras questões, como a luta pela anistia aos presos políticos, a campanha por eleições democráticas gerais em todo o país, tudo foi como um rol de acontecimentos que foram envolvendo cada vez mais a juventude da época, mesmo a mim, que não tinha tido vida política absolutamente nenhuma. Foi como um rompimento, como se tivessem arrancado uma venda dos olhos daqueles dez anos de opressão sofrida no governo de exceção do Getúlio.

Quando terminou a guerra, uma grande parte desta juventude integrou-se no Partido Comunista, que vinha para a legalidade. Era um partido que apresentava uma perspectiva, algo diferente para os jovens que até aquele momento tinham vivido massacrados pela ditadura. E eu, com muito *élan* e muita vontade de contribuir para a construção de um Brasil que nascia, só podia ter buscado as fileiras do partido!

A loja Albor, em Santos...

Tive uma adolescência de família pequeno-burguesa, com um pai bastante autoritário, de maneira que uma série de coisas me foram dificultadas. Mesmo assim, meu pai tinha um grande orgulho de mim e muita vontade que eu desenvolvesse todas as minhas aptidões, fossem elas de escrever, de política, de teatro. Mesmo quando entrei para o partido, não posso dizer que tenha encontrado dificuldades na minha família: acho que só tive apoio. Sim, só tive apoio!

Somos três homens e três mulheres, mas lá em casa ninguém se dedica à política, ninguém, nem os homens. Aliás, o que ajudou muito a minha entrada na vida política foi o fato de que na época havia muitas forças políticas que atuavam nas sociedades teosóficas, e eu era membro de uma sociedade dessas, a loja Albor em Santos. Freqüentei-a de 1940 a 45, durante todo o período da guerra, entrando em contato com os grupos positivistas que atuavam lá dentro. Um dia

abri um jornal e vi que um conhecido positivista da cidade ia fazer uma exposição sobre a necessidade de retorno da mulher ao lar. Na verdade, durante a guerra a mulher teve uma participação, saiu de casa em muitas partes do mundo, foi trabalhar em fábricas, ocupou o lugar do homem que tinha ido para o *front*. Achei um absurdo o cara fazer aquela conferência! Fui assistir e, quando ele terminou, desafiei-o para um debate público. Meu livro de inspiração, nesse dia, foi a vida de Madame Curie. E com base nele, defendi a idéia da mulher trabalhar, da mulher com calça comprida, da mulher fumar, da mulher ter uma participação efetiva na vida política, social e econômica do país. Era ainda uma coisa muito incipiente, um feminismo oculto mas que eu sentia, sentia... Foi a sociedade teosófica que me deu esta condição, como me deu também uma grande biblioteca para ler. Entrei em contato com livros que me mostravam o que era o fascismo, o que estava ocorrendo na Alemanha, a brutalidade daqueles crimes. São duas coisas que se somaram: de um lado, a minha atividade no esforço de guerra, do outro, a minha participação na sociedade teosófica.

Uma vez tive um desejo grande de escrever um livro que eu chamaria *A Busca*. Estava profundamente descontente com a minha vida! Uma vida de família pequeno-burguesa, de moça que estuda, vai pro colégio, vem pra casa, vai à praia, joga basquetebol, vai nadar no clube... e a vida se resume nisso. Acontece que sempre fui uma criatura muito inquieta. Li de tudo na época, coisas boas de literatura, mas também li os livros de Alain Kardec e dos espiritualistas. De qualquer forma, isso jogou o papel de me despertar: foi uma busca que fiz, como busquei outras coisas. O que eu chamava de 'busca' era o meu desejo de encontrar um caminho onde pudesse realizar todas as minhas potencialidades. Era por isso que escrevia para jornal, fazia poesia, crônicas para o rádio, fazia teatro, praticava esporte. Em suma, procurei mil caminhos. Não fui de forma alguma uma pessoa que aceitou aquela vida pequenina, enquadradinha dentro de casa.

Às vezes eu penso que daria mais para o teatro. Mas a vida foi me empurrando, os acontecimentos foram me levando para a política. Foi um caminho muito complicado, porque quando você trabalha numa fábrica, você vem à política por uma razão estomacal, às vezes até por uma necessidade de satisfazer uma reivindicação de classe. O meu caminho não foi este. Já por ser estudante, com alguma leitura e filha daquela família, tudo isso me levava a uma procura muito mais torturosa, difícil, porque era uma busca intelectual do problema. Mas nisso tudo eu já estava mais ou menos definindo a minha rota.

Eu sentia que tinha asas, e queria voar!

Eu era muito reprimida em casa, o que me causava uma terrível revolta. Desde muito cedo comparava o grau de liberdade que tinham meus irmãos, que podiam chegar em casa depois das dez, quando eu tinha que voltar às oito. Me violentava o fato de meu pai não me deixar trabalhar de jeito nenhum! Eu dava aulas para crianças às escondidas. Não tinha quadro-negro, escrevia então numa folha de zinco. Mas eu ganhava dinheiro, queria ter a minha independência. Sentia que tinha asas e queria voar...

A minha mãe, que é uma mulher praticamente analfabeta, foi quem me apoiou e escondeu de meu pai muitas das minhas aventuras. Ela se sacrificou muito para eu poder estudar, fazer o ginásio. Só não fiz a faculdade porque teria de sair de Santos e a família não tinha possibilidade financeira para isso. O único curso superior que existia na minha cidade era o de Administração e Finanças, que não aceitava mulheres. Então me limitei a fazer um curso técnico de contador à noite. Em casa, minha mãe fazia tudo: cozinhava, lavava roupa, buscava lenha no mato. Quando meu pai esteve desempregado, foi ela que sustentou a família com esses trabalhos duros. Eu não podia conceber que fosse reproduzir uma vida igual à dela, casar, ter filhos, trabalhar feito louca dentro de casa. Nem eu nem as minhas duas irmãs estávamos dispostas a isso. Então resolvemos entre nós que a gente ia seguir um outro caminho. E na verdade, nós estudamos e tentamos romper com aquele modelo.

Um chamava-se Chaves, o outro Flor da Praia...

Vem um período novo no Brasil, o país se ajustando novamente às leis democráticas. Neste momento, o partido emerge para a legitimidade. E a partir daí a sua atividade se concentra na convocação de uma Assembléia Constituinte, por eleições livres. A minha primeira função pública foi a de participar como oradora nos comícios eleitorais para a escolha de senadores, deputados federais e presidente da República. Na minha cidade, o candidato era Osvaldo Pacheco, candidato do pessoal da estiva.

Começo então a minha trajetória, lutando para que houvesse uma votação maciça nos candidatos do povo. Meu primeiro comício foi na porta de um curtume de sessenta trabalhadores. Não tive muito problema porque, com a minha vivência de teatro, sempre fui muito desinibida para falar em público. Depois, coube-me

fazer a campanha no litoral sul, constituído de pequenas cidades bastante atrasadas. Fui com dois companheiros das docas. Um chamava-se Chaves e o outro Flor da Praia. Eles foram os guarda-costas e os protetores dos meus vinte e dois anos. Afinal, eu era jovem e bonita, e política não era um bom papel para uma mulher.

Como não havia Partido Comunista organizado naquela área, o nosso trabalho era chegar à cidade, procurar o farmacêutico e pedir-lhe que anunciasse que de noite eu ia falar no coreto do jardim. Eram comícios espontâneos, sem microfone, no peito e na raça. E era extraordinária a assistência que ia pelo fato de eu ser mulher. A verdade é que o partido conseguiu ter uma boa votação no litoral sul, e estou convencida de que a minha condição de mulher ajudou, engraçado, ajudou. É claro que havia milhões de incidentes. Por exemplo, terminado o comício, vinha a rapaziada fazer serenata na porta.

Eu que tinha começado em frente a um curtume, passado pelos comícios do litoral sul, vou terminar no grande comício de encerramento da campanha eleitoral da cidade chamado 'Santos a Luis Carlos Prestes'. Falei pela mulher santista, e na verdade falar neste comício da Praça da República, onde toda a cidade estava presente, foi a minha primeira grande tarefa pública. Nosso candidato local foi eleito, conseguimos uma bancada bastante grande na Câmara Federal, Prestes apareceu como senador, e mesmo nosso candidato a Presidente da República, que certamente não seria eleito, teve uma votação bastante boa.

Na época, surgem no Brasil os chamados comitês populares, que foram criados aos milhares no país inteiro. Eram formas de organização que expressavam o renascimento da participação das massas. Na minha cidade fundei quatorze departamentos femininos de comitês populares. Mas a expressão maior desse trabalho foi a primeira associação de mulheres – a Associação Feminina de São Vicente – que chegou a ter quase 300 filiadas das mais humildes categorias sociais da cidade. Dávamos cursos de corte e costura, alfabetização, fazíamos palestras políticas para elas, quer dizer, era um conceito diferente do trabalho feminino. Era um esforço nosso para integrar mulheres que se organizavam pela primeira vez. Essa Associação, da qual eu era secretária geral, funcionou quase durante um ano e foi a minha primeira atividade no setor feminino. A partir daí e até a campanha eleitoral em que fui eleita deputada, desempenhei uma atividade muito grande junto ao povo de Santos, nos morros, nas favelas da cidade. Fazia um trabalho quase que diário de casa em casa, conversava com mulheres, fazia palestras, conhecia bem as reivindicações populares.

Como estava iniciando a minha vida política, não tinha a concepção de que são as massas organizadas que fazem a história, quer dizer, acreditava muito na minha força, no meu eu individual. Foram dois companheiros operários, o Estócil de Moraes e o velho Chaves, que foi marinheiro e participou do primeiro *soviet* que se criou no Brasil, o de Itaquí, que me ensinaram a usar nos comícios uma linguagem que o povo entendesse, a mostrar à massa como ela devia se organizar para conquistar as suas reivindicações. Mas eu ainda teria que lutar muito contra o meu individualismo. Volta e meia ele vinha à tona, como naquela ocasião em que desapareceu o azeite na cidade de Santos. Todas as mulheres estavam furiosas porque não havia azeite. Então chamei duas amigas minhas, pintamos uma faixa que dizia: 'Vamos buscar o azeite', e com cada uma numa ponta e eu no meio, nos largamos rumo à Prefeitura. Fomos pelas ruas chamando o povo e chegamos lá com quase 5.000 pessoas. A nossa sorte é que alguns irmãos e namorados das mulheres nos orientaram. Eram estivadores, doqueiros, e disseram que devíamos tirar uma comissão para expor o caso ao Prefeito. Foi o que fizemos. E ele me propôs: 'A senhora leva o azeite pra casa, distribui e me traz o dinheiro'. No dia seguinte, tinha uma fila de mil mulheres em frente à minha casa! Isto é só para mostrar que eu sentia necessidade de fazer e me lançava na aventura! Esses dois companheiros me ajudaram a pôr um pouco o cabresto e a me orientar. A formação de um militante é uma coisa meio complicada...

Então vamos ter aqui mais uma flor?

Quando vieram as eleições estaduais, com muita honra recebi a tarefa de ser candidata a deputada pela cidade de Santos. Como eu era ainda muito jovem, com pouca experiência política, não fui considerada uma candidata preferencial. Quer dizer, o partido não iria jogar todo o peso na minha candidatura, mas na de um outro candidato, um líder sindical e professor primário muito conhecido na cidade. Nós dois concorriamos contra candidatos muito pesados, os irmãos Feliciano, homens ricos que podiam gastar muito na campanha. Mas as mulheres da cidade resolveram que eu tinha que ser eleita: organizaram um comitê feminino pró candidatura de Zuleica Alambert, cobriram a cidade de lençóis rasgados com o meu nome, e traçaram um programa de trabalho. Não havia pedra na cidade que não estivesse pintada com o meu nome. Distribuí autógrafos em mesinhas na rua, minha fotografia saiu nos jornais. As mulheres organizaram ainda uma série de *meetings* no cais, nos bairros, e a campanha foi encerrada com um grande

comício, onde o único orador homem foi o Marigheta que, na época, era deputado federal.

Vieram as eleições e com grande surpresa todas as urnas abertas davam a vitória ou a mim ou ao outro candidato nosso. Fomos os grandes vitoriosos das eleições de Santos. Aliás, Santos era uma cidade bastante vermelha. Fiquei como primeira suplente e assumi, uns tempos depois, com a renúncia de um dos nossos deputados. Mas funcionei pouco, praticamente uns seis meses, até a cassação dos nossos mandatos.

Eu tinha vinte e quatro anos, cinco de ginásio, e um despreparo cultural bastante grande. O que sentia era uma grande confiança em mim e no partido. Fui ocupar um lugar na Câmara como a deputada mais jovem num parlamento de homens, todos eles ricos, senhores de terra, doutores. E a única mulher além de mim era a Conceição Santa Maria, já dos seu cinqüenta anos. Nos dias que antecederam a minha entrada na Câmara, reinou uma grande expectativa, e eles perguntavam sempre ao líder da nossa bancada: 'Então, vamos ter aqui mais uma flor?' E o Milton Caires de Brito costumava dizer: 'Vai ter uma flor, sim, mas é uma flor com muito espinho!'

Quando eu assumi, por conselho dos meus outros quinze companheiros de bancada, passei um mês sem falar, ouvindo, conhecendo os homens. E então chegou o dia da minha estréia... Estava a bancada em peso, inclusive alguns companheiros deputados federais foram assistir. De fato, era uma situação bastante difícil para mim. Só mesmo a juventude dá pra gente uma autoconfiança muito grande, porque quando se é jovem não se tem muita noção da sua ignorância. Além do mais, eu tinha uma grande fé no partido e sabia que ia ser apoiada pela minha bancada.

Eles foram cruéis comigo, me rodearam na tribuna e começaram a me dar apartes violentos, a maioria eivados dum preconceito absurdo em relação à mulher. Um deputado chegou mesmo a dizer que o lugar de mulher era em casa lavando prato e criando filho. E perguntava o que é que eu estava fazendo ali. Mas reagi com tanta energia que foi um verdadeiro escândalo na assembléia, suspensa, fechada por causa do meu discurso. No dia seguinte, os jornais estampavam minha fotografia com um título: 'Deputada vermelha fecha parlamento!'

A partir daí, todas as vezes em que falei a assembléia foi suspensa. Eram verdadeiras algazarras, mas não me deixava quebrar, embora fossem todos eles homens de cultura, formados e eu estivesse apenas saindo do ginásio, era uma menina. Diante disso, tentaram me impressionar perguntando como é que uma mulher

bonita podia fazer parte de um partido que vivia da solidariedade? Na época, nosso partido tinha sérios problemas financeiros. Levávamos, em certa medida, uma vida muito austera. Assim, quando eu descia da Câmara, havia sempre um deputado me esperando com seu automóvel, tentando me levar pelo lado de mulher. Mas estou certa de que no meu curto mandato nunca os deputados conseguiram me transformar num boneco nem me humilhar pela minha situação de mulher. E isto foi praticamente há trinta anos atrás...

Fiquei no parlamento até que os nossos mandatos foram suspensos como uma consequência lógica da cassação do registro do Partido Comunista. Logo em seguida travou-se a luta pela autonomia de São Paulo e todos os ex-parlamentares comunistas assinaram um manifesto a favor desta luta. Quando o manifesto foi lançado houve uma ordem de prisão contra todos os signatários. Não foi difícil prender praticamente toda a bancada, porque nós ainda vivíamos legais. Eu estava no triângulo mineiro mas eles me localizaram e cercaram a casa onde estava hospedada. Como era de um vereador não foi invadida, pois na época ainda havia um certo respeito pelas imunidades parlamentares. Ficaram na porta esperando que eu saísse para me prender. Então pinteí os cabelos de amarelo, me vesti de escolar e de manhã, quando as filhas do vereador saíram para a escola, saí com elas, os livrinhos embaixo do braço! Fui para um ponto onde um companheiro me esperava e cheguei a São Paulo clandestina. Começa aí a minha primeira clandestinidade – um período que vai mais ou menos de 1947 a 1954, quando retornamos, não de direito mas de fato, à legalidade.

Viver clandestina como profissional de partido é bastante difícil. Aliás, este foi um dos períodos mais duros da minha vida, como foi para todos os companheiros. Mesmo assim fundamos nos começos de 1951 a Juventude Comunista, da qual fui eleita secretária-geral. É também no início dos anos cinquenta que começam as lutas patrióticas, as grandes batalhas do petróleo, das riquezas nacionais, da Salvação da Amazônia, do Nordeste, da triticultura do Rio Grande do Sul, a luta pela fundação da Liga de Emancipação Nacional. Foi todo um período em que tentamos, rompendo com a linha sectária do nosso partido, que se apoiava no manifesto de agosto, buscar um caminho mais ligado à realidade brasileira. Foi a fase de busca de solução para os problemas nacionais, e que vai durar praticamente até a eleição de Juscelino, quando se dá – de fato – um retorno do partido à legalidade. Uma das primeiras pessoas que veio para a legalidade fui eu, pois o partido me mandou ir para Santos pra começar a levantar as palavras de ordem nacionalistas. Há quase dez anos que não voltava lá e foi então que vi como era difícil esmagar o partido: reco-

meço os meus comícios e as pessoas começam a afluir. Era como se o partido estivesse renascendo na cidade!

Ganhei outros pais maiores.

Entrei muito jovem para o Comitê Central. Mas penso que isto foi fruto da época, porque a minha trajetória deveu-se muito às circunstâncias do momento que vivíamos. Acontece que o nosso partido antecede a sua legalidade com mais ou menos dois mil membros em todo o país. Quando é legalizado, passa a ser um grande partido de massa com 150 mil membros. Houve necessidade de uma rápida formação de quadros, que fossem capazes de ajudar os órgãos de direção a construir aquele partido que nascia, que brotava como cogumelo por todo o país. E venho nesta onda, pois esta foi uma época em que muita gente ascendeu rapidamente. Assim me vi no Comitê Central, tendo que fazer um grande esforço para arcar com o peso de uma responsabilidade que estava muito acima das minhas forças, muito acima...

Como membro do Comitê Central, me vi sozinha entre uma maioria esmagadora de homens que naturalmente não podiam, não conseguiam, de início, olhar de igual para igual pra uma jovem que de repente caía ali, sem um grande passado político, sem uma grande preparação. Confesso que os primeiros tempos não foram fáceis. Para enfrentar o plenário, os meus companheiros, tive muitas vezes de apelar pra minha segurança e desinibição. As coisas não melhoraram muito nos anos que se seguiram: foi toda uma luta e um esforço para me fazer respeitar. Estou certa de que foi o trabalho desempenhado lado a lado com os companheiros que finalmente venceu as suas resistências. Mas que elas existiram, existiram. Quer dizer, era meio inconcebível uma mulher metida ali no meio, tratando de problemas tão difíceis como aqueles que o Brasil vivia naquele momento. Mas por fim compreenderam que não era o fato de eu ser mulher que poderia impedir que desempenhasse um papel igual ou semelhante ao deles.

Eu tinha me desprendido da família quando vim trabalhar em São Paulo. Por mais que mantivesse contatos com eles (e sempre procurei manter), já me sentia uma mulher com certa independência. Independência em termos, porque de alguma forma aquela opressão paterna e vigilância permanente que tinha tido dos meus pais encontrei um pouco na direção do partido. Eu sentia um pouco a continuidade daquela vigilância. Pelo menos na minha vida privada me sentia vigiada, excessivamente vigiada: ganhei outros pais maiores. Penso que isto correspondia muito às limitações do próprio partido na época. E pode-se entender que um partido que passa a ter 150 mil

membros traz para dentro de si todos os preconceitos e limitações da sociedade onde está inserido. E a sociedade brasileira era muito atrasada... Isto se refletiu no partido e, às vezes, nos seus quadros dirigentes. Quer dizer: havia nos meus companheiros de CC muitos dos preconceitos sociais, reproduzindo para mim, numa escala maior, o lar paterno. Na verdade, isto só começa a ser rebentado mesmo quase dez anos depois, e ainda é uma coisa que se prolonga, já bastante diminuída, mas ainda existindo.

Durante todo este tempo também vou amadurecendo e me formando, vou adquirindo um espírito crítico maior, aprendendo a enfrentar esses problemas dentro do próprio partido. Tenho a impressão de que o grande número de mulheres que existe atualmente nas fileiras do partido, com uma compreensão da realidade da sua condição de mulher, saberá lutar devidamente para a transformação dessa mentalidade. Mas naquela época nós éramos poucas. Quando o partido veio para a legalidade, muitas mulheres aderiram, inclusive operárias. Havia mulheres como Angelina Gonçalves, que morreu no Rio Grande do Sul enrolada na bandeira brasileira, chefiando uma grande passeata de operários. Havia mulheres nas direções estaduais do partido, mulheres que desempenharam um papel importante no período de democratização do país, mulheres que representavam todo um potencial que fomos incapazes de compreender. Pouco a pouco, elas foram se afastando, saindo de cena, até se desligarem da organização. Às vezes eu mesmo acredito que permaneci por ser teimosa, muito teimosa!

Em se tratando de um partido comunista que, admitimos, é o partido que deve ser portador das idéias mais avançadas da sociedade, pensava que as dificuldades que eu encontrava pelo fato de não ter nascido homem me fossem poupadas. É claro que encontrei no partido muita gente que me apoiou, que me ajudou a vencer as dificuldades, mas também houve as pressões em sentido contrário. E eu nunca tinha imaginado que este problema iria existir.

Na minha opinião, duas coisas dificultam muito a vida de uma mulher na política, dentro do contexto da sociedade brasileira: um é o problema dos filhos e o outro é o problema do marido, do casamento. Eu não tive filhos e quanto ao marido, tive a sorte de encontrar um companheiro que nunca dificultou o desenvolvimento da minha vida política. A vida em comum, anos com um homem, não significou para mim nenhum impedimento de realização da minha vida profissional de partido, tal qual eu a vinha exercendo. Ao contrário de muitas mulheres que se integram na política através do marido, eu já tinha a minha luz própria, já tinha a minha posição dentro do

partido e na vida pública. Aliás, esta independência de pensamento sempre procurei ter na minha vida: raciocinar, ter meu comportamento político, público, muito intuitivo de mim mesma e da ajuda que tenho na minha organização, nunca dependente da relação com um homem. É por isso que a existência de um companheiro de vida foi uma coisa que completou, mas não foi o meu despertar para determinadas coisas...

Aprendi que era possível lutar, morrer por um outro povo.

Em 1964 as coisas se complicaram. Eu diria que as perseguições não foram motivadas porque as pessoas teriam praticado atos terroristas, seqüestros, assassinatos, corrupções. Nada disso. Todas as coisas que defendi então, foram aquelas de que estou convencida hoje que a nação precisava. Quer dizer: nunca desempenhei nada obscuro, nada que não devesse ser público e notório. Mas apesar disso, a reação que se abateu sobre o Brasil confundiu tudo. E todas aquelas pessoas que tinham exercido qualquer papel que pudesse ser em benefício das grandes massas populares foram violentamente perseguidas. Meu caso não foi uma exceção.

A partir daí, tornou-se cada vez mais difícil a minha permanência no país, até que em 1970 resolvo sair. Na época, qualquer patriota que soubesse do Brasil tinha um lugar muito determinado para ir: o Chile. Fui com o espírito de estudar e absorver a experiência chilena. Tinha mesmo vontade de vir a escrever um livro sobre as transformações que estavam ocorrendo naquele país. E como muitos outros brasileiros, me integrei na vida chilena. A verdade é que não me deu muito a sensação de exílio, não posso dizer que fosse um exílio propriamente. Era um país latino-americano, com problemas de certa forma semelhantes aos nossos, onde logo fizemos um grande círculo de amigos, e que vivia um momento muito especial. Era uma situação política que absorvia de uma maneira apaixonante.

Aí fiz uma descoberta muito profunda, a de como você pode, a partir de um determinado momento da sua formação política, se integrar de tal maneira na realidade de um país que não é o seu e prosseguir as suas atividades como se estivesse na sua própria pátria. Nós não só estudávamos a realidade chilena como também éramos parte daquela realidade. Participamos dos trabalhos voluntários nas fábricas. Tivemos oportunidade de falar com operários, estudantes, mulheres e jovens sobre a situação do povo brasileiro, quando de-

sapareciam companheiros nossos, quando eram assassinados milhares de brasileiros e os cárceres estavam cheios. Tudo isso foi nos levando a formar como que uma unidade, entre um país que estava resolvendo os seus problemas de uma forma bastante avançada e um povo como o nosso, que estava sufocado, sem liberdade. Aprendi que era possível lutar, morrer pelo povo chileno da mesma maneira que pelo nosso povo. Quer dizer: ganhei um sentido mais universal, mais geral e ao mesmo tempo mais prático do que a gente poderia chamar de internacionalismo; entender que existe alguma coisa que supera as fronteiras, que supera a pátria. E acho que isto foi uma grande aquisição. Eu a senti fortemente como pessoa, acho que me acrescentou uma qualidade nova, um amor por algo que não parece nosso mas que no fundo é também da gente. Penso que uma boa parte dos estrangeiros que viveram no Chile sofreram essa mutação de qualidade do exílio. Nós nos sentíamos como em nossa própria casa e, no momento em que a reação desabou, nos irmanamos ainda mais. Pudemos entender com toda a profundidade o que ocorreu no momento mesmo em que a reação chilena nos caçava como feras: já tínhamos vivido na nossa própria pele o nosso golpe militar.

Os três anos que vivi no Chile foram fundamentais para a minha formação política, porque me proporcionaram uma vivência do dia-a-dia de um país que sofria transformações numa dinâmica muito grande, que faz a tua cabeça chacoalhar em todos os sentidos, porque me deu margem de viver no próprio terreno uma experiência revolucionária. Foram anos de uma batalha contínua, diária, de minuto a minuto. Até diria que muitos revolucionários que tinham participado de ações um tanto isoladas no Brasil puderam, numa realidade diferente, fazer uma avaliação do quanto é impossível você fazer transformações de profundidade se delas não participam as grandes massas.

Mas o Chile nos ensinou outra coisa também: que atualmente, na América Latina, é impossível um partido sozinho, isolado, levar a cabo transformações de fundo num país. Pela primeira vez se fazia uma tentativa de implantação do socialismo através de uma grande composição de forças políticas, que formaram a Unidade Popular. Era uma intervenção das massas numa via legal, através do Parlamento, das instituições do país. Aliás, os chilenos – por tradição – resolviam os seus problemas através das instituições, na base da discussão e do diálogo, da experiência de anos de vida democrática. E ficou demonstrado, pelos três anos de governo da UP, que era possível realizar transformações de peso na vida nacional por uma via eleitoral. É neste sentido que penso que a experiência chilena enriquece o nosso

conhecimento tático e estratégico da revolução latino-americana. Sobretudo quando se pensa nas concessões que os diversos partidos tiveram que fazer para manter o bloco do governo. Partidos como o Socialista, o Comunista e outros, com objetivos diferentes e formas de militância diversas, todos tiveram que encontrar o ritmo, acertar o passo, para que nenhuma dessas forças se perdesse ou desviasse do processo. E isto exige um debate muito grande, um diálogo, a busca de pontos comuns.

Nós, que não temos muito o hábito de debater e dialogar no Brasil – porque as forças democráticas são sempre muito relativas – nós somos um povo acostumado a não pensar muito, a não ter chance de discutir. Então este confronto de idéias na busca de um objetivo comum, este confronto muitas vezes difícil pelas maneiras diferentes de mediatizar a meta, serviu para nós como uma escola. Este esforço enorme dos partidos, sobretudo do Partido Comunista Chileno, de não marcharem sozinhos...

E então me senti como se fosse um laboratório vivo...

Em certa medida, eu já tinha sentido no Brasil, durante o golpe, o papel negativo que as mulheres podem jogar como força de contenção do movimento revolucionário. E pude sentir no Chile, com uma estranha força, como as mulheres podem servir como massa de manobra para paralisar qualquer processo democrático. E são uma força terrível, terrível mesmo! Se de um lado houve um esforço para incorporá-las positivamente no movimento transformador, por outro lado houve a sua utilização descarada pelas forças reacionárias. A célebre marcha das panelas vazias é bem um exemplo disso. E todas estas coisas me despertaram para a necessidade de trabalhar com a mulher. Mas a verdade é que eu ainda continuava vendo o problema muito pelo ângulo político. Quer dizer, o meu pensamento sobre a problemática da mulher era ainda muito localizado: via quase que exclusivamente o seu uso, a sua instrumentalização pela reação, o papel negativo que ela podia jogar. E foi por isso que me interessei por trabalhar politicamente as mulheres brasileiras que se encontravam no Chile. A minha atuação foi no sentido de ver como elas podiam se integrar, não ser uma força marginal na sociedade chilena sem perder as raízes brasileiras.

Mas houve também outra preocupação, porque eu via as mulheres brasileiras muito dependentes dos seus maridos. A maioria dos exilados eram homens, que levavam as suas famílias. Então as mulheres eram as mulheres dos exilados. O que não quer dizer

que não houvesse algumas dezenas que tivessem participado em ações políticas no Brasil, e por causa disso tivessem também de buscar o exílio. Mas a grande maioria estava lá em função dos maridos e eram as grandes marginalizadas. Marginalizadas da sociedade chilena, porque não eram chilenas, não falavam nem a língua. Marginalizadas como mulheres dentro das suas próprias famílias, porque os homens eram políticos, continuavam as suas ações, e elas ficavam em casa.

Resolvi então formar o que chamaria um primeiro agrupamento de mulheres brasileiras para participarem dos trabalhos voluntários. Na primeira convocação havia mais ou menos 200 mulheres: fomos construir uma escola. Depois, foi o Natal da criança exilada. Houve festa com jogos, discursos sobre a situação da criança exilada, e as mulheres participaram de tal maneira que senti a necessidade de criar algum instrumento. Surge, assim, a idéia da criação do *Comitê de Mulheres Brasileiras no Exterior*, que chegou a ter 250 filiadas, a maioria donas-de-casa que nunca tinham tido a menor participação. Através do *Comitê* elas se integraram em todas as atividades progressistas no Chile: passeatas, trabalhos voluntários, juntas de abastecimento... Realizamos depois o *Seminário Latino-Americano de Mulheres* para discutir a problemática da mulher no Continente. E é aí que se dá o primeiro despertar para o problema específico da mulher. Eram apenas os primeiros raios da idéia de que a mulher tem uma problemática particular, porque já então tentamos analisar, embora com uma visão muito limitada, problemas como o do planejamento familiar, aborto, divórcio, falta de trabalho...

Entretanto, a situação do Chile já estava bastante difícil e, às vésperas do golpe, o *Comitê* estava todo ele envolvido na discussão de como participar na eventualidade de uma guerra civil. As mulheres fizeram então alguns cursos de primeiros socorros, participavam dos trabalhos de preparar a mobilização das massas nos bairros, tratavam do abastecimento para o caso da situação durar. Com o golpe, todo este trabalho foi perdido e o *Comitê* dissolvido, porque houve de saída um ataque generalizado a toda colônia estrangeira radicada no Chile. A maioria foi buscar abrigo nas embaixadas e também nos refúgios da ONU, mas lá dentro ajudaram a organização dos refugiados.

E foi aquela dispersão. Umias vieram para a Suécia, outras para Suíça, Itália, França, Holanda e outros países: se distribuíram. E quando pensei que havia terminado o *Comitê de Mulheres Brasileiras no Chile*, começa a haver um fenômeno muito interessante. Foi o surgimento em diferentes países da Europa, de organizações, grupos, comissões de mulheres brasileiras, já então muito mais influenciados pelas correntes feministas européias. Estas organizações

que começam a surgir em 1974 tomam um grande impulso em 75, com o Ano Internacional da Mulher. Mas aí já não são só mulheres exiladas com a sua problemática política, são também mulheres estudantes ou profissionais, radicadas nos países por razões as mais diversas, e que tinham uma grande preocupação em relação ao estudo da especificidade feminina. E então me dou conta de que não se trata apenas de elevar o nível político das mulheres, mas que elas só poderão vir a emergir para uma atividade se forem sensibilizadas a partir da sua própria condição.

E aí começo a sentir a minha própria condição. Começo uma reavaliação de toda a minha trajetória. Porque comecei por um conhecimento político, um engajamento político, não sabendo interpretar muito bem as dificuldades que encontrava nesta trajetória, as razões destas dificuldades. Com a minha chegada à Europa, começo a perceber, pelos debates que então se travam, que há alguma coisa que me tinha sido vedada até então. Eu só vim a me dar conta disso realmente na Europa!

Evidentemente que a problemática dos países europeus é muito diferente de um país como o nosso, mas ela nos desperta, e a mim despertou, para a necessidade de aprofundar um pouco mais o conhecimento não só teórico, mas também de como tudo isso ocorre na realidade brasileira. Ou seja: uma inquietação teórica de ter os instrumentos necessários para poder estudar aquela realidade. Porque, é evidente, as coisas não se desligam: ao fazer um estudo sobre o problema da mulher, que é uma questão social, você também se situa como indivíduo dentro dessa questão. Vai ganhando os instrumentos para reavaliar a sua trajetória, a sua formação, as suas dificuldades. E então você se sente como se fosse um laboratório vivo. Eu, que me sentia uma mulher já plenamente libertada, com a minha independência completa, tive a nítida idéia de que me faltavam ainda alguns degraus pra que isso realmente existisse. No fundo, como a maioria das mulheres, eu ainda tinha uma série de dependências, invisíveis pra mim até então. Estou certa de que esta consciência me deu uma arma muito maior, aguçou muito mais a minha sensibilidade para entender não só a minha dificuldade do passado, mas ainda as coisas que teria de superar pra poder realmente dar uma contribuição à causa pela qual luto.

A minha visão do Brasil adquire um tamanho natural.

Se não senti o exílio no Chile, com a vinda para a Europa as coisas se tornaram muito diferentes. O tipo de atividade que se desenvolve

aqui é voltada para a solidariedade ao nosso povo, para a divulgação da sua opressão. Na realidade, tem-se muito pouco a ver com a cultura destes países, por mais interessantes que elas sejam. Mesmo os brasileiros que exercem profissões, que estão integrados na Universidade, em locais de trabalho, mesmo estes sentem dificuldades. Os exilados na Europa vivem muito entre si, vivem muito em *ghettos*, voltados para si mesmos.

E pela primeira vez me senti exilada. Quer dizer: você está num lugar que não é o seu, que não te pertence. Não me sinto integrada por mais que me interesse pela vida, pelos hábitos, pela cultura do país em que vivo. Neste momento, se posso dar alguma utilidade ao meu exílio é sobretudo no aproveitar o que essas culturas mais avançadas podem oferecer a nível de informação e de conhecimentos em geral. Se na fase do Chile tive uma formação política maior, a fase da Europa me dá uma possibilidade de desenvolvimento cultural. Porque estes países estão vivendo momentos de transformações muito intensas, que trazem à tona uma série de problemas teóricos, de investigação, de busca de caminhos para a interpretação das suas realidades, problemas que enriquecem qualquer militante revolucionário.

Embora saiba que as soluções para os problemas brasileiros partem de um conhecimento da nossa realidade, acho que é importante para um comunista conhecer as descobertas teóricas que os outros partidos irmãos fazem nos terrenos em que atuam. Assim, você acompanha o esforço do partido italiano no sentido de encontrar um caminho para o seu país. Isto levanta as mais diversas questões teóricas, como por exemplo, a de chegar ao poder quando uma série de forças, e não somente o PC, estão empenhados na marcha para o socialismo. Também em Espanha ou França há todo um empenho dos partidos comunistas em encontrar um caminho para o socialismo num quadro de capitalismo avançado, que não pode ser a mesma via de um país como a União Soviética nem a de outros países que realizaram as suas transformações políticas no pós-guerra. Acho sinceramente que a contribuição desses partidos tem ajudado a que os comunistas do mundo inteiro reflitam sobre os problemas que se colocam hoje em dia para um PC.

Apesar de todas as experiências políticas que se possa ter no exílio, penso que a formação melhor de um revolucionário, de um militante, de um ativista político, é na realidade do seu país. Daí que a grande perda, para todos nós que fomos forçados a deixar o Brasil, tenha sido uma perda substancial daquela realidade. Eu procurei compensá-la buscando outros conhecimentos, e também realizando alguma coisa que indiretamente pudesse atingir a situação brasilei-

ra. Foi nesta linha que colaborei na denúncia da ditadura, nas campanhas a favor dos presos políticos, a favor da anistia, na organização das mulheres, em tudo o que pudesse esclarecer os europeus sobre a verdadeira situação do nosso povo e das nossas mulheres.

De qualquer forma, a vivência e o conhecimento de países mais avançados permitem que, em certa medida, se possa avaliar o grau de avanço ou atraso do nosso país. Então a minha visão do Brasil adquire um tamanho natural, uma noção mais clara da sua dependência. O que a gente aprende mesmo é a relativizar o problema brasileiro.

Uma, duas, três mulheres excepcionais não resolvem.

Hoje penso que as mulheres podem evoluir de duas maneiras distintas. Você pode começar pelo geral, se é tocada, como foi o meu caso, em momentos de grandes transformações políticas no mundo e no país, quando o geral se colocava de uma maneira muito aguda. Ou também no sentido inverso, quando a mulher desperta pelo seu pequeno problema, pela sua vida de cada dia, pelo seu cotidiano. Quer dizer, ou você vive da grande problemática geral ou da problemática particular. Mas nem você se completa se viver só do geral, nem se também viver a vida toda para a compreensão da sua especificidade. O que está ocorrendo comigo é que estou completando uma parte que me faltava. Porque a mulher política, aquela que conseguiu realizar algo individualmente, é uma rara exceção, e as coisas raras não resolvem. Ou seja: uma mulher, duas mulheres, três mulheres excepcionais não vão resolver o problema intrínseco da condição da mulher. Na verdade, não basta o seu florescimento individual e em certa medida aparente, se isto não se fundir num esforço da coletividade feminina, da população feminina, no sentido de que todas as mulheres tenham efetivamente a mesma possibilidade. É por isso que senti que, para me completar, eu precisava conhecer profundamente esta condição e me integrar no combate para a sua transformação.

Estou precisamente neste processo agora, um pouquinho além do meio do caminho, mas ainda me falta muito estudo e muita análise pessoal. As coisas que pude aprender na Europa, os instrumentos que adquiri de análise e compreensão da mulher na sociedade, me levariam também a ter um senso crítico muito agudo para a sua aplicação à realidade brasileira. No Brasil temos de começar muito de baixo, de coisas muito pequenas. Tenho a impressão de que só muito recentemente começa a surgir lá uma noção mais clara de que a mu-

lher, além de ser explorada como todo trabalhador, tem uma exploração adicional, específica. Acho que os sindicatos brasileiros começam a despertar para isso, e o Congresso das Mulheres Metalúrgicas parece não deixar dúvidas.

Mas há também o problema familiar, da estrutura da família. Por que a minha mãe era tão sofrida em relação ao meu pai? O papel que ela desempenhava na família é que me revoltava, sobretudo comparado ao de meu pai, autoritário, dominador, da gente ter de fazer o que ele queria. Eu não podia entender que a minha família não era uma exceção, que ela fazia parte de um sistema, de uma instituição, e que a instituição familiar numa sociedade como a nossa é exatamente assim. Mas eu era cega e não me dava conta disso. Se tivesse então um conhecimento teórico a minha compreensão seria outra. A mesma coisa eu diria da relação homem-mulher. Hoje tenho muito mais noção do que significa, por exemplo, o ciúme da mulher em relação ao homem que ama. Que isto é fruto de uma mentalidade formada na base da propriedade privada e de como ela está imbuída na gente. Então quando você casa com um homem, tem a idéia da posse plena, definitiva: é o homem da gente. Foi assim comigo, com base numa idéia que eu tinha de que uma pessoa podia ser uma propriedade minha.

Uma outra questão que estou vivendo agora é a da autonomia da mulher como ser humano. Sou independente economicamente, com a minha vida pública feita, no entanto... você gosta da música que o seu homem gosta, aprecia os filmes que lhe agradam, são concessões quase que inconscientes. Mesmo que o outro não exija isto, você perde a sua autonomia em determinadas coisas. Hoje posso ter bem uma idéia de como é importante, é fundamental esta luta pela autonomia, pelo seu ser próprio, de você ser você.

Sempre achei que já era uma mulher totalmente independente, pelo fato de, em certa medida, exercer com alguma desenvoltura uma série de coisas que as mulheres não fazem. Mas em determinado momento da minha vida pude entender que se eu tinha independência política, econômica, cultural, vamos dizer, uma vida de certa forma estruturada individualmente, persistia ainda um problema que acho que é dos mais complicados para a mulher e que eu chamaria uma dependência afetiva. Porque você pode passar a sua vida inteira sem perceber este tipo de dependência. E é geralmente quando ocorre algum problema mais sério, como a separação do casal, quando você se encontra diante da perda daquilo que julgava ser alguma coisa que te completava na vida, que sente com toda a profundidade o quanto se é dependente afetivamente de uma outra pessoa. Com isto se inicia talvez a minha fase mais difícil no sentido de eu me tornar realmente uma

mulher livre: querer a afetividade do outro como algo que te complementa, mas não como a razão essencial ou fundamental da tua existência como ser humano. Evidentemente que, de um ponto de vista teórico, estas coisas não apresentam o grau de complexidade que têm quando se verificam na prática, no vivido.

Quase todas nós crescemos com a idéia de que uma mulher, para ter um certo valor social, tem que ter um homem que a proteja. O que não quer dizer que eu tenha assimilado isto plenamente. Mas quando você perde o homem que ama, a primeira impressão é que uma parte, uma determinada parcela da sua vida, um pedaço de você mesma deixou de ter possibilidade de existência e que você passa a ser menos aceita. No fundo, você reproduz a idéia que te enfiaram na cabeça, muito embora a pessoa que se afastou não tenha levado nada de você. É por isso tudo que penso que o estágio que vivo atualmente é muito no sentido de construir uma personalidade, de criar um indivíduo que será sempre mais ou menos independente das pessoas que eventualmente cruzem no seu caminho. Estou convencida de que esta verdadeira autonomia é a etapa mais difícil no longo caminho que a mulher tem de percorrer para se libertar. E no entanto, quanto mais autônoma você for, quanto mais você for você mesma, mais condições terá de manter uma relação com outra pessoa, uma relação que não gere dependências, que existe porque existe, e que quando acaba não te deixa mutilada, mas enriquecida. Porque a sensação que a mulher tem é de mutilação, já que ela aprendeu a ser dependente, a ter um braço, um suporte, uma parte outra que não é dela mesma.

Mas nós vivemos numa sociedade e estamos sujeitos aos seus condicionamentos. Daí eu pensar que é muito complexa e de difícil êxito esta luta individual, porque enquanto a sociedade não mudar, você estará sujeita às pressões dela por mais livre que seja individualmente. É por isso que não consigo acreditar na liberação do indivíduo, do pequeno grupo. E no entanto, é correto que cada mulher procure se liberar.

Hoje, quando o movimento das mulheres grita por autonomia...

Quando se fala na existência de um novo movimento feminino no Brasil, é como se houvesse um rompimento, um corte com o movimento anterior a 64. Para mim, ele é novo só na medida em que se desenvolve em condições diferentes, com novas particularidades. De resto, é uma continuação daqueles velhos movimentos que tinham então outras preocupações, é verdade, mas que já aparecem em 1968 tocando em al-

guns problemas específicos da mulher. A verdade é que a gente tem de analisar o passado não só com os olhos do presente, mas percebendo as circunstâncias em que aqueles movimentos se desenvolviam.

Até 64, os movimentos femininos no Brasil vinham sob o impacto de determinados acontecimentos mundiais e nacionais. A segunda guerra, a guerra fria, os movimentos pela paz, ao lado das lutas pela democratização do país e depois contra os grandes trustes, estes foram os acontecimentos que determinaram que os movimentos das mulheres surgidos na época tivessem características acentuadamente políticas. Mas há também uma outra questão: o movimento feminino com a ênfase na especificidade da mulher é fruto de transformações materiais, culturais, da verdadeira revolução cultural que ocorre no mundo e que traz à tona todos os problemas não resolvidos da humanidade, entre eles o problema da mulher. Se a condição da mulher não era muito discutida antes, isto não quer dizer que ela não fosse um problema. Só que as dificuldades econômicas e os problemas políticos do país eram tão prementes que as organizações de mulheres acabavam mesmo por refletir essas preocupações. Depois de 64 o movimento renasce numa outra conjuntura, já dentro do debate mundial sobre a questão feminina. São movimentos que têm como bandeiras determinadas reivindicações próprias da condição da mulher, mas que nem por isso estão desligados dos problemas nacionais. São as mulheres que lançam a luta pela anistia no Brasil, pela redemocratização do país, a favor de uma Constituinte, contra a alta do custo de vida. A grande novidade é que são movimentos autônomos, que não querem depender de partidos políticos, que não são monopólios de partidos: recusam-se a serem instrumentalizados.

No passado, os movimentos de mulheres eram muito utilizados pelos partidos políticos. Quando eles precisavam, apelavam para a mobilização das mulheres mas, passada a necessidade, elas eram postas de lado. Daí que estes movimentos tenham sido intermitentes. Nas organizações então criadas ficavam apenas as mulheres mais conseqüentes, bastante definidas em relação a estes partidos. Hoje, quando o movimento de mulheres grita por autonomia, quer dizer que não se deixa mais instrumentalizar em função dos interesses partidários. Contudo, ao reconhecer que os movimentos são autônomos, não quero dizer que sejam apolíticos. É evidente que são políticos, porque dentro dos movimentos há mulheres políticas. Mas só que elas estão lá para debater democraticamente os problemas das mulheres, não para transformar essas organizações em pequenos braços dos partidos políticos. E isto dá uma conotação completamente diferente da dos movimentos anteriores.

Como comunista, estou convencida de que não se pode pensar de maneira nenhuma em democracia no Brasil quando a metade da população está afastada da participação na vida política, social e econômica do país. Então, quando os comunistas levantam a bandeira da igualdade dos direitos da mulher, estão de fato realizando uma tarefa democrática. A democracia é uma coisa intrínseca a esses movimentos e não uma coisa que se superpõe. A interferência das grandes massas femininas na política nacional é uma forma concreta de se lutar pela democracia no país. Mas também as mulheres precisam da democracia para terem o direito de se reunir, de se organizar, de discutir os seus problemas. Eu diria, repetindo a frase do Togliatti, ¹ que a democracia precisa das mulheres e as mulheres precisam da democracia.

Do meu ponto de vista, me realizarei como militante, como ativista que luta para transformar a realidade brasileira, se conseguir penetrar, conhecer um pouco a situação real das nossas mulheres e puder ajudá-las a resolver os seus problemas no contexto da nossa sociedade.

1. Palmiro Togliatti (1893-1964) foi um dos fundadores do P.C. italiano, dirigente da Internacional Comunista e secretário-geral do P.C.I. até sua morte.

Maria do Carmo Brito
Março de 1977 e
Junho de 1979.

MEU EXÍLIO COMEÇOU EM 1970, no dia 15 de junho. A gente saber as datas de cor é muito pesado, não é? Mas eu não posso deixar de saber, pelas circunstâncias concretas da saída. Foi com os 40 e as crianças.

A gente não sabia que ia sair, eu pelo menos não sabia, estava isolada. Íamos ser fuzilados... fizeram alguns fuzilamentos simulados só pra ver a gente aquebrantada, arrebrantada por esta graça... e talvez desse alguma pista pra chegar ao alemão... estudipez, não é? Mas eu não queria sair do Brasil; eu só não falei, eu fico cá, porque isso seria incorreto do ponto de vista político, e apesar de eu estar muito mal, ainda tinha lucidez suficiente pra não fazer a cagada. Mas o Juarez estava morto e pra mim não era gracinha nenhuma ir embora do Brasil, era horrível!

Quando descobri que era mesmo sequestro e que a gente ia embora, talvez lá por causa da tal formação da infância, eu pensei: eu algo levo daqui. Planejei levar uma terrinha. Estava algemada com uma outra camarada, fomos andando pro avião... e era asfalto! Fiquei tão frustrada... o exílio pra mim começou frustrativo. Eu sei que é cretino, que é xenófobo, é tudo que for, mas dá uma idéia do tipo de formação e do tipo de relação minha com o Brasil, que era tão cretinóide, gênero levar terrinha. Marcou muito a mim ser a filha mais velha. Eu tinha dois aninhos e já fazia papel de palhaço de dizer que o Tiradentes era o herói da Inconfidência, que o não sei quem era o traidor de não sei quanto... Iniciei na política aprendendo que o Joaquim Silvério dos Reis era igual ao Carlos Lacerda.

A primeira coisa que eu senti no exílio, era que no Brasil eu já era marginal da história... aqui fiquei marginal da geografia... mais ou menos, resumindo, era isso. Na Argélia, uma pessoa ainda é marginal social, porque a situação te escapa, você não entende coisa nenhuma, e é terrível! Trata-se de um lugar em que a situação da mulher é, digamos, especificamente má. Talvez o mundo árabe simbolize aquilo que a gente quer combater. Pode até ser que a situação da mulher árabe não seja pior que a das outras, mas os símbolos são muito evidentes, portanto é ainda mais chocante, mesmo que a gente possa descobrir que a situação de dependência e opressão da mulher pode ainda ser maior em sociedades que não têm veuzinho, mas com os símbolos fica mais pesado, muito pesado mesmo.

Pra mim, o exílio coincide com a viuvez, então, é você ficar de repente fora, viúva, longe da mãezinha, do paizinho... e na Argélia! A minha relação com o Juarez... é muito difícil dar uma visão retrospectiva porque a gente pode ter a tendência a tornar cor de rosa, mas era algo que se sentia, era uma harmonia que toda a gente sentia, eu suponho que era real... não consigo falar disso sem me emocionar, é difícil demais... dá sempre igual quando eu falo... é muito difícil... mas, não pesava. Era uma relação muito fraterna, não pesava mesmo. É muito difícil, muito difícil... eu não estou conseguindo explicar... tento fazer uma análise objetiva de como é que foi aquilo... casamos com 18 pra 19 anos e ficamos nove anos juntos. É muito tempo, não é? Ele era uma pessoa nada castrativa, de modo que me permitiu... Pelo que eu me lembro, daquela fase, daquela época de Minas, só sobreviveu um casal, todo mundo se separou. Com a gente era mesmo uma coisa que era pra ir ficando...

Acho que a prisão e o exílio são responsáveis por uma experiência humana que eu ainda não tinha tido, que é uma relação com outra pessoa de absoluta dependência. Eu nunca tinha experimentado isso antes. Foi muito importante para o meu amadurecimento posterior, claro que não foi agradável, mas foi importante.

Eu saí da prisão tão arrebatada, tão fudida, e depois, muito chocada com o ambiente que havia entre os 40. Sem falar dos problemas políticos, a nível pessoal a situação era a seguinte: as poucas mulheres que havia tinham companheiros, e eu era a única mulher em 'disponibilidade' no meio de 32, 33 homens, que tinham saído da prisão, todos com uma carência afetiva de um tamanho imenso, alguns com ano e meio de prisão... e é natural que os homens tenham se

aproximado de maneira muito agressiva da única mulher em 'disponibilidade'! Foi muito chocante para mim, quando, depois de três dias na Argélia, um camarada me perguntou se eu já não estava sofrendo muito, então, não é, a gente já podia... Foi muito chato. Você sabe como é a mulher argeliana, não? Só se vê o pé e os véus! Então foi uma agressão sexual muito violenta, embora não fosse aberta e nem de todo mundo. Nessas circunstâncias, a primeira pessoa que se aproximou com afetividade, eu embarco, o que não teria me acontecido em condições normais, mas era uma situação muito dolorosa, muito trágica... Você se aferra mais a uma relação se está fora do seu ambiente natural e por outro lado se você tem a preocupação de que a pessoa morra e acabe outra vez. Então você se aferra àquilo e depois já não tem amor nenhum, só tem neurose, e você continua, continua. Suponho que isso não aconteceria só com mulheres, poderia acontecer com homens também, mas com uma mulher é possível que seja mais desagradável. Daí, demorei 3 ou 4 anos a ficar livre disso. Fiquei completamente tendo como muleta na vida uma relação pessoal, que foi o que me deu apoio naquela altura. É evidente que entram em cenas características de personalidade da pessoa e minhas, suponho que no caso interessa mais falar das minhas, e nesse sentido acho que...

O EXÍLIO E A PRISÃO ME TRANSFORMARAM NUMA MULHER DIFERENTE DA QUE EU ERA ANTES...

Não vamos entrar em valores, não sei se era melhor ou se era pior... eu estou fazendo voltas em torno do assunto... o que quebra mesmo o meu equilíbrio são as torturas sexuais na prisão, é isso mesmo que corta... Pros sujeitos da repressão era profundamente humilhante a minha situação objetiva, de comandante da VPR, parece ridículo, mas pra eles havia que quebrar de alguma maneira isso...

No início do exílio, na Argélia, eu me lembro que tinha imensas fantasias. Só fantasias masoquistas. Deve ter sido a época em que eu mais fantasiiei, e isso demorou muitos anos pra passar. Até o nascimento do meu filho, já no Chile, eu mantive as fantasias masoquistas. Por exemplo, naquela época, na Argélia, eu queria encontrar com uma das minhas irmãs... e eu fantasiava o reencontro... a gente se abraçava e chorava. Depois disso, eu a vi no Chile, tinha nascido o meu filho e a gente nem chorou, não me lembro mais, já foi noutra fase. Eu tinha fantasias masoquistas a um tal ponto que adoecia fisicamente em muito pouco tempo. Vou dar um exemplo: deitava e começava a imaginar situações desagradáveis que podiam ter que ver com a prisão, com infidelidades conjugais, e daí a duas horas vomitava o almoço. Elevei ao

máximo a capacidade da fantasia masoquista. Lembro que sempre tive fantasias, mas eram sempre muito positivas. A partir da prisão e do exílio não, as fantasias eram todas trágicas.

Na Argélia fiquei grávida uma primeira vez, e nós consideramos que era necessário abortar por razões políticas, por causa da volta ao Brasil, que naquela época era iminente. Tive que ir à Suíça fazer o aborto porque na Argélia isso poderia nos criar problemas políticos muito graves, era ilegal, podia dar expulsão, seria incorreto; então fui, mas sei que não estava convencida. Fui oprimida, talvez não pela relação, mais por uma auto-opressão política. Mas foi uma decisão livre, né? No Chile fiz outro aborto em condições muito desagradáveis, sozinha, sem ninguém saber, porque naquela altura achei que eu é que não queria... e não conversei nem com o pai da criança, ele soube muitos meses depois e foi muito desagradável também.

Quando engravidei a terceira vez, falei que ia ter contra ventos e marés... Resolvi ter. A gravidez foi pra mim uma coisa importantíssima. Eu tenho a impressão de que só aí é que aceitei mesmo a tal condição feminina como algo que não era pior. Quando estive grávida, simbolizava isso dizendo que a nossa barriga não produz só cocô, coitados dos homens, produz também gente. Aí descarreguei mesmo todo o feminismo que tive a vida inteira, que no fundo era uma defesa, em menor grau contra a situação objetiva minha, mais em relação à situação de todas nós. Passava o dia todo a gozar, pobres dos homens, seres tão pouco aperfeiçoados, imagina que até hoje têm mamas e nunca amamentaram, suponho que amamentaram numa antiga situação, mas agora não, e ainda continuam com esses apêndices inúteis... e na gente, tudo tem função, achei uma maravilha! A criança mexia, foi uma coisa maravilhosa, foi mesmo, foi mesmo!

Por essa altura desapareceram todas as manifestações psicossomáticas que eu tinha e que eram imensas. Só fiquei com as doenças que tinha mesmo, e que não eram tantas assim, um problema renal, umas heranças da cadeia, desagradáveis... mas, por exemplo, as diarréias crônicas que passei a vida inteira tendo, passou tudo, completamente.

O parto no Chile foi caótico, catastrófico. Se fosse no Brasil acho que teria sido completamente diferente. Vou tentar explicar.

Eu queria ter com um camarada brasileiro que é médico obstetra, mas ele não estava exercendo a profissão naquele momento, e a única solução eram os esquemas chilenos. Naquela altu-

ra, o meu companheiro trabalhava como interno num hospital público e dizia que não havia condições, que aquilo era mesmo muito mal. Arranjei um médico que todo mundo recomendava, que era o catedrático de obstetria da Universidade Católica do Chile, e que tinha uma clínica particular. O sujeito me transmitiu insegurança durante todo o tempo, porque quando eu tinha quatro meses, ele dizia que eram seis, ou que eram gêmeos, que eu tinha feito as contas erradas. Quando completei nove meses cheguei lá e disse: doutor, pelas suas contas são onze. Aí ele se deu conta, mas disse que era pra esperar mais um pouco. Acontece que eu tinha 29 pra 30 anos e isso é o que eles chamam em chileno gravidez *añosa, de años*. Imagina que feiúra... era isso que eu era, porque pra um primeiro parto diziam que era tarde, por causa da elasticidade dos tecidos e não sei o que... e nem era propriamente muito tarde! Além disso, muito tempo antes, uma das minhas irmãs teve um parto no Chile, uma cesariana, e deixaram a placenta dentro, houve uma hemorragia e ela quase morreu. Salvou-se graças ao sangue da brasileira que lá vivia por aquela altura. Então, tudo isso contribuía para o cagaço do parto. Tinha também as minhas fantasias *mzsoquistas, porque a posição do parto é muito parecida com a do pau de arara*. Expliquei isso a sua excelência o reverendíssimo tal catedrático, mas o cara não percebeu, não entendeu coisa nenhuma.

O tempo foi passando e quando eu já tinha dez meses de gravidez comprovados e todo mundo já arrancava os cabelos, o menino já tinha unhas dobrando, o sujeito resolveu tentar o parto induzido. Era 24 de agosto e eu queria que nascesse naquele dia, aniversário da morte do Getúlio. Mas não havia cama, e o médico disse pra eu voltar no dia seguinte; eu não queria porque era o dia do soldado, dia do Duque de Caxias, 25 de agosto. Quando o menino nasceu fiquei furiosa da vida, só me conformei porque os uruguaios disseram que era também o dia de Artigas. O filho da gente nascer no dia do soldado... tenha paciência, você não acha horrível? E lá fui eu... Fez o parto induzido, nada; fez dois fórceps, nada. E eu gritava pra ele tomar uma outra providência... Quando ele foi fazer a cesariana já não tinha anestesia... eu vi tudo, ele me costurou muito depressa, mas já não doía, quer dizer, doía; mas já não fazia importância porque o miúdo tinha nascido e acontece que a média dos miúdos chilenos é de dois quilos e meio, e ele nasceu com quase quatro. Então gritavam no hospital que era o miúdo maior que tinha nascido lá naquele ano! Era o orgulho da mãe, nossa, eu tava com as lentes de contacto postas porque fazia questão de ver; me mostraram e era muito simpático porque como era de cesariana não era nenhum daqueles monstrinhos. Eu achei uma maravilha! Depois me levaram lá pra um quartinho e eu

sinceramente ficava olhando pra ele do meu lado e ficava pensando... mas como é que cabia tudo aqui dentro! Realmente a gente se sente a coisa mais importante da criação!

Eu gostava muito do Chile, mas enquanto estava grávida tinha horas em que pensava que se a gente pegasse um barquinho o bebê podia nascer em águas nacionais... a gente brincava muito em relação a isso. Eu não achava muita graça dele nascer fora não, foi muito chato. A colônia era grande e as pessoas foram carinhosíssimas, maravilhosas, encheram o quarto de flores, eu quase sufocava... todo mundo ia visitar o neném brasileiro, e daí você lembrava mais ainda que estava fora. O simples fato das pessoas falarem 'nasceu um brasileirinho'... ninguém ia falar isso se a criança nascesse no Brasil! Como a minha mãe estava comigo atenuou um pouco, mas eu queria que estivessem as minhas irmãs e todo o mundo; sentia saudade de comer a sopa de farinha de milho que as parturientes comem em Minas Gerais... tem também que comer uma galinha, meia no almoço, meia no jantar! A minha mãe cumpriu as tradições: cerveja preta, umas bolachas caseiras, a tal sopa, a galinha... que tinham que comprar lá no Mapocho porque como o parto foi pouco antes do *paro de camioneros*¹ de outubro de 72, as coisas já eram complicadas em Santiago. Fiquei muito doente, quase morri de hemorragias, mas o povo lá em casa se encarregava de comer o resto...

Por outro lado, eu me casei já grávida, e casei porque estava fora do Brasil. Dentro não teria casado. Mas simplesmente você está fora, é um estrangeiro indo pra maternidade, mãe solteira, no meu caso mãe viúva, diziam que às vezes tratavam mal... Casei por isso, segurando a minha augusta barriguinha. Tenho até foto.

Acho que não tive as mesmas limitações que as outras mulheres em relação à família. O meu velho pai queria só homens... e só nasceu mulher, então ele fez o possível para formar mulheres com cabeça andrógena, se é que se pode dizer dessa maneira. Eu me lembro que ele reprimia a gente pra burro pra não usar roupinhas femininas. Eu me lembro que ainda era muito pequena, tinha pra aí uns sete anos, e papai tirava as roupas que a gente estava vestindo que eram femininas, anáguas, daquelas que se usava, de lese, com fitinhas, e dizia: 'e depois, se acontecer qualquer coisa, vai um pra cadeia e outro pra sepultura...' Era o que ele pretendia fazer com os violadores das filhas... Ele

1. greve dos donos de caminhões, tentativa para derrubar o governo da Unidade Popular no Chile.

nunca foi religioso), era gênero... 'as minhas filhas têm toda a liberdade...' Eu não casei no religioso, o que já foi suficiente escândalo para Belo Horizonte naquela altura, então, pelo menos no civil eu casei... E no dia do meu casamento ele obrigou as minhas irmãs a comungarem. Daquela vez, lembrou-se! A educação das filhas foi sempre aquela coisa ambígua e contraditória. Enfiava na cabeça da gente que mulher era pra trabalhar, pra estudar, não era pra fazer não sei o que... Eu supo-nho que ele exagerou muito, porque eu já tinha trinta anos quando fui aceitar que a gente podia ser militante e não precisava ser necessariamente feia, horrorosa. É uma limitação ao contrário, mas é uma limitação de qualquer maneira, não é?

Há um certo tipo de desenvolvimento meu, como mulher, que foi bruscamente cortado pela prisão, pelo exílio e pela viuvez; então, nesse sentido, eu tive que refazer um caminho. Esse caminho foi, de uma certa forma, o descobrir mais plenamente a sexualidade.

Pra mim ela era misturada e identificada com a primeira relação, e depois, com a segunda. Pra mim, por exemplo, ter outras relações fora do casamento foi muito importante, primeiro porque eu tinha passado a vida inteira sendo melhor que as outras todas, gênero a mulher incorruptível, que até na cadeia diziam que era uma 'senhora', apesar de subversiva e tudo. Na prisão os torturadores diziam isso; o Gomes Carneiro, que era um torturador completamente doido, dizia que não fizeram comigo fuzilamento simulado porque eu era uma 'senhora'... Eles torturaram muito um companheiro pra dizer que era meu amante e ele disse que não, que não era, porque de fato não era. Durante muito tempo me sentia no direito de cagar em cima da cabeça das outras mulheres todas e de fazer julgamentos morais da vida das outras pessoas, e fazia mesmo, fui demasiado intolerante. Claro que sei a razão disso. Pra mim não se colocava a questão, a minha primeira relação era excelente e era com uma pessoa de origem protestante pra qual não existia ninguém mais no mundo além de mim; fui a primeira e única namorada na vida dele e ele não foi o meu primeiro namorado, mas foi a primeira pessoa com quem tive relações sexuais e sempre foi com ele. A coisa tinha sido toda muito fácil, a monogamia era natural, baseada no amor e tudo o mais. Eu não tinha sofrido ainda, a esse nível nunca, não tinha sido provada, não tinham me feito de objeto, ninguém. Então era muito fácil cagar na cabeça de todo mundo, as outras mulheres eram todas levianas. É uma palavra cretina, que eu não empregaria, mas não acho outra que dê a idéia.

De repente, fui levada a outras relações. De início por ciúmes e depois porque achei mesmo muito interessante a idéia, e foi muito bom, me fez ficar igual às outras mulheres. Eu não era igual

às outras, eu era a Lia, mulher de um homem só, sempre. Morreu um, casei com outro, continuava, sabe, a coisa correta dentro do esquema. Nesse sentido todo o sofrimento dessa relação dependente, da qual eu tive que sair por essa porta, foi ótimo. Sofri muito quando separei, sofri muito por causa dessa dependência, mas sofri muito menos do que se ainda não tivesse dado o tal passo, quer dizer, descobrir que a felicidade sexual era possível fora do casamento. A descoberta da minha sexualidade foi o que me ajudou a não ficar dependente, foi o que me salvou de dar um tiro no ouvido quando ele foi embora de casa, porque eu não queria, queria manter. Hoje percebo que só foi uma pena não termos nos separado antes, que perda de tempo desgraçada para os dois. Sei perfeitamente que foi também uma relação muito pesada pro meu segundo marido, tem sempre uma contrapartida, não é? Porque senão fica parecendo que eu sou a pobrezinha que sofreu, estava tão sofrida, então foi engolida e ficou em relação dependente. Era muito difícil viver comigo, uma pessoa que teve um matrimônio feliz...

A descoberta da sexualidade a que me referi, supunho que teria sido muito mais fácil no Brasil. Vou dar um exemplo. Quando acabou o meu segundo casamento, uma das minhas irmãs que já tinha separado do marido no Brasil, escreveu dizendo: 'agora sai por aí, que é assim que a gente aprende'. Se elas puderam fazer esse caminho lá, é natural que eu também tivesse podido, embora, como militante de uma organização clandestina, fosse bastante marginal às experiências da minha geração. É o que eu falei antes de marginal da história. As experiências de vida das minhas irmãs, de vida mesmo, eram muito mais ricas que a minha. Ah, não há dúvida nenhuma disso. Enquanto estava no Brasil vivi num mundo artificial, bastante ilhazinha, bastante mesmo. Então, talvez no exílio tenha sido mais fácil fazer esse tipo de descoberta, não sei, é bastante difícil saber.

Uma coisa que talvez tenha ajudado bastante era o ambiente que a esquerda brasileira, os exilados em geral, tinham no Chile, que era um ambiente bastante aberto, onde havia muita gente, estilos de vida diferentes, era possível um relacionamento diversificado, e onde as pessoas tinham uma participação política, tinham amigos, estavam integradas dentro daquele sistema. Para mim, romper com um certo número de coisas significava romper com uma estrutura de família e tudo que te pode segurar numa formação tradicional. Isto estava personificado na minha mãe, que estava dentro de casa, ao meu lado. Num lugar mais isolado, mais fechado, não teria sido possível. Você se imagina conseguindo fazer esse tipo de libertação e descobertas com a tua mamãe na Bélgica, ou na Suécia, onde tem aquele pingüinho assim de gente com quem você se relaciona? Não dá.

Num certo sentido o exílio no Chile não pesava muito, eu não senti que pesasse. Pra mim, o exílio foi mesmo na Bélgica. Foi aí que pesou. Assim que tive a notícia do 25 de abril em Portugal, parei de estudar flamengo, fechei os livros e comecei a preparar a mudança... Em Portugal também não senti o peso do exílio, nem na Argélia, porque estava tudo muito no início e a gente tinha esperanças de voltar. A volta ainda era iminente.

Quando a volta deixou de ser iminente? Ah, isso é muito complicado... Como militante, a gente vivia e respirava num ambiente tão ideológico que não te permitia uma discussão franca de coisa nenhuma. Eu pessoalmente percebi a nossa derrota na cadeia, derrota no sentido da incapacidade de análise, que nos tinha feito cometer montanhas de erros; mas sabia também que não estava em condições de fazer ali nenhuma análise objetiva. Acho inclusive que o fato de ter uma consciência muito aguda dessa derrota, contribuiu para um conjunto de erros que cometi na prisão. A verdade é que eu já sentia isso há muito tempo, mas estava muito na defensiva. Já sentia isso em liberdade, antes de ser presa; sabia que estávamos errados, mas era um rolo compressor, era... o que a gente chama de o círculo vicioso da sobrevivência. Fazer os bancos pra fazer a guerrilha que vai libertar o povo e depois cai todo mundo, se torna a fazer os bancos porque... e por aí vai... e o trabalho mesmo que é bom não começa nunca. Então, eu já tinha sentido essa falência, mas o ambiente era por demais ideologizado, eu não tinha ninguém a quem pudesse dizer – eu acho que nós estamos indo no mal caminho. Não podia dizer isso aos meus companheiros de comando porque as relações eram assim. Talvez eles estivessem sendo francos. Eu não estava.

Então, durante bastante tempo continuava achando que ia voltar ao Brasil, queria voltar e ia voltar, e por isso fiz o primeiro aborto. Mas sentia que éramos *narodnik* ou *kamicase*, qualquer coisa no estilo, como um preço a pagar, como um fatalismo histórico.

O que aconteceu é que fui perdendo os meus complexos de culpa pelos erros cometidos na cadeia, e aumentando a minha capacidade de fazer uma autocritica na prática, que significava pra mim começar a fazer o que não tinha feito antes: ter a franqueza de dizer o que pensava, porque se eu dissesse, as pessoas iam dizer que eu estava desbundando ou coisa parecida. Havia uma censura muito violenta, que no caso da nossa organização chegava à censura de correspondência. Muita correspondência que me mandavam de Cuba pra Argélia foi censurada, riscada, escrito assim: 'censurado por inorgânico, censurado por inorgânico'. Era muito duro! Passei por um drama

de consciência enorme porque estava na defensiva pelos erros cometidos na prisão, mas o que eu dizia é que eu queria que se discutisse os erros que eu tinha cometido dentro e fora da prisão, pois a própria prisão no Brasil não teria tomado as características que tomou se nós não tivéssemos feito todas aquelas cagadas antes. Então, foi preciso... talvez tenha sido a época da minha vida em que eu tenha que ter tido mais coragem. Acho que é assim que sinto, porque estava mal sob vários pontos de vista e tinha que discutir isso tudo, porque aí eu já achava que não dava pra ninguém voltar pro Brasil e achava também que se devia retirar todo mundo, todo mundo que estivesse clandestino lá. Então era todo aquele debate ultra-ideológico sobre as pessoas que estão 'de costas pro interior', 'de frente pro exterior'... Por essa altura começam inclusive acusações de eu ser da CIA, de dormir com cônsul americano, era toda uma história muito complicada que um dia será feita, mas que foi muito difícil... Depois a gente soube que havia um sujeito realmente infiltrado na nossa organização, que era o cabo Anselmo, e de fato, uma pessoa que dizia que não podia entrar ninguém e tinha que tirar todo mundo fazia-lhe o contrário do jogo. Como hoje ficou comprovado que o sujeito virou capitão ou major lá da OBAN, fica claro então porque foi feita essa coisa toda, simplesmente porque era uma posição política correta, claro. Se a posição desgosta a repressão é porque é boa. Vamos ser pragmáticos. Era correta. De vez em quando eu sinto muita necessidade de descobrir que alguma vez fiz uma análise correta, porque a maior parte das vezes a gente faz tão incorretas que de vez em quando a gente precisa desse prazer... pois tem.

Se fosse um homem defendendo as mesmas posições, talvez fosse mais ouvido? Não sei. Tenho uma interpretação pessoal a esse respeito. Acho que o fato de eu ter um pouco mais de capacidade política do que a maioria dos militantes da minha organização – não vou ter falsa modéstia nenhuma, não é? – irritava o machismo dos mais burros, sem dúvida. Por exemplo, o meu maior inimigo interno na organização era essa maravilha que dizia que o nosso erro era a preocupação com conjuntura, porque o marxista tem que se preocupar é com infraestrutura, pra você ter uma idéia da qualidade intelectual dos oponentes... Mas acho que uma maior capacidade política vinda de um homem seria mais facilmente aceita que vinda de uma mulher. Ah, nesse sentido acho que sim, porque uma mulher ter razão... principalmente quando se trata de organizações armadas, de guerra. Ah, a guerra é para os homens, a mulher é o repouso do guerreiro... mesmo para aqueles camaradas intelectualmente maravilhosos, favoráveis à emancipação da mulher, etc... que nem se colocavam a questão, de qualquer

maneira, eu creio que isso os irritava muito, profundamente. No meu caso, por exemplo, a capacidade de conversar com as pessoas é mesmo muito grande. Nasci para dar aulas, nasci para comunicar oralmente. Sei que consigo convencer, talvez por falar com vida e força e as pessoas não falarem com vida e força, sei lá...

É claro que havia muito machismo na organização, mas pra mim, francamente, dentro do Brasil nunca fez diferença nenhuma o fato de ser mulher. Suponho que a maioria das mulheres tinha problemas, mas eu não tinha, não posso dizer que tivesse, não posso realmente, era uma situação muito especial.

Quando saí do Brasil, fazia parte do Comando da VPR. Achava que não devia estar nesse comando, mas fiquei pelo fato puro e simples de que me disseram que não aceitar eleição de congresso, que rejeitar uma tarefa dessas naquela altura, era fuzilamento, claro. Talvez as pessoas estivessem falando como força de expressão... e eu, nos meus pavores, já tenha interpretado isso como uma coisa certa. O que estou querendo dizer é que estava coagida, achava que eu não tinha condições para aquela responsabilidade. Agora, claro que não era simbólico. Ninguém ia brincar de botar uma mulher num comando naquela altura do campeonato, com todo o mundo morrendo na prisão e tal... Era a sério. Era porque as pessoas achavam que devia ser eu mesma. Eu achava que não, honestamente achava mesmo que não. Foi um erro muito grave, mas de qualquer maneira, tava eu. Isso mostra a minha situação objetiva dentro da esquerda, naquela época, dentro de uma organização como a VPR.

Eu senti um *handicap* a vida toda, mas eu não sei se está ligado à minha condição feminina, talvez esteja, mas acho que era questão de personalidade. Como eu tinha muita vivacidade, não sentia muita necessidade de aprofundar as coisas. Não sei se isso tem a ver com condição feminina, pode ser que sim, mas no meu caso acho que era misturado com juventude, quer dizer, as pessoas aceitavam que eu fosse explosiva, isso, aquilo, por ser jovem. Não sei se na cabeça das pessoas incluía também o por ser mulher, qualquer coisa do estilo: 'pra mulher já tá ótimo'. Mas, de fato, só começo a sentir opressão e dependência como mulher fora do Brasil. Não senti lá.

Olha, quando nesta conversa falo mais da minha situação de mulher, já faz parte daquela autocrítica de que falei. Daqui para diante, falar sempre a verdade, isto é, dizer sempre o que estou pensando. E agora a questão da minha situação de mulher é o que mais me preocupa. No sentido da tal 'superficialidade' de que falei, por exemplo. Para falar de minha vida em Portugal, ou em Angola, tenho que pensar, refletir,

escrever. Foram experiências muito importantes para mim, Angola principalmente, mas falar disso agora não seria a minha 'verdade' deste momento.

Tem só uma coisa importante, que aprendi em Angola. Isto é, pensei sempre, desde minha adolescência xenófoba quando queria tirar todas estátuas das praças e pôr só as do saci-pererê. Mas em Angola eu pude testar a história do caminho nacional para o socialismo. Tem de ser de fato nacional, e livre. Tem que ser democrático permanentemente. Nosso povo é muito criador, nosso socialismo terá que ter cachaça e cerveja, muito jornais e partidos, muitos humoristas sentando o pau no governo.

Agora parece que o exílio tá no fim. Só acredito no avião. Continuo plantando amores-perfeitos e sempre-vivas. Se eu não vir, outros ficarão felizes com a visão das flores. Eu estou muito animada. A aventura da vida é uma maravilha. A do povo brasileiro, que está exilado lá dentro mesmo, na miséria mais total, será uma aventura ainda mais maravilhosa. Aqui fora aprendi a gostar ainda mais do meu povo e, no duro, tenho uma enorme confiança nele.

Alice
Dezembro de 1977.

...éramos fruto do milagre.

ERA A ÉPOCA DO AI-5, da morte do Costa e Silva, da Junta Militar, do início do Governo Médici... O Brasil começava a se desenvolver, a classe média via crescer muito o seu poder aquisitivo e você sentia que todas as pessoas à sua volta, que eram ou ainda se diziam de esquerda, estavam sendo totalmente cooptadas pela euforia econômica da sociedade, sem fazer nenhuma crítica ao tipo de desenvolvimento que estava sendo implantado. Pra essas pessoas, o importante é que o país estava se desenvolvendo, todo mundo estava podendo comprar carro, ter sua casa de campo, altos salários. A argumentação tecnocrática, tão bem sintetizada naquela frase do Delfim, calava muito nesse pessoal – primeiro precisa crescer o bolo, pra depois dividir!

Copa do Mundo, Brasil Campeão, Brasil Grande!... A euforia, o ufanismo, o MILAGRE: E todo um mundo cultural à sua volta se destruindo, as pessoas não se questionando mais, não se questionando... A gente lutava pra não entrar naquela, vendo que não era aquele tipo de modelo que se queria mesmo, mas você falava e não encontrava audiência. Realmente não dava pra discutir. E você vai se sentindo cerceado, fechado... É preciso sair um pouco pra ver alguma coisa, pra respirar e saber como o pessoal está vendo isso de fora. Então nós tomamos a decisão de vir passar dois meses na França. Nesta ocasião viemos como turistas, porque também nós éramos fruto do milagre!

... estávamos sufocando!

O negócio era o seguinte – havia pessoas que evidentemente eram contra, mas que faziam um esforço muito grande para não tomar conhecimento das prisões, das torturas. Diga-se de passagem, era difícil. Porque cada pessoa acabava conhecendo pelo menos um caso, ou da família, ou de amigos, ou família de amigos. E começou aí uma fase que acho extremamente penosa – deixa-se cada vez mais de ser solidário. O medo de se envolver na mínima coisa fazia com que qualquer tipo de ajuda fosse negada. Você pode ser preso e torturado porque um amigo pediu pra alguém dormir em sua casa... As pessoas não queriam ser incomodadas por este tipo de problema, então procuravam esquecer que ele existia. Outro caso era o das pessoas que sabiam que isso tudo existia mas que estavam tão cooptadas que se justificavam assim – ‘não há outro jeito, sou contra a tortura, mas não há outro jeito’. Algumas racionalizavam – é uma guerra e quem está nela sabe qual é o preço que tem que pagar; eu não entro nesta guerra, mas quem entrou tem que estar preparado para isso... O argumento era suficiente pra deixar as pessoas mais ou menos tranquilas. E olha que isto existia muito nas nossas relações, entre gente que no passado tinha sido de esquerda. É evidente que há outras pessoas que sempre foram solidárias com amigos, mas aí era muito a nível pessoal mesmo – era o amigo muito grande que teve uma necessidade. Então você ajuda porque até fica envergonhado de não fazer alguma coisa. Mas não havia uma mentalidade de ajudar, não havia um espírito de solidariedade, de realmente contestar o que se passava. ‘Não vamos nos meter nisso, porque se a gente se meter, entra pelo cano’: Isto era ao que assistíamos todo dia.

E o perigo que você mesma corre pelas coisas que faz? Eu, por exemplo, dava aulas na Universidade, e por mais cuidado que tomasse, fazendo todas as críticas *soi-disant* cientificamente, não podia fazer concessões ao nível que o sistema exigia. Então, evidentemente, me expunha. A cada momento sabia que corria perigo. Uma vez a diretora da escola onde eu lecionava reuniu os professores e disse: ‘peço a vocês que tomem muito cuidado, porque a cada dois meses o SNI vem à escola, pega todos os fichários e verifica a bibliografia que cada professor está dando’. E você trabalhava sabendo que essas coisas ocorriam, sem contar que havia gente da polícia dentro da sua própria sala. Era todo um ambiente sufocante.

Mesmo assim, na época em que eu dava aula me sentia um pouco melhor, achava que estava podendo fazer alguma coisa, por piores que fossem as condições, por piores que fossem os alunos. O nível da Universidade tinha baixado muito, mas sempre existia

uma meia dúzia de alunos nos quais você conseguia tocar, fazer com que abrissem a cabeça pra determinados problemas, e eu achava que valia a pena. Era uma atividade profissional, não uma militância política, mas era alguma coisa em que me sentia socialmente útil. A este período chamo de 'exílio dentro do país'. Você não fazia nada do ponto de vista da militância política, pouco do ponto de vista profissional ou mesmo em termos culturais, porque dada a censura, não era qualquer filme que você tinha condição de ver e os jornais traziam versos de Camões. Você vivia ali um pouco ilhada e com muito cuidado pra que as pessoas não se interrogassem muito a seu respeito.

A gente estava numa situação de *total legalidade* e esta é uma situação delicada, porque você não pode se expor; ainda mais tendo ficha no passado. Quer dizer, pra se expor realmente, ou tem um peso, seu nome é tão importante que pra mexer com você terão que criar um problema muito sério – e às vezes eles criam –, ou então você não pode ser uma pessoa com legalidade total. Se for, facilmente eles acabam com você; é só chegar na sua casa e tocar a campanha. Não precisam nem se preocupar em seguir, procurar, nada disso! Você existe, tem conta bancária, filhos na escola. Mas por outro lado, a gente não podia fazer uma opção de militância política num momento em que as coisas estavam muito difíceis e quando se tinha uma vida a suportar. Quer dizer, a gente tinha dois filhos, tinha que criá-los, não tinha estrutura financeira para se manter na ilegalidade. Além disso, desconfiávamos que a ilegalidade podia ser uma coisa capenga... Tudo isso a gente se colocava e optei realmente por não fazer absolutamente nada em termos de militância política nesse período. Profissionalmente, tentei sempre fazer o melhor possível, embora as condições não ajudassem. Era uma coisa que me agradava, não vou dizer que não, mesmo que todos os dias fosse para a Faculdade dar aula sem saber se teria algum problema naquele dia, se ia chegar pra dar aula, se realmente ia poder dar a minha aula.

Desde 1971 ficou claro que a gente devia sair, passar pelo menos um período no exterior. Tínhamos que ter condições até de pensar, de discutir mais o Brasil, porque lá dentro as pessoas estavam pensando e discutindo muito pouco. Além disso, acho que aquele sistema educacional está montado pra servir àquele tipo de modelo econômico, e eu não gostaria que as minhas filhas sofressem aquela educação por muito tempo. Evidentemente que elas conseguiram livrar um pouco a cara, porque nós éramos elite, produto do milagre, portanto a gente pagava escola particular pra que elas não entrassem no ensino público que estava todo deformado. Então acho que elas realmente não chega-

ram a ser dominadas por um tipo de pensamento – que não vou chamar de fascista porque caracterizaria de outra forma – mas por toda essa problemática até de insegurança que se estava vivendo no Brasil. Mas o que elas viviam também não era eterno, porque nada me dizia que a escola primária delas poderia continuar a fazer o trabalho que vinha fazendo, que não poderia, a qualquer momento, ser bloqueada. E a gente vivia mais ou menos na expectativa de que isso pudesse acontecer.

Eu gostaria que as minhas filhas tivessem uma educação melhor do ponto de vista de formação mesmo, e a educação no Brasil estava ruim; gostaria que a escola fosse mais livre, mais aberta, que elas pudessem realmente discutir as coisas e não se formassem debaixo de todo um processo de ditadura. Até do ponto de vista familiar esta realidade limita – houve casos no Brasil de crianças que delataram os pais. Eu conheço dois, mas sei que houve mais. Crianças que vão pra escola e contam o que se passa na sua casa. Num dos casos, o professor comunicou aos órgãos competentes e o pai foi preso em função disso. A criança tinha oito anos de idade, e ingenuamente comentou na aula... O problema se colocava pra nós também – ou você age abertamente com suas filhas e corre o risco, ou as traumatiza desde pequenininhas dizendo que não podem falar nada do que vêem ou escutam em casa, ou simplesmente não fala. Tem que escolher um caminho e ser coerente com ele. Mas a situação chegou a um nível tal que as crianças estavam crescendo e a gente não podia deixar as coisas acontecerem no país e não discutir com elas. E ao discutir, você dá a sua visão do problema. A partir daí você não tem mais o controle daquilo que pensa, pois elas podem dizer a qualquer momento pra qualquer pessoa: minha mãe não acha isso não...

A decisão de sair foi um pouco coletiva, quer dizer, não foi uma decisão minha, nem do meu marido individualmente. A verdade é que ele estava num nível tal, trabalhando numa coisa eminentemente técnica, que ganhava horrores mas não conseguia nem ler o jornal. Com isso acabou por pensar muito pouco sobre uma série de problemas que eram importantes do ponto de vista profissional e até mesmo individual. Às vezes conversávamos sobre alguma coisa e ele ficava em desacordo comigo simplesmente por falta de informação, e isso criava uma série de problemas entre nós. Então a decisão de sair teve esta característica – abrir perspectiva, respirar, viver sem susto. Porque nós estávamos sufocando.

Que horizonte, heim!

Depois de dois anos de exílio voluntário, continuo achando que foi muito positivo a gente ter saído, embora hoje eu coloque uma série de questões sobre voltar ou não para o Brasil. É que tenho clareza das dificuldades que se apresentarão quando voltarmos, e isso realmente me angustia um pouco.

Pra mim, particularmente, o exílio cortou todo um caminho profissional que eu vinha fazendo na Universidade, agora vou ter de recomeçar tudo... E em que termos? Tenho trinta e cinco anos, logo terei quarenta, um *handicap* terrível para enfrentar o mercado de trabalho.

No Brasil eu vinha numa curva ascendente e aqui estacionei, é isso que me angustia. Acho que ainda tinha muita coisa a fazer lá, embora não tivesse acesso a uma série de informações, de publicações novas, que tenho aqui. Mas penso que isso não seria uma lacuna assim tão grande na minha profissão que eu precisasse estar no exterior pra poder avançar. Acho que não. Acho que avançaria mais no Brasil, porque a minha atividade é muito ligada à realidade brasileira. Fiz uma opção de exílio que considero válida e que tornaria a fazer mesmo sabendo, como sei agora, o preço que tenho de pagar.

Eu jamais vim para a França achando que ia ser o paraíso, que ia descobrir a vida maravilhosa. Achava que valia a pena pagar o preço por todos. Pelo que as crianças iriam ganhar, pelo que meu marido iria ganhar, e por mim também que não agüentava mais o sufoco. E realmente ganhamos uma maior participação, um maior conhecimento do Brasil e também de outras realidades políticas mais desenvolvidas. Mas, se por um lado o exílio é rico pra nós do ponto de vista individual, no campo profissional – sobretudo no meu caso – acho que vai ser limitador. Não estou no momento fazendo nada porque goste.

Sinto que as dificuldades que tenho aqui de arranjar emprego dentro da minha profissão são as que terei provavelmente no Brasil, porque lá também a coisa não é fácil. Serão de outro gênero, é claro. Sei, por exemplo, que não entro em nenhum organismo público brasileiro; já tentei e fui vetada. E isto acaba te restringindo as possibilidades. Então você vive fora, volta e tem dificuldade em arrumar trabalho exatamente porque passou vários anos no exterior, porque fez uma tese que não é brilhante, porque é mulher. E aí é que está a questão – uma mulher que saiu, que passou não sei quanto tempo fora e volta, vai assumir o quê? Que tipo de trabalho vai fazer?

Eu pessoalmente vivo uma ambigüidade terrível. Profissionalmente, o nome que consegui fazer no Brasil não é grande o

suficiente para ficar tranqüilamente no exterior e pensar: volto daqui a cinco, dez anos e faturei o meu nome... Você sai, faz um doutoramento e não volta. Você fica fazendo o que no exterior? O que é que eu fiz nesse período todo, se hoje só consigo dar aula de português?... Mas ao mesmo tempo em que coloco estas questões, tenho a plena consciência das dificuldades que existem de se viver no Brasil. É uma puta ambigüidade! E que horizonte, heim!

...éramos elite, classe A.

Eu aqui sou uma aluna da Universidade como qualquer outra, e não chego a sentir nem discriminação, nem divergências por problemas mais ou menos feministas. Quanto a trabalho, acho que o meu marido tem o mesmo tipo de dificuldade que eu para arranjar um emprego nesta sociedade. Todos os exilados que tentaram tiveram o mesmo problema. Não é o fato de você ser mulher que pesa mais, não. Aliás, a mão-de-obra francesa é enormemente feminina. Agora, se formos ver a situação no Brasil, eu diria no chute que 90% das pessoas ligadas à educação são mulheres. E nunca houve Ministro da Educação do sexo feminino!

No Brasil, éramos elite, classe A, com um padrão de vida elevadíssimo. Mas, por incrível que pareça, o que você ganhava lá não compra a qualidade de vida que você pode ter aqui, vivendo num padrão muitíssimo mais baixo. Lá nós vivíamos consumindo, não havia limitações, não se pensaria duas vezes pra ir ao cinema, ao teatro, a um show, qualquer que fosse o preço. Aqui não se pode ir ao cinema mais de uma vez por semana. Como as crianças solicitam muito, acabam por ir mais, e a gente não vai porque não dá pra ir os quatro, são sessenta francos de cinema por semana, é impossível! O nosso padrão alimentar não variou muito, mas a gente não come carne de primeira aqui e isto significa uma mão-de-obra muito maior. O apartamento em que vivemos é pequeno e não se aproxima nem de longe do que temos no Brasil, com quatro quartos, salas, etc... Mas não se trata de comparar o que temos aqui com as 'delícias' que se poderia ter no Brasil. Na verdade, a gente tem que abrir mão de uma série de coisas - e eu não me refiro a uma série de coisas que a gente tinha no Brasil não - ~~falo de coisas~~ que a gente poderia fazer na Europa. E nisso eu incluiria concertos, teatros, livros, conferências, colóquios, além de viagens. Você não chega a ter um desenvolvimento cultural como gostaria porque acaba gastando tempo com coisas que são necessárias à

sua sobrevivência. Este é o problema fundamental que o nosso nível de vida aqui me coloca.

A gente sempre procurou não deixar marcas de uma educação autoritária nas meninas. Não temos a palavra final em relação a elas: vamos discutir, aceitar as ponderações de todos os lados, vamos ver porque... Mesmo assim, acho que nestes últimos anos elas adquiriram uma coisa que se deve realmente ao exílio, uma sensibilidade mais igualitária do mundo. Em casa, embora estivessem acostumadas a ter empregadas, aprenderam a compartilhar todo o serviço doméstico. Quando viram que a gente tinha problemas de sobrevivência, de emprego, resolveram trabalhar. Foi até muito engraçado porque elas chegaram perto de mim e me cobraram: 'quando é que você vai arranjar um emprego pra gente ficar mais folgada?' Elas tomam conta de criança, levam os filhos dos outros ao cinema, fazem faxina, e ganham com isso. São trabalhos remunerados, quase profissionais, que fazem com a maior seriedade. E, o que é importante, incorporaram na prática que nenhum trabalho é feio. Ao mesmo tempo, existe nelas uma certa solidariedade, ou seja, elas não fazem coisas só para ganhar dinheiro. O bacana é que nem sempre acham que têm que ser remuneradas.

Quando escrevi à minha família contando essas coisas todas, as pessoas ficaram atônitas e perguntaram o que é que está ocorrendo. Já veio carta de minha mãe dizendo que acha isso um absurdo, etc. e tal, coitadinhas das crianças...

...me vejo como uma militante.

Uma outra vantagem que o exílio me trouxe foi a de reencontrar brasileiros no exterior que já estão nesse processo há mais tempo, pelas razões mais variadas, mas todas ligadas à existência daquele regime. E aí cabe uma gama enorme que vai desde o exílio voluntário como o nosso, até o banido. A ligação com os brasileiros aqui fora é de tal modo que tenho apenas alguns amigos franceses e um português. Explico isto por todo um projeto, todo um pensamento comum, porque a gente vive mais ou menos o Brasil. Mas acho que isto também se explica pelo fato da sociedade francesa ser muito fechada. Agora, mesmo pensando Brasil, vivendo Brasil, as pessoas passam a ver outras realidades, outros processos que estão se desenvolvendo e que são diferentes do brasileiro. No meu caso, passei a ter uma visão maior do mundo, porque você tem que entender determinados problemas que existem

na sociedade francesa e que não se colocam sequer para a sociedade brasileira. Outra coisa interessante é que, quando você chega ao exílio, a possibilidade de contato com as diversas regiões brasileiras é muito grande. No Brasil você está mais ou menos fechado num determinado lugar e apenas ouve falar do resto. Aqui tem gente do Rio Grande do Sul, de Pernambuco, Alagoas, Goiás, do Brasil inteiro. Então você começa a ver as coisas com outros olhos, descobre a tipicidade de cada região, a cultura local, regional, as subculturas... descobre o Brasil.

Quando fiz a opção de vir para o exílio, já fazia uma série de críticas daquilo lá, e a opção não foi gratuita. Não me deixei cooptar e acho que não seria cooptada mesmo continuando no Brasil. Embora ache que as pessoas que estão lá têm muitas dificuldades em discutir, porque o ambiente é muito sufocante e há uma necessidade muito grande de aproveitar a vida já que a merda é tão grande, embora e apesar de tudo isso, há pessoas que conseguem ter uma visão crítica mesmo se sentindo dentro da engrenagem. Há pessoas realmente maravilhosas!

E nesta medida acho que a gente, do exterior, com toda essa visão que adquiriu dos processos vividos por diferentes sociedades, das novas problemáticas que estão sendo discutidas, a gente pode contribuir para que algumas pessoas consigam sistematizar todas aquelas coisas que provavelmente estão soltas nas suas cabeças. Há pessoas, por exemplo, que são contra a tortura no Brasil, mas não sabem direito como é que está o projeto econômico, não perguntam se uma coisa poderia existir desligada da outra, se se podia implantar aquele projeto econômico sem torturar, sem prender gente, sem abrir mão das liberdades democráticas.

Aqui sempre me vejo como uma militante, consciente da problemática brasileira. Dentro do Brasil já me via assim, não como militante de uma organização, mas uma militante política: como ser que pensa politicamente, socialmente, e que está agindo sobre um meio social.

Carmen
Abril de 1978.

COMO DIRIA A EDITH PIAF,
*JE NE REGRETTE RIEN*¹.

MEU PATRÃO SAIU. Foi obrigado. Já trabalhava com ele há quatro anos. Então ele perguntou se eu queria vir. Eu falei; ótimo, é uma oportunidade de conhecer outro mundo, outro meio de vida, de trocar de ar. Não pensei duas vezes. Foi em 1969. Meu filho veio comigo.

- *Quando o seu patrão teve que sair, você sabia o que estava acontecendo?*

Tinha uma idéia sim, a gente não é tão *illettrée*², como diz o francês. Eles estavam procurando a sua banda quente. Isso eu entendi. Um pessoal que queria virar um pouco o jogo. Se era pra bom ou ruim, não sei.

Depois passei por um pedaço lá que eu achei tão besta... Quando meu patrão sumiu, me aconselharam a não ficar no apartamento sozinha. Eu segui o conselho, fui me 'baladar', saí por aí andando pelo mundo. Um belo dia resolvi entrar lá pra buscar roupa. Quando cheguei, falei com o camarada *gardien*³: Tudo bem? E ele: 'Tudo bem. Teve gente aqui, fizeram *picnic* na tua porta'. Ai eu fiquei apavorada e falei: vou entrar, vou me trocar e já vou pro mundo. Entrei. Tocaram. Olhei pelo olho mágico e não vi nada. Muito peituda, abri a porta. Dois tiras a paisana, com um revólver desse tamanho! Que estupidez pruma mulher sozinha! 'Vem mostrar a casa pra gente'.

1. não me arrependo de nada.

2. analfabeta.

3. porteiro.

Mas eles já tinham entrado, um foi com o revólver nas minhas costas e o outro passou uma revista no apartamento. Perguntaram pelo meu patrão, eu disse que não sabia mas eles falaram pra mim: 'Agora você vai com a gente'. Eu pedi pra me trocar, tava com frio, tinha mudado o tempo. Não é que o diabo ficou na porta do quarto e primeiro ele ainda olhou se eu não podia sair pela janela? Treze andares! Ai nós fomos pra lá, acho que era a OBAN, ali na confluência da Brigadeiro. Chegamos era nove horas da manhã e fiquei até às seis da tarde. Como viram que eu era empregada doméstica me tratavam assim com desprezo. Não me deram comida, me deixaram num terraço aberto num frio louco. Me deixaram o cigarro, mas tiraram o fósforo, fizeram eu anotar o dinheiro que tinha na bolsa porque tive de entregar tudo. Fiquei com a bolsa vazia e o cigarro. Cada cinco minutos vinham me encher o saco e era aquela passagem de gente pra lá e pra cá. Três mulheres desceram pra fazer fotografia no pátio. Umhas pobres mulheres, parece que tinham sido espancadas e os homens tudo de metralhadora atrás. Vi passar a..., não me lembro o nome dela, uma que depois mataram. Tava branca, branca. Acho que nem tinha perna pra andar... Dizem que ela sofreu muito, não é? Mataram, você não soube? Horrível. Eu não via o que se passava lá dentro, mas ouvia... Depois teve alguém que saiu e foi levado pro Hospital das Clínicas. Eu ficava com um pouco de medo, vão me torturar... Mas também eu não sabia muita coisa. Não estava a par de nada, queria era livrar a minha pele. Depois fui interrogada lá em cima, me deram uns álbuns pra reconhecer. Não me guardaram.

Mesmo assim eles pensavam que eu sabia onde estava o meu patrão. Estavam sempre perto, não me perdiam de vista. Tinha sempre um carro parado quase na porta da minha irmã. Não tocaram a campainha mas encheram o saco. No princípio ela ficou com medo, pensou que era gente querendo assaltar. O meu patrão sempre teve consciência de me pagar; fui trabalhar na casa de um amigo dele, a vigilância continuou. De vez em quando a gente via um carrinho estranho lá na porta.

- Que é que você sentia em relação a isso?

Primeiro eu acho que pobre não se mete em política. E nunca entrei em política. Não sou de nada não. Gosto de tranqüilidade, mas a agressividade deles é demais. Tinha medo era da covardia deles. Porque eles são capazes de tudo, não têm respeito pela vida humana. Podiam me matar e o menino ficava jogado aí sozinho. Era isso. Mas eu entrava e saía, trabalhava e não me incomodava mais. Depois fiz meu

passaporte. Um dia fui convocada pelo DOPS, fui interrogada por não sei quem. Sempre as mesmas perguntas. Depois viajei.

– *E a chegada?*

Eu já entrei trabalhando. No começo é duro porque a gente não fala a língua. Fui, acho que uns três meses, na Aliança Francesa, mas não dava porque lá é mais gramática. A gente aprende mesmo é na conversação. É ler e ver televisão. Fazer compra sozinha, bater com a cabeça. Francês não gosta de falar outra língua, diz logo: '*Je ne comprends*',⁴ e a gente fica com a cara rodando e aponta com o dedo.

Fui providenciar escola pro menino, o que não foi difícil. Ele tinha nove anos, no começo foi um pouco duro pra ele se adaptar, mas arranjou logo amigos e começou a falar na rua, sabe como é criança.

Não me arrependo. Olha, eu gostei da experiência, gostei muito. Como diria a Edith Piaf '*je ne regrette rien*'. Aprendi muita coisa. Gosto muito da lei francesa. Acho que *Egalité, Liberté, Humanité*⁵ está muito bom. Gosto sobretudo da *Humanité*. É bem verdade que a gente encontra um pouco de racismo, principalmente quando pensam que sou *marocaine*⁶. É da minha cor. Já briguei com francês porque dizem que sou *marocaine*. Mas a lei até que é bem boa. A *Sécurité Sociale*⁷ funciona muito bem. No Brasil eu trabalhei num hospital e vi como o amparo materno funcionava. Quando tive meu filho aqui na França, senti a diferença.

O sujeito me deixou e eu estava grávida de quatro meses, quer dizer que eu tive de me '*debruier toute seule*'. Desde as *consultations*⁹ tive uma assistente social que se ocupou do meu caso. Ela ia me ver me casa. Nessa época eu trabalhava com uma família francesa. Trabalhei em outras casas. Quis sair da casa do seu R. pra conhecer a mentalidade francesa. Então eu saía às sete e meia da noite e tinha meu *logement*¹⁰ separado, pagava aluguel. Aqui, grávida trabalha só até sete meses e meio e depois do parto tem um mês e meio de descanso. Tive uma situação difícil depois que a criança nasceu. A *Se-*

4. não entendo.

5. Igualdade, Liberdade, Humanidade.

6. marroquina.

7. Assistência Social.

8. me virar sozinha.

9. consultas médicas.

10. casa.

curité Sociale paga, mas é só 80%, não paga o salário inteiro. Como eu pagava aluguel e tinha ainda o colégio do menino que era pago, que é que sobrava pra viver? E a assistente social fazendo as contas viu que tava pouco e fez um pedido de auxílio. Providenciou também uma *aide pour le logement*¹¹. Mas não pude continuar nesse emprego, porque os horários da creche não coincidiam com o meu horário de trabalho. Voltei a trabalhar com o meu antigo patrão. A gente já está acostumada com o babado da casa. Mas às vezes penso que gostaria de trabalhar num hospital.

Aqui, quando tive a criança, com todas essas dificuldades, continuei minha vida normal porque tive ajuda. No Brasil, pra ter um bom atendimento precisa ter dinheiro. Lá teria sido mais difícil ter um filho assim. Quando tive filho lá, não me dei conta, morava com o pai dele e não via a necessidade tão de perto, não é? Aqui, logo depois que a criança nasceu, no hospital mesmo, a assistente social vem muito discreta e pergunta se a gente vai reconhecer. Perguntou se eu ia ficar já que não constava o nome do pai... porque se eu dissesse que não queria já encaminhava pra Assistência Pública. Pra não acontecer o caso de gente que mata criança, que abandona nas portas, do hospital mesmo eles encaminham. Nesse ponto de assistência médica e social não tenho o que dizer da França não. Mesmo se o meu parto ficou na memória. Eles tavam tudo fumando lá no corredor e eu com aquelas contrações horríveis. Acho que tinham me esquecido. Era um domingo. Abri a boca, desci da mesa e falei: venham aqui pelo menos me dar a minha bolsa pra eu ir embora que eu vou telefonar pra polícia me levar pra outro hospital. Aí veio a mulher: 'você me enerva'. Eu falei: quem me enerva é a senhora. Francês é malcriado. Falei pra ela me furar a bolsa d'água, briguei. Veio o médico: 'ah precisa ter calma'. Aí me deram um injeção, furaram a bolsa e uma hora depois nasceu.

- *O que fez você ficar na França?*

Primeiro a escola do menino. Ele tava bem... foi ficando, seria ruim trocar. Voltar lá, trocar assim de escola, eu pensei que não dava jeito. Aqui criança tem a vida apertada na escola. Tem que estudar mesmo; ou dá pra coisa ou não dá pra nada. Quando a gente foi ao Brasil de férias, ele conversou muito com um amigo que tem a mesma idade. O meu contava como trabalha duro na escola enquanto o outro já per-

11. ajuda para pagar aluguel.

deu três anos, o professor falta muito. Eu ouvi ele dizendo: 'se fosse lá na França você nem pisava mais na porta da escola porque se você não dá pra estudar, você vai carregar carroça'. Então ele mesmo já vê essa diferença toda. Criança no Brasil estuda três horas por dia. Pobre é assim. A minha irmã pôs as meninas dela no colégio particular porque ela pode pagar. O marido ganha bem e ela nunca precisou trabalhar. Mas nem todo o mundo tem essa liberdade no Brasil. Esse amigo do meu filho quer ser torneiro mecânico e ele escolheu eletrônica. Eu queria que o meu garoto estudasse medicina porque acho uma profissão bonita. Mas um médico brasileiro que mora aqui me disse: 'Deixa ele fazer uma profissão onde tenha sempre possibilidade de trabalhar, mas não muito intelectual, porque tem muito intelectual aqui comendo pão com...'

Meu filho tem uma herança pra receber, já dá pra começar a vida. O pai dele era um português *emigré*¹² lá no Brasil. Trabalhou toda a vida na mesma firma. Primeiro e último emprego. Ele casou com outra. Quando morreu eu estava aqui. Macumba existe, sabe? Sonhei com ele três vezes, ele veio me ver. Eu acordava assustada, não podia lembrar qual dos meus homens era. Sonhei uma vez com um homem que estava sofrendo muito, numa cama de necrotério, falou: 'quando morrer quero ser enterrado com essa camisa'. Aí eu me apavorei. Quem está morrendo? Não pude mais dormir porque vi mesmo uma pessoa, mas não conseguia fazer a *liaison*¹³. Depois sonhei outra vez. Ele não falou, mas eu via as gotas de suor como se estivesse sofrendo muito. Ele queria que eu o reconhecesse, veio caindo por cima de mim. Quando me vi, estava com a mão no chão pra me desviar dele. Na terceira, sonhei que estava tomando banho numa banheira num jardim e ele, sempre o mesmo homem, lá num canto. Estava calmo, eu com a banheira cheia de *mousse* igual a uma Cleópatra, pensei: que homem besta tá vendo uma mulher pelada e nem reage. De repente olhei pro lado e tinha uma cobra subindo. Ele me disse: 'cobra se mata pela cabeça'. Eu peguei a cobra e comecei a morder a cabeça. Acordei tão apavorada! Pronto, fiquei encafifada, quem é? Falei com uma brasileira que me viu com olhos mal dormidos. Essa menina disse que talvez fosse um guia querendo se aproximar de mim, entrar em mim. Pensei: não vem que não tem.

Quando cheguei no Brasil mandei o menino com um amigo pedir a assinatura do pai pro visto de saída. Foi quando soube que ele tinha morrido. Recebi um recado dum amigo dele, eles

12. emigrante.

13. ligação.

tinham emigrado juntos, eram muito unidos. Ele me contou que quando o pai do meu filho estava morrendo, só falava em mim e no menino, ele não teve outro filho homem. Esse amigo me falou assim: 'Olhe, ele era meu amigo mas você não é minha inimiga, você se vire e procure um advogado que tem direito a herança'. Aí eu andei naquele São Paulo: atestado de óbito, fazer procuração, procurar advogado, tudo isso. Agora recebi uma carta dizendo que o juiz aceitou o menino como herdeiro legítimo. Mas advogado também é caro. Cobra 25%. Aonde é que eu vou arrumar esse dinheiro? Só depois de receber.

- *Você está pensando em ir de novo ao Brasil?*

Eu não estou com muita vontade não, porque é muito dinheiro para um mês de férias. Aqui tem também uma bolsa de férias. Veja: eu trabalho aqui, sou sozinha, não moro com homem; tudo isso conta pras *allocations*¹⁴. A *concierge*¹⁵ aqui do prédio tem duas crianças, mas tem um marido que trabalha, são dois salários que entram, ela não tem direito a essa bolsa de férias que recebo. É uma ajuda e agora subiu, está em quinhentos e poucos francos pra cada pessoa! Só vale pra colônia de férias e não é *valable*¹⁶ fora da França. Lá no Brasil só podia sair de férias quem podia. Pra Campos do Jordão... Aqui não, vai todo mundo, tudo junto, vai o filho da *madame* e vai o filho da *bonne*¹⁷. Não tem essas diferenças não. Falei com minha assistente social e vou receber essa bolsa. Aqui tem também uma coisa muito boa que se chama o *Secours Populaire Français*, é como as senhoras de caridade lá no Brasil - ajudam as pessoas menos favorecidas. Mas a agências de viagens tem que comprovar que vou viajar realmente. É por isso que digo: primeiro precisa educar o povo pra fazer as coisas limpas, porque a cana cai firme. Se eu pegar o dinheiro e mentir que vou, sou multada, e ao contrário, sou eu que tenho que pagar pra eles. Precisa primeiro educar o povo.

- *Sua família tinha dificuldades?*

Não. Meu pai era do exército. Quando ele conheceu minha mãe deixou a farda porque meu avô não queria filha casada com milico. Depois meu pai trabalhava como oficial de justiça. A nossa casa era uma

14. ajudas da assistência social.

15. porteira.

16. válida.

17. empregada.

das melhores da rua, tinha água encanada, luz elétrica. Minha mãe nunca trabalhou. A gente brincava. Quando era criança brinquei muito, brincava de roda, de cozinhado, brincadeira que hoje em dia criança não sabe mais.

Somos cinco. Meu pai se dava o luxo de pôr meu irmão mais velho em colégio particular, queria que ele seguisse a carreira militar, posto alto... Depois que meu pai ficou doente, ficamos na miséria, não tinha mais nada. Meu irmão não pôde ir mais pro colégio, começou a ver necessidade em casa e ficou revoltado. Algum tempo depois minha mãe morreu. Aí foi cada um pro seu lado.

Eu fui criada no orfanato. Aí aprendi a ler, escrever, bordar, cantar em francês. Mas nunca tinha pensado em vir à França não. Era uma fundação francesa. Bonita, por sinal. A construção tem uma torre assim que lembra a Notre Dame. Como é que se chama esse estilo? Gótico, não é? Escada de madeira que fazia caracol. Uma escadaria de mármore, tinha lá as armas do bispo. Dum lado as internas que podiam pagar, mais adiante na parte mais isolada era o orfanato. Era bonito o orfanato, muito bonito. Ficava no alto e a gente via o mar. Lá as freiras ensinavam a gente a cantar *Frère Jacques*.

Quando saí desse colégio fui morar com minha tia, ela era pobre, tinha aquela luta pela sobrevivência. Fui trabalhar num laboratório de análises clínicas e ganhava minha vidinha. Depois vim pro Rio e do Rio pra São Paulo, sempre seguindo minha irmã mais velha. Trabalhei num hospital e tava fazendo curso de enfermagem quando conheci o pai do menino. Aí fiquei grávida e fiquei com vergonha. Larguei tudo. Tinha vinte um anos. Hoje em dia não tenho mais vergonha não. Naquela época não conhecia nada da vida. Ele também não queria que eu continuasse no hospital, não queria que as freiras soubessem. Sei lá o que passou na cabeça dele.

- *Você acha que aqui você tem uma vida melhor?*

Sim, acho que sim. Aqui a gente pode se 'baladar' um pouco. Pegar uma mala, pegar um trem e conhecer um pouco o mundo. Aqui a gente tem museus a escolher. A gente pode ver coisas diferentes de outras épocas, coisas interessantes. A gente já é burra, se não procura ler um pouco, ver coisas... Televisão no Brasil eu não suporto. Não vi televisão lá um dia. Aqui a gente paga imposto de televisão, acaba cedo, às onze horas acabou, mas tem filme que vale a pena. A gente vê um filme: duas horas sem um corte! Lá tem tanto reclame, dezenove minu-

tos só de propaganda. Não sei se você viu um *feuilleton*¹⁸ chamado *Racines* que passou aqui. Foi sobre a escravidão, a escravidão na América. Deu tema de debate e eu segui até o fim. Teve a Angela Davis, vários professores de universidades, veio também um plantador de fumo da Virginia que ainda é a favor! Depois a gente podia chamar a estação e dar opinião. Foi bonito. Esquentou pro lado dos africanos e dos antilhanos, porque tem essa briga danada entre eles. Os africanos são muito racistas, têm as tribos deles, dizem horrores uns dos outros e detestam branco.

Quando o menino tava menor eu levava ele a uma exposição, levei no Museu da Marinha. Quando estava aqui a imperatriz do Iran ele quiz ver a cara dela em cera; fomos ao Museu de Cera, vimos todas aquelas cenas da Revolução Francesa, a cena da banheira. Vi uma peça de teatro sobre a Revolução Francesa no *Palais des Sports*. Fui à Espanha, Alemanha e Itália. Visitei o Vaticano, o túmulo dos papas, muita riqueza, não é? Os Papas representam Jesus aqui na terra, mas Jesus não vivia assim, era *hippie*, não era? Não sei onde que eu li mas era muito interessante, que Jesus disse pros homens: 'Não leve roupa, não leve bagagem, vá e ensine a minha palavra'. E quando entrava numa casa e tinha um doente ele curava mas dava uma recomendação, não me lembro se era pra não voltar nessa casa ou pra não olhar pra trás. Eu falei: olha Jesus é um bom macumbeiro também. Fui no *Père Lachaise* que é um cemitério famoso, tem todos os marechais, todos os bacharéis, tem a tumba do Alan Kardec e eu queria ver o túmulo dele porque foi o pai do espiritismo francês. Incrível a fila de gente que tem só pra encostar a mão na tumba desse homem, muitos antilhanos, porque antilhano também é bom pra fazer macumba. Fiquei impressionada de ver a fila de gente.

Ah, pra voltar ao Brasil como empregada doméstica é duro. Aqui eu sou empregada, mas se ponho meu manto pra sair ninguém vai dizer que... ninguém vai chamar de... Lá no Brasil também tem um pouco de recismo, não é? Esse negócio de cor...

– *Mais lá do que aqui?*

No Brasil é mais a classe social que conta. Se for crioulo com estudos ou filho do Pelé já é mais considerado. Os brasileiros geralmente acham que preto é só pra dançar em escola de samba e fazer macumba. Conheci um advogado que era um crioulo beçudo, fez plástica e

18. novela.

casou com uma loira. Ela casou porque já tinha uma certa posição e o coitado estava muito orgulhoso por ter casado com uma branca.

Lá no hospital em que trabalhei teve uma enfermeira que trabalhava bem mas mesmo assim mandaram embora. Um dos diretores não quis que a moça trabalhasse mais nos andares, disse que não ficava bem. Ela era preta, bem escurinha. As freiras não queriam que ela fosse embora, estavam precisando de gente diplomada. Era um hospital fino, quase tudo particular. Então queriam pôr a moça pra trabalhar à noite no centro cirúrgico, pra esconder um pouco.

- E você? Sentiu o racismo diretamente?

Por exemplo: quando eu voltei nas férias tava num ônibus com minha sobrinha que tem nove anos e é muito curiosa: 'madrinha, a senhora foi em Roma, a senhora viu o Papa'? Eu tava contando: Não, porque o Papa fica escondido, mas eu vi o túmulo dos outros que já morreram. Você lembra daquele bonequinho que te mandei vestido de vermelho e dourado? São os guardas do Vaticano. Eu pedi a eles pra fazer uma fotografia deles pra você... E tinha um sujeito que estava sentado no ônibus e que falou assim pra mim: 'Em que língua você falou isso?' Aí eu estava muito malcriada e disse: Qual é a língua que você fala? Ele não respondeu nada, mas era como se tivesse dito: 'Que que é crioula, que papo é esse? Como é que crioula vai em Roma?'

Tem tanto racismo no Brasil que o povo diz, é até gozado... 'Nego não reza, nego xinga Deus', 'Nego não segue procissão, corre atrás', 'Nego só vai na frente quando polícia vem atrás...' Brasileiro inventa cada coisa! Mulato ou preto depende da qualidade do cabelo, da qualidade do nariz, da... Uma vez aqui tinha umas brasileiras discutindo numa reunião. Uma dizia: 'eu não sou preta, sou mulata'. E a outra: 'você é mulata aqui, mas no Brasil você é preta'. Aí eu toquei na porta, a menina nem me disse bom dia. Mal entrei, falou pra outra: 'olhe minha filha, mulata é essa, você é preta'. Alguém já me disse: 'você é mulata de barriga limpa porque seus filhos podiam ter saído mais escuros, não pegou tanto a cor'. Ou então: 'limpou a raça, crioula!' Porque o pai é branco, não é, quer dizer que quando o filho é de preto, sujou a raça... Essas são de brasileiro, só podem ser de brasileiro!

O Francês também é racista mas aqui é diferente... não é tanto classe social, eles são mais implicantes é com os árabes. Mas isso depende muito do humor dos franceses porque são muito mal humorados. Um dia fui comprar carne - sempre comprava no

mesmo açougue – mas estava sem sacola, aí eu pedi: a senhora poderia me dar um saco plástico? A açougueira falou assim: ‘*Pas de petrole, pas de plastique*’¹⁹. Eu tava calma, aí eu falei assim: Olhe madame, a senhora guarda a sua carne e vende mais caro pra outro, a senhora precisa ir à escola aprender geografia, não conhece nem *accent*²⁰. Se a senhora escutasse um pouco, ia ver que não tenho sotaque árabe. Deixei a carne em cima do balcão e saí. Os franceses mais racistas têm limite de idade, já reparei. Não os muito velhos, mas nessa idade dos cinqüenta aos cinqüenta e cinco anos. Tem uma fase que eles são mais racistas, não sei se é o povo que passou pela guerra... Outra vez, eu já estava de barriga grande e entrei num café pra telefonar. Aí uma velha falou assim: ‘as alocações familiares estão aí pra ajudar’. E eu respondi: se a senhora disse isso pra mim, se as alocações estão aí pra me ajudar, eu estou aqui pra trabalhar, todo mês é tirada alguma coisa do meu salário pra sua *retraite*²¹, é por isso que a senhora está aí tomando chá. Estrangeiro fica aqui um tempo e vai embora. A *retraite* é pro velho francês. Ela ficou me olhando muito. Porque o francês grita, grita, mas se a gente levanta a voz, eles param. Outro caso: minha criança que nasceu aqui teve o umbigo mal amarrado e vai ter que operar. Eu fui avisar a professora e ela me disse: ‘Gozado, eu fui criada na África e lá tem muita criança que tem hérnia no umbigo’. Eu falei: Não madame, nasceu aqui... em Paris. Foi é mal cortado. Ela ficou me olhando assim...

– *Você estava contente em ter filho?*

Eu queria me livrar logo. Acho que toda mulher gosta de se livrar da barriga, vestir suas roupas antigas. Quando fiquei grávida a segunda vez, queria tirar, mas o cara não queria. Quando estava com quatro meses, ele começou a dizer que não era dele! Aí me contou que não quis que eu tirasse pra mostrar a alguém que tinha passado na frente. Quer dizer que ele me disputou com outro, não é? Com quatro meses, quando eu não podia mais tirar, ele me mostrou a verdadeira figura dele! Não sei se eu ‘mal tombeí’ com esse africano mas ele agiu como um selvagem! Agora sou eu que não quero saber dele.

Tenho um amigo, africano também, que quis reconhecer a criança. Disse que na África eles aceitam a criança nascida fora do casamento, mas nunca sem o nome do pai, é um preconceito

19. sem petróleo não tem plástico.

20. sotaque.

21. aposentadoria.

que eles têm. Eu não quis, então ele contou pro embaixador do país dele que queria se comunicar com o embaixador do país do outro, meter polícia e tudo. O embaixador até me telefonou, mas eu disse: *je crois que ça ne vaut pas le coup parce que c'est un salaud* ²²! Esse rapaz que queria reconhecer o meu bebê, pensava em se casar comigo. Africano é sacana, mas esse é direito, sabe? Ele foi de férias pro país dele e o avô, que é desses velhos que vê a sorte nos *coquillages* ²³, jogou os búzios e eu apareci no meio. O avô falou assim: 'Meu filho, não se esqueça que você também é negro e que foi um negro que caluniou essa moça, não se esqueça que também é um africano e essa moça tem o coração *cer rado* ²⁴ pros africanos'. Hoje em dia ele é casado, eu sou amiga da mulher dele e tudo. Somos amigos, de vez em quando ele vem aqui, ainda tem suas crises de amor e eu falo: vai embora pra tua casa que tua mulher está te esperando.

Isso também eu aprendi aqui, africano acabou, não quero nem ver na frente. Mulher pros africanos é somente um instrumento de cama, tem que estar sempre no segundo plano, mulher é pra trabalhar, ficar em casa e receber os amigos dele. Mas dizem que na África tem essa vantagem, a lei protege muito a mulher, sobretudo nesse assunto de filhos; se um homem deixa uma mulher grávida, a justiça se mete e obriga o homem a assumir a responsabilidade. Mas a africana também tem seu caráter especial, quando vai com outro vai deixando o filho atrás com o pai.

O africano é selvagem mas o brasileiro é aquele negócio do ciúme. Brasileiro é ciumento, é machão. Agora eu acho que a mentalidade está mudando um pouco. Antes se a mulher trabalhava o homem era corno, ou como se diz, chibungo, que vem ser a mesma coisa, só porque a mulher precisava trabalhar. Ainda mais lá no norte... Lá se a mulher trabalhasse! É bem verdade que na época em que era pequena não entendia esse negócio de mulher que trabalha. Hoje, eu acho que a mulher ainda é mais forte do que o homem, pode suportar muita coisa. Acho que quando a mulher levanta a cabeça ela faz qualquer coisa. Resumindo, acho que em certos pontos a mulher é mais útil à humanidade. Se um homem é capaz de trabalhar pra manter a família uma mulher também é. Tenho uma amiga francesa com quem gosto muito de conversar – francês é difícil pra fazer amizade mas são muito bons amigos – essa menina fala mesmo, na frente de homem e tudo... ela se iguala bem, como eu. Ela me contou que sofre um boca-

22. eu acho que não vale a pena porque ele é um cretino.

23. búzios.

24. (do espanhol) fechado.

do porque trabalha com umas *grosses memmées*²⁵ que são tão *conventionnées*²⁶ pelo casamento que se um dia perderem o marido não sabem o que fazer. São mulheres que não têm vida própria!

No dia em que eu viajei para o Brasil, encontrei uma brasileira que também ia. Estava com o marido e um casal amigo. Ela me viu com as duas crianças e falou: 'Que é que você tá fazendo aqui?' Eu viajo. 'Com os dois?' Vi que comentaram. 'Isso é que é mulher peituda!' Depois no avião ela veio me falar: 'Sabe, o que meu marido disse que você é de raça, que com duas crianças, viver como você vive e fazer uma viagem dessas não é sopa, realmente é raro'.

Essa brasileira, como muitas outras aqui, me critica porque eu ainda não casei. Com duas crianças e não casei ainda. Francamente, casar pra viver a vida que essa menina vive... o marido tá todo buziado, bebe muito, passa mais tempo no hospital que em casa. A vida dela aos domingos é ir ao hospital. Ela tinha uma filha no Brasil, fez a menina vir pra França; no dia em que a menina chegou estava fazendo muito barulho, coitada, naquela excitação do avião, o marido pegou num livro e meteu na cabeça da criança. Eu perguntei: Que vantagem você teve nesse casamento? Mas ela queria casar...

- *Você pensa em voltar? Com o dinheiro que ganha aqui dá pra fazer mais coisas do que com o que ganhava lá?*

Olha, isso eu não sei. Porque quando estava no Brasil comprei um terreno e aqui eu ainda não fiz nada com o dinheiro porque a vida é muito cara. A gente ganha bem, mas que que a gente pode fazer? Somos três bocas pra comer. Vestir, agasalhar e tudo, a gente gasta um bocado, mesmo se não tem aluguel pra pagar. Depois, eu estou procurando um *logement*. A gente acha, mas é tão caro! Tem um negócio de HLM,²⁷ mas se eu puder me livrar do HLM clássico que é essa confusão moderna, melhor. HLM não quero, tem muito árabe e africano, é um negócio, já fui visitar. É bem verdade que eles dão propriedade para quem tem muito filho e geralmente é estrangeiro, né? Fiz minha inscrição na *mairie*²⁸ que também tem seus *logements*, são mais velhos, mais tranqüilos.

25. madames.

26. condicionadas.

27. grandes edifícios de apartamentos populares.

28. prefeitura.

Um dia eu penso em voltar ao Brasil, quando o menino acabar a escola. Mas tenho até pena da criancinha menor... Está começando a se acostumar na escola aqui, não sei se vou encontrar isso lá.

Olha, em matéria de escola, em matéria de saúde, aqui é muito bom. Se eu não puder ter médico particular tem esse negócio de PMI que é como o ambulatório no Brasil, mas com outra diferença! Quando eu estive no Brasil visitando, o meu filho machucou o dedo. Levamos no pronto socorro do INPS. Cheguei lá às duas horas, saí às cinco, esperando... por um dedo! Durante esse tempo, que desfile! Você nem pode imaginar! Muito acidente de trabalho... tinha um homem fazendo ficha... devia ser operário de construção, deve ter rolado do andaime, já tinha perdido muito sangue, todo inchado e estava de joelho no chão pra falar naquela janelinha que é meio baixa... Depois chegou uma ambulância com uma mulher de cor. Ela tinha machucado todo o rosto e da perna saiu um pedaço aqui... disseram que tinha brigado com o marido e tentado se matar. Acho que ficou uma hora dentro da ambulância. Um funcionário falou assim: 'precisa uma maca pra tirar essa mulher'. E outro respondeu: 'Aqui não tem mais lugar, manda essa crioula pro Hospital das Clínicas, vai, vai, já nem desce aqui, o médico tem que sair...' Aquele ambiente é horrível, dá a impressão que você é uma mercadoria não-uma pessoa!

Eu sonhei outro dia que fui embora e me arrependi muito. No sonho mesmo, quando acordei, falei: mas meu Deus, por que é que eu vou me arrepender tanto? No sonho eu estava no Brasil e escutei alguém falando que vinha pra *Gênève*. Foi só escutar o nome *Gênève* eu pensei Europa e pronto... Mas eu tenho uma amiga da América Latina que frequenta muito essas coisas de vidência e espiritismo. Ela é meio médium, meio vidente, faz esse negócio de carta. Contei o sonho e ela falou que é um sinal ao contrário, que eu vou voltar bem, que vou ficar contente lá no Brasil. Mas no sonho eu me arrependi tanto!

Por causa dessa história de voltar, não voltar, fui ver uma vidente. Sabe, aqui também tem muito macumbeiro. Vidente então, tem a dar com o pau, mas há muito comércio também, muito charlatão. Ainda ontem prenderam um, deu no rádio; se ele fosse vidente mesmo, ele via que iam vir *pour lui*²⁹, não é? Eu fui numa recomendada por uma dona, francesa legítima, onde eu trabalhei. Ela disse que essa vidente não põe anúncio na porta e que tudo que tinha falado

29. prendê-lo, procurá-lo.

deu certo. Fui lá. Ela disse que não me via muito contente não aqui nessa terra.

Mas depois de viver aqui, de ter a possibilidade de viajar – eu nem conheço todo o Brasil – acho que se voltar lá eu vou cair num *cafard* louco, como é que se diz em português? Ah, é isso, eu acho que vou me aborrecer naquela vidinha.

Eu não gostaria de voltar pra São Paulo, lá é bom só pra trabalhar. Pra viver, pra respirar é mesmo na Bahia. Eu gostaria de comprar uma casa lá, abrir um restaurante na praia e morar tranqüila. Mas antes eu vou ter que jogar na loteria que é pra não voltar assim tão dura.

Fátima Freire Dowbor
Fevereiro de 1977

O que me dói é ver que em todo esse negócio, pá, eu não tive nenhuma ação direta!

SAI COM QUINZE ANOS, foi em 1964, logo depois do golpe. Nunca mais pus os pés no Brasil. Foi um baque muito grande porque eu nunca tinha saído do país, só do Recife. Pra mim era um pouco, não digo de aventura, mas um pouco assim de novidade. Não pensava que até o dia de hoje estaria fora! Quando soube da saída, o problema do pai já tava... ou seja, ele já não corria perigo. Foi uma tranqüilidade não só para mim mas sobretudo pra mãe, que sofreu bastante, foi duríssimo para ela. Uma coisa que me marcou foram as feijoadas, os quilos de feijoada que a gente fazia pra levar pro quartel... E o ônibus, o feijão quente cheirando, a gente segurando as panelas...

A curto prazo a saída não foi tão problemática porque na verdade eu não estava inserida em nada, só tinha laços afetivos com a família, com os amigos. Enfim, tinha só o meu pequeno mundo.

A minha fase de adolescência, de mudança de caráter mesmo foi no Chile e foi muito importante. Vivi cinco anos lá e me senti muito bem, me liguei muito, me libertei. Foi a época dos primeiros namorados, das saídas à noite, das conversas, dos grupos com outras moças, coisas que eu não tinha no Brasil; Recife é muito fechado e não dava assim essa abertura. No Chile eu não me sentia tanto estrangeira, não me sentia mesmo. No fundo era América Latina. Mas apesar disso, comecei realmente a sentir que já não estava mesmo no Brasil e que o negócio ia ser outro, que o tipo de vida ia ser outro. Foi

a partir de então que a gente sentia assim... bom, que não estava na sua, não estava no seu lugar.

Do Chile fui para os Estados Unidos, onde passei quase um ano. A minha primeira reação foi totalmente negativa, foi de me fechar mesmo. Passei quase um mês me negando, sem sair, me recusando a aprender a língua, a ver as coisas. Foi um momento de ruptura com o país, com a adolescência.

Dos Estados Unidos fui para Genebra, de Genebra para a Argélia, da Argélia para a Polônia, depois para Portugal... quer dizer, foi uma sucessão de mundos diferentes, sempre com aquela idéia remota da minha infância... A única coisa que me ligava ao Brasil era a minha infância porque a juventude foi fora, totalmente fora, não tive tempo de me integrar em nada de política no Brasil. Toda a minha visão política, todas as opções políticas que pude fazer e que ainda trato de fazer foram fora.

O que sinto em tudo isso, às vezes pergunto... dentro de mim sei que sou brasileira, ou seja, culturalmente sou brasileira, mas às vezes digo, será mesmo? Eu voltando lá sou aquilo mesmo? Será? Não sei, o meu medo de voltar pro Brasil é de ver que você sai e você volta e talvez não seja ali o seu lugar, é de me sentir estrangeira no meu próprio país. É esse o problema, a angústia que te dá o exílio, toda a insegurança que te traz, um vazio enorme. Eu tenho raiz em todos os lados por onde andei, mas no fundo me surpreendo sempre a me perguntar: onde é que está a minha raiz? De onde é que eu sou? Então aquela necessidade de voltar pra ver se é dali mesmo que sou, e ao mesmo tempo o medo de voltar e saber que não vai dar, não é? Que já mudei tanto, já me acostumei com tantas outras coisas, com um tipo de vida tão diferente que talvez não me entrose mais lá. É esse o peso maior que sinto. Sinto também que é preciso ver até que ponto a pessoa é capaz de esquecer a realidade que já foi, que tá lá, que não é mais a dela. Se você não vive uma realidade ela não pode ser sua, porque você não tem uma parte ativa. É preciso ver até que ponto você é capaz de superar tudo isso e tratar de fazer a vida, de ter uma vida real no país em que está, tratar de se engajar de qualquer jeito, de viver o cotidiano:

E eu saí com quinze anos... penso em meu irmão menor, que foi o que mais saltou país pra cá, país pra lá, e que até o dia de hoje tem lembranças, é marcadíssimo pelo Brasil e quer voltar... e o menino tinha mais ou menos três anos de idade quando saiu!

O que me dói de vez em quando em tudo isso é ver que em todo esse negócio, pá, eu não tive nenhuma ação direta. Nada, nada. Saí do Brasil, indiretamente... pai exilado e depois continuo no exílio por ser mulher de um banido.

A gente sabia que tinha o que comer mas que havia outras pessoas que não tinham...

O que me marcou muito na vida e que achei muito importante mesmo foi o princípio da escolaridade... todas nós freqüentamos colégios populares, com meninos favelados, onde não tinha nem banco, e como tínhamos uns banquinhos em casa levávamos e lá ficaram. Toda a minha escola primária foi em contacto com a menina que morava mesmo no 'poço da panela', numa pobreza enorme; eu dividia meu lanche porque a menina olhava com o olho esbugalhado pro meu pão. A gente nunca foi de boa situação econômica, mas em comparação com as outras, tínhamos uma situação razoável e ao mesmo tempo eu tinha abertura para os dois mundos, quer dizer, já ia com o espírito mais crítico. Lembro-me de que eu ia a duas festinhas, a das meninas de família, bem vestidinha e tudo, e à festinha da favela, das meninas mesmo. Isso eu acho que foi muito bacana lá em casa, porque a gente sabia que tinha o que comer, mas que havia outras pessoas que não tinham e a gente tinha que lutar pra que todos comessem. Eu acho que marcou, sabe.

Cheguei ao Colégio Vera Cruz sabendo o que havia atrás, e que eu era privilegiada. Desse tempo, o que não vou esquecer nunca mais: o diário! Você tinha que escrever em caderninho especial o que tinha acontecido cada dia, o que tinha feito, os pecados, e mostrar pra freira... Depois, a Escola Normal interrompida. Bom, o pai fora, retomei os estudos no Chile. Fiz um curso de secretariado, trabalhei como secretária, me enchi pra burro... Agora é que me pergunto se não era medo de entrar na Universidade, não sei. Só entrei numa Faculdade na Suíça. Foi uma luta muito grande, língua estranha, anos sem estudar, sem ritmo de estudo. E foi só um ano lá dentro! Conheci o marido, casei, veio a criança e já não deu mais. Agora estou tratando de recomeçar de novo, de acabar qualquer coisa.

Bom, eu acho que sempre pesa ter um pai intelectual famoso, reconhecido a nível internacional. Mas acho que pesa até o ponto em que você não assume a sua própria individualidade, a sua própria pessoa, e eu passei por momentos realmente muito difíceis pra assumir, pra tomá-lo às vezes como pai somente, às vezes como outra pessoa simplesmente, que é o que ele é fora. Mas acho que consegui superar esses problemas, porque antes, lembro-me muito bem, me punha doente quando

era apresentada não pelo que eu era, mas pelo meu nome: 'Apresento aqui a filha do Paulo Freire'. Isso me deixava doente, entende? Mas foi há muito tempo atrás. Hoje eu digo: muito prazer, encantada. Assu-me, assume a personalidade de seu pai!

Acho que é bacana ter um pai assim, acho *porreiríssimo*¹, sou louca pelo velho... escolhi justamente pedagogia, não por pressão dele porque isso lá em casa nunca houve, ele nunca forçou, nunca pressionou filho nenhum a seguir o caminho dele. Mas estou tranqüila porque não quero ser o que ele é, nem posso, nem me interessa. Vou dar aquilo que posso dar, aquilo que sou, mas é muito problemático. Nos estudos, na Universidade, eu não sabia até que ponto as portas se abriam só pelo fato de ser filha dele ou pelo meu valor próprio. São coisas difíceis de superar e leva bastante tempo. Você só assume a sua individualidade quando descobre os seus próprios valores, aquilo realmente que você é, o que está tratando de ser, quando se guia pelos seus pontos de referência, quando não está fazendo aquilo em função de... E isso não foi uma coisa que surgiu, zumba! Foi amadurecendo, eu comecei a ler o meu velho por mim mesma, sem pedir a ele, tratando de entender aquilo, de aprender e depois bater os papos com ele e ver que há uma distância muito grande. A partir desse momento ele deixou de ser um mito para mim.

A minha mãe sempre teve a vida dela, a vida intelectual, seu trabalho; se realizava totalmente desse lado e ao mesmo tempo contribuía para o trabalho do meu pai. Ela é a pessoa mais importante no trabalho dele, realmente a ajuda que ela deu e que tem dado é primordial. E sempre ao mesmo tempo, não se deixou levar só pelo trabalho do meu pai, teve a sua ocupação, sua vida-ela, isso sempre teve. Deixou-a de ter no exílio porque realmente as condições não eram propícias. E no exílio foi sempre ela quem segurou todo o mundo e continua a segurar. No exílio a vida familiar mudou. Tínhamos muito mais a presença da mãe porque no Brasil ela saía de casa às sete e meia, deixava o almoço feito e a gente só a via de tarde. O meu pai também estava sempre muito ocupado... O exílio serviu pra gente se fortalecer mais entre todos porque no fundo foi uma ruptura com todo um estilo de vida. Com o problema da inadaptação a gente só conseguiu mesmo se unir, se fortalecer entre nós. Encarando o negócio mesmo pra frente, porque senão não dava.

1. expressão coloquial Portuguesa; significa: ótimo, bacana.

Eu saí de casa quando me casei. Foi em 72, 73. Ou seja, o que se chama mesmo sair de casa, fazer uma casa, ter uma vida totalmente independente da que tinha antes. Mudei de país e tudo.

A gente tentou se casar nem me lembro mais em quantos países. Passamos seis meses pra tratar de arranjar os papéis e finalmente conseguimos casar na Polônia, no civil. E ainda faltava papel... O caso era tão complicado que ninguém entendia e os poloneses se chatearam e resolveram passar um pouco por cima. Decidimos ir para a Polônia porque com os problemas políticos referentes ao meu marido não se podia viver na Suíça, e como ele tinha família na Polônia, lá ficamos.

Eu tinha um pedacinho de gente dentro de mim. Se não tivesse o futuro já ali, acho que não teria tanta necessidade de ter um papel, de ter uma coisa mais concreta. Porque naquela altura eu já não tinha mais passaporte; o Brasil, o Consulado tinha me tirado todos os papéis, simplesmente não me renovava o passaporte e eu não tinha nenhum documento que mostrasse quem eu era... É uma angústia, uma angústia horrível... Você é marginalizada, não é ninguém, qualquer coisa que queira fazer tem que mostrar papéis... não consegue nada. O Consulado me enganava todo o tempo dizendo que eu ia receber. Nunca me deram. Quando fui pra Polônia meu passaporte já estava pra acabar e fui pedir a renovação ainda em Genebra. A moça disse que não podia dar o passaporte imediatamente porque tinha que consultar o Itamarati, que me daria um *laisser passer* com validade apenas de um mês e disse: 'olha, pode ir sem preocupação que nós enviamos seu passaporte pra Polônia, via Consulado, daqui a dois meses'. O *laisser passer* venceu e eu fiquei sem poder sair de lá, sem poder fazer coisa nenhuma. Ia na Embaixada e no Consulado todos os dias, era interrogada durante horas e perguntavam tudo, não por mim, mas por meu marido; queriam tirar o máximo possível de informação e sempre aquele risinho, aquele tratamento: 'a senhora venha daqui a uma semana, vai vir alguma resposta, eu passei um telex...' E nessa conversa passei quase dois anos... e nunca me deram, agora não me interessa mais. O meu marido tem nacionalidade polaca, e já que o Brasil não dava papéis a gente pediu os papéis à Polônia... E realmente foi o que me salvou, porque senão até o dia de hoje eu não teria nada.

O despertar dos meus problemas de mulher começou a surgir realmente na Polônia. Foi uma experiência pra mim muito rica, muito mesmo. E foi gozado porque lá comecei de uma certa maneira a criar problema com os outros amigos, com os outros casais porque eu era aquele tipo de mulher mesmo nordestina: fazia a comidinha gostosa, lavava roupi-

nha pro meu marido, passava tudo limpinho, fazia cafezinho e tudo. E via que na casa deles não era assim, mas eu fazia. Uma coisa acho bacana no meu marido, é que ele nunca teve problema com fazer as coisas em casa, cozinha melhor do que eu, faz tudo. Foi ele quem cuidou do menino nas primeiras semanas – e era um negocinho desse tamanho – eu tava tão ruim psicologicamente que não podia... Era ele que banhava, trocava as fraldas, tudo. Mas no fundo eu me sentia mal que ele fizesse, tal era o condicionamento. Até que um dia ele se fartou e disse: 'eu não quero ter mulher perfeita, não casei pra isso, pelo amor de Deus!' E foi aí que meus olhos se arregalaram duas vezes mais e eu pensei – tô fazendo besteira aqui! Mas isso eu trago... é todo tipo de educação nordestina de que tu não escapa, vai acumulando, vai engolindo e depois pra botar pra fora tudo e trocar os valores... e o pior é você reconhecer que não é assim, que não deve ser assim, que pode ser diferente.

Meu filho é realmente polaco, nascido lá,
é polaco mesmo!

Pra mim foi uma coisa ruim a experiência de ter um filho na Polônia. Fora o impacto de ser o primeiro filho que me marcou muito, muito, eu estava numa situação extremamente precária, estava há poucos meses lá, não falava uma palavra da língua. Nada, nada. E tive a criança assim. Dizia a mim mesma: se eu sinto alguma coisa aqui não posso pedir ajuda, o que é que eu vou dizer pra eles? Não havia dentro do hospital uma pessoa que falasse uma das línguas mais acessíveis. E depois que você tem a criança fica incomunicável – nem vê o marido nem ele vê você e a criança. Fiquei duas semanas no hospital sem ver ninguém. Não pude abrir a boca até que chegou um médico que falava inglês, e quando vi uma pessoa que falava uma língua que conhecia, eu só fazia chorar e gritar: você fala, você fala a mesma língua que eu falo! Me agarrei nesse homem de tal forma que ele pensava que eu estava louca. A primeira coisa que pedi foi pra ele ir ver se o Alexandre ainda existia, sei lá, eu sabia que tinha tido um filho mas não sabia nada dele. Se ele estava vivo ou não eu não sabia. Passei vinte e quatro horas assim... Tinham me mostrado a criança, evidente, e disseram: é homem, tá inteirinho, tá certinho, tatati tatatá, e pronto. O que eles disseram eu não entendi, mas vi eles levarem a criança pra sala de prematuros e o período mais difícil são as primeiras vinte e quatro horas: aí é que se vê se o bichinho agüenta ou não.

Bom, primeiro me botaram no corredor porque não tinha lugar, depois esvaziaram uma cama e me puseram lá, eu fi-

quei sem saber de nada, a cabeça a trabalhar, a chorar que nem uma condenada, sem saber o que fazer.

Eu me lembro de um episódio... quando falo nisso hoje até rio, numa tranquilidade... Antes de entrar no hospital o meu marido tinha me dado um papel pequeno com as palavras mais importantes e do lado a tradução. Lembro-me que na metade do parto eu fazia tudo errado, não sei, acho que pelo nervosismo; aí procuro o tal papel e jogo pra enfermeira e a mulher no maior riso tratando de fazer a tradução... E houve aquele momento em que a parteira fez uma cara feia pro médico, não sei o que foi, e ele me largou uma baita duma injeção. Eu não sei pra que era e nunca vou saber... Realmente uma situação assim meio louca! E olhe que foi um parto normal, super normal. O que não foi normal foi a situação psicológica em que eu estava, o clima de insegurança e angústia.

Ao sair da sala de parto eu disse a mim mesma: o primeiro minuto em que eu puder andar (e foi naquela mesma noite) vou procurar o lugarzinho onde tive o menino, tenho que voltar lá. E fui. Procurei por todos os cantos do hospital, achei a sala e pra minha felicidade tinha uma mulher tendo nenê. Fiquei parada, parada assim olhando, eu estava tão traumatizada, precisava rever tudo aquilo. Sei que o médico me viu, deu o maior esbregue, provavelmente tava me xingando mas eu tava pouco ligando. Eu precisava daquilo senão ficava imobilizada no ar. Depois fui embora tranqüila.

Mas ainda hoje digo pra mim mesma, e digo pra quem quiser ouvir. Não tenho mais filho num raio de país onde não fale a língua, não tenho mais, de jeito nenhum. Nunca!

Nos dias seguintes o médico me dava um relatório enorme mas eu não entendia patavina. Só sabia do meu filho quando eles me traziam. Então eu o via, palpava, e nem isso podia fazer direito porque na Polônia eles têm mania de enrolar toda a criança, não sei como é no Brasil. O Alexandre parecia uma galinhazinha. Eu só via a carinha dele que era do tamanho da minha mão. Quando o vi desenrolado, me perguntei... meu Deus, por onde é que agarro? Era um pintinho! Agora, cuidar daquilo tudinho, no princípio foi muito difícil. Mas a Polônia tem os seus lados positivos também. Em cada bairro há uma seção de médicos, uma enfermeira por criança a quem não se paga nada. Ela passa uma ou duas semanas em sua casa quando você volta do hospital. Já é uma ajuda, não? Mas mesmo assim eu estava ainda tão mal que só fazia amamentar... Não era capaz de mais nada.

Foi tudo tão irreal, tão confuso que fiquei com a sensação de que não tinha parido, que o menino não tinha saído de mim, foi estranho mesmo... Acho que me lembrei por causa da sua fra-

se: 'não quero ter filho em francês'. É um momento tão seu, que estar numa situação como a que eu vivi tira tudo da sua intimidade, você fica sem nenhum marco de referência seu, sem nada seu. Não sei, eu acho que isso foi que me deu uma impressão assim: será mesmo que ele saiu de mim? Será mesmo? Foi uma situação horrível. Por isso era importante eu voltar à sala de parto igual a um ladrão que rouba. Tinha que voltar lá, tinha que ver uma mulher parindo, tinha que ver, porque se não nunca mais ia parir na minha vida. Uma tristeza!

Bissau, 15/4/77

...Deixa eu te dizer que nunca estive tão feliz na minha vida como aqui. Bissau é uma cidade do interior do nordeste brasileiro. Realmente me sinto em casa, é como se estivesse de volta de uma longa e complicada viagem e finalmente a tranquilidade, a beleza do contato humano puro e direto, enfim, é como se estivesse invadida inteira por uma alegria de viver que não consigo curtir sozinha, tenho que reparti-la com os outros. Trabalho que nem louca, não tenho muito tempo para mim, tô na lona, porém contente pra burro! ... Todas as fossas e angústias sumiram como que por encanto. Desde que botei os pés nesta cidade sou toda risos, totalmente receptiva para tudo o que se passa, pronta para ajudar a quem precisa. Me sinto útil e isto me dá uma alegria de viver enorme. Cresci nestes dois meses que estou aqui de uma maneira incrível. O fato de estar trabalhando, ganhando minha vida, enfrentando meus problemas sozinha, resolvendo tudo, me dá a segurança de que eu estava precisando.

... Uma coisa te digo: não quero saber mais de viver na Europa, depois que conheço a África. Não saio daqui enquanto não mudar a situação no Brasil.

(fragmento de carta de Fátima Freire Dowbor)

Vânia
Janeiro de 1977

A divisão revolucionária do trabalho

HONESTAMENTE, RESOLVI SAIR DO BRASIL porque tinha um medo desgraçado. Antes disso, tentei romper com a organização por discordância política: eu achava aquilo de ações armadas na cidade uma loucura. Num último contacto, tomei a decisão final. Estava muito assustada...

Quando rompi com a organização, senti uma insegurança muito grande. Havia toda uma pressão do meio, toda uma inquietação de ser ou não ser aceita, todo um dilema de abandonar, de trair... Contudo, várias vezes me perguntei o que estava fazendo ali, se achava que tudo aquilo não ia dar em lugar nenhum. Me questionava como gente, não como mulher.

Como mulher, influi a pressão que a organização de homens exerceu sobre mim. É uma coisa muito curiosa – e não sei como isso se passava em outros lugares – mas na minha organização a mulher funcionava como o homem da casa, ou seja, éramos nós que, por questões de segurança, mantínhamos nossos companheiros. No meu caso, por exemplo, era eu quem tinha um emprego, enquanto meu companheiro lia, estudava, participava. Ele era um profissional! Assim, e apesar das organizações serem umas igrejas muito fechadas, a ponto de não se poder receber os amigos em casa, nós mulheres continuamos mantendo o contacto com o mundo de fora.

Nesta divisão revolucionária do trabalho, pesou um montão de coisas: toda uma formação no que diz respeito a sexo, família, e a negação dessa mesma formação. No fundo era todo um aproveitamento desta situação, porque as mulheres sustentavam os

homens e os homens se dedicavam aos grandes trabalhos da revolução. Mas nós também militávamos, tínhamos responsabilidades, assistíamos bases, quer dizer, fazíamos tudo. É verdade que em casa tínhamos uma forma de organização mais ou menos racional, mas isso não significava que tivéssemos superado uma série de problemas. Eu me sentia como aquele ser inferior que possibilitava aos seres superiores ficarem lendo o dia inteiro. Isso teve muitas conseqüências na própria estrutura emocional da gente.

Confesso que sempre tive uma visão bastante clara do processo e logo comecei a contestar. Nestas ocasiões eu era acusada de medrosa e muitas vezes até aceitei essa acusação. Eu me sentia muito insegura... Nesta organização as mulheres tinham pouquíssimas possibilidades de ler, eram muito mais ignorantes que os homens – e são até hoje, porque esse processo continuou no exterior, continuou mesmo. A gente tinha condições de enxergar um pouco mais que eles, mesmo sem ler. Mas o que nos impossibilitava de manter um debate, de impor a nossa posição, era um complexo de inferioridade danado. A gente não lia, não tinha grandes vocabulários marxistas, mas podia ver que estava tudo errado porque tinha contacto com o mundo. Os homens, os ditos profissionais, ficavam trancados dentro de casa, entre quatro paredes, conversando, discutindo, fazendo longas reuniões, enquanto a história acontecia lá embaixo. Eles fechavam bem a janela pra não ouvirem o barulho, não serem perturbados durante as reuniões decisivas. Nos encontros mais informais, falava-se, discutia-se, apareciam as visões mais diferentes. Mas na reunião coletiva todos eram enrolados, e as mulheres ainda mais que os homens. Isto porque as opiniões definitivas eram sempre as mais corajosas. Todo mundo queria estar na linha de frente da coragem e a discordância era considerada como uma proposta prática de recuo.

Isso se tornava claro quando se levantavam objeções e a resposta era a acusação de medo, covardia, desbunde, traição. Mas é óbvio que você fique com medo quando está vendo que o negócio vai dar num buraco. Só que a gente era incapaz de fazer este tipo de raciocínio naquela época e naquela circunstância. Quando se discutia e alguém me acusava de ter medo, eu voltava atrás, não era capaz de chegar à conclusão de que tinha realmente medo e, ao contrário, pretendia provar que não tinha permanecendo naquilo. Qualquer pessoa podia, em princípio, fazer sua mala e ir embora, se desligar. Mas para isso precisava de uma baita coragem que ninguém tinha. Nem eu.

Hoje sei que quando dizia – não estou preparada, não tenho condições – eram desculpas de mulher que eu dava para não enfrentar a situação. No fundo não tinha coragem de dizer: não

acredito nessa porcaria, isso vai me comprometer mais ainda. Mas pelo próprio trabalho, a gente via que a repercussão daquilo era muito pequena, sabia que não ia dar em nada, e se guardava com subterfúgios de mulher. Havia uma grande ambigüidade na nossa atitude, porque em termos de militância a opção estava feita, em termos de caminho é que existia uma insegurança muito grande de nossa parte. Então a mulher ia com o marido, ou até mesmo com o grupo, permanecia naquela dependência - que no fundo era a dependência do pai, da mãe - mesmo que fosse uma mulher independente.

A minha geração passou por todo um processo de emancipação que começou na faculdade e que, na minha opinião, foi muito artificial: se negou uma série de valores só por negar. Também a nossa vivência dentro das organizações tem muito disso e acabamos substituindo uma dependência por outra. Daí, talvez, a incapacidade de levar o que se pensava às últimas conseqüências. A gente começava a discordar, mas quando se defrontava com o rechaço do grupo, mesmo sem estar convencida a gente se submetia, aceitava.

Não é que as mulheres tivessem tarefas diferentes dos homens, não. Era um processo natural: no começo éramos todos iguais, mas no fim as mulheres ficavam no movimento estudantil. Nós participávamos das ações, mas os treinamentos para as mulheres eram menos intensivos. E além do mais, tínhamos a tarefa fundamental de manter as casas. Isso não estava escrito em parte nenhuma, mas na prática todas as mulheres faziam isso.

Em relação à questão das tarefas domésticas, todos os homens eram meio domésticos, lavavam pratos. Não era grande desdouro, não era essa a questão. Naquele esquema isto fazia parte do espírito revolucionário. A mulher deixou de ser virgem, o homem deixou de ser macho, lava pratos, faz comida, é bom cozinheiro. Eu acho que isso não era o fundamental. As análises, as grandes análises, a estratégia e a tática, isso era o que importava. E isso eram eles que faziam.

O comando era quase que só de homens. Aparentemente as mulheres eram solicitadas a dar opiniões. Mas se aprofundar, surge a concepção machista que tem no sertãozinho velho, só que lá ela é pura. Você chega no sertão e o gajo te diz com a maior tranqüilidade: 'eu sou um desgraçado porque eu tenho oito filhas mulheres'. E você de saia, na frente dele. Mas ele é um tipo do sertão que acha que a luz que alumia a casa vem do raio, não tem o menor problema de dizer que você é um ser inferior porque você é um ser inferior para ele. Esta é a sua verdade absoluta. Agora, com todas as sofisticções da Faculdade de Filosofia, o revolucionário pensa: ela sai, trabalha, sustenta a

casa, milita, então eu lavo prato, lavo a roupa, cozinho. A igualdade é só nesse nível.

As crianças não existem. Existem só as que já estavam lá antes. Não se fazem novas crianças porque as crianças são um subterfúgio das mulheres. Uma mulher tem suas tarefas revolucionárias cerceadas pelos filhos, uma mulher – quero que fique bem claro que não era um homem e uma mulher – só a mulher. Ter filhos é coisa de mulher, é uma fuga da posição revolucionária. E isso era uma fórmula acabada. Era aquela total distância do povo: ter filhos, tá fadado a não fazer revolução. No Brasil, se você fazia revolução, não tinha filho, não bebia, não dançava. Tudo que era do povo era negado.

‘Eu confio em você’

Minha família é uma família de intelectuais, e o pessoal sempre se interessou muito por política. Desde sempre acompanho eleição e pequeninha torcia pelo Jânio. Meu pai era tremendamente repressivo, moralista, mas tinha uma concepção muito avançada de cada um assumir as responsabilidades do que faz. Com onze anos eu tinha licença pra viajar sozinha e a chave de casa, mas não podia usar vestido curto nem baton.

Meu pai foi apaixonadíssimo pela minha mãe, até o dia em que morreu. Tinha ciúme dela. Barrigudo, de perna fina, o seu grande sonho era construir um pedestal e pôr minha mãe lá em cima tocando piano pra ele. Minha mãe era uma pessoa muito aberta, mas era uma super-mãe. Não aprendi nada de casa, costurar, cozinhar, porque eles queriam que eu tivesse uma profissão. Minha mãe era a mais fanática: nada de dona de casa, nada de curso normal.

A atitude da minha família de dar muita responsabilidade era no fundo uma exigência de perfeição. Essa história do ‘eu confio em você’ me dava muita insegurança. Se por um lado me permitiu enxergar muita coisa, por outro era um controle que ia muito no fundo.

Meu pai era do estilo compreensivo. Uma vez eu andava com a cuca fundida por causa de coisas de política e ele me chamou: ‘olha, se você estiver grávida e não quiser casar, não tem nenhum galho, conta pra mim’. Mas no fundo era muito repressivo. No relacionamento homem-mulher, o moralismo do meu pai, de toda a estrutura familiar, sempre predominou. Sempre procurei ser coerente com minhas idéias, mas tinha contradições violentas, minha cuca fundiu várias vezes. Vivi com meu marido vários anos por uma questão de moralismo, porque no segundo ano já não queria mais. Mas continua-

va só porque ele era o meu marido. Só separei depois que meu pai morreu. Eu contestava milhões de coisas, contestava a relação, contestava o homem, mas não contestava o marido, o pai do meu filho. Foi um casamento meio louco, a gente vivia junto, tava separando e resolvemos solucionar o problema casando. A organização também entra na história: casar para ter uma fachada. Mas isso é racionalização, pois de fato eu vivia com o cara. Entrei mesmo foi no esquemão da família.

Passei um tempo sem estudar, fiquei doente, fiz madureza e entrei na Faculdade. Já no cursinho comecei a participar, ler, discutir, torcer pelo Arraes. Comecei no movimento estudantil, na JEC embora não fosse católica, porque era a organização que havia. No cursinho eu já tinha um certo nível de clareza sobre algumas coisas. Então foi aquele chá em cima: todas as organizações querendo me ganhar.

Resolvi trabalhar quando comecei a cogitar sobre a questão duma militância definida. Eu trabalhava pra ficar independente. Portanto, o emprego é uma consequência da opção de militar, pra ter liberdade nessa militância, levando em consideração que se houvesse oposição da família eu poderia sair de casa, mas isso não foi necessário. Houve brigas homéricas, minha mãe sabia que eu ia nas passeatas. Ela dizia: 'eu vou com você', eu dizia - vem - ela vinha, era uma chantagem. Foi uma militância bastante intensa numa organização de massas com algumas aspas. Todo mundo estava inserido no mesmo mundo, todos estudavam, todos trabalhavam, não era a seita fechada da organização armada.

Conheci meu marido num setor de cisão dessa organização. Ele influenciou muito no fato de eu ter entrado na organização armada. Pelas minhas idéias, talvez tivesse acontecido de outro jeito, mas a gente fica no terreno do talvez. De qualquer modo, minha opção estava feita, minha vida estava dada. Hoje me pergunto se o relacionamento com ele não influenciou na escolha do caminho. É possível. Mas a decisão de sair da organização, esta decisão foi minha.

Crime e castigo

O exílio começou por tornar claro o esquema de vida familiar que a gente tinha no Brasil. Assim que cheguei tomei a iniciativa, fiz vinte currículos, bati em todas as portas e consegui um emprego. Pressionei meu companheiro para fazer o mesmo, mas era um negócio que ele não conseguia, sair batendo nas portas e dizer: 'olha, eu estou aqui, quero um emprego porque não posso viver sem um emprego'. No fundo, para ele, isso não era muito necessário pra sobreviver. A gente re-

cebia dinheiro do Brasil. Então ele continuava sendo sustentado como sempre fora, não era ruptura nenhuma pra ele. Pra mim era uma ruptura começar a receber dinheiro da minha família, porque a minha opção política foi assumida junto com a minha opção de trabalhar.

O que começa a existir no exílio, do ponto de vista afetivo, é fundamentalmente um pouco de insegurança em relação ao marido, ao homem, porque bem lá no fundo a gente pensa – que raio de cara que não vale nada, que não sai para arrumar um emprego. Então aquela imagem que você tinha daquele cara importante que era o revolucionário, que era o cara que sabia tudo, que fazia tudo, começa a se diluir. A mulher avançada que você é sente um desprestígio porque, poxa, afinal o companheiro não é tão revolucionário, não voltou pro Brasil, e começa a duvidar. Então você não diz o que sente mas demonstra e tudo isso vai minando a relação.

Fiquei grávida, queria ter um filho, aí comecei a discutir com ele: você quer ter um filho? Se você não quiser eu vou fazer um aborto. Depois me recompuz: não, nada disso, eu quero ter um filho. Foi neste momento que assumi realmente a posição de quem decide na casa. Aí ele concordou, concordou mas não assumiu. A nossa foi uma relação que se estruturou dentro duma conjuntura, mudou a conjuntura... Teria mudado no Brasil. Mas aqui era o resultado da própria instabilidade do exílio. Começamos a buscar outras coisas, fazíamos planos de estudo, todas essas coisas, mas do ponto de vista político a minha posição era clara. Era negar, era um momento de total negação, sem nada pra colocar no lugar. Isso dá um vazio muito grande pra quem dedicou a vida, deu a vida à política.

Fugiu mais da organização do que da polícia. Tinha a certeza absoluta que se eu não tivesse contato com a organização, a polícia não me pegava nunca. Por isso tinha um problema sério que era o problema do rechaço: eu era a culpada, tinha saído do Brasil, era a 'desbundada' que estava arrastando o bonzinho. Na verdade, vem quem quer, mas você não analisa, não lembra que não botou nenhum revólver em cima de ninguém. Eu disse: vou embora, e é claro que queria que meu companheiro viesse comigo. Mas eu dizia: você quer ficar, você fica, eu estou doente, estou isso ou aquilo, mas tenho condições de sair. Ele nunca me dizia 'você foi culpada'. Mas pros outros dizia: 'ela estava doente e eu vim trazê-la', quer dizer, ele não 'desbundou', quem 'desbundou' fui eu.

Um dos grandes traumas do exílio foi a retratação junto do grupo social, porque eu era a pessoa que errou. Tinha sido aquela pessoa horrorosa, a má das estórias infantis. Eu era a que negou, a que fugiu. Eu aceitava tudo isso e procurava me retratar. Aque-

le era um esquema muito neurótico. Então devia me penitenciar. Foi o meu período de penitência. Não que a organização estivesse lá presente, mas bastava ter uma pessoa que pra mim já simbolizava o peso daquilo tudo. Eu era aquela desgraçada dentro de um esquema bem cristão de Adão, Eva e a serpente. A penitência foi uma das coisas mais importantes do exílio e só me livrei dela bem recentemente. Me sentia culpada e o meu castigo foi não estudar, não me formar, não construir uma profissão. Sempre procurei que meu companheiro fizesse tudo isso, mas nunca fiz. A retratação foi essa, a penitência, o castigo.

Eu queria ir para um lugar onde não houvesse nenhum brasileiro. Aí chegaram os 70. Eles iam conversar com as 'pessoas fracas' e exigir explicações, saber porque elas tinham saído do Brasil. Eles eram os donos da verdade, e logo me senti condenada. Eu era o mal de todos e, para me punir, decidi não estudar, embora nesse momento tivesse surgido a oportunidade. Fiquei em casa. Quem buscou a casa fui eu, dentro daquele esquema de penitência. E durante um período da minha vida, não fiz nada a não ser cuidar do menino e da casa. O menino era muito pequeno mas eu podia perfeitamente mandá-lo pra escola. Cuidar dele foi uma escolha minha, foi a forma que encontrei de me isolar. Todo o mundo estava lá, então foi a maneira de me fechar e de me defender do grupo. Passei a cuidar do menino. Em casa.

Eu participava das discussões, dos seminários onde se faziam as autocríticas e se traçavam as grandes linhas políticas. Participava mas não conseguia estudar nada de novo. As minhas intervenções eram em função do que já tinha feito no passado. A partir daquele momento eu era incapaz de criar: era uma negação total, inconsciente, daquilo tudo. Passei a militar numa organização sem acreditar em nada daquilo. Como todo mundo militava, eu também ia. Fazia parte da minha penitência agüentar aquelas reuniões sacais, aquele alto marxismo.

O menino foi ao Brasil. Então foi aquele período meio artificial em que você sai muito. Voltei a ser aquela companheira de almoços, jantares, um monte de coisas das quais eu me tinha retraído. Quando o menino voltou inscrevi-o na escola, comecei a participar na frente de mulheres e retomei praticamente uma dinâmica de vida.

A minha motivação para me integrar com as mulheres tem a ver com a minha necessidade de me integrar em alguma coisa, de ter um contato estreito com os chilenos. Poderia ter sido outra coisa, pois o desejo de trabalhar com mulher não foi o fundamental. O fato é que eu estava totalmente isolada e não queria passar pela colônia brasileira pra absolutamente nada. Conheci uma chilena que

era de um *centro de madres*¹ e foi através dela que comecei a participar.

Já estava me relacionando com a comunidade, o que me permitia sair de casa e ver muito melhor as coisas. Mas em casa continuava a penitência: ele era o revolucionário, participava politicamente, então tinha direito a isso e àquilo. À noite, quem ficava com o menino era eu. Eu era culpada de ter o filho e disso só vim me libertar há muito pouco tempo. Era aquela coisa morna onde eu ia aceitando as coisas. Percebia certas coisas, tinha uma revolta interna, mas não dizia nada. Comecei a trabalhar, comecei a me abrir pra vários tipos de atividade, comecei a militar em partido chileno e pude ver porque a imagem dos revolucionários brasileiros tinha caído pra mim. Comecei a ver que político é o cara que tem condições de se relacionar com o povo e toda uma série de coisas que começaram a ter um novo peso, uma nova importância. Começou a existir pra mim uma alternativa para aquele processo de negação pura.

Aquela imagem dos grandes revolucionários que ficavam em casa fazendo reunião passou a ser a de indivíduos que cultivavam o seu ego, alheios ao processo concreto. Só pra citar um exemplo: tinha acabado o *paro*² de outubro, quando um indivíduo foi à minha casa e eu lhe perguntei em que frente de trabalho estava. Ele me respondeu: 'nenhuma, nós estávamos no pleno, discutindo a linha da organização'. Eu lhe disse num desabafo: olha, meu filho, então vocês não aprenderam nada e eu não quero nem ler a linha dessa organização que deve ser uma porcaria.

O problema era romper o sentimento de culpa em relação a própria vida. Ter que se manter no trabalho, ter que assumir o filho sozinha, todas as coisas materiais, ao mesmo tempo em que sentia uma incapacidade de assumir as coisas intelectualmente muito elevadas, embora estivesse estudando, embora fosse respeitada no trabalho. Na cuca, tudo isso não era suficiente.

Não tinha mais sentido continuar aquela relação neurótica. Acho que influiu o fato de meu pai ter morrido, de já não existir mais aquele negócio de família, satisfações a dar, porque no fundo a gente sempre mantém esse esquema. Rompi. Logo depois foi o *tancazzo*³. Aí voltou a culpa outra vez.

1. organização de mulheres no Chile; equivale a clube de mães.
2. greve em outubro de 1972 no Chile organizada por donos de caminhões com o objetivo de depor o governo da Unidade Popular.
3. primeira tentativa militarizada de golpe para derrubar o governo da Unidade Popular, em julho de 1973.

Particpei no *tancazzo* e não cheguei a ficar com medo. Fiquei foi decepcionada, vi que aquilo não era nada, e comecei a contestar a possibilidade de resistência, com a culpa de novo me roendo. Estava todo mundo de guerrilheiro heróico, numa de fazer a revolução chilena e eu pensando em entrar numa embaixada um mês antes do golpe! Eu racionalizava, botava a culpa na criança: tenho um filho e vou fazer esse esquema de embaixada. Era ainda aquele medo de enfrentar o meu grupo social, aquele medo de romper.

No dia do golpe meu companheiro me diz: 'você que não tem perspectiva vai com o menino pra embaixada, eu fico aqui'. Do ponto de vista afetivo foi a grande ruptura, porque fui embora e ele ficou. Depois ele foi pra outra embaixada, como era de se esperar. Assumir a imagem de grande revolucionário era simplesmente descartar algumas coisas práticas e não assumir outras comezinhas e chatas. É o tal desligamento do povo. Então você fica na resistência porque quem não fica na resistência vai às compras, cuida das crianças, vende o carro, faz a mudança, sabe como carregar, mil macetes.

Volta à origem

Me senti isolada fisicamente, os meus amigos antigos não queriam muito papo comigo. Só então percebi a coisa mais natural do mundo, ou seja, que você vai conquistando as pessoas de acordo com o que você é, e que as pessoas podem reconhecer valor no seu trabalho e em você mesma independentemente da sua posição política.

Você começa a descobrir outras coisas que são fundamentalmente humanas. Deixa de ser herói e começa a ter aquelas fraquezas humanas, como o amor, amizade, coisas que até então lhe eram proibidas ou tidas como sentimentalismos bobocas. Começa a entender que o processo político não é feito por super-homens e sim por homens normais, pessoas do dia-a-dia, que comem, dormem, tem tristezas, amam, choram. E você começa a querer ser gente comum, a se interessar por uma profissão. Antes, eu só sabia me sacrificar em função disso, daquilo, do dever, da culpa.

Começo também um processo de busca de uma alternativa de luta pela transformação social, que incorpore a aprendizagem desses anos todos. É nesta busca que insiro o que chamo de volta ao seio materno. Essa volta às origens foi para mim um ato de afirmação, de assumir uma posição. Você recusa aquele grupo que te pressionava, mas ao mesmo tempo não fica sozinha: se liga a um outro grupo que te dá mais segurança.

Beatriz
Outubro de 1977

Eu não tenho nada para dizer... O que é que vou dizer para contribuir?

NÃO HÁ NENHUM PROBLEMA POLÍTICO que me fez sair do Brasil, não tenho nenhuma transação política lá. Nunca vivi uma situação de violência contra mim, nunca abri a boca pra falar nada contra, nunca fiz parte de qualquer tipo de movimento para provocar mudança, então isso – claro – nunca foi reprimido em mim violentamente, nunca... Descobri que foi de outra forma que as coisas se passaram...

Quando você falou em fazer uma entrevista comigo, pensei: não tenho nada para dizer, o que é que vou dizer para contribuir? E fiquei preocupada porque sinto que ainda não tenho uma linha de pensamento definida, não posso tomar partido porque ainda estou num processo de conhecer, pego um monte de informação e absorvo sem mesmo filtrar...

Todo o meu crescimento aqui não foi só na parte de conscientização política, foi a conscientização de uma menina que veio para o exterior sem saber o que ia fazer da vida dela, só porque ganhou uma bolsa de estudos, mais ou menos por acaso! Uma pessoa sozinha nos Estados Unidos, solteira, sem família, uma pessoa muitíssimo ligada à família, que chora à toa, telefona pra casa chorando...

Foi simplesmente ter que ser uma pessoa independente, fazer as coisas por mim mesma: chegar aqui, arrumar casa para morar, ver o que ia comprar no super-mercado – eu nunca fiz isso na minha casa, nunca decidi o que ia comer o que não ia comer, preço, não sabia nada de preço! – batatas, quantas batatas tenho que comprar? Quantas cebolas? Quanto leite vou tomar por semana? Então, no

princípio, a minha independência foi essa; a de uma pessoa sozinha num lugar desconhecido, sem ter amigos, sem ter ninguém.

Depois que me adaptei é que fui ter tempo para pensar. Informações que não tinha no Brasil começaram a chegar até mim, e despertei para a parte política. Agora estou querendo me formar, e sei que tenho um caminho imenso, imensão a percorrer.

Um processo assim de pensar – quem sou eu, de que faço parte, qual meu papel nessa vida – pode parecer uma coisa meio pateta, mas acho que começou quando eu escutei uma palestra do Abdias do Nascimento. Ele foi à cidade onde eu estudava para fazer uma conferência, e fez uma crítica de um filme pra gente que fala que o Brasil era um paraíso racial, que não havia preconceito lá... Isso foi logo que cheguei, e aceitei todas as idéias dele – é isso mesmo, o preto tem que lutar! E o meu primeiro tipo de leitura relativo a uma perspectiva ou vontade de mudança nos EUA foi ligado ao movimento dos negros.

Fui confrontada com esse tipo de leitura, e logo com muitos outros. E lia de início sem visão crítica, sem ser capaz de fazer opções. Se era Malcom X, eu achava que o único meio de mudar seria através da violência, se era Ghandi, tinha vontade de acreditar na natureza humana e no pacifismo... Meio perdida...

... tava com medo de não dar conta, de não conseguir.

Pensando bem, sempre tive vontade de sair. Quase fui como professora primária pra Rondônia, e me interessei por um emprego como psicóloga na África... Aventura! Aventura de provar que eu era independente, que sabia fazer as coisas por mim mesma. E como todo mundo dizia 'a Beatriz sabe o que faz', eu tinha que continuar alimentando a imagem que o pessoal tinha de mim. Não era um projeto profissional, esse negócio de bolsa de estudos – fazer mestrado, Ph.D. – estava tão longe de mim!

Mas, ganhei a bolsa e foi aquela correria toda, e já então não queria mais sair do país, porque entrou um cara em minha vida. Ele era casado, mas isso não me criou nenhum conflito. Ele entendeu muito grilo que eu tinha, não exigiu nada de mim. Todas as relações anteriores me ameaçavam muito, porque era logo 'vamos pra cama', e eu não tinha estrutura pra agüentar esse tipo de coisa de jeito nenhum. Com ele foi diferente. Chegou um dia em que falei: Olha, eu gosto de você, já estou muito envolvida e essa situação está ficando

desgastante . Acho que isso foi sensacional! Foi uma emancipação tão grande da minha parte como mulher eu poder falar, e assim viver minha primeira experiência sexual.

Nossa, aí partir foi terrível! O que é que vou fazer nos EUA? Não quero, não quero ir, não me interessa, a coisa mais importante nesse momento é ele... E... eu não tinha coragem de desistir da bolsa. Não eram expectativas de minha família só não, eram de todo mundo, da minha Universidade, de meus amigos – a Beatriz vai pros EUA! E eu, nunca tinha pensado ou planejado isso. No avião, tive ódio de estar dentro, não queria, tava com um medo, medo terrível de não dar conta, de não conseguir.

Tudo me foi vetado, tudo!

Saí do Brasil sem a menor perspectiva, sem saber o que fazer. E aí veio tudo junto! Foi tudo paralelo, aconteceu ao mesmo tempo, foi um impacto, uma coisa incrível, tudo foi novíssimo para mim!

Conheci muita gente diferente – logo de cara outros estudantes brasileiros – e começou meu processo de conscientização política. Pois é, lá no Brasil ninguém conversava sobre política comigo, vai ver até pensavam que eu era dedo duro, quem sabe? Mas aqui falavam... Todo mundo estava sozinho, todo mundo querendo se juntar, sem nenhuma idéia *a priori* sobre os outros, e, sem medo. Sem medo porque as defesas caem muito... ‘quando voltar vão me perseguir porque eu disse isso ou aquilo...’, mas na hora em que você está usufruindo do gozo de poder falar, é diferente. Depois, repare o seguinte: me deram o *Latin American Political Repport* e outros jornaizinhos pra ler, mas ninguém estava se comprometendo num ato subversivo por mostrar um jornal que tem na biblioteca. A existência da liberdade legalizava qualquer jornal, né?

Eu e uma outra amiga – eu só tinha a ela e ela só tinha a mim – desesperadas, achando os americanos uns bolhas, umas pessoas frias, que não entendiam o que era estar num lugar sem saber falar a língua, um lugar completamente diferente, uma cultura completamente estranha... Ah, eu era tão independente no Brasil, pensava, saía com um bando de gente; aqui não posso fazer nada: é ir pra aula, voltar, dormir, acordar no outro dia para a mesmíssima coisa... E a gente começando a descobrir, lendo os jornaizinhos avidamente, no maior masoquismo. O golpe no Chile... eu não me lembro de ter lido sobre o Chile nesse nível, o golpe tinha passado por mim assim em brancas nuvens, realmente tudo me foi vetado, tudo, tudo... E líamos

o *Anistia*, que falava sobre o Brasil. Em estado de choque, APAVORADAS! Não conseguíamos dormir, chorávamos, e começamos aquela negação de nós mesmas, nos botávamos lá em baixo – não sabíamos NADA! Foi a minha Idade Média, porque foi só uma autocrítica destrutiva da qual agora felizmente já saí. Mas então, ficávamos deprimidas, angustiadas. O que me vinha à cabeça era: por que é que esses outros brasileiros que eu encontro aqui, viveram a mesma época do que eu, não eram tão mais velhos assim, porque eles têm um tipo de visão que não tenho? O problema era meu, problema de criação. E eles, que filhos da puta, eles conseguiram alcançar o objetivo deles, a lavagem cerebral. Eliminaram aquela geração que podia ter influência e começaram a cultivar outra, na base da educação moral e cívica, Semana do Exército, hinos, propaganda tão bem feita, em cores – que lindo – na TV. Que vergonha, como é que isso pode ter acontecido comigo?

Foi quando ditadura começou a ser sinônimo de Brasil. Antes, me lembro minha mãe contando que na ditadura de Vargas eles mandavam dispersar bolinho na esquina, e pra mim ditadura era aquilo: não pode parar pra conversar na esquina! Bom, então tudo aconteceu junto. O *Latin American*, o *Anistia*, e até *Veja* – passando ensebada de mão em mão (eu lia *Veja* no Brasil: o Millôr, Ambiente, Comportamento, Teatro, Cinema...) lida de ponta a ponta. Comecei a comprar os jornais dos estudantes socialistas e fiquei toda orgulhosa me vendo em posse pela primeira vez de um jornal com a foice e o martelo! Um cara no *campus* me ofereceu, eu parei – não posso explicar a sensação que tive, mas era uma sensação de poder individual – e pensei: posso comprar isso, posso escolher não comprar e o que é ainda mais importante: não deixar de comprar porque eles estão escondidos ou não podem ser publicados, o que é bem diferente; se eu não comprar é porque não quero. Comprei, lógico. Foi tão importante essa, tem tanto detalhe pequenininho que foi absolutamente grande...

E ler um cara metendo o pau no Ford, chamando de imbecil? Pensei assim: mas ele não pode fazer isso, está falando do Presidente, depois parei: olha bem o que você está pensando! Isso eu conto, não tenho vergonha de contar, tudo faz parte do meu crescimento, não tenho vergonha não, foi isso mesmo que aconteceu comigo. E, caindo em mim: gente, mas porque ele não poderia falar contra o Presidente? Uma situação tão completamente diferente da que eu estava acostumada no Brasil... não podia falar nada, o deputado que falou contra o bigode do Pinochet não foi cassado? E eu com um sentimento de culpa: meu Deus, o que é que fiquei fazendo vinte e três anos da minha vida?

Nasci em 1952. Era uma vida difícilíssima, o meu pai trabalhando às vezes até vinte e duas horas por dia, minha mãe sempre grávida. Três dos filhos morreram, se fôssemos todos vivos seríamos nove. Como era difícil ficar com todos em casa, começamos a ir pra escola muito cedo. Isso para mim foi horrível, estava sempre atrás no amadurecimento. Quando entrei para o ginásio as outras já estavam mocinhas, usando *soutien*, gostando de hora dançante, e eu não tinha amigas. As de minha idade estavam na classe abaixo da minha e as meninas mais velhas não tinham papo comigo porque eu era uma boba. Então foi sofrido, minha vida escolar todinha foi muito sofrida. Sempre deslocadíssima, era uma insegurança!

Com quinze anos eu era reta, só fiquei menstruada com dezesseis. Foi uma luta para me afirmar como mulher! Não podia pensar em namorado, não podia pensar em dancinhas, porque não tinha mama... e, nossa Senhora, que vergonha, que sentimento de inferioridade, uma coisa tremenda! Não contava para ninguém que ainda não era moça... E não sabia, por exemplo, que a menstruação saía pela vagina, não entendia porque tinha que usar *modess*, que era uma coisa inesperada... Todo o dia fazia xixi e olhava bem... Até que veio, foi a glória, e não tinha ninguém pra quem contar, só estava meu pai em casa, e pra ele não ia nunca dizer uma coisa dessas. Tinha muitos mitos sobre isso, achava que doía, que ia morrer se lavasse a cabeça, que não podia sentar direito, enfim achava uma coisa anti-natural!

Era muito magra, muito espinhenta, míope, usava óculos e, naturalmente, tinha muitos complexos. Como a família delega a cada um um papel, você vai ser isso ou aquilo, na minha casa era assim, me lembro como se fosse hoje, 'que beleza fulana' - a minha irmã mais velha -, e a outra, a mais nova, 'é muito charmosa', e... 'a Beatriz, como ela é inteligente'... Eu me sentia a última das pessoas! Todos começaram implicitamente a me aceitar porque era inteligente, então, lógico, tinha que ser mesmo e me transformei no 'geniozinho' da casa, sem ser geniozinho nenhum! Foi uma carga muito pesada, porque amadureci intelectualmente - se é que posso afirmar isso - mas emocionalmente cresci muito pouco, era uma menina lá dentro de mim. Mas todas as pessoas que conversavam comigo diziam: 'ela é tão amadurecida'. Eu era o tipo *intelectual*, ah, tenho tanta raiva disso! O que eu tinha era um medo terrível de assumir o papel de adolescente inconseqüente. E logicamente meus pais incentivavam esse tipo de comportamento, pois para eles os estudos eram mais importantes, eles não puderam se realizar nesse terreno, meu pai não fez universidade, minha mãe teve que abandonar a carreira dela.

Eu me lembro, isso é uma de minhas lembranças mais remotas, de minha mãe dizendo que mulher tem que trabalhar

para ser independente, 'porque quando eu era solteira tinha meu dinheiro... se pudesse voltava à vida de solteira... com tantos filhos para criar ninguém, quis mais me dar emprego, e nós só faltávamos morrer de fome'. Então, casamento não era a única coisa que a mulher tinha pela frente. Ah, mas eu queria namorar, noivar, casar, só que nunca admitia isso. Aparentemente eu não tinha namorado porque não queria, era muito intelectual pra pensar em roupa bonita, em *make up*... E as minhas irmãs todas embonecadinhas...

Eu era a maior puritana, moralista. Era tão reprimida, neurótica, abafada, mas ninguém sabia, porque eu parecia uma pessoa tão agradável, tão simpática. E continuava sendo 'vela' de minha irmã mais velha. Vela, sabe o que é? E tinha ódio, ódio!

Dei ouro para o bem do Brasil

Mil novecentos e sessenta e quatro. Eu tinha doze anos de idade. Minha mãe comprando coisa, meu pai escutando rádio, deitando na cama com o dedo no peito, falando assim: 'minha filha, nós estávamos no último passo pra chegar ao comunismo'. E eu apavorada, porque comunista come criança... Totalmente a favor da revolução. (Foi aqui nos Estados Unidos que pessoas me disseram: 'revolução, que revolução, foi é golpe'). Dei ouro para o bem do Brasil, morrendo de rir. Foi emocionante! Fui numa loja que tinha televisão filmando... eu queria que a televisão estivesse lá na hora em que entregasse a minha doação!

Na minha vida estava tudo normal, normalíssimo. Só o conflito entre meu pai e meu irmão, na mesa do jantar. 'Estudantes? Bandalheira, vandalismo... isso é comunismo... se você não gosta do Brasil, deixe-o...' Minha mãe nunca teve uma atitude, 'estudante é bagunceiro, mas não se deve bater neles', lógico, era o filhinho dela que estava chegando roxo de pancada! A única coisa que ela falava era: 'O custo de vida tá subindo muito, tá tudo caro!'

Pra te falar a verdade, eu achava que meu irmão era comunista mesmo, e morria de medo. Um dia achei uma porção de livros na última gaveta da escrivaninha dele, livros comunistíssimos, marxistas, não sei mais o que. Eu tremia: mas o fulano tá com isso aqui, não pode ser, esses livros estão errados. Não pensei sequer que uma pessoa tivesse o direito de ler o que quisesse; pra mim era normal vetar qualquer tipo de coisa que questionasse o que tava lá em cima.

Fiz o ginásio quase todo já dentro do novo clima, clima de educação moral e cívica... Não me lembro se meus professo-

res questionavam alguma coisa, não consigo lembrar... Católica entre aspas, porque você tem que ser alguma coisa... formação restrita...

O período de 64 a 68 foi justamente para mim o da grande problemática – vou ter mama ou não, quando vou ficar menstruada? – Era essa a minha: estudar para ser professora primária e esperar a menstruação.

Bem feito, fecharam o Congresso!

É verdade que 68 não passou em brancas nuvens não. Para chegar no colégio tinha que passar no centro da cidade, tava pegando fogo, aquele tantão de estudante, aquela confusão, fumaça... E eu fazendo o papel de moderada, ...se os estudantes tivessem um pouco mais de jeito pra fazer as reivindicações... pra que é que tem que fazer passeata? Quebradeira?... Gente, como eu era reacionária!!

Nessa época as discussões em casa se intensificaram muito; lembro perfeitamente do AI-5, lembro quando eles fecharam o Congresso, e lembro sobretudo – ah! – que meu irmão começou a xingar, e eu falei, – bem feito, fecharam o Congresso, não vou me esquecer não, falei isso quando o meu irmão me encheu o saco, dizendo que eu era c.d.f.

Me formei professora primária com dezessete anos. Trabalhei na favela. Os meninos iam pro grupo escolar única e simplesmente pra comer! Paupérrimos. Eu não podia ensinar nada pra eles, não tinham condição de aprender. Ficava tristíssima, deprimida, mas nunca questioneei. Tinha uma posição mais ou menos assim: as coisas estão desse jeito e não vejo como mudar. Que absurdo essa vida, pensava, mas era uma coisa natural...

Claro está que fui para a Universidade, que a intelectual da casa não vai ser só professora primária alienadinha. Qual é a profissão de intelectual? Pra mulher é psicologia, cuidar da cuca dos outros é pra mulher, o homem pode pegar sociologia.

No cursinho algumas questões começaram a me espantar. Tive dois professores de Física – não gosto da palavra – ‘subversivos’, um tinha sido até preso... davam Física, mas falavam também de outras coisas... O professor de História tinha mais brecha, falava da revolução dos sapateiros como assim do povo, falava em Tiradentes. Aí fui entender também o integralismo, até então eu achava uma beleza ser integralista! Mas tudo isso entrava por aqui, nem sei se ficava, que eu tava era querendo aprender pra passar no vestibular!

Entrei na Universidade em 71 – a repressão era muito grande – não se falava nada, nada, o movimento estudantil esta-

va mesmo sufocado. Não existia propriamente um movimento político, mas sim um movimento contra cultura, hippie, no qual eu não acreditava, achava festivo e era contra. Talvez achar festivo fosse racionalização minha pra não aceitar as reivindicações, porque era a estudantezinha que sentava ali, estudava e tinha notas excelentes. Era aluna exemplar, detestava bagunça, era toda organizadinha. Claro está que deviam me taxar de reacionária!

E era muito inocente. Me recusava a acreditar nas maldades, na tortura não acreditava não. Lembro que uma colega – a irmã dela tava desaparecida e a polícia vivia entrando na casa dela – me dizia, me perguntava: ‘Como é que você pode ser a favor desse governo? Tem gente sendo torturada!’, E eu: Mas fulana, você tem certeza? E alguns presos, sob coação, iam pra televisão e diziam que o partido comunista isso e aquilo, etc. e tal, e eu: Vai ver ele está falando a verdade... Acreditava, acreditava piamente!

Não posso culpar somente a repressão pelo fato de não saber nada e não me envolver em coisíssima nenhuma, porque muita gente de minha idade se envolveu, muita gente na minha escola foi presa. Comecei a achar que era um absurdo prender, mas nunca fiz absolutamente nada, nem procurei ler ou saber. De vez em quando xingava o governo, ditadura mesmo, e passava. O fato é que com a formação que tive em casa eu valorizava muito as opiniões de meu pai – ele era uma pessoa fortíssima – mais do que as de meu irmão, que era o vagabundo, não estudava, não trabalhava. Não entendo e detesto política, eu falava, e estava repetindo o papel de minha mãe, que nunca se meteu nesse tipo de coisas. O estereótipo de que a mulher não tem que se interessar por política era muito forte, fortíssimo lá em casa. E meu irmão, por sua vez, nunca conversava comigo sobre isso, pois eu era a tal pessoa que falou – bem feito, fecharam o congresso – e ainda – e não me atinge, porque se quiser sair e tomar um chopinho na rua eu posso, tenho liberdade...

Eu não estava preocupada diretamente com as liberdades públicas talvez também porque elas não me atingiam no cotidiano. A minha liberdade como mulher foi imensa, e foi facilíma dentro de casa. Estava seguindo um caminho diferente do de minhas irmãs. Estudava e trabalhava. Apesar da Universidade ser gratuita você tem que pagar um tanto por ano, desde que eles fizeram a reforma. Então comecei como estagiária, através daquele convênio universidade-empresa. Uma exploração, fazia trabalho de profissional e nem sequer pagavam o salário mínimo, mas pude deixar de pedir dinheiro pras minhas coisinhas.

Comecei a chegar tardíssimo, a dormir fora de casa, a acampar. Era da turminha 'prafrentex' da psicologia, o que significa que já tinha incorporado alguma mudança nos valores sexuais, em relacionamento com homem, etc... Meus pais nunca tinham se confrontado com esse tipo de coisa, e fui garantindo a minha liberdade. Aliás, tinha liberdade de tomar qualquer decisão, eles não apitavam nada. Eu representava um orgulho, uma realização tão grande que isso me dava privilégios. Eu era considerada a diferente, a revolucionária da casa.

Meu Deus, o que é que eu faço?

Pela primeira vez fui morar longe da minha família. Achava que era a pessoa mais independente do mundo, que sabia fazer tudo, sabia dirigir a minha vida. Ah, quando me lembro! O que eu era, era a filhinha da mamãe, morrendo de medo de tudo, tudo, tão sozinha, tão desolada – tenho que fazer tudo pra mim – e querendo meus pais pra decidir: Meu Deus, o que é que eu faço?

O desconhecido me deu ainda a sensação de impotência, gente, se eu fosse independente seria independente em qualquer lugar!!! As pequenas responsabilidades me assustavam – não pode perder a aula, tem que comprar um despertador, sem a mamãe pra te acordar – e eu me sentia incapaz de resolver as coisas, de tomar decisões. Pode vir consertar a eletricidade?... O telefone não está funcionando direito... E eu tinha que dar o meu nome, tudo responsabilidade minha, e o medo era imenso, nunca tinha assumido, nunca mexi com isso, nunca. Essa independência... ser o 'homem' da casa... foi um choque! No princípio estava desesperada, não pensei que fossem tantos detalhes, achava que o tempo não chegava para dar conta de tudo. Tem que passar o aspirador, e isso aquilo, e meu dinheiro, como vou gastar meu dinheiro? E não sabia cozinhar! Esse processo foi de mim comigo mesma, não tinha ninguém – na hora tinha que resolver – ninguém ia olhar a geladeira e falar, 'você precisa comprar leite amanhã', ou então, 'quer que eu pregue o botão na sua blusa?' Essas coisas que parecem tão pequenas, e na verdade são tão importantes... É quase como uma pessoa aprender as coisas básicas de sua existência. Nossa Senhora! Era chato, mas me dava uma satisfação tão grande! Esta é a minha casa, faço nessa casa o que quiser.

Tenho um relacionamento excelente com a minha família, mas acho que vai ser difícil voltar a viver com eles. E eles estão esperando a minha volta... 'quando você chegar, a casa vai estar pron-

tinha te esperando' ...isso me preocupa muito, porque não quero magoá-los.

Enfim, queria ficar debaixo da saia de minha mãe, foi terrível, mas agora sei que nunca mais vai se repetir o choque que tive aqui, em nenhum lugar do mundo, porque aprendi a me virar.

...lendo, lendo tudo!

E assim foi. Programei a minha vida – estou estudando, tenho obrigações, tenho pouco tempo – para aproveitar as horas vagas lendo, lendo de tudo, livros, revistas, jornais. Os jornais foram uma descoberta. Na biblioteca jornais do mundo inteiro, a informação à sua disposição. Acho fascinante, incrível, foi uma mudança enorme minha. 'Onde é que posso te encontrar? No seu *office*?' Não, nos jornais! A vida de estudante aqui não dá tempo pra pensar, e se não consigo o meu tempo todos os dias pra ler os jornais, me incomoda, falta qualquer coisa. Achava os americanos uma gente sem curiosidade, você com o maior sotaque da paróquia, e eles nem pra perguntar: 'De onde vem? Onde fica isso?' Então me lembro que quando estava no Brasil não procurava saber nem as coisas básicas. E fecho a minha boca! Agora a necessidade que sinto, insaciável, é de saber como tudo aconteceu.

Outras áreas de curiosidade intelectual se abriram com o contacto com estudantes estrangeiros, sobretudo latino-americanos. E eu pensava: que absurdo, vizinha desses países todos e sem saber nada deles, política, literatura, nada. Adquiri uma consciência tão grande de que também era latino-americana – gente, não sou brasileira não, sou latino-americana – e fiquei com ódio dessa mania de grandeza do Brasil, de construir ponte Rio-Niterói, Transamazônica, gastar dinheiro com isso se há tanta coisa pra ser feita pro povo, essa mania que foi inculcada em mim, mania de hegemonia! Nós tínhamos muito em comum, e ainda mais nos sentíamos unidos por estarmos num país estrangeiro, todos muito inseguros, sentimento de minoria.

Eu já falava do imperialismo no Brasil, falava da boca pra fora, porque todo o mundo fala, 'ah, americano é babaca, botando o dedão aqui no Brasil', mas eu não tinha consciência da extensão, sabe? Houve também uma menina do leste europeu que me ajudou de uma certa maneira a conhecer outro tipo de coisa, porque vinha de um sistema completamente diferente, e ela falava e defendia. E tive a sorte de ter logo no início uma professora que era maoísta, e que me abriu para muitos outros problemas. Foi no curso de inglês, e me lembro da redação final que fiz pra ela, gostaria de reler isso de novo, foi forte, foi minha primeira tomada de posição. Escrevi, escrevi...

fui para um extremo tão grande: é, o negócio é fazer revolução... Estudante é elite, não resolve nada com estudante não... Estudante forma, arranja bom emprego, ganha o dinheirinho dele, casa e compra um carro e... . Eu acho que essa era a imagem que eu tinha de mim mesma. Eu não via opção, não via como uma pessoa podia lutar para mudar as coisas dentro de sua própria área de trabalho.

E fui me colocando indagação após indagação. O negócio não é movimento estudantil, você tem é que pegar em armas!... Depois, nada disso, a solução é trabalhar com a Igreja pra conseguir uma mudança econômica, social e política... Conheci um cara que era padre, foi preso e torturado no Brasil – pau de arara e tudo – ele agora está aqui, e me contou tanta coisa. Foi outra descoberta. Comecei a freqüentar a Igreja até que vi que era muito diferente do que está acontecendo no Brasil, nada a ver com a religião como veículo de desenvolvimento social. Larguei então, esperando o futuro lá pra me decidir.

Só sei é que foram tantas perguntas, tantas respostas, e todas no sentido de mudança, porque estou certa de que quero uma coisa radicalmente diferente do que está aí. Só sei que quero que mude, mas não sei o que colocaria no lugar. Não tenho nada elaborado, nenhuma fundamentação. Tem que existir um processo pra educar as pessoas, sabe? Você vê por exemplo, favela no Brasil, eles não têm dinheiro pra nada, não comem, mas têm televisão... é o capitalismo, essa necessidade de fazer as pessoas comprarem o que elas não querem com o dinheiro que elas não têm...

Ditadura pra mim agora é sinônimo de Brasil, e antes não era. Podia até falar *ditadura*, mas não via as implicações na formação da personalidade das pessoas, essa lavagem cerebral, o bitolamento numa determinada ideologia. É uma pena! Ainda bem que tem muito brasileiro fora, e que tem muita gente com eles; eu achava que todo o mundo era igual a mim, agora – felizmente – já não acho. Ainda bem que encontrei esse tipo de gente, porque se não encontrasse era capaz de continuar do mesmo jeito. Não sei o que condicionou o que; se foi minha curiosidade, a partir do momento em que li os jornais e comecei a procurar as pessoas, ou se foi por contingências, as pessoas chegando-se a mim, todo mundo querendo estar com outros da pátria amada idolatrada.

...Uma crença generalizada de que aqui é o maravilhoso país da liberdade...

Não posso dizer que conheço os EUA, apesar de ter viajado bastante.

Conheço a vida universitária, só posso falar de estudantes, pois fiquei o tempo todo em *campus*. Você vai da casa para a aula, passa o dia na biblioteca, volta para casa, faz *papers*, estuda para a prova, volta para a Faculdade. Não tem tempo sequer para crescer e a vida do *campus* te faz ficar assim alheia ao que está acontecendo fora. (Contam que foi diferente com a guerra do Vietnã). Acho os estudantes bitolados, não têm a menor curiosidade, e tomam tudo muito gratuitamente. Olhe, uma coisa que foi chocante para mim: desperdiçam comida... Eles não sabem o que é pobreza! Viver no *campus* cria como que uma alienação, eles são tão dirigidos para a vida acadêmica que não se preocupam com mais nada. Nunca vi aqui um estudante falar: 'É preciso fazer... é preciso mudar...' Eles nunca falam da situação do negro, que é realmente uma bosta; é suficiente que na TV apareça sempre um pretinho- nos anúncios, nos filmes - para que todos fiquem certos de que não há discriminação racial. E a preocupação dos estudantes brancos agora é a tal da 'discriminação reversa'... O sistema aqui é tão bem montado, acho que nada ameaça. Pequenos focos isolados são inoperantes, não há movimentação do povo, uma crença generalizada de que aqui é o maravilhoso país da liberdade. Acontece que acho que não é bem assim, mas isso pra mim é confuso, não quero usar as palavras gratuitamente, sei que tenho que ser mais específica... Não sei direito, mas sinto que não há liberdade de ação na medida em que essa ação possa significar ameaça ao *establishment*. Liberdade civil, sim, mas... não sei... não há questionamento.

Fiquei impressionada aqui com o relacionamento dos filhos com os pais. Eles são tão sozinhos! Ficam meses sem receber uma carta, estão acostumados assim, sem elos. Os jovens assumem responsabilidades cedo, moram sozinhos - isso é bom - mas o relacionamento não precisava ser tão pobre. Uma vez que vão para o *College* nunca mais voltam para a casa da família, encontram emprego em outro lugar, vivem mudando, não criam raízes.

É por isso que acho que de uma cidade pra outra não se sente diferença cultural, são todas iguaizinhas, as pessoas não são permanentes, não desenvolvem traços regionais típicos. No Brasil, por exemplo, se você falar assim... carioca vive na praia, tá legal, este-reótipo, São Paulo não pode parar... Minas tem pãozinho de queijo... mas tem realmente certas coisas que são diferentes, no Rio você não toma o mesmo picolé que em Mato Grosso! E aqui você não tem uma coisa específica de cada cidade, não tem.

Atualmente sinto uma diferença na forma como os americanos e os latino-americanos vêem a mulher. Para esses - e isso é tão marcante - é

aquela visão estereotipada, tão dócil, tão *sweet*. Eu antes nunca reparava nesse tipo de coisa. Hoje não. Você viu, por exemplo, a minha reação quando fulano veio com aquela do 'sexo frágil', fiquei indignada! No Brasil eu aceitava as piadinhas... O fato é que todas as meninas com quem tive contato aqui, todas, tinham uma consciência de mulher, da discriminação que a mulher sofre, do papel da mulher na sociedade. Foi a partir da convivência com outras mulheres que comecei a me interessar a ler e a perceber o quanto eram verdadeiros os problemas que elas levantavam. Agora estou me colocando perguntas também sobre isso, sabendo que tenho que estar preparada para quando voltar, porque lá estamos mil vezes atrás. E na minha profissão? O setor específico em que vou trabalhar é dominado por homens e sei que tenho que ser muito segura, tenho que mostrar que sou capaz para poder me impôr como pessoa.

Problema de casamento, sexo, relacionamento entre pessoas, isso não mudou muito pra mim. Casamento como objetivo da vida, papel de esposinha, ficar em casa, isso não! Pensava e continuo pensando num relacionamento amadurecido, em nada incompatível com o meu trabalho, em que as duas pessoas compartilhem o mesmo tipo de coisa, dentro e fora de casa. Não rotulava de feminismo essas idéias, ou não sabia simplesmente o que era feminismo.

...O que é concretamente o exílio. . um corte... como um novo nascimento, sem a mamãe pra dar de mamar.

Quando li *Memórias do Exílio* nem tudo foi surpresa para mim, porque eu já estava assim num processo de descoberta do sufocamento, do abafamento, da uniformização de uma geração. O que senti então foi a existência do fato *exílio*, foi o impacto do exílio, foi a dimensão do que é concretamente o exílio nas vidas das pessoas... um corte... como um novo nascimento, sem a mamãe pra dar de mamar.

Realmente, nunca tinha me ocorrido que era um processo difícilimo. Ter que sair do país sem saber o que se vai encontrar, muitas vezes não saber sequer a língua, começar todo um ajustamento num lugar completamente diferente, sem poder continuar em sua profissão, pegando o primeiro emprego pra sobreviver... E um escritor? Como escrever na língua dele em outro país? E esse problema de não ter um lugar... me marcou tanto a entrevista do cara que conta quando pediram os documentos dele num trem... APÁTRIDA! Não ter um lugar... mas o que é que estou fazendo aqui? ...é uma coisa temporária... mas temporária por quanto tempo?

E outra coisa também: saber as atividades que as pessoas tiveram, tudo o que elas passaram, as torturas... Pessoas que estavam lutando, acreditando no que faziam, que entraram naquele negócio e se entregaram completamente. Se me tivessem sido dadas outras condições, será que eu teria tido a coragem de participar?

O livro foi importante, inclusive porque tive conhecimento do que realmente aconteceu, coisas de que não sabia – me lembro pouquíssimo de 64 – uma revisão histórica. Gente do Rio, SP, Minas, Rio Grande, etc., gente de quase toda parte do Brasil deu entrevista. Diferentes atuações, diferentes modos de pensar. Tudo novíssimo.

Sentia uma diferença marcante quando passava de uma entrevista de um homem, pra outra, de uma mulher. Não sei se é o estilo, mesmo o conteúdo, eu achava que era diferente. que eram tão mais leves as entrevistas das mulheres, no sentido de que quando elas falavam da participação delas, elas mesmas descontavam. Assim como se elas não valorizassem o papel delas, não mostrassem o que tinham sido ou o que tinham feito, não tivessem consciência da própria importância. Não me lembro de uma mulher falando como líder. Questão de estilo mesmo... eles se mostraram como figuras muito mais fortes.

Esse volume de entrevistas só com mulheres pode fazer com que elas voltem a pensar no papel que desempenharam, também refletir se a atuação num movimento daquele tipo teria sido diferente se naquele momento elas tivessem uma consciência de mulher, ou feminista, ou como se queira chamar...

Pra mim o ponto básico, a importância imensa desse livro é que está revendo, está fazendo a *outra* história, que não existe só aquela que eles contam no Brasil! É a história que as pessoas estão fazendo aqui fora. Por isso acho interessante a focalização também de pessoas que não tiveram participação política, acho interessante saber como a vida no exterior, ou no exílio, mudou essas pessoas. Pessoas assim como eu, com meu exílio voluntário que não foi muito voluntário – eu não queria vir – e não foi muito exílio.

Foi muito difícil me ajustar aqui, foi muitíssimo difícil, mas os ganhos foram inegáveis, em todos os terrenos, em todos os sentidos. Será que se eu tivesse continuado no Brasil teria passado por esse processo?... Acho que não... Poderia passar, mas infinitamente mais lento por causa das condições lá. Foram dois anos ultra-marcantes na minha vida que me ajudaram, me abriram e me amadureceram demais da conta.

O que acontece é que você se vê realmente sozinha. Então você experimenta tudo muito intensamente, sua solidão você a experimenta tão intensamente, sabe? Você pode berrar, pode gritar, não tem ninguém, está todo o mundo ocupado, você não vai ocupar ninguém com a sua fossa. Eu era uma pessoa que tinha sempre alguém a meu lado para me confortar, aqui aprendi que se você não fizer por você mesma ninguém mais vai fazer, não vai restar nada, você tem que tirar as forças lá de dentro para sair da fossa, da angústia; ficar deprimida e continuar fazendo as suas coisas... Cada vez que eu saía era como se fosse um processo de alimentar a minha força como ser humano – uma sensação de poder – usar as forças latentes em mim, que eu não acreditava que possuísse. Então me armava e conseguia analisar friamente o que estava acontecendo, o choque cultural, a idéia louca de voltar correndo, e aquele grilo: se eu voltar não tenho nada e ainda tenho que dar satisfação a muita gente...

Você experimenta mesmo tudo sozinha, a sua alegria e a sua angústia você experimenta sozinha... Posso dizer que houve momentos em que eu fui a minha solidão, a minha angústia, a minha depressão.

Vou ser primeiro que tudo uma cidadã.

A única coisa que tenho assegurado quando voltar ao Brasil é um emprego, e estou com grilo desse emprego. Agora vejo a minha atuação como psicóloga de maneira diferente do que via antes, parto de um outro tipo de visão do mundo, da sociedade, do governo, da vida... e isso me deixa com muitos conflitos. Eu pensava: vou ser psicóloga... Agora vou ser uma pessoa que vai viver no Brasil, uma brasileira que vai ser condicionada por uma série de restrições que são contingentes do estado político do Brasil, e muitas vezes meu trabalho vai ser limitado pela repressão que existe lá. A minha atuação não vai ser só a nível de psicóloga, antes de mais nada vou ser uma pessoa que está preocupada com mil problemas – uma coisa muito mais ampla – vou fazer parte da comunidade de psicólogos mas vou ser primeiro que tudo uma cidadã. Uma cidadã psicóloga. Não sei ainda o que vai acontecer, mas sei que quero participar, e participação pode ir desde o interesse pelo que está acontecendo na vida em geral até uma participação ativa, na ação.

Não foi o estudo propriamente dito, não foram os cursos, não foi o fato de ter me especializado que me fez pensar nas implicações da minha atuação profissional. Foi porque vim para cá, porque passei por todo esse processo, que mudei minha maneira de pensar, mudei totalmente minha visão de tudo. Em suma, o que quero

dizer é o seguinte: ajustamento é o objetivo principal do psicólogo em qualquer área, na família, na empresa, na escola... isto é, ajustar os que questionam a autoridade, a ordem, o poder! Trabalhar no sentido de contribuir para o *status quo*, querendo ser neutro, valores separados da profissão. Esse tipo de neutralidade é hoje para mim uma coisa completamente utópica e sem sentido, não acho que é essa a atitude correta não, acho que o psicólogo deve ser um agente de mudança social mesmo.

As vezes fico pensando que não há alternativa para mim, a menos que monte um consultório privado. Mas não quis mexer com psicologia clínica, porque é tão pouco o que você consegue, uma relação individual. Em psicologia social, das organizações, educacional, etc. você lida com uma gama de pessoas, seu espaço de interferência é maior. Por isso mesmo vêm os grilos! Como é que posso mexer com as pessoas, em vários níveis de hierarquia? A quem vou servir? Vou ter um duplo papel, isso é o que vai acontecer. Pra acontecer a mudança tenho que vender a minha idéia ao meu empregador, mas a mudança vai tirar o poder dele, então ele não vai ceder porque está ameaçado. Será que tenho alguma alternativa? É um problema muito sério. O único jeito é voltar, trabalhar, ver o que posso fazer dentro da situação concreta, descobrir quais os instrumentos que a realidade vai me oferecer e como vou usá-los. Vai continuar sendo penoso, mas pelo menos as coisas estarão claras, porque agora são só mil conjecturas, é tudo um mistério.

Enfim, me sinto com muito maior abertura, não só política como intelectual, e por isso mesmo tudo é mais complexo e angustiante. Ah, que bom seria se a minha faixa de atuação profissional se coadunasse com o meu ideal de liberdade, de libertação do ser humano, de respeito à liberdade individual!

...uma nostalgia...

Tenho um medo danado. Tenho um medo danado de não me encontrar lá. Foi um corte. Por mais que leia a respeito do Brasil, foi um corte. Não estou acompanhando exatamente as coisas na hora em que estão acontecendo. Eu gostaria era de estar vivendo tudo o que está acontecendo lá, nesse exato momento, queria estar participando, agindo.

Tenho um medo danado de estranhar as pessoas. Mudei muito, não sei se as amigas e amigos mudaram, não sei se vão me entender. E fico olhando com uma certa nostalgia porque acho que vai ser difícil transar com as pessoas com quem eu transava antes.

Com algumas talvez seja impossível, incompatível com a visão que tenho agora. Será que elas terão algo a ver comigo? O que é que esse pessoal está fazendo em matéria de atuação na sociedade? Será que eles estão vendo alguma coisa? Será que estão vendo as mesmas coisas que eu? Ah, tenho mesmo medo! *E uma nostalgia... Como uma coisa que pertencesse ao passado, que não vai voltar nunca mais.*

Saudade.
Setembro de 1977

PARA MIM É MUITO IMPORTANTE A MINHA ORIGEM, DE ONDE EU VIM, ONDE NASCI, O QUE SOU, PARA ONDE VOU. Sou de cidade pequena de interior do Nordeste, pequeníssima. Viver em fazenda, muita natureza, o mundo cósmico dividido, lá todos se conhecem, todas as crianças se brincam, rodas cantando música folclórica nas praças, muitos circos, ciganos... O grupo de crianças da cidade era fascinado o tempo inteiro! Uma vez escrevi:

**SEMANA VERDE SANTA
(JUAZEIRO)**

Lembrança era
 Passado encontro roxo.
Semana santificada em Cícero,
 Ordem siciliana no preto das roupas,
Infinitas chamus dançantes.
 Relíquia consagra pedra, Pedro, padre
Batizado batista.
 Juazeiro mancha verde,
Oásis deserto, incerto, seco,
 Nordeste veste, ex-voto, voto, volto.
Beatitude consagrando,
 Comunga atitudes: comércio, paixões,
caverna, ourivesarias.

Roma, Romão, romeiros,
Maçonaria, romarias.
Disse a data desse dia,
Na festa do Horto que eu ia.
Brincadeira correria,
Criança, crença sentia.
Na tenda das mãos tendões, adivinha-
ções,
Também ciganos.
Quanto maior a cidade, vindo o melhor
Seguiria?
'E os circos, semi-círculos de palhaços?'
Guizos, risos, bichos, bailados
Bumba, reizados...
E bomba. Rio de Janeiro hoje,
Data do meu tempo,
Terra luz da noite,
Céu de estrelas, bom dia...
Notícias jogadas levam elefoa;
Morreu Susy Asiática na vala da zoologia.
Etologia, ciência de mim mesma;
Prêmio Nobel dançando no mel de abe-
lhas.
Sexta-feira, outra, santa?
Corre a cidade aflita,
Fico em casa e escrevo isto:
Manchete continua - 'soltos ainda,
Muitos homens loucos'.

Há muita gente que diz que eu pareço com minha raiz. Depois que fiz psicanálise compreendi que não nasci em tribo mas que tive uma certa experiência muito selvagem, tribalesca e ainda hoje com cacique, armada de coração pra guerra.

Tinha uns tios que eram responsáveis por uma usina onde passei muitos anos. Enquanto os irmãos estavam na cidade com a família estudando eu estava pescando, subindo em árvore, fazendo cocô em cima delas, comendo tamarindo, umbu, macaúba, graviola, manga, caju, cirigüela, mangaba, ouvindo baião, Luís Gonzaga,

chupando cana de noite na varanda da casa grande e vendo as pessoas dançarem e dançando ao som de acordeom tocando música do nordeste, além das cirandas e cocos nos terreiros... e tudo mais. A geografia e o espaço contando muito, dando a possibilidade de sumir inteiramente do esquema do adulto, do trepar com os meninos e as meninas pelos cantos e rios afora, ter experiências de toque e conhecimento do corpo, de emoções, os sentidos, coisa que eu descobri depois como muito saudável. Nas brincadeiras, cedo preferi os meninos.

Adolesci-me passeando na praça, arrumando vestido para ir ao cinema ver as séries de Tarzan, encontrar com os garotos, me apaixonar platonicamente. Incrível... minha época; nasci em 1937 e, veja bem, me sinto tão nova como qualquer criança ou pessoa renascida.

Nessa cidadezinha onde nasci tinha toda a transa da Igreja, havia uma parte mística, mágica: as romarias, as missões, as festas populares, as bandeiras, os grupos folclóricos, as cirandas, os reisados, as rezas, tudo misturado, que dança, que canta... e a gente tinha a crença do milagre, que aquela festa ia acontecer e que as pessoas iam se curar fisicamente! Quando era pequena brincava com uma amiga... de hospital, em que os meus doentes tratavam dos mais doentes. Já era o sonho de um mundo melhor.

Me lembro que as crianças ficavam olhando as velhas... pareciam as mulheres sicilianas! Depois que vi os filmes italianos comecei a entender mais... aquelas figuras de joelhos cantando e rezando benditos. Tudo isso era um negócio fascinante, sabia que tudo estava ligado à religião, pelo menos à crença no religioso, na esperança, e que nem tudo ia morrer, que a chuva seria o milagre.

Como toda criança no Nordeste – principalmente em fazenda – escutava muitas histórias de alma. À noite todas se reuniam nas varandas e conversavam suas experiências estranhas. Contavam que tinha um papa-fígado que mata crianças vivas, você não pode sair sozinha, não pode passar no cemitério que tem um papa-fígado que te corta, que te come o fígado pra continuar vivendo... não pode ir pra tal região que tem um leproso que lambe não sei o quê, você fica ferido e morre... então as crianças não passavam por aquele local porque ali alguém era realmente leproso, havia os mortos que apareciam pedindo pra rezarem ou pagarem dívidas, as velas que apagavam pelo sopro de ninguém...

Eu tinha repetidamente o sonho da morte. Duas almas retiravam minha rede do armador e me levavam para uma floresta, era sempre noite, iam para uma igreja caindo aos pedaços e me botavam exatamente na posição em que eu via os camponeses serem postos quando morriam. Era um sonho angustiante. Estava viva mas

tinha que me fazer de morta, porque achava que se elas descobrissem que estava viva me matavam. Todo o ambiente era de morte. Acordava tensa, era horrível!

Tinha outro sonho que também se repetia e que chamo o sonho da vida, no qual eu voava sozinha. Lia muito o Dr. Silvano, um cientista louco que descobria a lua, e Mary Marvel e o Capitão Marvel, que diziam a palavra 'Shazan', faziam um movimento com o corpo e saíam voando... Os garotos que estudavam na capital traziam as revistas em quadrinhos especialmente para mim, menina que gostava do Príncipe Submarino, Mandrake, etc., literatura que não sei porque era essencialmente de garotos. No sonho atravessava oceanos, águas e águas, via os castelos e conversava com os príncipes e as princesas. Também lia a literatura dita para as meninas, isto é, contos orientais, lendas indígenas, fábulas de La Fontaine, que apanhava em casa da minha melhor amiga. A mãe fumava charuto, era diabética, lia Bocage, pintava e nos fazia pensar em Deus como natureza. Olhando para as estrelas e balançando sua rede ela se sentia mais livre da agonia asmática que hoje compreendo não ser mais que a busca de qualquer forma da liberdade sentida por uma mulher livre... numa cidade pequena. Sua personalidade me atraía. Eu e essa amiga nos perdemos. Anos depois nos encontramos em congresso da UNE; ela era então presidente de um diretório no nosso estado de origem. Fiquei contente. Como eu, ela não tinha perdido a esperança na maquete daquele hospital tão estudado por nós para que funcionasse em tamanho maior. Voltando ao sonho: era sempre dia, eu transava com os bichos, com os passarinhos... era um pouco pássaro com asas e não agüentava peso em cima de mim. No sonho só eu voava, as crianças com quem brincava apareciam e me pediam pra levá-las; eu concordava de boa vontade mas em certa parte do caminho não agüentava, tinha que parar. E aí voava só.

Tem muito simbolismo em tudo isso. Creio que tem relação com coisas que aconteceram depois na minha vida... Tem também a estória da famosa beata Mocinha que quando comungava a boca sangrava! Depois da prisão meus dentes sangraram, sangraram muito... me veio à cabeça a estória da beata Mocinha...

Acho que hoje sou uma pessoa muito religiosa, mística, no sentido de que assumi a minha origem, a minha história cultural. Isso só veio a acontecer conscientemente muito mais tarde, ao passar por uma experiência de trabalho político no Nordeste antes do golpe de 64. O Movimento de Cultura Popular me fez reviver, compreender e valorizar as raízes culturais de base nas estórias da gente criança.

Religião antes era um negócio imposto; ir à igreja era uma coisa social, fazia parte do esquema da família. De pequena desconfiava que aquilo não tinha muito sentido... Quando ia me confessar com os padres na verdade sentia mau hálito e achava que eles tinham prazer escutando as minhas experiências de sexo. Não entendia nada, mas sentia aquilo. Era pecado! Rezava todos os negócios... e no outro dia estava fazendo o que era pecado, que era ótimo! Sentia uma atração muito grande pela natureza, uma sensação, uma impressão, uma quase verdade muito solitária dentro de mim, que não podia discutir com as pessoas, de que a religião, principalmente a religião católica, aquela que era dada na cidade do interior, o catecismo, aquilo tudo, não podia ser uma coisa verdadeira porque quando eu olhava para o céu, via uma coisa infinita... Mais tarde conheci a igreja nova, muitos jovens ou não, por quem tenho admiração e respeito.

Nasci numa família grande – oito irmãs e três irmãos – onde eu era uma das mais novas. Família classe média baixa, com momentos mais elevados e momentos mais baixos, sempre num esquema de sobrevivência, de luta. Meu pai foi mil coisas. Teve cinema, faliu porque entrava todo o mundo... onze filhos mais todos os amigos, parentes e famílias, esses não pagavam; teve também pequeno hotel, foi comerciante e chegou a viajar com burros em fazendas como representante no interior das Casas Pernambucanas. Não era uma família intelectual, ao contrário, meu pai e minha mãe não tiveram completo o primário, mas eu, em todas as cidades, todos os lugares por onde andei, sempre curti pessoas intelectuais, pessoas que conheciam muito, que me davam muita informação.

Minha mãe era uma pessoa que vivia dentro de casa, vendo a família. Ajudava meu pai costurando pra fora, fazia lindíssimas roupas pra gente de algodãozinho, morim lavado, que bordava divinamente e que parecia cambraia, que naquela época era chique. Era criativa demais, adorava passear, mas era meu pai que levava a gente pros clubes, todas vestidas de roupa de baile, de princesas. Minha mãe fazia as roupas e ficava em casa... Mesmo assim tinha uma grande simpatia pelo meu pai porque era uma figura alegre que cantava músicas pra mim. Ele amava a gente à sua maneira. As repressões que fazia eram todas de fundo moral, de afetividade, de proteção, sempre a procurar um esquema mais alto pra gente, preparar bem as filhas para bons partidos. Ao mesmo tempo eu ficava muito do lado da minha mãe, mas a figura dela também me irritava. Não quero ser a figura dela mas tem momentos em que sou; acho que fui muitas vezes no meu casamento, só que não tinha consciência disso. Agora, a outra parte, a parte de viver, descobrir, amar as coisas, querer dançar, cantar, conhecer as pessoas, buscar aventura – que é a parte do meu pai – acho que é

ainda a mais forte em mim. Quanto à minha mãe, tenho uma admiração e ternura cheia de dor.

A família do meu pai é uma família muito pro primitivo, ligada a coisas mágicas e místicas, muito ligada à terra, à natureza, à música, tocavam muito, moravam em fazendas e sítios. Na cidade onde nasci tinha uma tia, era fascinante ir pra casa dela! Tomava conta de bichos, dava comida pra sapos, macarrão, bichos que vinham comer na sua mão, coisas assim muito estranhas, tipo literatura latino-americana. A família da minha mãe já era diferente. De uma cidade maior, com mais dinheiro, mais dentro das profissões e de um engajamento político. Meu avô era telegrafista de esquerda e já trabalhava passando mensagens. Um irmão da minha mãe morreu tuberculoso numa prisão, uma irmã dela que é poetisa foi presa duas vezes... E um tio cassado.

A questão social era também muito forte. Quando pequena sentia a miséria, sabia que a morte, a maioria das mortes que eu via, eram da miséria, porque as crianças mortas eram crianças que brincavam comigo, porque no interior brinca a filha do prefeito com a filha dos pretos que moravam nos casebres no fim da cidade. Quando via passar o caixão de uma criança ou quando ia mesmo numa casa ver a criança morta sabia que eram crianças pobres; na maioria das vezes eram casas miseráveis. O caixão de acordo com a condição social econômica. As famílias mais ricas, mil coroas, flores, muitas pessoas... Outra coisa eram os enterros que eu ouvia as incelências, em que vinham os camponeses trazendo uma rede amarrada, presa num pau, as pessoas entravam na Igreja, colocavam o defunto no meio, que era bento depois enterrado...

E assim fomos medievalmente chegando às grandes cidades, e aí eu era a chorona saudosa da família. Aqui o mesmo acontece, nos meus ossos, na medula, o Brasil está presente.

DEPOIS ME AFASTEI DESSA ORIGEM, descobri coisas novas, outras culturas, cidades maiores, comércio, política... Cheguei ao Recife adolescente. Com as mudanças para as cidades maiores o esquema financeiro da família foi crescendo. A gente estudava em colégio de freiras, o mais burguês que existia porque meu pai tinha uma irmã que era fundadora de um convento e que conseguia que a gente pagasse bem menos. Freqüentávamos o clube mais burguês, morávamos em bangalô, a não ser quando não podíamos... Burguesa sem poder ser burguesa, dentro do esquema de classe média. Acabara a liberdade e o espaço da infância. Íamos pro colégio ou pro clube, cinema, sempre acompanhadas do pai ou dos irmãos. Comecei a viver em termos de fantasia, ler romance, me apaixonava pelo ator,

me masturbava, essa coisa de adolescente. Culpa!? Não, já vinha desconfiando dela há muito tempo. Não me lembro de alguma coisa assim como culpa.

AS COISAS COMEÇARAM A MUDAR QUANDO ENTREI NA UNIVERSIDADE. Fiz Universidade de 59 a 63. Foi uma época muito importante no Brasil, eram os anos pré-golpe de 64. Não posso definir até que ponto, mas toda aquela experiência da infância ficou guardada num canto do inconsciente. Escolher Belas Artes para mim teve um sentido muito profundo no aspecto de busca de continuidade daquilo tudo de que falei. Também adorava quando pequena desenhar coqueiros com lápis de cor verde cana.

Ao frequentar o diretório entrei em política estudantil e depois no *Movimento de Cultura Popular*, (M.C.P.), começando a descobrir os católicos de esquerda, os partidos políticos, os organismos de base e a tomar consciência social na ação de lutar e vice-versa. Nós estudantes éramos bolsistas e trabalhávamos nas diversas divisões do M.C.P.: alfabetização, teatro, cinema, pesquisa folclórica e ainda nas festas populares, praças de cultura etc. Considero o *Movimento de Cultura Popular* da maior importância em termos do que aconteceu no Brasil antes de 64, especialmente no Nordeste, principalmente em Pernambuco. Mesmo nos fins de semana problemas nacionais e estaduais eram debatidos, discutindo-se e levando-se as palestras de acordo com a solicitação de cada organização. Juntavam-se as pessoas que podiam fazer essas palestras, pessoal de JUC, de Ação Popular ou de partidos. No M.C.P. estava tudo tão misturado, camponeses, operários, estudantes, intelectuais. A nossa linha dirigida ao povo partia das suas próprias necessidades.

O *Movimento de Cultura Popular* foi criado pelo governo de Miguel Arraes, teve origem numa experiência que existia na França e que foi trazida para o Nordeste por grupos de intelectuais claramente vanguardistas. A alfabetização e educação de base eram feitas no início pelo rádio e com cartilha e materiais de formação de monitores e supervisores. Os monitores formados para as escolas rádiofônicas eram pessoas que moravam nos bairros, que faziam parte da comunidade. Havia os supervisores que éramos nós, os estudantes universitários, que íamos nas escolas ver como a coisa acontecia. Lembro-me de uma visita: no dia anterior tinha sido 1º de Maio e a aula dada pelo rádio falava do trabalhador, do seu papel no desenvolvimento dos países e terminava com a poesia *Operário em Construção* de Vinicius de Moraes. Perguntei o que eles tinham achado. Um se-

nhor, o mais velho dos alunos, respondeu: 'Olha dona, há vinte anos sou operário e nunca pensei que éramos nós que fazíamos as máquinas, a geladeira; fiquei tão emocionado que cheguei à casa, abracei a minha mulher e meus filhos e larguei o pau a chorar e aí minha mulher disse: 'Que é isto homem, que fraqueza é esta'?

No começo das escolas radiofônicas a gente entrava em contacto tanto com a Igreja Católica como com a Protestante, com Centro Espírita, Sindicatos, Ligas Camponesas, casas de família, associações de bairro, com qualquer pessoa que nos procurasse e tivesse uma sala à disposição. Anotávamos os endereços, íamos até lá, abríamos inscrição para que os monitores fossem fazer um curso de formação. Eles faziam, voltavam, a escola era formada. A gente começava a ter contatos com os líderes locais, com os líderes populares.

Fora o diretório acadêmico, essa foi a primeira experiência que tive com o povo, que nós tivemos com o povo. Com o *Movimento de Cultura Popular* vivi um retorno de uma forma diferente, mas um retorno à raiz, povo, arte popular, folclore. Era trazer os grupos folclóricos pra cidade, pro Recife, mas de uma maneira muito natural. Ali revivi lembranças e sensações de corpo e alma de quando era pequena. Foi no *Movimento de Cultura Popular*, sempre grupo misto, que tive maior consciência do nosso papel político entre homens e mulheres. Fazendo parte desse grupo, com o povo, tudo isso me levou a uma libertação como mulher. Acho que a mulher avançou muito, nós avançamos. Não tínhamos experiência de falar em público, era todo um processo da mulher chegar a um outro tipo de coisa que não acontecia com ela antes de jeito nenhum. No curso secundário não me lembro de ter tido atividades semelhantes. Eram mais ações de rebeldia, de gozação com as freiras, pois até a Universidade só frequentava colégios femininos.

Tinha muito problema na minha casa. Seríssimos. Tive que sair de casa uma vez porque a partir de certo ponto as coisas começaram a se acelerar, fui a todos os congressos da UNE, todos os encontros regionais latino-americanos, a participação foi crescendo e foi crescendo a minha consciência, e aquilo era mais forte do que tudo.

Sentia que a gente fugia cada vez mais do modelo da mulher que a sociedade pedia. Disso não tinha dúvida. Não faço parte do grupo de mulheres que separa o problema político do da mulher, porque foi através de uma vivência política que tomei consciência da minha condição.

Foi neste período que conheci o pai dos meus filhos – um intelectual e eu uma ativista – como nos chamavam, ou mais claramente pela sociedade conservadora – putas-comunistas. Pois, e daí?

Nunca hesitei entre deixar uma ação pra conquistá-lo, pra ficar com ele. Ou a coisa ia junto com o meu trabalho, com a consciência da importância do que eu fazia... ou então não ia.

Descobri que estava grávida pouco antes do golpe de 64. Fiquei apavorada num certo sentido... mas era tão forte... casasse ou não, estava pronta a assumir o meu filho. Foi a experiência política que me fez ver a coisa de uma forma muito grande, que me deu a percepção maior das coisas. Foi a experiência de todas as lutas pra me sentir independente e toda a consciência da dependência que eu tinha, da opressão em casa, na sociedade, e a luta num trabalho político cultural, absolutamente gratificante, a participação numa época – 62, 63, 64, – fortíssima, me realizando muito como pessoa. O casamento não era uma questão fundamental, por isso, mesmo sabendo que agredia, me sentia completamente forte. Não que quisesse agredir, violentar a sociedade, a família, mas me importava o meu processo. Pra mim não tinha importância o tal do casamento, os papéis, tinha importância a minha relação com ele, tinha importância dar continuidade à relação. Nessa época ele estava recebendo convite pra ir trabalhar na Universidade em Brasília, eu ia pouco depois. Chegou o convite oficial, passagem e tudo. E aí? Casa? Não casa? Resolvemos que sim por uma questão burocrática.

DE REPENTE, O GOLPE. O QUE É QUE A GENTE FAZ? Foi assim: na noite anterior tínhamos ligado para o Palácio, à meia-noite, depois do futebol, onde a gente tinha ido pra saber como andavam as coisas. É que já existia nos arredores dos quartéis um movimento estranho. A resposta: tinham falado com Brasília, tudo ia bem... No outro dia, dia do golpe, fui falar com um padre amigo pra fazer o casamento. Quando voltei vi na rua vários líderes sindicais sendo presos. Fomos então até o Palácio, queríamos saber, conversar com as pessoas, informar-nos do que se passava na rua. Foi aí que caímos em nós. Já não voltei mais para casa. Toda a área do rio atrás do palácio estava tomada, carros militares na porta, na sala principal gerais... No caminho já um chofer de táxi – ele tinha levado um deputado que tinha comentado dentro do carro – disse que iam depor o Governador às duas e meia, três horas da tarde...

Depois do golpe passei escondida... Oito lugares diferentes. Meu casamento... Já tinha um mês que não via a família. Entrei numa capela... Uma roupa que caía em mim, porque apesar de grávida estava macérrima de passar por casas e casas, tensões e mais

tensões, não podia dizer que estava grávida, ter que vomitar e abrir as torneiras pras pessoas não escutarem, me chamarem por nomes que não eram o meu. No primeiro momento fui perseguida, procurada. Foi ele então preso, cassado, demitido e aposentado. Durante o período de sua prisão meu nome tinha saído no jornal. O que fiz? Barriguda, agi como mulher que não tem medo de nada, que luta pelo homem que ama. Fui até onde ele estava, queria acalmá-lo, mostrar que nada tinha acontecido comigo. Depois tive mesmo novamente que sair de casa.

Solto, fomos para o sul, ele primeiro, depois eu. E foi aí que saí do meu núcleo familiar, do meu núcleo tribal. Lembrome de como dormi a noite abraçada com minha mãe. No outro dia de manhã parti com a barriga enorme num avião. Achava o tempo todo que o avião ia cair, que ia morrer. No fundo tinha medo de tudo que ia enfrentar no outro lado do país, que eu conhecia das experiências de antes do golpe, mas de outra forma, como estudante em congresso. Agora partia com um filho na barriga, com o cara cassado, com ameaça de prisão, sem saber pra onde ia, o que ia ser da vida, deixando pai, mãe, tudo o que era uma proteção da família.

FOI COMO UM PRIMEIRO EXÍLIO. Vivemos durante dois anos numa cidadezinha. Era um esquema bastante cuidadoso, eles sempre podiam tomar outra decisão do tipo: depois do filho nascido 'vamos pegar'.

Eu não sabia fazer um café, porque na minha família sempre teve empregada e mãe. Não sabia fazer nada, nem tomar conta de um filho. Tive que aprender na marra, com muito pouco dinheiro, sem ter amiga, ninguém. Amanhecia o dia, chorava. Eram muitos e muitos dias, a primeira coisa que fazia era acordar e chorar. Só depois levantava e começava a fazer todas as coisas, preparar a galinha, cortar e ver que era sangue puro; dentro estava crua...

Antes de casar e ir pro sul eu estava num processo violento de liberação, de descoberta de liberdade, mil garras, mil descobertas! Ali comecei a viver um esquema de comportamento e estrutura de mulher do nordeste: o homem ia trabalhar, eu tomava conta da casa e do filho, fazia as compras, punha col^ô no corpo, esperava o marido e conversava sobre o que ele fazia. Nesse período procurei trabalho mas ninguém entendia o que eu queria fazer, não havia mercado de trabalho para mim.

Nessa minha experiênciia de viver numa pequena cidade, fechada, sem conhecer quase ninguém, senti que não tinha na-

da. Como ele saía, dava aulas noutros cantos, trabalhava numa editora, de qualquer maneira tinha um grupo profissional com quem se encontrava, eu não tinha... Eu me sentia muito só.

Quando finalmente mudamos para um grande centro eu estava desesperada e insatisfeita na minha condição de mulher e ser humano. Cheguei lá, deixei nossa mudança pelo chão e fui procurar uma sobrevivência da minha angústia. Não me satisfazia ser somente uma mulher doméstica. Procurei um centro de formação de professores, o melhor no meu campo. Fui lá e disse assim: posso fazer tudo de graça, estágio, qualquer coisa que vocês queiram, mas preciso disso aqui neste momento... E fiquei, e foi lá que entrei propriamente no campo profissional.

E quando entramos no campo profissional é evidente que temos conflitos dentro de casa. Porque a mulher pra se emancipar, exercer uma profissão, tem que enfrentar mil coisas, o que não é muito o caso da mulher europeia, mas é o da brasileira, principalmente casada com nordestino.

No princípio ainda continuei dentro do esquema. Depois, de repente, comecei a descobrir, retomar um trabalho e ganhar dinheiro... Uma coisa importantíssima! Foi uma redescoberta. Sou apaixonada pela minha profissão. O campo da arte para mim é alguma coisa de muito importante. Não tenho dúvida sobre a utilidade do meu trabalho, sabe... do ser humano no sentido mais integral possível. Não foi sem razão que fui exercer uma profissão dentro desse campo. Era uma busca da raiz, da origem, no sentido mais profundo e universal do termo. Era uma afirmação de tudo aquilo em que acreditava. Aí continuou a minha luta; a minha luta continuou fortemente dentro da minha profissão. Comecei a querer assumi-la de uma forma maior.

Nesse período tinha crise de angústia sobre a nossa relação; não era problema somente meu, era uma percepção da problemática da mulher. Discutia com ele o que era o amor, estava insatisfeita. Também para mim era importante o contacto com as pessoas, não era o mundo das idéias e o mundo dos livros uma prioridade... queria sair, ver o que estava acontecendo, o que estavam apresentando na música, no cinema. A ele interessava que eu lesse tudo o que ele fazia, soubesse tudo o que fazia, mas ele não se interessava pela minha profissão. Isso me doía e ficava muito chateada que tanta gente me procurasse e conversasse tantas coisas com tanto entusiasmo sobre o meu trabalho e com ele não houvesse esse diálogo, um interesse assim de querer saber o que a mulher estava fazendo. Comecei a reagir e a não ler as coisas que ele escrevia. O que queria era uma pessoa que vivesse muito as coisas comigo, que se preocupasse pela relação cres-

cer, que buscasse o que era importante para mim, o que era importante para ele. Nenhuma das duas vezes ele ficou junto comigo na sala de parto! Quando nasceu o segundo filho estava dando aula. Dando aula! Não gosto de pensar nisso, soube depois, mas não gostei. Tava dando aula...

Eu não sabia exatamente porque queria me separar, mas queria, era uma percepção, uma consciência do problema da mulher. Tinha virado casulo, porém – ainda bem – aquelas asas dos meus sonhos cresciam de novo. Foi um processo longo de tentativa, de luta reivindicatória. Ele dizia que a sociedade estava louca e até eu também; e respondi que estava dentro dela, e dei finalmente um ultimato: ou eu ou ele dentro de casa. Nunca me arrependi, quando a gente luta, o que pode parecer uma perda para os outros para nós é um ganho. Não há retorno, ainda que a vitória seja a solidão.

Acho que a minha luta com os homens vai ser eterna, a nossa luta vai ser eterna, no sentido de que vai levar ainda muito tempo, no sentido de que ela é permanente, permanente mesmo! Quando vão acabar esses valores que são dados à mulher e que são dados ao homem desde pequenos? Eles crescem com a sociedade exigindo isso, a família exigindo aquilo... Quando é que vai acabar essa história da mulher e do homem lutando pelo entrosamento nessa vida de trabalho em que é tão pesada a carga dela, que realmente é uma carga diferente? Nesse sentido é que digo que a luta vai ser eterna...

Mas mesmo que as mulheres de hoje não consigam... eu acho que há uma continuidade; as conquistas não se fazem de forma mágica, no momento. Por exemplo, à medida em que nós estamos aqui e que está se fazendo um trabalho desse tipo – um livro de mulheres sobre sua experiência como mulheres no exílio – pra mim é parte do processo, por isso procuro falar o mais possível a verdade: eu como mulher, o porquê de toda a problemática, a estrutura familiar, como a gente como mulher está lá dentro, como pode sair, o que a gente quer, a reação como mulher diante de uma separação... Compreendi isso tudo profundamente, e antes não compreendia tanto.

Falo muito em família, porque acho que família é uma coisa muito forte, muito forte no sentido de coisas boas e coisas ruins. Acho importante, por exemplo, a mulher ter um tempo pra dedicar a seu filho nos primeiros anos dele. E aí, o que fazer com o trabalho? Com a profissão? Vejo uma série de coisas em termos de equilíbrio do meu filho mais velho e acho que isso veio exatamente por eu ter tido a possibilidade de passar dois anos ligada a ele, pelo fato da minha relação com o pai dele ter sido muito boa naquele momento.

O outro filho nasceu numa época em que eu estava novamente participando de uma forma diferente, com responsabilidade de direção no trabalho e ao mesmo tempo em crise conjugal. Profissionalmente ativa e apaixonada pela coisa que estava fazendo e enlouquecida porque tinha que me dividir entre uma nova casa, uma propriedade, os dois filhos, e sem ajuda.

Me lembro, por exemplo, que não conseguia botar grades nas janelas do novo apartamento. Sempre tinha um problema, não conseguia encontrar o carpinteiro, sentia que não encontrava um equilíbrio no trabalho, casa, filhos, marido, a vida. Um dia, indo pro trabalho, no ônibus, descobri: aquilo veio forte, e vi que não botava grades porque no fundo estava perdida, e eles podiam morrer... Isso foi terrível e me tomou da cabeça aos pés. Eu disse: mas eu gosto deles, não é possível! A primeira coisa que fiz foi falar com a minha sócia, dizer que não importava se eu ganhasse e trabalhasse menos, mas que daí em diante ia ser assim, dar menos tempo ao trabalho, não comer ali nos dias em que comia, enfim, uma série de coisas modificadas... e no outro dia as grades estavam na janela. Agora, pra mim era difícil e continuou a ser difícil.

Depois da separação foi tudo sofridíssimo, profundo... e depois, um grande renascimento! Quando saí de um período de recolhimento e sofrimento, saí renascida. Renascida inteiramente. Tudo pra mim tinha um sentido, um raio de sol, tirar uma conta num banco, tudo, tudo maravilhoso. Entrei numa fase de muita criatividade, comecei a estudar piano, a participar de um grupo de flauta doce, freqüentar curso de artes plásticas, desenhava sempre. Foi um período muito bom. Comecei a ter outras experiências com outros homens, comecei a ir a tudo o que queria, os shows, os filmes bons, tudo o que perdia porque era o hábito de sempre ir junto ou a alegação da parte dele que trabalhava e que queria ficar comigo dentro de casa. O ficar comigo era na verdade muito pouco, na hora de comer, na hora do cigarro, e depois se fechava pra trabalhar...

Isso tudo cria o medo que tenho hoje de assumir uma relação, de viver todos os dias dentro de uma casa com outro homem. Tenho medo de perder o que conquistei.

No começo sentia falta da presença dele, sentia falta das coisas que ele fazia, que não eram muitas, por exemplo, endireitar um brinquedo elétrico que eu nunca endireitava... Essas coisas eram a lembrança dele. Também sentia falta das nossas conversas quando existiam. Mas continuou entre mim e ele a velha guerra do homem e da mulher de que falei. Havia um certo desrespeito ao meu tempo, não tinha dia pra vir buscar as crianças, era quando fosse

possível. Essa instabilidade atingia a eles e a mim. Eu virava gato, subia o couro e o cabelo, estourava muito mais depois de separada, me sentia mais forte pra reivindicar o que era meu: consulte o meu dia, a minha noite, tenho direito a isso, mesmo pra ficar em casa. Esse tipo de coisa conquistei e consegui. Mas sempre foi, eternamente e continua sendo, um desencontro. Se ele achasse importante pros filhos ver a mãe, acho que eles já estariam aqui!

ERA COMO SE EU NÃO COUBESSE MAIS LÁ DENTRO, eu não me cabia mais, por todas as razões não dava mais pra eu ficar dentro. Só nesse momento saí. Vim pro exílio por problemas de opressão, não só a opressão no sentido de ter sido atingida diretamente pela repressão-prisão e tortura mas a opressão em que você fica depois, tentando ver se dá pra ficar no Brasil. Há pessoas que podem enfrentar muito bem esse tipo de coisa, há outras que realmente não estão a fim de enfrentar novamente.

Fui presa duas vezes, uma pelo DOPS, a outra pelo Exército. Na primeira prisão não tive maior problema, mas na segunda... Depois da primeira prisão não quis sair do país. Houve momentos em que fiquei só, todos os amigos, todo mundo achava que eu devia sair. Mas eu queria ficar. Depois da segunda, mesmo achando que devia sair, aquele desejo de ficar era muito forte, e tentei fazer mais coisas na minha profissão, abrir um circo... Mas fui proibida por eles. Tive a sensação de que seria sempre proibida por eles, que nunca poderia ser eu na liberdade que havia conquistado. Tinha até a sensação de que quando estava muito livre num lugar, dançando, muito livre... que aquilo fosse motivo para uma prisão. Eu me considerava dentro de um grupo de mulheres que evoluíram muito no sentido político, de vida, profissional, de libertação sexual... e elas de certa maneira são marginalizadas da maioria das mulheres.

Sentia medo de não poder ser natural no Brasil, tinha medo de ser liberdade! Isso tinha sido tocado e tão condenado lá dentro da prisão! Tudo isso te fica. Você não tira de letra mesmo. Não sei se outras mulheres tiveram esse tipo de problema, mas realmente entendi que a eles incomodava a minha liberdade pessoal, eu mesma. Não era uma mulher dentro do modelo da sociedade. Isso incomodava a eles, incomodava profundamente...

Esse tipo de homem não admite. São realmente os machistas no sentido verdadeiro da palavra, os militares-torturadores são profundamente doentes, isso foi uma coisa que vi lá. Você pode dizer, 'tá na função deles', mas pergunto, por que esta função? Que lou-

cura é esta? Com que prazer executam essa função... é uma coisa sádica!

O pior é como utilizam modelos. Isso é também uma coisa importante da minha experiência de exílio: descobrir que existem hoje, dentro do que se chama ciência humana, verdadeiros modelos que podem ajudar com precisão a tortura psicológica e outros tipos de tortura. Há publicações de pesquisas sociológicas onde se estuda, por exemplo, até que ponto a agressividade do homem é dele mesmo ou é a sociedade que faz o homem agressivo... dá-se um choque elétrico pra provar... coisas desse nível! Ouvindo isso do professor que dava um curso a que assisti sobre violência e repressão, perguntei se ele não achava que esse tipo de pesquisa ajudava a repressão; ele achava, tanto que pessoalmente não publicava. Isso tudo... a dimensão é enorme... foi uma semana em que tive crise de angústia... pra que servem essas pesquisas?

A mim me choca vir para um centro cultural avançadíssimo na Europa, escutar isso com tranqüilidade e nem ver reação das outras pessoas. A pergunta ao professor foi lançada por mim: Ninguém mais perguntou. Foi aí que compreendi que quando um problema te toca você vive uma porção de associações de coisas que se passaram. De repente vêm todas elas, e nesse momento veio lucidamente: por que existe um psicólogo no grupo que interroga? Não só no meu caso; várias pessoas já disseram que estava presente um psicólogo. Eu acho que isso não é gratuito de jeito nenhum, não é gratuita a forma e a estrutura do local onde você é colocada de acordo com o momento e a situação que está vivendo ali. Você é sempre interrogada em salas frias, sempre desce escadarias, você desce... Pra mim tem muito a ver com o calor e o frio, com o desproteger, não sentir calor, uma coisa uterina. O psicólogo, que é 'o pai bom', aparece quando você tá na última, ele é sempre o que fala no fim... Eu acho que existe o modelo.

O exemplo da tortura da geladeira é claro. As salas grandes... vai diminuindo, estreitando, até chegar a uma espécie de caixa de útero. Não sei se outras pessoas viram como eu ou se eu vi porque aconteceram comigo coisas estranhas. Tive a sensação de volta uterina, pelo menos no comportamento físico. Estava numa postura uterina e comecei a chamar inclusive pela minha mãe. Quando saí da geladeira me aplicaram uma injeção, eu sei lá pra que; tava morrendo, saí daquele lugar muito ruim, tava um trapo. No outro dia amanheci já descendo pra sala de choque, e tava lá somente o psicólogo. Antes eu nunca tinha ficado sem eles todos juntos. Uma coisa é o cara que dirige, porque tem um que dirige... não me convenço de que isso seja

gratuito, de jeito nenhum... tem um que é a autoridade suprema e tem aquele de voz mansa, que foi a quem mais odiei, porque eu tava uma merda e ele dizia, por exemplo: 'Fecha os olhos, deixa ver, tira o capuz, deixa ver o seu rosto!' Coisas desse tipo, que são o comportamento de um homem com uma mulher, esse tipo de jogo, de esquema.

Você sente em todos, até no falar, ser um objeto. Quem manda são eles, é o grande momento, eles são tudo, no sentido mesmo psicológico, inconscientemente mesmo. Ali é o grande momento, a mulher não pode fazer nada e eles podem fazer o que quiserem com ela. Realmente é o auge! É também machismo no sentido de domínio do poder, tanto com homem como com mulher, mas uma coisa é o machista diante de um homem, outra coisa é ele diante de uma mulher. Você vê que é diferente. Saber da tua vida pessoal e te condenar moralmente... separada... com várias experiências... outro tipo de vida...

Talvez por tudo isso, mas não só por isso, pra mim existe o modelo ali. O primeiro contacto que você tem com o local... eu senti imediatamente quando entrei, vi que era um quadro nazista, inteiramente, a sala toda escura, nada, uma mesinha no corredor onde você passa e entra com uma lanterna, espécie de foco... Isso pra mim, como simbologia, é perfeitamente claro. Toda a sensação que eu tinha era de facismo, nazismo, apreensão de modelos.

E saber que há mil pesquisas expostas, publicadas, saber que essas pesquisas vêm dos Estados Unidos e que militares-torturadores fazem cursos lá fora e que não são imbecis... É preciso entender que eles não são imbecis, estão sabendo o que fazem, estudaram modelos, se formaram com pessoas bem preparadas no campo do conhecimento mesmo científico.

O exílio me deu maior consciência desse tipo de coisa e muita angústia, desespero da ciência. Pra mim foi horrível perceber que a ciência humana, em nome da defesa de uma sociedade melhor, dá instrumentos pra esse pessoal doente.

O MAIOR CHOQUE, A MAIOR RUPTURA que tive com o exílio foi a separação dos filhos. Vivi com eles até sair do Brasil. Foi violentíssimo... há momentos em que não agüento muito, há momentos em que atravesso e vou bem, por uma série de coisas que procuro entender. Eu analiso: eles e eu... se vierem viver comigo, eu sem ter esquema maior de sobrevivência, até que ponto vou sacrificar a eles e a mim...

Acho que as minhas prisões afetaram muito os meus filhos. A primeira vez disseram aos meninos que eu tinha viajado. Eles colocaram: 'Não é possível, ela não pode fazer isso, ela nunca viajou sem se despedir da gente'. Não se convenceram. A segunda vez eles viram... aí ficou muito patente uma terceira vez, quando tive que correr porque tinha acontecido com uma outra pessoa e achavam que ia chegar até onde eu estava. Eu me lembro que saí e que o mais velho mostrava a polícia na rua e dizia: 'Olha, eles estão pedindo documento'. Era muita agonia, ele já estava entendendo, ainda hoje lembra tudo. O mais novo, por mil razões, não teve essa maturidade. Ele não quer entender, não compreende porque estou aqui, pergunta se não gosto deles, sempre chama, muito angustiado, sem entender bem porque não tem a mãe perto. O outro não chama jamais. Nas cartas um diz sempre assim: 'Eu espero você qualquer dia, qualquer mês, qualquer ano'. E o outro: 'Estou quase morrendo de saudade de você, quando penso em estar aí com você chego quase a chorar'.

Não sou a favor de esconder as coisas das crianças, estar sofrendo e dizer: tô com dor de cabeça. Geralmente dizia: tô triste porque há uma série de coisas na vida das pessoas que as fazem ficar tristes, mas depois vou melhorar porque vou resolver estas coisas que estão me fazendo triste nesse instante. Eles sentiam quando eu estava melhor e diziam: 'Os seus olhos estão sorrindo de novo'...

Sinto enorme falta deles. Era uma relação muito boa, muito franca, de tanta conversa! São filhos que são muito amigos! Quando eu saí, conversei com eles e coloquei que não podia trazê-los, mas que eles viriam em pouco tempo... Era uma coisa que eu imaginava, dentro da minha cabeça a idéia era: eu tendo uma condição de sobrevivência mais permanente (o que é muito difícil para um estrangeiro aqui), eles virão. Mas até hoje isso não aconteceu... Também disse a eles que para mim era muito importante conhecer o mundo, que desejava isso desde pequena, o que é verdade, essa dimensão cósmica, abstrata, simbólica do desejo de conhecer realmente o mundo, outras culturas... Eu disse assim: não quero conhecer com setenta anos, acho que existe o momento certo em que a gente deve partir pra descobrir coisas.

EU NÃO QUERIA VIVER SÓ COM BRASILEIROS, porque achava que isso não aumentava a minha dimensão de jeito nenhum. Já estava avisada de que as pessoas viviam agrupadas aqui, estava atenta a mim mesma pra não me agrupar, tanto assim que a primeira experiência de grupo que tive foi em teatro, onde havia só

dois brasileiros, o resto era francês, era húngaro, todo o mundo... Acabaram essas experiências, acabaram os grupos, mas sobraram duas, três pessoas a quem estou ligada até hoje.

Descobri coisas importantes a nível pessoal. Tive muita conversa com mulheres, muita conversa... com mulheres com quem vivi experiências profissionais e de amizade. Isso foi bom, porque a mim sempre me deu agonia ficar no grupo das mulheres. Já sei mais ou menos qual é o assunto delas, principalmente no Nordeste. Me interessava mais a roda dos homens, porque dali saía coisa mais curiosa. A conversa das mulheres era uma coisa repetitiva, era o problema da casa, dos filhos, da escola, do vestir... e daí é cansativo, mesmo que você tenha curiosidade, porque você é isso também. Tive muita aproximação com homens, muitos amigos, sem a coisa do sexo, nisso diferente do Brasil. Com a vivência aqui fora descobri também que um homem pode dar imenso prazer sexual e não ser bastante para ser companheiro. Tive uma experiência assim, mas ao mesmo tempo não dava, ele não via até onde eu via.

Durante os primeiros dois anos e meio fora eu me dividi muito. Fiz uma porção de coisas, descobri o mundo. Incrível. Mas fiz pequenas coisas que não me satisfaziam. Fiz teatro, dancei ganhando dinheiro profissionalmente, tive experiências em coisas que queria fazer e que no Brasil realmente não dava. Estava com medo de ficar. Não sei medir até que ponto o grau neurótico de perseguição é maior do que o grau real de perseguição. Na verdade não estava dando mais. Mil coisas que não fiz lá consegui fazer aqui. Fiz em pedaços, mas fiz. Acho que no lado profissional foi difícil, tive experiências, mas sem continuidade. Estudava, fazia biscates, vivia de fazer coisinhas aqui e ali. Mas publiquei, pela primeira vez *eu* dei entrevistas; tinha a vivência do meu trabalho com o povo, tinha publicações da minha equipe de trabalho, tinha uma série de coisas que já realizara e que eram importantes, ao menos senti assim.

Apreendi coisas novas, como pensar sozinha. Pensar junto e pensar sozinha são coisas diferentes. Senti falta do trabalho de equipe, senti muito. Por isso é que chamo pedaços a esses primeiros anos fora do Brasil, porque não tive oportunidade de trabalhar num grupo como tinha acontecido até então; um trabalho em que amadureci pensando e crescendo junto. Nesse sentido foi uma descida, me senti quebrada e isso me deu uma angústia muito grande.

Pra mim foi também importante ver aqui fora; ver e lamentar quanta coisa boa nós fizemos no nosso trabalho no Brasil, quanta coisa séria fiz no meu trabalho... e não documentei. Não utilizamos os meios visuais, quase nada foi registrado. Ficam só as idéias;

claro que se você recomeça um trabalho elas voltam, mas se você pode partir de uma experiência anterior... Aprendi aqui o espírito de pesquisa, o dever de fazer pesquisa. Defendo muito a prática, mas se não documentar a prática pra trabalhar com ela, pra acrescentar... Comecei com outras pessoas um trabalho com crianças imigrantes portuguesas, um trabalho de documentação, de anotação, e aí vi como era importante registrar as aulas. Uma pequena pesquisa e depois você parte dali para mil reflexões...

Não fiquei satisfeita com as minhas experiências de teatro, de dança; ao contrário, achei que era uma coisa alienatória pelo comportamento do grupo, no gênero 'Brasil Maravilha'. Não me sentia bem e me retirei. Senti o trabalho com as crianças imigrantes como uma retomada de um trabalho político. Tive a sensação de estar fazendo um trabalho importante. O que se observa é que a criança portuguesa se nega a falar a língua de origem mesmo com os pais, porque essa língua faz com que ela se declare de um nível sócio-econômico mais baixo do que o dos colegas franceses. A criança imigrante se sente isolada, marginalizada, ela se nega. Se recusavam a convidar os colegas franceses pra festa delas, na sede social delas. De uma outra escola vieram pra uma festa crianças francesas e portuguesas. Todas as crianças portuguesas tiveram ansiedade e vomitaram na viagem...



NO EXÍLIO DESCOBRI MAIS O MUNDO. Inclusive fisicamente, porque você passa a viver o dia-a-dia com outra cultura, com outra língua, com outros costumes. Pra mim viver em outra língua foi um problema. Falo mal, escrevo quase nada. Visceral. Vira sempre uma angústia, hoje ainda é assim, apesar de já compreender muito. Foi violento... comecei a perder a minha linguagem... o inconsciente, a linguagem simbólica que estava sempre presente perdeu-se muito aqui.

Tive sempre uma preocupação com as duas culturas. O choque, depois do choque veio a busca, o pensar como viver eu dentro dessa outra cultura, mas a partir de mim mesma, da minha cultura. É uma dinâmica, uma situação dialética. As coisas se passam, e se passando você tem a preocupação com o futuro delas; como juntar o que existe de importante aqui e lá em termos do homem e do futuro. Gostaria de ter oportunidade de ler, estudar, fazer agora um tipo de pesquisa sobre as diferenças de educação entre culturas bem diferentes. Senti isso vivendo aqui na Europa. Há lados negativos na nossa cultura e lados negativos na cultura do pessoal daqui. O tipo de educação que eles recebem facilita mais enfrentarem a sociedade de hoje mas

perdem muito da sensibilidade da coisa mais biológica, da coisa do homem mesmo que nós somos. Eu fico a me perguntar o que é melhor. Desde que saí do Brasil penso nisso.

Estive em contacto com instituições de educação conhecidas como profundamente revolucionárias, mas no caso da arte, por exemplo, é dado um modelo... A preocupação é pelo racional, a criança não descobre por ela mesma, copia, e nos momentos em que a criança quer revelar *ela*, discutir o problema dela, o assunto é a sociedade... E eu sentia nas crianças uma coisa precoce que acho muito triste, exagerada, como num programa de televisão em que vi uma criança de 9 a 10 anos com uma seriedade fora do comum, falando sobre ciência. Você sentia alguma coisa de profundamente adulto que faz mal, a mim fez mal ver, talvez exatamente porque tive uma infância muito tátil, de sentidos, e isso sem dúvida me faz ser muito mais forte.

Acho bem diferente o comportamento familiar europeu, as instituições européias são bem diferentes das nossas. Quando você vê uma família africana, uma família árabe nos metrô, nas ruas de Paris, você sente que é muito diferente de uma família francesa. Você não vê normalmente um pai francês abraçar, beijar os filhos, ter toques assim... e no entanto o que observei é que há uma enorme carência nas crianças. A comunicação na América Latina, no Brasil, é diferente da comunicação aqui. Eu já tinha sentido na Universidade, onde quase não há diálogo, onde as pessoas anotam, assistem, ouvem, anotam... as pessoas não falam muito.

A atividade da criança francesa é a leitura, poucos jogos, pouco contacto com grupos. Nas minhas experiências de *garde d'enfant*,¹ em escolas, em casas, vi que a mulher tem uma certa maneira de proibir que a criança bagunce a casa inteira. Não há empregada. Achei que nesse sentido a coisa ficava muito dura, e realmente não tinha porque, podia desocupar uma área, deixar um espaço... mas não, o não tirar do lugar as coisas... E as crianças vendo televisão... No Brasil também vêem, mas existe uma hora em que brincam no pátio do edifício, o clima, a praia, o futebol, sair com amigos, os telefonemas que são dados, maior liberdade entre as famílias. Aqui a criança não tem o direito, tem que discutir, tem que consultar e muitas vezes ouve um *não*. Precisa telefonar, precisa marcar, precisa perguntar se pode ir a casa dos amiguinhos.

Acho que não se pode violentar a cultura do outro, mas trocar. A gente tem uma parte muito importante a dar, os europeus deviam saber reconhecer isso. Por exemplo, em relação à máqui-

1. pessoa que toma conta de crianças

na, lembro-me de aulas no Brasil em que as crianças iam até uma fábrica de coca-cola por gostarem de coca-cola, e observavam toda a fábrica, como funcionavam todas as coisas, conversavam, voltavam e dramatizavam através do corpo e da música o que tinham visto... se tocando, se movimentando, fazendo o movimento da máquina. Isso é uma coisa muito saudável pro equilíbrio da cabeça, do corpo. E isso é nosso, muito nosso... corpo, ritmo.

SOU O RESULTADO DE TUDO ATÉ O DIA DE HOJE. O Brasil... realmente o distanciamento acontece. É impossível você ver do mesmo jeito quando está vivendo uma coisa e quando está afastada dela. Nesse sentido é evidente que tenho agora uma outra visão do Brasil. Pra mim o Brasil ainda é forte e latente, pulsa nas veias, por uma série de razões, inclusive por eu ter dois filhos lá; acho que pra mulher vai, vai, mas filho é uma coisa diferente, se você não tem filho não dá pra saber, nem dá pra explicar...

A volta... quero voltar. Reviver 64, no sentido de reencontrar um trabalho com o povo, voltar de novo à minha origem, asas abertas, ir bem ao fundo na busca e no reencontro. Mas tenho medo. Medo de perder a paz que conquistei aqui. A paz foi o mundo maior que ganhei no meu vôo.

*II A POLÍCIA NO CALCANHAR...
MEU FILHO PELA MÃO*



Leta de Souza Alves
Agosto de 1977.

**A PARTIR DA PRISÃO DO WASHINGTON
MODIFICOU-SE COMPLETAMENTE A MINHA VIDA.**

Ele foi preso no dia 1º de janeiro de 1970. Uns dias antes a gente havia discutido a possibilidade dele ser preso. Mas eram férias, entre Natal e Ano Novo... A polícia bateu lá em casa à meia-noite. Estávamos só eu, ele e a Sandra quando vieram buscá-lo. Era a OBAN: fizeram aquele aparato imenso, cercaram o quarteirão, trouxeram um companheiro preso para mostrar a casa.

Até o momento em que saíram eu fiquei atrás deles falando: vocês não podem fazer isso, não têm o direito de fazer isso, afinal por que? Então eles me ameaçaram de metralhadora gritando! 'Cala a boca senão te levamos também'. Sentei e fiquei quieta, mas continuei com aquela intuição de que tinha que reagir. O Washington é que não ficou quieto: reagiu violentamente, xingou-os de assassinos, que era um absurdo invadirem a casa das pessoas, por que é que não matavam de uma vez, que isso era abuso. E eles responderam à altura. O Washington saiu sangrando de casa, algemado e sangrando. Eu pensei – vão matá-lo! – e perguntei: Para onde vão levá-lo? Eles: 'Para o 2º Exército'. Aí tive a certeza: foi para o setor de tortura.

Eles só saíram depois de ficarem duas ou três horas revistando tudo. Me estragaram a casa inteira e não encontraram nada. Não havia nada mesmo. Passei o resto da noite arrumando as coisas, conversando com minha filha sobre o problema. Foi um impacto, um impacto terrível. E a partir daquele momento tive de assumir tudo.

No outro dia cedo fiquei em casa e não saí. Pedi a uma amiga que fosse junto com a Sandra até a Operação Bandeirante para se informar. Sim, ele estava lá, e incomunicável, lógico. Só fui conversar com ele depois de um mês no DOPS. Tinha o rosto deformado, a cara toda marcada, toda inchada, e me contou tudo. Que eles o ameaçaram de metralhar no dia da prisão, no trajeto grande de onde a gente morava até a cidade. Depois, como não conseguiram calá-lo, batiam na cabeça, na cara, por toda parte. Quer dizer que ele já chegou na OBAN em condições absurdas, em condições físicas deprimentes.

Do DOPS foi para a prisão Tiradentes. Durante esta fase outras pessoas foram sendo presas, pessoas que caíam e diziam que ele estava nisso e naquilo. Mas nunca provaram nada contra ele. Nunca perguntaram nada a esse homem. Nunca foi à auditoria, nunca foi ouvido por juiz nenhum, nunca foi ouvido por ninguém, sem processo sem nada.

Continuei trabalhando e as crianças continuaram estudando, mas diminuí de muito a nossa renda familiar e tive que tomar providências. Jane já não estava mais em casa, fazia pouco tempo que havia saído. Sandra começou a trabalhar e os dois menores entraram como *boys* na Ducal, passando a estudar à noite. E eu, para manter o nível de vida da gente, tive que trabalhar mais horas no Colégio. Mas isto só durou seis meses...

Em 1º de julho a minha filha Jesse Jane foi presa. As primeiras notícias ouvi pelo rádio, no Colégio. Falavam nos nomes da Jane, do Colombo e eu fiquei muito preocupada: não podia supor que eles fossem fazer um tipo de ação daquelas. Desde este momento a gente passou em função do que estava transmitindo o rádio, a TV. E aos poucos começaram a aparecer as principais peças do problema. A televisão focalizando tudo... Quando vi a polícia atacando o avião, pensei: é preferível que ela morra agora! Prefiro ver minha filha morta agora! Disse mesmo. Prefiro isso porque sei que essa menina vai sofrer terrivelmente...

Senti que naquele dia começava uma nova fase. Decidi ficar em casa porque naturalmente eles vinham me buscar. Quando chegaram eu estava sentada, me sentindo mal, com hemorragia. E veio aquela história: 'A senhora vai encontrar-se com a sua filha, nós vamos levá-la, não tenha medo...' Fomos presas eu e a Sandra. Os três menores ficaram na casa ocupada pela polícia. Nos levaram para a Operação Bandeirante. A Sandra tinha dezoito anos, assim tão despreparada... Eu estava muito nervosa, muito nervosa mesmo, e disse a ela: se prepara, minha filha, porque aqui nós chegamos na boca

do lobo. E não teve papo nenhum mesmo, não esperaram nem nada: nos levaram direto para a sala de tortura e ali passamos a noite inteira. Fiquei horas vendo minha filha tomar choque, tomar choque, enquanto me interrogavam. Se eu conhecia o Colombo, o que é que era meu, se eu sabia do plano. Depois faziam o jogo de gritar o nome de Washington no corredor. Quatro dias assim... Tive uma crise de angina e pedi o remédio que estava acostumada a tomar. Eles me negaram. Mas chegou a um ponto tal que tiveram que me levar para o Hospital Militar. Lá não me deram nenhuma assistência, nem sequer papel higiênico. Eu imunda, suja, tinha que me lavar em água fria e era mês de julho, fazia um frio terrível. Mas isto era o que de menos podia acontecer. A equipe do Fleury ia lá todos os dias me interrogar. Eu estava numa cela (não fiquei em enfermaria não). Numa outra cela estava um rapaz paralítico e cego pela tortura. Ele gritava pra mim: 'O dia em que a senhora sair daqui avise a minha família, não posso, não agüento mais'. E: 'Pelo amor de Deus, não deixe que me levem de novo para a Bandeirante porque eu sei que vou morrer lá'. Quando sai da prisão, denunciei este caso.

De volta à OBAN, eles me penduraram. Mas foi mais uma tortura psicológica porque quinze minutos depois vieram correndo: 'quem pendurou esta mulher aqui?' Aquela gritaria de tapeação, de sacanagem, de sem-vergonhice, de falta de, a gente não sabe nem explicar o comportamento tão imoral dessa gente. Então me tiraram dali se desculpendo uns com os outros, aparentemente dando uma imagem de bonzinhos, que tinham feito aquilo erradamente.

Entretanto, durante todo o período em que estive no hospital, eles saíram com a Sandra pela rua para identificar casas. Levaram-na até nossa casa também para ela dizer aos meninos que eu estava morta, que eles se preparassem para viver no Juizado de Menores... E ela acreditava realmente que eu tinha morrido, não tinha experiência, não tinha prática nenhuma, não podia nem duvidar duma coisa daquelas.

Quando me tiraram do pau-de-arara e me jogaram na cela da Sandra ela levou um susto enorme. Comecei a conversar calmamente com ela, perguntando o que se tinha passado, e disse-lhe: acho que a gente vai sair daqui, porque senão eles não nos juntavam agora. Vão nos transferir para outro lugar. À noite, na hora do jantar, pela primeira vez em dez dias me perguntaram o que queria comer. Eu não tinha fome nenhuma, mas fiz com que a Sandra comesse, porque estava prevendo um outro caminho para a gente. Talvez nos levassem para o Presídio Tiradentes, talvez para o DOPS, talvez para o Rio, o que era mais provável. Nesta noite a gente não dormiu porque aquele

rapaz que estava comigo no Hospital foi pendurado e gritou o tempo inteiro. No outro dia cedo veio uma equipe e disse: 'Vocês vão ser transferidas'. Perguntei para onde e eles disseram que não sabiam. Fiquei pensando que qualquer lugar que fosse seria a mesma coisa que ali. Então veio o tenente (todo respeitoso) e disse: 'Quero que a senhora saiba que nós não assumimos a responsabilidade do que vai acontecer daqui pra frente. Não temos nada a ver com qualquer coisa que lhe ocorra. Até aqui chegou a nossa responsabilidade'. Sabia o que tudo aquilo queria dizer e perguntei novamente para onde a gente ia. 'Para o Rio' - foi a resposta seca.

Durante todo aquele dia nos trataram bem, traziam comida, insistiam para que comêssemos. Sabiam que eu ia denunciar. Na saída armaram um esquema de segurança tão absurdo que era uma coisa inacreditável. Havia uns quarenta homens, a camionete preparada, duas motocicletas, um *Volks* atrás, outro na frente, quatro homens armados dentro da camionete. Nos algemaram uma à outra e assim esperamos uma hora em pé, com todos esses homens em volta comentando e falando e fazendo todo o tipo de provocação. Nos puseram na camionete com um cara da polícia federal no meio, entre eu e a Sandra. Por detrás dele, as nossas mãos algemadas, todo o tempo assim. Eu não disse uma palavra, não perguntei nada. A Sandra perguntava: 'Como está, mãe?'. E eu: Estou bem. Antes de subir no carro, tinha lhe dito: 'Prepare-se que nós vamos pra outro centro, para outro lugar pior. Na viagem pude observar o sujeito do meio, um mulato - me lembro perfeitamente da cara dele - maneiroso, o tipo do polícia bonzinho, o que faz o papel do que não quer prejudicar ninguém; na minha frente, um brutamente com a metralhadora virada para trás, todo o tempo da viagem com a metralhadora apontada para nós. Eu lhe disse: O senhor podia tirar essa metralhadora daí que ninguém vai fugir. Ele: 'Isto é a nossa segurança. A senhora não precisa dela mas nós precisamos'.

Saímos de São Paulo às três horas da tarde, um *Volks* na frente, a camionete no meio conosco, dois batedores e um *Volks* atrás. Absurdo. Duas mulheres ali, algemadas, com metralhadoras bicadas na cara.. Quando chegamos num restaurante nos disseram para descer e eu me recusei. Então eles me obrigaram. Os batedores passaram disfarçadamente como se fossem da polícia rodoviária, a camionete parou junto com os *Volks*, e nos tiraram as algemas. Protestei dizendo que queria descer algemada, pois era importante pra gente que as pessoas nos vissem assim; não tinha segurança nenhuma ali. Mas eles nos obrigaram a tirar as algemas, entraram conosco no restaurante e queriam nos fazer comer. Todo mundo notou que estávamos presas, é lógico, todo o pessoal do restaurante. A Sandra tomou

um café com leite, não consegui comer mais. Estava sentindo para onde ia, transtornada, cansada, e eu exausta. Nos levaram para o carro novamente, nos algemaram, e seguimos em frente. Chegamos às nove horas na PE do Rio, 1º Exército, e nos deram quinze minutos para tirar óculos, despejar alguma coisa que a gente tivesse, e fomos levadas para a sala de tortura, diretamente para a tortura. Desta vez não foi tortura psicológica, foi física mesmo. Porque estava a Jane lá, o Colombo, a mulher dele, o meu irmão. A família toda presa ali! E havia pessoas amigas da Jane, amigos da família do Colombo, da nossa família, estava cheia a PE. Fiquei no interrogatório até as três horas da manhã. Torturaram a Sandra também: tiraram a bota dela e torturavam-na na minha frente gritando comigo: 'Você não falou nada em São Paulo, mas vai falar aqui. Você mentiu pra todo mundo mas não vai mentir pra nós. Até aqui você conseguiu tapear, a nós é que você não tapeia!' Por fim nos levaram para cima, me puseram numa cela e jogaram a Sandra noutra, perto da minha, uma cela suja, sem cama. Ela gritava muito porque entravam e torturavam ali mesmo. A cada momento chegava um tenente daqueles que queria forçar até estuprá-la e tudo. E eu passei a noite assim, andei o resto da noite com este tipo de tortura na minha cabeça. Ela gritando de um lado e eu, sem condições de pensar direito nem nada, num estado nervoso, tremendo, querendo raciocinar... pensar...

No outro dia cedo chegou o coronel da aeronáutica que havia pedido a gente e que estava fazendo inquérito ali na PE. A primeira coisa que me perguntou foi se tinham me batido, o que tinham feito, e eu disse tudo. Então ele falou: 'A senhora foi presa em São Paulo arbitrariamente, quero que fique sabendo disso. Jamais poderiam ter feito o que fizeram. Há uma semana que a senhora já deveria estar aqui conversando comigo. Mas de agora em diante ninguém lhe pode pôr a mão. Se fizerem, a senhora me conta'. Mas são todos iguais; comandam a coisa por trás e os torturadores batem. De manhã eu tinha interrogatório com ele, depois ele ia embora e ficava à mercê dos policiais.

Durante quinze dias eles me levaram para conversar com o coronel na sala roxa. Nesta sala tinha um vidro que dava para o quarto da tortura. Quer dizer, eu tinha que prestar depoimento, conversar com ele, olhando os meninos sendo torturados do lado de lá. Assisti à tortura do Colombo, da Jane, de outros companheiros, de uma meninas que estavam lá há mais de um mês. Até que eles trouxeram a Jane para conversar comigo. Soube então que na noite em que chegamos trouxeram a Jane para ver a Sandra sendo torturada também. Diziam-lhe que falasse tudo porque 'a sua mãe está aí, sua mãe vai morrer se você não falar...'

A partir desse dia tive um pouco mais de paz, sobretudo porque trouxeram a Sandra para ficar comigo na cela. Outro dia me levaram até a cela onde estava a Jane, o Colombo, no mesmo andar onde estavam as meninas presas (algumas delas encontrei no exílio depois). A Jane não podia andar, deitada num colchão no chão. Veio se arrastando até as grades, toda queimada. O Colombo não podia agarrar-se com as mãos, tinha todas as pontas dos dedos e a sola dos pés em bolha, queimado de cigarros. O rosto queimado, os dentes quebrados. Aliás, eu tinha assistido eles quebrarem os dentes do Colombo a socos e pontapés.

Ao fim de quinze dias o coronel exigiu que a gente fosse transferida para a aeronáutica. Era a mesma porcaria. Mas pelo menos já não nos torturavam a mim e à Sandra fisicamente. O coronel depois me disse que tinha exigido a nossa ida para a aeronáutica, 'porque se vocês ficam aqui, eles vão acabar matando os meninos'. Realmente havia um perigo muito grande na PE. Um estudante de medicina tinha sido morto, apodrecido ali. Fazia quatro meses que estava com as costelas quebradas...

Durante todo o tempo em que estive presa os meus filhos menores ficaram com a polícia dentro de casa em São Paulo. Nem os meus parentes podiam se aproximar. Os meninos tinham nessa época 14, 15 e 16 anos, e eles ameaçavam os garotos dizendo: 'Sua mãe é terrorista, seu pai também, vamos matar sua irmã'. Um dia disse ao major que qualquer coisa que acontecesse com os meus filhos em São Paulo, eles seriam responsabilizados: Quando eu sair daqui vou denunciar tudo isso, tudo o que está ocorrendo aqui dentro e o que acontecer com os meus filhos. Assim, quero que o senhor tome as providências porque estou muito preocupada com a situação deles. Dois dias depois o major me disse que tinha providenciado para que a minha irmã de Campinas viesse tomar conta dos meninos. Mas a verdade é que até aquele momento, quase na véspera de eu sair, não havia ninguém com os meus filhos. Eles ficaram com a polícia, tendo que cozinhar e atender essa gente como se fossem os donos da casa.

Fui posta em liberdade junto com meu irmão. Mas antes disso tivemos que passar pela PE e fomos levados pra cela outra vez. Ficamos um dia inteiro presos, pensando que íamos voltar de novo ao mesmo tipo de coisa. Até que chegou uma cara e disse: 'Me acompanha'. Você segue e de repente está na rua, sem que ninguém te diga se está solta ou não, que não tem nada contra você. 'Vai embora', nada mais. E você se encontra no Rio de Janeiro, sem um tostão no bolso, pensando em como fazer para tomar uma condução. Não posso nem me lembrar... Fui à casa da minha irmã e ela não sabia que eu es-

tava no Rio. A minha mãe morava no Rio e não sabia que eu estava ali. Ninguém sabia onde eu estava durante todo aquele tempo...

No outro dia peguei a Sandra e voltei para São Paulo. Cheguei em casa e encontrei os meninos realmente com minha irmã. Quinze dias depois voltei ao Rio e fui ao Galeão ver a Jane. Foi uma loucura voltar ao lugar onde estivera presa! Mas fui, entrei e falei ao coronel: Quero ver a Jane. Ele respondeu-me: 'A senhora não devia ter voltado aqui'. Eu disse-lhe simplesmente: Quero ver a Jane, e entrei. A prisão do Galeão é um monstro, é um absurdo o centro de tortura do Galeão, é pior que a PE, mais secreta, mais bem montada, é muito pior. Porque a PE é pelo menos conhecida, todo mundo sabe que ali é um centro de tortura. O do Galeão é camuflado, fica no final da pista. Ali qualquer um pode te matar, te enterrar, fazer o que quiser com você que ninguém fica sabendo. E eu fui direto, meio cega, fui até onde havia estado. Cheguei (tinha guardas nas portas, tinha todas aquelas coisas) assim, como uma louca...

No portão o cara quis me barrar, e eu lhe disse: Tenho que conversar com o coronel fulano de tal. E segui em frente, meio doida, decerto estava meio doida... Fui e consegui falar com a Jane. Fiquei à espera e ali estava a mãe de um outro preso que tinha feito a mesma coisa que eu. Tive então uma discussão meio agressiva com esta mulher porque ela estava revoltadíssima com os próprios filhos, um tinha morrido. Eles me chamaram e concederam-me quinze minutos de entrevista com a Jane, diante de um cara de metralhadora, é lógico. Mas pude conversar um pouquinho com ela e perceber a situação. Ela ficou admirada de eu ter chegado ali, mas eu queria ver bem o estado físico dela. Contei como estavam os meninos porque ela estava preocupada com isso, e fui embora.

Quando saí da prisão cheguei em casa e encontrei o Fleury lá dentro com a polícia federal. Ele se apresentou, o que era perfeitamente dispensável porque conhecia bem a cara dele. Ligou a TV bem alta, pôs todo o mundo na copa e fez as mais absurdas propostas. Para que eu colaborasse: 'Você não precisa ter medo, tem aqui o meu telefone, basta ligar'. Durante três horas tive de ouvir suas promessas e ameaças. Que vontade tive de matar esse homem! Que impotência ali, que impotência! Na porta, uma camioneta cheia de policiais, e ele fazendo as maiores ameaças em relação à Jane, em relação à Sandra, prometendo que tirava o Washington da cadeia, que mandava minha filha para o Chile: 'Te dou tantos milhões, você não precisa mais trabalhar, vai colaborar comigo'. Esta perseguição do Fleury durou exatamente seis meses, desde que saí da prisão até o seqüestro do embaixador e a troca pelos 70. Ele mandava pessoas para contactar comi-

go. Outras me telefonavam e diziam: 'Você vai encontrar em tal lugar assim assim com o fulano de tal, e você vai encontrar com essa pessoa porque ela quer conversar com você e nós também queremos'. Eu batia o telefone e eles voltavam a ligar. Várias vezes baixaram no colégio onde eu trabalhava com carro da PE, da Bandeirante, metralhadora em punho, e me diziam: 'Você está presa'. Era uma tortura, você em pleno trabalho, preocupada com seus problemas, com um montão de coisas para fazer, chega aquele bando de policias com metralhadora na mão... e todo o mundo assistindo.

O que o Fleury queria é que eu entrasse em contato com um padre de nome Agostinho que, segundo ele, comunicava-se com o Toledo. Através do padre, Fleury poria a mão no Toledo. Mais tarde fiquei sabendo que um nada tinha a ver com o outro e que o Fleury pretendia mesmo era ligar o padre com a luta armada, para destruí-lo. Padre Agostinho era o capelão do Presídio Tiradentes, em São Paulo, e havia denunciado publicamente as atividades do Esquadrão da Morte. Naquela ocasião denunciei imediatamente na Auditoria da Aeronáutica de São Paulo a tentativa de chantagem por parte de Fleury.

Neste clima era quase impossível levar uma vida normal. Mesmo assim fui fazer a primeira visita ao Washington na cadeia, procurei me integrar no trabalho outra vez, dar um ambiente aos meninos para que eles continuassem estudando, trabalhando. Só que tudo isso era difícil pelo estado de espírito em que a gente se encontrava. Era a preocupação constante em relação à Jane, inclusive com o estado de saúde dela. Além da falta de segurança que a gente sentia havia sempre o medo de comprometer outras pessoas. É claro que havia os advogados, mas eles não tinham acesso aos presos. E se você procurava um advogado era quase a mesma coisa que denunciá-lo. Neste clima de tensão que se vivia no Brasil em 1970 eu conseguia trabalhar muito mal, apesar de receber uma solidariedade muito grande do Colégio, das pessoas amigas, de muita gente. Muitos chegavam e diziam: 'Como vai, não se preocupe, fique tranqüila, qualquer coisa conte conosco'. Não tinham nada a ver com problemas políticos, mas eram pessoas que tinham convivido comigo quase uma vida.

Com a prisão do meu irmão, a minha prisão, com tudo o que aconteceu conosco, a minha família se amedrontou muito. E a família do Washington, reacionária, demasiado reacionária, passou a ignorá-lo por completo.

MEU PAI ERA PASTOR PROTESTANTE, um homem de muita cultura, mas não era rico. Pertencíamos a uma classe média pobre, porque um pastor de uma cidade do interior naquela época tinha uma vida muito austera. Além disso, éramos muitos irmãos – sete mulheres e cinco homens.

As cidades do interior do Brasil, e de Minas principalmente, tinham a sua elite, e meu pai tinha uma participação muito ativa na comunidade. Isto dava margem a que nos relacionássemos com pessoas que não eram da Igreja e a conhecer determinado tipo de comportamento que não era somente o religioso. Até os dezessete anos vivi a vida de filha de pastor. Mas mesmo assim me sentia com mais liberdade do que algumas meninas que tinham pais católicos.

A Igreja protestante era muito atrasada naquela época, mas dava uma visão mais clara, muito mais nítida quanto à responsabilidade das pessoas em relação a si mesmas. Porque as meninas católicas, estas temiam tudo, até conversar com o pai e a mãe dos seus problemas pessoais. Nós, que tínhamos convivência social dentro da Igreja mesmo, tínhamos mais condições de dizer as coisas, de expor os pensamentos, de discutir os problemas da juventude. É verdade que a Igreja católica se abriu muito de uns anos para cá. E é verdade também que a Igreja, a religião, é uma coisa muito séria. Porque uma pessoa que é criada dentro de uma religião, como eu fui, tem que travar uma luta muito grande quando assume uma atitude política, principalmente sendo mulher. É que a religião cria, na mulher sobretudo, uma série de preconceitos. Faz com que ela parta do princípio de que tudo é pecado. Para superar tudo isto é preciso travar uma luta muito longa, o que a desvia dos aspectos sociais e políticos da sociedade.

Quando terminei o Normal, em 1945, tinha dezesseis anos e já sabia o que queria – sair dali e continuar os estudos. Meu pai tratou logo de me arranjar trabalho na igreja de uma outra cidade do interior. Então eu já namorava o Washington, mas ele não aprovava devido à diferença de formação que existia entre nós. Meu pai era um homem com uma história política bastante reacionária, de integralismo, mas via com muita clareza o problema da diferença de classe social e procurava me explicar: 'Você não nasceu para isso, latifundiário tem uma mulher assim, assim, dentro destes limites, e você não está preparada para isso. Além do mais ele é uma pessoa de origem católica, que não abre mão dos seus princípios religiosos'. Embora eu não entendesse na época todos os problemas que papai me colocava, a verdade é que briguei com Washington e parti para aquela cidade perto do Espírito Santo, bastante distante de casa.

Passei um ano trabalhando como professora na Igreja. Ali eu cantava no coro, dava aulas de religião às crianças, orga-

nizava os jovens através da Associação Cristã de Moços, além de ensinar na escola primária. Papai, muito contente, dizia que eu realmente nascera para casar com um pastor e não com um fazendeiro. E eu até concordava com ele. No fim do ano comuniquei à família que queria ir para Goiás, onde havia me matriculado no curso de enfermagem. Fui passar o Natal em casa antes de seguir para a Universidade e reencontrei o Washington. Ele queria casar logo e me impôs uma condição: que eu largasse os estudos. Nesta época ele já tinha um pequeno latifúndio também, exatamente como meu pai dizia: 'Filho de latifundiário já é um proprietário'. Contudo, ele tinha uma visão mais ampla do mundo porque não tinha sido criado dentro da fazenda. Aliás, os fazendeiros faziam isso – punham os filhos no colégio interno, e mais tarde, já doutores, viravam todos políticos. Em Minas era assim...

A partir do nosso reencontro eu dizia a mim mesma que ele era a pessoa indicada para viver comigo, que eu saberia me sobrepor a todos os obstáculos. Inclusive tinha a pretensão de convertê-lo ao protestantismo. Ele tinha vinte e cinco anos e era totalmente ateu, apesar de toda a atuação religiosa da família. Tinha parentes padres, freiras; havia um santuário na fazenda do pai dele onde se rezava missa; eram várias gerações de católicos praticantes e donos da cidade. Só depois é que as coisas foram se transformando, com a morte, com a civilização, com a estrada Rio-Bahia chegando.

Eu me casei com dezoito anos e fui imediatamente para uma outra cidade onde Washington tinha uma serraria, uma indústria que transformava a madeira extraída do seu latifúndio. Foi um casamento muito simples, feito em casa com o pastor, o cartório, algumas testemunhas. Depois entramos no carro e fomos embora. Desde então passei a conviver mais com a família dele. Quando fui conhecer minha sogra, levei um susto – aquela fazenda grande de café, aquela senhora, a própria senhora de engenho, com saia comprida, longa, era uma pessoa fina. O velho muito cortês, toda a família esperando, porque ele era o filho mais novo e além de tudo casado com uma protestante.

No princípio notei que o ambiente não era meu (caíra como um patinho ali). Eu havia sido criada sem o espírito de competição. Competir com meus irmãos, pra que? Lá em casa vivia-se em torno da cultura, do aprender. E de repente entro num mundo onde a vida era dinheiro, ganhar dinheiro, trabalhar para ganhá-lo. Até que um dia me dei conta de que eu não vivia afinal, vivia em torno daquilo que ele fazia. Mas nisto levei uns três anos. Passava o tempo lendo romance, comendo à hora em que a empregada fazia a comida, quando saía tinha o chofer. Era muito cômodo – mulher do patrão!

Ele era maçom nesta época e havia as reuniões sociais onde a preocupação da mulher de um maçom era se relacionar com outra mulher de maçom, com a mulher do prefeito, do doutor, esse relacionamento idiota de jogar cartas, de fazer um piquenique ou batizar o filho da empregada no fim de semana. Eu não tinha nenhuma vida própria; era uma vida quase que vegetativa, muito vazia, vazia, vazia. Minha sogra começou a me ensinar a costurar, bordar, cozinhar. Foi ela que me formou como dona de casa, como mulher para o tipo de homem que o Washington era naquela época.

Jane nasceu em 49 e em 50 eu já estava esperando outro filho... Tive sete. Quando a Jane tinha um ano e três meses nós mudamos para a sede da fazenda que era muito longe, num lugar sem conforto algum, que dava malária. Havia madeira bruta, virgem. Tiveram que abrir uma estrada para transportar aquilo tudo e eram seis horas de viagem da cidade mais próxima. Eu passei a ser a patroa - tinha empregada, babá, lavadeira, chofer. E comecei a ficar cansada daquela vida. Dizia-lhe: Não nasci para isso, essa vida nossa... Mas foi nesta época, exatamente quando mudamos para este lugar, que Washington tomou contato com a gente da esquerda. E foi aí que começou a mudança da nossa vida. Mas isto resultou de um processo muito longo, que foi lhe dando consciência de tudo aquilo que tinha sido, do que tinha aprendido. Quando a Jane nasceu, lembro-me dele dizer: 'Os nossos filhos não vão ter os sobrenomes da família. Quero que filho meu tenha o rosto que eu tenho. Mas o meu filho não vai ter esta mentalidade de herança, de latifundiário, de fazendeiro, de explorador, e vai perder também essa tradição familiar de 400 anos. Isso vai sair deles'.

Passava por lá muitas vezes o chefe do Serviço de Malária, uma pessoa bem mais velha e experiente, a quem Washington expunha suas preocupações: 'Sou contrário a este tipo de tratamento que o meu pai dá ao trabalhador. Acho que o trabalhador tem que ter tudo. Aquilo que tenho o direito de ter ele também tem'. Era uma visão socializante da coisa, mas ele não tinha clareza do problema como um todo. Achava que se cada fazendeiro socializasse a sua fazenda, no final eram todos socialistas. E de fato ele fez isso - construiu casas de alvenaria para os empregados com luz e água encanada (e olha que eram mais de 200). Depois, isto já não o satisfazia mais, não resolvia a sua ansiedade. E nós chegamos num ponto em que aquele ambiente não era nosso mais, nunca tinha sido. E ele se desligou completamente. Vendeu tudo e partimos.

Mudamos para o Paraná e fomos morar em Londrina. Foi aí que nasceu a minha terceira filha. Washington tinha nes-

ta época uma frota de caminhões para transporte de café. Mas não queria permanecer ali, queria ir para mais longe. Antes de decidir, no entanto, passou quatro dias fechado no quarto, lendo, estudando, pensando. Eu desapareci do mundo dele. Às vezes batia na porta e perguntava: Você quer comer? Ele ia lá, comia, e voltava a se fechar no quarto. Foi uma guerra que teve consigo mesmo, uma guerra pessoal para tomar uma decisão de vida, para partir para uma fase que vem a ser de dez anos na nossa vida.

Mato Grosso, na época, era uma terra selvagem, sobretudo a região de Dourados, onde estavam chegando os camponeses sem terra do nordeste. Como eu estava grávida, Washington me disse: 'Se você acha que deve me acompanhar, que pode me acompanhar, me acompanha. Agora, você vai pensar. Vai para casa de sua mãe e fica lá seis meses, até o menino nascer. Depois você toma uma decisão, resolve'. Ele foi para Dourados e eu para Blumenau, onde fiquei até o Juca nascer. Washington comprou um pequeno pedaço de terra junto com esses camponeses que estavam chegando, povoando aquele local. Ali tinha-se que lutar realmente pela posse da terra, pela sobrevivência. Para mim era o fim do mundo, e também uma aventura perigosa, porque os grandes fazendeiros tinham títulos de posse e se diziam donos da terra toda. O Getúlio Vargas determinara aquela área para os camponeses sem terra, quer dizer, permitiu a invasão dos camponeses, doou a terra aos camponeses, e quem quisesse podia tomar conta dela. Mas o Governo não dava assistência alguma, nem a semente pra plantar enquanto os fazendeiros eram protegidos pelo governo do Estado. Assim, travava-se ali uma luta sangrenta pela posse da terra.

Quando Washington chegou nessa região já tinha feito a sua opção política, e isto era quase que uma tarefa que ele assumia. Nesta época eu tinha vinte três anos e algumas resistências em relação às ideias políticas dele, devido à minha formação religiosa. Além disso, era para enfrentar um trabalho muito duro. Apesar de ter alguma experiência do campo como mulher de fazendeiro e dona de fazenda, virar camponesa já era uma outra coisa. Mas este foi o período em que a gente assumiu por completo a situação política.

EU ME ASSUMIA COMO MULHER E NÃO COMO MULHER DELE, mulher ativa e com uma determinada perspectiva política. O meu trabalho como secretária e como professora me deu condições para a minha independência. Tinha a minha responsabilidade pessoal, tinha responsabilidade com a sociedade também. Quer dizer, ele estava preso, mas podia ter sido preso muito antes, e eu

vinha me preparando havia anos já. Os próprios filhos já estavam preparados para isso, que era todo um cotidiano que se discutia em casa, do dia-a-dia do país, da situação política. E quando ele foi preso, eu assumi realmente. A gente analisando depois, muito depois, em conjunto com a família, acho que assumi corretamente e também os meninos se comportaram muito bem.

Quando houve o julgamento da Jane eu fui assistir. Fazia um ano que não a via, o ano todo que ela esteve em isolamento. No tribunal houve muita ameaça em relação à nossa família, ameaça que foi cumprida dois dias depois quando voltaram para prender a Sandra. Um outro grupo de jovens tinha sido preso e eles queriam de qualquer maneira envolvê-la, mas não tiveram condições; tiveram que soltá-la.

Um mês depois, em dezembro, ocorreu o seqüestro do embaixador suíço. E a partir do momento em que saiu o nome do Washington na lista dos presos exigidos em troca do embaixador, imaginei tudo o que poderia acontecer. Ao mesmo tempo em que senti uma alegria imensa, pois queria que ele saísse da cadeia, comecei a pensar uma porção de coisas sobre o exílio... Mas sabia que de outra forma ele não ia poder sair tão cedo, porque jamais tinha sido ouvido. E não me enganei, pois o processo em que ele foi enquadrado foi julgado apenas há dois anos atrás. Quando eles estavam para sair escrevi uma carta me despedindo e dizendo-lhe: A gente assume e continua assumindo. Vá e seja feliz. Quando a gente puder a gente se encontra, se puder. Não tenho a menor idéia do que vai se passar daqui pra frente, mas pelo menos você vai ficar livre.

Uma pequena parte das famílias pressionou muito para que os presos não saíssem, sobretudo mulheres que tinham filhos e que não queriam se separar dos maridos. Neste sentido, elas acabaram fazendo o jogo da polícia que criou toda uma política de intriga em torno dos presos. Foi por isso que eles só saíram passados quarenta e tantos dias depois do seqüestro. Neste intervalo eles procuraram pressionar as famílias e muitas foram até torturadas no DOPS. Fui avisada por algumas pessoas, amigos que me aconselhavam a sair.

Eu me sentia muito incômoda durante estes quarenta dias. A polícia já havia me procurado várias vezes, mas eu voltei para casa. Era véspera deles saírem do país quando entrei no presídio. Um policial me reconheceu e disse: Que é que você está fazendo aqui? Respondi-lhe: Vim me despedir dele. E ele: 'Desça rapidamente e vá embora!' Foi o que fiz. Mas a partir desse momento não tive mais paz, não tive realmente mais paz. Sofria ameaças todos os dias, sempre. Continuei a trabalhar porque a minha intenção era permanecer no

Brasil, continuar a minha vida até onde pudesse ou como pudesse, e dar uma segurança aos outros filhos menores que não podiam ficar assim perdidos. Aliás, eles tinham consciência do problema. Mas sobretudo porque achava que a Jane precisava da nossa presença lá, a Jane, o Colombo, precisavam mesmo.

Mas um dia a direção do colégio me chamou: 'Olhe, existe uma perseguição muito grande em relação a você e nós achamos que você precisa tirar umas férias. Seu trabalho continua aqui, você vai para algum lugar até que passe o pior, pois no momento não tem condições de trabalhar. O que você precisar a gente ajuda'. Era um colégio caro, um colégio burguês, cheio de policiais infiltrados, eu sabia. Havia alunos ali que eram da Bandeirante, que conhecia de lá e que me provocavam abertamente. O colégio não podia proibir que entrasse fulano ou sicrano, inclusive era pressionado também pela Ditadura. Então combinei com eles e saí. Entreguei a casa e guardei os móveis num galpão do colégio até que tivesse condições de voltar. Uma semana depois soube que a polícia tinha ido lá e posto um cadeado nas minhas coisas. Passaram a me procurar e a pressionar as pessoas para que dissessem onde eu estava. Quer dizer, me puseram na clandestinidade! Aí começa o exílio na minha própria terra, na minha própria pátria. Período terrível da minha vida!

Durante três meses enfrentamos todas as dificuldades com uma reserva de dinheiro que eu tinha, sem possibilidades de contatar pessoas amigas. O único que nos dava assistência era um irmão meu, hoje está morto. Só ele tinha acesso a nós e nos dava um certo conforto moral. Mas a cada dia que passava a nossa sobrevivência no país tornava-se mais difícil. Eu não podia trabalhar, os meninos não podiam estudar e nós tínhamos que tomar alguma iniciativa. Para permanecer, tínhamos que mudar de Estado, talvez, ou recorrer a alguma entidade que nos ajudasse a sobreviver. Discutimos muito e chegamos à conclusão de que tínhamos que sair do país. Em princípios de abril ocorre um fato novo que me obriga a tomar de imediato esta atitude. A casa onde eu estava era conhecida de um outro irmão que foi preso. A partir desse momento me senti totalmente insegura, já que havia toda uma estória de que nós éramos uma família terrorista e podia ser que eles relacionassem o seu nome com o meu, com o da Jane com o do Washington. É então que resolvo procurar o apoio das autoridades eclesiásticas do país, da Igreja. E foi aí realmente que encontrei um apoio excepcional. Até podermos sair demorou ainda mais três meses, tive que me separar dos meus filhos; os meninos foram para uma par-

te, as meninas para outra, e fiquei só... Fomos nos encontrar na saída do país.

É quando começa uma história até meio tragicômica. Como eu conhecia bem o Mato Grosso julgava que fosse mais fácil a saída pela Bolívia, mas isto foi um erro na época. No dia 15 de junho de 1971 saímos de ônibus para Cuiabá, de lá para Porto Velho, depois Guajaramirim e daí para o outro lado. No ônibus havia só mineiros, camponeses, homens rudes, e achavam estranho uma família, uma mulher com quatro filhos, viajando para passar férias. Era o que dizia para eles. Em determinados pontos da estrada nós pegamos três 'revistas' militares – entravam, revistavam as malas, as bolsas, as pessoas. Havia todo um aparato policial neste trajeto longínquo.

Já na Bolívia, nos instalamos como turistas. Era finalzinho do governo Torres e havia assim um clima festivo na cidade – as pessoas muito abertas, falava-se muito em reformas, em socialismo, e nós nos sentimos como se tivéssemos liberdade, como se tivéssemos renascido. Aluguei um quarto na casa de uma família para planejar o prosseguimento da viagem, e é então que tenho uma surpresa muito grande – não havia maneira de prosseguir sem documentação. Daí a La Paz só se podia sair de avião. E então como seria? Era mais que uma pergunta.

Três dias depois eu já sabia que havia me instalado na casa de um militar afastado do governo de Torres. Ele fora mandado para esta região como uma espécie de castigo. Era capitão do Exército boliviano e já estivera asilado no Uruguai e no Brasil, onde permaneceu treze anos e casou com uma brasileira. Ele passou a me contar sua história, a da família, e eu comecei a achá-lo bem diferente daqueles militares que havia conhecido antes. E conversava sobre os problemas de Minas, coisas corriqueiras com a mulher dele. Até que cheguei a uma situação em que não tinha mais condições de esconder-lhe o meu problema. Então ele me disse: 'Eu sei que a senhora está fugindo do Brasil, está passando por aqui porque quer seguir em frente. Acho que a senhora deve conversar comigo mais abertamente, não temer tanto. Preciso desse dinheiro que a senhora vai me pagar pelo aluguel e por cada pessoa para comer e dormir. Aqui come-se muito mal, mas a senhora terá toda a comida que a gente possa dar e vou lhe ajudar para que a senhora siga a sua viagem'. Expliquei-lhe que a minha meta era chegar ao Chile onde estava o meu marido. Mas havia dois problemas muito sérios a resolver. Primeiro, a falta de dinheiro, porque o que tínhamos não dava para pagar passagem de avião para todos. Segundo, e principal, não tínhamos nenhum documento que

nos autorizasse a permanecer na Bolívia. Não tínhamos salvo-conduto, nem passaporte, tínhamos apenas a carteira de identidade. Chegamos à conclusão de que teríamos que conseguir um salvo-conduto da polícia brasileira do outro lado. Esta tinha naturalmente um bom relacionamento com a polícia boliviana e logicamente ele era ligado a militares brasileiros. Foi assim que consegui comprar, através deste senhor, dois salvo-condutos por 300 cruzeiros, o que me desfalcou ainda mais. A polícia brasileira os concedeu sem me conhecer. Uma era para mim e os meninos juntos e o outro era para a Sandra. Agora era pensar como seguir em frente. Resolvi que a Sandra iria primeiro, mas teria que contar com pessoas em La Paz que a ajudassem a chegar ao Chile. Foi também este senhor que me apresentou a uma pessoa de esquerda ali em Guajaramirim, que me forneceu um contato em La Paz. E ela seguiu. Foi um período que nos pareceu muito longo, essa espera. Mas tinha certeza que nós chegaríamos ao Chile. Enquanto isso fui vendendo algumas coisas que tinha. Vendi relógio, anel, alguma roupa, inclusive coisas que tivessem mais valor, para ir sobrevivendo neste lugar onde não havia trabalho.

A Sandra conseguiu chegar em Santiago e encontrar o Washington. E aí começou toda uma mobilização para nos tirar de lá. Nessa altura eu já devia mil e tantos pesos de pensão, e isto significava muito porque já fazia mais de um mês que estávamos comendo e bebendo sem pagar. O capitão, que não tinha uma renda regular, trabalhava com madeira e levava os meninos para ajudá-lo. Pescavam e nós comíamos banana cozida com peixe, e foi até um pouco divertido. Mas eu me sentia incômoda de dever a ele. Neste intermédio veio uma chamada pelo rádio dizendo que haviam chegado pessoas do Chile e que estava sendo encaminhado o dinheiro para a nossa saída. Então criei alma nova. Isto ocorreu exatamente vinte dias antes do Golpe na Bolívia. Uma semana depois chegaram as passagens somente. E como havia um único avião por semana para La Paz tivemos que viajar sem pagar a pensão. Partimos às cinco horas da tarde, com apenas dez pesos no bolso. Uma hora depois de levantar vôo o avião baixa numa cidadezinha e aí tivemos que pernoitar. Mas a companhia não nos dava nenhum atendimento, nem nos fornecia hotel. Os passageiros dispersaram e eu disse aos meninos: Vamos passear por aí, dar uma volta e depois dormimos no jardim, porque dinheiro a gente não tem. Os pesos que eu tinha deram para cada um comer um pastel e tomar uma xícara de café com leite numa dessas barracas bolivianas típicas. Fomos sentar num banco do jardim. Era uma praça bonita, e já lá estava um rapaz que viajava conosco, um turista normal. Bonzinho o rapaz, mais ou menos desconhecido, sentou-se e começou a conversar:

'Eu vou dormir por aqui, não vou pagar hotel que é um absurdo'. Pouco depois aproximou-se de nós um senhor de idade, perguntou de onde éramos, para onde fomos, e entabulando conversa ficamos aí até às nove horas. Perguntei-lhe então se não conhecia alguém que nos pudesse dar alojamento. Ele nos levou a uma pensão que era da prima dele e nós passamos a noite lá. Ela nem cobrou, nem perguntou, e nos deu até café da manhã. Saímos e fomos tomar o avião às seis horas para La Paz. Aí a chegada foi diferente – havia gente nos esperando no aeroporto e fomos para um hotel. Isto dois dias antes do Golpe. As pessoas nos puseram a par da situação do país, a iminência de um golpe, as dificuldades que teríamos na nossa saída para o Chile pela falta de documentação. E nós tivemos que apelar para o Consulado Chileno.

Massa na rua, povo, clima de guerra. No outro dia acordamos com rajadas de metralhadoras, aviões sobrevoando a cidade, tanques nas ruas, na praça, a tomada do palácio do Governo. Através do rádio acompanhávamos todo o movimento golpista. E as palavras de ordem emitidas de uma parte e de outra. Assistimos ao bombardeio da Universidade de Santo André, o povo imobilizado e a implantação da Ditadura. Nossos amigos tinham que providenciar uma saída imediata para nós, mas não era fácil. Então tivemos que nos arriscar a sair pela única forma que havia – um trem terrível que levava traficantes. Saímos à meia noite, depois de termos permanecido oito dias em La Paz. Viajamos camuflados no meio de todos os contrabandistas. Era um trem imundo, com pessoas de baixo calibre, que transportavam de tudo. Por sorte encontrei um brasileiro ali que foi a nossa salvação. Na fronteira com o Peru houve problemas com a documentação e graças à interferência desse brasileiro pudemos seguir viagem. É um rapaz que não esquecerei jamais. Chegamos a Arica e fomos detidos em prisão domiciliar até que averiguassem o porquê do nosso pedido de asilo no Chile. Depois de cinco dias tivemos licença de viajar para Santiago. Seguimos de ônibus, num calor tremendo, e chegamos dois dias depois.

Em Santiago não havia ninguém à nossa espera. Eles não sabiam exatamente o dia em que íamos chegar. O certo é que eu tinha o endereço onde poderia encontrar as pessoas que haviam saído no seqüestro do embaixador suíço. Era o *Hogar Taller Pedro y Cerdá*, Parque O'Higgins. Tomei um táxi e me dirigi para este Hogar. E ao chegar encontrei algumas mulheres que nos acolheram e nos indica-

ram onde encontrar o Washington. A maioria das pessoas já não estava mais neste lugar. Era lógico, haviam passado vários meses, já era setembro de 71, e eu havia saído do Brasil em junho.

Aí começou o meu terceiro exílio. Nossos primeiros dias no Chile foram bastante duros. Era uma tentativa de reencontro de família feita num momento difícil, depois de longo tempo de separação e de uma trajetória incrível. Um encontro numa situação completamente diversa daquela que havíamos deixado poucos dias antes na Bolívia. O Chile vivia um momento de euforia, de entusiasmo político, e nós tínhamos que nos adaptar àquele ambiente novo, inclusive aprender a pronunciar a língua do chileno que era diferente da do boliviano. Havia determinados problemas que tinham de ser resolvidos em conjunto, discutidos e analisados por todos nós. Era toda uma família tendo que encarar uma situação nova.

A visão que tínhamos do Chile no Brasil era muito diferente do que encontramos lá. No princípio sentimos toda aquela euforia de um povo na tentativa de implantar o socialismo. Um povo na rua, aplaudindo o seu governo, defendendo as suas posições. Demoramos vários meses procurando entender o que lá se passava, tentando ter uma compreensão mais exata.

Tínhamos imaginado que nossa vida seria mais fácil do que foi realmente no Chile. Era difícil encontrar casa e tínhamos pela frente o problema da manutenção, de sobrevivência mesmo, e da falta de trabalho. A maioria dos brasileiros – chegamos a constatar isto depois de dois ou três meses – não tinha um trabalho, e o processo revolucionário chileno tinha tremendas dificuldades para avançar. Eu me sentia completamente confusa, assistindo a todas aquelas demonstrações de força na rua, as passeatas, as manifestações. O povo gritando por uma afirmação. Por outro lado, tínhamos tido uma experiência muito dolorosa no Brasil e não confiávamos no processo feito da maneira como estava sendo levado no Chile, onde a esquerda confiava tradicionalmente no seu Exército. Foram meses bastante dolorosos, de expectativa, de esperança, de dúvidas.

Outro fator que marcou muito o meu exílio no Chile foi o relacionamento com a colônia brasileira. Eu conhecia alguns da prisão no Brasil. Outros, de fora da cadeia. Mas a maioria, no geral, não havia conhecido antes. E só tomei conhecimento da situação real dos brasileiros no exílio quando tivemos que começar a trabalhar duramente para sobreviver. Logo que cheguei entrei em contato com um grupo de mulheres brasileiras que me procuraram. Um grupo poucas mais velhas do que eu, outras bastante jovens, saídas do meio

estudantil. Conseguimos formar um grupo mais ou menos amigo para conversar sobre problemas brasileiros, discutir a problemática do exilado, principalmente das crianças no exílio. Todas elas viviam os mesmos problemas que eu – sobrevivência, trabalho, estudo. Através destes contatos foi-se definindo uma visão daquilo que era a vida da exilada no Chile. Tínhamos que trabalhar em qualquer coisa, e durante um ano costurei para manter a casa. Foi um ano duro, muito difícil. No princípio de 72 conseguimos uma casa num bairro de classe média pobre: Macul. Aí passamos a ter uma vida mais normal. Continuei costurando, embora só o fizesse por necessidade. Meus filhos começaram a estudar no curso técnico e conseguimos sobreviver determinado período com este tipo de trabalho. Durante a minha clandestinidade eu aprendera a trabalhar com *batik*. E passei a fazê-lo no Chile porque havia um grande campo para o artesanato. Mas aí já era um trabalho de família – um pouco de bolsa, de sandália, trabalho bastante cansativo mas bonito, e que garantiu a nossa sobrevivência até o último dia.

Confesso que tive uma dificuldade de integração na sociedade chilena. Não consegui jamais. Primeiro porque vivia voltada para o Brasil. Meu pensamento estava sempre lá. O meu conforto no Chile era receber uma carta da Jane, com notícias dela na prisão. Esta foi também a época em que a repressão matou muitos dos nossos jovens que voltaram na ânsia de modificar o processo brasileiro. Tudo isso se refletia no nosso espírito e uma tristeza profunda nos acompanhava sempre no Chile.

Outro problema sério, que marcou muito a minha vida no Chile, foi a diferença de classes existente no meio da colônia brasileira. Havia uma discriminação aberta contra as pessoas que trabalhavam e principalmente contra aquelas que trabalhavam como nós. Trabalhar no Chile era feio, era ser pobre, ser ignorante, não ter capacidade política. Ou, por outro lado, era aburguesamento, acomodação, várias interpretações. No fundo, era realmente a discriminação daqueles que não eram doutores, dos que não participavam da roda dos doutores. Esses não mereciam a atenção necessária e a solidariedade que eu imaginava que poderia haver no exílio. A maioria dos brasileiros não trabalhava, muitos estudavam. Os que provinham da burguesia recebiam dinheiro do Brasil e passavam todo o tempo discutindo política nas Universidades. Os que trabalhavam, os que tinham condições financeiras menos favorecidas, que viviam nos bairros mais pobres, *poblaciones*, favelas, esses eram realmente discriminados. A burguesia vivia no bairro Alto. A maioria deles eu conhecia de nome, via-os nas manifestações de rua, mas muito pouco relacionamento tínhamos com eles no Chile.

Aprendi muito com a experiência de exílio no Chile. Aprendi principalmente a me situar como mulher exilada. Aprendi a observar o comportamento das exiladas e das não-exiladas, das chilenas, das latino-americanas. Foi uma oportunidade de ver a atuação delas dentro daquele processo convulsivo em que se vivia. Frequentei *Centro de Madres*² e ali conheci vários aspectos da vida da mulher chilena, como política, como profissional, como dona-de-casa. Às vésperas do golpe, a gente sentia a inquietação principalmente das vizinhas, das mulheres na rua, as discussões que travavam nas filas do pão, do açúcar, de tudo em geral. A mulher discutia de igual para igual com o homem o problema político, percebia o clima que se estava vivendo.

Nos primeiros dias depois do golpe, senti uma aproximação maior e quase que uma afinidade com o povo chileno. Porque a experiência que havíamos tido até aquele momento nos dava uma noção clara de luta que teria de ser travada a partir dali. Senti ainda mais a presença da mulher e seu espírito combativo dez dias depois do golpe, quando vieram prender os estrangeiros que moravam em Macul. A Força Aérea Chilena, com o seu aparato blindado, cercou todo o bairro. Ali moravam vinte e cinco famílias brasileiras. Foram direto à nossa casa; estávamos ali trabalhando. Toda a população entrou em pânico. Os vizinhos das suas janelas, das suas portas, olhavam aquele espetáculo de invasão militar nas casas dos brasileiros, atônitos, porque nunca haviam assistido aquele tipo de repressão. Nós aceitamos no momento como um fato se repetindo, porque já havíamos passado por isso. Os militares permaneceram aí umas três horas, invadiram, saquearam, quebraram. Numa das casas souberam que uns vizinhos chilenos haviam ajudado o casal que lá morava a chegar até a embaixada. Foram também presos, o pai e o filho.

Mas a maioria dos brasileiros já havia saído do bairro e entrado nas embaixadas. Também os meus filhos. Só Washington e eu havíamos ficado. E tivemos de permanecer ao sol durante três horas, com as mãos para cima, enquanto eles quebravam a casa toda, arrebatavam o que podiam, procurando documentação, armas, coisas. Neste momento chega o meu filho Juca que havia vindo saber como estávamos e o que iríamos fazer. Ainda não havia entrado na embaixada. A partir daí eles começaram a utilizar os seus métodos de interrogar – feriram o Juca com a ponta de uma baioneta. Naquele momento percebi que eles seriam levados não sei para onde ou que talvez fossem mortos. Havia inclusive um sargento que me disse: 'Companheira, fique tranqüila, com você não vão fazer nada; mas não sei o

2. espécie de Clube de Mães.

que pode acontecer com eles porque muita gente já foi morta. Isto é o fascismo. Infelizmente eu sou apenas um soldado que cumpre as ordens. Não posso fazer absolutamente nada'.

Eles foram levados amarrados em cima de um caminhão, os quatro prisioneiros. Mas eu não sabia, não tinha a menor idéia para onde eles iam. Quando os militares estavam saindo, se retirando, os tanques, os caminhões da Força Aérea, muitos policiais, quando foram terminando de sair, as pessoas foram também saindo das suas casas; foi brotando gente de todo o lado e eu permaneci fora, olhando todo este espetáculo, meio confusa, traumatizada. Foi então que senti a solidariedade dos vizinhos e o verdadeiro pânico das suas feições, nos seus olhares, na maneira deles se dirigirem a mim. Foram se aproximando da minha casa, foram formando um círculo que rodeou a minha casa, alguns entraram no meu jardim. Então eu lhes disse que o soldado havia falado: Isto é o fascismo. Este processo foi usado no meu país e de agora em diante vai ser muito difícil a vida de vocês chilenos, porque hoje estão prendendo os brasileiros, os estrangeiros, mas amanhã vão começar uma perseguição geral a todas as pessoas que não estão de acordo com este tipo de governo.

Muitos dos vizinhos começaram a arranjar a casa, a pôr as coisas nos lugares, e me diziam para ficar na casa deles. Tinha sofrido um impacto. Aquilo não fazia sentido com a concepção que tinham das suas Forças Armadas. A partir de então eu nunca fiquei só. Havia sempre duas, três vizinhas na minha casa. Levavam comida, me convidavam para ficar com elas, insistiam para que eu sásse. Havia um casal chileno que trabalhava conosco e que a partir desse momento não saiu mais de minha casa. Permaneceram como integrantes da minha família. Foram os meus companheiros. Havia também algumas brasileiras que ainda não tinham entrado nos refúgios e que passaram a dormir lá em casa, a participar junto comigo das aflições dos dias seguintes. A solidariedade que tive nesta ocasião foi realmente uma coisa que me marcou e que não poderei jamais esquecer.

Depois foi a peregrinação ao Estádio Nacional. Havia milhares de pessoas todos os dias na porta do Estádio, frente aos portões, querendo identificar, reconhecer, saber se ali se encontravam seus parentes, seus maridos, seus filhos. E as mulheres permaneciam horas, dias, levando comida, cobertores. Eu passava os meus dias entre o Estádio Nacional, as portas das embaixadas, a sede da ONU, a Cruz Vermelha, percorrendo todos os lugares junto com algumas mulheres brasileiras, mães que haviam chegado do Brasil à procura de seus filhos, mulheres chilenas procurando seus parentes. Íamos a todas as partes saber onde eles se encontravam, e só pude localizar o meu marido e o meu filho, que estavam no Estádio, depois de quinze dias,

através da Cruz Vermelha Internacional. Passei então a mandar coisas para os brasileiros lá dentro, que nunca chegavam às mãos deles. Os próprios militares comiam ou consumiam os objetos. Havia várias mulheres brasileiras presas e eu assisti à prisão de muitas mulheres chilenas. Vi também muitos mortos nas ruas de Santiago. Uma manhã saí na minha costumeira andança à procura das pessoas que haviam desaparecido, e quando desci uma ladeira entre Macul e Avenida deparei com seis corpos em frente a uma padaria. As pessoas que estavam na fila (uma *cola*, como se diz no Chile) olhavam caladas os cadáveres enfileirados. Pelo que se deduzia, haviam sido mortos e jogados ali para que o povo visse. E os militares controlavam as filas, as pessoas não podiam falar. Eram filas intermináveis de trezentas, quatrocentas pessoas para comprar o pão. Um ambiente de terror.

Vivi-o durante trinta dias. Lógico que não havia condições para a minha permanência ali, mas precisava ter uma certeza para onde iriam meu marido e meu filho e em que condições se encontravam, quando saíam os meus outros filhos que estavam na embaixada da Argentina. Estava perdida e sabia que a qualquer momento teria que entrar num refúgio também. Ainda assisti à saída da primeira leva de exilados para a Argentina, mas eles não estavam lá. E não tive mais condições para permanecer fora.

Dentro do refúgio é uma outra história, uma história tão dolorosa e dramática quanto todas as histórias dos refúgios e das embaixadas. Permaneci poucos dias, o suficiente para sentir o clima de tensão em que todos nós vivíamos. Todas as pessoas que já lá estavam pensavam que haveria uma resistência, que o povo chileno poderia ainda resistir. Nós, que chegávamos depois, tínhamos bem claro que a esquerda chilena havia sido massacrada, que o povo tinha sido massacrado, e que nas condições em que se encontrava o país a única solução era sair. Neste momento, o meu marido e o meu filho já estavam sob a guarda da Embaixada Sueca. Havia sido transferidos para o refúgio e nós havíamos decidido que iríamos para a Suécia, enquanto os nossos outros filhos naturalmente seguiriam para a Argentina.

NOS ENCONTRAMOS NO AEROPORTO DE SANTIAGO, depois de cinquenta dias sem nos vermos, e nos abraçamos... Estávamos sendo postos no avião e expulsos do Chile, com destino ao país onde agora vivemos e onde começamos a nos integrar. Mas o primeiro impacto é sempre o mais marcante, e assim foi para mim também. Saímos do Chile no dia 12 de novembro de 1973 e che-

gamos a Estocolmo no outro dia, depois de vinte e seis horas de viagem que a mim me parecia noite. Ou melhor, eu achava que era noite, estavam todas as luzes acesas e caía uma tempestade de neve sobre a cidade... Hoje acho maravilhoso, mas naquele momento era como se estivesse assistindo a um filme, porque jamais tinha visto neve. E era a neve, era o frio, era a dor de se sentir desterrada pela quarta vez. O primeiro impacto, sentir a neve, os flocos grandes, gelados no meu rosto, no meu corpo. Afinal eu estava inteira, completamente gelada, meu corpo e a minha alma.

A primeira noite passamos num hotel de Estocolmo. No outro dia bem cedo fomos levados para um acampamento de exilados numa cidade que fica ao sul da Suécia. Viajamos todo o dia num ônibus confortável, com calefação, música, e éramos uns vinte brasileiros, alguns chilenos e mais uns uruguaios. Não tinha a menor idéia de onde estava ou por onde ia, para onde ia. Todos nós bastante traumatizados, dopados, confusos, procurando nos reencontrar e nos reconhecer. Até mesmo nós, como família. Eu olhava meu filho e pensava: Será o Juca? O garoto que eu pari, que eu criei? Sim era ele, estava vivo, magro, com a cara de menino envelhecida, sofrido, embrutecido, meio sonâmbulo, falando, falando, todos falavam e contavam coisas. Meu marido, com dez quilos a menos e a cabeça mais branca, me beijava, me abraçava, me contava o que havia acontecido naqueles longos dias de Estádio Nacional, e essas estórias me punham acho que mais nervosa. E todos estavam muito traumatizados, inseguros totalmente.

Chegamos ao anoitecer no tal acampamento para refugiados, que foi construído durante a segunda guerra mundial. Logo após a acolhida amável e carinhosa, senti-me mais tranqüila. Nos deram roupas para o inverno e um pequeno apartamento onde vivíamos com uma família boliviana. Tínhamos assistência médica e liberdade para passear onde quiséssemos – o necessário, com todo o conforto. Uma semana depois começamos o curso de sueco, curso inicial para imigrantes, 240 horas, pelas quais eles pagavam cinco coroas por dia. Era o dinheiro que recebíamos para os extras, o cigarro e outras coisinhas mais. Nos ensinavam o que todo imigrante deve aprender – trabalhar, noção geral de cultura sueca, comprar... Durante este período as pessoas responsáveis pelo acampamento promoviam festas e traziam conjuntos suecos, os latinos com suas músicas e até batucada, coisa normal de brasileiro. Tudo isso foi suavizando um pouquinho o meu primeiro impacto com o exílio na Suécia. Mas continuou chegando mais gente e o acampamento tornou-se quase que inabitável, porque eram tantos, tantos latino-americanos e chilenos, chilenos, que iam chegando todos os dias. Sentíamos aquele peso,

aquela dor horrível do golpe nos rostos que chegavam, nas pessoas doentes e cansadas saídas do Estádio Nacional, outras que haviam conseguido fugir, que estavam perseguidas. E era um cotidiano chegar gente... ainda continua chegando até hoje.

Daqui da Suécia procuramos entrar em contato com nossos filhos na Argentina, que também estavam num acampamento para refugiados. Queríamos que viessem viver conosco aqui. Mas nessa época eles tinham a intenção de chegar até o Brasil. Era uma ilusão, claro, mas uma ilusão que cultivavam desde o Chile, pois saíram menores do Brasil. Nesta tentativa, permaneceram na Argentina um ano e meio.

Enquanto esperávamos os nossos filhos resolvemos visitar Cuba. A autorização nos foi concedida imediatamente, e dali mesmo, do próprio acampamento, viajamos para Cuba no dia 14 de fevereiro de 1974. Era um outro mundo, outra vez um outro mundo, tornar a ouvir o castelhano, sentir a alegria contagiante do povo cubano, o sol, aquelas palmeiras, o povo na rua... Foi um novo impacto para mim. Aí aprendemos e assistimos a muitas coisas. Como um povo sofrido, sacrificado, constrói o que todos nós almejamos, a liberdade. Foi aí na prática que aprendi a avaliar o grau de importância que joga a mulher num processo realmente revolucionário. A ilha foi para mim o melhor exílio e foi lá que reafirmei as minhas convicções, participando com os cubanos no dia-a-dia do campo, da cidade, no convívio com as mulheres cubanas.

Agora temos quase toda a família aqui. Aquele impacto da primeira vez não desaparecerá jamais, mas procuramos nos adaptar aos moldes da disciplina sueca. Voltamos a estudar o idioma, temos um emprego fixo de oito horas, nossos filhos estudam e trabalham. Nossos netos que tinham seis e oito meses quando saíram do Chile, têm agora seis anos. Mas a dificuldade mais séria para a integração de quase todos nós é a cultura. Esta diferença cultural traz problemas muito grandes, tantos que não podem ser avaliados com poucas palavras. Atinge profundamente todo o relacionamento, tanto na rua como no trabalho, mais ainda no seio familiar. No trabalho, por exemplo, você tem um relacionamento quase que exclusivamente profissional. Onde eu trabalho somos sessenta e cinco pessoas e a maioria mulheres. Nos relacionamos bem como funcionárias cumprindo o nosso dever de fazer certo o que nos determinam - chegar pontualmente e ser educadas. Com algumas pode-se trocar opiniões sobre a situação política mundial, a situação econômica do país, o problema da solteira, o problema social e sexual da mulher. Mas muito, muito raramente tenho oportunidade de falar sobre coisas pessoais. Aliás, os

suecos são quase impessoais. Nunca ou raramente falam dos seus problemas. A disciplina contagiante, a liberdade de ação e as possibilidades de sobrevivência que a mulher sueca tem, faz com que nossos mundos sejam completamente opostos. Mas os problemas psicológicos produzidos pela solidão neste país gelado faz com que nos sintamos muitas vezes bem próximas. No fundo, todas nós mulheres, latinas, suecas, ou de qualquer outro país do mundo somos reprimidas.

Vejo as coisas no Brasil muito confusas em relação à abertura, às reformas. Acompanho sempre, sempre mesmo, tudo o que lá acontece, porque a Jane, o Colombo, minha neta, ainda estão presos. Nosso processo de exílio tem sido demasiado prolongado, demasiado... Mas sei que muita coisa nova está acontecendo lá, os nossos amigos já nos convidam para voltar, e eu penso que muitas outras coisas têm que ser modificadas. Aprendi muitíssimo durante todos estes anos de exílio e acho mesmo que é mais fácil analisar de fora determinadas modificações que vem sofrendo a sociedade brasileira, para avaliar o grau de validade de uma volta a qualquer preço. Tenho acompanhado e pensado muito sobre isso. Sobretudo no meu caso, que já não tenho mais trinta nem quarenta e dois anos, como tinha quando tive que sair de lá. Naquela época eu tinha emprego, tinha amigos, vida social, vida familiar, muita fé no povo brasileiro e muita esperança em tudo, em todos. Hoje tenho quarenta e nove anos, emprego aqui, vivo aqui, tenho alguns amigos, ouço samba quando quero, vou ao teatro quando quero, ao cinema, ao bosque, ao parque, à praia. Não vejo nenhum policial na rua, a não ser quando existe bêbado perturbando. Sei também que nenhum capitão vai chegar na minha casa às duas da manhã, me tirar da cama, me espancar ou me levar presa, ou a qualquer um de nós, meus filhos, meu marido. Tenho medo, confesso. Quem não viveu o que eu vivi não poderá jamais avaliar o quanto penso em voltar. Mas por outro lado, tenho medo de sentir-me como se estivesse fora da minha casa, ou melhor, sentir-me novamente exilada no meu próprio país. Creio que todos esses anos fizeram com que meu relacionamento com as pessoas e o meio se modificasse completamente. Mas, se me disserem que o Brasil caminha pra melhor, que você vai sentir que o povo avança para a liberdade, tenho certeza, voltarei e todos nós voltaremos para dar o que de melhor sobrou de nós.

Dedico este meu depoimento a todas as mulheres brasileiras, mães, esposas, noivas e filhas, afinal todas as mulheres que de uma maneira ou de outra se sacrificaram e contribuíram para que o nosso Brasil avançasse, contribuíram dando o seu quinhão com a vida dos seus esposos, com a vida dos seus companheiros, com a vida dos seus filhos, e que se dedicaram inteiramente em todos estes anos ao combate à ditadura brasileira.

LEVO ESSA CRIANÇA COMIGO OU NÃO?

EU NÃO ACHO QUE GOSTAR DE UM FILHO É UMA COISA NATURAL. Isto é falso, é mentiroso. Como a estória de que o amor entre um homem e uma mulher é algo que vem do céu, que acontece. É mentira: você constrói. E a relação com uma criança também você constrói.

Quando ele nasceu era a minha mãe que cuidava, mudava a fralda, fazia a mamadeira. Eu não sabia o que era ter um filho. Depois, quando você tem que fugir, sair do país, coloca-se uma opção: levo essa criança comigo ou não? Deixo com os meus pais onde sei que ele vai ter segurança? Resolvi fugir com ele, mas foi terrível. Saí antes do Brasil por causa dele. Para onde é que vou levá-lo? Porque ainda há outro problema, não é só a questão de levar, mas levar para onde? Eu não sabia onde é que ia cair. Praticamente é aí que conta o ter um filho, não é na hora que nasce não; é na hora em que você tem que tomar uma decisão.

Hoje o tipo de relação que tenho com ele, não é que seja maravilhosa, porque toda relação mãe-filho é problemática, é quase de alguém que conhece, com alguma coisa que foi se criando, que foi se construindo...

Lucia

Julho de 1977

Therezinha Rabelo
Julho de 1977 e
Setembro de 1979.

NASCI NUMA FAMILIA MUITO CONSERVADORA, quase reacionária. Embora tendo nascido no Rio e vivido lá até a juventude, a educação que recebi foi uma educação tradicional, em matéria de moral e sobretudo em matéria política. Filha, sobrinha e irmã de militar, meu destino seria um casamento nos meios que a família freqüentava. As festas a que eu e minhas irmãs sempre fomos eram na Vila Militar, no Campo dos Afonsos ou no Clube Militar, e – para variar – em Agulhas Negras. Nenhuma das três admitia a possibilidade de casar com um civil: todo o mundo que a gente conhecia era ‘milico’ –os parentes, os amigos, os namorados.

Imaginem a surpresa que todos tiveram quando correu a notícia: – ‘A Theresa tá namorando um comunista’. Para aquela boa gente, comunistas eram indistintamente todos que tivessem uma posição progressista, e como Zé Maria pertencia ao Partido Socialista, bastava para o escândalo geral. Em pouco tempo, entretanto, foram vendo que o diabo não era tão feio assim. Eu, de meu lado, que modestamente sempre tive muito prestígio na família, e o Zé Maria de outro, com muita conversa, acabamos convencendo o pessoal e finalmente, no casamento, já não existia quase nenhuma resistência.

Eu me lembro perfeitamente da solenidade na Igreja, lá em Marechal Hermes, bem ao lado da Vila Militar, até parecia cena de filme italiano: de um lado, meus convidados, quase todos uniformizados, inclusive meus dois padrinhos, um dos quais general; do outro, os amigos do Zé Maria: Mário Pedrosa (padrinho dele), João Mangabeira, Osório Borba, Hermes Lima, a ‘barra pesada’ toda. No início os dois grupos se olhavam muito desconfiados, distantes, mas no final já havia uma certa confraternização. Quando a turma saiu, uma das mi-

nhas amigas, vizinha do lado, fez esta observação que até hoje guardo bem comigo. – Estes comunistas' amigos da Theresa são até simpáticos...

Primeiro exílio

Sempre digo que meu primeiro exílio foi a mudança do Rio para Belo Horizonte. Mesmo com toda aquela educação tradicional que recebemos, os primeiros tempos de vida em Minas foram um choque para mim. Belo Horizonte tinha menos de 500 mil habitantes... uma gente que parecia desconfiada, pouco amiga de falar com os desconhecidos... tão diferente do carioca. Uma coisa me irritava especialmente. Quando havia uma festa, uma reunião, era inevitável: os homens iam prum lado e as mulheres pro outro. Apesar de nunca ter sido feminista, sempre me opus a isso e quando a reunião era lá em casa eu colocava todo o mundo junto, não tinha essa história de assunto pra homem e assunto pra mulher.

Muitas vezes estava sozinha e ficava olhando aquelas montanhas imensas, cheias de ferro, tão imponentes e ao mesmo tempo tão tristes, e tinha então o mesmo sentimento que mais tarde vim a ter tantas vezes no exílio: a distância de meu meio, a saudade da família, uma idéia terrível de solidão. Mas depois, pouco a pouco, fui dominando a cidade e hoje me sinto mesmo mais ligada a Belo Horizonte do que ao Rio. Lá passei quatorze anos de minha vida, pouco menos do que havia passado no Rio e com a particularidade de ter vivido muito intensamente, por causa da política mesmo e do *Binômio*, jornal temível, de que o Zé Maria era diretor. Posso dizer que nos últimos anos não tivemos um só dia tranqüilo. A gente estava no meio da confusão toda.

O pessoal de hoje não sabe bem o que o *Binômio* representou em Minas – reportagens, denúncias sensacionais, o enfrentamento com os grupos mais poderosos do Estado e, por outro lado, o apoio do povo, da gente mais pobre e abandonada. Embora estivesse sempre em casa ou no meu emprego nos Correios e Telégrafos (apesar dos oito meninos, nunca deixei de trabalhar fora), segui com muita emoção aqueles dias, realmente inesquecíveis. Em Belo Horizonte tive cinco de meus sete filhos vivos, mais o que morreu e que está enterrado lá. Foi lá também que pude sentir a grande solidariedade dos amigos e companheiros, quando fiquei sozinha com a meninada, esperando que o Zé Maria arranjasse um emprego no exterior e pudesse nos levar. Como vou deixar de amar, e muito, aquela cidade?

Uma participação diferente

Para todos os efeitos, não tinha nenhuma participação ativa naqueles acontecimentos, mas na realidade eu os vivia intensamente, nervosamente. Minha casa, logo depois do incidente com o general Punaro Bley, e por causa da luta política tão dura, se transformou numa verdadeira fortaleza. Nos dois ou três anos antes do golpe, os conflitos em Minas eram permanentes, todo o mundo tinha que se defender. A gente recebia ameaças sempre, provocações... eu pessoalmente, não... mas o pessoal do *Binômio*. Quantas vezes foi gente lá em casa, altas horas da noite, pra exigir explicações do Zé Maria sobre as reportagens do *Binômio*. Era preciso estar preparado para tudo.

Me recordo daquele famoso comício da Frente de Mobilização Popular em Belo Horizonte, nos primeiros dias de março de 1964. O pessoal da direita tomou conta do auditório onde ia realizar-se o comício, na Secretaria de Saúde, e lá ficou para impedir a manifestação. Quando os convidados começaram a chegar, já quase não havia lugar. A polícia, ou estava impotente para agir diante daquela multidão toda, ou simplesmente foi lá a fim de dar cobertura aos provocadores.

Eu estava em casa ouvindo a única rádio que ia transmitir o comício, mas que era ligada aos associados e mais que transmitir, tinha ido lá para apoiar os provocadores. O clima era explosivo, toda a gente armada. Dentro, um pequeno grupo que conseguiu furar as barreiras, decidiu começar o comício, mesmo sem a comitiva que tinha vindo do Rio e que não podia chegar até lá. Do lado de fora, tentando entrar, estavam por exemplo o Brizola, o Almino Afonso, o Neiva Moreira, o Paulo de Tarso Santos, o Aldo Arantes, um punhado de gente conhecida que sofria todo tipo de provocações e até agressões mesmo, sem que a polícia movesse um dedo. Foi quando então o locutor anunciou que o primeiro orador ia falar: - '...é o jornalista José Maria Rabêlo, diretor do *Binômio*'.

Foi só o que ouvi, pois em seguida se produziu uma tremenda explosão e a rádio saiu do ar. Eu disse comigo: -É, desta vez fiquei viúva. Estava muito assustada: imaginem bem, com aquela criançada toda, o mais velho com pouco mais de dez anos e um ainda na barriga... pois é, ia me esquecendo de dizer... como quase sempre, eu estava esperando menino. O tempo passava, de vez em quando aparecia um amigo perguntando se estava tudo bem, coisas assim, que para mim só serviam para aumentar a convicção de que uma tragédia havia acontecido. Só mais tarde, depois da meia-noite, foi que o Zé Maria apareceu em casa cercado de um bando de amigos, contando

todas as peripécias daquela noite horrível. Ele vinha com a roupa toda arrebitada dos socos que deu e recebeu.

Também no episódio da depredação do *Binômio* a gente passou momentos críticos. Eles foram lá, quebraram tudo, e eu não sabia se haviam ou não conseguido agarrar o Zé Maria. Telefone-
ma pra cá, telefonema pra lá, houve até gente que afirmou ter visto um grupo carregando um corpo enrolado numa cortina do jornal. Pra mim era o Zé Maria, não havia dúvida. Mas não era, não existia cortina alguma; tudo tinha sido destruído, até mesmo as cortinas... Bem mais tarde amigos telefonaram pra dizer que ele estava bem e que queria me ver.

E assim foi também nos dias do golpe. A primeira coisa que eles fizeram foi fechar o *Binômio*. Eu e os meninos viajamos para o Rio, pois a gente temia que alguma coisa nos pudesse acontecer em Belo Horizonte. Um dia vou ainda contar em detalhes aquela viagem: eu, um amigo na direção do carro, e oito meninos, sete nossos, o último dos quais, o Ricardo, com apenas seis meses, e um sobrinho de seis meses também. Pela estrada afora a gente ia encontrando aquelas filas intermináveis de soldados, que iam marchando, marchando, com suas armas e seus tanques, como se fosse para acabar com a gente. Foi infernal.

Eu era a dona de casa - repito - que aparentemente vivia por fora de todos aqueles acontecimentos, que não aparecia para nada e passava o tempo cuidando dos filhos e seu emprego, mas no fundo sofria como ninguém a intensidade daquele momento. Nem sei como agüentei, confesso. Mas houve também instantes tão bons, tão felizes. Para mim são os que contam... e fazem a gente continuar de pé.

Brasil, Bolívia, Brasil

No Rio passei quase dois meses, com as crianças divididas em diferentes casas de parentes. O Zé Maria estava sumido (ele conta toda a história de sua fuga no primeiro tomo de *Memórias do Exílio*) e fui tocando a vida lá com os problemas naturais. Até que conseguimos nos falar e eu, então, com as coisas serenadas, voltei para Belo Horizonte a fim de não perder meu emprego nos Correios.

A chegada lá, de volta, foi dramática. Esperava encontrar uma cidade hostil, pois vocês sabem o papel que teve Minas no golpe, mas não: fui recebida com o maior carinho... não sei se era pelos meninos... mas a verdade é que não tivemos nenhum constrangimento. A não ser, naturalmente, a incerteza sobre o que íamos fazer, es-

tando tudo derrubado, o jornal fechado, a gente já considerando a hipótese do exílio. Mas, enfim, era esperar para ver.

O Zé Maria acabou entrando na embaixada da Bolívia, pois as autoridades começaram a nos molestar, a nós da família e sobretudo aos amigos e companheiros, para dizermos onde ele estava. Toda aquela história do incidente com o general Punaro Bley vinha à tona e por detrás havia grupos que utilizavam o episódio para vingar-se das campanhas do *Binômio*. O Zé Maria viajou para a Bolívia e fiquei à espera de poder partir também um dia, que a gente naquele momento nem imaginava quando seria, pois tudo parecia tão difícil, a vida no exterior, a mudança com aquela imensa família, a língua diferente, o diabo. Lá fiquei... mais uma vez com meus pequenos problemas: os cuidados da casa, a educação dos meninos, o emprego de postalista nos Correios.

Como o salário não dava para viver, fui vendendo tudo o que a gente pôde juntar com tão grandes dificuldades... Um lote na Cidade Jardim, que agora vale uma fortuna e que vendi na bacia das almas... hoje tenho o maior arrependimento. A gente guardava este lote há muitos anos, pois foi o Juscelino que vendeu todo um loteamento em condições muito favoráveis ao Sindicato de Jornalistas, que depois revendeu aos associados. Os móveis e máquinas do *Binômio*, as coisas de casa... a gente foi se desfazendo de tudo, pouco a pouco. Alguns amigos e parentes ajudaram, mas todos tinham seus problemas, e fui me arrumando como podia, sabe Deus como.

Um dia o Zé Maria escreveu dizendo que tinha conseguido um emprego na Bolívia e queria que eu fosse lá sozinha, antes de levar a família, a fim de ajudá-lo a preparar a casa. Um grupo de amigos comprou-me uma passagem e lá cheguei, era justamente a última semana de outubro. O Zé Maria, junto com o Neiva Moreira e o Carlos Olavo da Cunha Pereira, tinham fundado um jornal ligado a um grupo do MNR, partido do então presidente Paz Estenssoro. A situação na Bolívia naqueles dias, como sempre, era agitadíssima, greves, conflitos de rua, ameaças de levantamentos militares. No dia 4 de novembro pusemos um anúncio no jornal procurando casa para alugar. Antes que aparecesse o primeiro interessado, começaram os disparos. Era o golpe que derrubou Estenssoro e colocou no governo uma junta militar ligada ao regime brasileiro... E com isso lá se foram nossas esperanças de viver em La Paz.

Uma vez mais me senti numa profunda angústia. Voltar, retomar a vida em Belo Horizonte e esperar que a gente pudesse partir para outra parte, que – naquele momento – nem imaginávamos onde poderia ser. Um ano depois estávamos viajando para o

Chile, meu Chile querido, que cheguei a amar quase como se fosse o meu próprio país.

No dia 8 de dezembro de 1965, com a criançada toda, tomei o ônibus com destino ao Rio, de onde dois dias depois deveria partir para o Chile. Quando subia a serra e via Belo Horizonte lá embaixo, mergulhada na bruma da manhã, foi como se um pedaço de mim fosse sendo arrancado pouco a pouco. Era uma etapa de nossa vida que ficava para trás e tive então a certeza de que a separação seria longa, muito longa... foi quase uma intuição. A cidade foi ficando distante, distante, à medida que o carro avançava sobre a estrada escavada na rocha, e em certo momento era para nós apenas um ponto na memória. O instante da saída é o quadro mais nítido que guardo de Belo Horizonte, talvez porque tenha sido o mais doloroso. É uma fraqueza que tenho: além das pessoas, detesto deixar as cidades que amo.

Ao decolar do Rio, a gente teve a convicção de que aquela não era uma viagem comum. Quando eu olhava os meninos dentro do avião, tão pequenininhos, três ainda de mamadeira, eu sentia um medo muito grande e a sensação da enorme responsabilidade que estava assumindo: eu os estava arrastando para longe do país deles, mudando mesmo seus destinos, num projeto de vida que eu própria desconhecia.

A chegada a Santiago seis horas depois foi emocionante, e a gente também não poderá esquecê-la. O Zé Maria estava lá com alguns amigos e a alegria foi geral, embora os menores no início nem o reconhecessem. Como ele era muito parecido com meu sogro, Ricardo, o caçula, o chamou durante muito tempo de 'vovô'. Era a primeira vez, quase dois anos depois, que a família se reencontrava num instante de enorme ternura, mas ao mesmo tempo carregado de tantas dúvidas. Ali realmente estava claro: uma nova fase, inteiramente distinta, se abria para a existência de cada um de nós.

O recomeço

Mais mesmo que a cena do aeroporto, linda, linda, foi a chegada à casa em que iríamos viver todo o nosso exílio no Chile. Ela era branca, cercada de jardins e um quintal enorme cheio de árvores, que terminava num riacho cujas águas desciam da cordilheira. Havia pêssegos, peras, uvas, maçãs, enfim, todas aquelas frutas que a gente conhecia mais ou menos de longe, e que estavam ali agora perto da gente, no fundo da casa.

Quando entrei... ora, este momento é inesquecível: junto à sala de jantar, um quarto enorme com sete camas enfileiradas,

uma bem perto da outra, iguaizinhas... era o dormitório dos meninos. Não tivemos maiores problemas de adaptação. Como as crianças eram muito pequenas, não houve necessidade de grandes mudanças na escola. Em pouco tempo eles estavam falando perfeitamente o espanhol, língua na qual se alfabetizaram e que falam até hoje melhor que o português.

Foi um período muito calmo aquele primeiro tempo de Chile. O chileno sempre recebeu os brasileiros com muito carinho e a gente se sentia em casa. Nosso bairro estava bem aos pés da cordilheira dos Andes. Para mim não há no mundo coisa mais fantástica que a montanha inteiramente nevada sob a luz do luar: ela vai mudando de cor, cada instante uma nuance distinta... branca, rosa, dourada... com um brilho selvagem que a torna quase imaterial. Quantas vezes pela noite eu ficava na janela de meu quarto a contemplar aquele espetáculo telúrico.

Os meninos foram crescendo, a gente cada vez mais integrada na vida chilena... o Brasil em certo momento nos parecia muito remoto. Nos anos mais sombrios da ditadura, a gente tinha muita dificuldade em ter contatos no Brasil, havia uma falta muito grande de notícias, as pessoas ficavam com medo até mesmo de escrever para os amigos e parentes no exílio. Tudo isso fazia com que a gente se agarrasse mais ao Chile, que era uma espécie de compensação pelo carinho que nos faltava. E para muitos, o Chile foi realmente o abrigo que encontraram depois de tantas perseguições, torturas, sofrimentos sem nome. Tudo isso ajudava o processo de integração e quando tivemos de sair de lá, depois da queda de Allende, foi como se estivessemos deixando o Brasil pela segunda vez.

Uma vida normal, simplesmente

A experiência do governo Allende foi a mais intensa que nós vivemos no Chile e dela falaremos adiante. Mas antes, levamos lá uma existência sem maiores altos e baixos, muito simples, provinciana. Nem de longe a gente podia prever o furacão que se gestava por debaixo daquela paz quase bucólica. O Zé Maria trabalhava num organismo internacional e eu nesta época não tinha emprego fora. Foi o período em que mais pude me dedicar à educação dos meninos. Que direi mais desta época, que representou o período de nossa chegada e integração no Chile! Lembro-me de dois episódios curiosos, que nos calaram profundamente.

O segundo Natal que passamos no Chile coincidiu com um período de certa abertura financeira para a família. Prática-

mente não pudemos comprar presentes para as crianças. Mas vejamos como vivemos um verdadeiro 'conto de Natal'. O Didi, que passava o tempo mexendo por todos os cantos e que foi responsável pela 'destruição' de duas ou três casas em que moramos em Belo Horizonte, resolveu subir ao sótão passando por um orifício que mal dava para um gato. Ninguém podia imaginar o que ele iria encontrar lá em cima. Adivinhem! Três ou quatro enormes caixas de brinquedos usados mas em perfeito estado, quase todos importados, riquíssimos. Havia trens elétricos, aviões teleguiados, robôs, palhaços, acróbatas, bonecas com todos os movimentos, uma verdadeira loja de brinquedos. Até hoje me recordo perfeitamente do encantamento estampado na cara dos meninos, seus gritos de admiração quando o Didi descia por uma corda, peça por peça, aquele tesouro maravilhoso. No primeiro momento, fiquei perplexa diante da situação. Não me parecia correto deixar os meninos usarem os brinquedos que não eram nossos, mas ao mesmo tempo como impedir que eles abrissem mão daquele imenso prazer... na véspera de Natal. Foi quando chegou em casa o Zé Maria acompanhado do Edmur Fonseca, economista, jornalista e poeta mineiro, também exilado no Chile. Foi o Edmur, com sua enorme sensibilidade humana, que me deu o impulso que me faltava para aquela pequena 'expropriação'. 'Olha, Theresa, dono de brinquedo é criança. Não pense mais nisso'. A origem daquele achado é até hoje um mistério total. Ninguém nunca apareceu, nos oito anos em que ainda vivemos na mesma casa, para reclamar a sua posse. Tem horas em que fico pensando que Papai Noel existe... porque para nós, pelo menos uma vez, ele existiu.

O outro episódio que gostarei de contar, mostra bem as dificuldades que a gente ia encontrando para educar os meninos no exterior, sem que perdessem a noção do Brasil. Eles estavam numa escola chilena que tinha o patrocínio da Embaixada da Síria; havia outras patrocinadas pelos diferentes países com representação no Chile. Por isso, eles tiveram que aprender – primeiro, o hino nacional chileno, como era natural, e depois, em homenagem à Síria, e em árabe, o hino nacional sírio. Dois meninos brasileiros que estudavam na mesma escola e que eram bem maiores, resolveram lhes ensinar o 'hino nacional brasileiro'. Um dia, o Fernando – que tinha apenas seis anos – chegou em casa cantando esta canção popular do Norte de Minas como se fosse nosso hino:

'Oia, vamo quebrá os caroço
enquanto a polícia num vem.
Oia, vamo quebrá os caroço
enquanto a polícia num vem.'

Mais se a polícia vié, meu bem,
nóis quebra a polícia tamém'.

Até hoje ele se recorda do trote e tem uma vergonha danada.

Os mil dias de Allende

Chegamos ao Chile nos primeiros meses do governo Frei e pudemos acompanhar toda a gestação do que seria a experiência da Unidade Popular, desde a campanha eleitoral, a vitória a 4 de setembro de 1970, aqueles três anos tão dramáticos e finalmente a derrota, com todo seu cortejo de terror e miséria. Eu, como sempre, nunca tomei parte em manifestações e atos públicos, porque estava em casa e depois, quando abrimos as livrarias, metida todo o tempo no trabalho. Mas seguia com o maior entusiasmo todo o desenrolar daqueles dias eletrizantes, pois desde o início tive uma veneração pela personalidade de Allende. Para mim, ele foi a maior figura latino-americana deste século, como líder e como homem.

Eu vi, por dentro, como dona de casa responsável por uma família tão grande, o que foi a conspiração contra o governo. A gente sabia que os produtos existiam, mas você não encontrava nada. A direita chilena, englobando numa frente única desde os conservadores mais renitentes até os democrata-cristãos, procurava jogar o povo contra Allende, desviando tudo o que fosse possível para o câmbio negro, as exportações clandestinas, até mesmo a destruição de alimentos, produtos farmacêuticos e outros gêneros essenciais. Lembrome perfeitamente do drama que constituiu a doença de minha mãe, que nos tinha acompanhado no Chile e que lá morreu e lá está enterrada. Ela teve um derrame cerebral e perdeu o controle do sistema urinário, tendo por isso que usar várias dúzias de roupas de cama por dia. A clínica onde estava internada, no segundo dia nos comunicou que não poderia continuar com seu tratamento pois não dispunha de lençóis suficientes, que haviam desaparecido totalmente do mercado. Ou nós conseguíamos os lençóis ou ela teria que voltar para casa. Vejam bem: onde obter, naquele clima de guerra econômica, de sonegação, de açambarcamento mais odioso, vinte ou trinta peças de roupa de cama? O que seria uma coisa absolutamente normal em qualquer outra situação, assumia ali o sentido de uma tragédia. Sabíamos que se podia encontrar tudo no mercado negro, mas sempre nos havíamos negado a participar do comércio clandestino, que era manobrado como um instrumento para indispor o Governo com o povo e preparar o caminho para o golpe. Neste caso entretanto, não houve meios: tivemos que re-

correr a fornecedores que nos cobraram oito vezes o valor da mercadoria.

Imaginem o que isso representava a nível de toda a população, dos pequenos e grandes problemas iguais ao nosso, e que iam envenenando o espírito da população, provocando a revolta, levando o país a um caos completo. Mas o mais impressionante naquele episódio todo, foi que o povo, os pobres, as classes mais humildes, embora fossem as maiores vítimas, não se deixaram envolver e defenderam até o último momento o governo que era seu. Nunca a gente humilde do Chile foi tão alegre, uma alegria juvenil, quase ingênua, mas repleta de esperança.

Não era preciso muita teoria, muita dialética para se saber com quem ficar. De um lado estavam os aproveitadores de sempre, os grandes proprietários, as grandes fortunas, que habitavam com seu egoísmo os palacetes do chamado 'Bairro Alto'. Do outro, o Zé-povinho, que se amontoava nas *callampas* (favelas) miseráveis à beira dos córregos ou nos subúrbios mais distantes. Eu, como cristã, e que nunca fui revolucionária nem agitadora, não poderia ter outra posição: a de estar com a gente humilde que naqueles três anos acreditou numa vida melhor, numa vida mais digna.

O golpe de Pinochet foi uma guerra dos ricos contra os pobres. E isso nós vimos naquela noite terrível de 11 de setembro de 1973: enquanto nos bairros grã-finos se comemorava a morte de Allende com champanhe e festas, nas *callampas* os pobres viviam a angústia das perseguições, do medo, do fim da esperança.

Vou voltar para o Brasil daqui a pouco, mas minha alegria só será completa no dia em que também os chilenos forem livres. Os tempos felizes que tivemos no Chile me fazem esquecer toda a miséria que passamos depois: a prisão do Didi, que quase foi fuzilado no Estádio Nacional; a perda de tudo o que havíamos construído com tanto sacrifício; a inclusão do Zé Maria naquela lista sinistra das pessoas mais procuradas pela Junta; o cerco e invasão de nossa casa; o novo exílio.

A prisão do Didi, por exemplo, um menino com então dezessete anos que foi detido porque não conseguiram deter o pai, e que ficou lá, no Estádio, sem nenhuma culpa, me envelheceu de muitos anos. Foi o período mais duro de minha vida, quase como uma ferida física: além do drama da prisão em si, a sensação de impotência que a gente tinha, fechados como estávamos no refúgio das Nações Unidas, sem nada poder fazer para libertá-lo. Este suplício durou quase três meses. Às vezes, pela noite, eu acordava com as rajadas de metralhadora que a gente ouvia freqüentemente pelas ruas de Santiago e tinha a impressão de que era ele que estava sendo fuzilado. Ao mesmo

tempo havia o drama, quase um complexo de culpa, porque não era apenas ele que estava na mesma situação; eram muitos, milhares de companheiros que sofriam nas prisões e nos esconderijos mais remotos o medo, a angústia, a insegurança completa. E eu ali, a pensar somente em meu filho...

O golpe no Chile foi 'fogo' e não conseguirei jamais apagá-lo da memória. Como não conseguirei jamais apagar a lembrança da insensibilidade da Embaixada brasileira em Santiago, principalmente do então embaixador Câmara Canto, que não foi capaz do menor gesto para salvar daquele inferno – já não digo os adultos – mas pelo menos as crianças brasileiras que moravam no Chile.

O novo exílio

Depois do golpe ainda ficamos no Chile cinco meses, não só porque o Didi continuava preso, mas também porque a Junta se recusava a dar o salvo-conduto para a saída do Zé Maria. No dia 26 de janeiro de 74, como emergindo de um pesadelo, partimos de Santiago. Eu vinha com as crianças do refúgio das Nações Unidas e o Zé Maria da Embaixada do Panamá, onde ele tinha estado todo aquele tempo. O encontro no aeroporto, tão diferente do primeiro quando chegamos ao Chile, foi comovente, mas muito triste. A emoção que tive foi a mesma que senti ao deixar Belo Horizonte oito anos antes: a certeza de que seria uma demorada, muito demorada ausência.

Vinte horas depois, num vôo por toda a costa do Pacífico que parecia não terminar nunca, eis a gente jogada em Paris, sem projetos, sem falar a língua, e eu ainda com um grave problema de saúde. A solidão que nos atingiu foi total: parecíamos tão insignificantes diante da cidade gigantesca, desconhecida, desafiadora. Neste momento da chegada, não sei se porque os sofrimentos no Chile tinham ficado para trás, tive a impressão de sucumbir. Por mais que a gente queira ser forte, há horas em que a resistência chega a seu limite. Eu desembarquei em Paris com vinte e quatro de pressão, fui direto para a cama e depois para o hospital, onde fui submetida a uma longa operação por motivo de enfermidade renal que me afetava desde o Chile.

Quem diria que pouco tempo depois iríamos amar tanto o país de nosso novo exílio? Apesar de todos os obstáculos que encontramos no início, temos que ser muito reconhecidos ao povo francês, que nos acolheu de maneira calorosa e solidária. Acho que nenhum país ocidental recebeu com tanta emoção o drama chileno. Em Paris e nas cidades próximas há mais de cem ruas, praças, avenidas e parques que levam o nome de Salvador Allende. Agora era recomeçar

tudo de novo, uma vez mais, o trabalho, a escola dos meninos, o aprendizado da língua.

Problemas

As crianças tiveram aqui maiores dificuldades com o ensino que no Chile, não só pelos problemas de idade, mas também pelo sistema educacional francês, bem mais rígido e tradicional que os nossos, na América Latina. A primeira escola que os três menores – Hélio, Fernando e Ricardo – frequentaram, era excessivamente conservadora, embora dirigida por um diretor comunista. No Chile eles estavam matriculados num colégio experimental, com técnicas pedagógicas moderníssimas, onde estudavam inclusive os netos de Allende. O choque foi inevitável: ao fim de uma semana, ficaram castigados numa sala escura durante toda a manhã. Na hora do almoço, aproveitando um descuido da vigilância, os três fugiram por uma janela que dava para o telhado e daí para a rua. Imaginem o escândalo! Acho que nunca tinha havido coisa parecida em toda a história do estabelecimento. No mesmo dia fomos convocados pela diretoria. Como o Zé Maria estava viajando e eu hospitalizada, a Patrícia e a Mônica compareceram ao colégio para as devidas explicações. Mas as explicações, quem as deu, foi o diretor. Muito constrangido, ele disse para as duas: – ‘Imaginem vocês que vergonha para mim. Eu, militante comunista desde 1946, ser chamado de fascista por três refugiados chilenos, na presença de todos os alunos! Só porque eu os tinha colocado de pé na aula virados para a parede. Aí não me contive: mandei os três para o quarto escuro’. Não é preciso dizer que os meninos nunca mais puseram os pés na escola, que – mesmo para a França – exagerava um pouco... As outras escolas que frequentaram depois eram bem mais abertas e felizmente eles acabaram se adaptando.

Hoje temos um monte de amigos franceses, amigos nossos, dos meninos, os namorados e namoradas. Como guardamos também os amigos chilenos e brasileiros, em nossa casa é uma Torre de Babel: há três línguas oficiais, que muitas vezes se acavalam, se misturando numa salada das mais exóticas.

A gente vai levar, também daqui, imensas saudades. Mesmo porque, os meninos já sendo grandes, foi aqui que tivemos mais que nunca a idéia da amizade e da união que – graças a Deus! – imperam na família. Pois este é meu maior orgulho: apesar da dureza do exílio, soubemos manter a família perfeitamente integrada, com relações muito abertas, muito críticas, de amizade e companheirismo.

Esta presença na Europa nos foi extremamente rica; a gente completou a visão do mundo e da vida. Aqui passamos já quase seis anos, a família cresceu, pois alguns meninos se casaram e em outubro próximo seremos avós pela primeira vez, com um neto parisiense. Mônica está esperando uma criança para esta época. E Didi, que acaba de casar com uma colombiana que conheceu aqui, já está anunciando o segundo neto. Agora falta o Dudu, que aliás é o mais velho deles.

Na França tivemos a oportunidade de lançar um projeto formidável de divulgação da cultura latino-americana na Europa: a Livraria-Centro dos Países de Língua Espanhola e Portuguesa. Projeto que nos encheu de entusiasmo e exigiu em três anos todo o amor e a dedicação que podíamos dar. Infelizmente – e isso interessa somente a nós – não pudemos completar nosso trabalho, devido à dolorosa experiência humana que tivemos com quem representou para nós, durante tanto tempo, o que havia de melhor na esquerda brasileira.

A volta, finalmente

Estamos outra vez com as malas prontas para uma nova partida. Agora não será o desafio de um mundo desconhecido, de uma língua estranha, de culturas diferentes. Será o reencontro com as nossas origens, com o nosso povo, com o meio em que nascemos e nos criamos. Mas mesmo assim quinze anos pesam fortemente. Nós vivemos muita coisa que o Brasil não viveu; muita coisa se passou lá sem que a gente tivesse vivido. Há, entre todos os exilados, uma expectativa muito profunda neste momento da volta. Como encontraremos nossa terra, nossos amigos, nossos parentes? E como eles nos encontrarão? Mas estamos certos de que a festa do reencontro vai compensar todos os sofrimentos, angústias e saudades desta separação tão longa.

Nós voltamos sem ódio nem traumatismos. Se alguma coisa aprendemos nestes anos de exílio, foi aproveitar o que de bom a vida nos oferece e deixar o resto pelas margens do caminho.

Elza Freire
Setembro de 1977.

Como se tivesse tido a coragem de dizer:
não existe daqui pra cá.

QUANDO SAÍ, senti realmente que não voltaria mais, de maneira nenhuma. Talvez isso me tivesse dado um certo corte, não pensar mais em volta nem no que tinha deixado. Viver uma outra vida, diferente que tinha passado. Talvez o momento mais duro tenha sido esse. O momento em que eu saí, deixando o meu pai com minha mãe, sabendo que não teria mais oportunidade de vê-los e realmente cortando tudo para enfrentar uma nova vida sem dar a mim mesma o direito de pensar na que havia deixado. Era como se tivesse tido a coragem de dizer: não existe daqui pra cá.

O jovem saindo do seu país sofre muito mais, porque afinal de contas está num processo de realização. Na minha idade já tinha a vida realizada. O que me faltava? Cinco anos para a aposentadoria. Tinha vinte e um anos de magistério e dez como diretora de escola. Já havia tido todo um tempo, toda uma carreira, já havia feito algo. Fiz o que queria, o que pensei, porque realmente fiz bem, talvez isso tenha me dado uma capacidade de amadurecimento, uma certa tranquilidade na vida, uma espécie de despreendimento do que ficou realizado. Penso assim porque gostosamente me realizei.

Politicamente eu não tinha problema nenhum.

Paulo saiu primeiro, foi para a Bolívia já com cargo no Ministério da Educação. Em janeiro de 65, eu e os filhos fomos encontrá-lo no Chile. Politicamente eu não tinha problema nenhum. Para sair do Brasil pedi licença sem vencimentos por dois anos no meu trabalho. Passado esse tempo, deveria reassumir. Mas estava no Chile com a família e realmente era difícil, pois teria que passar mais dois anos trabalhando no Brasil e depois pedir outra licença. Então preferi pedir demissão, senão seria demitida por abandono de cargo.

Nem cheguei a pensar em voltar ao Brasil, em terminar a minha carreira. Achava realmente que seria um corte para a família, não só para Paulo como companheiro, como também para os nossos cinco filhos que eram ainda pequenos. O menor tinha cinco anos. No exílio, se a gente não tivesse o mais possível a unificação, a junção da família, todo o bloco em família, isso quebraria mais, daria mais perda em si.

Creio que se tivesse ficado no Brasil, talvez sentisse mais a perda da aposentadoria. Fora, como se diz, enchi a minha vida com um outro mundo, compreende? E como já disse, aquele mundo eu apaguei, realmente borrei da minha vida, foi realizado, aconteceu.

A coisa que realmente a gente sente é no outro dia quando amanheci no Chile, não ter trinta e cinco professores nem 600 alunos que era a população do meu grupo escolar. Isso eu realmente senti. Mas creio que compensei um pouco me realizando com uma coisa que nunca tinha tido: a vivência como dona de casa, mas como dona de casa realizando o trabalho. Eu tinha vivência de dona de casa, mas administrativamente, sabia fazer e mandava que fizessem, mas não fazia, porque tinha o problema da escola, as seis horas de trabalho. Com uma semana de chegada ao Chile, tinha geralmente 25, 15, 30 pessoas para almoçar ou jantar...

Vivemos muito na família grande.

No Chile recebíamos jovens que vinham se instalar, mas que ainda não tinham família, que no momento não tinham trabalho, então tínhamos a visita e a presença deles. É claro que ficavam para o almoço, para o jantar e à noite esticavam um pouco mais; isso me ajudou muitíssimo. Eu realmente via nisso uma grande vantagem, não para os que vinham, mas sim para mim... porque realmente preenchia a lacuna

do magistério. Eles se sentiam recebendo, mas eles é que me davam. Então, veja você!

Vivemos muito, como se diz, na família grande, porque cada um que chegava era como se chegasse um da família. A gente vivia e participava, a necessidade, o conseguir do outro, isso ajudou muito dando uma certa integração entre nós brasileiros.

Não pensei em trabalhar fora de casa no Chile porque não tinha tido depois de casada, o gosto realmente de ser dona de casa. Para mim foi um prazer, porque sempre, todas as manhãs quando saía pro trabalho, uma coisa me chamava a atenção: era que todos estavam em casa, na sua coisa e eu tinha o que fazer fora e não tinha aquela oportunidade de saborear a vida da casa.

Talvez por isso eu tenha uma certa culpa por ter assumido todo o trabalho doméstico. Como antes de sair do Brasil eu tinha uma vida muito ativa, me sobrava bastante energia e vitalidade. Precisava me gastar e talvez isso, de certa maneira, explique eu fazer tudo porque não me era tão pesado e sim vantajoso, compreende? Tanto me encanta o trabalho fora quanto o trabalho dentro da casa.

Quando as filhas estavam sempre dividiam, mas depois que foram casando foram ficando os homens... e os homens não foram educados para fazer. Agora funciona bem. Aqui em Genebra tudo é muito fácil, muito rápido, compra-se tudo muito pronto, muito feito. Quando saio ou quando tenho outra coisa que me impede de fazer, eles têm que fazer e fazem. Acho que agora, no ponto em que estou, com a família reduzida, já consigo harmonizar as duas coisas. Não sei porque, mas uma das coisas que mais me refaz emocionalmente é fazer a comida. Um verdadeiro relax!

A primeira professora da família fui eu.

Escolhi ser professora por mim mesma, desde cedo, talvez como afinidade com a minha professora primária. Realmente eu gostava como ela cuidava dos alunos.

A gente era um pouco diferente do comum. O pai dava muito mais liberdade para a gente, podíamos sair, tínhamos possibilidades de ter amigos, ele preferia mesmo que a gente tivesse amigos, que os amigos do meu irmão fossem amigos nossos. Porque assim, dizia ele, a gente entendia melhor a vida e não teria oportunidade de ter medo de homem, porque no nordeste a moça fica sempre assustada. Isso nos deu uma certa liberdade de visão. O pai permitiu que trabalhássemos muito cedo. Antes mesmo de terminar o curso Normal eu já ensinava particular. De forma que isso me deu uma capacidade de

experiência muito grande, um projeto de realização pessoal. Papai não nos dava mesada, dizia que fizéssemos nossa própria mesada, nossa própria vida. Foi muito bom porque nos deu uma base de economia e de orçamento na vida.

A minha grande preferência é realmente trabalhar com criança, porque acho que é um mundo mais criativo. Acho que há algo de descoberta na criança. Daí ter feito minha parte toda de ensino primário com o jardim de infância, com o último período do jardim de infância, com o início da alfabetização, a classe preliminar. Garotos até sete anos me encantam muito mais que os maiores. Mas para não esquecer o programa do primário, tinha alunos particulares para o exame de admissão.

Ouando já tinha feito o Normal e já estava casada, surgiu a possibilidade para quem tivesse esse curso, de fazer um outro intermediário e depois Medicina. A princípio senti assim uma certa vontade, mas depois vi que acarretaria custo, coisa de ter que ficar no hospital, plantão... Eu gostaria de ter feito, mas traria problema para a família.

Realmente me especializei em alfabetização.

Fizemos juntos, Paulo e eu, o trabalho de alfabetização no Nordeste. Fiquei com a parte metodológica, com a elaboração da coisa. A paróquia em que morávamos nos cedeu uma sala, reunimos cinco operários que moravam perto e à proporção que íamos elaborando, íamos testando. Como conhecíamos bem a área, o bairro em que vivíamos, isso deu muita possibilidade de ver se dava resultado ou não. Vimos que certas coisas eles não entendiam, eliminamos algumas palavras mais difíceis e percebemos que haveria vantagem em utilizar palavras que tivessem três sílabas e não só duas, pois davam oportunidade de gerar outras palavras.

Não posso chamar isso de descoberta porque eu tinha a prática do curso primário com as crianças. Realmente me especializei em alfabetização e durante praticamente dez anos eu alfabetizei. Nessa fase, estava alfabetizando por palavração. Eram vinte e oito palavras geradoras do mundo da criança e estavam dando um resultado fabuloso. Então, nós pensamos: e se transferíssemos para o mundo do adulto, como seria? Eu não tinha prática de adulto, tinha alfabetizado vários, mas isoladamente, não com palavras geradoras, só pela análise sintética. Fui verificando que dava certo, porque o adulto se in

teressava tanto pelas palavras geradoras do seu mundo, como a criança se interessava por bola, pelas palavras dos jogos do mundo dela. Por incrível que pareça, o adulto visualizava mais rápido que a criança. Na parte escrita é o inverso, uma dificuldade tremenda, muito maior que a da criança que tem mais capacidade motora. Os primeiros resultados foram impressionantes. Muitas vezes não acreditava que o adulto tivesse visualizado e pensava que ele já sabia qualquer coisa, que já tinha estado na escola. Depois chegamos à conclusão que realmente pegavam mais rápido.

Foi muito interessante essa fase. Não fizemos por cartaz. Na hora, fazíamos o desenho e escreviamos também a palavra. Ainda não tínhamos a fase do debate, a gente conversava e de acordo com as palavras que eles iam soltando e repetindo, a gente fazia a palavra geradora da noite. Depois é que fomos vendo que podíamos fazer o debate, debate esse que dava a consciência da coisa,

Passamos a estender a campanha, foi a fase de Anígrafos, no Rio Grande do Norte. Eu só participava na elaboração porque não podia fazer a viagem por causa da escola. Ia e voltava rápido quando tinha férias, porque uma coisa que eu fazia muita questão era de não pedir licença. Esperava que isso me facilitasse a aposentadoria. Meu único tempo de licença foi o de maternidade.

**A criatura estruturada, viva, eu mesma...
essa continuou.**

Para mim o exílio foi muito mais positivo do que negativo. Foi uma outra experiência de vida que serviu para a gente entender mais a vida, se doar mais ao mundo, ter mais compreensão com o outro. Uma abertura maior mesmo, de coração. Enquanto estávamos no Brasil, não tínhamos essa preocupação com o outro assim tão forte...

Uma das primeiras coisas que passamos a ter no Chile era não ver só a nossa família, a de cada um que chegava era família também. Acho que uma das coisas que o exílio dá fortemente é ver o outro. Quando a gente está no próprio país, a gente está tão acostumada, tem tudo, nem pode imaginar porque o outro está reagindo daquela forma. Fora não. Fora, a gente tem realmente que ver o problema do outro, tem de casar os filhos, tem de casar com o outro que não é da sua nacionalidade, você passa a compreender mais. Acho que o choque de valores serviu para a gente poder observar mais o outro, o mundo, e talvez até valorar mais nossos valores.

Talvez pelo fato de eu ter saído na idade em que saí, já havia uma consolidação da maneira de ser, de querer, de pensar, de encarar a vida. Pode ser que não tenha sido pela idade, mas talvez por temperamento meu, que resolvido que seja, pensado que seja, vivido que seja, é aquilo. Há talvez, uma solidificação da coisa. Os valores permaneceram, os mesmos valores, a mesma percepção da vida.

É verdade que a troca de país facilitou que realizássemos a abertura que já tínhamos sem causar, não digo escândalo, mas contradição dentro da família. No Brasil seria difícil, já por uma circunstância dos parentes, dos tios, das tias que começavam a sentir que as nossas filhas tinham uma maneira de ver diferente. A mais velha já dizia que quando fizesse dezesseis anos alugaria o apartamento dela. Isso dava um certo susto às tias: 'mas como! Se você tem casa, pai, mãe, vai morar no seu apartamento?...' Saindo, nós não tivemos problema, nesse caso foi melhor, porque as meninas puderam ter uma experiência de vida com mais liberdade e compreensão, o que seria difícil se tivéssemos ficado no Brasil.

Com a saída, o corte existiu mais na parte material da não-volta, porque a criatura estruturada, viva, eu mesma... essa continuou. O corte talvez tenha sido uma defesa, uma espécie de preparação para uma nova etapa que a gente sabia que tinha de enfrentar. Quando tivemos que sair, eu senti que não teríamos possibilidades de volta imediata, de volta àquela vida. Os filhos sentiram a saída materialmente. Mas viam em nós uma certa segurança, uma estabilidade, estávamos livres de uma situação, não atingia mais. Paulo não corria mais o perigo iminente da prisão. Logo após 64 a coisa foi difícil...

Quando a gente sai do país por motivo político, ao chegar a outro país a gente se sente refeita de espírito. Na época em que chegamos ao Chile, o chileno recebia o brasileiro como um irmão; aquilo emitiu um bem-estar, uma segurança, uma troca de afetividade tão grande que isso suavizou muito a nossa saída do Brasil. Há uma espécie de gratidão que a gente sente por aquele povo que nos acolheu, e isso é muito reconfortante. Senti isso mais no Chile, creio que pelo fato da vida estar cortada mais recente. Quando saímos do Chile estávamos refeitos, já se sabia que tínhamos possibilidade de viver em outro país que não fosse o nosso.

Fomos para os Estados Unidos... Eu preferiria ter ficado no Chile, porque o Chile para mim foi ótimo, teve a facilidade da língua. Eu não falava inglês, era uma língua realmente nova para mim. Acontece que a proposta que fizeram para Paulo, como professor visitante em Harvard, era interessante, e nós sentíamos o Chile caminhando para uma situação difícil, principalmente para nós estrangei-

ros. A oportunidade seria vantajosa para Paulo... realmente foi. Abriu a porta para a possibilidade de mais conhecimentos e mesmo para ir trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas. Nos Estados Unidos, sabendo que era para passar só um ano, eu não trabalhei. Fiquei realmente dona de casa, assisti a cursos na Universidade, classes de inglês... Vi logo que não dava para passar muito tempo. Tudo caríssimo. Mesmo assim fizemos bons amigos que ainda conservamos hoje, muito bons... e gostei de ver o povo, principalmente o jovem americano, aquilo me encantou. Completamente diferente, aquilo me fez um bem... era uma outra juventude que eu podia comparar com a minha. Aquela alegria do jovem americano me fazia tremendamente bem e ainda faz quando chego lá. Senti que lá a mulher talvez se imponha mais. Pelo que vivi no Brasil, acho que a mulher era talvez menos valorada. Não sei se agora será diferente, certos movimentos, uma tomada de consciência maior...

Quando nós chegamos a Genebra, o contrato de Paulo no Conselho não dava direito de que a esposa trabalhasse. Só depois, quando ele não conseguiu renovar o documento de viagem chileno que tinha e pediu asilo na Suíça, é que nós recebemos autorização de trabalho.

Nesses últimos anos vivi uma retomada de trabalho que para mim tem sido interessante. Refiro-me ao trabalho de alfabetização em países africanos, uma outra realidade. Já posso comparar com o que fizemos no Brasil.

A BELA DO TERROR

COMECEI A APARECER PENDURADA NOS CARTAZES. Fiquei realmente muito assustada e decidi sair do país, sozinha, sem o auxílio da organização. Foi bastante difícil porque nem ir ao banheiro fazer xixi a gente podia. Você entrava pra fazer xixi e a primeira pessoa que encontrava era você mesma. Uma vez estava numa cidade que tinha um café, um boteco, uma igreja onde deviam caber umas vinte pessoas, uma rodoviária e lá tava minha fotografia. Fui fazer um xixizinho e quando sento a primeira coisa que vi foi a minha cara desse tamanho assim.

Na minha opinião a polícia nunca deve ter conseguido identificar as pessoas pelas fotos, eu tinha uma cara totalmente diferente. Transitava tranqüilamente. Teve uma vez numa rodoviária que meu companheiro quase teve um ataque do coração porque eu passei pela casinha do polícia, e diz ele que o homem entrou, começou a consultar um livro e saiu atrás de mim. Eu nunca soube se era paquera ou que tipo de coisa era, só sei que estava tranqüila, fui do lado do polícia, comprei um pacote de pipoca, comecei a ler o *Pasquim* e o homem nunca falou comigo.

Cara você muda num instantinho, agora, o impacto psicológico é o principal, você começa a se cercear, não vai a lugar nenhum. O meu medo não era dos cartazes, a insegurança começa a vir quando a gente perde a confiança naquilo que está por trás, que está em total esfacelamento. Você perde o ímpeto que tinha quando se lançou nessa e nesse momento coisas como fotos penduradas em todos os banheiros, em todos os postes da cidade começam a causar impacto.

Eu cruzei o Brasil sem fazer xixi nem uma só vez, só fazia quando entrava em hotel. Aprendi uma coisa muito importan-

te no meu período de clandestinidade: a aparência é fundamental, e isso continuo acreditando até hoje. Então me vestia muito bem e no que posava de madame pelo menos era eu, sem ter aquelas ligações. O que deu a possibilidade de sair do país foi que saí sozinha.

Eu estava sendo bastante procurada pela polícia, num momento fui a coqueluche, porque mulher é sempre aquele negócio que dá aquele charme. Então era: a bela do terror isso, a bela do terror tá aqui.

As acusações que faziam contra mim nos jornais eram muito poucas. A grande sensação realmente era eu ser mulher. Eles não publicavam coisas que eu tivesse feito ou que me fossem atribuídas, publicavam só minha foto e com o letrero: 'Bela do Terror'. Você vê que é toda aquela trama feita em cima da mulher. Teve um outro caso que saía assim: 'a loura da metralhadora', 'a loura dos assaltos'. Essa pelo menos localizavam em ações definidas, eu nunca, nunca fui acusada de ter feito nada. O meu caso foi fundamentalmente ter sido uma das primeiras mulheres a ser descoberta. No momento do primeiro golpe na esquerda armada em 1969 havia poucas mulheres, pelo menos conhecidas. Eu lia todos os jornais para ver se transparecia um pouco do que eles sabiam, e cheguei à conclusão de que a acusação contra mim era ser mulher.

III LIBERTÉ,
EGALITÉ,
HUMANITÉ

NOUVELLE COLLECTION D'HISTOIRE GÉRARDAS

'EPOQUE CONTEMPORAINE

Vive la Commune de Paris
Vive le PCF
égalité. Liberté. Justice.
à bas
l'impérialisme



3^e



Eny
Janeiro de 1978.

Na hora em que a coisa ficava feia, o meu marido dizia pra mim: 'vai pra casa de seus pais', me recomendava o que devia fazer e desaparecia...

RECONHEÇO CLARAMENTE que ele tinha problema e eu não tinha. Então, eu segurava as pontas, que jeito! Ficava com os três moleques, ficava sozinha. São três, mas pra mim significava mais de dez, porque o mais velho não vê. De um lado eu tinha ele agarrado na minha saia, do outro, maleta, malas... Acho que isso é importante porque a mulher sempre sofre mais.

Quando meu marido foi preso, fui com as crianças pra dentro da casa dos meus pais. Eles não têm recurso nenhum, vivem uma vida pobre, uma vida dura. E eu lá. Puxa, não quero nem lembrar... um menino deitado, eu abria o guarda-chuva porque tava chovendo em cima... o outro gritando: 'mãe, a água tá caindo em cima de mim'... ui, era uma coisa de louco! O mais velho tinha nove anos, os outros oito e sete.

Eles entendiam muito bem o que estava se passando. Entendiam totalmente. Quando o pai foi preso, o do meio gritava e pedia: 'pelo amor de Deus, vocês não matem o meu pai'. O Derly foi preso em casa. Isso foi em 69. 'Eles' mesmos me levaram pra casa da minha mãe. Quando eu chego lá, já tinha uns oito deles me esperando. Já tinham prendido meus dois irmãos mais velhos. Eu pensei: 'agora ficou feio'. Eu não sabia nada do que estava passando... De tarde meus irmãos que tinham sido presos voltaram e disseram pra mim: 'prenderam o teu marido e os irmãos dele'. Só soltaram os meus ir-

mãos depois disso. Mas não tinham conseguido prender um dos irmãos do meu marido, o Devanil. O Fleury foi em casa me buscar pra que eu desse o endereço do meu cunhado. Eu disse: 'eu não sei onde é a casa dele'. Ele dizia: 'não pode ser, tu sabe porque tu já foi lá'... aquela coisa toda...

Foi uma tragédia na família. O meu filho mais velho estava muito mal da vista, já não via. Com seis anos ele perdeu uma vista, com sete, a outra. Descolamento de retina, o mesmo que eu tenho. Eu tinha uma carta do médico dizendo que ele deveria ser internado imediatamente para extrair o olho direito porque era arriscado ter um câncer. Foi quando eu disse pra eles: vocês não compliquem a minha vida, o menino tem que ir pro hospital.

Nesse meio tempo eles ficaram naquela coisa, buscando o meu cunhado. Acho que andavam me vendo, me olhando de longe... De vez em quando eu percebia um *Volks* parado, dois homens que saíam, que caminhavam... uns saíam com um jornal na mão fingindo que estavam buscando alguma coisa. Eu tava mais ou menos, não digo tranqüila, mas não via o cara frente a frente comigo, que era o pior. Quando via um homem desses chegar lá em casa, já ficava de um jeito... o Fleury principalmente. Quando entrava na casa da minha mãe, quando eu via ele assim, não sei, me dava uma tremedeira, menina... não conseguia me controlar mais, sabe? O homem era tão provocador... Toda vez que ele ia na casa da minha mãe, ia pra me buscar, *sacar*¹ alguma coisa, tirar alguma coisa de mim. Foi em casa umas quatro vezes e te digo, não falhou uma vez: chegava no portão, tirava o cigarro, botava na boca, pegava as algemas e ia rodando no dedo... Uma vez eu gritei com o Fleury, sabe, eu disse pra ele: Eu quero conta do meu marido e quero o dinheiro que estava no bolso dele que vocês roubaram e meus filhos tão aqui passando fome. Vivo ou morto vocês têm que me dar conta dele. Aí ele deu uma risadinha e disse: 'amanhã eu te trago o dinheiro'. E nunca mais voltou.

Meu marido ficou preso incomunicável por volta de três meses. Eu não sabia onde ele estava... eu andava... já nem sabia mais onde procurar porque não encontrava. Até que um dia eu encontrei. O polícia disse: 'ah, estão aqui'. Eu disse: bom, pra eu acreditar necessito qualquer coisa escrita por ele porque a caligrafia dele eu conheço. 'Ah, então espera que eu vou buscar', disse o cara. Eu estava muito desesperada. Ele me manda um bilhetinho, e junto um pouco de roupa suja que era pra lavar. Aí eu fiquei contente, pelo menos ele estava vivo! Quando fui ver as roupas achei um vestido azul que eu ti-

1. do espanhol; tirar.

nha, mas com tanto sangue em cima que quando eu vi, comecei a gritar... O meu marido depois disse que foi na tortura, na hora que eles deram com a coroa da arma na cabeça dele, que partiu. Eles deram pro meu marido esse vestido que tinham apanhado na minha casa: 'se você quiser vestir roupa, veste isso'. Provocação barata! Tinham deixado o Derly completamente nu. Ele, desesperado com tanto sangue, pegou o meu vestido e enrolou na cabeça.

Depois fui falar com o delegado, pedir pra ver o meu marido. Ele disse que não, que estava incomunicável, que não podia ver. Nesse tempo ele tinha sido transferido pro DOPS. Eu disse que tinha um filho que não via, que estava muito doente, que ia pro hospital fazer uma operação e estava desesperado pra ver o pai. O delegado disse: 'então você volta amanhã com o menino que você entra'. Quando encontrei com meu marido ele tinha toda a cabeça enfaixada. Ficou preso um ano e oito meses, depois saiu banido pro Chile.

Eles voltaram a ter problema comigo porque queriam saber se eu tinha contacto com o meu cunhado. Foram em casa um dia porque um rapaz disse que eu recebia dinheiro do meu cunhado. Creio que foi na tortura, porque eu assustei quando vi o rapaz. Ele não podia caminhar, não podia com ele. Nesse dia eles me levaram. Como cinco homens, tudo armado de metralhadora... Chegam, entram na casa de meus pais, que já tinham idade... foi um desespero muito grande na família. Pra me levar não necessitava tanto homem assim armado de metralhadora, tanta coisa... eu com esse tamanho, né? Mas aquilo eles fazem mesmo pra desesperar o pessoal. Eu disse pra eles: como é que vocês vão me levar se amanhã às seis da manhã eu tenho que internar meu filho? Aqui está a carta do médico. Um deles pegou a carta, leu e disse: 'vamos embora'. Eu fui desesperada. Das dez da noite às seis da manhã, eu sentada e um delegado me fazendo perguntas... e mais uns oito, quatro de cada lado. De vez em quando trocavam, saíam dois, entravam outros dois, cada um com perguntas mais indiscretas e com provocação. Às sete da manhã eles falaram que eu podia ir pra casa, mas com uma condição: iam ficar quinze dias me vigiando. Aquilo era um inferno porque te põe numa crise nervosa tão grande... Você vai ao banheiro, ele vai e fica na porta. Dentro da casa da minha mãe! Compravam pão, mortadela, cerveja e ficavam a noite toda sentados, comendo, fumando. Deu uma tensão nervosa tão grande nos velhos que eles não dormiam. Foi horrível. Cheguei a pesar trinta e sete quilos!

Quando fui pro hospital com o menino, foram dois comigo. Eles não saíam dali. O moleque, operado, e aqueles caras ali com a gente. Me dava um desespero tão grande... O menino

ficou no hospital uns quatro dias e eles também. Trocavam de turno, um ia pra casa, vinha outro. Eu pensava comigo: aqui no hospital devem saber que é polícia, porque senão como eles entrariam? E eu me sentia mal com aquilo. O hospital era pago nada mais nada menos que pro menino, e a comida era somente pra ele. Ai eles mandavam servir comida pra mim. Eu disse que não queria comer, que não podia comer... todo aquele ambiente... do jeito que vinha, a bandeja voltava. Eu não comia. Fiquei dois dias assim.

Quando meu filho saiu, eles me entregaram uma carta dizendo que o hospital já tinha sido pago. Quando chego na casa da minha mãe ela disse: 'Estiveram aqui uns investigadores e deixaram esse envelope pra você'. Tava marcado o meu nome e 250 cruzeiros dentro. Eu achei aquilo tão raro, tão estranho! Pensei: *o que passa*² aqui? Alguma chantagem que estão fazendo comigo! Não toquei no dinheiro, não mexi. Mas como eles já tinham pago o hospital eu fiquei muito preocupada. Isso serviu pra eu ficar uns dois dias sem dormir. Daí a uns dias aparecem dois deles e disseram que iam me dar uma casa mobiliada no Jardim Europa se prendessem o meu cunhado, se eu dissesse onde estava o Devanil. Eu bem que desconfiei. O objetivo deles foi pagar o hospital pra me comprar, pra que eu dissesse... quando viram que eu tava naquela miséria na casa dos meus pais... casa toda de chão, sem condições nenhuma... bairro operário, bem pobre. Eles me perguntaram o que que eu fazia pra ajudá-los. Eu disse: não posso fazer nada, não sei onde está meu cunhado, não sei, não sei. Continuava dizendo não sei.

Aí me botaram num carro e me levaram outra vez: 'não sabe? Mas agora vai saber'. Quando chegamos lá, trouxeram um rapaz, o tal que tinha sido torturado e tinha falado que eu recebia dinheiro do meu cunhado. Eles perguntaram assim: 'você conhece ela?' O rapaz olhou pra mim e disse: 'conheço'. Ai eles queriam saber como é que eu encontrava com o meu cunhado. Eu andava tão nervosa, com tantos nervos em cima de mim, e disse: encontro com ele tal dia, tal hora em tal lugar. Então tinha eu que ir no ponto. Segui aquela perseguição, aquela coisa! No ponto, um ficava engraxando o sapato, outro lendo o jornal e tinha um que me mostrou uma bisnaga, assim como de lança-perfume e disse que tavam recebendo aquilo dos Estados Unidos, fazia como um *spray* e a pessoa dormia, só ia acordar lá dentro. Ele disse pra mim: 'Você não se assusta que não vai *passar*³ nada ninguém vai dar um tiro, a gente só vai soltar uma fumacinha assim e

2. do espanhol; qué está acontecendo?

3. do espanhol; acontecer.

o teu cunhado vai dormir e não vai *pasar* nadà'. Bom, quando no terceiro dia eles viram que o meu cunhado não aparecia, um olhou pro outro e disse: 'o que que a gente faz com essa mulher?' O outro disse: DEIC. Aí eu pensei: pronto, agora sim que eu não saio de lá. Quando fui entrando tinha um investigador sentado numa mesa que estava me esperando e falou assim: 'Ah, quer dizer, dona Eny, que a senhora anda passando o serviço por fora pro seu cunhado, pra dizer que nós estamos esperando ele'. Eu digo: o que? eu não passei nada, eu não sei de nada. Vocês vão pra minha casa, ali dormem, ali comem, ali ficam dia e noite e ainda vêm me dizer que eu passei algum recado por fora? E como? Aí eles me deixaram, me mandaram pra casa, mas sempre estavam por ali, sempre de olho em mim, sempre via carro parado... e eu tinha que levar o moleque ao controle, porque depois que a operação ficasse bem, ele tinha que pôr um olho de vidro pro olho não fechar.

Um dia eles conseguiram agarrar e matar o meu cunhado. O Fleury conseguiu o que queria. Nesse tempo, o meu marido já estava no Chile. Ele saiu em 71. Eu vi que ali não tinha condições de ficar. Meu marido já tinha escrito que era pra eu ir o mais rapidamente possível pro Chile. Fui com a criançada, de ônibus, uma viagem horrível, cansativa, três dias...

Cheguei no Chile, fiquei vinte dias com o meu marido e três meses sozinha...

Quando eu pedia meio quilo de limão o cara me dava meio quilo de *chirimoya*⁴... era bem diferente! Passei uns *apuros*⁵... pedia arroz e o cara me dava pão, eu tinha que comer pão.

O meu marido teve que viajar e eu vivia num apartamento com um colombiano, mas o homem saía de manhã e eu não via porque saía muito cedo... e à noite ele chegava, eu já estava dormindo. Vivia, te digo, sozinha. Me sentia tão sozinha...

Nesse tempo tinha muita rosa, as rosas estavam maravilhosas. Chamo as crianças e digo: vamos caminhar um pouco, conhecer um pouco. Fomos ver as roseiras, os jardins, alguma coisa pra gente distrair um pouco a cabeça. Tinha um cara numa esquina vendendo sorvete. As crianças ficaram contentes, todo o mundo queria ir comprar sorvete. O pequenininho dizia: 'mãe, como você vai com-

4. fruta de conde.

5. dificuldades.

prar sorvete? Você não sabe falar'. Eu digo: a gente não precisa falar, a gente fala quatro desse aí, ele entende. Vi um *negócio*⁶ que vendia tudo, mantimentos, arroz, feijão... O menino do meio foi do meu lado, me dava muito apoio, não sei, tinha hora que ele me via em situação tão difícil que dava palpites. Eu queria comprar um frango pra gente comer. Como é que eu peço? Mostrei com o dedo. O vendedor me pergunta em português se eu não sabia falar espanhol. Disse que ele tinha vivido no Brasil e falava um pouquinho o português. Pra mim falava maravilhosamente bem. Eu fiquei tão feliz... comprei uma garrafa de vinho, um frango, arroz... aproveitei! Desse dia em diante fui a freguesa número um do *negócio*.

Pensei: gente, assim eu não posso ficar... O Derly não está aqui e eu não tenho como... e disse pro tal colombiano que era afinal muito amigo, muito simpático: eu preciso aprender alguma coisa de espanhol, não posso ficar assim sem saber nada. Ele começou a me dar umas classezinhas à noite e nisso fui aprendendo. Apreendi pra quebrar o galho. Mas tinha muita vergonha de pedir *permiso*. Aquilo não vinha na minha cabeça. Entrava naquelas *micros*⁷, ia empurrando todo mundo pra descer. Levei muito tempo pra pedir *permiso, con permiso*. Ai, que coisa feia! Eu achava horrível... e acho tão bonito o idioma espanhol. Gosto tanto que misturo até hoje, mas tinha palavras que eu não gostava.

Mais tarde a gente foi morar num *campamiento*.⁹ O pessoal tinha feito uma *toma*¹⁰ e nós conseguimos fazer um barraco lá. Meu marido trabalhava num mercado. Nesse tempo a escassez já era muita, a gente levantava às cinco da manhã e ia pra fila. Eu tinha uma irmã que tinha ido pro Chile ficar comigo porque eu andava muito doente. Meu pai mandou essa irmã pra me acompanhar um tempo até que eu me reanimasse mais, pegasse mais o ambiente. Depois das tragédias todas no Brasil eu fiquei muito doente. Pra você ter uma idéia... eu adoro vermelho. Adoro. Por mim visto tudo vermelho. Mas fiquei de um jeito que tinha medo de vermelho. Tudo que era vermelho eu tinha que tampar. Eu não queria ver a claridade do dia, sabe? Meu marido ficava desesperado. Chegava em casa, aquele sol bonito, aquele dia lindo, eu pegava um cobertor e punha na janela porque não queria ver a claridade do dia, não queria ver a claridade do sol. Fiquei muito ruim mesmo, um bom tempo doente, um bom tempo. Tive um

6. loja.

7. com licença.

8. ônibus tipo lotação.

9. bairro popular, espécie de favela plana.

10. ocupação.

tratamento num hospital psiquiátrico com uma médica muito boa. Ai eu fiquei bem. Quando já estava saindo da fossa, me reanimando mais...

Veio o golpe e eu fiquei outra vez sozinha com a criança.

Meu marido levou uma semana pra entrar numa embaixada, mas se tivesse entrado no segundo dia, pra mim era mais descansado, porque tinha que me preocupar com as crianças, com os outros, com ele que em qualquer hora podiam prender ou matar. Então eu me preocupava mais... mas ele não queria, não queria. Todo o dia eu pedia: pelo amor de Deus, tu entra na embaixada. Eu fazia teatro: entra, entra, me deixa sozinha que eu me arrumo, sempre me arrumei sozinha. Assim, um dia ele disse: 'se eu não voltar até tal hora é porque estou dentro'. E nesse dia não voltou. Aquilo foi um descanso tão grande que eu tive! Pensei: ai, um a menos.

Fiquei com quatro meninos e a minha irmã que estava com a *visa*¹¹ esgotada. Eu pensei: o que é que eu faço? Era enfrentar o negócio como viesse, com coragem, porque aí não tinha mais o problema de botar a mão na cabeça e começar a gritar. Era decidir e resolver. Peguei meus filhos, minha irmã e botei dentro da casa da minha sogra que estava no Chile também. Fui numa igreja católica e falei com uma freira que encaminhava o pessoal pro refúgio. Disse: quero imediatamente entrar num refúgio porque somos estrangeiros, não temos condição de ficar aqui, tenho um filho doente. Expliquei o meu problema e ela falou: 'bom, amanhã você pode vir de mala que a gente não tem muitas condições, mas você a gente passa pra dentro'. Na casa da minha sogra estávamos eu, meus três filhos, minha irmã, uma cunhada chilena com um filho bem pequeno, além do meu sogro e da minha sogra. Tinha muita gente, *toque de queda*,¹² as crianças não podiam fazer barulho, tinha que pegar na mão, dar comida pra um, deitar. Era uma vida muito agitada e eu já não estava dando mais. Disse pra minha sogra: já arrumei a minha vida e vamos nos refugiar porque vejo que aqui não há condições da gente ficar mais, não temos nenhuma segurança nesta casa. Na casa pegada, geminada, o vizinho não era uma pessoa muito agradável. Minha sogra começou a chorar e a

11. *visto.

12. toque de recolher.

dizer que não podia ir e que não podia ficar sozinha. Ela não queria que eu fosse, sabe, aquele problema de família... a velha sempre me teve como de muita iniciativa. Quando o meu marido já estava na embaixada eu passava bolsa de roupa lá pra dentro, cobertor... Ela não queria ir porque nesse tempo tinha comprado três máquinas de costura e ela e mais duas cunhadas minhas costuravam pra uma fábrica de macacão. Custuravam e com esse dinheiro ajudavam bem na casa. Minha sogra achava que tinha que vender tudo que tinha, que tinha empastado dinheiro e queria recuperar um pouco. Eu não estava muito de acordo, achava que o importante era a segurança da gente. Deixei a minha casa fechada com tudo dentro e me decidi a me refugiar imediatamente por medida de segurança das crianças, minha, da minha irmã. Depois que estivesse dentro do refúgio, ia pensar, estudar por intermédio de advogados, vender a casa e o que tinha dentro. Mas isso não cabia na cabeça da minha sogra, já era uma pessoa de idade, é diferente da gente. Então eu disse que esperava até o fim da semana pra ver se ela ia decidir se refugiar ou não. Nisso, o vizinho denunciou a gente como estrangeiro e baixaram tudo lá em casa.

Fiquei muito desesperada porque como minha irmã estava com a *visa* vencida eu me preocupava muito, tinha uma certa responsabilidade porque meu pai tinha mandado ela pra ficar comigo. Eles chegam lá em casa pra fazer um *allanamiento*¹³ e procurar, buscar coisas... Deixaram a casa de pernas pro ar. Olharam tudo, buscaram, não se conformaram com isso e mandaram que eu, minha cunhada e minha irmã, todas três tirássemos a roupa, ficássemos totalmente nuas dando voltas assim dentro de casa. Eu disse ao policial: porque eu tenho que tirar a minha roupa? Vocês vieram aqui pra *allanar* a casa *pero no* pra que eu tire a minha roupa... isso é fora de lei, vocês vão olhar o que tem dentro da casa, fuçam tudo, não vão buscar nada que tem em mim. *Incluso*¹⁴ minha cunhada estava menstruada e eles não perdoaram, fizeram que ela se desvestisse toda também. Aquilo me revoltou muito. Dentro desse grupo, tinha um que era... não sei se era brasileiro, mas leu todas as cartas que a minha sogra recebia do Brasil. Ele lia português. Eu *seguia* reclamando... aí um deles deu um grito tremendo comigo e disse: tira a roupa. Eu peguei, arranquei toda a roupa, as duas meninas já estavam... e um deles disse: a gente busca um sinal que os comunistas têm no corpo. Eu comecei a rir, a rir deles e depois disse pra minha sogra: acho que queriam ver a mulher brasi-

13. prisão e busca.

14. revistar.

15. inclusive.

leira pelada, decerto nunca viram, queriam ver como era. Eles não mandaram a minha cunhada chilena tirar a roupa. Só nós. Foi aquela provocação barata! O único que queriam era saber onde estavam os homens da casa, o que era o meu marido, o que era o marido da outra... Nós dissemos que depois do golpe eles tinham desaparecido, que não sabíamos pra onde foram, onde estavam. Foi muito engraçado, como a gente estava acostumada com essa linguagem, a gente falou 'golpe'. Um deles deu um berro e disse: 'que golpe?'

Depois de tudo passado, eles foram embora e eu não tive nenhum problema; a minha irmã era o que mais me preocupava. Mas no dia seguinte voltaram dizendo que tinham ido devolver umas armas que tinham levado dali. A gente disse: 'daqui? Temos certeza que vocês não levaram foi nada'. Eles disseram: 'temos aqui dentro do jipe um amigo de vocês, um brasileiro'. Minha irmã disse: 'nós não temos amigos, não temos nenhum amigo aqui'. Eles tinham ido fazer uma provocaçãozinha assim e não voltaram mais.

Entreí no refúgio no fim da semana, como tinha dito. Minha sogra ficou pra vender o que tinha na casa. Entreí com os meninos e minha irmã, minha cunhada entrou no outro dia, uma semana depois a minha sogra entrou com o velho. No refúgio ficamos dois meses e meio. Éramos 600 pessoas. Uma tragédia, porque cozinhar pra 600 pessoas era muito... Os homens ajudavam por turno, um grupo de cada mesa, mas vou te dizer, sempre as mulheres vão mais pra cozinha. Os homens descascam batata, fazem alguma coisa, mas é sempre a mulher que está aí metida. A gente não tinha mais condições de fazer comida pra 600 pessoas, não havia higiene total, faltava muita coisa. Aí deu tifo em todo mundo. Meus dois filhos menores tiveram um tifo que quase morrem. Passei noites e noites acordada com esses meninos com quarenta e um de febre. Eles acordavam de noite gritando: 'ai, o bicho, o bicho'. Aquela coisa horrível. Tudo deles tinha que ser fervido. Eu não tive ajuda de ninguém, não posso te dizer que tive.

Já tinha pedido pra ir pra um montão de países que nem me lembro mais; um desespero que estava ali dentro, as crianças com tifo, tiroteio na janela, já não dava mais pra ficar. Comecei a me inscrever. Tudo que era país eu me inscrevia pra sair. Aí telefone pro meu marido que já estava na Argentina. Ele diz: 'pra Holanda? Você tá louca? Você vai vir cá pra Argentina, vamos fazer qualquer coisa aqui, estou lutando pra te trazer'. Tá bem. E esperei, esperei, sempre dando em cima, pedia, por fim eles me mandaram para lá.

Ficamos dez meses na Argentina. Primeiro vivemos numa espécie de *foyer*, depois tivemos que sair porque aquilo foi vendido. Mandaram a

gente pro hospital. Do hospital botaram a gente na rua porque aquilo ia começar a funcionar e não podia ter mais ninguém vivendo ali. Meu marido não tinha trabalho, eu muito menos. Fiquei muito doente da vista, me deu muita tontura e ânsia de vômitos. Eu achava que tinha pressão baixa. Um médico brasileiro me examinou e disse que eu estava muito bem de pressão, que devia ser os óculos que já não estavam servindo mais. Fui numa médica. Ela me examinou e levou tanto susto quando me viu que te digo, me deu uma dor de barriga que quase me matou, porque nunca na minha vida, com a idade que tenho (e já fui em muito médico), nunca vi uma médica louca como aquela. Quando me examinou, botou as mãos na cabeça e começou: '*mio Dios, mio Dios*'. Eu liquei numa crise nervosa que sai dali com disenteria. Ela me deu uns remédios, umas injeções que fortaleciam a retina e me passou aquela tontura, aquela ânsia de vômitos.

Da Argentina nós escrevemos, pedindo pra vir pra França e pra Portugal. Portugal aceitou, deu o aviso de manhã, a França de tarde. Verificamos as condições, e entre ir pra Portugal como turista e pra França como refugiado... levando em conta que tínhamos problemas de doença, achamos que em Portugal seria muito mais difícil. O meu marido dizia que a gente tinha que ir pra França, que com esse problema todo que eu tinha na retina, na França a gente teria mais condições de fazer o tratamento especializado. Eu pensava muito, me dava medo sim, achava que era melhor Portugal porque eu já sabia o idioma, era mais fácil, mas te digo, pior foi quando fui pro Chile. Então por isso não me deu tanto medo; já tinha a experiência do Chile, achava que seria mais fácil enfrentar.

Apesar das dificuldades, de todas essas tragédias que aconteceram, o Chile era muito bonito. Tive muitas amigas, tinha um grupo de amigas chilenas muito bacana. No fim, minha irmã fazia um curso de cabeleireira e nesse grupo eu entrei também e a gente fazia amigas por todo lado. O povo chileno é muito dado, muito bacana, e que amor, que carinho eles têm pelas crianças. Acho muito bacana isso. Muita coisa ficou e até hoje eu tenho amiguinhas chilenas aqui na França.

A França para mim é duro. O idioma me faz muita falta... Saber falar bem faz muita falta. O pessoal aqui... são duros. Isso é a minha idéia.

Trabalho numa fábrica. É muito pesado porque se trabalha o dia todo em pé, pega-se uma caixa, traz pra cá, vai buscar material... eu ando o

dia todo atrás de material, atrás de peças. Estou cansada. Levanto às seis da manhã. Todo o dia vou me deitar no mais tardar às nove. Tem dia que meu marido fica louco porque eu começo a ver um filme e não termino. Durmo no sofá.

Realmente o que eu acho da França, o que sinto é o seguinte: logo que cheguei aqui não tive oportunidade de estudar, tive que ser imediatamente internada porque o meu problema da vista era muito grave e não pude fazer nenhum cursinho nem coisa pelo estilo. Cada seis meses faço uma aplicação de *laser* pra fortalecer a retina. Ultimamente estou muito melhor porque a médica marcou a próxima aplicação para daqui a um ano e me diminuiu as gotas; só uso à noite. Quando chega no fim do dia, sinto muita canseira na vista... mas sei que estou melhor porque antes via muita coisa que passava assim como mosquitinhos e agora já não sinto mais isso.

Meu primeiro trabalho aqui foi fazer *ménage*¹⁵ em fábrica. É duríssimo. Muito duro mesmo. Não tive muita chance de conseguir outro trabalho. Era numa fábrica que tem muitos *obrerros*¹⁶ e que trabalha dia e noite, então a *ménage* era duríssima. Trabalhei aí oito meses e saí com ordem médica porque tenho um problema na coluna e o médico achou que eu não podia seguir trabalhando assim porque estava com a coluna totalmente torta, *incluso* me dói, sinto muita dor, sabe? Fui fazer *ménage* pra poder ter a carta de trabalho porque não conseguia trabalho melhor se não tivesse a minha carta. Arrisquei com esperança de arrumar depois um emprego melhor. Também porque meu marido ganhava muito pouco, dava pra pagar aluguel e comer. Tinha vez que faltava dois, três dias pra ele receber e a gente já não tinha mais. Estávamos sempre devendo a conta de luz que vinha cada quatro meses. Uma hora pedia a um, outra hora a outro, não tínhamos como pagar. Nesse tempo ele ganhava 1400 francos e a gente pagava 640 de aluguel. Mesmo tirando o mais velho que fica no colégio interno toda a semana, não dava. Pra comer quatro pessoas, não dava. Tudo isso me levou a pegar um trabalho de *ménage* em fábrica. Recebia o *smic* (salário mínimo).

Fui aprendendo um pouquinho de francês assim na prática, pedir as coisas, o cloro, o sabão em pó... vai juntando aos pouquinhos e no fim dá pra quebrar o galho.

Comecei a buscar outro trabalho melhor. Uma amiga chilena arrumou pra mim nessa fábrica onde estou. Ganho um

15. limpeza.

16. operários.

pouco mais, 1900 francos brutos, recebo 1750. Trabalho numa máquina muito quente, a caloria te mata porque te põe nervosa... muito calor... em vez de fazer ar frio, forma ar quente e põe mais caloria dentro. Uma coisa horrível. Outro dia nos reunimos umas oito, subimos no *bureau*¹⁷ pra falar com o patrão que necessitamos condições pra trabalhar. As francesas queriam uma *prime*¹⁸ especial pelo trabalho que nós fazemos, pela caloria que a gente toma. O patrão disse: 'não tem *prime* e não tem nada, e se vocês não quiserem, as oito no meio da rua'. Eu pensei em ir falar no Ministério do Trabalho, mas como o horário de trabalho é muito duro, não tenho tempo pra nada. *Incluso*, a gente já estava pensando em reunir umas duas, três pra ir no Ministério. É uma fábrica pequena, trinta e cinco pessoas, não tem cantina, eu levo marmita. Tem homens e mulheres trabalhando, oito portuguesas e muitas francesas.

Os franceses são duros, muito fechados, nós temos outra maneira de viver. Eu me sinto mal, entende? Pra fazer amizade com francês é uma coisa tão difícil... eles são muito duros realmente. Tenho uma amiga que é ótima, é um amor, ela me adora. Um dia eu disse pro meu marido: tenho certeza que essa mulher não é francesa, não pode ser francesa pra ser tão simpática, tão bacana. Eu não sei, mas já andava assim tão desiludida, porque é tão difícil esse povo, que eu não punha na cabeça que ela era francesa. Aí descobri que não era francesa mesmo, é árabe. Eu achava que eles são um pouco fechados comigo porque eu não bato aqueles papos de trabalho, sabe? Participo dos assuntos mas não muito, porque tenho a dificuldade do idioma. Mas hoje eu disse pro meu marido quando cheguei, que tinha me sentido tão feliz, tão feliz! Começou a trabalhar comigo uma menina francesa. Nós temos que dar 2000 placas por dia. Todos os dias o chefe controla. O que passar de 2000 placas, é *prime*. Bom, quando não interessa a *prime* pra você, interessa pra sua parceira, então a gente trabalha feito louca, porque se eu não trabalho de acordo com a outra ela é prejudicada. Ontem nós fizemos 2750 placas. A gente se mata ali. Você chega a essa hora que não aguenta nem falar mais. Hoje nós fizemos 3000 e poucas. Isso é duríssimo, tenho as mãos todas cortadas, vê? Porque quando você vai desembulhar... você sabe o que eu estou dizendo? *pero* tu não vai saber o que é... É essa coisinha brilhante de metal que vai no meio da porta aí no chão. Isso corta a mão da gente. Olha, a máquina imprensou aqui o meu dedo, cortou a minha unha fora, então é uma tragédia, sabe? Fazer essa quantidade de placas por

17. escritório.

18. gratificação.

dia! E daí a menina francesa que começou a trabalhar comigo foi dizer pro chefe que se ela não conseguisse fazer o tanto que pedem, que não era culpa dela, que sim minha, porque eu não trabalhava bem. Foi uma movimentação tão grande dentro da fábrica, menina, que eu me senti tão emocionada de ver aquilo... todo mundo protestando contra a mulher. Até as francesas falando a meu favor: 'tu não vai embora daqui, tu não pode sair saqui'. Todo o mundo protestando! Eu fiquei assim, olhava prum canto, já estava meio boba, já não sabia mais o que fazer e chega uma e diz pra mim: 'amanhã quando eu chegar de manhã, a primeira coisa que vou fazer é chamar a atenção dela, vamos dar uma chamada boa nela, espere'. Uma francesa que me disse isso! E tinha uma portuguesa que dizia: 'se ela falar mais alguma coisa de você aqui eu vou esperar ela lá fora, vou dar um couro nela lá na porta'. Eu falei: poxa, como eu estou querida aqui dentro, está bem!

Quando eu converso, elas dizem assim pra mim: 'é, você diz que não tem nada que ver com política, que você não entende de política, que está aqui pelo seu marido que é asilado, mas de vez em quando você fala umas coisas assim tão *raras*'. E eu te digo, eu não sei nada, mas esses portugueses é uma coisa incrível! Eles estão aqui, nada mais nada menos, pra ganhar o dinheiro pra mandar pra Portugal, ir comprar uma casa lá embaixo. *Prime, prime, prime*. Agora que deu aquele problema aí com os imigrantes, que não renovam mais as cartas deles, que iam mandar os imigrantes embora, então protestaram. Não sei se você viu uma concentração dos árabes. Pois é, eles foram lá e protestaram. Eu disse pra portuguesa: anda, vão protestar, vão gritar lá pra que não vão vocês embora, protestem. Aí uma vira pra mim e diz: 'não, não, a gente não pode se meter nisso. É coisa de política, depois vamos ter problema com isso e aquilo'. Eu falei: é esse o erro de vocês, vocês esperam comida dentro do prato, só querem é comer, os árabes vão gritar lá, se eles tiverem vitória vocês também vão ter. Porque vocês não vão ajudar eles? Ah, eu fico danada com isso! Eles são tão pelo patrão! Todo dia de manhã o patrão chega, abre o portão, as portuguesas vão correndo e prendem o portão na hora! Eu digo: larga essa porcaria desse portão, que que tem que estar ajudando o patrão a abrir o portão? Ah, eu vou ensinando aos pouquinhos, vou ensinando.

Hoje eu disse pra elas: vocês estão aí protestando pra que não me mandem embora, mas eu estou pedindo a Deus que me mandem, tomara, porque vou embora daqui, mas ganho *chomage*.¹⁹ É a primeira reclamação de que eu não avançava no serviço e que

19. ajuda de custo para desempregados.

não via bem. Todo mundo sabe que não avanço mais porque não vejo bem. As próprias francesas que trabalham lá foram dizer pro chefe porque ele não me troca de *place*,²⁰ não me mete em outro lugar pra trabalhar. Posso fazer etiqueta que não me cansa a vista e faço muito bem. Vejo de perto, tenho problema é na máquina. Ela bate aqui em mim, tenho que preparar as placas lá e o meu braço não dá, não alcanço. Pedi pro homem pôr uma prancha de pau em baixo, subo em cima, aí já me alcança arrumar as placas. Ele disse que não pode. Estão me botando trabalho difícil e essa coisa toda pra que eu peça a conta, mas não vou pedir. Isso aqui é uma casa de loucos! Imagina que o patrão mantém o banheiro fechado na hora do almoço! Já falei que o dia em que me der uma dor de barriga vou fazer os negócios lá na porta do homem. Ah, eu já disse! Não aguento mais! Outro dia o meu marido ficou louco comigo, me deu uns gritos: 'pede a tua conta, você não está morrendo de fome, eu agora estou melhor de trabalho'. É verdade, ele agora ganha melhor que no início, trabalha numa companhia do estado.

Acho que as mudanças de país para país prejudicaram os meninos nos estudos, perderam anos, mas agora estão ótimos. O do meio vai muito bem na escola, já fala bem o francês, esse ano ele estuda inglês. O mais velho está no colégio interno toda a semana, está aprendendo o braille... e fala o francês. As crianças têm uma idéia tão pura, tão boa pra aprender!

Estudei até o segundo ano primário. Nada mais do que isso.

Não tinha condições e comecei a fazer um curso à noite, mas era muito cansativo. Tinha que trabalhar durante o dia e estudar à noite, aí já não dava porque eu dormia na metade da classe, quando a professora via, eu já estava dormindo. Desisti.

Sou a mais velha, meus irmãos eram todos muito pequenos, estudavam. O meu pai sempre achou que era muito importante estudar, tanto o homem como a mulher, mas eu também não tinha saúde e... tive que trabalhar com treze anos pra dar de comer pros meus irmãos. Nesse tempo meu pai já estava doente e nós tínhamos uma situação muito difícil. Fomos pra São Paulo, antes morávamos em Minas. Em São Paulo uma tia tirou um papel no juizado de menores para eu trabalhar.

20. lugar, função.

No início eu trabalhava numa fábrica de meias. Quando fiz quatorze anos, comecei a trabalhar num laboratório. Se tivesse condições de estudar um pouco, tinha tido chance nesse laboratório. Tinha muita oportunidade de aprender porque lá tinha uma química que gostava muito de mim e se interessava em me ensinar e ajudar. Mas aí já vinham as condições financeiras que eu não tinha pra comprar um livro, eu não podia... Trabalhei nesse laboratório até casar.

Casei com dezoito anos e achei que a vida aí foi mais fácil pra mim porque nesse tempo o Derly achava que eu não tinha que trabalhar mais, que já tinha trabalhado muito, já tinha sofrido e que era melhor descansar um pouco. Vivi mesmo tranqüila o primeiro ano de casamento. Depois o Derly começou a participar de reunião, sindicato, começou a ter responsabilidade e a coisa começou a ficar grossa. Nós vivemos um ano bem. Tranqüilos. Bem. Apesar de tudo que já passei, prefiro depois do casamento. Sofri muito antes, tinha muita responsabilidade com muito pouca idade e nunca tive uma vida assim... nunca tive infância. Nunca tive.

Ele nunca me impediu de estudar, mas ao mesmo tempo achava que estava difícil. Nesse tempo eu já estava grávida, me sentia muito mal... também foi um pouco de falta de interesse meu. Hoje em dia mesmo ele diz que eu tenho que estudar, que era melhor que eu conseguisse outro trabalho, que fosse menos horas... Eu gostaria, mas o meu trabalho é muito duro, e assim não posso estudar, a não ser que consiga um outro trabalho. Estou lutando pra isso. Tinha vontade em primeiro lugar, de fazer um curso de francês. Gosto muito de enfermagem, adoro, sempre tive loucura, sempre, desde pequena digo que vou ser enfermeira. Então, um pouco de francês e depois fazer um pouco de enfermagem. Será talvez muito difícil, porque parece que aqui exigem que a pessoa tenha o ginásio. Mas mesmo que eu não chegue a fazer enfermagem, gostaria de trabalhar num hospital como ajudante de enfermagem. Adoro atender doente, tenho paciência e gosto, sempre tive loucura. A minha idéia era ser enfermeira.

Faço tudo. Se não tiver eu na frente, não tem nada resolvido.

Ele não gosta de enfrentar o trabalho da casa, não gosta de dividir não. De vez em quando a gente discute, fala... Ele só gosta de consertar coisas, de fazer móveis... Você viu a cama que ele fez? Viu depois que terminou? Ficou bonita. Agora, trabalho de casa e com as crian-

ças, tudo é comigo. Ele diz que sou muito *maniática*. Por exemplo, as camas, eu troco todo o sábado. Então é uma loucura, oito lençóis pra lavar e passar. Passo tudo, tudo. Não tenho lençol que não precisa passar. Tenho desses ordinários. Como chama? De cretone. Ele diz que não ajuda mais porque sou muito chata, que ele compra uma coisa e eu digo, porque não comprou outra? Não sei até que ponto posso ser tão chata assim, acho que não é muito por isso, acho que nesse ponto ele fala um pouquinho demais. Peço a Deus que vá ao mercado sozinho e me deixe. Não agüento esses mercados. Mas ele não gosta de ir sozinho, sempre quer que eu vá junto. Ultimamente ele foi sozinho já umas duas vezes, porque nota mesmo que eu ando muito cansada; então faço uma listinha e ele vai. O mercado cansa muito, a gente dá voltas, dá voltas...

No Brasil eu fazia menos. Como sempre tive muito problema de saúde, sempre tinha apoio da minha mãe, das minhas irmãs. Elas davam uma mãozinha, principalmente depois que eu tive as crianças. Elas achavam que era muito o que fazer pra mim, apesar de que lá eu não trabalhava fora. No Brasil ele não fazia nada. Não lavava uma colher... Aqui ele ajuda mais, se preocupa em ajudar mais, não sei se é porque trabalho fora, saio para trabalhar. Agora que os moleques estão grandes eles me ajudam também. Uma vez teve aqui uma pessoa hospedada que ficou boba de ver como os meninos faziam as camas, ordenavam seus quartos, deixavam tudo arrumadinho. Aqui tem que ser assim, as crianças têm que reconhecer... Eles mesmo dizem que têm que fazer porque eu vou trabalhar. Depois no fim do mês: 'mãe, preciso dum sapato, mãe, não tenho calça'.

Acho que mulher sempre tem mais problema, sempre é mais prejudicada em tudo, sabe? A mulher sofre muito mais que o homem. Nem sei como te explicar... Olha, a mulher agüenta o peso de tudo, não pode nem repartir, não consigo repartir! Hoje sai às seis e meia da manhã pra trabalhar. Ele sai meia hora depois de mim porque vai de carro, então tem mais condições. Trabalha nove horas por dia. Eu trabalho oito, mas tenho quarenta minutos de transporte público para ir e outros quarenta para voltar. Agora eu te pergunto: da hora que ele entrou aqui dentro dessa casa, que que ele fez? Pegou o prato e comeu. Não fez nada mais nada menos que isso. Quando vocês chegaram, ele tinha terminado de entrar. Eu já tinha lavado a louça toda que tinha ficado aí, já tinha preparado a comida, descascado o abacaxi, cortado, feito a salada, já tinha feito tudo. Depois não fiz mais nada porque vocês chegaram e nós fomos conversar. Senão eu já tinha feito a cama, já tinha lavado o meu banheiro. Então, quantas horas eu trabalho por dia? Eu te digo, a mulher em tudo e por tudo sofre mais,

tem muito menos condições que o homem. Sem falar que ainda bota os filhos no mundo...

Se a situação no Brasil melhorasse, eu voltaria correndo.

Só penso em voltar quando a família toda puder. Pra mim voltar e deixar o Derly aqui, não, de maneira nenhuma. Voltar sozinha não compensa. Voltar sozinha só num passeio, uma visita e nada mais. A gente sonha com a volta... voltar todos juntos. Os meninos também pensam nisso: 'quando nós chegarmos no Brasil, vamos fazer isso e isso...' Todo mundo já tem uma idéia.

Eu saí em 71 e fui lá duas vezes ver a minha família. A primeira vez foi depois de um ano e meio que estava no Chile. Quando cheguei, encontrei tudo diferente, muito mudado. Já não entendia a maneira que as pessoas falavam, já me incomodava... estava tão acostumada com o espanhol... falava tão pouco português no Chile! Achava diferente a cidade, encontrava tristes as pessoas, sem assunto. O pessoal não tinha o que falar, não tinha assunto, tava preocupado com as novelas, vendo capítulo de novela. Tudo muito apagado... Dava vontade de não ficar, é claro, porque eu fui sozinha, só levei o menor. Mas se fosse o caso de estarem todos, eu preferia ficar, com todas as tristezas que eu estava encontrando.

Na segunda vez já achei um pouco melhor porque já tinha ido lá, já tinha sentido que o negócio era aquele, que os costumes eram diferentes. Mas é muito estranho a primeira vez que você volta para o país depois de ter vivido em outra parte. Você sente o choque. Senti uma mudança muito grande.

Desde que vim pra França não fui mais. A passagem é muito cara. Nesse momento, pela idade que têm os meus pais, achava que seria ótimo eu ir. Uma visita, um apoio. Perdi um irmão num acidente, falei com a minha mãe por telefone e a única coisa com que ela se preocupava é que eu fosse, que eu fosse. Eu disse: mãe, eu vou em dezembro... E ela respondeu: 'acho melhor você vir antes porque dezembro pode ser muito tarde'. Ela tem muita vontade.

Acho que nesses anos de exílio aprendi e vivi muito.

Desenvolvi a minha maneira de pensar. Eu era uma pessoa que pensava totalmente diferente. Era muito apagada, era tímida, não era capaz

de fazer nada sozinha, dependia muito do Derly pra tudo, mesmo estando no meu país, com o meu idioma. Com essa vida no Chile, Argentina, França, muitas vezes sozinha com os meninos, com todos os problemas que contei, eu aprendi muito, tive muita iniciativa. Agora sinto que sou outra, me arrumo, faço qualquer negócio sem ele, resolvo problema de hospital se necessário, *securité sociale*...²¹ Mesmo se não sei muito francês, quando sinto que não vou me arrumar bem, dou uma olhadinha no dicionário, consulto um pouquinho antes de sair, me preparo um pouquinho e vou embora... Quando ele chega, já fiz tudo. Acho que foi muito bacana, serviu muito a experiência.

Não tenho ressentimento de ter passado tudo que passei por causa das atividades políticas do meu marido. Passei porque gostava dele e queria seguir com ele. Agora estou aqui. O Derly sempre foi muito bom comigo, muito compreensivo, ótimo marido. Eu que sou... reconheço que sou muito nervosa. De vez em quando dou umas broncas e tal, mas ele tem muita paciência comigo, me entende quando tenho problemas, *incluso* diz que eu não era assim, que mudei muito pela enfermidade das crianças e por tudo o que passei. Vai acumulando.

21. assistência social.

França, primavera de 79

(dez anos, já)

Minhas caras,

Vocês puxaram o fio com algumas questões, e eu respondendo, desenrolo algumas meadas do meu novelo, que, junto a outros, ajudará a lembrar e a compor esse tempo que já será então o do esquecimento.

De onde vim?

CLASSE MÉDIA URBANA BRASILEIRA, pai e mãe tranquilos, sem maiores problemas econômicos, filhinhas incentivadas pro estudo (bem menos para o casamento), colégio de freiras (apenas porque era o melhor)... em suma, nenhuma originalidade senão a de fazer parte dos pouco por cento que se beneficiam dessa falta de originalidade tão apaziguante... Ah! Talvez aproveitando de um certo desenvolvimento das zonas industriais, o que permitia a emergência de novos comportamentos, uma maior abertura principalmente para nós do lado feminino; maior facilidade de trabalho fora de casa, convívio mais amplo na adolescência entre homens e mulheres, mais discussão, mais leitura, informação, enfim... isso foi bem legal. Ufa! Escapei de raspão do *footling* das cidades interioranas, dos salões de cabeleireira e de suas respectivas conversas, dos vestidos de baile... e outras delícias que nos permitem degustar o 'ser mulher' em terrinhas de senhora aparecida

Bem, tudo perfeito, então?

Certamente que não, apenas um começo menos penoso, embora fiquem as marcas do colégio de freiras (treze anos não é tempo que se despreze), da rigidez moral da baixa classe média, dos padrões de comportamento incorporados a partir das imagens vividas e conhecidas. Não dá pra cantar vitória e o mais acertado é fazer coro com o Belchior no realista: 'apesar de tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais'.

Entrada na política?

Será que isso algum dia aconteceu? Nunca houve nada pensado ou desejado, apenas um conjunto de circunstâncias e de acasos: morar em cidade operária por volta de 64, conviver com Igreja progressita (ah! A gente come e os pobrezinhos não!) estar na geração estudantil que sucedeu aquela debandada em 64 e, principalmente, uma grande dose de culpabilidade como a que deve ter todo adolescente latino-americano, minimamente lúcido, fazendo parte do *ghetto* dos privilegiados (ainda que sejam privilégios mínimos); sem esquecer a participação em atividades que em qualquer país desenvolvido são meramente sociais, mas que em terrinha de matuto de viseira tomam ares comicamente políticos (pois é Bethânia, 'aqui é o fim do mundo, oi, á...')

64, representou algo?

Bem pouco, acompanhando de fora, com meus dezessete anos. Apenas uma imagem que ficou: a ironia diante da taça de champanhe para o brinde familiar e tolo a comemorar o afastamento do comunismo (É, minhas caras, ali é o fim do mundo...)

Período também de ter que dar uma mão aos que não ficaram de fora: contactar advogados, visitas nas cadeias, levar-lhes coisas, tudo isso sem nenhuma visão mais profunda, nem coerente de nada. Período também de conhecer e viver com quem vivo até hoje. Período de sair da borda e enfrentar as duras penas a selva grande: primeiros anos de Filosofia na USP (meu mundo suburbano e fácil, naufragando na entrada, no saguão, diante da deselegância requintada dos meus 'politizados' e 'intelectuais' condiscipulos).

Bem, daí, mundo universitário paulista de Castelo Branco e Costa e Silva: Arena, Revista Civilização Brasileira, CRUSP, passeatas, carcerá, Camilo Torres, Régis Debray, foquismo, e a panó-

plia toda, de preferência ao som de 'caminhando e cantando e seguindo a canção'...

Quem levou quem pro exílio? Separar disso tudo grupo social de grupo político, dizer como, quando e se houve politização, é meio complicado. Fica aos especializados em comportamento político da classe média brasileira o cuidado da análise mais apurada.

Não houve o momento da consciência, de imaginar as conseqüências, de ficar assustada?

Stop importante: se fosse mulher sozinha, teria tido espaço para recusar, pois guardava lucidez para dizer não, mas a gente está junto com os iguais, com o companheiro, ali está e ali fica. A visão crítica sempre existiu, se por lucidez, se por medo monstro de sair dos trilhos, ou se porque um é conseqüência do outro, não sei bem.

E as mulheres naquilo tudo?

Certamente carregando maiores justificativas teóricas para entenderem o próprio comportamento, mas sem nenhum acesso ao 'poder', cumprindo atividades marginais, que em muitos casos consistia em pura e simplesmente fazer cozinha ou hospedaria para muita gente (enfim, para que gritar, o primeiro prazer desce pela boca e pode até ser recompensador o sorriso de grandes heróis após um ragu bem apreciado, não é assim, minhas caras guerreiras de Atenas?)

Como veio a parada?

'O sonho acabou... quem não provou do amargo caviar, nem sequer pensou...' Filho nascendo, solidão de hospital público, companheiro distante, preso ou fugido. Por que estar aqui e dessa maneira? A primeira frustração séria na vida, que materializa a importância das coisas e das pessoas. Nesse nosso restrito e brasileiro mundo, de juventude risonha e franca, criada a bifés, leite e ovos, nada nos prepara a isso, nem se chega a imaginar que possa acontecer (e o lobo mau existe, os dentes são longos e a lanhada dói). Viver com alguém, ter filhos, fazer e acontecer, não era algo que nos tomasse muito tempo de reflexão. A gente colhia a facilidade e a beleza da vida, sem suspeitar nem

um pouco que pudesse não ser assim. (Enfim, a ciência, a história, a verdade, a beleza, a razão, não estavam todos do nosso lado? Pena que no nosso livro de carochinhas ficou faltando o parágrafo que explica que a *força* é a única a validar tudo isso, esteja ela do lado que estiver).

Então sobrou o poço fundo, no sentido real e figurado. Sair dele como? Quem samba fica, quem não samba vai embora. Mundo dos iniciados, da seita, do grupo adolescente, a caça na cidade, se ficar o bicho pega, se correr o bicho (aquele cutucado com vara curta, mas de dentes longos) come. São Paulo/69: tragédia em vários atos. A parada, o basta: apenas reflexo vital de sobrevivência.

E dai?

No aspecto aparente: tomar as iniciativas que não variaram muito das tantas conhecidas (que sorte que a terrinha é grande, se fosse ilha poucos teriam contado a estória): quilômetros nunca percorridos, vida nunca imaginada, arado, enxada, colheita, pela primeira vez na família (antes fora só agregado fortuito), casal adulto, filho, aprender a cozinhar, tarefas caseiras, e depois fronteiras, que Assunción é um vilarejo onde se chega de jardineira carregada de cabrito, que a Argentina inteira espera Perón (que esperança mais falida), e *'el que no salta es momio'* e *'el fascismo no passará'* (passou e não deixou nem poeirinha, mas não foi nessa época, já foi depois), rever família depois de anos, amigos, aterrar em Orly num 7 de setembro que se não deu independência deu pelo menos exílio. As vezes creio até, exílio/independência, conseguidos a duras penas e sem Pedro I.

Eu disse que isso era no aparente; não é no não aparente: recolher pedacinho por pedacinho pra se reconstruir, que a paulada foi violenta. A questão mais séria era ainda a de ser gente, pois que gente/mulher era então bem secundário.

E como é o capítulo do território francês?

Bem, é um capítulo longo, ainda não terminado, com vais e vens, interrupções e que fica sob a rubrica do 7 de setembro: independência que vem com a idade passando, independência como mulher, independência das idéias mal deglutidas e mal digeridas que nos fazem acreditar em Papai Noel e em fadinha Tilim trazendo o paraíso na terra; só não, independência/solidão, que esse mau gosto ainda não me chegou. (Falado assim, minhas caras, parece fácil, mas foi um parto bem difícil).

Começo duro, num vilarejo encantado e lindo, mas habitado por fantasmas e assim mantido entre 0 e 5 graus. Pela

primeira vez a evidência da miséria do trabalho doméstico como destino de vida: panela, supermercado e solidão o dia inteiro. E na faixa operária. Tudo contado e controlado, senão a comida não chega ao fim do mês. Batalha vencida: não mais viver resignadamente esse doentio e morno dia a dia. Durou pouco, mas o suficiente para se guardar a náusea até hoje.

Como vocês se safaram?

Resolvemos que viver em formol não é lá muito sadio. Fizemos o êxodo rural e fomos enfrentar a cidade, Paris. Não havia dinheiro para aluguel de casa, mas a possibilidade de trabalhar no que quer que fosse. De porta em porta, a gente encontra o que nem suspeita existir. Zona de confecções: antes do casaco de pele ser costurado ele deve ser preparado e raspado nas partes onde se assentarão as costuras. Cá estou eu, de maquineta na mão, operária especializada, trabalhando ao negro, pois com segurança social custa caro e não se emprega, trabalho pago a peça (cada peça = a 1/100 do nosso aluguel); só há trabalho se há peças a preparar. Mas é bem melhor do que ter como único objetivo pensar em como vai ser o almoço ou o jantar de amanhã, e passar manteiga no pão dos filhos da 'senhora'. Para passar o tempo, ficar a ouvir a conversa dos costureiros na máquina, sua relação com a rádio lenitivo/bestificante: consultórios sentimentais, vida de 'grandes' astros, de 'grandes' heróis, para cobrir a vida mesquinha e a usura cotidiana (não dava para safar a pele, nem a saúde, mas o mundo já vivido e a possibilidade de outro viver faziam entrar o oxigênio mínimo, necessário para não se sucumbir).

Com o passar do tempo (sempre raspando peles) foi renascendo a vontade e a necessidade de retomar contacto com o meu mundo de origem, com as pessoas, com a profissão (provavelmente a carcaça semi-recomposta procurava o passado deixado brutalmente para trás). Nesse período, também, de renascer gratificador, por ter me aproximado de grupos de mulheres, comecei a sistematizar melhor minhas vivências e a condição de 'ser mulher' passou a entrar em conta no meu acerto de contas com a vida.

Bem, o barco navegava sem novidades, já de novo trocada a maquineta de raspar pela caneta, e, outra vez, me surpreendeu, ancorando no 'ultra-mar'.

Por que o capítulo africano?

No plano social: libertação, antes tarde do que nunca, das colônias portuguesas. Partida em massa dos quadros portugueses, criando uma

necessidade grande de quadros de língua portuguesa. Possibilidade de trabalhar em ações de desenvolvimento, o que na época foi visto como mais coerente com nossa vivência e nossa experiência profissional (ilusão primaveril) do que a simples sobrevivência na Europa. Para alguns, e por que não, a possibilidade de aliar esse útil ao agradável dos coqueiros e do céu azul permitindo safar-se 'desse frio mais besta' (para o meu mau gosto paulista esse cenário sempre foi meio indiferente, e eu continuo encantada com o avesso, do avesso, do avesso, do avesso)

No plano pessoal: cansaço do neurótico cotidiano da 'organização racional da sociedade desenvolvida', acaso de encontros e de oferecimentos para partir, aliados à vontade/possibilidade de trabalhar novamente com instrumentos profissionais conhecidos, num meio conhecido (sempre a mesma ilusão primaveril). Primeiros três meses de África, sozinha (sem canibais, nem caldeirões, aparentes ao menos) sem família, num trabalho novo, nocauteada por uma realidade inteiramente desconhecida.

A esses meses seguiram-se alguns vividos na tentativa de compreender, procurando trabalhar produtiva e corretamente, para chegar a uma só e melancólica conclusão: que os deuses africanos protejam seu continente contra todas as teorias e os sistemas, dos países amigos e dos inimigos, dos missionários dedicados com receitas milagrosas e dos cínicos calculadores. Mas infelizmente a travessia do deserto já começou e não há volta atrás; o jato aterrissando, os tanques e os cooperantes amigos desembarcando dão pouca esperança de uma travessia sem martírio, e no breve futuro radioso. Dura lição de geopolítica ou de *real politik*, que finda com as últimas ilusões primaveris nascidas há tanto tempo em terra pátria.

Agora estou aqui, minhas caras, vendo as folhas verdinhas renascerem na primavera, esperando pra ver aonde é que o barco vai aportar. Dizem que os ventos são favoráveis sob os braços do Cristo Reuentor, que as patrulhas ideológicas e as patrulhas odara lançam-se terríveis aleivosias, que a fera atrás da cortina fareja e deixa de fora só a patinha gentil.

Bem, é essa a estória semi-acabada, que não se presta a grandes e heróicas conclusões, mas serve apenas para lembrar. Entrou por uma porta saiu pela outra, quem quiser que conte outra.

*Com um grande abraço da
Lucia*

Damaris de Oliveira Lucena
1977 ·

SE NÃO FOSSE O GOLPE DE 1964, eu com certeza estaria no Brasil com meu esposo e meus filhos. Meu banimento, em 1970, foi causado pelos que são responsáveis pelo assassinato de meu marido e pela prisão de meu filho, Ariston de Oliveira Lucena, que tinha apenas dezoito anos quando foi preso. Devo a minha vida aos companheiros que me tiraram da cadeia, e vim viver no país que me acolheu, Cuba, junto com meus filhos menores.

A mudança foi total, começando que eu era semi-analfabeta. Sou de uma família pobre do Norte, fui operária têxtil durante vários anos, fui também empregada doméstica e trabalhei em tarefas agrícolas. Não havia podido nem terminar o curso primário, não dominava meu próprio idioma. Como mulher pobre, jamais tivera acesso à instrução. Cheguei a Cuba doente, traumatizada pelo brutal assassinato de meu esposo e pelas torturas que sofri, com três crianças, uma de três anos e duas de nove. Fui internada no hospital, recebi todo o tratamento necessário e meus filhos também. Comecei a aprender meu próprio idioma e o espanhol também. Abriu-se para mim o campo do saber. E eu, com quarenta e três anos, completei a escola primária, fiz a secundária e ingressei no curso pré-universitário. Fazia trinta anos que eu tinha deixado a escola no Brasil, para poder trabalhar. Aqui também as crianças receberam tudo o que uma mãe pode aspirar para seus filhos: as melhores escolas, livros, brinquedos, tratamento médico quando adoecem, enfim, tudo o que uma criança normal precisa ter para seu desenvolvimento. A escola exige de mim muito estudo, muita dedicação, pelas dificuldades que encontro por causa da avançada idade em que comecei a estudar. Por isso não posso trabalhar, mas desde que aqui cheguei recebo uma pensão do governo cu-

bano, que também me deu casa, roupa, comida e escola para mim e meus filhos. E me orgulho de dizer que meus filhos são muito bons estudantes. Posso mesmo afirmar que estudando no curso secundário aqui, sabem muito mais história do Brasil do que muitos ginásianos que estão em meu país.

Nestes anos de vida em Cuba, tenho visto o que sempre desejei que meu povo tivesse, principalmente as mulheres, que aqui têm os mesmos direitos e deveres de todos os cidadãos. Têm garantidos por lei e pela sociedade os mesmos direitos que o homem. Não há uma mulher que, trabalhando igual, ganhe menos que o homem. A mulher tem acesso a todas as profissões. E os filhos têm asseguradas a educação e a saúde. As mulheres têm a oportunidade de se desenvolver de acordo com a sua vocação. O povo todo tem acesso à cultura e à recreação. Isto tudo é o que se vê aqui.

Apesar de todos esses direitos, apesar de toda a solidariedade que recebo na escola, na casa, no hospital, em todas as partes, apesar de ver de perto uma experiência social tão importante como a construção do socialismo, onde o povo tem uma participação tão grande na solução dos problemas nacionais, apesar de sermos todos tratados como irmãos, é muito grande o meu desejo de estar em meu país, de ver meu filho que está no presídio Barro Branco, em São Paulo, estar junto a meus familiares, integrada no mais profundo de nosso povo. Acho que estes anos serviram muito para aumentar minha compreensão dos problemas de meu povo e de outros povos do mundo; me aproximaram mais ainda dos sofrimentos de homens e mulheres do meu país e de outros países; me fizeram compreender melhor o que é um povo inteiro ser solidário com pessoas que jamais haviam conhecido e despertaram mais ainda o desejo de ver um mundo de igualdade, paz, bem-estar, cultura e felicidade para todas as crianças, todos os homens e mulheres da terra. Seria muito bom conhecer a experiência de outros povos em outras circunstâncias. Mas a dura realidade do Brasil a partir de 1964 aí está e eu fui banida, o que quer dizer que para a Ditadura eu não existo. E digo com toda a sinceridade: se tivesse há alguns anos atrás o conhecimento que tenho hoje, poderia ser mais útil para trabalhar, educar meus filhos, e servir ao meu País.

Para nós, a experiência foi muito importante. Eu não me considero banida. Sou cidadã brasileira, amo o meu país e meu povo e tenho certeza de que regressarei, como é de meu direito.

Angelina e Sonia
Abril de 1977

DIÁLOGO DE EXILADAS
NUM SUBÚRBIO DE PARIS

I – o feminismo e a integração

SONIA – Consciência feminista mesmo... sei lá como é que isso chegou. As contradições a gente sentia há muito tempo, só que não chegávamos a concretizar a tal consciência. Acho que isso foi acontecendo com o conhecimento dos movimentos existentes aqui na França. Militei no MLAC¹ em *Saint Denis* um ano e meio, pouco antes da lei do aborto. Foi muito importante pra mim. No Brasil esses problemas não eram discutidos, e no Chile, o que é que tinha? As JAP², as *Juntas de Vecinos*³ e os *Centros de Madres*⁴. Todas essas organizações de base eram inseridas no contexto político geral, não tratavam dos problemas específicos das mulheres. É claro que a gente tinha contradições em casa. Senti isso muito mais no Chile depois que a minha filha nasceu do que na época negra da clandestinidade no Brasil.

ANGELINA – *O problema da mulher dominada não fez parte da minha formação. Não fui criada para ir pra cozinha. Minha*

1. Mouvement pour la Libération de l'Avortement et de la Contraception; Movimento pela Liberação do Aborto e da Contraceção.
2. Junta de Abastecimiento y Precios – Organização popular, de base, criada no Chile durante o governo Allende com a finalidade de fiscalizar os preços, controlar a distribuição de alimentos e outros produtos de primeira necessidade e combater o mercado negro.
3. Associações de moradores
4. Clubes de mães.

mãe jamais me ensinou a cozinhar nem me atribuiu tarefas domésticas. Dizia que eu tinha era que estudar, não tinha que ser mulher de ninguém. Acho que ela exprimia a sua rebelião através de mim. Talvez por isso a compreensão desse problema só se colocou para mim muito tarde. Tardíssimo. Durante muito tempo não achei que fizesse parte da minha vida. Mesmo quando casei a primeira vez, era ainda muito jovem, essas questões não se colocavam na vida cotidiana. A gente dividia tudo. Só vim a sentir a opressão mais tarde, quando a relação afetiva era misturada com uma militância política deformada. Aí a vaca foi pro brejo...

Acho que hoje tenho uma preocupação em relação ao problema da mulher, especialmente em relação às condições desfavoráveis que ela enfrenta para se desenvolver como pessoa na sociedade. Acho que isso tem que ser debatido e encarado, e de preferência superado. Me interessa por isso. Mas sinto que tenho uma visão diferente das outras mulheres brasileiras aqui em Paris que se consideram feministas, sobre como enfrentar isso.

SONIA – A minha participação em movimento feminista foi bastante ligada à minha preocupação em me integrar na França. Quando vim trabalhar como secretária na Universidade de Saint Denis, comecei a conhecer um pessoal que militava no MLAC e fui pra ver como é que era. Achei interessante. Era especificamente um trabalho sobre o aborto e a contracepção. Fazíamos permanências sábado e domingo, recebíamos as mulheres, conversávamos com elas sobre os métodos de contracepção, orientávamos para o hospital, e obviamente discutíamos também problemas da mulher em geral. A maioria das mulheres que tinha abortado voltava pra nos ver e ajudar. Depois o MLAC praticamente acabou e eu parti para trabalhar no *planning familial*⁵. Estamos tentando organizar um centro desses aqui onde vivo.

Quanto a atividades feministas ligadas ao Brasil, para mim foi uma experiência falida. Estou muito a fim de fazer coisas aqui, agora. Sou *conseillère municipale*, que é mais ou menos o equivalente a vereador no Brasil. Me pediram pra participar da lista do P.S. Era uma lista comum do P.C. e do P.S. Como a direita não apresentou lista, fomos automaticamente eleitos. Foi o único empreendimento que não perdi este ano! A comuna, o povo, elege uma lista... Conforme o número de habitantes, será o número de *conseillers* de cada comuna. Depois, o conselho municipal elege o *maire*⁶. Ele é o represen-

5. Programas de planejamento familiar.

6. Prefeito.

tante oficial da comuna e preside o conselho municipal. O nosso mandato é de seis anos. No conselho municipal há seis mulheres num total de vinte e três pessoas. É uma *mairie*⁷ comunista, e o partido comunista este ano resolveu aumentar o número de mulheres porque os movimentos feministas estão pressionando. No fundo é pra fazer bonito, vejo assim, porque não creio que seja a preocupação central deles. Quando me pediram pra participar na lista, acho que contou o fato de ser mulher.

Juridicamente sou uma cidadã francesa... mas sinto a vida aqui como exílio mesmo. É exílio. Foi duro... muitos problemas. Quando cheguei, fui morar num *foyer*,⁸ arrumei emprego de vendedora de boutique. Só depois que consegui esse emprego na Universidade é que pude alugar um quarto perto da *Gare du Nord*, um lugar horrível! Depois fui morar com uma amiga porque não agüentava mais aquele quarto. Quando soube que a Universidade atribuía apartamentos aos funcionários, pedi um e eles me arrumaram este. Estou aqui até hoje, sempre com a minha filha.

Eu não queria vir pra França. Insistia em ficar na América Latina, mas depois do golpe no Chile os países latino-americanos não queriam receber os exilados brasileiros de jeito nenhum. Então vim pra cá. Já tinha a nacionalidade, a língua, os documentos, tudo isso que é importante, mas não tem nada a ver com integração. O pessoal brasileiro não se integra porque não quer.

ANGELINA – *Não acho isso não. Quais são os teus amigos franceses, Sonia?*

SONIA – *Eu convivo com franceses o dia inteiro...*

ANGELINA – *Eu também, mas a gente já teve quantas conversas e você dizendo, 'francês é fogo'. A gente diz isso a despeito da presença de um francês aqui em casa, porque você é uma francesa falsificada! Quantas vezes você me diz que trabalha não sei quantas horas nessa Faculdade e não tem um amigo!*

SONIA – *É inegável que não é fácil, mas eu acho que existe uma 'assumida' da gente em tentar se integrar. É muito diferente vir trabalhar e morar no cu de Judas, procurar criar vínculos com as pessoas aqui, com franceses, do que ficar em Paris dentro do seu quadrinho, no seu *quartier latin*, discutindo todo o dia as mesmas*

7. Prefeitura.

8. Pensionato do Estado para estudantes e jovens.

coisas com as mesmas pessoas, nem sempre fazendo grandes esforços para encontrar trabalho, o que certamente não é fácil. É verdade que é difícil criar amizade com franceses. Mesmo vivendo com um francês reconheço isso. É evidente que tenho mais coisas em comum com brasileiros. Sou capaz de passar uma noite conversando com eles, com franceses tenho uma certa dificuldade... É um processo difícil que eu chamo de aculturação. Sei que leva tempo.

ANGELA – Acho que há basicamente três lugares onde se constrói amigos pra vida. É o pessoal que frequenta a casa quando a gente é criança, depois cresce junto; há os amigos de escola, de universidade e há as pessoas com quem a gente trabalha. No exílio, a gente tem que criar uma ligação dessas. Se a gente não trabalha com franceses fica mais difícil se integrar, claro. Aqui na França, na universidade a gente faz geralmente o terceiro ciclo, mestrados e doutorados. São dois, três anos no máximo de contacto com colegas. Não há uma turma que se mantém junta, que vai assistir aula sempre junta. Tudo aconteceu muito mais na base de seminários, trabalhos de pesquisa, trabalhos individuais. Não há muita oportunidade para conviver. Num emprego, num local de trabalho, é diferente. A gente acaba criando laços com as pessoas com quem a gente tem mais simpatia. Tá ali, vê todo dia, pode não ser o ideal mas acaba criando laços.

SONIA – É, mas eu não vejo a integração tanto no fato de criar amigos pessoais imediatamente, a ponto de recebê-los sempre em casa. Uma relação social se estabelece também através de uma atividade, entende? Eu cheguei aqui na Faculdade e fui logo me sindicalizar. Um mês depois era delegada sindical. Me apareceu esse negócio de vereador, o trabalho com o MLAC, não sei o que mais, vou, vou, conheço gente etc. É uma abertura. Conhecer gente de vários tipos, encontrar atividades e coisas pra fazer, acho que abre um leque maior de integração nessa sociedade. Neste sentido acho que faço um esforço mil vezes maior que o pessoal que não sai do círculo de amigos brasileiros.

ANGELINA – *Eu acho que a nossa integração aqui é difícil no sentido de que querendo ou não, temos uma trajetória e interesses de vida muito particulares, que se chocam frontalmente com os do francês médio que é com quem normalmente convivemos. Existe uma distância, um abismo entre nós e eles... A ordem de preocupações é completamente outra!*

SONIA – Claro, mas há duas atitudes em relação a isso: ou você tenta entender e se aproxima, ou você acha os caras execráveis, ah, pequeno-burgueses...

ANGELINA – *O que estou querendo dizer é que ainda que você tenha uma atitude positiva é difícil porque é normal que a*

gente se aproxime mais das pessoas com quem temos mais coisas em comum.

ANGELA – Acho que aqui se dá com a gente um fenômeno de classe. Devido ao salário que geralmente nós conseguimos ganhar e ao tipo de trabalho que conseguimos exercer, somos geralmente classe média baixa. No Brasil muitos de nós éramos classe média alta que fazia ou tinha feito universidade. Éramos elite, não tanto no sentido de que tivéssemos muito dinheiro, mas no sentido de oportunidades culturais.

SONIA – Nem todo mundo. Eu, por exemplo, me classificava como pequena burguesia baixa porque vivia economicamente na merda, tendo que trabalhar para estudar. No vestibular passei na Católica e fui excedente na USP. Não poderia fazer a Católica porque o meu salário não dava. Tive que brigar pra entrar como excedente. Durante o curso trabalhei em escritório de venda de terreno, em livraria, fui secretária, fiz mil coisas.

ANGELINA – *Classe média alta ou baixa, o fato é que a vida aqui está sendo dura, principalmente pra mim que nunca tinha tido a responsabilidade de um trabalho regular, que sempre organizei o meu tempo da maneira como gostava. Podia ler o que quisesse, estudar o que quisesse, badalar o que quisesse. Pra mim é duro ter um horário de vida regular, chegar em casa cansada ter que cuidar da minha filha e só depois poder pensar em mim. Claro que sinto uma série de contradições. Mas pra mim há uma coisa extremamente importante: estou me sentindo integrada do ponto de vista social, me sinto participando de uma situação que não atinge apenas a mim individualmente, que é um problema geral da sociedade francesa. Às vezes eu digo: puxa, eu posso sair de fininho nessa estória, mas não serviria para nada porque trabalho alienado não é um problema individual. Posso conseguir amanhã um emprego em que ganhe um pouco melhor, mas não é isso que vai resolver as coisas. Então tento no meu trabalho, aos poucos, despertar a consciência daquele pessoal, discutir um pouco, mas tem que ser bem devagar, porque é um pessoal ultra-atrasado do ponto de vista político e social. A gente nem acredita que está na França! Então, o que faço é um negócio lento, mas é a única coisa que posso fazer: tentar criar alguma consciência coletiva em relação ao que a gente está vivendo, não deixar o pessoal aceitar tudo o que se impõe. Está sendo importante pra mim engolir um purgante à que jamais fui obrigada. Nunca tive que engolir sapo porque na verdade sempre fui uma pessoa privilegiada, e a minha militância no Brasil se deu entre estudantes, seres em si privilegiados.*

A minha perspectiva fundamental agora é tentar recuperar o tempo perdido, coisa que é difícil pra qualquer pessoa, mas es-

tou tentando. Quero estudar, me qualificar profissionalmente, porque acho que há condições de conseguir trabalhos que gratifiquem e sejam minimamente úteis. Quero tentar isso, então preciso terminar tudo aquilo que abandonei num determinado momento.

II – a política

SONIA – A política sempre foi algo muito próximo lá em casa. Pra mim começou cedo, ligada à figura de meu pai que é espanhol, sempre foi militante, lutou na guerra civil e teve que sair c Espanha em 39. Nasci na Argélia, minha mãe tinha nacionalidade francesa. Quando fomos para o Brasil em 52 eu tinha seis para sete anos. Desde pequena pensava em militar, sempre pensei. Não via muita contradição entre vida pessoal e política, talvez por causa da imagem que tinha da militância do meu pai. O velho trabalhava, tinha uma vida familiar e militava. Isso não era contraditório como foi para nós na fase do militarismo, onde a gente tinha que abandonar tudo. Minha mãe acompanhava a opção política do meu pai, embora de vez em quando estourassem crises domésticas porque ele dava o dinheiro todo e a gente passava meio apertado.

O que meu pai me transmitia era o lado afetivo da coisa, o povo que não possuía nada, as pessoas pobres! Ele não me transmitia o aspecto elaborado do militante de direção. Não tinha essa história de herói que a gente adquiriu depois. Talvez por isso, esse tipo de coisa às vezes me chocava. O meu pai viveu um processo de massas, uma guerra civil. Me contava fatos da guerra onde todos participavam. Senti isso quando vivi a experiência chilena, onde não havia meia dúzia de heróis, mas uma massa. A gente encontrava uma manifestação popular de milhares de pessoas. Esse troço me empolgava desde pequena. A revolução para mim não é uma idéia abstrata, é um negócio sentido aqui na barriga. A minha motivação para a política parte da vontade de fazer algo pra modificar as injustiças sociais. Isso o meu pai conseguiu me meter na cabeça, o que acho justo.

ANGELINA – *Eu também tive uma infância política porque na minha casa todo o mundo sempre fez política a vida inteira. Mas depois que o meu pai e minha mãe saíram do P.C., eu tive uma adolescência um tanto alienada do ponto de vista político, não do ponto de vista cultural, pelo contrário. Não me interessava por política. Aliás, minha adolescência foi bastante atribulada e cheia de contradições. Meu primeiro exílio não foi o exílio político, foi um exílio afetivo. Quando tinha dezesseis anos, tive uma briga com a minha família a respeito de até*

onde deviam ir as minhas relações com o meu namorado, e a grande solução foi vir pra Europa. Eu pretendia ficar fora do Brasil até completar a maioridade, mas não agüentei a barra e voltei antes. Só que não sabia muito bem o que ia fazer da minha vida.

SONIA - A minha educação foi extremamente liberal, super-aberta. Meus conflitos de adolescente eram mais por me espantar com o resto das meninas que tinham problemas em sair. Meus pais não eram nada repressivos. Eu é que me reprimia sexualmente, estranho não? Como a sociedade era repressiva, eu tinha medo, tinha medo de perder a virgindade, não por causa da minha casa, dos meus pais, acho que era por causa das outras pessoas. Minha mãe me deu a pílula desde cedo, saía domingo a tarde inteira pra me deixar sozinha com o meu namorado, pra dar tempo de. A única coisa que o meu pai exigia é que eu dissesse a hora em que ia voltar pra não ficar preocupado. Só isso. Nunca tive uma crise violenta de adolescência como a da Angelina. Bebia e fumava até me forçando, porque os outros jovens faziam isso. Era mais uma imitação do que outra coisa.

ANGELINA - Veio 68, pensei em tentar um vestibular de medicina que obviamente nunca cheguei a fazer, mas entrei num daqueles cursinhos e... houve a morte do Édson Luís. Foi o meu primeiro contacto com a política. Eu ainda ia fazer dezoito anos. Foi um negócio assim completamente espontâneo, como acho que deve ser para marcar - como diz a Sonia: que te fala na barriga. Eu soube da morte do Édson e fui até a Assembléia. Me deu raiva porque o menino morreu, me tocou, entende? No dia seguinte fui até o cursinho: tava todo o mundo calmamente assistindo aula! Me deu um ódio! Interrompi o professor e falei danada da vida: puxa, a polícia matou um estudante, acho um absurdo vocês aqui assistindo aula, tá todo o mundo lá na Assembléia! Claro que ninguém se mexeu, mas parece que depois disso o pessoal começou a se organizar e tem gente que anos depois se lembrava de mim por causa desse episódio. Minha reação foi completamente espontânea, não havia nenhum vínculo organizativo. Pouco depois comecei a freqüentar um grupo com preocupações políticas, pessoal que eu já conhecia. Era um grupo mais ou menos diluído, meio familiar. Só quando entrei realmente pra uma faculdade é que comecei a me aproximar de uma organização... e o negócio degradingolou completamente. Então, tudo o que num primeiro momento foi uma relação positiva, saudável e espontânea, com a política se transformou durante bastante tempo numa relação profundamente deformada.

SONIA – Se meteu em organização, deformou!

ANGELINA – *Acontece que a política deu um determinado rumo à minha vida, ainda que, durante um certo tempo, esse rumo tenha sido deformado. Mas me deu um objetivo de vida que eu não tinha antes, e me dediquei à política integralmente. A militância criava para mim uma vida diferente das outras pessoas, diferente da minha família. Por outro lado, essa militância me tirou a perspectiva de uma vida afetiva estável e de ter uma profissão. Foi uma deformação que a esquerda me trouxe e acho que trouxe para muita gente. Eu era militante e não tinha raízes. Não me formei em nada no Brasil, fiz um vestibular em 69, entrei pra Faculdade, comecei a fazer política, fiz dois anos incompletos de universidade e abandonei os estudos dentro da mesma lógica de argumentação: pra que que eu ia fazer aquilo se não tinha a perspectiva de ter uma vida burguesa, integrada? Trabalhei um ano numa companhia onde tinha que ir apenas três vezes por semana, me despediram porque, mesmo assim, eu só aparecia a metade do tempo...*

SONIA – Agora é que a gente queria esses empregos...

ANGELINA – *Além disso, naquela época eu estava sob uma dupla pressão: da organização por um lado, que tinha um chefe, e desse chefe que me chefiava pessoalmente...*

SONIA – Além de ser índio, era mulher de cacique...

ANGELINA – *Em 71 houve uma experiência importante que foi a prisão. De repente, houve uma queda em cadeia...*

SONIA – E foi todo o mundo pra cadeia!

ANGELINA – *Pra gente, a prisão foi uma barra mais pesada porque não estávamos na 'pesada', entende? Éramos estudantes, o grosso fazendo trabalho estudantil mesmo. Apesar disso, enfrentamos uma 'bela' repressão. Então foi aquele fracasso, aquela desmoralização. As orientações em relação ao comportamento na prisão eram as mais ridículas do mundo, aquelas do herói morto cantando a Internacional de baixo da porrada, militante não fala, etc. Foi nesse momento que o mito do militante-herói, agente da história, começou a desabar para mim. Depois dessa experiência, todo o sectarismo que fazia parte da minha vida política começou a ir por água a baixo. Antes, a visão que eu tinha de uma pessoa que era presa e abria o bico era uma, no momento em que fui presa e vi o deslanche geral, minha visão mudou completamente. Comecei a compreender o que tinha acontecido ali não como fruto da covardia in-*

dividual, mas como uma deformação do processo que a gente estava vivendo.

O mais importante pra mim em termos de experiência de exílio é exatamente a mudança que se dá na minha relação com a política. Isto está ligado a um conjunto de outras mudanças por que passei.

III – a saída

SONIA – Porque saí? Olha, eu tava ultra-queimada e estava grávida, porque... soit-disant eu era estéril!

ANGELINA – É uma coisa que acontece com muita gente ficar grávida porque é estéril...

SONIA – Fiquei grávida absolutamente por acaso. Sempre tive problema de atraso de menstruação. Na época mais negra da clandestinidade fui ver um médico que disse: pode parar de tomar pílula se quiser porque você tem ovários sei lá de que jeito... Me deu toda uma explicação científica e disse que seria muito difícil eu ficar grávida. Estava vivendo com o T. e só descubro que estava grávida três meses depois! Acontece que eu sempre quis ter filhos... seria extremamente doloroso para mim abortar. Apesar de aceitar a vida militante assim como uma tarefa, como um dever, um servir à revolução (o militarismo das organizações cheirava a forças armadas), eu tinha contradições com a visão que em geral havia nos grupos políticos de que certos militantes deviam evitar filhos. Adoro crianças. Estava me segurando, mas quando a médica disse que não precisava pílula, eu pensei então não precisa, e aí, bumba! Então, a contradição era: fico ou não fico com o bebê. A posição da organização era tirar a criança. A organização baixou, decidi. A justificativa era a falta de infraestrutura. Mas a gente nessa época estava em crise com a organização. Não só eu e o meu companheiro mas também outras pessoas. Não sei se a motivação pra sair do Brasil foi pela criança ou se foi por causa da crise com a organização. De um lado já estava achando que as coisas não iam dar certo, do outro, eu tinha uma criança na barriga e estava muito a fim de ter esse filho. E eu já tinha três meses de gravidez, se tivesse menos talvez tivesse tirado a criança em função das dificuldades objetivas, mas com três meses era se arrancar mesmo.

Foi extremamente doloroso sair do Brasil, foi terrível! Antes de sair estávamos completamente isolados, a organização nem queria dar ajuda material pra gente viajar: 'Vão embora, que

se fodam!' Não só não nos deram nenhum contacto no Chile, como proibiram a gente de procurar as pessoas da organização que estavam lá. Acabaram ajudando um pouco a nossa saída porque ficaram com medo que a gente caísse e denunciasse as pessoas. Um nível tal de loucura!

Chegamos em Santiago sem ter um endereço, sem saber onde as pessoas estavam, sem nada. Eu, com aquele barrigão, a cara mais lavada do mundo! Como é que a gente vai fazer pra achar as pessoas? A estratégia foi a seguinte: ir pro centro da cidade procurar um bom café. A gente resolveu gastar as misérias de dinheiro que ainda tinha, investir e ficar sentado num bom café pra achar algum brasileiro! Passamos uma manhã inteira no *Café Haiti*, quando foi de tarde, atrás, encontramos brasileiros! Aí, claro, não teve problema, estávamos chegando do Brasil, todo mundo queria conversar com a gente, as pessoas ajudaram. A gente teve que arrumar casa, tudo às pressas! Eu realmente tava a fim de ficar tranqüila, ter a criança, vida normal.

Pouco depois do parto, tive uma 'recaída militante'. O meu companheiro trabalhava o dia inteiro, só o via à noite. Eu ficava em casa com o bebê. Me sentia extremamente isolada, morava longe do centro de Santiago onde as pessoas se badalavam. Precisava ter uma atividade. Foi assim aquela ânsia de retomar o contacto com as pessoas... acho que o cordão umbilical não estava totalmente rompido. Acho que foi mais isso do que realmente acreditar que as coisas iriam dar certo em relação ao Brasil, ter uma visão política clara. A minha 'recaída' significou ir pro setor de finanças... vender calções de banho, porque tinha um cururu qualquer que sabia costurar e resolveu fazer calções de banho em massa, horríveis, eu não vendia porra nenhuma! Pouco depois teve outra crise interna e eu digo: crise em cima de crise, já estou de saco cheio, não quero saber. Aí 'desbundo', 'desbundo' mesmo! Depois disso, forcei a barra para me integrar mais no Chile.

ANGELINA – Pois eu quando saí da prisão não via uma perspectiva de continuar militando no Brasil. Racionalizava dizendo que havia divergências com o que sobrava da organização. Na realidade eu estava com medo de ser presa de novo... nem era bem isso, estava completamente desorientada, não sabia o que fazer... Então pensei em ir pra Europa estudar, uma perspectiva saudável, acho. Só que antes resolvi passar pelo Chile pra dar uma espiada, conversar com o pessoal que eu conhecia. A minha mãe me implorou que fosse direto para a Europa...

SONIA – É como chapeuzinho vermelho e o lobo; não vai pela floresta, aí foi, bumba!

ANGELINA – *Caí no Chile... na primeira semana estava vendendo jornalzinho: vocês lembram, eu no Chile, com o meu casacão, meu saco de jornais debaixo do braço... tudo isso faz parte do folclore! Não trabalhei, não estudei, era controlada por vários motivos, não conhecia música chilena, cantores chilenos, tudo isso vim a conhecer aqui na Europa.*

SONIA – Deformado o contacto com aquela realidade. O que significa um contacto político sem um contacto cultural?

ANGELINA – *Claro, mas aquele processo era tão envolvente, tão importante, que ainda que você não quisesse era afetada por ele, principalmente as pessoas que tinham qualquer tipo de militância ou de interesse político.*

IV – ser mulher e militante

SONIA – Comecei a participar em política por decisão própria. Na maioria dos casos, a participação política das mulheres tinha muito a ver com as suas relações afetivas. Geralmente era o casal que estava num mesmo esquema. Namorei um cara quatro anos, aos dezoito estava decidida a casar, praticamente tudo estava comprado. Não havia pressão por parte dos meus pais, mas eu sentia que fazia prazer à minha mãe. Ele era muito mais velho que eu, tava a fim de casar, ter filhos, enfim, uma vida normal. Eu começo a militar e vejo que não dá pé. Ele deixava eu estudar, mas quando viu que eu comecei a militar, barrou. Eu pensei: a situação política está começando a esquentar e eu tenho mais é que me meter. A partir daí, a maioria dos homens que passou na minha vida não teve esse aspecto de monogamia e casamento. Eu tinha sempre uma certa autonomia. As minhas motivações eram próprias. Claro que houve momentos onde havia vínculos afetivos e eu me entregava pra burro, achava que era a relação da minha vida, mas isso não é uma constante na minha trajetória.

Na época em que eu participava do movimento estudantil, não senti opressão como mulher, em geral não tínhamos ainda consciência disso. Eu já fazia parte de uma organização política mas a minha atividade era dentro dos organismos de massa e eu me comportava como qualquer mulher naquela época. A opressão era diluída, menos visível. Claro que havia menos mulheres que homens que falavam nas assembléias, por uma questão de verborréia, sabe, porque eles aprenderam desde pequeninos a utilizar melhor o verbo do que a gente, simplesmente porque têm mais chance de falar. As mulheres

quase não se manifestavam. O fato de eu me sobressair um pouco, provocava uma certa admiração por parte dos homens, na base do 'temos que ganhar a menina'.

Quando parti pra clandestinidade, de certa maneira foi uma decisão vinculada a uma relação afetiva. Mas eu também achava que era aquilo que eu queria: participar plenamente. Foi em 68, eu tinha dezenove anos e conheci um cara que era militante de direção. As alternativas que se apresentavam nessa época eram as organizações militaristas e aquelas que ainda não o eram tinham todas as perspectivas de virem a ser. Se eu não tivesse começado esse relacionamento provavelmente teria permanecido mais tempo no trabalho de massa, onde eu me sentia melhor. Mas como ele tinha a perspectiva de entrar no setor chamado logístico - depois acaba a organização toda virando setor logístico - então vou com ele, opto por ele e pela logística. Esse cara, nossa, eu amava assim violentamente, incrível, violento, um troço de louco! Ele foi morto em 69. Aí começou realmente a vida clandestina. Já não tinha volta atrás. Na fase da clandestinidade a gente tinha a visão do militante-herói. A teoria que pairava era que mulher e homem são iguais. A gente era militante, soldado da revolução, e soldado não tem sexo! Era mais ou menos a história dos anjos sem sexo, os anjos redentores da libertação! Mas eu já sentia alguns problemas como mulher, por exemplo, os companheiros achavam que as mulheres não tinham muita condição de participar das ações.

Na prática as relações entre homens e mulheres eram muito difíceis. Acho que isso é importante dizer porque revela uma realidade que a gente viveu numa certa época. A gente começou a se sentir um pouco utilizada como mulher porque, por exemplo, os caras precisavam da gente para compor uma fachada legal, de um casal para alugar apartamento e, às vezes, acabavam canalizando as carências sexuais em cima das companheiras. Eles não tinham condição nenhuma de viver aquela vida, uma clandestinidade fudida, não podiam ver as mulheres deles, não podiam sair pra transar com uma mulher qualquer, não viam ninguém! Então era um negócio bastante difícil. As contradições se manifestavam de formas inesperadas, você às vezes tinha que se impor como mulher, como militante política, mostrar aos caras que você tinha capacidade de fazer aquilo. Então, algumas vezes a gente era levada a fazer certas coisas, movida muito mais por uma necessidade de afirmação como mulher dentro daquele grupo do que por um ideal político. Esse troço eu sentia. Era qualquer coisa do gênero: vocês partem do princípio de que todo o mundo é igual, então vamos demonstrar! Agora, é claro que na orientação política da

organização a influência das mulheres era muito menor do que a dos homens.

ANGELINA – *Durante muito tempo eu não tive consciência de que existia uma opressão das mulheres dentro dos grupos políticos. Hoje, vejo que essa opressão existia muito marcada pelo tipo de estrutura de poder, pelas relações de poder que existiam nas organizações em geral. Quando as organizações assumiam assim os princípios leninistas do centralismo democrático, isso na prática se traduzia em relações hierárquicas profundamente marcadas, onde havia diferentes escalas e lutas de poder, onde tinha que haver um chefe. O que acontecia é que a mulher ficava quase sempre em uma posição de inferioridade nessa estrutura. E a relação de poder é uma relação de necessidade recíproca: quem tá embaixo tem necessidade de ter alguém que esteja em cima e quem está em cima, pra afirmar o seu poder, tem necessidade de ter alguém em baixo. Acho que a estrutura das organizações, de uma maneira geral, não libera intelectualmente as pessoas. A hierarquia, a estrutura de concorrência é algo que oprime e castra. Nesse tipo de situação acho que em geral o homem disputa o poder de uma forma mais decidida. A mulher disputa sem disputar, sem acreditar realmente que vai chegar lá, ou que isso seja importante. Vivi essa opressão como mulher num grupo político misturada com relações afetivas e pessoais. Havia uma confusão entre a minha relação com um cara enquanto militante e dirigente do grupo e a relação homem-mulher. Quando entrei para esse grupo ainda era bem jovem, pouco tempo depois comecei a ter uma transação com o tal dirigente. É engraçado, eu gostava desse cara dentro de uma perspectiva militante. O cara me iluminava, me esclarecia politicamente. Foi uma história sofrida, que não gosto muito de lembrar. O tal cara tinha ao mesmo tempo uma transação com outra menina. Essa situação não me agradava, mas aceitava toda uma teorização a respeito: a relação monogâmica é uma relação atrasada, burguesa, de propriedade, e a gente precisa romper com isso.*

ANGELA – Essa teoria era válida só para os homens?

ANGELINA – *Não era questão que pra mulheres não valesse. Mas, pra mim, do jeito que eu era, isso não significava uma liberação. Não era isso o que eu queria, mas não conseguia romper. Sinto que existia um certo vínculo entre essa situação e a militância política, porque toda a argumentação que me prendeu durante muito tempo era uma argumentação política. Era em nome da política que eu continuava. Ao mesmo tempo me dizia: isso não me agrada, não é isso que quero; e dizia também: mas o que quero é burguês, não é revolucionário. Revolucionário é o que estou fazendo. Tenho que me liberar. Eu nem sei se é vá-*

lido contar como foi a minha experiência como mulher nesse grupo político, porque se bem que houve muita loucura na esquerda numa certa época, o que vivi foi bem particular. Acho que não dá pra generalizar. Em todo o caso, no Chile, éramos um homem e três mulheres. Evidentemente, o homem era o chefe. E ele determinava a vida das mulheres, não só politicamente mas de alto a baixo: onde é que a gente ia viver, de que maneira, com quem ia sair, a que horas. Entre as mulheres jamais havia solidariedade. Tudo era discutido coletivamente, mas o chefe sempre conseguia o consenso de duas mulheres contra uma terceira. Era quase rotativo. Por exemplo, na época em que a situação no Chile já estava tensa, eu tinha uma transação com um outro cara que não tinha nada a ver com o tal grupo. Então foi determinado que eu não podia dormir fora de casa por razão de segurança: não se anda na rua depois das dez! Se decidi também que eu não podia dormir na casa do cara e que o cara não podia dormir na minha casa, porque o aparelho era secreto. Conclusão: eu não podia dormir com o cara. Votado por centralismo democrático e aceito, o que é pior! Às decisões do cidadão não se faziam críticas, embora teoricamente fosse admissível fazer críticas, claro. Quando veio o golpe, fui presa, e com isso fui obrigada a sair daquele mundo fechado, daquela lógica fechada em que vivia. Caí na realidade, e a realidade terrível daquele momento era o golpe, a violência e a resistência que manifestavam, de uma forma ou de outra, as pessoas que estavam presas no Estádio. A realidade era a história que a gente estava vivendo naquele momento. Era algo profundamente impactante e que te transformava, ainda que você não quisesse.

Acho que hoje assumo de uma forma completamente diferente a relação afetiva. Assumo de uma forma diferente da Sonia, por exemplo. Acho que você assume com uma espécie de ceticismo, com uma grande independência. Eu me encontrei tendo um homem com quem eu vivo, de quem eu gosto, uma relação razoavelmente ancrée,⁹ monogâmica. Aqui na França me deu vontade de ter um filho e tive. Acho que isso faz parte dum processo de evolução afetiva e política por que passei, dentro de uma relação afetiva mais estável, dentro de uma outra visão de militância, em bases completamente diferentes da que eu tinha, onde a minha relação afetiva passou a ser um negócio assim quase intocável. Isso para mim foi muito importante. Antes se eu tinha uma relação com um cara, era um negócio que amanhã cada um podia ir pra um lado em função de militância. Hoje, não aceito mais isso. Não tem ninguém que possa separar a gente, enquanto nos gostarmos e quisermos viver juntos. Então, ter um filho, faz parte disso.

9. Estável.

ANGELA – Como foi a experiência de ter um filho no exílio?

ANGELINA – *Achei ótimo a criança ter nascido aqui na França porque a assistência que tive foi excelente, sem pagar um tostão. Só teria isso no Brasil com muito dinheiro. Minha gravidez foi tranqüila, saímos de férias, acampamos, correspondeu a um período muito bom. No final é que foi chato porque acabei tendo que fazer cesariana e até hoje tenho pena de não ter visto o nascimento. Sinto falta de alguma coisa. Mas a criança é super-tranqüila e adoro ela.*

SONIA – O meu parto foi no Chile, foi uma experiência maldita. Não é por isso que não teria outro filho, mas foi péssimo, basicamente pelas condições de atendimento. Hospital público, a gente não tinha um tusta, teve que fazer vaquinha com os amigos. Deu um azar danado que havia *toque de queda*¹⁰ e tinha que ter autorização pra sair à noite. Já estava morrendo de medo, porque apesar de ter a tal autorização era um risco. Me deram uma raquidiana e pensei que iam fazer cesariana: um médico diz que sim, outro diz que não. Passaram a noite inteira nessa estória. Finalmente começa a passar o efeito da anestesia e eles resolvem fazer parto normal. Aí as luzes apagam, uma pane de eletricidade. Chovia. Eu na mesa, semi-viva, semi-morta, entrei em pânico. Eles não deixaram o meu companheiro entrar no hospital. Ficou lá fora na chuva o tempo inteiro. Acabaram tirando com fórceps à luz de velas. Perdi muito sangue e desmaiei. Eles não viam que eu estava com a pressão a zero. A última cena de que me lembro é que eu vomitava e não tinha força nem pra virar a cara, dava golfadas e caía dentro de novo. Podia sufocar e os caras não viam. Só vi a criança no dia seguinte. Me puseram numa sala com vinte mulheres, uma com bronquite, todas com os seus filhos do lado berrando. Só a que estava com bronquite é que não tinha o bebê perto. Era tudo tão incrível... tinha uma do meu lado que não amamentava e o marido trazia leite de cabra pra dar pro recém-nascido! Me botaram nessa sala com soro gota a gota e o neném do lado. Passava uma mulher uma vez por dia pra trocar a fralda. Uma noite eles não tiraram direito o muco da criança e a menina começou a se afogar. Ah, eu arranquei aqueles fios do braço e saí com ela pelos corredores gritando até achar uma enfermeira... Incrível, impressionante! E a gente ainda se espanta com o índice de mortalidade infantil na América Latina!

10. Toque de recolher.

V – o cotidiano

MARIA – Como é que vocês ficaram amigas? É uma relação pouco comum, na medida em que as filhas de vocês são do mesmo pai, uma de vocês vive com ele e estão todos temporariamente dividindo a mesma casa. Geralmente em situações semelhantes dá muito bode, não?

ANGELA – Eu não me imagino vivendo com o meu ex-marido e com a *nana* dele, *pas question!* (risos)

SONIA – Depende da relação que a gente tem com eles depois da separação... Depois eu e ela já nos conhecíamos antes deles virem aqui pra casa, a gente se via sempre.

ANGELINA – *A gente no Chile se conhecia pouco, de vista. Aqui na França é que começamos a nos ver mais desde que eu comecei a transar com o T. A gente se via muito em função da sua filha, mas só ficamos amigas mesmo depois que viemos morar na sua casa por um tempo. Mas sempre tivemos uma relação tranqüila.*

SONIA – É, tranqüila.

ANGELINA – *Havia a menina, a Sonia era mãe dela entende?*

MARIA – Eu acho pouco comum.

ANGELINA – *A separação deles, a relação deles já era negócio resolvido entre eles quando eu apareci.*

SONIA – A minha transa com o T. era tranqüila depois da separação. A gente se via, ele ia ver a menina. Teve uma fase pequena em que eu estava com um cara, não tava muito legal, a menina era pequena, a separação recente, o T. queria ver a menina, dava uns palpites e eu tive uma certa... resolvi assumir a menina. Achei que, puxa, ele não tinha que se meter na minha vida, mas era ainda resto da reação que a gente sempre tem depois de uma ruptura, sempre há um pouco de agressividade, não é? Agora tenho uma visão crítica porque o efeito recaiu na criança que não tem porra nenhuma a ver com isso. Mas depois a minha relação com o T. ficou tranqüila. Vez por outra a gente discute, ele me critica sobre a educação da menina, a gente conversa, não é agressivo... Aqui em casa jamais tivemos uma discussão violenta. Quando há problemas domésticos em geral é tanto com o T. como com o meu companheiro.

ANGELINA – *Eu já tive muita briga com o T. por causa dessa história de divisão de tarefas domésticas. Aliás não só eu, eu e Sonia tivemos.*

SONIA – Lembra aquele dia que a gente voltou da reunião de mulheres e estava tudo um bordel? Era meia noite, acordei o P. pra dar bronca, ora bolas! Sete horas da manhã ele tava pondo os pratos na máquina, limpando tudo! Você lembra como é que começou essa história de feminismo aqui em casa? Eu lembro o dia exatamente. Claro que nós duas tínhamos tido evoluções diferentes. Eu, pro meu lado, já tinha assumido uma certa consciência aqui na França. Um dia você tava discutindo com o T., quebrando o pau por causa de história de divisão de tarefa doméstica e eu entrei no meio do papo.

ANGELINA – *Lembro.*

SONIA – A gente discutia política em geral, mas nunca conversávamos sobre nós como mulheres, o problema vivencial. A divisão de tarefas se fazia espontaneamente, sem a gente planejar ou teorizar. Naquela noite vocês estavam discutindo, depois o T. foi dormir e continuamos até altas horas. Ai o assunto foi pegando.

MARIA – Vocês acham que a consciência feminista contribuiu para terem uma relação tranqüila?

ANGELINA – *A gente se deu bem, puxa. Começamos a nos dar mais porque eu e o T. estávamos numa situação difícil e a Sonia disse: venham cá pra casa. Era uma situação meio estranha, mas a gente não se colocou esse problema. Damos risada porque as pessoas acham a situação estapafúrdia, ficam chocadíssimos, principalmente os franceses.*

SONIA – O nosso relacionamento se processa a nível pessoal, normal, comum, corrente, afetivo, sem organização político-militar no meio. Acho que o elemento básico pro nosso bom entendimento, mais que uma consciência feminista e a solidariedade entre mulheres, deve-se a algumas coisas novas que aprendemos. É ser capaz de afetividade, de gostar das pessoas, sei lá. Comigo isso aconteceu quando eu cortei o cordão umbilical com as organizações. Antes eu amava a revolução, o povo, uma entidade assim materializada pelo poder das organizações, pelas direções das organizações, e isso criava conflito porque aquela pessoa em termos concretos não representava nada. A experiência no Chile me permitiu um contacto mais direto com a massa, com o povo, comecei a ver o que é o povo, aprender o que é. Aqui na França vejo as pessoas como seres normais, sou capaz de gostar delas, ter coisas em comum, gostar simplesmente. Pra mim é só isso.

ANGELINA – *Pra mim foi muito importante quando a Sonia chamou a gente pra vir pra cá pelo tempo que precisássemos por-*

que estávamos realmente em dificuldades, foi um negócio realmente porreta. Desde que me vi metida na esquerda, jamais tinha visto uma coisa assim: uma pessoa que não tinha responsabilidade nenhuma em relação a nós, em relação a nada, nos chama pra vir pra dentro da casa dela, onde estamos há oito meses, nos ajuda sem ser por uma razão política, ideológica, simplesmente porque gostava da gente e porque éramos pessoas que estavam precisando de uma determinada ajuda. Acho que também a razão para nos darmos bem é o fato de que hoje temos uma perspectiva de vida mais ou menos comum.

SONIA - Estamos praticamente na mesma situação, não só nós duas, mas também os nossos companheiros. Todo o mundo trabalha, participa na casa, participa na educação das crianças e tem a perspectiva de talvez, mais tarde, poder fazer alguma coisa que gratifique.

Célia
Agosto de 1977.

O sonho de todo mundo é voltar a viver no seu país, mas o meu país será esse que tá aí?

O MEU SONHO ERA VOLTAR. Eu queria voltar porque morria de saudades, de todo mundo, da família. No meu país é que é melhor. Achava que voltando com o mestrado da França seria outra coisa, ia ser vista com outros olhos, teria facilidade de emprego. Dei de cara com uma realidade que era bem outra. Como é que pude ter tanta ilusão, idealizar tanto as coisas? A minha chegada no Rio de Janeiro foi triunfal, por uma coincidência muito grande encontrei no aeroporto o cara que mais tinha me torturado. A minha vontade era pegar o avião e vir embora de novo.

Na primeira semana mesmo, comecei a ver o problema de emprego. Fui a Brasília. Encontrei o meu antigo coordenador que me propôs dez horas de aula, assim, duas de uma cadeira, duas de outra e seis de uma terceira, algumas de manhã, outras de noite, nenhuma que eu já tivesse lecionado. Ia dar um trabalho imenso e eu nem tinha tempo pra pensar, porque o semestre ia começar. Fui ver apartamento, na Asa norte o preço tinha triplicado. Uma menina me ofereceu a casa dela, mas era na cidade satélite, ia perder a maior parte do meu tempo dentro do ônibus e à noite não tinha condução. Não dava.

Voltei pra minha cidade. Três meses sem trabalhar, dependendo dos meus pais que eram sustentados pela minha irmã! Lutei com unhas e dentes, já tinha uma panfletagem de currículos

em tudo quanto era lugar! Sabe como é que isso funciona no Brasil. Fulano que conhece sicrano, que interfere, que não sei que... Teve gente que veio pro exterior, nem mestrado fez, voltou e conseguiu o que quis. Pra quem tem pai conhecido, só o fato de ter vindo pro exterior é tudo.

Estava disposta a pegar qualquer coisa. Sou negra e pelo menos numa ocasião isso foi decisivo. Fiz um teste para secretária e fui recusada, teoricamente porque não passei. Um amigo que trabalhava lá me esclareceu. 'Você acreditou nessa história? Secretária tem que ser loira!'

Aí apareceu um negócio, precisavam de alguém que falasse francês pra ir pra África. Eu não estava a fim de ir, queria era ficar. Foi um drama. Vou. Não vou. Vou por um ano, junto um dinheirinho e depois volto mas pensei, quando voltar vai ser pior, o mercado de trabalho na minha profissão já é restrito e mais gente vai se formar. Mas fui pressionada porque não podia sobreviver.

Em 1973 ganhei uma bolsa do governo francês. Muito cedo comecei a acalantar a idéia dessa bolsa, já no 2º ano da faculdade. Mas o caminho foi um pouco longo. Fui presa em 1970. Devido à cadeia perdi o ano, só consegui me formar em 1971. Nessa época fui julgada e absolvida. Emprego tava meio difícil e eu queria ao menos sair da minha cidade. Via em toda a parte, em todo lugar, gente que me trazia lembranças desagradáveis. Estava com neurose de perseguição. Todos diziam 'tá imaginando, tá louca de pedra', até que um dia um cara me seguiu quando eu ia ao sapateiro com a minha irmã e ela viu. Resolvi sair e me decidi por Brasília, uma cidade nova onde precisavam de todos os quadros do magistério e onde seria mais fácil conseguir a bolsa que era atribuída por estados.

Comecei dando aula num cursinho. Não tive sorte, os caras eram uns tremendos picaretas e só queriam ganhar dinheiro, acabaram falindo e me vi de novo desempregada. Não queria voltar pra casa... saí depois voltou... sabe como é. A barra foi bem pesada. Sozinha numa cidade onde não conhecia praticamente ninguém. Depois eu ganhava cento e vinte cruzeiros e pagava trezentos de pensão. Ainda tenho dívidas até hoje! Mas não estava mesmo a fim de voltar atrás. Aí aconteceu o milagre. Fui chamada pra substituir um cara numa universidade particular, passei a ganhar três mil cruzeiros. Fiquei meio maluca, pra mim era muito dinheiro. Comecei a guardar um pouco pra preparar a viagem, já tinha pedido a bolsa. Mas não estava satisfeita profissionalmente: o negócio dos alunos era só o diplominha ou então eram mulheres de deputados que iam estudar porque ficava bem. Então eu, recém-formada, toda empolgada, me desgastava e não obtinha resultados. Alguém definiu a situação muito bem: um supermercado da cultura; paga, tem o diploma. Era frustrante e também por causa disso eu queria sair, ver outras coisas. Politicamente, depois da prisão, não tinha muita perspectiva. Era uma fase em que não podia fazer grandes coisas. Meu desejo de vir era ardente, um sonho fazer mestrado na França!

Venho de uma família muito pobre. Minha mãe trabalhava na roça ajudando a mãe dela, que de meu avô não se tem notícia. Ele transportava gado de um estado pra outro, uma vez saiu e nunca mais se soube dele. Minha avó morreu de parto, minha mãe com treze anos ficou só no mundo, foi pra cidade grande trabalhar como empregada doméstica. Foi assim que encontrou meu pai que era operário, casou com ele e teve cinco filhos.

Minha mãe pegava roupa pra lavar em casa e foi com esse dinheiro que pagou o meu curso de admissão num colégio de freiras. Depois, felizmente, o dinheiro não deu e fui pro SENAC. Meu pai sempre achou que todos nós, sem exceção, devíamos estudar. Pra ele, como pra toda classe média, filho é um empreendimento, né? O negócio mais engraçado é que só as mulheres chegaram à universidade! Os homens tiveram problema psicológico. Meu irmão mais velho começou a trabalhar com doze anos, coitado, o dinheiro dele todo era pra ajudar em casa. Estudava à noite, eu levava a janta pra ele. Meu pai era muito duro, mas muito duro mesmo. Um homem do interior, não tinha a menor percepção. Era de chicote que se batia lá em casa. As meninas, mais disciplinadas, não precisaram apanhar pra estudar, mas os meninos... Isso parece que acabou criando neles uma espécie de rejeição pelo estudo.

Só comecei a trabalhar fora de casa depois dos dezoito anos. Antes ajudava a minha mãe, dava aula particular, levava marmitas. Isso me dava um dinheirinho pra contribuir em casa, mas não se comparava com o que o meu irmão trazia. E como o problema fundamental da família era o econômico e todas as brigas, tudo tinha que ver com isso, era natural que ele tivesse uma preponderância entre os filhos. Eu pensava: também com razão, poxa, ele começou a trabalhar com doze anos, tem que ter voz dentro de casa. De minha parte, nunca abria a boca. Hoje compreendo perfeitamente o meu pai. Ele descontava na família aquilo que não podia fazer ao patrão. Ganhava uma miséria e queria que com aquilo minha mãe se virasse. Nem ele sabia as coisas que ela fazia, os malabarismos de que era capaz pra pagar a conta do armazém. Compra de cá, vende de lá, troca, pede emprestado, implora um prazo, e faz e luta... No casal, as únicas opiniões que pesavam eram as de meu pai, minha mãe não piava.

O Getúlio era o pai deles, pra meu pai, minha tia e minha mãe. Poxa, o que eles choraram no dia da morte... eu nem entendi. No grupo escolar a professora mandou voltar, tava todo mundo chorando.

No primeiro ano da universidade, podia me considerar como todo o mundo, uma pessoa sem consciência política nenhuma. Uma vez no meu tempo de ginásio, cheguei em casa com um papelzinho dizendo: O que é a democracia? Meu pai e meu irmão começaram a discutir, eu queria entrar na conversa, não deixaram, isso não é assunto pra você, mulher não se mete. Em 1967 era aquela movimentação toda, todo dia assembléia e eu passava tranquilamente. Até que um belo dia parei pra ouvir. Um colega me perguntou como é que eu explicava a entrada na universidade de uma pessoa com a minha origem social. Pouco tempo depois estava indo a passeatas. Aí foi um pouco confuso, no meio daquela efervescência, mal se começava a ter uma certa participação, juntava gente em cima querendo que você se definisse por esta ou aquela orienta-

ção. Não foi nenhuma análise que me levou a uma escolha, me identifiquei com as pessoas em termos de classe, mais ou menos assim: acho que essas pessoas estão mais corretas porque elas são da mesma origem. Eu trabalhava, tinha uma vida dura e estava na cara de que classe vinha! Nunca tinha falado na vida e não era aí que ia começar. Mas participava do movimento estudantil e acabei sendo presa.

Na primeira fase ficamos incomunicáveis. Depois fomos pro DOPS e todas as moças ficaram juntas justamente ao lado da sala de torturas. A gente sabia tudo. Quem é que tava lá, quem não tava. Umas coisas horríveis. A gente passava a noite inteira ouvindo as pessoas serem torturadas, e via companheiros completamente arrebitados. Era uma tristeza quando chamavam fulana, saía uma da cela, puta merda, já se sabia, ia pro pau, depois ela voltava, ia outra... Um inferno.

Na hora do interrogatório senti claramente a questão da classe social, me torturavam e diziam: 'pra que que você foi se meter nisso? Seu pai luta com tanta dificuldade...' Era essa a conversa.

A família me achou culpada, bastante mesmo. A coisa mais frustrante foi voltar pra casa e saber que o tenente fulano de tal estivera lá aconselhando o meu pai. Pedindo que ele se comportasse como polícia, que dissesse os nomes das pessoas que iam lá, que dedasse! Ele chegou a me ameaçar, se fulano aparecer...

Eu dava aula no meu bairro. Quando fui presa foi aquela especulação, toda a gente comentava: 'Foi presa de camisola, eram dez caras de metralhadora, entraram e pegaram a Celia!' Quando voltei, os alunos fizeram um discurso dizendo que tinham perdido a alegria de estudar quando fui levada. Guardo esse papel até hoje. Na primeira oportunidade me puseram na rua sem maiores explicações...

Para ser considerada uma pessoa você tem que ter um carro.

Fui pra África recebendo um salário exorbitante. Foi a primeira vez que correram atrás de mim para um emprego, que não fui eu quem correu atrás. Do ponto de vista financeiro era o paraíso, mas não era um trabalho ligado à minha profissão. Fui contratada como intérprete. Eu era a ponte com os trabalhadores, era pela minha boca que se contratava e se despedia. Não pude suportar o papel que fazia. Uma agente de uma empresa estrangeira que explorava a mão-de-obra local. A um nível intolerável!

Outra coisa me chocou: mulher em país muçulmano não é mais do que uma coisa! A diferença entre ouvir falar e ver com os próprios olhos é enorme. Ouve-se falar da mulher submissa, mas isso não diz tudo. Não é que a opinião delas não conte, não. Elas sequer abrem a boca. Servem o chá. Caladas. Gordas, ao gosto do homem muçulmano. Deformadas pelo fato de ficarem tanto tempo sentadas, dentro de casa. Nunca vi uma mulher na rua com a cara desco-

berta. Vão trabalhar nas fábricas, nos bancos, nas repartições, completamente cobertas, as negras com o lenço amarrado na cara, as outras com véu. Aquele monte de roupa, num clima tórrido, escuras, pesadonas... o clitóris cortado.. eu nem acreditava. A mulher não é permitido o prazer!

Eu estava só pensando em sair dali, mas não queria voltar ao Brasil. Minha passagem por lá me marcou muito. Descobri que não havia lugar para mim. Atualmente para viver no Brasil você tem que ter *status*. Não pode ser um João-ninguém... não pode ser você mesma. Pobre pão é nada, é merda. Não se pode viver no Brasil sem ter dinheiro!

Para ser considerada uma pessoa, você tem que ter um carro, esse é o primeiro requisito, sinal de que subiu na vida. Ter um mestrado só vale se traduzido em frutos concretos: objetos e dinheiro. O que aprendeu não interessa, o que você é não interessa, interessa a posição que ocupa. Ah, lá não poderia viver como vivo hoje em Paris. Onde ter mestrado também não conta, milhões de pessoas têm, mas onde posso ser eu.

Se tivesse conseguido um emprego e ficado no Brasil, o que teria acontecido comigo? Estaria absorvida, recuperada, porque aquilo é uma engrenagem. Começa-se por viver de forma contraditória com o que se pensava antes, e isso aconteceu com tanta gente, e os valores vão mudando sem que se perceba. Um dia você se surpreende justificando o porque do carro último modelo... nem questiona mais os programas da TV, o importante é que seja a cores...

O que é que eu seria se tivesse batalhado mais ou se não tivesse sentido uma necessidade tão premente de sair para resolver minha situação financeira? Suponhamos que tivesse conseguido o que pretendia. Hoje seria uma técnica do sistema. Ia me corromper, me deixar corromper, porque quando se entra lá é obrigado, não há alternativa. Por isso escolhi não voltar.

Fui pra Paris. Conhecia Paris de passagem, visão de turista, ac! ava uma maravilha. Paris era tudo que eu não tinha na minha cidade de província. Foi uma experiência diferente, o dinheiro que tinha economizado não ia durar pra sempre, mas foi um encontro.

Até um certo momento na minha vida, senti o peso do problema de classe. Oportunidades cortadas, discriminação social, discriminação racial. No exterior pesou menos. Agora em Paris, por exemplo, sou marginal e me liguei muito bem a essa situação. Muita viração. Não ter compromisso. Ter diploma de mestre, morar num

quartinho, fazer *ménage*, cuidar de criança, não tem problema. Isso aqui é normal, a regra. Você vive a sua vida e se aceita como pessoa.

Se eu pensar em termos de pontos positivos e negativos da minha vida no exterior, acho que os positivos superam os negativos. Fiz sempre um negócio de que gosto: lutar, derrubar barreiras. É uma satisfação ver a cada passo que você sobreviveu, que superou os problemas. Meu comportamento em relação às outras pessoas mudou. Foi um grande amadurecimento pessoal. Sou mais calma, tenho mais tato, mais capacidade de entender os outros a partir do momento em que me questiono a mim mesma. Mais tolerância...

Paris foi muito importante porque fiquei um bom período só. Morava com outras pessoas mas dei um jeito de ter um quarto isolado, um espaço só meu. Pude refletir muito sobre mim mesma. Seria ideal se cada mulher pudesse passar por um processo desses, em que descobrisse que pode ser ela, sem depender de ninguém mesmo. Assumir sua sexualidade, sem nenhum problema de pecado, de medo, de censura. Assumir sua vida, no sentido das coisas que ela quer fazer. Uma das minhas maiores preocupações era quando eu ficasse velha. Me dizia: Agora você é nova, se não tem um homem hoje, amanhã tem outro... mas como vai ser quando ficar velha? A preocupação das mulheres é segurar um homem pra velhice, agarrar uma pessoa para a vida inteira, se garantir... Isso escangalha muito qualquer relação, tira a espontaneidade, estraga tudo. Acho que deve haver uma outra forma de se preencher a vida. Depois não é tão óbvio assim que não vou ter um homem quando envelhecer! Mas agora ou depois ele tem que vir por acréscimo. Descobrir isso foi bom, maravilhoso, vital pro meu equilíbrio. Se você não tiver um homem não vai morrer.

Nesse momento estou indo de novo pra África, para um outro país em condições totalmente diferentes. Estou indo porque aqui não trabalho na minha profissão e assim não me realizo. Voltar pro Brasil nem pensar, mas quero ir para um lugar onde possa ser útil. E por isso vou, sei que há problemas, que muitas coisas continuam indefinidas, mas sinto que há uma perspectiva pra mim, que posso dar uma contribuição com o meu trabalho. Acho que vou aprender muito, que será uma experiência política importante. Politicamente fiz uma segunda escolha, com outra visão. Não diria que houve uma ruptura com o que pensava antes, mas uma mudança. Hoje sei o que estou fazendo, escolhi realmente o que quero.

Agora, tem uma coisa que eu faço questão de deixar bem claro: acho que o sonho de todo mundo é voltar a viver em sua pátria. E o meu também. Mas, ir agora lá... tanta incerteza, sem saber se é perigoso ou não. A partir do momento em que você toma uma série de decisões, em que assume compromissos políticos, você não sabe mais... Você quer viver em seu país, mas sente que o seu país não é esse que tá aí.

NO BRASIL TUDO ISSO ERA UM BICHO DO OUTRO MUNDO.

ERA TODA MILANO PARADA, presente na manifestação. Vimos as bandeiras vermelhas, a fotografia de Ho-Chi-Min quase do tamanho de um homem, uma bandeira dos Estados Unidos sendo arrastada na frente. Lá estavam os operários em macacão de trabalho. E eu dizia pra mim mesma: isto pesa, isto sim é massa organizada, mas organizada mesmo!

Naquele momento, recém-chegada na Itália, consegui entender porque ficava tão revoltada com meu companheiro quando ele dizia que as manifestações estudantis no Brasil eram manifestações de massa. Compreendi também o que é uma manifestação que pode mudar, que tem importância, que tem peso político. Porque na hora de decidir, o governo não vai mandar todo mundo pra casa ou então cair de cacete neles. Pois se eles não voltarem para o trabalho, vai ser um perigo pra nação. Agora, se eu der um cacete no estudante e ele não for estudar amanhã é diferente, o problema é dele, pode se prejudicar pessoalmente mas não prejudica a comunidade. O que pesava ali, naquele momento, era: eu paro tudo, pois sei o que quero e onde vou chegar.

Aquilo foi muito importante pra mim, deu uma consciência muito grande do que é possível. Vejo na TV, quando assisto ao telejornal, que o sindicato dos operários está presente. Os operários se referem a Togliatti, a Gramsci, a Marx ou a Lênin, ou então a Berlinguer. Ah, Berlinguer falou isso, a linha do Partido é essa. Quando é que eu já ouvi dizer no Brasil a linha do Partido é essa? Ou da organização é essa? Nunca!

Quando eu pensava em estudar no Brasil pensava em História, literatura... Aqui na Itália é diferente. Penso mesmo é em

estudar política, Sociologia, mil coisas que incidem na sua vida cotidiana; entender porque a economia é esse bicho complicado. Você tem a consciência clara de que tudo é feito da política. O político entra na sua vida, na sua privacidade, porque tudo é política na sociedade italiana. Você tem que saber por que os preços aumentaram tanto e que os operários estão aí brigando por isso. Fiquei uma porrada de tempo sem saber o que é *escala móvel*. Todo mundo falava, mas pra mim era aquela escada que roda...

No Brasil tudo isso era um bicho do outro mundo. A minha vida era fora daquilo tudo, da política, por que é que eu ia me meter com a política? Agora eu acho que não: é fundamental! Só sou gente enquanto estiver entendendo essas coisas todas.

Liege
Abril de 1978.

*IV O EXÍLIO
É O EXERCÍCIO DA SOLIDÃO*



Sandra
Agosto de 1977.

EU GOSTARIA MAIS DE FALAR COMO PESSOA do que como refugiada política, porque acho que os problemas que enfrentei – como mulher, como mãe – são muito mais gerais dos que os de uma refugiada política. Mas quando eu digo uma pessoa, digo uma pessoa X, com uma experiência X. Nesse momento então entra a condição de refugiada política, condição que determinou certos rumos, que delimitou certas coisas que evidentemente são muito importantes na minha vida.

... Eu vou dizer muitos TALVEZ, porque acho que não posso afirmar nada definitivamente; talvez no fim dessa entrevista isso fique claro.

O começo

Eu sinto que talvez o que determinou tudo para mim continua determinando; é que sempre busquei uma outra vida, sempre busquei! Desde muito criança, intuitivamente eu não me aceitava, não me sentia feliz com a vida que tinha, estava sempre meio marginal, me colocava marginal. Na escola, frente à minha família, estava sempre numa atitude meia-de-oposição.

Sou de 1943. Nasci num período conturbado da vida da família, porque meu pai era comunista e perdeu o emprego na época do Getúlio. Minha mãe veio do Nordeste grávida de mim. Era um ambiente muito duro e havia poucas condições de me darem atenção: seis filhos, pai sem emprego, sem casa, sem nada. Tive uma infância bastante solitária, disso tenho muita lembrança... Acho que meu amor por cachorro vem desse tempo. Meu cachorro é que era realmente meu companheiro...

Na minha casa a coisa era mais ou menos assim: a minha mãe era forte, ativa, cuidava da casa, falava com as empregadas, fazia compras, dava as broncas. Era a presença. O meu pai era mais ausente, extremamente quieto e calado, extremamente racional, muito sofrido e chocado, principalmente com questão política. Ele me dava um pouco a imagem da solidão. Falava muito pouco e talvez por isso eu me lembre de cada palavra que ele dizia. Às vezes me dava uma enorme pena dele porque ele trabalhava, voltava pra casa molhado de chuva e eu sentava na porta e esperava com uma toalha na mão... cuidava dele... Levantar aquela família de novo foi um trabalho que ele assumiu naquela época e do qual até hoje não conseguiu descansar...

A minha mãe era filha de uma família da aristocracia arruinada. Cresci ouvindo-a defender posições exageradamente classistas e até racistas, e meu pai a defender outras completamente diferentes. Estudei toda a vida numa escola de freiras, que no Rio de Janeiro daquele tempo era onde eu poderia ter uma educação de moça de família. A minha mãe punha a gente em colégio de freira porque era mais seguro para garantir a nossa honra, não porque quisesse que a gente fosse à missa. E como eu via o meu pai ateu, criticando os padres, morrendo de rir dessa coisa de Deus, a religião na minha casa nunca teve nenhum peso como doutrina, como força de controle.

Foi com o meu pai que aprendi uma outra maneira de ver as coisas. O anti-americanismo... ele nos pôs até preconceitos contra a Coca-Cola, ainda hoje eu não tomo Coca-Cola! Ele nos ensinou, por exemplo, que não há porque admirar alguém que seja rico, todo rico tá roubando de alguém. Eu sentia que tinha uma outra verdade na cabeça, me lembro tão bem disso, que eu sabia de fato a verdade do mundo! Então, não estava interessada em responder às freiras, o que uma adolescente geralmente faz porque tem crise de rebeldia. Eu era simplesmente o outro lado das coisas.

Evidentemente, aos doze, treze anos, comecei a freqüentar o Fluminense, porque uma moça de família freqüenta clube, e eu era atleta lá. Tive problema desde muito cedo com namoradinhos que tentavam me tratar como uma menina deles. Isso não quer dizer que eu não gostasse; me lembro que com quinze anos já estava muito apaixonada por um garoto que nadava no Fluminense, mas sentia que não havia um respeito por mim que eu gostaria que houvesse. Queria ser tratada como uma pessoa igual às outras, e sentia aquele negocinho de preconceito contra mulher. O machismo – já bem afirmado aquelas atitudes de adolescente – aquela superficialidade da pequena burguesia rica do Rio, do Fluminense, tudo isso me desgostava. Intuitivamente negava aquele lugar. Eu me recusava a vestir roupas

que fossem extremamente incomôdas para mim, mas que eram atraentes, que chamavam a atenção dos garotos, etc... e tudo isso fazia também intuitivamente, como se dissesse: Eu não gosto!

Uma coisa levei muito tempo a perceber... Me propunha estudar, trabalhar, mas não entendia a importância capital, a verdadeira dimensão do trabalho na vida de uma mulher. Acho que demorar tanto tempo a perceber isso foi o que mais pesou no sentido de me frustrar. Só me formei esse ano (1977). Até agora trabalhei em qualquer coisa que você possa imaginar, porque nunca tive um diploma.

Estamos em 1962/63, e comecei a freqüentar a UNE. Foi através de um amigo com quem a gente se encontrava sempre nas férias e que tinha sido eleito para a diretoria. Foi a primeira vez que vi as coisas todas que meu pai dizia incorporadas nas pessoas: uma descoberta enorme, enorme! Pensar que existia outro mundo além do Fluminense, que existia gente que se preocupava com outras coisas além de se vestir bonitinho, namorar os meninos e querer casar. Minha irmã já estava casada nessa época, eu achava que aquilo era o destino, que devia casar também, mas não sentia um grande entusiasmo quando via a vida dela, a vida de uma jovem senhora, com seu marido e seus filhos... Achava tudo aquilo chatíssimo, limitado, repressivo...

Minha mãe imediatamente disse *não* às minhas visitas à UNE, porque ela tinha perdido a casa e tudo o mais por causa desse bendito comunismo e agora a filha dela ia se meter na mesma história. Mesmo assim comecei a trabalhar lá. Era uma bagunça, porque eu ainda estava no clássico e não tinha nada que fazer ali, não entendia 80% do que se passava, mas ia prá lá todos os dias ao meio-dia e saía à uma da manhã. Era pau-prá-toda-obra. Eu achava tudo muito incrível e inclusive não percebia o que também havia ali de ruim. Levava aquilo tão a sério, você nem pode imaginar, era a coisa central na minha vida! Deixei passar um ano todo de política na UNE, dei aulas de alfabetização, ajudei a organizar sindicatos rurais em Caxias. Ia vendo e aprendendo, achava aquilo tudo muito mais interessante do que qualquer coisa que a Universidade pudesse ensinar, e penso que nisso tinha mesmo razão. Só no ano seguinte é que fiz o vestibular. Nessa altura já estava noiva.

No dia em que fui me inscrever na Universidade, começaram a passar os tanques pela rua. Era 31 de Março de 64. Assumi o golpe, assimilei o golpe assim de uma maneira muito rápida, porque para mim era claro que ele vinha. Os nossos líderes tinham pés de

barro, isso eu sempre senti e talvez desde aquela época tenha tido uma visão muito fatalista. Você não precisava ser marxista para perceber a debilidade da UNE, para saber que a UNE não ia resistir a Golpe nenhum. Mas isso não impedia que a UNE fosse uma coisa muito grande e muito importante no Brasil. Eu vivi uma certa dualidade: via a nossa debilidade e ao mesmo tempo sentia que era preciso fazer alguma coisa. A minha única vontade era ficar ali e agüentar as pontas, porque correr não podia, entende, não podia ficar ali, ficar ali, e na hora do Golpe tirar o time!

E a mesma coisa eu senti no Chile. Nunca quis ir para lá. Preferia entregar-me à policia brasileira no ano de 72. Me arrebatassem ou, se eu sobrasse viva, me deixassem solta. Disse quando cheguei: não quero ficar aqui porque não confio nisso, e além de tudo já tenho experiência de exílio e não quero mais viver no exílio. E lá me convenceram de que isso era uma loucura, e realmente era, porque provavelmente os caras no Brasil me matariam. Agora, o meu pânico de agarrar outra situação de exílio era tal, era tal... O Chile já era a terceira!

O dever

Você se propõe alguma coisa e você não larga, faz até morrer:

Em 64 saí para o Uruguai. Realmente fui porque casei. Ele tinha ido na frente e nós casamos por procuração. Até então eu vivia na casa de minha família, e minha primeira saída foi ao mesmo tempo pro casamento, para outro país, para o exílio.

Eu era militante, mas não tinha necessidade de fugir, e naquele momento acho que nenhum de nós tinha, a não ser as pessoas realmente famosas e conhecidas da política nacional. Tanto assim que voltamos no ano seguinte e tivemos que ir para a clandestinidade, não propriamente pelo que fizemos antes de 64, mas por causa da ida ao Uruguai.

Eu tento lembrar como é que foi essa primeira experiência de exílio, e fico um pouco confusa. Gostava muito do Uruguai – tão agradável que era – gostava dos uruguaios, me sentia bem lá... Havia evidentemente a certeza em cada um de nós de que ninguém ia viver no Uruguai o resto do tempo, não era como a situação terrível dos espanhóis que estavam lá há trinta anos... A gente sabia que no dia em que quisesse, a gente agarrava as malas e voltava pro Brasil. A si-

tuação em 65 não era assim uma situação TÃO TERRIVEL que a gente não pudesse voltar. Por isso mesmo, não era exatamente um exílio.

Foi uma experiência muito boa, no sentido de conhecer um outro país e um país que é profundamente diferente do Brasil. O Uruguai naquele tempo tinha toda a dignidade e tinha alcançado um nível de vida muito alto dentro da América Latina, onde não existiam aquelas diferenças sociais impressionantes como no Brasil. E eles eram, e acho que ainda são, extremamente diretos, abertos, claros. Eu adoro falar espanhol, é muito mais forte e muito mais enfático do que o português. Aprendi a língua muito rapidamente, falava bem, tinha amigos, enfim, gostava. E o fato de estar lá era uma continuidade do meu passado político, significava que eu não tinha 'desbundado', e isso me animava. Se o Uruguai fosse muito chato, mesmo assim eu gostaria porque eu não 'desbunde'... não corri da raia. Também estava começando a minha vida de casada. Aquela cortiça da casa, a perspectiva de ter um filho, a barriga crescendo,... tudo isso era bonito, era bom.

Ah, mas por outro lado esse exílio foi uma carga total! Ao sair, criei uma ruptura em relação à minha família, em relação à minha cidade, ao ambiente em que vivia. E deixei de estudar no momento em que estava entrando na Universidade... Como havia a tal sensação de que a gente ia voltar logo, então, não valia a pena organizar a vida lá.

E já existia um problema no meu casamento... De uma maneira ou de outra esse casamento já era uma coisa pesada demais, já tinha um significado de sacrifícios que eu tentava racionalizar. Enfim, depois eu estudo, depois eu vou para a Universidade, depois eu tenho um trabalho decente, depois, depois... Desde o princípio isso existiu. O casamento significou uma série de renúncias, de coisas que eu não precisaria fazer se não estivesse casada com essa pessoa. E coisas que tinha que fazer pelo fato de estar casada com essa pessoa. E outras tantas coisas que não podia fazer pela minha formação. Eu tinha muito enraizado na cabeça que uma mulher realmente está completa e feliz na medida em que tem o marido e os filhos dela. Eu não pensava em arrebentar o casamento, mas a idéia de que poderia ganhar de volta a Universidade, o Rio de Janeiro... Mas no começo, é o começo; no começo está a esperança, está o não-cansaço, estão uma série de coisas. De qualquer forma acho que esse casamento enfrentou uma série de desafios que ele não tinha condição de suportar. Apesar do Uruguai ser muito simpático, a situação que eu vivia era de frustração, não só diante do que tinha perdido, mas diante do que não tinha ou não podia criar ali. As coisas estavam colocadas de tal maneira que ele continuava a ser o militante político, ia a reuniões, falava,

discutia, e eu era a mulher dele. E eu nunca tinha sido a mulher dele. Eu não era líder de nada, mas tinha o meu trabalho na UNE, meu trabalho de sindicalização, o meu trabalho de alfabetização, e tirava um grande prazer disso tudo. De repente vou viver numa casa, relegada à categoria não só de não-militante, mas de dona-de-casa, mulher do cara que faz a política. Isso era um negócio que por mais que eu tivesse sentimentos como amor, carinho e tudo mais, era difícil... Ele continuava a ser principalmente um militante político e eu objetivamente tinha deixado de o ser.

Eu tinha depressões, me sentia muito nervosa, muito frustrada, me sentia muito ruim emocionalmente. Tudo isso refletia em cima de nós dois, refletia inclusive na nossa vida sexual. Exato. Tenho a impressão de que inconscientemente eu sentia o que conscientemente não conseguia assumir. Sentia que por causa desse homem eu tinha perdido muita coisa de mais. E tinha ganho muito pouco. Então a minha maneira de reagir a isso era de me recusar a ele sexualmente. E essa frigidez sexual (como ele diagnosticava) me causou um longo processo de fundição de cuca, porque batia num campo que realmente era a viga-mestra da minha personalidade. Eu era filha de uma mulher que tinha seis filhos, era profundamente orgulhosa da minha condição de mulher grávida, barriguda, fértil; tinha tido experiências sexuais antes de casar – inclusive com ele – então a idéia de ser fria era mais ou menos a idéia de ser castrada. Eu me lembro que quando voltei para o Brasil, passei três anos fazendo psicanálise, interrompidos por viagens, etc., e tive alta só depois que me separei...

Para mim, hoje é claro que é impossível pretender ter uma relação sexual tranqüila e satisfatória com uma pessoa quando me sinto frustrada em vários aspectos da vida com essa pessoa. Você não pode ser boa amante se é empregada do cara – não só no sentido de lavar prato – mas num sentido existencial; se você se sente vivendo pra servir o cara, em vez de servir a você mesma. E eu me sentia frustrada por aquela relação em uma série de necessidades minhas, intelectuais, emocionais, afetivas. E a cama é a última trincheira, é o último lugar onde a gente pode dizer não. Eu não podia, no fim de um dia em que havia vivido em função de outra pessoa, cumprindo papéis e tarefas, ser capaz de espontânea e livremente amar essa pessoa. Não consigo separar o sexo dos outros aspectos de uma vida em comum. Acho essa separação um absurdo. Parece que os homens, pela sua formação, são capazes de viver o sexo como algo separado do resto. São tão dependentes do seu papel de machos que tentam exercer a sua função sexual seja como seja. É dramático quando as mulheres são opri-

midas no sentido de viverem para satisfazer as mil necessidades dos seus maridos, sem terem as suas satisfeitas. Conheci muitas nessa situação, além de mim mesma... e quando as mulheres não conseguem viver o papel de amantes felizes, é tão fácil para os maridos rotularem a causa como 'frigidez sexual'!

Assumi aquilo militantemente, como tarefa

Voltamos para o Brasil em 65 e encontramos uma grande indefinição dentro da organização. Fomos morar clandestinamente, assumindo outra identidade, e o nosso filho nasceu.

Era uma situação extremamente esquizofrênica, porque as razões para viver clandestina eu não via, apenas apalpava. Ele era líder de uma organização conhecida, e nós sabíamos que estávamos sendo procurados, não sabíamos o que a polícia queria, o que iria fazer, mas havia companheiros que eram sumidos, companheiros que eram metidos em cana 2, 15, 20 dias... A doença dele era evidentemente um espectro: ele NÃO PODE JAMAIS ser preso. Então, o que determinou essa clandestinidade para nós dois foi: primeiro, a liderança dele; segundo, a doença dele. Evidentemente a liderança *dele* nesse momento estava reforçada pela estadia no Uruguai, pelo que *ele* fizera lá, pelos contactos que ele mentivera. A situação ia se transformando num círculo de ferro... Cada dia que passava eu tinha a sensação de que teríamos que ficar mais clandestinos... E se você pegar a minha pessoa e a minha culpa no cartório, verá que eu não tinha razão nenhuma para estar clandestina. No entanto, assumi aquilo assim militantemente. Esse foi o erro fundamental que fiz! De uma certa maneira sublimei o meu desejo de ser militante. Teve um momento em que pensei concretamente que se eu não podia fazer isso, aquilo e aquilo outro, se não podia ter um trabalho político, participar de reuniões e atividades, então podia ter como tarefa minha ajudar o meu marido a ser militante, ou seja, cuidar dele e do filho dele. Confundi a atividade militante com a de mulher de líder. Nada disso, porém, era sentido com paz; tudo era sentido assim com bronca, muita revolta. Não havia como me sentir bem. Não havia objetivamente nenhuma compensação para aquilo. Desde o sofrimento da minha mãe por não poder curtir o neto dela, até me sentir ignorante, me sentir incapaz de ter um trabalho que me satisfizesse, incapaz de ganhar a minha vida, tudo ali era absolutamente negativo. Não tinha quase contacto nenhum, não era vista como militante pela organização, não participava em nada. Minha casa era clandestina, ninguém podia ir lá, a gente não ia à casa de ninguém.

Até que consegui um trabalho. Eu estava sufocando! Não era só o problema financeiro que a gente tinha, mas eu não podia mais ficar assim... Era um trabalho frustrante, ir todos os dias a um lugar público – onde você sempre tem medo de que alguém te reconheça – e voltar para a clandestinidade, criava uma tensão terrível. De qualquer forma, trabalhei até cairmos presos, em 66. A polícia veio buscar meu marido e eu disse aos policiais que ia junto, que ele tinha que tomar remédio, que não ia se lembrar dos remédios; me meti no carro da polícia e nisso fui presa também. Eles sabiam que não podiam maltratá-lo, que ele morreria mesmo. Saiu no Jornal, e logo depois fomos soltos...

Nessa altura eu sentia que o que havia de ligação entre nós (vejo isso hoje, na época não via), era somente um sentido de dever de minha parte. Dever pessoal de militante: você se propõe a alguma coisa e você não larga, faz até morrer! Isso era muito o esquema da minha mãe: se ela achava que iria limpar todas as janelas da casa numa manhã, simplesmente se levantava, agarrava o balde e começava a limpar! E hoje visualizo, quase que consigo me ver de novo sentindo as coisas que senti... A vida era vivida de tal maneira, a luta e os problemas eram tantos e tamanhos, que não havia aquela possibilidade de você se sentar com a pessoa com quem você vivia e dizer: vamos ver aqui como é que a gente está vivendo, o que a gente acha que deva ser uma relação afetiva. A vida não dava condições pra gente pensar a respeito de nós dois. A gente vivia as coisas que tinha que viver, as coisas fora da gente, o trabalho, as dificuldades, a agressividade, o dinheiro, tudo isso, e depois vivia o nosso vazio, a nossa infelicidade comum. Mas eu achava que havia uma possibilidade de viver feliz se a vida não fosse tão do jeito que era: a militância, a perseguição, o exílio, a clandestinidade, essas circunstâncias todas. Continuava achando que se a gente se separasse era porque a vida ali estabelecia condições tais, que a gente não poderia ser feliz... Não via o problema como nosso, do casal. E isso não me deixava aceitar a idéia da separação como solução. A coisa era assim: a gente brigava, brigava, porque objetivamente um oprimia o outro, então chegava um momento que um ou outro se sentia tão oprimido que estourava. Quando acabávamos de brigar a gente se abraçava e sentia que se amava muito. Um negócio completamente louco, muito louco. Mas, enfim, esses são os processos em que as coisas terminam, ou pelo menos, do jeito que a gente é formada, não consegue acabar as coisas de outra maneira, sempre tem que ser esse sofrimento... E eu me lembro que foi só em 67 que falei a palavra separação pela primeira vez...

Como deixar o menino sem pai?

Pouco depois ele teve de sair do Brasil. Então fiz a segunda grande mancada da minha vida. Ou seja, fui também. Ir com ele era repetir o esquema do Uruguai, só que agora muito mais barra pesada. Fui, tendo condições de viver no Brasil ainda, de procurar um trabalho, de pouco a pouco inclusive voltar à minha militância, voltar à vida universitária, voltar ao que queria voltar, mas o menino ia ter o pai dele, o meu marido ia ter a enfermeira dele, eu ia ter a ilusão de que tinha uma família; e com isso me meti numa da qual não pude sair depois. Aquilo ali foi o chamado 'erro histórico'.

Pensei em suicídio pela primeira vez... Estava num beco sem saída. Estava naquela situação em que a gente arranha as paredes. Foram oito meses, dos quais quatro sozinha, porque o meu marido teve que viajar. Eu não tinha condições de integração porque não estava lá para viver, era passar um ano e vir embora. Morava num hotel de luxo, completamente desligada da vida daquele povo. Não tinha ajuda de ninguém para cuidar do meu filho e não podia me mover sem levá-lo sempre comigo. Senti que se não respirasse, se não me desse mais o mínimo direito de ir a um cinema ver um filme que não fosse *Cinderela*, e depois sentar para tomar um sorvete e voltar pra casa exatamente na hora que quisesse, se não sentisse que podia dormir até o meio-dia uma vez, eu ia realmente me suicidar, ia realmente me jogar por uma daquelas janelas do hotel. Eu me sentia completamente oprimida já a um ponto que não dava, não sei se você teve esse experiência, mas com um menino de três anos e meio o tempo todo, num lugar que não tem amiguinho para brincar, você está lendo um livro e ele chora porque qualquer coisa aconteceu, então você vai, você vem, você vai, você vem, você sabe que não pode ir à parte alguma, está passando um filme genial mas você não pode ir porque não tem com quem deixar... Isso quando soma, soma, soma... Eu tive a sensação de que se aquilo continuasse mais algum tempo eu ia começar a odiar o meu filho, porque a opressão que ele, por ser pequeno, exercia sobre mim era realmente tão impressionante... era realmente uma corda no meu pescoço, me apertando... E, ao mesmo tempo, me sentindo culpada por sentir essas coisas, tendo consciência de que ele não estava vivendo uma vida de criança, começando a suspeitar de que aquilo tudo não ia chegar a um bom fim, que aquilo tudo realmente ia cada vez ser pior.

Eu tinha o tempo todo a intuição de que estava indo para o 'abismo'. Até mesmo a razão que me levou a sair já não existia mais, ou seja, o meu casamento; tudo que estava fazendo era em função dos outros. Fui porque não podia deixar meu marido sozinho, imagine, eu sou mulher dele, como deixar o menino sem pai?

Quer dizer, eu já não existia de fato, e quando brigava era porque estava tentando mostrar a minha existência. A coisa realmente era a um ponto tal que a idéia do suicídio para mim era uma coisa muito natural, nem mesmo chorava quando pensava nisso, achava que realmente abrir aquela janelinha e pular lá para baixo era um negócio muito bom, era o que deveria fazer. E se não fosse a presença do menino não sei se não teria feito, apesar de que hoje acho isso tudo muito exacerbado. Mas a situação era um beco, eu estava completamente impotente. Era o *exílio*.

A volta sozinha significava enfrentar a maternidade sozinha, ir morar em outro lugar que não o Rio sozinha, à distância da raiz e de tudo a que estava apegada. Assim é que, depois que muita coisa aconteceu, eu voltei ao Brasil sim, e... vui viver de novo com o meu marido. Esse foi outro 'erro histórico'.

Chegamos a Paris em dezembro de 68. Eu disse ao meu marido que levasse o nosso filho e entregasse à minha mãe. E fiquei, porque – para resumir – o que queria era ler o Lênin. Era isso que queria, juro, de forma assim bem *a la* Aureliano Buendía.¹ No dia seguinte eu levantei, saí e comprei as Obras Completas do Lênin e li. Isso para mim só diz uma coisa: a minha cabeça não funcionava há muitos anos. Intellectualmente eu não existia, resolvia inteligentemente todos os problemas da vida mas sentia falta de uma compreensão teórica até do porque eu estava metida no bolo em que estava. Não tinha condições de ler... nem objetivas, nem subjetivas.

Fiquei em Paris três meses sozinha. Comecei a forrar as paredes do quarto com retratos do meu filho! Saudade louca...! E era aquela miséria, porque eu sentia que para ter o direito àquelas coisas que me eram fundamentais, para que entendesse racionalmente também, para que parasse de ser uma revolucionária pelo estômago, uma revolucionária pelos hormônios, pelo coração, para começar a ser uma revolucionária que sabe que esse mundo vai para o socialismo não somente porque eu quero, mas também porque existem outras coisas, eu tinha que ficar em Paris, eu tinha... Acho que desde esse tempo comecei a ter uma visão da vida muito pobre, muito miserável; a visão de que os direitos que a gente tem são muito poucos, de que as coisas que a gente consegue de fato realizar são poucas. Como se fosse necessário sempre lutar e lutar, quase morrendo pela coisa mais ele-

1. Personagem de *Cem Anos de Solidão*, de Garcia Marquez.

mentar. Estou falando das pessoas em geral e estou falando em alguns casos, algumas situações especificamente da mulher.

Apesar desse tempo em Paris ter sido um período miserável, de depressão, chorar na rua, aquele inverno, coisas assim, (como alguém que não vê as possibilidades de juntar as peças, sente que há uma lógica de insatisfação que se satisfaz um lado, o outro tem que estar insatisfeito), foi um tempo muito importante, principalmente porque descobri que podia viver sozinha. Descobri que se tivesse o meu filho comigo estaria realmente feliz, porque as coisas que me amarravam, que me atavam, tinham desaparecido. Eu estava decidindo – como é que eu vivo, aonde é que eu vivo, o que é que eu faço das horas do meu dia e, vagarosamente, as forças iam voltando... A França foi realmente uma espécie de parar para pensar, parar para organizar, tentar recuperar um pouco do tempo perdido, do ponto de vista de uma formação político-teórica e também do ponto de vista de um trabalho intelectual que eu não fazia antes.

Foi então que eu soube que a organização tinha se decretado maoísta. Eu via isso como uma coisa muito artificial. Ninguém se decreta maoísta! Eu conhecia como as coisas se davam dentro da organização e sabia o que deveria ter acontecido: alguém baixou o chamado centralismo e o resto da turma aceitou. De qualquer maneira, isso significava assimilar uma série de coisas que para mim eram fundamentalmente positivas. Era a adoção de uma linha política marxista, de uma tática concreta, que eu não conseguia visualizar se seria possível no Brasil ou não. Mas eu estava na França e não achava que tinha condições de analisar isso. Não queria estar lendo documento, começar a discutir os documentos que chegavam do Brasil; aquelas reuniões eu realmente não suportava. Além disso, nunca fui muito importante para a organização, ou na organização. Passei a esperar o momento de ir embora, sabendo que ia me meter outra vez na clandestinidade, mas por opção própria. A idéia de me meter num bairro operário era algo que eu gostava. Porque isso de uma certa maneira era ir à raiz das coisas!

Opções

Foi um tempo de muitas opções difíceis. Ir trabalhar no bairro operário, voltar a viver com meu marido ou não, ambas opções acabaram por estar ligadas.

A idéia de ir à produção, trabalhar em fábrica, viver em bairro operário era tão louca, mas tão inevitável quanto a de assaltar banco e seqüestrar embaixador. Porque aquilo ali era o que

aquela sociedade, aquele grupo, aquela tradição política, aquela formação política poderia gerar. A nossa organização entrou numa errada igualzinho como outros grupos entraram em outras erradas. De qualquer forma, vejo algo de grandeza nisso tudo, como vejo algo de grandeza no companheiro que naquela situação ousou agarrar um trabuco e começou a dar tiros. Por mais que a gente saiba aonde isso levou: a nada! Mas havia grandeza naquilo! Não acho um negócio folclórico, vejo somente como ineficaz. Acho que havia um esforço militante, havia uma coisa muito boa, mas realmente muito boa, que não vejo na maioria das pessoas no exílio, que é um sentido de tomar responsabilidade, é um sentido assim de aceitar a idéia de que a revolução implica sacrifícios. Há muitas coisas que merecem crítica neste processo que fez a nossa organização, inclusive a burocratização da liderança e os efeitos dessa burocratização. Mas não acho absurda a idéia de um cara agarrar a maletinha dele de médico e ir trabalhar num bairro operário.

Do ponto de vista da minha militância, foi o único tempo em que eu estava coerente com as coisas que pensava. Sentia que a idéia de trabalhar com a classe operária era uma idéia politicamente mais coerente do que a de assaltar bancos. Havia dentro da organização uma sensação assim de que a gente estava agindo certo, um otimismo muito grande; e eu estava no meio desse otimismo. Sentia também que tinha assimilado minhas leituras de Paris, que tinha condições muito maiores de entender a luta política. Eram sentimentos positivos e a tudo isso se juntou aquela idéia de recuperar o tempo perdido. Sob todos os pontos de vista, inclusive de uma forma muito negativa, que era a de reatar a relação com o meu marido. O que me empurrou a viver com ele outra vez foi o seguinte: e se eu não for viver com ele, quem é que me devolve o tempo perdido na relação com ele? Acho que isso realmente amarra demais as pessoas. É que depois de você viver muitos anos, viver muitas coisas que de uma certa maneira foram muito importantes, na hora em que você quebra essa relação, isso tudo você não recebe de volta. Você não volta aos vinte e um anos, não recebe de volta nem a sua alegria, nem a sua esperança, nem nada disso; tem de aceitar realmente a derrota como uma carapuça. Tem que enfiá-la até aqui e dizer: pois é, fiz tudo isso, lutei por tudo isso, tentei tudo isso, dei tudo o que tinha por isso, mas não dá pé. Esse é um pensamento muito doloroso. Como se você passasse dez anos construindo uma casa e quando acabasse de construir aquela casa que tem todo o seu suor, todo o seu sangue, vem alguém e diz: 'pois é, não serve, tem que derrubar'. Não é a relação em si, mas são pedaços seus que estão naquilo e que a vida não pode te devolver mais. É a você mesma que você vai continuar tentando salvar...

O bairro operário era simplesmente terrível. A vida lá era de uma dureza bárbara, porque ali realmente a situação da repressão era aquela coisa. A gente sabia que dessa vez talvez não saísse vivo e que ninguém ia se incomodar. A gente estava constantemente recebendo notícias: as mortes, as quedas, as torturas. E mudar de classe é tão difícil como mudar de pele. Mudar de classe é realmente MUITO mais difícil que qualquer outra coisa. A ginástica que tinha que ser feita ali pra justificar cada gesto, cada palavra, estranhos àquele lugar, a minha maneira de falar português, o fato de que fumava! Era uma luta permanente, constante, terrível, terrível, um tempo de dureza! Eu tirava água de um poço; não tinha água encanada, nem na cozinha, nem em lugar nenhum. O banheiro era do lado de fora, a condução ruim, a miséria a volta...

Não cheguei a trabalhar na fábrica. Além das tarefas normais da célula, eu fazia o trabalho político no bairro com um grupo de mulheres e também alfabetização com um grupo de companheiros. Bom, esse trabalho com as mulheres era muito, muito começo. Eram operárias e mulheres de operários. Tratava-se de formar associações de mulheres, associações de mães, associações do nome que você quisesse dar e tentar organizar politicamente essas mulheres na medida em que o trabalho avançasse. O operário está muito menos acostumado a deixar a mulher falar do que a pequena burguesia. Eu já tinha desde antes marcado o meu lugar, o meu direito a falar, dando pontapés por baixo da mesa. Mas ainda tinha que dizer: isso é o que ele pensa, o que eu penso ainda não falei, vou começar a falar agora. Era aquele negócio de dizer o 'nós', 'nós pensamos'. Nós pensamos porra nenhuma! E ali no bairro operário era a mesma coisa: você ali quase que tinha que dizer: Agora EU QUERO FALAR.

O meu filho estava comigo desde o primeiro dia em que voltei ao Brasil. Ah, no bairro operário era muito mais fácil! Não tem muros, ele vivia solto na rua, nú, de pés no chão, moleque. A gente tinha uma cachorra vira-lata, um dia pariu seis cachorrinhos... Foi uma festa no meio da meninada. Ele estava muito feliz no meio daquelas crianças, os meninos eram mestres em empinar papagaios, em andar de carrinho de rolimã, essas coisas. Quando eu estava doente e passava como dois dias sem ir lá fora, vinha a vizinha e batia na porta: 'Ah, tá doente? Não tem roupa para lavar? Eu lavo pra senhora porque vou lavar a minha roupa e posso lavar a sua'.

Do ponto de vista da convivência com as mulheres, tive experiências importantes. Só pelo fato de que chegava e me dirigia (até por cacoete) à mulher e ao homem, cumprimentava todo o mundo e dizia boa-tarde pra todo o mundo, o mulherio já olhava desconfiado. É por isso que te digo que é difícil mudar de classe, porque

os MENORES gestos, as coisas mais ASSIM, caem mal, são estranhas, são esquisitas. Eu me lembro de que a vizinha da frente gostava muito de mim. Começamos a conversar e um dia notei que ela percebia que a gente não era operário coisa nenhuma. Ela entendia qual a jogada da gente e ficava calada. Ela só me advertia, e eu ficava toda arrepiada... E depois teve uma companheira operária que entrou numa crise terrível porque era aquele negócio de contar para ela as torturas que as pessoas passavam, e por outro lado davam tarefas ao marido dela. Evidentemente uma mulher com oito filhos e ainda com a barriga... Um dia a cuca dela fundiu e ela entrou numa crise pavorosa, não podia ver a gente, tinha medo da gente.

Em suma, um mundo impossível de viver. Aquilo ali só pode ser vivido se você realmente faz parte de uma coisa muito grande; de uma coisa que você vê que funciona. Mas para isso era preciso que fosse feito em outros termos completamente diferentes, porque o sistema de opressão que se dava dentro da própria organização em cima dos militantes era um negócio! Eu poderia falar horas sobre essa repressão dentro da organização. E isso é uma lição que tem que ser aprendida, porque ou se muda a concepção de poder dentro das organizações revolucionárias, socialistas, ou então eu não sei, eu não sei... Não se podia criar! Isso dentro da organização era de uma certa maneira proibido, por mais que se falasse que o poder vinha da base, vinha da massa; o que havia ali era uma cega preocupação com a necessidade de controlar problema de poder, problema de concepção de liderança. É indescritível o mal que aquilo ali fez a militantes, à gente da massa, ou seja, a operários que por um esforço enorme tentaram se ligar a uma organização política, às mulheres desses operários... às vezes era trágico.

Havia ainda a luta interna, eu não tenho idéia de como explicar em torno de que. Loucura generalizada, doente, paranoica; um dogmatismo, uma separação absoluta entre esses loucos que ficavam trabalhando naquele bairro, naquela fábrica, arriscando a pele, e a liderança que mandava alguns caras de vez em quando conversar com a gente e que não entendiam nada do que acontecia ali. Realmente eu olhava aquilo com olho de psicólogo e a única coisa que via era a situação dos ratos dentro da jaula. Uma minoria acossada, assustada, com muito medo e dividida ao meio, de uma maneira esquizofrênica: a vontade de sair, a vontade de ficar, sem saber o que queria fazer, porque saber o que queria fazer era impossível, mas era impossível deixar também. Então você tinha assim um punhado de gatos heróicos e ao mesmo tempo completamente loucos. É um negócio que não dá nem pra explicar! Claro que tudo isso acontecia em grande parte por

causa da ameaça constante da repressão, da polícia, que acabava determinando muito do que fazíamos.

Eu não tenho raiva não, nem daquele período nem daquelas pessoas. Vejo tudo aquilo como uma pré-história da luta política no Brasil. Isso não se refere somente a uma organização determinada com uma linha política específica. É ridículo pensar que militantes políticos são seres objetivos, como robôs. Há um problema humano, um problema psicológico que afeta qualquer pessoa. A gente sabe que essa mesquinha, TODA essa mania de poder, essas concepções distorcidas na cabeça das pessoas são realmente fruto da sociedade em que a gente vive. A gente nasceu aqui, quer ser outras coisas, às vezes consegue, às vezes não consegue, um pedaço consegue, outro pedaço não consegue. Você entra numa organização política de esquerda levando tudo isso com você, porque você não pode despir tudo como quem despe uma camisa. Então dentro de uma organização política qualquer coisa pode acontecer, desde a mais heróica até a mais mesquinha, desde a mais avançada até a mais retrógrada, desde a mais inteligente até a mais estúpida, enfim, tudo. E tudo isso acontecia.

Assim foi, até que o trabalho caiu e foi a tragédia final com prisões, massacres, coisas terríveis. Escapei por muito pouco e de repente me vi saindo de casa com um saquinho plástico numa mão, com o *short* do meu filho nesse saquinho plástico e com ele pela outra mão. Meu marido saiu numa direção contrária, não sei aonde foi. Segui assim, de casa em casa, até que ficou claro que ali não se podia voltar, que aquilo estava destruído.

A idéia de sair do Brasil não passava pela minha cabeça, de maneira nenhuma, em nenhum momento. Eu preferia qualquer coisa a isso. Então comecei a procurar um trabalho de ir de porta em porta, fazendo perguntas a respeito de chocolate, de modelos de maiô, esse tipo de trabalho que não precisa dar nomes, nem nada disso, assim muito solto, sem ligação com a empresa que te emprega, como convinha do ponto de vista da segurança. O menino começou a freqüentar uma escolinha, e tudo isso é muito surrealista, porque pensar que ele estava numa escola e que eu estava trabalhando dá impressão de que estava tudo azul. Trabalhei porque precisávamos; mandei o menino para a escola porque precisava trabalhar e também para que ele não ficasse vendo a minha cara de desespero o dia inteiro. Caiu tudo junto, tudo ruiu junto, e isso se passou num prazo de dois meses...

Minha mãe tinha morrido pouco antes. Eu recebi a notícia de que ela estava morta, não pude fazer nada, não pude sequer vê-la. Fui ao Rio visitar meu pai e tive que ficar escondida porque a polícia tinha ido ao velório, tinha ido ao enterro, estava lá todo o tempo. E foi nessa época que se deu também a minha separação de fato, porque ele passou a viver com outra pessoa e me disse isso, lá na porta de um teatro em São Paulo, a polícia no calcanhar, o menino pela mão... Foi uma dose de elefante! Ali realmente eu acho que deixei de acreditar em alguma coisa, ou talvez tenha sido algo pior; ali alguma coisa se quebrou em mim. Depois daquele dia, daqueles tempos, daquele mês, daquela época, nunca mais pude ser a mesma no sentido de enfrentar a vida, de enfrentar o mundo. Ali eu perdi minha alegria; dali em diante foi muito mais na base de fazer porque tinha que fazer, viver porque tinha que viver, era obrigação, então toca pra frente e faz, e vive... O que me arreventou mesmo foi a forma como a gente se separou, sem solidariedade, sem amizade. O que aconteceu de fato é que fiquei sozinha com o menino, carreguei o nosso filho sozinha! Esse aí, EU criei!

Isso era em 71, 72, no auge da repressão. Tratava-se de comer e, acima de tudo, de evitar que a polícia nos pegasse. Ai, esqueci o resto, juntei tudo que tinha, pus todas as forças, pus tudo nessas duas tarefas: fugir da polícia e sobreviver!

A sobrevivência

Nessa época eu senti que a gente é um bicho.

O meu nome surgiu no jornal no fim de 71. Duas prisões preventivas. Senti que tinha que ir embora. Mas eu não queria ir embora e nem tinha documento. O único lugar para onde podia ir era o Chile e eu não queria ir para lá porque nunca tive a menor confiança naquilo: cheirava a Brasil 64. Não queria ir de jeito nenhum.

Vivia com uma moça que precisava de alguém para dividir o apartamento. Eu disse: olha, a polícia um dia vai bater na porta e aí vai ser uma merda e você não vai escapar dessa. – ‘Não, eu quero, não tem problema’. Mas na hora em que saiu o meu nome no jornal ela pôs fora a mim e a meu filho. Ficamos na rua; nessa noite dormi na rodoviária com o menino. Então boleei o meu plano para ir pro Chile. Uma estória louca, fantástica; eu ia pro Chile, deixava o menino lá com o pai, voltava e me entregava à polícia. Estava cansada de fugir. Durante um ano fugindo, a cada momento olhando para trás para ver se não estava sendo seguida. Cada vez que vinha um carro da

polícia, cada vez que via um cara parado na esquina, era o pânico. Se me pegassem não sei o que seria pior, que levassem o meu filho comigo ou que o deixassem sozinho...

Tinha contactos com a organização, mas a organização estava se esfacelando toda e seria ridículo e inútil esperar ajuda daí. Tinha que me virar sozinha. Fui ao Instituto Felix Pacheco em São Paulo com uma certidão de nascimento falsa, tirei uma carteira de identidade para mim, falsa, depois fui a um registro civil e registrei o menino como filho de mãe solteira, como meu filho. O juiz me deu uma bronca porque eu tinha esperado seis anos pra registrar, eu contei uma história que queria ir à Argentina visitar uma amiga, sair de férias, o juiz me deu licença para tirar o meu filho do Brasil e ele ganhou uma carteira de identidade novinha em folha. E nós pegamos um ônibus de excursão pro Paraguai e me lembro de que ele estava muito contente porque íamos ver as cataratas... Ele não imaginava nada do que estava acontecendo... Iam apertando o cerco. Se eu pensasse em ficar lá e começar vida nova com a minha carteira de identidade falsa, logo veria que não dava. Se você cria novas relações de amizade está pondo em risco as pessoas a volta. Qualquer pessoa que tenha qualquer coisa com você pode acabar no pau-de-arara porque te ofereceu um cigarro!

Nessa época eu senti que a gente é um bicho, porque eu não era gente, era um bicho. Era um bicho com cinco sentidos em alerta e mais nada. Meu cérebro não funcionava, não funcionava, não girava de puro cansaço emocional. Como uma máquina que você aperta e ela não gira. Mas alerta! Mecanicamente, automaticamente, eu respondia aos sinais como um bicho: apenas reflexos.

Essa viagem foi uma coisa incrível, porque cheguei na fronteira, podia passar pro outro lado, mas não podia sair do Paraguai a não ser que tivesse um visto de entrada. Teria que ter um visto de saída do Brasil e só teriam me dado se eu tivesse um visto de viagem dado em São Paulo pelos DOPS. Então me vi numa cidadezinha da fronteira, sentada num quarto de hotel e tentando pensar nas coisas que tinha que fazer e sem conseguir, a cabeça não funcionava. Me levantei, peguei o menino pela mão, fui pro DOPS local e disse a eles: O sr. telefona para São Paulo, tá aqui o meu nome, o sr. pergunta se tem alguma coisa contra essa mulher aqui. Está aqui a carteira de identidade, se eles disserem que tem o sr. me prende, se disserem que não o sr. me deixa passar... 'Não, não tem essa não', dizia o polícia. Aí apareceu um cara que parecia ser um latifundiário dali, de chapelão, bota gaúcha, com rebenque na mão. Eu falando com o delegado e sentindo que ele estava olhando pra mim e para o menino. Quando fui saindo ele veio atrás de mim e disse: 'eu levo a senhora e o menino pro outro la-

do. Só tem uma condição: quando chegar, a senhora pega um avião imediatamente para Buenos Aires, não fica mais nem cinco minutos lá'. O que é que eu ia fazer? A única coisa era confiar nele. Fiquei sentada no carro dele, completamente morta, ali podiam me matar, podiam me levar, qualquer coisa. Ele subiu, pagou o hotel, desceu e me botou do outro lado da fronteira, num rio estreito, que a gente cruzou numa balsa. Desci no outro lado e peguei o avião para Buenos Aires, os reflexos voltando quando me afastei um pouco da fronteira brasileira. O tempo todo o meu filho perguntava o que estava acontecendo, pra onde a gente estava indo e eu só sabia dizer: Estamos indo ver papai, agüenta as pontas aí que vamos ver papai. Depois peguei um ônibus para Mendoza. Quando cheguei, um funcionário disse: 'Ah, a senhora não pode sair da Argentina porque a senhora não entrou, não tem visto de entrada'. E agora? Voltar? Eu morro aqui na Argentina mas não vou voltar, o sr. tá louco! Mas voltei pra Buenos Aires. Fui à Secretaria de Emigração, dei uma bronca fingida: como é possível que a gente passe pela fronteira e não tenha ninguém para botar um carimbo no passaporte? Que bagunça, que esculhambação! O pobre funcionário ficou meio assustado, me pediu desculpas, me deu o carimbo e pegamos o avião para o Chile. Quando finalmente chegamos, se você perguntasse o meu nome eu não saberia dizer...

Eu posso viver toda uma vida superficial...

O Chile foi uma experiência muito ruim, eu me sentia numa armadilha o tempo todo, em todos os sentidos. Lá vivi de fato a solidão que antes vivi acompanhada. Até de meu filho tive de me separar porque fui morar numa pensão onde ele não podia ficar comigo e ele teve que ir morar com o pai. Em determinados momentos sentia que se morresse não tinha nem a quem chamar. Por causa dessa solidão mesma, vivi uma situação de independência absoluta. Eu era eu. Isso era evidentemente uma coisa muito triste de concluir, mas podia viver sozinha no sentido de não ter amigos, não ter companheiro, não ter uma família, não ter organização política nem luta política, não ter absolutamente ninguém, não ter nada.

Foi importante porque eu estava voltando a certas coisas: rompi o círculo de uma situação de impotência muito grande. Voltei à Universidade, comecei a trabalhar, entrei para um partido político e militava, mas aquilo tudo chegou num momento em que eu estava cansada demais. Não pude nem realizar que era uma fase nova, que podia ser uma coisa boa, um novo caminho que se abria. De uma certa maneira estava somente sobrevivendo. Fazia o que tinha que

fazer, o que me propunha fazer, mas de uma certa maneira não vivia. Pensava em comer no dia seguinte, que as pessoas existiam, existia um trabalho a ser feito, existia alguma coisa que devia dizer em determinado momento, mas tudo muito mecanicamente, muito sem sentir o fato que estava vivendo. É muito estranho que eu possa fazer tudo sem sentir. Posso viver toda uma vida superficial, que não tem nada a ver com o que estou vivendo profundamente, muitas vezes é até o contrário, completamente diferente. Eu era considerada muito eficiente no meu emprego, mas não sei como fazia o trabalho. Tinha amigos, falava, sorria, escrevia, estudava, pensava: não sei como. O Chile é bonito, bonito. Meu filho ia às manifestações de rua e eu gostava de vê-lo marchando, vivendo aquelas coisas. Sem angústia.

Foi exatamente nessa época que conheci um homem que é realmente uma pessoa fora de série, doce, alguém assim não deformado nem como pessoa, nem como homem, nem como militante. Ele não é puro, não, não é inocente não, mas parece que tem uma coisa boa nele sempre maior e mais forte que o que é ruim. Assumi o meu filho como filho desde o princípio, era capaz de ser mãe e pai de alguém! Pude viver com ele nesse tempo, porque ele era diferente. Eu me lembrava que 80% das brigas no meu casamento eram por causa da divisão dos trabalhos domésticos, dos trabalhos com a criança. Eu esperneava permanentemente contra isso. Outra pessoa no mesmo esquema eu não aceitaria jamais. Era fase enterrada. Mas não pude viver com ele mais do que uns poucos meses, porque eu estava muito ferida, muito triste, me sentindo meio morta por dentro, não tinha condições de viver com ninguém.

Logo depois veio o golpe... Sentí a mesma coisa que senti na época do golpe no Brasil: aquilo tudo tinha uma enorme coerência, nada daquilo era absurdo, pelo contrário, aquilo era para acontecer. De uma certa maneira senti mais alívio com o golpe do que ficar esperando pelo golpe, porque agora você sabia qual era o JOGO REAL, parava de viver a fantasia, começava a viver a realidade por pior que fosse. Foi isso que senti no momento do golpe: acabou a ilusão, começou a verdadeira brincadeira!

Eu estava ainda vivendo com esse companheiro. Ele foi pra uma embaixada porque era bastante mais perigoso para ele do que para mim. A gente tinha um carrinho, eu tinha um passaporte brasileiro vencido, mas que enganava a polícia no Chile, então eu levava gente pra Embaixada, tirava gente da embaixada, transava pra lá e pra cá. Tinha uma angústia muito grande de que tudo que eu começava se partia, se cortava, e então tentei ficar no Chile porque tinha começado de novo a Universidade. Tentei, e vi que não dava.

Como as alternativas não eram muito gloriosas, acabei indo para a Suécia. São quarenta e oito horas de avião do Chile para a Suécia... É um outro mundo, um outro planeta! Lá encontrei as famosas condições materiais dos suecos. Senti que o fato de ter um filho não era absolutamente um peso. O que era básico, elementar, estava garantido. Existia para comer amanhã, existia casa para a gente dormir. É uma situação absolutamente *sui generis*, uma mulher solteira, uma mulher que está sozinha com um filho é uma privilegiada, é reconhecida por todo o mundo, tem certos direitos e ajudas especiais. Não me refiro apenas às ajudas econômicas, falo de apoios e facilidades concretas para estudar e trabalhar. O fato de ter um filho nunca pesou contra mim, as condições para criá-lo eram boas, realmente boas. É uma sociedade em que a criança é respeitada como tal. Tem as necessidades dela e os adultos têm que se submeter a isso também. As crianças estão absolutamente seguras, não há hipótese de acontecer algo ruim para uma criança, a não ser por um acidente muito desastroso.

E como não havia problema material nenhum, se eu quizesse mergulhar no meu passado, nos meus problemas, na minha fossa... podia. Se quizesse tinha quinze horas todos os dias pra pensar. O correio trazia dinheiro, na Universidade todo o mundo me tratava como uma flor porque afinal, eu era mãe solteira. Bom, se a pessoa puder relaxar, aquilo pode ser extraordinariamente fértil, a gente pode produzir coisas, pode começar talvez até a ser feliz... Mas se não relaxar, sente que caiu exatamente na situação dos filmes do Bergman: começa a viver numa espécie de hospital psiquiátrico com paredes acolchoadas pra poder dar murros sem se machucar. Não deixam você morrer. Nessa situação, os medos, os impulsos, tudo isso toma a linha de frente na vida e... tá perdido! Senti profundamente que estava acontecendo comigo um pouco daquela história da formiga saúva e do Brasil: ou o Brasil acaba com a formiga ou a formiga acaba com o Brasil. Vi que ou acabava com o meu passado ou o meu passado acabava comigo. Tive na minha cabeça durante muito tempo, como lema, uma frase do Plínio Marcos que li em alguma revista: 'quem guerreia não tem fossa'. Ah, mas na Suécia a guerra acabou... Eu não tinha mais uma luta política nem uma luta pela sobrevivência. Restava só aquela coisa escura e o medo da fossa que é um pouco o que são os filmes do Bergman. A única coisa que podia fazer e fiz, era tentar não ter fossa apesar de não ter guerra. Conseguindo isso, consegue-se um equilíbrio emocional extraordinário! Então comecei a me levantar e a pensar no que, afinal, eu tinha realmente vontade de fazer, a que é que eu me propunha.

Voltei à Universidade. Tinha uma casa para mim e para o meu filho, tinha um passaporte, tinha independência pessoal e econômica e tinha até férias... Mas tinha também solidão. A solidão é algo sempre presente na Suécia. Tudo que seja legislação social, criança, velhice, parto, mãe solteira, é extremamente avançado, funciona como um relógio. Mas por outro lado vi que aquela sociedade foi criada na base de um individualismo tal que as pessoas esqueceram como são as relações humanas; a relação homem-mulher é uma coisa tão trágica quanto em qualquer outro país do mundo. Se um homem sueco não pode, por exemplo, bater na mulher, ou qualquer coisa pelo estilo, pode oprimi-la no sentido de ter uma atitude extremamente fria. Existem as mesmas mazelas, os mesmos problemas que podem surgir numa situação em que as pessoas não se respeitam de fato, em que as pessoas não sabem se amar de fato, onde sentem que não precisam umas das outras. A solidão é profunda e permanente. O espaço aberto entre as pessoas é enorme!

Começava a me sentir desanimada, quando o Z apareceu. A gente começou a viver junto e ele me meteu na cabeça a idéia de vir para a Inglaterra. Terminei um mestrado. Depois de treze anos resolvi finalmente o problema do diploma, mas agora não sei o que fazer!

Sinto que fiz muitas coisas fora do tempo. Estudar numa Universidade é algo que você tem que fazer até os vinte e cinco anos. Depois você não tem mais aquela ilusão necessária, já viu coisas demais, já sabe demais, já tem consciência de coisas demais, e não dá, não dá... Você está ali todo o tempo de má vontade, ainda mais em sociologia, em que tudo parece profundamente inútil, questionável, pobre, sobretudo no sentido de dar um conhecimento – que é o conhecimento que quero – para aplicar em cima de uma prática política. Não consigo mais ser estudante. Sou uma militante que tive que fazer a Universidade, e não estou satisfeita.

O desencanto com o trabalho universitário é generalizado, quer na Inglaterra, quer na Suécia. Isso talvez seja uma sensação provocada por esses países desenvolvidos em que você sente que está tudo pronto e há tão pouco para fazer! E eu também me deixo contagiar por este desencanto. Quando penso em começar agora... Além disso não consigo pensar em mim como uma professora universitária. Não consigo me ver num trabalho teórico. Talvez se estivesse no Brasil sentisse que teria uma contribuição a dar, visse um sentido, me animasse, fizesse o trabalho e me sentisse de alguma maneira feliz. Mas aqui, a sensação que tenho é de que há tão pouco lugar pras pessoas! Todo o mundo como que não tem alternativa: não gosta do

que faz, fica porque tem que sobreviver, sustentar família, trabalhar enfim. Tudo isso me angustia terrivelmente, e sinto que não estou na minha. Tentei ver outras possibilidades, mas tudo aqui é tão terrivelmente difícil! Então, eu realmente não sei, não sei.

No balanço, o que resta é uma frustração muito grande. Acho que aprendi muito. Aprendi muito mais do que se tivesse ficado lá no Rio, vivendo uma vida bem calma, bem pacífica, mas do ponto de vista de perdas e ganhos, não tem dúvida nenhuma de que ganham as perdas. Perdas, no sentido de que passaram-se muitos anos, e nesses anos o que pude fazer foi muito pouco. Em compensação, o que não pude fazer foi muito, muito grande.

Importante é a gente ser capaz de aprender, ser mais lúcida, ver mais claro. Isso significa um esforço enorme e consequências terríveis para a pessoa mesma. Ainda tenho forças suficientes para ver o que aconteceu comigo, com os companheiros de luta política, ver o que aconteceu com o Brasil e o que aconteceu com o meu próprio filho. Ele também sofre muito. Recebeu uma carga grande demais, demasiado rápido, é maduro demais para a idade dele. Não gosto nada disso. Acho que ele sente a mesma coisa que a gente, caminhando de um país a outro, de uma sociedade a outra, de uma tentativa a outra... Ver isso tudo não pode me dar perspectiva alegre das coisas, não me permite dar um balanço positivo do que foram as minhas vivências no exílio até agora.

Hoje em dia sinto que devo questionar tudo, e é muito ruim a gente viver sem nenhuma fé, sem certeza de nada. No começo dessa história eu acreditava que a esquerda seria capaz de criar uma alternativa, uma sociedade e uma vida melhores para as pessoas. Agora já não sei, e isso é terrível porque todo o vivido foi vivido porque eu acreditava nisso. Dizer isso não significa duvidar que o socialismo como sistema seja melhor que o capitalismo. Tampouco significa duvidar que o socialismo virá. Acredito nisso como acredito que vem o dia de amanhã. Agora, uma coisa que aprendi é que não adianta entrar na fossa, numa fossa pessoal por causa de coisas tão grandes e complexas. O socialismo não é algo que eu possa idealizar, que possa modelar de acordo com o meu gosto, com o meu sonho. Então me sinto impotente, terrivelmente pequena, porque só agora, aos trinta anos, entendo que tudo que sofri pelo meu sonho não fez o socialismo mais viável, mais possível ou mais próximo. Não posso pretender carregar o mar no bolso.

Ter consciência de todas essas coisas e viver no Brasil hoje em dia deve ser então algo de muito terrível, talvez por isso,

para mim, a volta é uma interrogação muito grande. Englobando tudo que a gente vê no Chile, na Suécia, no Brasil, na França, na Inglaterra, esse sistema vive uma crise tão funda, com efeitos tão impressionantes nas pessoas, que a gente não está mais buscando um lugar para ser feliz, mas um lugar onde se possa viver como gente. Quer dizer, *viver vendo as coisas*, viver usando a memória, porque é muito fácil quando a gente começa a ter uma memória bem seletiva, bem oportunista. Mas quando você tem uma memória que é capaz de lembrar tudo o que viveu, aí fica muito difícil, porque apesar de tudo, e apesar de nunca se saber o que vai dar, o único jeito de viver é lutando. Mas isso não impede que eu sinta de fato uma grande perplexidade.

INTERIOR

QUANDO EU ROMPI COM A ORGANIZAÇÃO fui para o interior. Estava muito nervosa, me contaram que cheguei a falar de noite, chamar nomes, então eles se preocupavam muito comigo, com a minha segurança, mas não ligavam nada ao que eu dizia; devo reconhecer que estava muito nervosa mesmo.

Era um tipo de gente bem simples, que tinha um nível totalmente diferente das pessoas de organização que eu conhecia, eram caras que não eram profissionais de política, nem estudantes, tudo gente com 35, 40 anos e havia as mulheres que eram mulheres desses homens. O meu contato nas casas em que fiquei foi com uma dona-de-casa mesmo, que não tinha nada com nada, e com mulheres vindas do campo que eram terrivelmente oprimidas pelos caras delas, mas ali, no seu dentrinho, tinham uma visão crítica daquele negócio que foi uma das coisas mais incríveis que encontrei a nível de mulher em toda a minha vida.

Entrei em contato com essas mulheres porque precisava mudar a cara, precisava da ajuda delas. Na medida em que eu era completamente descartada pelos homens, comecei a manter um nível de diálogo maior com elas. Mal sabiam ler, escrever.

A dona da casa era uma autêntica pequena-burguesa, vinha de uma família bem, tinha só aquela posição crítica, tinha medo, queria que o marido saísse daquilo. Mas o interessante é justamente a outra família, duas irmãs vindas do campo, de muita coragem, que tinham passado uma vida duríssima.

Uma delas fazia unha pra fora pra dar mais um ingressozinho pra família. O marido tinha sido preso em 1964. Ela fazia uma série de críticas, vendo bem, não eram críticas de negar tudo, mas

críticas aos métodos dos caras dum ponto de vista mais ou menos moral.

Eram mulheres que desde crianças conheciam o que era exploração: exploração era trabalhar de sol a sol colhendo algodão, recebendo um cruzeiro por dia. Essas coisas elas tinham muito claras pelo próprio tipo de vida, pela própria trajetória. Acompanhando os maridos elas conseguiram ter uma visão política muito grande, maior que a dos caras; conseguiam aceitar os objetivos deles, mas eram tremendamente frustradas do ponto de vista mulher. Uma vivia com um homem muito velho, não gostava dele. Começou a contar que todos esses homens eram casados e andavam com outras por fora. Uma deu uma surra violenta no marido quando ele chegou em casa da farra.

Discutiram a opressão que pesava sobre elas, o fato de não se dizer nada pra elas, só fatos consumados: é preciso mudar de casa que vem polícia atrás... De só serem chamados quando os homens precisavam de ajuda. E foi assim quando eu precisei cortar o cabelo. O marido foi lá, inventou uma história; depois que ele saiu – a casa era um quartinho e a cozinha – ela me chamou na cozinha e disse: agora que ninguém tá ouvindo, vamos esclarecer a situação porque esses caras são todos uns filhos da puta, uns sem-vergonhas, o que eles estão fazendo é certo, mas com eles eu não faço; agora, com você o caso é diferente, daqui só vai sair em cima do meu cadáver!

A irmã dela era costureira, trabalhava na colheita do algodão. Essas mulheres organizaram reivindicação de salário na fazenda, pediram um aumento, o patrão não quis dar: então foram pros maridos – ‘é preciso fazer alguma coisa’ – os homens não toparam, elas organizaram quarenta mulheres, pegaram pau de enxada e deram uma ‘pisa’ no patrão. Ele deu o aumento na hora.

Elas participavam, mas não na organização dos maridos; se organizavam entre elas, era uma verdadeira máfia de mulheres! Uma delas, mulher de operário, tinha oito filhos que eram os maiores distribuidores de panfletos que já vi. Ela saía com a molecada, um na barriga, um no colo e o resto tudo com papezinhos debaixo das portas.

Como não era uma coisa totalmente clandestina eles se visitavam, os maridos discutiam política e elas criticavam os maridos, porque aquele tipo de ação política no fundo as deixava de fora. Elas aceitavam que mulher deve ser submissa mas se revoltavam de muitas formas: uma era totalmente fria com o marido, outra fazia cenas...

Criticavam o comportamento dos maridos, diziam que os caras pregam e não cumprem, pregam o respeito, a igualdade e as exploram, que são todos uns canalhas. Agora, o que eles querem elas aceitam, concordam, tanto que se organizam paralelamente. Desde pequenas elas vêm trabalhando, levando cacetada, tão vendo que o filho do fazendeiro come e elas não comem, são muito combativas, até do ponto de vista de combater o marido; não aceitam coisas que tranquilamente a mulher pequeno-burguesa aceita. Elas gritam com o cara, não fazem comida pra ele, não dormem com ele, se impõem, enfrentam o cara, podem largá-lo e sobreviver. Uma delas largou. Outra não era nem casada, tinha uma filha, enfrentava a sociedade e cuidava da menina.

Eu acho que o próprio nível de combatividade que elas tinham diante da vida é que fazia com que aceitassem alguns dos objetivos políticos dos maridos. Mas diziam: 'terminar a exploração e terminar a *minha* exploração também.'

Eunice

Janeiro de 1978.

Ana Maria
Setembro de 1977.

Vivendo com um passado inventado...

PORQUE SAÍ DO BRASIL? Bom, acho que isso não é nem original, nem extremamente interessante. Acontece que eu não pretendia sair do Brasil. Saí apenas para fazer uma coisa determinada e voltar. E depois, por toda uma série de acontecimentos, principalmente pela degradação da situação da esquerda, acabei ficando. Então, se há qualquer coisa de original na minha experiência é o fato de durante muito tempo eu não ter encarado o exílio como exílio. Continuei militando fora e vivendo a espera de voltar, a espera de poder entrar novamente no Brasil, e por isso não considerei nenhum dos países por onde andei como um país de exílio.

A maioria dos brasileiros que se integrou no Chile viveu aquela experiência como uma segunda esperança. O Chile foi uma espécie de oásis – não só para os brasileiros mas para a esquerda latino-americana em geral. O golpe marca o fim de um período em que houve uma experiência mais maciça de exilados latino-americanos, das mais variadas origens, uma espécie de experiência mais social do exílio, e as pessoas sentiram a perda do Chile como algo sofrido na própria carne, como um segundo exílio. Eu não senti da mesma forma porque não vivi como exilada no Chile. Vivi lá provisoriamente, como em outros lugares, por um longo período da minha vida, sempre provisoriamente. Mas isso não impediu que, quando estive na Argentina, depois do golpe, sentisse como se o mapa tivesse terminado, como se faltasse alguma coisa, uma coisa que não existia mais ou pra onde não se podia mais ir...

Pra mim, a experiência mais marcante do exílio, é curioso, não é bem de exílio, é uma experiência de clandestinidade no estrangeiro. O sentimento mais negativo que desenvolvi nesta experiência, acho que nem foi propriamente o medo – talvez por mecanismos psicológicos eu já nem tivesse medo – pelo menos não era mais aquele medo que antes, numa situação de maior inexperiência, eu sentia constantemente. Tinha um certo mecanismo de pensar que *não vai acontecer*, não ficava mais a cada momento esperando o desenlace fatal. O que mais me assustou nisto tudo foi a sensação de estar ficando absolutamente desenraizada. Desenraizada por estar clandestina, por estar exilada, por estar num país estrangeiro com uma identidade que não era a minha. A nacionalidade que adotei também não era a minha, nem a dos países em que vivia. Comecei a desenvolver certas capacidades teatrais para convencer os outros de que eu era a pessoa que constava naquela falsa identidade. E fui adquirindo uma sensação de vazio, de perda da minha própria identidade. Na medida em que eu não era fulana de tal, que morava na rua tal, que todo mundo conhecia, eu podia ser qualquer coisa! E ficava chocada cada vez que as pessoas acreditavam que eu era aquela que fingia ser. Ao mesmo tempo tinha muito temor que os outros suspeitassem, que dissessem, ‘ah, você não parece isso e aquilo...’ Como aparento ser mais nova do que sou, nos documentos eu tinha menos idade. Então procurava me comportar como se tivesse aquela idade. Como parecia jovem, eu *era* jovem. Mas de fato o único dado verdadeiro nessa identidade era o sexo feminino. Só isso.

A coisa que mais me pesava era a solidão, mas uma solidão total, não só porque ficava horas, muitos dias sem falar absolutamente com ninguém, mas também porque tinha que falar o mínimo possível com a maioria das pessoas. Mesmo com os companheiros, eu não podia falar da minha vida pessoal, pelo menos achava que não devia. E cada vez ia sendo mais afastada do meu passado. Era a solidão e a falta de raízes. Tudo isso foi me dando um amor, um ufanismo, digamos assim, brasileiro, a ponto de querer ouvir música brasileira e tudo que fosse brasileiro. Mais tarde, quando assumi o exílio com papéis legais, isto me levou a querer ver todo e qualquer brasileiro, os mais chatos, os mais insuportáveis, aos bandos, às dúzias, enfim, recuperar numa certa medida as raízes. Neste período eu fazia muita questão de procurar as pessoas que me conheciam, que sabiam quem eu tinha sido, que podiam perguntar, ‘e a sua mãe, e o seu pai?’

Tinha estado clandestina no Brasil, mas acho que aquela clandestinidade não foi dura. Nunca fiquei assim sem dinheiro, sem ter onde morar, sem suportes legais, sem pessoas que fossem da minha confiança. Na clandestinidade dentro do Brasil um militante

tem sempre a referência de outras pessoas que estão também militando. Embora não saibam muito sobre o passado de cada um, você sente que pertence a uma certa geração, a um mesmo grupo.

No exterior eu passei por coisas realmente muito, muito difíceis. Fiquei muitos dias sozinha, completamente sozinha, sem falar com ninguém, viajando de lá para cá, sempre fingindo ser outra pessoa. Estar clandestina num país estrangeiro é quinhentas vezes mais complicado, quinhentas vezes mais perigoso. Ainda por cima, eu tinha passado apenas alguns dias no meu pretense país, sabia poucas coisas sobre ele. E me via sempre em palpos de aranha. Isto sem falar no problema da língua! Falava o idioma do país que teoricamente era o meu, mas não falava perfeitamente bem. Então tinha que evitar falar a minha língua e tentar falar a língua do país em que vivia com um sotaque determinado. Isso realmente é o que dava mais trabalho e exigia uma certa capacidade teatral que me deixava muito tensa. Todas as atitudes tinham que ser construídas, a espontaneidade tinha que estar sempre cerceada!

Aí comecei a me preocupar com a perda de identidade. Porque o indivíduo que está exilado, mesmo no país mais reacionário do mundo, sempre encontra uma parte da população que o defende. Ele pode assumir a identidade de exilado, pode falar com as pessoas do país onde está, contar um pouco o que fez... Mesmo que não esteja integrado socialmente, não perdeu suas raízes, tem uma ligação com seu passado, com a sua origem. Em dado momento, comecei a perceber que este meu desenraizamento social começava a ser improdutivo politicamente. Dava pra perceber também que essa situação era totalmente desgastante. A partir daí, juntou tudo: o problema da solidão, da falta de raízes, da falta de identidade. Mesmo não tendo acontecido nada de grave, cheguei a um ponto tal de desgaste que acabei fazendo a escolha de deixar a clandestinidade e de assumir a minha personalidade integralmente. Para isso, exilei-me num outro país.

Até então pensava voltar clandestinamente ao Brasil. Isto era possível e eu achava mesmo que as possibilidades estavam aumentando. Portanto, a opção que fiz de deixar de ser clandestina no exterior era também uma opção de não voltar pro Brasil naquele momento. Já não agüentava mais! Eu queria falar: a minha irmã se chama assim... meu pai, minha mãe... Não queria me integrar numa outra cidade, num outro Estado... não queria mais aquilo. Não queria mais ser clandestina!

Nada disso significava um desinteresse meu por política. Significava apenas a necessidade de fazer uma coisa mais fácil e que me desse mais, que me 'alimentasse' mais. Alimentar era um ter-

mo que eu gostava muito de usar. Tinha trabalhado sem 'alimentação' e precisava fazer coisas que não me desgastassem tanto. Então agora estou numa fase de um certo repouso, um certo descanso.

Não critico as pessoas que continuam fazendo o que eu fiz, às vezes até com maior sucesso. Não, não faço nenhuma crítica e nem tenho nenhum arrependimento de ter feito. Mas também não estou arrependida de ter decidido parar, porque acho que tenho o direito. Nunca senti essa decisão como algo errado. E sempre justifiquei o fato das pessoas reconhecerem que têm certas debilidades e que não podem fazer certas coisas. O que nunca aceitei é que algumas pessoas – porque tinham certas debilidades – generalizassem para o 'ninguém deve fazer essas coisas'. Como atitude geral, acho que estava certo. Não me critico por ter vivido o que vivi. Acho que as pessoas que não precisaram tomar essa atitude e que agüentaram, alguma coisa de útil elas estão fazendo. Só não concordo com essa história de ficar fazendo projetos de voltar a cada três meses, por uma questão de falta de avaliação. De fato houve pessoas que se iludiram sobre o caráter transitório do exílio, que superestimaram as possibilidades de volta. Mas esta não é uma crítica absoluta. Com efeito, não critico de maneira nenhuma a intenção de voltar nem as pessoas que voltavam clandestinamente. Além disso, acho que a volta nessas condições agora é diferente do tempo em que havia uma esquerda militar no Brasil, quando as pessoas não reivindicavam uma inserção social. Isso já passou, foi até cantado em prosa e verso. Os projetos de volta clandestina dos anos mais recentes, abortados ou não, previam a integração das pessoas. O meu era assim. Mas eu já não queria mais me reintegrar com outra personalidade que não fosse exatamente a minha. Acho que os que conseguiram, fizeram muito bem.

Caracterizo o começo do meu exílio no momento em que acaba essa longa clandestinidade vivida fora do Brasil. O exílio começa para mim quando reassumo a minha verdadeira identidade, peço um asilo, tomo a decisão de me estabelecer num país e de ficar esperando a abertura, isto é, o momento em que possa entrar no Brasil com os meus próprios documentos. Antes disso, eu era aquela que estava de passagem. De passagem na casa de outros ou mesmo nas minhas casas. Quando tinha um lugar meu era sempre extremamente provisório. Tudo era provisório: nunca morei mais de três meses numa casa. Todas as minhas coisas cabiam em duas malas que eu podia levar na mão. Acho que a situação de exilado, de uma maneira geral, é uma situação de maior segurança do que a de quem está sempre voltando. Mas se a palavra exílio significa estar longe da palmeira e do sabiá, sinto que depois que assumi o exílio e que passei a falar com brasilei-

ros, com pessoas que conheci no Brasil, estou muito mais próxima da palmeira e do sabiá. Nesse sentido, estava mais exilada antes.

Agora estou muito bem nesse exílio, é um doce exílio, pode ser que eu tenha tido sorte. Vivo uma vida muito mais fácil, mas não estou nem mais satisfeita nem mais realizada. Porque este tipo de vida menos militante não me dá um maior número de compensações. É verdade que retomei uma vida profissional, que é interessante, mas não me realiza tanto quanto o período de militância antes do desgaste, que foi pra mim uma experiência emotiva muito forte. Então, a conclusão que tiro do período de exílio é que preferia muito mais ter uma militância política que desse satisfação.

Relativizando as coisas...

A partir do momento em que saí do Brasil a minha maneira de pensar foi mudando, numa série de aspectos, mas nunca houve uma mudança radical, a descoberta de um mundo muito diferente onde tudo se tenha transformado. Foi tudo paulatino. Primeiro, comecei a aprender a integrar as coisas. Quando era militante no Brasil, o meu mundo era só esse. Agora conheço outras coisas, assimilei novas experiências. Vi, por exemplo, que a esquerda brasileira é uma esquerda pequeno-burguesa (a gente conta nos dedos os operários que foram presos, que saíram como exilados). Isso não acontece com a esquerda da maior parte dos outros países latino-americanos. Daí que encontrar militantes destes países, exilados como eu, e que tinham uma origem social diferente, foi extremamente importante. As coisas todas se colocam de outra maneira. A própria questão da clandestinidade. Não conheço nenhuma outra esquerda, além da brasileira, que tivesse pensado e até escrito que a verdadeira militância exige que você não tenha contacto com as massas! Também em relação aos filhos, a concepção é diferente. A maioria das organizações brasileiras achava que os militantes não deviam ter filhos. E eu convivi com militantes de outros países que, na clandestinidade, mesmo em situações duríssimas, achavam que todo mundo devia ter filhos. Que era importante contactar com as pessoas do bairro, fazer compras, levar o filho ao jardim, enfim, conviver, mesmo que a fórmula demagógica que usavam *conviver com o povo* significasse, na prática, conviver com o homem da quitanda. Isto é um ensinamento meio banal, mas extremamente útil. Inserir-se socialmente revela, no fundo, uma sabedoria que vem da origem social daquela esquerda. Tudo isso para mim foi muito educativo.

Um outro exemplo é o conjunto de idéias que boa parte da esquerda brasileira defendia naquela época, sobre o que era

um bom comportamento de um militante na prisão, seja no momento da tortura, seja depois. Acho que essas idéias também estão ligadas à origem social da nossa esquerda, pois verifiquei que muitas vezes os critérios são outros numa situação social diferente. A própria idéia da segurança, do que é mais seguro fazer, do que está certo, do que está errado, está relacionada com a situação social. O conceito de segurança no Brasil era, em geral, meramente técnico. Em outros lugares eu vi, por exemplo, as pessoas serem totalmente frouxas numa série de questões de segurança, baseadas, aí erradamente, numa confiança nas massas. Acho que estas pessoas puderam cair nesse erro exatamente porque não estavam isoladas socialmente, tinham um apoio social relativo, uma simpatia, uma ligação qualquer que não existia no Brasil.

Outro aspecto que observei – e isto também tem a ver com o fato da esquerda brasileira ser, em geral, socialmente localizada na pequena burguesia, na burguesia de origem intelectual, muitas vezes com um certo dinheiro – é que se essas pessoas ressentem-se com o exílio, por outro lado reagem bem a certas coisas que há em Paris e em outras metrópoles. Já com as pessoas de origem social modesta, mais popular, trazê-las para a Europa é como tirar-lhes o oxigênio! Convivi muito com bolivianos no Chile, depois em Paris. Eles sentiam-se absolutamente desamparados porque achavam até então que Santiago era a metrópole. Vários deles tiveram grandes problemas, houve uma degradação enorme nas suas vidas. Isso não aconteceu tanto na esquerda brasileira.

Na Europa, em contacto com militantes europeus, acumulei outro nível de experiências. E pensar que por volta de 68 cheguei a imaginar que a situação social no Brasil era extremamente convulsiva, na medida em que uma série de grupos chamavam à luta armada. Quando saí, vi que, socialmente falando, fizemos uma tempestade num copo d'água. O que estava em rebuliço na sociedade brasileira, o que se poderia chamar de uma situação revolucionária, não existia. Só aqui fora é que vi o que é uma convulsão social. Se tivesse visto antes, nunca teria achado que se poderia tomar o poder dentro de alguns anos, nem sequer de dez anos, ou que se poderia implantar uma guerrilha. Eu não acharia isso, não!

Um pouco de passado...

Como é que cheguei à política? Foi como todo o mundo, movimento estudantil, etc. O primeiro contacto que tive, que me politizou, foi antes de 64, foi aquele jornal... como se chamava? *Brasil Urgente*, não era isso?

Eu me casei com dezenove anos, logo depois de terminar o Curso Normal. Não tinha nenhuma vocação para ser professora, nenhuma vontade de entrar na Universidade. A minha vocação nesse tempo era casar e ter filhos. Na verdade nunca houve uma resistência na minha casa a que eu estudasse ou trabalhasse. Tive uma educação até bastante liberal; o que não me deram foi uma educação subversiva no sentido de que a função da mulher não é casar e ter filhos. Enfim, casei. Tinha trabalhado um ano e deixado de trabalhar, como se usava na época. Não tinha profissão. Quando quis me separar, minha família foi contra. Depois me ajudaram, mas enquanto havia a possibilidade de reconciliação fizeram tudo o que puderam para unir o casal.

Nessa época comecei a ter uma certa concepção da libertação da mulher, principalmente da minha libertação, não das mulheres em geral. Uma certa concepção profundamente baseada numa leitura da Simone de Beauvoir, que muito me impressionou. Nesta concepção, rompia-se com alguns costumes, com a idéia de que a mulher deveria ficar com o marido só porque tinha filhos, porque precisava mantê-los. Naquela época passei a achar que uma mulher que fica com o marido para manter os filhos está se prostituindo. Gravei mais ou menos a idéia da Simone de que a cada momento você tem que ter o direito e a possibilidade material e social de escolher se quer ficar com um homem. Eu não queria realmente ser obrigada a ficar com um marido que não estivesse escolhendo cada dia! Não devia haver nenhuma imposição ou pressão social – filhos inclusive – que obrigasse duas pessoas a ficarem juntas. A solução que Simone apontava era muito mais a nível individual. Ela não falava propriamente em integrar a questão da maternidade no processo de libertação da mulher. Hoje tenho uma visão crítica disso, mas acho que não poderia resolver de outra forma o dilema naquele momento da minha vida. Não tinha exemplos diferentes, não conhecia nenhum grupo de moças que morassem sozinhas. Então, tive que romper a duras penas com a concepção de que a função da mulher é casar. Todo esse processo aconteceu numa situação relativa de isolamento. Ainda não trabalhava, não estudava, não tinha contato com pessoas de esquerda, estava longe das influências que poderiam existir.

Passei a notar depois uma certa subalternidade das mulheres em grupos políticos, na escola, na Universidade, mas não me incluía nessa situação porque eu era uma mulher que já há muito tempo tinha rompido com certos preconceitos, debilidades, dependências. Nunca tive raiva dos homens que prejudicavam as mulheres, porque achava que elas é que se punham em determinados lugares. E eu não

me punha. Aliás isto faz parte da minha ruptura individualista. Não ia aceitar um determinado número de coisas, e se outras mulheres aceitavam, bom, que ficassem num lugar subalterno. Eu não queria me igualar a elas. Consigo discutir todos os problemas de mulher mais ou menos no nível abstrato, mas não consigo, por exemplo, ter uma espécie de sentimento de luta de classe em relação aos homens que muitas mulheres têm, que pode ser negativo, mas pode ser muito sadio também. Sempre me coloquei, e acho que muitas mulheres fizeram isso, profissionalmente e em outros campos, no mesmo nível que os homens. Assim, a minha primeira ruptura e radicalização não se deu pela política e sim pela minha situação de mulher. Mas se deu de uma forma a que eu já chamei de individualista. É a isso que atribuo o fato de nunca haver me preocupado com o movimento de mulheres. E se hoje me preocupo é um pouco porque todo o mundo se preocupa. Mas não consigo sentir na minha carne. Sempre tive tendência – só muito recentemente é que não tenho – de achar que as mulheres, ou boa parte delas, cavam a sua própria cova. Parto do pressuposto de que todo o mundo podia e devia ter feito o que eu fiz, o que no fundo é um certo radicalismo porque eu mesma faço algumas críticas ao que fiz.

Há um tipo de mulheres que tentou ultrapassar, digamos, os preconceitos, as discriminações, o isolamento em que as mulheres são colocadas – tanto na vida profissional como na militância política – igualando-se aos homens, fazendo todas as coisas que os homens faziam. Eu me pus mais ou menos nessa pele, quem sabe inconscientemente. Talvez toda a idéia que eu fiz da maternidade, a escolha de não ter filhos, não foi num primeiro momento ligada à militância, mas à minha realização profissional. Quer dizer, não ter filhos para não perder a minha mobilidade pessoal, para não ter dependência de um homem, de um marido, para poder me realizar profissionalmente. Mesmo antes de fazer política, antes de ser de esquerda, já tinha essas idéias de não me prender, não me comprometer. A minha libertação como mulher não integrava as peculiaridades da mulher, como ter filhos, cuidar deles. Preferia não ter e eliminar o problema.

Hoje essa minha convicção está muito abalada porque eu percebi que isso é falso, que tem que haver uma maneira de se poder ter filhos e integrar na vida todas as coisas positivas e negativas da maternidade. Tudo isso tem que ser integrado tanto na vida profissional como na vida política! E se separei essas coisas pra poder ser independente, fiz uma opção que talvez hoje não fizesse. É muito difícil tentar ser mulher na plenitude (o termo é meio pomposo). Porque ser mulher implica exatamente essa chatice de ficar mestruada, de

ter filhos. Enfim, é integrar alguma coisa que é absolutamente específica da mulher, é integrar algo que é positivo e negativo também, que tem os dois aspectos. Hoje acho que seria muito mais, digamos, dialético, tentar tudo junto, integrar essas coisas, forçar essa integração. Até porque tem muitas coisas positivas que perdi.

Arlete
Abril de 1978.

NASCI EM SÃO PAULO, de uma família de imigrantes: minha mãe é descendente de italianos e meu pai é português. Meus pais casaram-se tarde, ela com trinta e dois anos e ele com quarenta e oito, já aposentado porque era tuberculoso. Quando não estava no hospital, meu pai tomava conta de nós. Na verdade foi ele quem nos criou, pois minha mãe trabalhava. Quando o Getúlio Vargas ofereceu emprego pra quem tivesse participado na Revolução de 32, ela conseguiu o posto de funcionária pública porque tinha sido costureira na Cruz Vermelha. Com a morte de meu pai percebi bem a diferença entre os dois: ela vivia sempre na rua, não se preocupava com os filhos, não nos amava. Teve filhos porque na época não havia pílulas, e a gente bem sentia que significava um peso para ela.

Meus dois irmãos ficaram soltos na vida; minha irmã e eu fomos para um asilo de órfãos; eu tinha cinco anos e era a menor de todos. Era – evidente – um colégio dos pobres, mas as freiras nos tratavam muito bem e eu gostava bastante dali. Tinha mesmo a intenção de me tornar freira também, apesar de achar que tinha sido uma injustiça de Deus levar meu pai e deixar minha mãe. Foi uma freira do asilo quem me orientou bastante na vida, foi ela quem conseguiu o colégio gratuito onde fiz três anos ginasiais. Continuava vivendo no internato e estudava fora, num colégio de pequena burguesia, sem ter vida social com as meninas de lá porque não pertencia ao mesmo meio.

Com a idade de quinze anos comecei a entrar em crise e decidi ficar em casa com minha mãe, estudando de noite e trabalhando de dia. Até aí sempre beata, mais relacionada com a igreja e com Deus do que com a vida. Da vida mesmo não entendia nada.

Como qualquer moça, fui educada para casar e esperava ter um marido. Mas no ambiente em que vivia muitas mulheres apanhavam e eram maltratadas, e isto me criava um conflito muito grande, um quase terror de buscar ajuda num outro indivíduo, de depender do outro. Vida vazia, sem consciência da realidade, sem nenhuma consciência política. As coisas lá fora e ponto.

É então que conheço um rapaz com quem namoro e chego ao noivado. Ele pertencia a uma organização de esquerda que lutava por um mundo novo, onde não haveria misérias, onde todos seriam iguais. Eu achava que havia uma distância muito grande entre nós dois: ele era culto e eu uma menina estudante. Então pra mim parecia inatingível esse mundo bonito dele que eu pensava ser restrito, um mundo onde só algumas pessoas poderiam entrar.

Quando conheci a família dele, percebi uma certa discriminação, ou seja, esta moça não é para casar, não pertence ao nosso meio. E a verdade é que conseguiram nos separar, por isso e sobretudo por questão de moral, porque já na época eu não era mais virgem. Não perdi a virgindade porque quisesse. Não foi violência também, não foi nada. Foi justamente em casa, vivendo em promiscuidade. Mas não escolhi perder a virgindade. O fato é que ele não soube aceitar, embora nós tivéssemos relações e nos compreendêssemos em vários campos. Eu sentia a certeza de que poderíamos enfrentar a vida juntos, mas a 'moral' foi mais forte.

Eu tinha uma vontade muito grande de aprender e foi com ele que, apesar de tudo, comecei a perceber certas coisas. Já questionava, já tinha minhas dúvidas, pois ao mesmo tempo em que conhecia a pobreza convivia com gente rica. Como esquecer meu espanto quando uma vez o padre disse às meninas no retiro: 'Vocês não se preocupem, são ricas, são escolhidas por Deus. Se não houvesse pobres, quem é que ia dirigir o bonde?'

Foi em frente ao sindicato dos metalúrgicos, durante uma greve em 1963, que vi as pessoas lutando duro. E foi então que me perguntei porque nós, os da minha classe, ficávamos na sujeira, vivendo só pelo pão. Naquele momento senti vontade de entrar para uma organização onde as pessoas lutassem por um futuro diferente. Engajei-me numa terça-feira de carnaval. Logo depois veio o golpe. Não afrouxei minha posição; cada vez mais achava que era correto o que estava fazendo, que era justa a minha briga. Continuei militando, até que em 67 surgiu uma chance de estudar no exterior. Era a oportunidade de voltar depois como quadro e continuar a luta, no Brasil, por meus ideais. Era a possibilidade de desenvolver a minha própria militância.

Estudante

De repente você se encontra num país onde tudo, mas tudo, é completamente diferente do seu, e percebe que está só. Agudamente só. Começa a entender que o seu tempo ali é restrito, que não pode planejar um futuro, fazer projetos. Terminado o seu estudo resta-lhe a volta, deixando atrás anos de sua vida. Você está de passagem. E sente esta passagem de forma muito mais marcante na União Soviética do que em outros lugares. A vida limitada no tempo. Já no seu passaporte, quando você entra no país, está marcado o dia, o mês e o ano de sua saída.

Claro que era interessante ver gente de todo o mundo, só que não havia comunicação. Infelizmente o idioma é uma grande barreira e as pessoas viviam em *ghetto*. Na Universidade as relações se limitavam ao nível dos estudos, não extravasavam para o social. E você se sentia atrofiar, pois não podia fazer nada a não ser estudar. Nada do que aprendia ou experimentava lá podia ser transmitido ou levado à prática. Então você sente uma separação entre a sua vida como pessoa e a sua vida como estudante. Pra mim foi muito chocante porque não conseguia separar as duas coisas. Mas tinha que separar e caía em conflito. Na verdade, não podia continuar ali.

Eu tinha a União Soviética como o paraíso. É lógico que muita coisa se modificou realmente. Não havia tanta injustiça, ninguém mais passava fome, ninguém mais deixava de estudar, todos tinham onde morar. Mas não sentia uma certa compreensão da vida. Sentia-os alienados, como se bastasse a eles o pão, a escola e a medicina gratuita. Há um certo marasmo, um certo interesse carreirista, e você percebe que a mudança de sistema não ajudou a modificar o indivíduo. Ninguém está muito preocupado com a política, as coisas que se passam pelo mundo afora não tem nenhum significado...

Fiquei lá quase três anos como estudante. O ensino é bastante bom, embora exista uma visão, por assim dizer, de que a História já está feita, ou já foi feita, cabendo muito pouco espaço para se criar novamente. As coisas estão estruturadas; a História é ensinada por etapas, através dos modos de produção, e uma revisão do passado torna-se um bocado difícil. O interesse dos alunos russos, então, concentra-se no campo da arqueologia ou da etnografia, mas mesmo nesses terrenos o espaço é pequeno devido ao fato deles não poderem sair do país. Daí que muitos se dediquem ao estudo das línguas, o que pelo menos possibilita-lhes bons cargos.

Há uma diferença quase astronômica entre o salário do estudante russo e do estrangeiro. É verdade que ninguém precisa comprar livros, mas o fato é que o salário deles chega apenas para a

comida. Assim, todos lutam por uma gratificação que é dada aos que conseguem manter notas altas. E isto é extremamente negativo. Mesmo assim o ensino lá me abriu muito os olhos para que eu pudesse ver, no ocidente, o que era bom e o que não era, para que pudesse discernir as coisas, pudesse botar os pingos nos *is*, me localizar no mundo.

Logo que cheguei fui viver na cidade universitária. Tinha meu quarto, ducha, refeitório coletivo, tinha tudo o que necessitava. Quando em 1970 decidi viver com um companheiro, por comodidade alugamos um quarto na cidade. O preço era altíssimo em relação ao que os habitantes pagam, porque há um mercado-negro de aluguel de quartos quase que tolerado pela sociedade. Como eles não conseguiram ainda resolver completamente o problema da habitação os casais novos que querem deixar a casa da família pagam um preço pela sua liberdade. Era o que nós pagávamos: quarenta rublos.

A casa onde fomos morar era de operários. Ele trabalhava numa fábrica de couros e a mulher limpava as escadas do quarteirão onde viviam. Tinham dois filhos e os salários que ganhavam dava pra passar bem. O apartamento era moderno, com toda a comodidade, quase no centro de Moscou. Como não havia estrangeiros no bairro, a gente não era discriminado e passava pelos mesmos esquemas da população: fila para comprar coisas, fila para pagar coisas...

O homem vinha sempre bêbado pra casa. No princípio pensei que era frustração, ou mesmo alienação pelo fato dos russos não terem outra preocupação senão trabalhar, voltar pra casa, ver TV, uma ou outra vez ir ao cinema, mas não sei... Dizem que o vício existe, que gostam mesmo de beber vodca. O fato é que ela também bebia, embora só esporadicamente. E quando isto acontecia ela ficava quinze dias ou um mês bêbada. Nestas ocasiões, e quando a coisa ficava mesmo trágica, com as crianças jogadas, a casa toda suja, ele batia nela. Quando só ele bebia não havia agressão, não havia brutalidade. Vinha alegre, falava o tempo todo, não era uma bebedeira agressiva como no Brasil.

Quando ela estava no seu normal era uma pessoa fascinante e eu gostava muito dela. Falávamos de literatura (ela vibrava com Jorge Amado, imagina!), conversávamos muito sobre o seu passado. Ela sofreu a guerra, viu a sua terra – a Ucrânia – ser invadida pelos alemães, ela mesmo foi transportada para a Alemanha pra descascar batatas. Toda a sua vida foi de dificuldades sobre dificuldades: enfrentou a fome, a participação forçada dos camponeses na Revolução na época de Stalin. Ninguém queria participar do trabalho coletivo, foi tudo na marra. Os camponeses escondiam a comida e muita gente preferiu morrer a ceder um saco de trigo.

Eram gente simples, quase não tinham comunicação, ou por outra, comunicavam-se à sua maneira. Ela trabalhava como que seis horas por dia fora, e continuava depois em casa, respondendo pela comida, limpeza e lavagem de roupas. Ele saía às quatro da manhã e voltava às quatro da tarde. Não tinha condição nenhuma de ajudar. Então a relação marido-mulher continuava a ser a mesma de sempre, mas dava pra perceber que não havia aquele autoritarismo por parte do homem.

Aliás, existe como que uma maior liberdade da mulher, uma certa autoridade em relação ao homem, uma personalidade mais agressiva em contraposição a uma maior passividade do homem. Mas ela continua na sua dupla jornada de trabalho, continua querendo casar, ter família, ser uma 'mulher direita'. Só que isto não implica exigência da virgindade. As pessoas se casam, às vezes até de branco, não como símbolo de virgindade, mas por alienação, tentando copiar o ocidente. Nunca vi uma mulher apanhar por ter traído um homem nem por não ser mais virgem, como via com freqüência no Brasil. Já havia o direito ao aborto, mas era feito sem anestesia para desestimular as mulheres a usarem esse recurso. Naquela época sentia-se uma preocupação do governo ligada à natalidade. As russas costumavam dizer que as espirais não funcionavam bem, que os comprimidos não estavam muito desenvolvidos, que os riscos de engravidar eram permanentes. Eu perguntava essas coisas mais por curiosidade do que por uma visão crítica. Isto só vim a adquirir mais tarde. Mas eu me interessava e percebia que o socialismo tentava abrandar as tarefas da mulher, criando restaurantes, lavanderias coletivas onde trabalhavam pessoas dos dois sexos.

Participei de um movimento de mulheres na Universidade, mas era um movimento mais social do que qualquer outra coisa. Era quase um clube, com um caráter assistencial também no campo dos estudos. Até então não compreendia, nunca questionava a situação da mulher. Tinha problema sim com a moral estabelecida, mas não sabia sair disso. Achava que o meu caso - o drama do meu noivado desfeito e tudo - era um caso à parte que eu não conseguia relacionar com o resto; não achava que todo mundo fosse igual ou que todo mundo tivesse o mesmo problema.

Mas a consciência feminista mesmo, esta eu devo ao meu companheiro. Eu tinha uma concepção estreita da minha vida como mulher e ele me mostrou que eu não podia buscar a saída no casamento, que tinha que me realizar por experiências culturais, intelectuais, existenciais próprias. Aí a vida deixou de ser tragédia pra mim e percebi como é triste sofrer por moralismos idiotas. Passei a ter uma nova moral, moral dos seres melhores, do homem tentando mudar pra

algo mais positivo e não carregado de censuras e repressões. Só então pude perceber de fato o que Engels queria dizer...

Em 1970 perdi meu filho recém-nascido. A criança nasceu antes do tempo, foi para a incubadora e aí houve um descuido que lhe foi fatal. Pra mim foi um choque enorme, maior ainda porque se deu num país socialista. Tudo me doeu tanto que decidi deixar a União Soviética. Bastante desiludida com os indivíduos, mais desiludida com os seres humanos do que com o socialismo. A perda do meu filho deixou-me transtornada. Eu tinha em mim um forte desejo de maternidade, queria ser mãe por ser mulher. Mas a partir de então não quis ter filhos, tudo mudou. No princípio a situação era meio neurótica, resultado do choque. Hoje não, hoje assumo mesmo. Não quero ter filho porque acho que a sociedade em que vivemos – tanto as capitalistas como as socialistas – não estão preparadas para o novo.

Nisso tudo o que me restou foi a minha ideologia, uma concepção de uma vida diferente, um ideal. Isto não foi abalado nem destruído. O que houve de novo foi uma percepção maior da necessidade de que devemos lutar para nos modificarmos, ao mesmo tempo em que lutamos pelo socialismo. Acredito no socialismo, continuo acreditando no socialismo. Mas creio que permaneceremos num círculo vicioso se o indivíduo continuar achando que o vital é só a luta pelo pão e contra o patrão, se ele não se preocupar em questionar sua vida, seu próprio eu, o núcleo familiar de onde veio e a nova família que formou. Estas são as questões que as pessoas não querem olhar de frente. Quando digo isso percebo logo uma crítica: Ah, se preocupar com o indivíduo seria idealismo, isso não leva a nada, só aliena... Mas eu digo não. Não vou esperar a sociedade futura para melhorar o meu comportamento. Ao mesmo tempo em que estou lutando por uma sociedade melhor, quero lutar também por ser eu mesma melhor do que sou hoje. Senão, onde está a coerência?

Imigrante

A opção de voltar para o Brasil teve de ser eliminada, já que não poderia continuar meus estudos lá, nem tampouco teria espaço para lutar politicamente. Então nos decidimos pela Suécia, sabendo apenas que era uma social democracia.

Chegamos em 1971, mas até conseguirmos legalizar a nossa situação no país, vivemos cinco meses trabalhando no chamado 'trabalho negro'. Meu objetivo principal era estudar e para isso tratei de aprender o idioma. Mas não pude continuar no campo de história porque os três anos que fiz na URSS não foram reconhecidos.

Tentei então a etnologia. Só que além do sueco exigiam o domínio do alemão, do dinamarquês e do norueguês. Tive de parar meus estudos. E foi trabalhando que vivi quase três anos na Suécia. Meu primeiro emprego foi de carteira: trabalhava só quatro horas por dia e ganhava o bastante para me manter. Depois passei a trabalhar aos sábados e domingos num hospital, ficando com a semana totalmente livre.

Eu não via a Suécia, a social democracia, com olhos críticos. Pensava em me integrar, participar, lutar, recuperar os anos perdidos. Escolhemos a Suécia como um país que possivelmente nos adotaria, nos preocupamos em estudar a sua cultura, tentamos na medida do possível nos integrar. Foi um erro. Só mais tarde percebemos que a integração é impossível, e foi então que veio a minha consciência de imigrante: eu era uma estrangeira que trabalhava lá e que não era aceita dentro da sociedade. Porque a integração de um estrangeiro na Europa, e no caso da Suécia, só se dá na medida em que ele perde a sua identidade. Se isto não acontecer, você – que vem de uma cultura diferente, que tem um modo diferente de encarar a vida – entra em choque e acaba saindo de lá. Foi o que aconteceu conosco...

Na Suécia não se encontra miséria, mas vai se encontrar um 'caso social' que são os bêbados. Vai encontrar a juventude insatisfeita com aquele capitalismo galopante, descontente e desestimulada com o desemprego intelectual. O proletário não se identifica mais como proletário, tem seu carro, sua casa de campo, é social-democrata 100%. E a população em geral que reclama, reclama e reclama, e não participa. Aliás, tudo funciona regularmente e há muito pouco espaço para participação e criação. O movimento feminista, por exemplo, tem muita dificuldade em mobilizar as mulheres para uma luta: levantam uma bandeira, o Governo vem e faz: levantam outra, e é a mesma coisa... Não é o fato de ser uma gente diferente. É que o sueco tem uma especificidade: ele é só e se reconhece como tal. É a única população que conheci que tem consciência dos seus próprios erros, mas que apesar disso não faz muita coisa para se modificar. O fato de conhecer bem a cultura deles fez com que eu compreendesse que o sueco não se tornou só com o capitalismo. Ele vive só há muitos anos. O caráter dele, a personalidade dele já são velhos desta forma. Há como que uma solidão quase que estabelecida e os estrangeiros sentem-se bloqueados com isso. Os imigrantes como eu, gregos, espanhóis, iugoslavos, que vêm de sociedades mais patriarcais, de repente se dão conta de que estão numa sociedade dividida em três classes que não se misturam: velhos, jovens e crianças. Tentam se integrar, mas descobrem que não pertencem àquele mundo. E isto faz com que se perca a espontaneidade. Meus amigos suecos não conseguiam abra-

çar-me e beijar-me pelo simples fato de que não estão acostumados a fazê-lo. Eles eram uns poucos, gente mais aberta, normalmente de esquerda, com uma visão crítica da sociedade. Havia uma certa comunicação entre nós: falávamos a mesma língua, não o sueco, mas uma mesma língua ideológica. E éramos amigos por isso.

Havia lá uns poucos brasileiros e, em conjunto, trabalhávamos pela denúncia da ditadura brasileira. Já depois do golpe do Chile, com a vinda de outros brasileiros e latino-americanos, foi que entrei em contato com um maior número de exilados. Eu servia de intérprete e tentava de uma forma ou outra ajudar aquele pessoal que chegava. A vida então ficou mais cheia. Apesar disso, quase que automaticamente, passamos a viver como os suecos, sem aquela espontaneidade, as relações formais entre as pessoas. E tudo lá contribuiu para isso. As pessoas trabalham aos sábados e domingos em rodízio, o que torna o encontro mais difícil. Você tenta participar, formar organizações pra denunciar a ditadura – eu participei até em movimentos feministas locais – mas a coisa não é plena, porque se está ali e não se pode fazer muito. Você participa, faz isso, faz aquilo, está denunciando para a imprensa (é bom), para o mundo (é bom), mas está de novo e sempre atrofiada, está fora do seu país.

Depois do golpe do Chile o exílio ficou mais claro. Fui percebendo que a situação toda estava tão ruim que o meu exílio, a princípio voluntário, virou necessário. E as pessoas têm que ser muito fortes para não serem derrubadas, pois quase conseguem derrubar as pessoas com o exílio. A minha maior tristeza foi quando verifiquei que o pessoal vindo do Chile começou a se acomodar na Suécia, uma sociedade tipicamente de consumo. Você nem se dá conta e quando vê quer é consumir, sem perceber que está se alienando. Daí veio a minha necessidade de sair de lá e negar tudo o que fosse consumo. Fiquei contente comigo mesma por ter despertado, por não me ter deixado cair na engrenagem do consumo que aliena sob todos os pontos de vista, politicamente, socialmente, culturalmente, em tudo, tudo. Você passa a acreditar que o seu objetivo na vida é trabalhar pra juntar dinheiro pra comprar e... trabalhar mais pra comprar mais. Senti que a gente estava se afundando e resolvi sair. Aquela solidão, a falta de integração na sociedade, o rodízio do consumo, a gente estava se afundando...

Então comecei a sentir com fervor essa necessidade de voltar ao Brasil. Queria voltar ao meu país, quero voltar... Mas sabia que estava 'queimada' politicamente, que tinha de esperar. E fiquei assim como se me tivessem tirado as minhas pernas, os meus braços...

Estrangeira

Depois de 1973 passei a viver seis meses na França e outros tantos na Suécia, dependendo de quanto conseguia ganhar trabalhando. Com este recurso vivi três anos em Paris. Sozinha. Foi uma decisão pessoal, minha. Ao lado dele me sentia quase que abafada, não porque fosse oprimida por ele mas por ser mulher e, como tal, continuar ainda numa certa passividade. A separação obrigou-me a ser eu mesma: uma pessoa que quer fazer coisas, participar, continuar a luta por uma transformação geral e individual.

Hoje me considero uma mulher totalmente independente. Amando sim, mas independente. Sinto que trabalho e estudo por prazer, que tenho a minha vida. Ao mesmo tempo, embora estejamos separados, ele continua sendo meu companheiro. Já não estou ligada a um casamento tradicional onde a mulher existe somente porque é a mulher do homem. Hoje eu sou eu, e ele é ele. Nos amando muito, muito...

Na França, consegui a equiparação dos meus estudos anteriores, terminei a licenciatura em História e agora estou preparando um mestrado. Chegara a um ponto tal de alienação na Suécia que até negava o meu diploma. Agora não, agora luto pelo meu diploma, para poder ser aceita, para conseguir um trabalho, para trabalhar no que gosto e sei fazer.

Não posso dizer que tenha me integrado na sociedade francesa. No princípio foi um pouco como na Suécia: ia para as aulas na Universidade só, voltava só, nos intervalos ficava só. Voltei a me isolar na França; as pessoas não me procuravam e, como eu vinha de uma sociedade onde procurar os outros não é usual, não procurava ninguém. É verdade que você continua sendo *ghetto*, mas há uma diferença muito grande. Como a luta pela sobrevivência é muito mais dura, você nota um anseio maior nas pessoas, menos alienação, uma certa participação. Mas a experiência na França despertou em mim uma forte consciência da discriminação contra o imigrante, discriminação racial que se dá em certas circunstâncias econômicas e sociais particulares. Nunca tinha pensado nisso antes, foi uma descoberta, embora eu própria nunca tenha sido discriminada. O fato é que me senti solidária com os imigrantes e acentuou-se em mim o sentimento de que o meu *status* de estudante já passara a segundo plano. Sou agora considerada uma estrangeira. E o ser estrangeira é mais forte que o ser você.

Quando entrei no *Círculo de mulheres brasileiras* em Paris, percebi que estava mais perto do Brasil, mais perto dos problemas brasileiros. Antes participava de grupos de mulheres estrangeiras e, embora isto tenha me ajudado a me compreender como

mulher, não sentia uma ligação maior com as coisas concretas: era como se as reivindicações não fossem minhas. Estava ali mais por necessidade pessoal, para crescer como mulher, mas sabia que a realidade brasileira era outra e que nós, brasileiras, tínhamos que trabalhar de outra forma. Penso que a mulher é mulher em todo o mundo e em todas as classes, mas a cultura brasileira é brasileira, diferente e, no que se refere à mulher, tem dados específicos.

Na Suécia, e um pouco também na França, certos problemas não se colocam: você anda e funciona como qualquer ser humano, seja homem ou mulher. Vim a perceber mais a diferença em Portugal, já mesmo a caminho. Entro num ônibus Paris-Lisboa onde só viajam emigrantes e me vejo num mundo diferente, vista como uma pessoa diferente. Uma mulher, possivelmente casada, viajando sozinha, fumando, falando... E as pessoas me olhavam de soslaio, entre a desconfiança e o espanto. Na hora me senti meio frustrada, mas a verdade é que foi uma grande lição. Aprendi que tenho que modificar meu comportamento, que tenho que ser mais coerente com a minha própria sociedade se quero trabalhar nela e compreender alguma coisa das mulheres brasileiras.

Realmente, o meu exílio só foi positivo no que se refere às experiências. Aprendi muito, amadureci muito, e meu amadurecimento se deu também em relação ao Brasil. Hoje tenho uma visão diferente de lá, mais crítica. Tenho uma consciência da falta de espaço para as pessoas pensarem e criarem livremente e desse tipo de alienação que o chamado 'milagre brasileiro' gerou. As pessoas consomem – não as de todas as classes, é claro – e estão dez horas diante da TV, sem se falarem, sem se comunicarem. Aliás, o mais interessante da minha evolução foi o poder de distinguir bem entre o dinheiro e o viver.

Na Europa tomei conhecimento do extermínio dos índios brasileiros e me pergunto: afinal, quem são os selvagens? Descobri também que a discriminação racial existe lá, ao contrário do que prega a ideologia oficial. Agora percebo que, embora a Europa tenha me oferecido muito, preciso voltar ao Brasil, voltar ao meu país para entender aquela nova realidade, para formar novos quadros de referência e dar valor a esses quadros.

Ah, o exílio é o pior castigo! Você se sente como que atrofiada, pode falar mas não pode agir, entende? Daí a continuidade de fossas, e você vai se desintegrando, desgarrado de uma realidade – a brasileira – e do fato de ser cidadão – brasileiro. Você se vê jogado num mundo que não escolheu, está ali num mundo que aceita só a meio termo. O exílio consegue uma coisa: destruir o indivíduo. Pois

na sua vivência você vai perdendo as suas coisas, a sua maneira própria de viver o dia, de passar as horas, de sentir os cheiros, de ser você mesma.

Mas apesar dos pesares, creio que o exílio nos fez mais resistentes, nos dá uma capacidade grande de crítica e autocritica, nos situa em relação ao passado. Daí que me atrevo a olhar o futuro com muito otimismo.

*Maria Nakano,
Julho de 1977*

TUDO PRA MIM COMEÇA DO ZERO

I

MEU COMPANHEIRO TEVE QUE SAIR, e eu fiquei de segui-lo pouco depois. Vivi uma verdadeira contradição porque, como todos os companheiros do grupo, eu era um ser apenas político, a minha vida era a revolução e a questão afetiva ficava para segundo plano. Comecei a questionar a minha saída e todos os outros acabaram por achar que era fundamental que eu ficasse. Meu companheiro argumentava que era justo eu sair, que também eu tinha problemas de segurança, que ele não tinha deixado o país por uma decisão individual, que deveríamos levar em conta também o aspecto afetivo. E então fui, não sem antes criar toda uma racionalização à volta do problema: você no exterior tem um papel a cumprir, tem trabalhos importantes a fazer.

No Brasil eu dedicava 24 horas por dia ao trabalho político. De repente chego ao exterior e me pergunto: o que é que eu vou fazer? Como é que eu vou retomar a minha carreira? Passo a viver todo um problema de identidade. Foi um processo lento. São sete anos já e durante todo este tempo este questionamento tem sido uma constante na minha vida.

Na verdade, deixei meu curso de Serviço Social seis meses antes de terminá-lo, não só por uma opção política mas também porque tinha chegado à conclusão de que não valia a pena,

que estava fazendo um curso que já não me interessava. No exílio não poderia retomar uma coisa que tinha abandonado conscientemente. O trabalho político já não me ocupava todas as horas, e então o que fazer do meu dia? O que é que quero fazer? O que sou eu? Não quero trabalhar em Serviço Social, mas não tenho nenhuma outra formação. Levei um ano no dilema de concluir ou não o curso e neste tempo passei a viver muito em função da experiência do meu companheiro: me meti em todos os trabalhos que ele estava fazendo, ajudei-o em mil e uma investigações, mas não era uma coisa que partia de mim, da minha necessidade. E vivia em crises permanentes porque sentia que não estava fazendo nada, não estava caminhando pra lugar nenhum. Foi então que me convenci de que o Serviço Social no Chile podia ser interessante para mim, pois seria a forma de entrar em contacto com um determinado trabalho que se fazia lá, dentro de uma outra perspectiva, e que nesse caso valia a pena terminar o curso. Foi o que tentei, mas não consegui concluir: veio o golpe.

II

Antes de eu sair do Brasil a organização era a minha grande família. Depois que você faz uma opção política como a que fiz, dificilmente vê os seus antigos amigos, mesmo o contacto com a sua família é esparso. Na situação de clandestinidade, o meu mundo afetivo eram os meus outros companheiros. A organização passava a ser a família alargada, substituindo os amigos, os irmãos, a própria mãe. Na medida em que tive que sair perdi também este mundo afetivo, e foi duro.

O fato de ter conhecido meu companheiro na clandestinidade fez com que eu desconhecesse quase por completo o que ele tinha feito antes, que papel tinha desempenhado, quem era ele afinal. Ele mesmo estava cortado de sua identidade, de seu passado político, para viver uma nova situação, a da clandestinidade. Quando vou encontrá-lo no Chile, reencontro uma outra pessoa, alguém que está em pleno processo de redescoberta, que está se reencontrando e recobrando o seu passado. Na verdade eu não o conhecia, ou conhecia apenas uma parte. Às vezes ele topava na rua com um velho amigo de antes de 64. Eu sentia que ele tinha pontes e que o tempo que tínhamos vivido juntos não tinha qualquer conexão com aquelas estórias, era uma coisa totalmente estanque. Eu não me identificava com os companheiros dele porque os estava conhecendo naquele momento. E tudo pra mim começa do zero, tudo começa do zero... Conforme ele ia se descobrindo, retomando a sua história, eu ia descobrindo uma outra pessoa. A única coisa que existia de concreto era a nossa relação.

Mas do ponto de vista afetivo, da minha realização, da família que eu tinha perdido, tinha que começar tudo de novo.

Descobrir o passado do meu companheiro tinha também o seu lado fascinante, porque eu ia aprendendo uma porção de coisas. Sabia meio por cima que tinha havido uma luta pela legalidade, mas o que tinha significado esta luta eu estava aprendendo naquele momento. Eles sentavam para falar da experiência deles e eu estava aprendendo história. Era a primeira vez que estava ouvindo falar de muitas daquelas coisas. Porque a experiência política se inicia para mim em 67/68, no momento em que começo a participar. Pouco depois, entro na clandestinidade por uma necessidade do trabalho que fazia. Isto tudo me levou a ter problemas sérios com a minha família, que se tornaram cada vez mais graves porque meu próprio comprometimento ia exigindo de mim sempre mais. Então veio o rompimento, um corte brusco, total. Saí de casa e a própria família teve que aceitar o fato por uma razão objetiva: a repressão. Eu não queria que eles corressem risco por minha causa e, além do mais, tinha a certeza de que estava fazendo a opção mais correta da minha vida.

Descubro tudo sozinha, a política, o amor, e isto passa a ser o meu mundo. Nele eu achava que havia oportunidade para todos, homens e mulheres. No movimento estudantil, por exemplo, via as mulheres daquele tempo exercendo a mesma liderança que os homens. E eu, que venho de uma família matriarcal, de um curso Normal que só é feito praticamente por mulheres, de um Serviço Social que também praticamente só é freqüentado por mulheres, entro pro movimento estudantil nesse auge, quando estão surgindo uma série de jovens, homens e mulheres, quase todos universitários. A crise de identidade que acabo vivendo no Chile, vejo como um problema da minha geração: não fui só eu que vivi aquela situação. Com a geração de 64 é diferente porque eles, na sua grande maioria, já tinham uma profissão definida ou já estavam mesmo exercendo suas profissões quando foram atingidos pela repressão. Conosco, não. Chegamos ao exílio sem poder continuar no mesmo nível o trabalho político que fazíamos internamente e sem ter uma profissão que nos integrasse na nova sociedade.

III

No Chile eu sabia mais ou menos o que fazer com o Serviço Social; só que agora me encontro num país totalmente diferente, com outra cultura, outra língua. Essa experiência de viver num mundo que fala uma língua não latina... o que significa de esforço, de adaptação! Viver

todo o tempo tão limitada e sentir-se tão tonta! A expressão da idéia que você tem se reduz ao vocabulário que você domina, e isso oprime, restringe sua liberdade. Todo esse outro mundo, o peso dessa cultura desconhecida... você se sente impotente. E eu venho de uma cultura pouco competitiva, família de imigrantes, nove irmãos, uma vivência de socialização muito grande em casa. Por outro lado, educada pra falar só quando fosse absolutamente necessário ou quando pedissem a minha opinião. Tive que fazer um grande esforço pra me integrar a essa sociedade com os valores que ela carrega e começar a lutar dentro dela.

Meu companheiro pôde aprofundar cada vez mais, o seu trabalho, seguir o que estava fazendo, enquanto ia amadurecendo uma série de coisas pra ele mesmo. Eu me sentia cada vez mais fora, sem uma função onde me realizar, e meu dou conta de que perderei quatro anos da minha vida, mais os anos de trabalho político no Brasil, chegando a esta altura dos acontecimentos sem ter feito nada, de mãos completamente vazias. Então resolvo buscar desesperadamente alguma coisa. Passo por uma fase de experimentação que me leva a procurar ora isto, ora aquilo. Meu companheiro foi o meu grande apoio nesta época: discutíamos os problemas, trocávamos idéias, ele me incentivava e mostrava que tinha sentido continuar procurando. Até que mudei totalmente de profissão.

Eu me sentia como alguém que está começando do nada, sem base nem bagagem alguma. Valorizava muito pouco o meu trabalho, sentia-me insegura das coisas que fazia e tinha necessidade de estudar muito. Só depois de uma experiência de trabalho fantástica que tive na África é que comecei realmente a superar esses problemas. Fui sozinha e sofri duramente a distância e a separação do meu companheiro. Mas, pela primeira vez em muitos anos, tive a oportunidade de expressar socialmente tudo o que penso, sem barreira de língua. E descobri que o que faço pode ser utilizado, faço alguma coisa que serve nessa vida!

Foi no meu novo país de exílio que tomei consciência mais clara da condição de inferioridade da mulher. Nunca pensava antes na minha situação como mulher, embora achasse importante integrar as outras mulheres na luta política, sobretudo as operárias. Não via então que nos organismos que definiam as linhas políticas, que tomavam as decisões, o número de mulheres era mínimo. Mesmo nós, que vínhamos da Universidade, tínhamos uma participação insignificante a este nível. Mas naquela época não me dava conta disso. Foi preciso tomar contato com os movimentos feministas de um país mais desenvolvido para que eu passasse a pensar nestes problemas. No

princípio, achava que o movimento feminista era um negócio totalmente louco, que não tinha nada a ver com o processo real, que era um grupo de mulheres alienadas. A minha visão em relação a este movimento era extremamente crítica, pois achava que o importante era fazer o que fazíamos no Brasil: integrar as mulheres na política, dentro de uma perspectiva socialista. Mas quando começo a conhecer a luta feminista que se desenvolve em todos os países desenvolvidos, a ver que ela é realmente a expressão de uma situação de dominação e a tentativa de romper com isso, consigo compreender a sua razão de ser. E hoje sei que ela tem um sentido, que representa um momento histórico importante na vida destas sociedades.

Penso que houve comigo um processo de amadurecimento neste sentido, de mudar a minha visão de mundo e tudo o mais. Mas não houve uma quebra brusca, uma descoberta capaz de alterar de um dia para o outro todos os aspectos da minha vida. Sinto como se fosse um processo que já vinha há muito tempo vivendo e que passo a adquirir, com esta nova visão, uma dimensão mais ampla que não tinha incorporado ainda. Inclusive porque acho que em relação ao problema do homem e da mulher vivendo juntos sempre houve uma contradição e, por isso mesmo, há sempre muitos conflitos. No meu caso, por exemplo, sou capaz de entender que toda a experiência do meu companheiro tenha sido dentro desse condicionamento, dessa situação de superioridade do homem. A gente discute isto sempre, vamos enfrentando os problemas no dia-a-dia. Então é uma luta permanente minha em relação a ele e dele em relação a mim, no sentido de fazer com que eu assuma o meu papel enquanto mulher, o de buscar a minha própria identidade. E isto na nossa relação tem sido uma coisa muito clara: ou me realizo ou a nossa relação também está em jogo. Por outro lado, e do ponto de vista do que eu acho que são os valores dessa sociedade masculina, nós temos travado um longo debate e ele tem tido uma atitude sempre aberta. O fato de eu ter adquirido esta visão da mulher me faz ser mais perseverante. Antes achava que era capaz de aceitar uma série de condicionamentos que ele tem, mas hoje a minha visão é de que não devo aceitar: assim como tudo muda, ele também tem que mudar, tem que fazer pelo menos um esforço no sentido de mudar. Agora, ele só vai mudar se eu mudar também.

Apesar de ter vivido no Chile uma grande crise pessoal, acho que do ponto de vista político aquele tempo foi muito importante para mim no sentido de reformular a visão que tinha do processo brasileiro, do que nós estávamos fazendo. Foi a primeira vez que tive a oportunidade de pensar a nossa prática, de repensá-la. O exílio, nesse sentido, significou o reencontro comigo mesma, a desco-

berta de uma outra alternativa. Daí eu não sentir a amargura que outras pessoas têm. Penso que é uma experiência duríssima porque você vai perdendo as suas raízes, mas acho que pode ser também uma experiência rica, na medida em que você possa encontrar alguma coisa em que se realize e possa ter uma compreensão política do processo, do que significa estar no exílio. Pra mim, o exílio tem sido isso: este processo de descoberta, de conhecimento, de aprendizagem.

Naná
Abril de 1978.

Pra mim foi assim um vazio, não sabia o que era.

NÃO ESPERAVA QUE O GOLPE DO CHILE fosse assim tão violento nem que eu fosse parar numa terra totalmente estranha. Pra mim foi assim um vazio, não sabia o que era.

No dia do golpe eu ia para a Universidade e o Túlio para o trabalho. Desci do ônibus antes dele, perto da Moneda, ¹ e vi os homens blá blá blá, buzinando... eu soube que era o golpe! Fui procurar o meu marido no trabalho como tinha acontecido na última tentativa de golpe, do dia 29 de julho, o Tancazzo, lembra? Não consegui entrar porque já estava tudo cercado de carabineiros. Fui para todos os lugares ali no centro onde ele poderia estar, casa de amigos etc. A Moneda já estava sendo bombardeada. Eram duas da tarde e eu rodando pelo centro pra ver se o encontrava por acaso. Depois a gente soube que estava um perto do outro, mas não nos encontrávamos. Veio o *toque de queda* ² e resolvi voltar pra casa. A cidade estava totalmente assediada, parecia guerra, coisa que só em cinema eu tinha visto... Consegui chegar de carona. Quando vou entrando, vem um vizinho me chamar e vejo o Túlio saindo dessa casa e me diz: 'você tem que vir aqui porque eles estão fazendo uma festa, depois te explico'. Era uma festa de comemoração ao golpe, um lauto almoço, e o Túlio

1. Palácio Presidencial

2. toque de recolher

estava ultra fora de si, já tinha sido ameaçado de morte, a mim e a ele, se não fôssemos lá... Morávamos num bairro bem burguês e elegante.

Fomos presos os dois no dia seguinte, denúncia dos tais vizinhos. Fomos levados pra Escola Militar e interrogados. À noite me levaram pra casa numa camionete, mas ficaram com o Túlio. Me deixaram com a desculpa de que eu tinha documento e ele não tinha. Ele também tinha – ambos éramos residentes – só que o papel não estava com ele no momento. Eles disseram que iam levar o Túlio para o TACNA, um quartel. Foi quando a gente se viu pela última vez. Apanhei em casa os documentos dele e voltei à Escola Militar... fui ao TACNA... lá diziam que ele nunca tinha chegado... bom, fiquei procurando... Ele desapareceu. Simplesmente o nome dele não constava em nenhum lugar. Eu andava nas Comissões das Nações Unidas de apoio aos refugiados procurando sempre, ninguém sabia, nada, nada, ninguém sabia, ninguém.

Uma vez, um militar da DINA ³ cinicamente falou: 'a senhora sabe que a gente pode desaparecer corpo em qualquer lugar, no oceano, de helicóptero, no rio, nas poças'. Não precisava ser mais claro, não precisava mesmo. Teve também um recado que recebi através de um outro vizinho nosso, um cara que era democrata cristão e que conhecemos na tal festa do dia do golpe na casa do vizinho. Esse fulano também foi preso porque depois da festa foi na nossa casa à noite dizer que estava preocupado conosco porque os outros vizinhos estavam meio desconfiados... Voltou logo pra casa dele, mas só por isso também foi denunciado e levado junto conosco pra Escola Militar. Só escapou de morrer no TACNA porque conhecia um sujeito da DINA que estava lá e sabia que ele era D.C., então soltou-o. Ele mandou me dizer, tempos depois, já em outubro, novembro, sei lá, que o Túlio tinha sido fuzilado naquela mesma noite. Ele perguntou ao tal amigo da DINA o que tinha acontecido com aquele brasileiro... e mandou o recado por outra pessoa: 'se você encontrar aquela senhora fala pra ela que com o marido dela aconteceu isso'. Foi quando eu soube. Tudo notícias assim... Era isso. Na confusão deles, mesmo naqueles primeiros dias, mataram adoidado. Matavam assim na primeira. Depois é que ficaram com um pouco mais de receio, quando começou a campanha internacional, começaram a sair notícias na França, no *Le Monde*...

Pensei: não tenho nada a fazer aqui, vou me refugiar. Fui para a Embaixada italiana porque era a única aberta nessa é-

3. Polícia política organizada depois do golpe militar no Chile.

poca. Mas sem saber onde iria parar... é terrível, mas é a tal história de sobrevivência, você tem que encontrar um objetivo, que é que você vai fazer? Entrei na embaixada, resolvi ir pra Itália tentar não sei o que... País de escolha assim totalmente por acaso. Não falava a língua, não conhecia ninguém.

O Chile realmente foi uma experiência essencial. Lá conheci o Túlio, foi o meu primeiro grande amor, primeiro namorado também não, mas foi assim a paixão... Lá comecei a ver que a luta de classes não era o que eu pensava no Brasil, que movimento de massa era tudo, menos o que existia no Brasil, que fazer política não tinha nada a ver com o que eu pensava antes. Foi realmente uma sacudida enorme, embora tenha vivido muita coisa contraditória. Com o casamento, a gravidez... houve uma fase em que de certa maneira regredi, fiquei uma mulher mais tradicional que a minha mãe, possessiva, aceitava que mulher tem que cozinhar, limpar, enfim, foi uma fase. Já nos últimos tempos, pouco antes do golpe, as coisas estavam mudando. Tomei atitudes drásticas, cortei empregada, resolvi que daí por diante a gente ia ter que arcar com tudo e dividir. Foi difícilimo, ele fazia um esforço enorme para aceitar, aceitava muita coisa, tinha mudado bastante, mas aí refletia na relação e a gente ficava muito insatisfeito. Eu não tinha armas nem teóricas nem práticas para recusar o esquema tradicional do casal com filho. Minha reação era totalmente inconsciente, me rebelava porque não estava podendo fazer política como queria, não estava podendo estudar como queira, obviamente que a casa e a filha me sugavam o tempo. No finzinho, não me lembro agora por que mecanismo, a gente começou a se reaproximar, a se entrosar mais. E tanto que ele disse na última vez que nos vimos, que uma das principais razões porque ele voltou pra casa no dia do golpe foi porque - 'eu quero ficar com você'.

Tempos depois na Itália fui *maturando*⁴ e comecei a ver nele qualidades que não via antes e defeitos que também não via. Na Itália vi coisas que não tinha visto antes.

Acho difícilimo para um mulher viver sozinha com uma criança.

Quando consegui finalmente terminar na Itália o meu curso de arquitetura, a minha filha veio do Brasil pra viver comigo. Pouco antes do

4. amadurecendo

golpe no Chile a situação já estava bem tensa e minha mãe foi buscá-la e levou pro Brasil. Eu não estava muito de acordo porque ter a menina foi uma escolha minha, queria ter a experiência e assumir ser mãe; quando resolvi isso foi pra agüentar o que viesse. Mas era toda a família dele e a minha pressionando, ele mesmo estava de acordo. Ela foi pra ficar pouco tempo... mas com tudo que aconteceu depois acabou passando bastante tempo.

Na Itália todo o mundo me respeitava muito pelo fato de ter perdido o marido naquelas condições e ter uma filha pra criar. Sinto que havia um pouco a mentalidade de caridade, de pena... é até engraçado, mas na Itália os homens 'se lascam' muito mais. Com a mulher há todo aquele sentimentalismo: 'coitada, ela tem que arcar...', éramos mais atendidas e cuidadas no plano humano. Agora, com toda essa pena, reverências e respeitos, não consegui nenhum emprego fixo. Era difícil também porque na Itália mulher é pra ficar em casa, as crianças ficam na escola só três horas por dia, de manhã ou de tarde, não é como na França, por exemplo, que tem creche em todo o lado. Pra trabalhar eu teria que conseguir um lugar pra botar a menina, pagando caríssimo, porque escola pública não havia com horário integral. Iria trabalhar quase que só pra pagar a escola. Então fazia tradução em casa e tinha ajuda da minha família. Por outro lado, estar na Itália também me ajudou muito, o pessoal adora criança, então para ela não era nenhum sacrifício ir, por exemplo, a uma reunião comigo. Todo mundo dá atenção.

Senti muito a falta da menina mas era mais a falta do prazer que sentiria por tê-la perto de mim. Quando ela chegou, realmente vi que eu não fazia idéia de como a barra seria pesada, bem pesada. Embora nunca tenha me arrependido, constatei que foi um desejo mais no plano ideal da minha realização: ter uma filha, criá-la, ver as gracinhas... Voltar a ser mãe foi muito difícil para mim, me enervava, não tinha paciência, dava palmada, descarregava muita coisa nela, me sentia culpabilizada, muito culpabilizada em relação a ela e às coisas que eu tinha que fazer, que queria fazer. Se para mim foi difícil, pra ela deve ter sido muito pior. Tinha um ano quando foi para o Brasil e voltou com três e meio! Não me conhecia absolutamente, saiu do Brasil no verão, chegou na Itália no inverno, não sabia falar italiano, o homem com quem eu vivia não era o pai dela, minha relação com ele já estava em crise, enfim... No Brasil ela tinha uma vida equilibradíssima, uma casa grande, jardim, boa comida, avós que faziam todas as vontades, tudo tranqüilo nos padrões tradicionais.

Depois que ela chegou aqui, volta e meia me perguntava como é que o pai dela morreu. Embora minha família tenha

explicado, ela nunca conseguiu entender bem. Está entendendo agora por todo um processo. A experiência na Itália ajudou muito por causa da situação política, movimento de massa, manifestação, ela via, enfim, gente de esquerda, de direita e começou a discernir que não era tudo igual. Hoje, mais ou menos ela sabe o que é patrão, o que é operário, o que é fascista, o que é *partigiano*.⁵ Vendo *TV*, filme, tudo isso aqui, querendo ou não, a criança começa a aprender.

Agora estou vivendo sozinha com ela. Acho difícil para uma mulher viver sozinha com uma criança. Você tem que arcar com toda a responsabilidade, com todas as pressões. Acho negativo eu e ela sempre sozinhas porque aumenta a necessidade que ela tem de me ver sempre perto. Ela passou por uma fase terrível de sensação de perda das pessoas. Conhecia amigas minhas e se apegava, se afeiçoava de uma maneira incrível, não queria perder, tinha que dormir na casa da pessoa, não deixava sair, não queria ir embora, era um problema ela se despedir. Quando minha irmã veio visitar, pra levar no aeroporto ela sofreu três dias como louca. Acho que ficou com esse trauma por causa do processo Chile-Brasil, Brasil-Itália, a avó que vai embora...

Sinto falta da presença de uma pessoa, no caso seria mais agradável um homem, porque acho difícil viver em comunidade, com amigos. Sinto falta da divisão de trabalho, da divisão da atenção com a criança, me sinto assim ultra-responsabilizada, demais, demais, você não faz idéia... Isso não quer dizer que vá viver com um fulano só pra minha filha ter um papai. Uma das coisas que ganhei com a vivência do movimento de mulheres é ter aprendido que é possível uma mulher ter uma série de metas na vida e conseguir preenchê-las independentemente de um homem. Por um lado, essa experiência de estar sozinha também é ótima, aumenta a segurança em mim mesma, dá um sentimento de autonomia que é muito gratificante. Ultimamente fiz um esforço e consegui dividir o tempo para mim e para ela, tenho feito muita coisa 'específica' com ela, por exemplo, sábado ir ao cinema por causa dela, filme pra criança, ir ao jardim público para estar com ela... antes eu ia mas levava livro, jornal, não fazia coisas com ela. Hoje ela já se sente melhor, está muito mais tranquila. Criança é incrível, antes ela dizia: 'eu estou muito triste, sofro muito, tenho uma vida muito infeliz'. Passou mais ou menos um ano nessa de querer voltar pro Brasil, vovó, vovó, vovó, chantageando muito também. No princípio ela deve ter sentido que eu a odiava... Agora ela fala pras bo-

5. militante anti-fascista.

necas: 'olha, eu sou cuidada por essa mamãe que eu tenho, ela cuida de mim...' De vez em quando ela descarrega e me pergunta porque é que eu batia tanto nela...

O movimento existe, é como uma onda enorme que te envolve que nem um jornal.

Pra dizer a verdade, eu tinha muita aversão à problemática da mulher, especialmente medo. Apreendi na carne. Nunca me considerei feminista, até tinha raiva da palavra, raiva não, medo, por um problema político, pseudo-político, tinha medo que o movimento das mulheres pudesse prejudicar o movimento operário, no sentido de criar divisão, contradição, blá blá blá. Até pouco tempo atrás pensava assim. Essa minha 'virada' é relativamente recente, tem uns dois anos e foi na Itália pelo contacto com uma situação objetiva, com o movimento de massa. Antes, eu até teorizava que na América Latina não podia haver movimento feminista. Eu tinha uma visão intelectual do problema, achava que só a sociedade capitalista avançada coloca certas contradições e que no mundo subdesenvolvido não é possível a mulher colocar essas questões. Hoje acho esse raciocínio uma besteira. Vi como estourou o movimento na Espanha... com todos aqueles anos de franquismo, e vi como está avançando até mais que na França, que foi um dos primeiros da Europa... Hoje não digo mais que deve ser assim ou assado, só acho que é possível. Quando soube que no Brasil houve uma Assembléia das Metalúrgicas fiquei muito esperançosa...

No início não tinha contactos específicos com o movimento na Itália, mas participava na vida política e inevitavelmente tinha contactos com feministas de todas as tendências. Mesmo não querendo ter qualquer contacto, o movimento é tão contagiante que pode-se dizer mesmo que é impossível para a mulher hoje na Itália não pensar o que é o feminismo, não pensar no seu problema como mulher. É impossível. Ela pode tomar uma atitude contra, infelizmente muitas ainda tomam, mas *têm* uma opinião sobre o assunto. O movimento existe, é como uma onda enorme que te envolve que nem um jornal. Pelo menos em Roma o movimento feminista explodiu facilmente, em todos os bairros havia um coletivo de mulheres, havia autonomia para discutir o problema da sexualidade, da saúde da mulher, os problemas do bairro... Na última manifestação a que fui em Roma, havia 30.000 mulheres, enquanto que em Paris as manifestações que vi não chegavam a três mil.

Não houve nenhuma contribuição teórica nem marxista que me ajudasse a compreender a minha problemática de

mulher sem me defender. Na realidade era isso que acontecia, havia toda uma couraça de defesa. Então, quando comecei a não esconder mais que tinha problemas muito sérios no meu relacionamento com o homem com quem vivia, que tinha uma série de carências enquanto mulher, uma vez que botei isso pra fora, eu vi. Agora, o que possibilitou isso foi o impacto, a violência de ver o movimento de massa das mulheres.

Uma das questões importantes que o movimento colocou foi a vida cotidiana: a tua vida. A gente tem a tendência de separar a política do nosso cotidiano. Tudo isso foi questionado, as pequeninas coisas, as divisões de tarefas, coisas que parecem banalidades, a tua relação sexual que não deu certo tal dia e você nunca se questionou porque não tem prazer, ou sei lá, o problema da masturbação que é também um tabu, enfim, uma série de coisas que aparentemente são minúsculas. As mulheres começaram a falar na primeira pessoa, a discutir os próprios problemas. O movimento feminista na Itália – e provavelmente em todos os lugares onde existe – pôs em crise muitos casais, principalmente na esquerda, não só os casais mas também as organizações políticas. A *Lotta Continua*,⁶ por exemplo, desapareceu, né, não fundamentalmente por causa do movimento feminista, mas isso foi a gota d'água. As mulheres da organização chegaram no Congresso e denunciaram todos os podres dos militantes, questionaram tudo. No P.C. também houve problemas enormes, o movimento feminista começou também a questionar e a abalar uma série de coisas que eles faziam.

Enquanto estive na Universidade participei do coletivo feminista de arquitetura, participei também do grupo do bairro onde morava, era bem diferente, bem popular, mais aberto, cada uma falava dos seus problemas, saíram propostas como a de organizar uma creche *auto-gerida*⁷ onde se pudesse botar os filhos, depois falava-se em começar a tentar controlar as coisas que o governo estava fazendo no Parlamento, centros de saúde, etc. Naquela época, 1976, o movimento estava passando por uma crise terrível, de aversão total às instituições, mas como as instituições também estavam em crise, o país estava em crise total, o próprio movimento começou a *maturar* a problemática e viu que estava se marginalizando, que tudo estava acontecendo sobre as nossas cabeças e a partir daí acho que deu-se um salto enorme, houve uma repolitização. Hoje o movimento de mulheres está com muita força outra vez, proliferando em todos os setores. Em Mi-

6. organização da esquerda italiana.

7. em auto-gestão

lão, por exemplo, em todas as fábricas onde há um índice elevado de mulheres, há um coletivo. Na *Mondador*, que é uma grande casa editorial tipo *Abril*, as mulheres fizeram uma assembléia, tiraram documentos, tem uma atividade coletiva, e eles tiveram que ceder em tudo que elas pediram, salas para dormir, enfim, conquistaram uma série de coisas. Não se pode dizer que na Itália o movimento de mulheres é pequeno-burguês, absolutamente, é um movimento massivo com características inclusive subversivas, não se pode dizer que seja um instrumento da direita, absolutamente.

Pela situação que eu estava vivendo na Itália, sentia necessidade de não estar sozinha, queria ter alguém comigo mas não queria repetir as mesmas besteiras da relação anterior. Disse ao meu companheiro italiano: a gente vai fazer uma experiência, depois vê como é que fica, na casa vai ser tudo dividido. Mas na realidade nunca assumi essa nova relação porque estava sempre em experiência. Então deu uma *insegura*⁸ total nele e eu me sentia vivendo o inverso da situação que vivi no Chile com o meu marido, quando eu era assim a possessiva, a 'mulherzinha'. Na Itália me sentia possuída, ele era o ciumento, ele era a 'mulherzinha', mas no fundo não era nada disso, eu estava em transição e ele estava normalmente sendo o típico italiano que quer ter uma relação tradicional com a mulher, embora fosse de esquerda, intelectual, militante, muito aberto, idéias ultra-avanzadas e tudo o mais, mas no dia-a-dia, no relacionamento homem mulher era o dominador típico italiano. Aprendi que essa dominação se manifesta tipo italiano, com hurros, brados etc. ou calmamente, lentamente, docemente, como se conhece na Suíça, mas sempre se manifesta.

Do ponto de vista de mulher, há ainda uma série de coisas que não consegui superar, por exemplo, no campo da sexualidade não consegui ainda ser completamente desinibida a ponto de tomar a iniciativa quando sinto atração por um fulano. Mesmo que ache que não vai ter problema, não consigo ainda falar franca e simplesmente: tô a fim de ter uma relação com você. E mesmo que esteja com um fulano não consegui ter eu mesma a iniciativa do meu prazer, é quase como se o prazer da mulher estivesse sempre vinculado ao do homem. É por isso que digo, nessa sociedade é difícil, é muito difícil... são anos e anos de preconceitos, de uma mentalidade em cima da gente!

8. insegurança.

Teoricamente gostaria de voltar, mas não é assim o sonho dourado da minha vida.

Com todas as vivências sofridas, com todos os problemas que enfreitei não nego a experiência de exílio nem me arrependo. Trouxe ganhos também. As perdas eu poderia ter tido mesmo no Brasil, não acho que tenham acontecido só pelo fato de sair do país. A ditadura podia ter pegado o meu marido e cortado a cabeça em pedacinhos, como aconteceu com muita gente. Foi a ditadura chilena que fez isso, mas poderia ter sido a brasileira... Quanto às rupturas emocionais, profissionais, poderia tê-las vivido também no Brasil se tivesse ficado lá clandestina, aos trancos e barrancos.

No exílio tive sorte porque a minha família me ajudou, me apoiou sempre, sei lá o que ia acontecer se não tivessem me ajudado. Muita gente se suicidou, se eu tivesse chegado na Itália solta no ar, sem saber para onde me virar, poderia ter sido a morte, sei lá. Acho que apesar das dificuldades, uma série de fatores me ajudaram a utilizar positivamente o exílio. Não estou dizendo que o exílio seja ótimo, acho que é uma merda, muita gente se desmoronou. Vivi um exílio em relação ao meu país, mas em cada momento me integrei, cada vez que cheguei a um lugar procurei viver aquele lugar. No Chile custei muito a me desligar da saudade do Brasil, como se tivesse deixado uma série de coisas que eu tinha pra fazer lá. Hoje estou convencida que ninguém é indispensável em lugar nenhum e acabei aprendendo que a melhor coisa que a gente pode fazer como exilado é se integrar, tentar criar laços. Na Itália há tão poucos brasileiros exilados que não da pra criar uma vida de colônia, o papo de Brasil é longínquo, a gente vive a Itália, trabalha, convive com italianos. Só encontro brasileiros de vez em quando.

Teoricamente gostaria de voltar, mas não é assim o sonho dourado da minha vida. Se fosse sozinha talvez estivesse lutando pra voltar rápido, mas com a menina quero ver se posso passar agora uma fase mais tranqüila, mais estável, com trabalho seguro. O Brasil para mim seria hoje uma terra nova, tenho quase certeza, teria que recriar amizades, reconstruir a minha vida. Não me sinto ainda preparada para isso, não tenho muita vontade.

Joana
Julho de 1977

Não sei se vocês vivenciaram isso assim, mas eu sinto a saída do Brasil como uma das piores derrotas que já tive na minha vida. Não é derrota política só, é derrota pessoal também.

A MINHA REFERÊNCIA ESTÁ NO BRASIL o tempo inteiro, a situação de exilada é o que pesa, é o determinante na minha vida. Eu me pergunto se para as pessoas que estão fora há 10, 14 anos, tanto tempo, se isso deixa de ter peso, deixa de ser o referencial, e portanto a situação deixa de ser uma situação de exílio...

Outro dia estava conversando com a... e ela me disse: 'se houvesse um 25 de Abril no Brasil eu não voltava imediatamente, deixava passar um, dois anos...' Nunca pensei ouvir isso dela, nunca pensei que isso pudesse acontecer. O que imaginava é o que no caso de haver uma mudança mágica, sei lá, as pessoas corressem imediatamente, voltassem correndo... mas parece que não é assim...

No fundo talvez a questão seja saber se algumas pessoas conseguem fazer coisas para se sentirem integradas, porque deixariam então de se sentir exiladas, e o Brasil passaria a ser mais distante. Claro, quanto mais forte é o sentimento de exílio mais presente é o Brasil...

Acho que o problema fundamental de tudo isso são mesmo as rupturas. Se você não consegue estabelecer as ligações entre as várias vivências nunca consegue voltar, não só às suas raízes pessoais mas às suas raízes sociais, portanto não consegue fazer nada...

O que tenho para contar só interessa a nível da vida das pessoas, porque a nossa experiência (agora a gente reconhece) é tão restrita! Essa experiência de militância, clandestinidade, prisão, não sei o que... A gente carrega uma carga que não passa, não se consegue passar num mero contacto social. Você vira um bicho meio marginal mesmo, se marginaliza em todos os lugares... O que acontece também é que a experiência que a gente tem é tão rica, que por mais que se faça força no final chega um momento em que não se recebe, só se dá, dá, dá...

Eu era o centro do mundo

No Brasil eu era uma estudante que foi engolfada por esse negócio de política. Engolfada em termos, cheguei à política por mim mesma, movimento estudantil, dentro do clima de um certo romantismo que existia. Enfim, o processo geral de todas as pessoas. Não cheguei a ter lá o que se poderia chamar uma vida profissional.

Igual à maioria de nós, família de pequena burguesia. Pai comerciante, aquela vida calma e tranqüila, tendo como objetivo principal o ser profissional liberal. Evidentemente que o casamento entrou nesta estória toda, mas como coisa paralela. Isso está ligado com características específicas de meus pais, que são imigrantes. A segurança valorizada acima de tudo, segurança econômica e social, dentro de uma perspectiva de ascensão, sem distinção pra homens e mulheres. Não tive uma educação de menina. O grande ideal da vida de meu pai não era que eu me casasse, mas que tivesse um diploma.

Como eu não queria fazer algo que fosse muito abstrato, como queria algo que tivesse ligação com a realidade (embora a visão que tivesse de ligação com a realidade fosse diferente naquela altura) e como pensava melhor em matemática do que em filosofia, fui pelo caminho da física e da engenharia. Não houve, decididamente não houve nenhuma pressão da minha família para que eu seguisse essa ou aquela carreira. A única pressão, e essa foi forte, era no sentido de ter um diploma.

Eu tinha a vida que pedi a Deus. Tudo bem! Dava aulas e era mais ou menos independente economicamente, embora afetivamente não fosse. Vivia fora de casa porque queria e quando queria ia lá. A roupa era minha mãe que lavava. Eu tinha minha casa, liberdade total... e as chatices domésticas todas eram para ela! Uma vida a mais badalada possível... Quando me deu na telha fazer teatro fui fazer com o melhor grupo de lá. Até viemos para o festival de Nancy!

Quando me dava na louca fazer qualquer coisa, ia à Maria Antônia,¹ que era então o centro, conhecia todas as vedetes e futuras vedetes... Tinha uma vida realmente intensa, rica, interessante.

E, de repente, nada disso!... Clandestinidade... tudo pequenininho, tudo limitadinho, tudo muito contadinho. Nos primeiros tempos tive uma dificuldade enorme, porque não via o que se passava à minha volta. Andava na rua e não tinha a menor idéia de onde estava ou não estava a polícia, nunca tinha me preocupado com isso. Eu era o centro do mundo, os outros que se preocupassem comigo! Levei um tempo até começar a cuidar de mim mesma, a me preocupar com os outros. Foi um processo de educação, não foi nada de dramático, embora muito vital. Isso eu aprendi. Aprendi a viver na clandestinidade. De certa maneira me habituei com ela, foi o meu cotidiano. Viver novamente na legalidade, aqui no exílio, acho que ainda não aprendi.

A minha vida mudou realmente quando as crianças nasceram, e eu não sei em que medida isso está relacionado com o exílio porque as duas coisas coincidiram.

As crianças... são as crianças que alteram as relações dentro da estrutura familiar, dentro do seu pequeno universo. Você tem que resolver os seus probleminhas, as suas fraldinhas, a sua loucinha, e não sei o que mais. Em que é que isso seria diferente se eu estivesse no Brasil? Primeiro, o fato de ter família perto, perto da mãe, ganhando mais, gastando menos... Segundo, o problema de classe. Eu, como trabalhadora, como intelectual, seja lá o que for, teria uma empregada, porque você sempre acaba arranjando uma justificativa para não fazer as coisas domésticas de todos os dias. Não é o fato de estar exilada que me cria problemas neste terreno, mas o fato de estar fora do esquema que facilitaria a resolução desses problemas criados pelo exílio sim, mas por outro lado, não. A questão é que se você resolve escolher um certo tipo de vida no Brasil, enfrenta esta opção de uma determinada maneira. No exílio você tem que viver assim porque não tem outro jeito. E é nesse sentido que acho que a barra é mais pesada. Mas, basicamente, não localizo a coisa em termos de estar dentro ou fora do Brasil, mas sim em termos de manter a minha vida dentro da estrutura na qual fui criada ou não.

1. Faculdade de Filosofia da USP, na rua Maria Antonia, S.P.

Na cadeia, a hora da verdade é tão clara!
... eu me sentia muito mais viva do que me
sinto aqui.

Fiquei presa oito meses, acho que não chegou nem a isso, no entanto a experiência de prisão foi muito mais enriquecedora do que a do exílio. Pode parecer um absurdo o que vou dizer, mas eu me sentia muito mais viva do que me sinto aqui. Porque na prisão, mal ou bem, me sentia agindo. No exílio, a maior parte do tempo me sinto sobrevivendo mesmo, e só.

O problema dos documentos... Sou obcecada com essa estória dos papéis! Qualquer possibilidade que vejo de conseguir um papel eu persigo loucamente. Inclusive aqui, onde tudo depende do arbítrio e da burocracia, para mim é quase uma batalha pessoal conseguir um diabo de documento. Carta de motorista, qualquer pretexto para conseguir agir um pouco, definir alguma coisa da sua vida passa a ser importante. O exílio é muito, muito diminutivo. Tudo se reduz à sobrevivência! No exílio você escolhe muito pouco!

Na cadeia não, na cadeia a hora da verdade é tão clara! Sim, a sua briga é limitada pelas circunstâncias, mas ela é tão profunda, que te solicita inteira e é muito rica.

Quando falo briga, é fundamentalmente isso: a possibilidade que você tem não só de escolhas, mais do que isso, a possibilidade de determinação. Os caras te dão choque elétrico, os caras estão te interrogando e massacrando, mas o fato é que a decisão última é sempre sua. Se você percebe que isso é que é o grande problema, se na hora em que está levando porrada percebe isso, é difícilimo arrancar qualquer coisa de você. Acho essa descoberta tão preciosa, tão preciosa...

Lógico que existem limitações físicas, psicológicas, etc., mas a minha experiência é essa: se você tem a consciência da briga é muito mais fácil agüentar. O problema psicológico está resolvido de uma certa forma, você encontra o seu ponto de apoio e o problema físico é mais fácil de superar, eu acho que sim. Porque se não, como é que você pode entender que as pessoas morram e não abram a boca?

E não é uma questão de 'nível ideológico' ou de consciência política não. A coisa vai um pouquinho além disso. Eu me lembro de uma moça que estava presa comigo e que não tinha nenhuma militância, ela era realmente apoio de uma organização, como numa certa época todas as pessoas eram, quer dizer, chegava alguém desesperado na sua casa e dizia: 'Me guarda'. E você não ia perguntar nem como nem porque e acabou-se. E essa menina se agüentou de uma maneira extraordinária, a partir de critérios de dignidade pessoal.

Havia também uma mulher, pessoa maravilhosa, que tinha um tal sentido de lealdade que até sonhava com as pessoas com nome de guerra que inventava. Já viu que coisa mais maluca!

Tenho a impressão de que tudo lá dentro é realmente de pessoa a pessoa. Ninguém aguenta porrada por causa da luta de classes, isso é falso, é mentira, só quando a tal luta de classes se concretiza em fulano, em sicrano, em beltrano... é subjetivo mesmo, são os seus valores, são suas ligações afetivas.

E também tem outra coisa que para mim pessoalmente contou: é que eu tive o tempo inteiro, o tempo inteiro, um troço que chamo de 'lucidez histórica'. Uma consciência, daquilo que estava se passando e das consequências que poderiam advir depois se eu me quebrasse, se falasse ou não falasse. Isso comigo aconteceu e foi importantíssimo. Lembro-me de uma relação mental que fazia quando os caras falavam e eu respondia, lembro-me que via as palavras numa máquina de escrever, via um papel branco e via as letras batendo, um troço incrível! Aquilo estava gravado, estava marcado mesmo, e naquele momento era a tal briga, era a partir dali que eu podia controlar um pouco as coisas ou não.

E era realmente a questão daquele minuto, e aquele minuto era decisivo demais... E isso dá pra gente uma certa sensação de poder. Engraçado, naquele momento você pode sentir que está determinando a História, não é a História no global, não é a História da revolução brasileira, mas é a sua pequena História.

Depois de terem me torturado uma noite inteira, um dos capitães veio perguntar como é que eu estava (depois eles são muito gentis, inclusive um deles chegou a me cumprimentar dizendo que eu tinha um comportamento que muito macho não tinha!). 'Mas ninguém te desrespeitou, não foi?' Fiquei indignada com aquilo, fiquei olhando assim bestificada... Uma violência terrível, mas se a coisa é feita com espírito profissional, tudo bem. O que ele queria saber é se alguém tinha feito qualquer coisa sem espírito profissional! Numa das vezes estavam praticamente todos os torturadores da OBAM lá; na hora em que os caras me botaram na cadeira do dragão dois capitães mandaram sair todos os outros, quer dizer, sem roupa era só com capitão, porque os capitães eram os profissionais, tinham responsabilidades...

Outro caso: ela era velha, tinha filhos e netos. Quando foi interrogada pelo X e ele mandou-a estender a mão para levar a palmatória, ela disse: 'Você não tem mãe?' E ele não teve coragem de bater. E depois ele vinha várias vezes na cela para vê-la. Não tinha o que conversar, mas vinha por que? O que é que se passa na cabeça desses caras?

O problema é o seguinte: se você quer saber se eu acho que eles ficam perturbados de alguma maneira quando arrancam tua roupa, acho que sim. Pra mim tanto se me dava. Aquilo não tinha a menor importância. Mas pros caras há uma diferença de comportamento quando você está lá levando choque nas mãos, ou quando está apanhando despida. Isso acho que há, sem dúvida nenhuma. Não notei que fossem especialmente mais sádicos por estarem torturando uma mulher, notei que era diferente. Talvez fosse mais difícil para eles resolver o conflito brutalidade-respeito, no caso das mulheres. Os homens sofreram torturas sexuais também. E a tortura sexual pode ser encarada dentro do mecanismo deles ao nível profissional. O sexo é uma parte do corpo. Diferente é fazer chacota, violação, acho que aí é que pra eles entra a faixa do respeito! Até onde vai a tara de cada um? Até onde a questão ideológica?... Não sei... O que é que se passa na cabeça desses caras? É muito difícil saber...

Fiquei muito chateada quando fui transferida para a Tiradentes, apesar de ir para condições muito melhores. Para mim a proximidade do interrogatório, saber quem chega, saber quem sai, era uma forma de agir, de estar informada. A Tiradentes era prisão mesmo, não tinha torturas, mas havia a distância... Ali aconteciam também coisas terríveis... Um cano quebrou na nossa cela e mandaram presos comuns consertar. Eles nos disseram: 'Olha, a gente vai ser tirado daqui a qualquer momento pelo Esquadrão da Morte e vão nos matar'. Dois dias depois, de fato, o Esquadrão da Morte foi lá. Apareceu no jornal que eles tinham tentado fugir... Foi um negócio terrível, você via os caras ali dizendo: 'A gente vai morrer porque eles vêm nos buscar...'

Do ponto de vista social, sempre tive muito pouca relação com mulheres. Não me pensava mulher, só me pensava pessoa. De repente na cadeia me vi junto com quarenta mulheres. Vocês sabem como é que é mais ou menos a Torre da Tiradentes - de mulheres - não sabem?

As celas não eram individuais, eram de dez ou de quinze pessoas. Mas durante o dia fechavam a porta da Torre, abriam as celas e as quarenta mulheres conviviam entre si. A experiência de convivência obrigatória para mim foi absolutamente fundamental, como acho que é para todas as pessoas, ou seja, todas as mil manias que a gente tem, tem de deixar de ter mesmo, barulho, de repente ao lado alguém liga um rádio, ou berra, ou qualquer coisa assim...

Acho que foi aí que descobri a mulher, foi a partir daí que passei a me ligar muito mais a mulheres, a ter amigas, que até então nunca tinha tido. No princípio achava as mulheres chatas e o

que aconteceu foi que comecei a achá-las interessantes. Ainda não existia pra mim nenhuma identificação especial com elas pelo fato de serem mulheres, mas sim pelo fato de serem presas políticas. Quando conversava, por exemplo, com algumas das mais velhas gostava de saber de coisas de família, de estórias... Adorava ouvir essas conversas, adorava, mas não me lembro nunca de ter ouvido nada sobre problemas especificamente de condição de mulher, nada disso.

A nossa própria organização na Tiradentes era curiosa: havia as mulheres que estavam lá por causa dos maridos ou dos irmãos. Então essas eram consideradas a 'base'. Havia uma cela, a maior de todas, que era chamada o 'celão' e que era deixada para esse tipo de mulheres. Não eram separadas; era o indefinido, o indiscriminado, eram as vítimas da repressão, a massa! Existia uma solidariedade grande, disso não há dúvida nenhuma, mas existia também um certo desprezo. Depois, as celas de quadros intermediários e a cela das 'grandes', a 'cela da ação'. Aí eram todas políticas que tinham participado de grupo de ação. É que as meninas, as mulheres que faziam ação, portanto que faziam papel de homem, essas eram glorificadas na organização. Entende, fazer ação já era extraordinário, agora, mulher fazendo já era qualquer coisa assim de inaguntável. Daí, 'a cela da ação'. Pra ficar nela, o critério fundamental era o do envolvimento, e aí entra um problema muito sério porque em princípio a questão do envolvimento, da militância e da responsabilidade devia estar pautada pelo comportamento de cada uma durante os interrogatórios e a tortura. Quem tinha se comportado mal ficava também de fora... absolutamente incrível! E isso foi se formando assim, ninguém sentou e disse como dividir dessa forma. Inclusive quando ainda estava no DOPS já tinham me dito: 'Olha, você vai para a cela tal'... Era o pessoal lá dentro, mais ou menos, que distribuía os espaços, os carcereiros não impunham você vai ficar aqui, você ali... li...

Isso refletia o que? A necessidade concreta de organização da vida lá dentro. A gente se organizava, fazia listas de mantimentos e dividia pelas pessoas. Evidentemente as famílias que não podiam comprar nada não compravam as que tinham mais dinheiro traziam caixotes e caixotes; a gente tinha uma cela inteira deixada como dispensa e equipe de cozinha que preparava a comida para todas. E eu que nunca tinha entrado numa cozinha me vi de repente cozinhando para quarenta pessoas! E me surpreendi profundamente com a descoberta de como é dinâmica, ou como pode ser dinâmica a vida na cadeia! Nesse aspecto era muito legal, ninguém explorava ninguém. Não, isso não tinha galho nenhum.

Agora, o que criava problema era o fato de existirem pessoas com um ritmo de vida completamente diferente. Havia pessoas que acordavam cedo, que não abriam um livro, que passavam o dia fazendo tricô, vendo TV, ou lendo revistas em quadrinhos... Na minha cela, por exemplo, ficávamos lendo ou discutindo até 4, 5 horas da madrugada, então dormíamos até tarde (e de manhã era a hora do sol!). Na minha cela a TV não estava nunca ligada, havia horas em que não se fazia barulho, em que a gente se organizava para debater determinados temas, para recortar jornal, para não sei o que. Quer dizer, nada disso é possível quando existem, sei lá, diferentes interesses... E o que determinava a separação era exatamente essa questão do ritmo de vida, porque o fundamental na cadeia é estabelecer o seu ritmo!

Claro que as pessoas não ficavam só limitadas às suas celas. A gente programava cursos e discussões gerais para todo mundo que quisesse e nesse momento as mais interessadas se aproximavam, não era uma coisa estratificada, isso não era. Quando falo desprezo é o que estava na cabeça de cada uma, entende?

Havia conflitos, problemas de algumas pessoas se sentirem excluídas porque eram consideradas como apoio. Do ponto de vista geral isso não era significativo, de fato só aconteceu algumas vezes. Num certo sentido você tem razão, isso está ligado com a visão errada que a gente tinha... Refletia essa visão, tanto é assim que algumas pessoas se justificaram de ter entregue outras, dizendo; 'Ah, é apoio, entreguei apoio para não entregar militante'. Era nossa visão militarista – para usar o rótulo – evidentemente que era. Estava ligado a uma série de valores, de coisas que havia a nível político de uma época, pelo menos em certas organizações. Você fala em estrutura de poder, eu não concordo!

Pra mim talvez tenha sido mais violento o exílio, a passagem novamente à legalidade do que a passagem à clandestinidade.

O meu tempo de clandestinidade e o de exílio se equivalem... Estou aqui há três anos, cheguei em 74, mas não me dou conta disso. O tempo que fiquei clandestina parece muito maior, pesa muito mais, esse tempo aqui é muito mais insignificante. Na clandestinidade cada momento, cada coisa que acontecia tinha um significado incrível!

Voltando de novo ao *primeiro ponto*, de certa maneira a clandestinidade era uma opção, uma escolha! Ao passo que o exílio... Eu saí do Brasil quando não dava mesmo para ficar, e é dife-

rente quando você sai porque te mandam ou porque você tem uma tarefa para fazer lá fora e depois não pode voltar. É muito diferente! Quando você sai mesmo nas últimas, sai fugindo, então isso tem uma carga, tem uma carga terrível. Daí talvez a minha recusa de ver bem essa época.

Se tivesse saído do Brasil em 72, em 71, quando as pessoas ainda estavam quase todas organizadas e ainda havia certas perspectivas de volta imediata e aquela coisa toda, talvez tivesse sido diferente. Mas eu saí no momento em que a derrota era óbvia e evidente, quando as organizações que surgiram em 68 - e eu surgiu com elas! - foram eliminadas fisicamente. Uma das questões, entende, que me coloco é: como é que estou aqui? Sorte mesmo, não pelo fato de eu ser muito importante, nem nada disso... Matavam tão indiscriminadamente... Estou viva por sorte!

É muito diferente você estar fora e saber que o seu amigo querido caiu e foi morto do que você ter estado com ele até cinco minutos atrás e... o cara sumiu no ar! Quando a gente está fora o desaparecimento é abstrato, a pessoa já estava desaparecida; outra coisa é quando desaparece do seu lado. Faço uma força desgraçada para não mistificar, pois acho realmente detestável o heroísmo; por outro lado, negar é uma loucura... E é diferente, é completamente diferente! Quer dizer, o que é que vem da clandestinidade? Da clandestinidade são as coisas mais profundas pessoalmente, mais terríveis. É banal mas é verdade; é você viver com um companheiro, ele sai de casa para voltar daqui a dez minutos e você não sabe se ele volta ou não. Você nunca sabe se vai vê-lo de novo...

E aí, quando você também está perseguida, tem que pensar em duas coisas: uma, agüentar o desaparecimento, e outra, ser o mais racional possível para saber quais as providências práticas que tem que tomar. É horrível porque não te dá tempo, não te dá possibilidade de elaborar as tais coisas que são fundamentais. Na verdade, quando isso acontece há tanto o que fazer, você não pode chorar porque está no meio da rua, não pode, sei lá, ficar trancada três dias em casa sem comer, porque tem que cuidar de tudo e tem que olhar para trás, para ver se não estão te seguindo. E eu desenvolvi esse mecanismo que acho horrível, patológico e que tenho até hoje: quando passam dez minutos tenho a certeza absoluta de que ele está morto, aqui, três anos depois! A gente traz um universo cheio de mortes...

Olha, acho que você tem razão quando fala em mistificação da clandestinidade, mas não é bem nos termos em que está dizendo. É complicado, porque tá mesmo ao nível do mecanismo psicológico. Quer dizer, todos os probleminhas que não são problemi-

nhas, mas problemas que as pessoas têm normalmente – afetivos, profissionais, problemas não sei que, – e que às vezes te encham o saco (você passa uma semana numa fossa desgraçada, porque, sei lá, quando tem dezoito anos alguém te olhou feio, quando tem vinte e cinco porque não está satisfeita com aquilo que está fazendo), enfim, esses problemas todos, na clandestinidade, acabam por ser minimizados e dominados pelo problema fundamental da sobrevivência. Então é mistificação no seguinte sentido: você pode se dar ao luxo de esquecer de você um pouco, e é se dar ao luxo, porque no fundo os problemas que realmente chateiam a gente são os que nos dizem respeito pessoalmente. Então, na medida em que você tem uma coisa que acha que é muito grande, e portanto está justificada – do ponto de vista ideológico, moral político ou intelectual – todos os seus problemas psicológicos e afetivos, quer dizer, todos os problemas, você pode deixar para lá. E como você bloqueia com justificção para bloquear, pessoalmente você se sente muito melhor.

Concordo que há também mistificação da importância do que a gente fazia. A partir de um determinado momento era uma importância dada pela gente mesma! Não era uma importância que existia, isso é verdade, era tudo valorizado psicologicamente. Mas de qualquer forma, a vivência foi essa.

Eu não tive sentimento de ruptura com a clandestinidade, não rompi com as raízes naquele momento, rompi com as raízes agora no exílio. Não que a clandestinidade fosse o mesmo mundo. Nada disso. Não encontrava absolutamente as pessoas de quem eu gostava, mas elas estavam presentes. E como me liguei muito a certos companheiros, afetivamente substituí a família – não é substituir que não dá né, não dá porque é grande demais, não dá porque é específico demais – mas achei um outro universo, preencheu.

Ah, e me liguei a pessoas inclusive que morreram, pessoas que estavam presas. Então criei um mecanismo de defesa que também deve ser usual... fulano morreu mas eu estou aqui. Inclusive cheguei a sonhar várias vezes com companheiros que tinham sido assassinados e que me diziam em sonho: 'Puxa, que legal, você está aí, você está continuando, está tudo bem'. De repente você não está mais nada, não está continuando nada, está lavando as fraldas!

O que doeu mais, o que foi mais violento, foi a ruptura com a militância, que para mim é sinônimo de ação. O que me desespera, me desespera loucamente é não poder atuar!

AMORE, CHE BELLO!

SE EU TIVESSE UM FILHO NO BRASIL, não sei como seria. Mas aqui fora eu tinha muita preocupação. Quer dizer, você sempre tem muito medo do parto, apesar de ser uma coisa muito linda. Tem medo da dor, de sofrer.

A minha gravidez foi muito tranqüila. Tinha parado de trabalhar, estava só estudando línguas. Mas não tinha INPS. É INPS que se diz? Felizmente consegui, através de uma organização de ajuda a estudantes estrangeiros, uma clínica para ter o filho sem pagar nada.

À meia-noite a bolsa d'água rompeu e eu fui para o hospital. Na manhã seguinte o nenê ainda não tinha nascido mas a enfermeira me diz: 'Seu filho é podálico'. O que, podálico??? Eu tinha lido muito sobre a gravidez e o parto sem nunca ter ouvido falar nisso. Aí me explicaram que podálico é a criança que nasce de bunda, o que provoca partos muito dolorosos. A única coisa de que me lembrei então foi daquela história que o povo conta: fulano tem sorte porque nasceu com o cu pra lua. E me senti muito feliz. Meu marido também estava radiante porque as enfermeiras já tinham participado que era um menino, um macho, não é?

Da sala de parto me levaram para um quarto onde já estavam outras cinco mulheres, todas italianas, falando carinhosamente com os seus bebês. Eu era a única estrangeira na enfermaria e lembro-me de ter tido a preocupação de não ser diferente. Por qualquer motivo que não sabia explicar, não queria chamar a atenção, não queria parecer estranha. Quando me trouxeram a criança – e eu estava tão contente e tão orgulhosa de ter esse filho –, segurei-o no colo, olhei seu rostinho e disse extasiada: *Amore, che bello!*...

Liege
Abril 1978.

V A HISTÓRIA COMEÇA
A PARTIR DE MIM



O sonho

MEMÓRIAS DO EXÍLIO. COTIDIANO. PARIS

Quando penso no dia-a-dia o metrô é uma das primeiras imagens.

Metrô, boulot, dodo¹...metrô, boulot, dodo...

Quase ao mesmo tempo volta: Vou danado prá Catende...

Vou danado prá Catende... versos que eu escutava quando era criança

Lembro de um sonho, era uma mistura de elementos do passado e do presente, passados que vivi, passados que não vivi mas que estão dentro da memória.

Estava em Maceió, cidade da minha infância. Meus avós moravam num lugar onde havia sítios, mangueiras, coqueiros, nós íamos até lá de bonde. Nessa época era muito pequena, mas lembro bem do ponto de bonde, da casa que ficava perto, das mangueiras. No sonho espero o bonde com pessoas estranhas mas que eu sabia serem do Rio e de São Paulo. Tenho a impressão que a maioria dos homens estava vestida de terno cinza. A única pessoa que eu conhecia era uma professora da Faculdade, minha amiga na realidade. No grupo que sobe no bonde estava o Portinari. Todos eram de fora mas o ponto de bonde era aquele perto da casa da minha avó. Ficamos todos na frente, junto com o motorneiro. De repente, não é mais o bonde, é o metrô, o metrô de Paris, aqueles vagões azuis e amarelos, o mesmo desenho da janela, o mesmo interior. Há um momento em que o Portinari cai na frente do

1. Expressão gíria francesa: metrô-trabalho-dormir.

metrô e é esmagado. Um choque violento, um barulho de freios, de carne e osso se esmagando. Vejo através do vidro pedaços de carne e sangue... Há um corte, era o metrô mesmo, sem mangueiras, sem mais nada, era um túnel escuro... Outro corte, passa um carro pipá, um jato d'água lava os pedaços de carne, de ossos, o sangue, lava tudo... Outro corte, não tem mais metrô, não tem mais bonde, há uma paisagem que poderia ser do sertão, terra muito queimada, muito seca, quase deserto. Resta o trilho, só o trilho. Não tem mais ninguém além de um esqueleto, esqueleto meio gente meio bicho ainda molhado de sangue e de água, gota d'água, gota de sangue que cai no chão. No esqueleto um sexo. Aí eu acordo.

A partida

Eu não esperava ter que sair do Brasil. Talvez só de maneira muito longínqua. Sobretudo porque a minha atuação era apenas no movimento estudantil. Para uma pessoa que participa em outro nível, a idéia da prisão ou do exílio deve estar mais presente. Para mim, não. Achamos que pode acontecer com outra pessoa, mas não com a gente...

Fui presa a primeira vez em Ibiúna. Eles ficharam 800 estudantes. Quando depois procuravam alguém, era este o primeiro repertório. Um ano mais tarde houve uma série de coincidências e azares, eles me procuraram e encontraram, claro... Nesta segunda prisão fui torturada. A linguagem para falar do terrível, ainda não a encontrei. Isto foi na Polícia do Exército, rua Barão de Mesquita. Fui solta e logo a seguir procurada novamente com vários mandatos de prisão. Minha mãe foi interrogada inúmeras vezes durante horas. Quase diariamente a polícia passava em casa. Isto durou algum tempo. O medo se instalou. E um dia a porta de casa foi aberta a tiros. Era certo que se me apresentasse naquele momento seria torturada novamente...

As opções eram entrar na clandestinidade ou esperar algum tempo escondida para ver a evolução da situação. Preferi esperar um pouco. Naquele período meu irmão começou também a ser procurado e a repressão aumentava violentamente. Então a possibilidade de meu caso ser resolvido apenas com interrogatórios desapareceu completamente. A margem de escolha foi se reduzindo. Eu teria a clandestinidade e a militância, no caso armada. Refleti e vi que esta escolha seria impossível para mim. Restava a saída do Brasil. Resolvi sair.

Entre a prisão e a partida um ano se passou. Foi um período duro. Mas o relacionamento com as pessoas que me rece-

beram foi muito rico. Eu não as conhecia anteriormente. A comunicação se fazia de maneira muito intensa, muito densa, o tempo era curto e havia o imprevisível no ar. Normalmente para se começar a dizer coisas a alguém demora um pouco, ali tudo se passava mais rápido. Tenho vontade de encontrá-las um dia. Deste período guardo coisas bonitas e fortes. Anos depois soube que uma das pessoas que encontrei, na época estudante de medicina, chamou de M. – o meu nome naquele momento – a criança que nasceu do primeiro parto que ele fez ou a sua primeira filha, não sei ao certo. Fiquei emocionada. Foram encontros, encontros que ficaram.

Houve também coisas muito difíceis. O medo, a espera. Vamos sair, não vamos, tem horas que vai dar, horas que não... Já não dá mais para ler, para fazer nada. Comecei a fumar nessa época. Estava numa casa que tinha uma árvore enorme em frente. Ficava horas olhando aquela árvore, pensando em tudo, pensando em nada, comecei a fumar. Era uma situação angustiante, para sair do país dependia de tantas coisas, havia uma tensão constante...

O que aconteceu não foi só a partida, o abandonar os amigos, o país, foi também a explosão da família, de repente explodiu, literalmente explodiu... Uma explosão acelerada, cada um foi para um canto. Para mim num certo sentido, o exílio foi também o fim da família. Ela foi pelos ares. Às vezes penso... o Brasil... o exílio, são dois exílios, o exílio da ditadura e o exílio da família. Só muito depois houve reencontros, relações que se restabeleceram, descobertas maravilhosas.

Viver todos estes anos num só país de exílio não foi um projeto, aconteceu. Vim para a França porque era o mais lógico para mim. O Chile ainda não existia, ainda não era Allende e a Unidade Popular. Ir para Cuba significava de certa forma o prolongamento da clandestinidade que eu tinha recusado. Tinha pensado em ir para Argélia, aquela vontade de viver uma experiência social diferente. Aqui me dei conta de que isto era irrealizável. Além de todas as diferenças culturais, havia a diferença maior: ser mulher, as dificuldades e os limites seriam muito grandes. A França estava mais perto em todos os sentidos. Quando cheguei já falava um pouco de francês, no Brasil tinha feito a Aliança... Paris era algo mais ou menos familiar, encontrei amigos brasileiros. Fiquei, e a vida continuou.

Culpa e mágoa

Pois é, será que sem a culpabilidade haveria a civilização cristã? Muitas vezes os raciocínios mais lógicos são insuficientes para evitá-la e

certas situações lhe são particularmente favoráveis. Foi um sentimento muito presente para mim nos primeiros tempos de exílio. Poderia ter ficado no Brasil? E as coisas que não fiz, será que poderia ter feito? Pensava, pensava, mas será que poderia mesmo? A culpa continuava e aparecia de vez em quando atrapalhando a alegria de ter um trabalho, de estar fazendo coisas, conhecendo gente. Quando chegava a notícia de alguém que tinha sido morto ou preso, ao lado da revolta havia a culpa... e eu aqui em segurança. Quando aluguei um apartamento sem dividir com outras pessoas, passei alguns dias dormindo muito pouco, me fazia mal ter uma casa, a minha casa, quando pensava no meu irmão militando no Brasil com aqueles riscos. Mas o tempo passa e quase desapercivelmente a culpa se torna mais relativa e a racionalização começa a ser possível.

O período da culpa foi também o da mágoa. A gente tem problemas durante toda a vida, é claro, quando um é resolvido outro aparece. Mas existem momentos em que eles são concentrados e proporcionalmente maiores que os habituais. O último ano no Brasil e o primeiro na França foram assim. Chegando, além das dificuldades previsíveis aconteceram coisas que não são uma particularidade do exílio, foram coincidências no tempo e no espaço, ficaram marcas e eu não pude deixar de associá-las ao exílio. Uma vez me surpreendi dizendo: não precisava ter acontecido. Outras vezes achava que era demais. Naquelas horas me sentia muito magoada, com tudo e com ninguém. Acontece.

A saudade

Quando deixei o Rio tive muita saudade. Saí de carro... ao longe a serra de Petrópolis... olhei... não sabia quanto tempo se passaria... Na hora da partida mesmo foi diferente. De tanta espera eu já estava saturada, pensava então: vamos ver o que vai dar.

Os primeiros meses em Paris foram muito confusos. Não sabia ao certo o que fazer da vida, como resolver os milhares de problemas, como resolver nada. Morei naquele momento em casa de amigos. Tenho a impressão de não ter tido tempo para a saudade. É difícil, agora, definir exatamente o que senti. Muita coisa me faltava, mas havia também a curiosidade das descobertas, do diferente, da nova vida. Uma mistura de sensações... Eu pensava vagamente... Plana um pouco...

Estou pensando numa carta que uma amiga me escreveu naquela época, ela dizia... não é bem assim, quando a gente se

afasta, com a distância fica tudo um pouco azulado, os contornos ficam meio indefinidos, menos duros... e fica tudo um pouco azulado. Para que ela me dissesse isso, é claro que no que eu lhe disse havia saudade. Em certas horas o Brasil devia ser para mim um pouco azulado.

Mas lembro que comecei a me defender da saudade, comecei a ter medo dela. Eu estava aqui, tinha que enfrentar a situação, tinha que arranjar um trabalho, tinha que resolver a minha vida. Não podia ficar pensando no Brasil. Se estou aqui vou tentar viver aqui. Cortei um pouco com o clima de saudosismo.

No princípio dividi um apartamento com alguns amigos brasileiros. Havia sempre gente em casa, de vez em quando uma feijoada, um cozido, um bate papo. Mas, com a repetição, a vontade de conhecer outras pessoas e outros espaços apareceu. Então um outro processo começou e durante muito tempo não me permiti a saudade. Talvez tenha exagerado. Uma das minhas irmãs chegando do Brasil ia pregar na parede o cartaz de uma praia da Bahia, eu não quis. Anos depois eu o tirei da gaveta e por coincidência ele está pregado numa porta.

E finalmente pensava menos no Brasil. Estava vivendo outras coisas... mas a saudade voltava inesperadamente. Às vezes aparecia o sol, uma réstia de sol, um certo tipo de luz, uma imagem ou o pedaço de uma música... aquelas coisas que levam de volta. Saudosismo é uma coisa, saudade é outra.

Há tanto tipo de saudade, uma foto, um objeto, alguma coisa do nordeste, aí o afeto se mistura com curtição, - cultura? Acontece também saudade de gente da rua, do barulho da rua, dos cheiros. Revi *Orfeu do Carnaval*. No Brasil não tinha gostado do filme, mas aqui não pude escapar à força da imagem, foi muito bem captado um certo tipo de fenômeno humano do Rio de Janeiro no carnaval... a barca de Niterói, quando explode o ritmo é incrível! Um dia estava voltando de uma ilha na Bretanha, a barca estava cheia de gente... mas o barulho era outro, e de repente senti vontade de escutar português, de escutar o barulho do português. O problema não é falta de falar português, tenho amigos brasileiros, é sentir falta do barulho em português.

A saudade dos amigos e das pessoas da família não é a mesma coisa. Muitos vieram a Paris. Nesses momentos você se pergunta o que é o tempo, o que é a distância. Uma carta pode também dizer tanta coisa, chegar tão perto. E as famosas cabines telefônicas, mágicas ou liberadas? Horas de espera no meio da noite... em volta se escuta falar árabe, português, espanhol ou japonês... e novamente o tempo e a distância desaparecem.

Do Nordeste a saudade é em geral difusa, mas quando aparece de verdade mexe mais fundo, nas entranhas. A imagem que tenho das minhas viagens pela Rio - Bahia é a estrada que dilacera a terra vermelha, violentamente. Parece querer chegar às entranhas. E a minha cidade se confunde, para mim, com o mar. Pedi a uma amiga que me mandasse alguns cartões postais de lá... a cidade se confunde realmente com o mar, e com os coqueiros. É talvez por isso que desde que estou aqui quando encontro o mar, depois do choque vem o delírio. As saudades da minha cidade são saudades marítimas.

A música sempre leva de volta, mais do que qualquer coisa... aquele samba-enredo do Salgueiro do ano tal... Um amigo mandou um disco de cocos de Alagoas, gravação direta de um lugar muito popular onde há um certo tipo de falar, de linguajar... foi um dos discos que mais me emocionou. Vivi escola de samba apaixonadamente, mas o coco ficou registrado, e foi surpreendente o quanto me tocou, é o mesmo com os frevos e as cirandas... mas chega de saudade.

As descobertas

Engraçado, parece um manifesto

Para mim o exílio foi: eu sozinha, a história começa a partir de mim. O anonimato foi uma experiência muito importante. Uma referência, sou brasileira, ponto. A ruptura não foi apenas com a família, foi também com todo um meio, com o Rio de Janeiro zona sul.

Eu tinha uma vida relativamente livre, meus pais eram abertos aparentemente e eu vivia em casa com todas as vantagens e desvantagens que isso tem. Estava terminando a escola, último ano, e pensava... preciso sair de casa um dia... o exílio acelerou isso também. Quando digo que no exílio a história começa a partir de nós, digo isso em todos os sentidos, referência social, referência afetiva, para começar. Mesmo a relação com os amigos tem um outro caráter, o que acho importante. Todos os problemas têm que ser resolvidos independentemente da estrutura da família que é sempre uma segurança, podendo permitir uma ligação relativamente marginal com a realidade, até quando se é estritamente classe média.

Chegando aqui, logo depois da ajuda inicial dos amigos, fiz o que todo mundo faz, trabalhos temporários mais ou menos mecânicos, mais ou menos embrutecedores. Um ano depois, através de uma amiga, voltei à minha profissão. Foi importante essa retomada de caminho. A seguir procurei outro emprego, aí além das referências profissionais eu era apenas uma brasileira. No início era so-

mente por dois meses, deu certo e fiquei seis anos. As pessoas começaram a saber de mim na medida em que se estabelecia uma relação mais próxima ou que determinadas situações se apresentavam. Uma vez conversando com um amigo, ele disse: 'Pois é, para você conseguir este emprego devem ter levado em consideração o seu problema político'. Eu disse que não. Para mim pessoalmente foi importante que não tivesse sido, mas é absolutamente legítimo quando acontece.

Assumir completamente a minha vida foi muito importante socialmente e em relação à família. Lá em casa vivíamos os clássicos e eternos problemas de família classe média. Finalmente sai deste condicionamento. Aconteceria em qualquer lugar, mas aconteceu na França.

É estranho estar contando isso. Normalmente tenho uma certa reserva em falar de mim, particularmente dos problemas do exílio. Medo talvez de cair no modelo do exilado.

No Brasil trabalhava ainda de uma maneira mais ou menos diletante. Aqui uma opção se impôs: assalariada, ... engraçado, parece um manifesto, mas porque não? Claro que não foi mudança de classe, mas definição. Anteriormente poderia me considerar vivendo uma certa ambigüidade de classe, se este conceito não existe, digamos que é um estado. Chegando tive que botar os pontos nos *is*. Para mim foi extremamente positivo, com tudo o que tem de interessante, desinteressante, enriquecedor e alienante. Nos momentos de saturação, fora deles também, penso na vontade de passar um tempo sem trabalhar, fazendo o que me der somente prazer, amanhã ou depois... Outra vontade é a de virar a mesa, mesmo, mudar o sentido das coisas, será que é a força da gravidade que cria a gravidade das situações?...

Trabalhar regularmente, e com franceses, foi bom para a minha cabeça, para as neuroses do exílio, para os meus dramas, para as minhas saudades, para os meus fantasmas, para as minhas culpas. E foi a melhor forma para começar a conhecer o país e as pessoas. Para mim foi também uma demarcação. Tenho amigos brasileiros que amo muito, mas encontro algumas dificuldades de falar com eles sobre certos assuntos, o nosso cotidiano é tão diferente... Existe uma série de problemas que vemos de maneira diversa: o *chomage*,² a crise, a política francesa. Um exemplo: decidimos no escritório que nos sindicalizariamos, por coincidência no grupo só havia mulheres. No nosso setor, apesar dos pesares, o mais indicado era a CGT (um dos três

principais sindicatos da França). Recebemos as carteirinhas, achei legal, tinha para mim um sentido político, simbólico, etc. e até mesmo um lado engraçado. Jantando com amigos brasileiros mostrei a carteira. Êsnobação total, as reações iam da indiferença à crítica super radical, enfim, eles estavam muito longe. Aí, é claro, me sinto perto daqueles cujo cotidiano tem mais a ver com o meu.

Mas, mesmo se trabalhar tem para mim um sentido, e um sentido particular num momento da minha vida, sou absolutamente contra a ideologia da produtividade, a sacralização do trabalho e todos os equívocos que daí podem decorrer.

O exílio é um exercício de solidão

O exterior e o exílio são um exercício de solidão. Foram para mim. Quando morei com amigos brasileiros foi no início muito bom, havia companhia, mas havia também independência, aconteceram encontros nessa época. Depois a casa começou a ser invadida por pessoas que se procuravam de uma maneira compulsiva, obsessiva. Se procuravam e não se diziam nada, e se diziam tenho a impressão que era raramente. As pessoas passavam, passavam... Chegou a um ponto que não iam à nossa casa, mas à rua tal, quem sabe poderia ser um café ou um teatro... Era o pânico da solidão, uma solidão que aparece mais claramente quando as referências estão longe. Havia uma circulação contínua. Os momentos em que nós ficávamos realmente perto, perderam pouco a pouco o lugar. Comecei então a recusar aquela imposição. Além disso, eu queria também poder estar só, poder estar comigo. Se isto não acontece você cai naquele ritmo louco ou fica louca você. Nos últimos tempos do Rio estava ficando saturada, tinha a impressão de estar me perdendo no turbilhão. Aqui recomeçou e também saturou... Decidi então morar só, ter o meu espaço, e finalmente esse espaço faz parte de mim.

Já passei algumas férias sozinha... gostei. Na Espanha, na Grécia, o Mediterrâneo sempre presente, o sol, o azul daquele mar, as ilhas, cidades muito brancas a subir pelos rochedos, o vento, os encontros inesperados, que se repetem ou não... é um outro tipo de apreensão das situações, das pessoas, da paisagem... Também gosto de viajar com amigos, mas é outra coisa, as descobertas são diferentes.

Às vezes na rua me sinto só, me sinto agredida. Nestas horas volta a lembrança do Rio, onde todo mundo parece descontraído, agradável, alegre, mas como dizia a minha amiga, de longe fica tudo um pouco azulado. Ao lado dessa alegria, dessa descontração, existe também a agressão, de um outro tipo talvez ou com um ou-

tro estilo. No trem da Central ou no ônibus Meyer – Copacabana às sete da noite penso que o espaço deve ser apertado para uma roda de samba.

Há coisas aqui que suporto mal, às vezes muito mal. O contacto com as pessoas do comércio, dos cafés, do metrô, da burocracia, pode ser muito desagradável. Como é possível que seja apenas uma maneira diferente de se expressar, mas até compreender isso... E o humor parisiense? É quase sempre agressivo, provocador além da conta. Disse a amigos franceses: isto para mim é falta de humor, de imaginação; eles concordaram. O aprendizado da linguagem é muito difícil. Às vezes acho que entendi alguma coisa, às vezes acho que não entendi nada. Conheço muita gente daqui que sente o mesmo. Talvez seja um problema da maioria das grandes cidades.

Mas Paris para mim é uma realidade, tem um sentido. Eu tenho uma história aqui. Oito anos de um período chave da minha vida. Gosto daqui. Tenho uma relação com a cidade, com as ruas, com as pessoas, com o que acontece, com uma certa maneira de viver. Tenho amigos. Quando volto das férias e escuto: *'dans quelques minutes nous allons atterrir à Paris'*,³ ou quando na estrada aparecem as primeiras indicações da cidade, tenho a sensação de estar voltando para casa, de encontrar alguém conhecido.

Política é entre outras coisas o cotidiano

Um dia pensei: estou aqui, vou viver aqui, e aconteceu. Não queria mais viver fantasmas, muito menos o fantasma de uma revolução. O Brasil existe, mas eu existo também, estou na França e não quero reduzir a minha vida, as minhas experiências a uma projeção no passado. Um passado que vivi intensamente mas que não deveria limitar o presente.

Algum tempo depois de chegar recomecei a ter uma participação política em relação ao Brasil, mas um belo dia vi que estava vivendo algo que era um pouco irreal, que não era o processo brasileiro, mas o processo brasileiro vivido no exterior com todas as deformações que pode ter, sendo vivido dessa forma. Tive a impressão que estava num beco sem saída, não via alternativas, não via também nenhum dos grupos que estavam fora colocando-as. A verdade é que tudo se passaria e determinaria no Brasil. Passei então a dar uma con-

3. dentro de alguns minutos vamos aterrissar em Paris

tribuição em nível mais geral: contra a ditadura, pela anistia, pelas liberdades.

Ao mesmo tempo, o que acontecia aqui tinha para mim uma repercussão cada vez maior. Me sentia fazendo parte desta realidade social, com as suas possibilidades e seus limites, suas esperanças e seus vazios. Este momento foi também para mim o início do feminismo. Além disso, política vai muito além da militância, é entre outras coisas o cotidiano, a sua relação com ele. Deveria ser também poesia e sonho.

O feminismo é uma maneira de ser

O feminismo é para mim uma posição política, uma maneira de viver, uma maneira de ver as coisas. Está ligado a todos os aspectos da minha vida. Uma das minhas referências importantes é o marxismo. Uma outra é o feminismo, que indo mais além, é uma maneira de ser. De certa forma a quarta dimensão que faltava.

Me tornei feminista em Paris. Comecei a abrir os olhos em contacto com um tipo de informação que passou a ser veiculada a partir da existência do Movimento de Liberação das Mulheres. Ver as lutas pelo aborto, contra o estupro, pela libertação das três Marias (escritoras portuguesas), de Éva Forest e suas companheiras espanholas, e outras campanhas que foram feitas aqui. Ler publicações feministas. A convivência e discussão com outras mulheres, francesas e brasileiras, que já se preocupavam com o assunto. Essas novas informações começam a pôr em cheque os valores que eu tinha e repercutiram no modelo assimilado, no meu caso a intelectual/artista/militante que passou pela Universidade, mas cujo destino final deveria ser o mesmo de todas... As repercussões estenderam-se a tudo, inclusive à vida sexual.

Em síntese, fui levada a uma reflexão, a fazer uma retrospectiva em relação a mim mesma. Fui analisando a minha vida, os meus fantasmas, vendo quanta opressão existia na minha história, mesmo se aparentemente temos um certo privilégio a opressão existe, velada, adoçada por uma estrutura intelectual, mas existe. A mulher que depois do emprego, do trabalho de casa enorme e produtivo, apanha do marido, é oprimida e explorada de maneira gritante... e no Brasil os homens dizem que mulher de malandro gosta de apanhar... Para nós é mais sutil, sofisticado até. Mas num caso ou no outro a mulher é sempre uma função do homem. Contradição evidente com belíssimas sambas onde a mulher, fútil, traidora, perversa, faz sempre o homem sofrer e trabalhar dobrado. O ideal seria a Amélia...

Fui vendo uma série de coisas de que no Brasil eu não tinha consciência, ou às quais não dava o mesmo significado e dimensão, sentindo o quanto os valores dessa sociedade patriarcal tinham entrado na minha cabeça. Comecei a ver que a opressão e a discriminação das mulheres aconteciam em todas as horas, em todas as situações, quase desde sempre.

No Brasil o feminismo para mim não existia, as primeiras informações que tive sobre o Movimento de Liberação da Mulher foram pela grande imprensa, com as devidas deformações falocráticas, que acrescentadas aos meus condicionamentos resultavam numa recusa.

Só comecei a ouvir falar disto com alguma seriedade na Europa. Porém, não tive inicialmente disponibilidade para essa problemática, que para mim ainda era secundária. O principal era a política brasileira, a situação no Brasil e que contribuição eu poderia dar. Além disso, havia com certeza uma forte resistência: eu pressentia que o questionamento seria em um nível de profundidade muito grande. As questões que o feminismo está levantando são as mais subversivas possíveis, mais subversivas que a luta de classes. Além das preocupações de ordem econômica, pela primeira vez é contestada de maneira conseqüente a estrutura de base de uma opressão e exploração milenar: a família. Tudo é questionado, toda a forma de viver. Então é claro que eu tinha um medo inconsciente, as defesas eram enormes. Mas para que possamos um dia *prendre nos désirs pour des réalités*⁴ temos que lutar necessariamente e também contra o patriarcado. Este questionamento em profundidade aconteceu e transformou radicalmente minha vida, minha relação com o mundo, com as pessoas, minha maneira de viver, de amar.

A volta

Quando se fala em memórias do exílio, estaria implícita uma volta... pensar em voltar para o Brasil... é claro que tenho vontade de ir, penso... mas às vezes tenho medo. É um pensar muito dividido. Para mim é uma coisa enorme, maravilhosa e terrível. Essa volta que é e não é geográfica, e que pode se dar de tantas maneiras diferentes...

Houve um momento em que cortei a idéia de voltar, não me via mais voltando... não é que não venha a fazer isto um dia, mas tirei da cabeça. Há algum tempo atrás comecei a pensar mais

4. transformar sonhos em realidade

no Brasil, me vendo um pouco lá. Talvez porque já poderia pensar nisso sem problema, poderia ser também uma certa saturação da França, uma reação aos momentos em que você se sente mais estrangeira, ou simplesmente vontade de rever coisas de que gosto. Aquela vontade de voltar que aparece sem razão aparente... Isso não é freqüente, mas quando acontece tem todo um cinema que volta...

Quando começou o movimento de volta, e que a anistia, além de uma campanha passou a ser uma possibilidade, me deu saudade de Paris. Passei em certos lugares quase dizendo adeus, aquela sensação de... mas eu ainda não vivi tudo o que queria ter vivido aqui... Penso que depois de um certo tempo haverá sempre saudade, seremos sempre um pouco estrangeiros?... Talvez não, pode ser que voltando aconteça o contrário. Mas agora tenho a impressão de que vai haver sempre uma saudade.

A vontade que tive de viver onde estou, acho que deu certo. Eu, aqui, vivo de uma maneira que voltando vai me fazer falta. Alguns marcos importantes da minha vida aconteceram na França. Aconteceriam no Brasil, mas de uma forma diferente. Por terem sido aqui têm um determinado caráter que é importante para mim.

No Brasil tem pessoas que amo, a terra, as mangueiras, o mar... Aquela imensidão em contínuo movimento, apesar de toda a reação e imposição no sentido inverso. Tudo isso faz parte de mim. Mas pode ser que chegando lá eu sinta que quero viver em Paris.

Uma volta implicaria na possibilidade de encontrar o meu espaço, de continuar a viver como sou, sem precisar de nenhuma caução exterior para legitimar socialmente a minha existência. Uma volta implicaria em continuar a viver como estou vivendo agora, com tudo o que descobri, com o que foi se transformando, e com o que eu fui descobrir lá. Tudo isso teria que ser possível no Brasil...

Na realidade o que se coloca para mim é uma ida. E desta vez quero poder escolher.

Maria B.
Dezembro de 1977

TENHO 34 ANOS E ESTOU VIVENDO FORA DO BRASIL desde 1969. Não saí do Brasil porque estivesse com problema de perseguição política, nada disso. A minha saída foi uma coisa intuitiva, pra salvar a minha cabeça, porque do jeito que as coisas andavam eu não conseguia fazer absolutamente nada. Vim pra cá trabalhar, e a minha estada aqui dependia do trabalho que tinha.

Narruela fase – não sei se você está lembrada, deve estar lembrada – as coisas estavam horrivelmente polarizadas politicamente e a gente tinha que fazer uma opção. O movimento de guerrilha urbana estava no auge e qualquer coisa que estivesse agitando acabava se integrando naquilo, porque o governo colocava você na categoria de guerrilha, estivesse você ou não na luta armada. Eu realmente não conseguia me integrar naquele tipo de organização, não só porque não achava a solução apropriada, mas também porque não sou pessoa de organizações. A mecânica da política me aliena muito rápido. Mas o meu desconforto pessoal no Brasil era muito grande e é difícil dizer até que ponto esse desconforto era uma coisa totalmente individual, que não tinha nada a ver com nada. Acho que não, acho que tinha a ver com tudo.

Aquele esquema de pintinho dentro da casca...

Bom, deixa eu começar do princípio. Nasci numa família de classe média. Não havia muito dinheiro mas havia o suficiente pra gente viver com conforto. Pai extremamente autoritário, aquele velho esquema tradicional, em que a gente não tinha a menor chance de existir como pessoa, como indivíduo. A família é fundida. Os limites entre as pessoas são tão baixos que qualquer um que discorde, que tente uma saí-

da, uma posição mais individual – não individualista, mas autônoma – a família rejeita, começa a chantagem, e o grupo acaba se impondo a cada membro com suas necessidades e esquemas.

A gente lê em Caio Prado Júnior e Gilberto Freyre que a família patriarcal é o próprio espelho daquela estrutura política do tempo colonial. E a gente descobre rapidamente, na vida pessoal, que depois a família foi evoluindo, mas nunca evoluiu o suficiente pra poder dar uma abertura e as pessoas poderem ter uma visão diferente da vida, ver alguma coisa que seja um pouquinho maior do que o quintal da casa da sua avó. Como mulher, meu universo era limitado pelos muros e cercas da casa em que vivia. Além disso, algumas pessoas podem achar que tirei a sorte grande porque não ia precisar trabalhar, porque não ia precisar me virar no mundo, enfrentar a vida lá fora; mas a verdade é que essa não é uma situação tão fácil e positiva como parece à muita gente. A mulher de classe média brasileira tem uma posição que parece muito privilegiada porque não precisa ser responsável. Não há necessidade de se preocupar em crescer, em ser adulta, em assumir a vida, as batalhas econômicas, nada disso. Mas esse privilégio não é um privilégio, é uma prisão. Não temos escolha porque só acordamos na idade adulta, sem o treino necessário para qualquer outra opção.

Foi o que passei também... Estava sendo preparada para ser uma pessoa que ia produzir filhos para o meu marido, ia ter que me comportar muito bem e ser, digamos assim, um mostruário do poder econômico dele. Adquiri uma certa cultura livresca e a ideologia que formei era toda ligada com o sistema que deveria representar, preservar e perpetuar. Tinha que ser uma pessoa assim muito pura, muito boa, jamais tinha direito de ter qualquer demanda pessoal, de fazer qualquer afirmação, nem mesmo de sentir coisas que fossem contrárias ao sistema. Quer dizer, a opressão é tão grande que chega a esse ponto, você não pode nem sentir vontade de ter o seu espaço, não pode nem sentir vontade de ter as suas idéias, acaba ficando achatada, sendo uma criatura inteiramente manipulada. Não acredito que uma pessoa não tenha necessidade de autonomia e de um mínimo de identidade social, que é o que a gente pode chamar de poder. Autonomia e identidade dão em que? Dão um sentido de poder. E a forma como a mulher, no Brasil, impedida de se manifestar diretamente como indivíduo, expressa essa necessidade de poder é, em geral, altamente manipuladora. Então a mulher brasileira de classe média, que é no que eu estava me transformando, é uma vítima que usa o processo de culpa pra manipular os outros.

Freqüentei durante vários anos uma escola particular muito elitista, vivia num ambiente superprotegido, aquele esquema de pintinho dentro da casca. Saía da escola para casa, da casa pra escola, não via muita gente, transava dentro da família na velha tradição patriarcal. A vida social era muito voltada pra família, a família extensiva, e a escola de certa maneira fazia parte disso, porque era uma escola em que eu estava desde os sete anos de idade, onde todas as famílias se conheciam, um grupo muito pequeno de pessoas *safe*, quer dizer, que davam segurança, aquela estabilidade, aquele conhecimento dentro do padrão estabelecido. E freqüentemente no ambiente de vizinhança, de comunidade em que a gente vivia, havia uma censura. O 'você não pode brincar com os outros porque é melhor do que eles'. Nunca era colocado assim. Diziam simplesmente: as pessoas não têm nível, não têm modos, não têm moral, tome cuidado, é perigoso, não se comporte como uma moleca, uma crioulinha. E aí vinha o racismo junto! Além disso, a gente cresce numa casa com as empregadas. A gente vive numa casa confortável, de classe média, e nos fundos então tem um quarto pobre, com um banheiro em condições muito inferiores àquele que a gente usa, em que moram duas, três empregadas; elas nos servem, e quando a gente começa a crescer, nos chamam de "dona". Isso é uma coisa que... Sinceramente, hoje em dia quando penso nisso me dá um arrepio! E quando vou visitar a minha família, isso me enche de conflito. Não vejo porque me deixar servir, e vejo aquelas mulheres e quero saber quem são, o que sentem. Mas foi o esquema em que cresci. E nesse esquema acho que existe uma coisa muito interessante e com grandes conseqüências. As pessoas que cercam a gente vão servir de modelos sociais, modelos de comportamento, que a gente internaliza. Então, assimilando os modelos, o que foi que aprendi? Que a mulher da minha classe, que é com o que eu tinha que me identificar e lutar pra ser, não tem acesso a sexo e não tem acesso a trabalho. Essas duas coisas, sexo e trabalho, esquece! São representadas pelas empregadas. E como a relação que existia entre as patroas e as empregadas era uma relação de autoridade, e chegava ao sadismo, porque chega mesmo, acho que o que acontece é que a mulher brasileira de classe média internaliza uma atitude de censura, até ao sadismo, em relação à sua necessidade de produção e em relação à sua necessidade de expressão sexual. Acho que o resultado disso é uma deformação muito séria - é uma doença mental!

Não sei porque não me adaptei a todo esse esquema de vida, seria muito freudiano entrar na história inteira. O fato é que não me adaptei, e meus problemas se tornaram eventualmente a minha salvação.

Comecei a experimentar a liberdade...
quase que caio do galho, porque não tinha
o menor hábito...

Em termos práticos, as mudanças começaram quando entrei para a Universidade. Foi aquela abertura! Foi lindo e horrível também, porque eu tinha um medo pavoroso das pessoas. Tinha medo de qualquer pessoa que não fosse daquele ambiente protegido e que eu não pudesse categorizar imediatamente. Mas aí começou a acontecer um negócio curioso. Meus pais eram muito idealistas, com um padrão ético altíssimo, e na Faculdade os que se enquadravam nesse meu padrão ético e idealista eram os marxistas. E não só isso: eram as pessoas que estavam fazendo um trabalho artístico que tinha uma profundidade, uma beleza, uma criatividade! Eu estudava Arte e me sentia atraída pelo nível de trabalho dessas pessoas, pelo que elas diziam e pela maneira como se comportavam. Eram os alunos mais interessantes, mais desenvolvidos, e estavam todos com a esquerda. Automaticamente isto me chamou a atenção e comecei a me chegar. Acresce que via colegas de um valor extraordinário, que lutavam com dificuldades econômicas terríveis, que às vezes não tinham dinheiro pra comer ou comprar material pra trabalhar. Todas essas coisas juntas provocaram cliques na minha cabeça e fui virando pra esquerda assim romanticamente, na base do *ethos*. Foi minha primeira fase de conscientização, ainda muito irracional. Aos pouquinhos fui investigando as novidades do ambiente, trocando idéias e dando uma participação muito tímida aqui e ali, numa coisinha e noutra, em atividades de Diretório Acadêmico, nunca nada muito ativo, porque eu morava em casa dos meus pais. Morria de medo, não da polícia, mas dos meus pais. Morria de medo porque as questões eram colocadas pra mim em termos de 'se você não se comporta, você não é mais minha filha'. E já estava achando que não era mais filha deles, estava vendo que não era mais, que estava com as minhas idéias à distância. Mas tinha um treino de viver naquele mundo, não conhecia outro, e não estava pronta para sair dele. Além disso, havia o hábito daquele viver esquizofrênico, de ter as idéias para um lado e o comportamento para o outro. É o que esse tipo de vida exige, que você tenha uma fachada permanente de bom-mocismo enquanto a sua cabeça vai a mil. Como qualquer ser humano você sente raiva, sente injustiça, sente tudo. E a minha identificação com a situação de injustiça social foi profunda, muito profunda. Assim começou a conscientização. A base de idealismo vinda de casa encontrou sua realização fora, quando a realidade começou a me aparecer como era.

Havia uma série de reivindicações na minha escola: um curso noturno, por exemplo, para as pessoas que trabalhavam, um restaurante com comida decente e barata, pra gente poder agüentar economicamente; horários que fossem mais coerentes com as necessidades dos estudantes, porque os cursos eram planejados de tal forma que você passava o dia inteiro na escola para ter três aulas, e não podia fazer mais nada. Eu estava participando destas lutas quando em 64 veio o golpe e os militares tomaram conta. Ai tudo acabou, tudo mesmo. A coisa foi aferrolhando e os professores melhores passaram a ser perseguidos, alguns perderam seus postos; a qualidade do ensino foi caindo porque eram as mediocridades, os caras piores dentro da escola que estavam de acordo com a revolução. E a dedoduragem começou. Tudo isso se acrescentou àquela minha consciência e eu continuei, devagarinho, devagarinho...

Estava também tentando fazer uma coisa que pra mim era muito importante, muito necessária, que era criar algum tipo de identidade, de autonomia, separada daquele núcleo familiar. Isto levou muito tempo e só consegui mesmo fora do Brasil. Desde pequenininha me frustrava com certas coisas daquele universo – por exemplo – aquele lance de que seus primos podem brincar no quintal e você não pode, tem de estar sob supervisão direta o tempo todo porque você é uma menininha. Também as diferenças no tratamento entre filhos e filhas da casa. Eu não gostava.

A situação de humilhação da mulher, sob a capa do privilégio, não me passava despercebida de maneira nenhuma. Acho que a mulher brasileira tem uma atitude que chamo em inglês de *comply-complain*, quer dizer: abertamente conformada, mas abrindo a boca pelas costas e metendo a ronca. Eu vivia dentro dessa contradição, vendo os problemas denunciados mas nunca resolvidos. O certo é que desde muito cedo já não conseguia me enquadrar no papel tradicional da mulher. Tentava, ou sei lá se tentava, mas nunca dava certo, estava sempre tudo saindo pela culatra. Não achava bom ter uma pessoa me dizendo o que fazer, não achava bom depender de um homem. E tudo era num nível, sei lá se inconsciente, que eu não botava em palavras, eu não tinha palavras, não tinha teoria pra me sustentar. Isso só foi pintar anos depois.

Nesse meio tempo meu pai adoeceu gravemente e fui obrigada a largar a Faculdade. A família se reuniu num conselho e chegou à conclusão de que meu pai não estava apto a tomar conta da gente, a gente tinha que ter um emprego pra se virar. E a proposição foi muito clara:

se eu fosse um homem ou se estivesse estudando engenharia, eles teriam me mantido na Universidade, porque a família tinha dinheiro pra isso. Mas o meu caso não era esse, eu era mulher. Então me fizeram largar os estudos. Eu adorava a Faculdade, fiquei numa infelicidade total, fundi a cuca, comecei a beber. Fui bem sucedida em arrumar um emprego, comecei a ganhar, etc. e tal, mas todo o dia saía do trabalho e ia pro Amarelinho ali na Cinelândia encontrar a turminha que tinha sido do Diretório Acadêmico, que era aquela velha turminha de escola com quem eu andava, e bebia com eles.

Com a doença do pai a autoridade em casa afrouxou e eu comecei a experimentar a liberdade. Quase que caio do galho porque não tinha o menor hábito. Fiquei completamente tonta, não sabia o que era aquilo, ou como controlar algo que nunca tinha tido, que nunca tinha exercido. Foi a fase de começar a agir sozinha. E essa também foi a fase em que resolvi que tinha que começar a trepar, o que foi uma barra muito pesada e não deixou de ser engraçado também. Na minha primeira tentativa tive que ser seduzida por quatro horas, nunca vi homem mais paciente e dedicado. O meu condicionamento pra não ser responsável pela minha sexualidade era tão violento, que tive que ser levada por ele num processo que começou no meio da tarde e acabou já tarde da noite. A minha resistência era uma coisa infundável. E o que é que é isso? Não é que eu não quisesse. Se não quisesse não estava ali. Tinha era que eximir-me da responsabilidade e exercer a resistência da 'boa moça'. Foi uma briga necessária, uma fase de muitas conquistas e descobertas, uma fase de mais conscientização, de muito conflito, porque eu vivia também uma vida secreta. Não podia mais me comunicar com a minha família abertamente, e isso me pesava muito porque os laços afetivos são profundos e contavam pra mim.

Nessa época aprontei um namorado que achei que estava na briga como eu, que acreditava nas mesmas coisas que eu acreditava. Pensei que nós dois juntos íamos transcender aquela condição de opressão pessoal, ter uma relação diferente das que eu via em volta e fazer também um trabalho com um sentido político. Tinha chegado a um ponto em que não conseguia ter namorados ou amigos que fossem ajustados aos esquemas tradicionais. Só conseguia curtir e estar junto de pessoas mais radicais. Era uma consciência assim da minha barriga, que estava partindo de dentro de mim, inarticulada porém sempre presente.

Achei que na minha relação amorosa ia encontrar uma saída. Não no sentido de que um homem fosse tomar conta de mim, pois já naquele tempo tinha clareza de que a mulher não devia se

deixar sustentar. Eu não fazia isso, me afoquei à idéia de trabalhar pois tinha que ter a minha independência financeira. Enquanto a relação da gente era numa base mais de flerte, consegui manter alguma independência e espaço pessoal. Mas quando afirmou-se mesmo o envolvimento emocional, começou a se reproduzir entre nós aquela estrutura de autoridade e de fusão que eu bem conhecia. Aí eu tinha crises de desespero. Tinha uma idéia do que queria mas não tinha modelo, não conhecia nenhuma mulher que vivesse como eu idealizava, como pensava que podia viver. E não sabia como construir as imagens na realidade. Olha, a minha mãe deve ter sido uma das primeiras mulheres que se formou no Brasil em engenharia, aí por 1930. Quando saiu da faculdade e foi procurar emprego as pessoas diziam na cara: 'ah, você fez estágio, fez um trabalho muito bonito, pesquisa linda e tal e coisa mas, sinto muito, isto não é trabalho pra mulher'. E ela acabou trabalhando pro governo, em pesquisa, e foi assistente do meu pai; se apaixonou, se casou, e a primeira que ele fez depois do casamento foi obrigá-la a assinar a demissão. Ela aí começou a ter filhos rapidamente. O que me toca é o fato de que ninguém, nem ele ou mesmo ela, acreditava que o trabalho fosse uma solução possível, uma vida desejável. A escolha, afinal, foi dela também. Assim, eu não tinha nenhum modelo. A única mulher que eu conhecia com uma profissão era uma médica amiga da família, e ela não era casada. Era um caso tão excepcional que era conhecida como Maria Doutora. Exceção completa à regra.

Então eu estava muito perdida e comecei a achar que a minha vida não tinha solução, que não existia mais nada, ou que talvez devesse aceitar aquelas coisas que estavam se passando, aquelas opressões todas, porque a vida era assim mesmo. Não conhecia outra vida, não conhecia nenhuma possibilidade de ter outra vida. Tudo o que podia fazer era ficar amarga, ressentida. Oprimida e reprimida, me refugiava numa vida interior e de fantasias, enquanto lutava devagar, tão devagarinho, do lado de fora... De repente apareceu uma oportunidade no meu emprego de fazer estágio de dois meses aqui nos Estados Unidos. Estava ainda noiva, o noivo chiou: 'sozinha, não!' Bati o pé e vim, debaixo de crise mas vim. Ameaçada de perder mãe, noivo, o escambau, mas vim.

Quando cheguei aqui desbundeí. Desbundeí por duas coisas. Em primeiro lugar porque comecei a ver mulheres americanas que tinham trinta e poucos anos, tinham sua vida, seu emprego, seu apartamento etc. e tal, faziam o trabalho que queriam fazer e ninguém enchia o saco delas. E não eram aquelas solteironas, não eram pessoas que vivessem marginalizadas. Viviam tranqüilas. Eu vi a alternativa, pela primeira vez, modelos! E a segunda coisa foi aquela velha história da primeira fase de aculturação. Desbundeí com a tecnologia,

com a prosperidade, com a riqueza que esse país representa. Fiquei fascinada. Tinha sido treinada para ser atraída por esse tipo de poder, o poder civilizado. Nada mais natural que me apaixonasse pelo que Nova York representava como ponto alto do sistema. Era, digamos assim, exatamente tudo aquilo que meus pais sempre tinham dito pra mim. Viver em Nova York e curtir a prosperidade material americana era o ideal para a classe média brasileira, era o auge da civilização. E eu acreditei.

Quando voltei para o Brasil comecei a mexer os meus pauzinhos de tudo quanto era jeito pra vir pra cá permanentemente. A crise no Brasil se acelerava assim a mil e a situação ia ficando cada vez mais apertada. Em 69 pintaram as maiores perseguições, que começaram a bater muito perto de mim. Uma grande amiga foi presa, muito torturada, e esse caso foi um choque total. Se o fascismo acelerou o meu processo, foi na medida em que polarizou as coisas de tal maneira que tornou todas as condições mais opressivas, impossíveis de se aceitar. Porque havendo um populismo mais benigno existe uma fermentação dentro do país, um mínimo de liberdade de expressão, uma ilusão de liberdade que permite que as pessoas se lambuzem, se engambelem. Com o fascismo não. E nesse ponto foi até positivo pra mim, porque tive que tomar uma posição. Ou vai ou racha. Do jeito que estava não podia ficar. E o desespero das pessoas chegando à intimidade... à falta de saída social, de participação política tornava as relações mais difíceis. É claro, quando você tem as pessoas participando, sentindo que estão trabalhando para uma coisa coletiva que é delas, é diferente. Um homem que está trabalhando dessa maneira não vai chegar à casa e despejar frustrações na sua mulher da mesma forma que um camarada que está oprimido e se sentindo impotente. Em minha casa meu marido vivia este sentimento, e também eu me sentia politicamente impotente. Realmente foi um período difícil, com ameaças, falta de informação, tudo. A um certo ponto resolvi ir a um analista. Procurei uma mulher. E o que ela me disse foi que eu estava sofrendo inveja do pênis, que tinha que me identificar com a imagem da minha mãe, começar a ter filho em vez de ter cachorro em casa – eu gostava muito de cachorro, de bicho, sempre gostei, mas para ela aquilo era uma substituição à maternidade. Aquele contato realmente foi a última gota, me achatou. Não consegui voltar lá, não consegui aceitar o que ela dizia. Ela chamou o meu marido e disse que ele tinha que me vigiar, porque eu era uma pessoa irresponsável que não tinha nenhuma maturidade, que era suicida e autodestrutiva. Agora, veja só, o que ela censurava era tudo o que havia de saudável em mim, a parte de mim que estava lutando. Até nesse nível psicológico o sistema impu-

nha seus limites. E tudo é coerente, você não pode encontrar nenhuma manifestação de abertura debaixo daquele regime do Brasil. Porque é um regime que conduz à rigidez em todos os níveis, e não pode haver possibilidade para que as pessoas realmente cresçam. Então o crescimento todo vai ter que ser dentro, vai ter que ser um crescimento que a pessoa não expressa, um crescimento secreto, e a maneira dele se expressar só pode ser por códigos. E isso é o que estava acontecendo comigo. Eu devia estar mandando mensagens de desespero em cinqüenta códigos, incluindo psicossomáticos. O problema é que ninguém estava recebendo. Eu estava me sentindo mesmo completamente ferrada.

Li Engels nessa fase. Foi o meu marido que me botou na mão. Ele tinha muito mais prática política, e eu seguia muito as suas idéias. É um cara absolutamente maravilhoso, aliás é uma pessoa por quem tenho o maior carinho, o maior respeito. Acho que ele foi uma vítima do sistema tanto quanto eu. Nós dois éramos atores daquele sistema que a gente tinha internalizado, e a maneira como as coisas se passaram entre nós, a violência do nosso choque, foi a prova de que a gente estava tentando sair. Bom, eu li o Engels e falei: é isso mesmo. E tentei aplicar na nossa vida, mas ele não aceitou. Não, não dava pé. E nesse ponto faço uma crítica violenta à esquerda latino-americana. Porque o que estava existindo era uma vivência da esquerda que era toda intelectual, era toda da boca pra fora. Na sua vida pessoal, o comportamento desses homens e dessas mulheres freqüentemente era completamente tradicional. Isso me fundia, porque sempre tive necessidade de coerência. Achava que se eu acreditava numa coisa tinha que viver essa coisa, mas viver no meu cotidiano. Que minhas idéias não podiam ser só o meu trabalho intelectual, tinham que atuar na maneira como eu lidava com todo o mundo. Se acreditava em marxismo queria vivê-lo no cotidiano, em casa e na rua, queria lidar com as coisas nessa base, queria integrar tudo mesmo. A minha ideologia pra mim tinha que ser vivida. Mas eu não encontrava resposta para o que estava sentindo ou pensando entre as pessoas de esquerda que conhecia. E nessa época eu não pensava muito não, eu fantasiava, sentia, e o meu nível de funcionamento estava muito baixo. Estava vivendo no piloto automático, numa base de sobrevivência. Então, por fim, saí do Brasil em 69, e isso foi a *minha saída*.

A saída foi global... Descoberta permanente, um negócio que até agora não parou, não pára de jeito nenhum!

Vim morar em Nova York e começaram a acontecer grandes mudanças na minha vida. Minha primeira fase aqui foi igual a índio, comprando conta e faca e panela. Só que não era faca e panela. Era conta, era roupa, era *make-up*. Eu era mulher inteligente, mas dentro do ambiente em que vivia até então tinha tido muito pouca chance de me expressar. Só saía com o meu marido, no meio dos amigos dele que eram, digamos assim, parte da *intelligentzia* de esquerda. Eu nunca podia abrir a boca, as pessoas me tratavam como se eu fosse um apêndice, um objeto. Eu era a Mariazinha do fulano, não era uma pessoa por mim mesma. E minhas idéias, que sempre tive, nunca foram ouvidas. Nunca participei ativamente dos diálogos – mas recebia cumprimentos pela minha aparência... Então a minha necessidade de afirmação e de poder pessoal foi toda pro meu aspecto físico. Eu me transformei num manequim. Necessidade compulsiva que tinha de ser bonita, de comprar roupa, de me tratar. Hoje em dia quando olho pra trás e penso, vejo que realmente não tinha escolha, essa era a única forma permitida de ser alguém. Acho que isso é parte do quadro da opressão da mulher brasileira. Essa preocupação excessiva é parte da sua escravidão. Lembro-me de amigas que não conseguiam sair pra rua se não tivessem um quilo de base no rosto, porque sem aquela proteção se sentiam completamente desorientadas. Que é que é isso afinal? Isso não é ser uma pessoa, isso é ser um troço, um objeto, um produto duma mentalidade que não tem o menor interesse em que a mulher pense, principalmente que ela aja. Assim, o começo da minha estada aqui viu uma aceleração do meu complexo de boneça, e vivi uma fase de intenso consumismo.

Mas aí logo começou a pintar o seguinte: eu descobri o Brasil. Porque até eu vir pra cá não era ligada ao Brasil e à nossa cultura. Tinha comprado a ideologia de europeização da classe alta de tal maneira, que eu almejava quase ser européia. Lia livro francês, falava francês, falava inglês, achava que a História da França era muito mais bonita do que a História do Brasil, nunca me interessei pelo Brasil, não achava nada do Brasil. Mas quando vim pra cá, de repente descobri o Brasil. O mais interessante, é que descobri que o Brasil, visto daqui de longe, não era branco e que eu mesma não era branca. Descobri a relação entre classe social e raça no Brasil. Entendi coisas que tinha vivido, mergulhada nelas todas mas não sabia o que eram; por exemplo, a relação entre as mulheres brancas e as empregadas no

Brasil. Eu sou como um termômetro de mercúrio muito sensível a todas as mudanças de ambiente. Aqui em Nova York descobri que não era branca porque não conseguia me comportar como os brancos, não conseguia sentir nem pensar como eles. Comecei a perceber diferenças profundas e comecei a olhar os porto-riquenhos e os negros em volta, a curtir os negros violentamente e a sentir que era com eles que eu tinha mais coisas em comum. Eu não podia nem sentir, nem pensar, nem ver o mundo como branca; não tinha uma ideologia de branca. Como é que não tinha uma ideologia de branca se sempre fui branca no Brasil? Aí fui descobrir a hierarquia dos países, das culturas, e a hierarquia das culturas dentro do Brasil. E a minha negritude, o meu lado índio. Foi uma descoberta linda e muito pessoal, porque tive sonhos incríveis em que os crioulos representavam todas aquelas partes de mim que estavam reprimidas: a minha sexualidade e a minha capacidade de trabalho. E isso me identificava com eles. Comecei a entender o que, e com quem, eu tinha aprendido as coisas que sabia.

Eu estava longe da família e rapidamente me separei do meu marido, porque a estática dentro de casa ficou insuportável. Ele não agüentou a barra do meu processo de conscientização, e isso eu compreendo perfeitamente porque não era uma coisa fácil. Eu vinha com muita agressividade pra cima dele, como ele vinha pra cima de mim. Na medida em que o identificava como o opressor da minha pessoa, metia os pés mesmo. E foi uma fase de raiva, de zanga, muito necessária. Reconheço que deve ter sido desagradável pra quem estava perto, mas pra mim foi imprescindível. Tinha inclusive que assumir a minha raiva um pouco, porque até hoje quando fico zangada ainda sinto culpa. Você acredita? Porque a minha formação de mulher brasileira foi tanto de ser a boa companheira, a boa praça e a menina doce – um estereótipo tão forte! Então eu entrava num parafuso, num conflito total. Pra conseguir sair desse nó foi difícil; precisava quebrar as imagens familiares, tão brasileiras. E o movimento feminista foi o lugar em que encontrei uma posição teórica, um projeto de revolução, em que me sentia integrada, incluída. Até aí não tinha sentido isso. O Engels existia mas ninguém queria saber dele; achavam muito bonito, citavam muito, mas ninguém queria aplicar aquilo na prática. Qualquer tipo de trabalho de organização era sempre dominado por homem, e mulher era pra bater a máquina e fazer envelope, trazer cafezinho, ser boa companheira, ser doce e dar apoio. Mas expressão mesmo eu não via, não estava acontecendo. Quando entrei no movimento feminista comecei a ver que ali estava havendo alguma coisa que tomava em consideração a minha condição pessoal. E o perigo teria sido parar naquele nível, teria sido parar na minha libertação pessoal. Conseguir aquilo a que me propunha, encontrar um estado de equilíbrio, e

depois só querer curtir o que conquistei. Mas acho que não dá pra fazer isso não. Acho que o feminismo tem a vantagem muito importante de ser o começo de uma bola de neve, porque tende a levar a conscientização da vida pessoal pra política. Esta ligação é muito forte e leva a posições políticas bem baseadas, profundas.

No caso dos Estados Unidos o perigo é que muitas das mulheres estão numa *power trip* que pode levar, e já está levando, a uma divisão entre barracudas e não barracudas, quem tem mais dentes, quem tem mais garra e quem não tem, 'irrespectivo' do sexo. Pode levar a mulheres agressivas e homens agressivos e violentos em meio à competição geral. Mas as mulheres e os homens mais suaves, mais tranquilos e delicados, mais sensíveis e mais humanos, mais cooperativos e mais igualitários, são pessoas que vão ficar ferradas. Não pense que aqui os meios de comunicação social estão difundindo o feminismo à moda marxista. Estão difundindo aquilo que mastigam e querem passar adiante. Mas, mesmo assim, acho que o benefício é muito maior do que o eventual perigo. Mesmo aquelas reivindicações voltadas para dentro do sistema, se tomadas seriamente, vão dar uma sacudida que o próprio sistema não está pronto pra receber. Acho que as mulheres têm que começar a abrir a boca e falar muito mais!

Uma das coisas que o feminismo me deu foi uma valorização das funções da mulher na sociedade. Por exemplo, acho que o homem tem que ficar mais consciente, mais participante, mais atuante na produção da vida, que é a produção de crianças. Acho que o homem se eximir e se alienar como se aliena, e dizer que faz as coisas importantes... Importantes, pô! Esse negócio é de um egoísmo profundo, é anti-social. É uma falta de capacidade de cooperar numa função social e econômica básica. Você vê; o homem não participa, ele pode ser um cara carinhoso, mas filho é assunto de mulher. A impressão que você tem, sabe qual é? É que a família é algo em que o homem participa de fora, circunstancialmente, que o homem não pertence à família. Família é pra mulher e filho. O núcleo essencial social é a mulher e suas crias. Isso me faz até pensar: será que realmente a gente está partindo de uma em que a mulher é o fundamento da sociedade? E que o homem é circunstancial, foi civilizado depois, veio depois, se ligou depois, concebeu o sentimento de cooperação depois? Porque até aí era bicho que andava solto! Começando a pensar a gente se dá conta de que ele não participa socialmente em muitos níveis. E neste nível tão fundamental, freqüentemente ele finca pé e se recusa. Sabe? Na medida em que o homem, ainda mais o homem conscientizado, o homem de esquerda, começar a ter uma posição mais ativa e a se preocupar mais com o equilíbrio emocional da família e com a parte de socialização da criança, vamos ter uma mudança mais realista e sólida, saudável!

O que acontece também é que a gente começa a ter mais informação, especialmente vinda da Antropologia. Foi naqueles arranjos sociais diferentes que as mulheres começaram a ver possibilidades de outras alternativas. Até aí a gente via tudo com os antolhos de uma situação, que era a única que conhecíamos e que tem um cunho de universalidade muito grande, por causa da expansão e da agressividade da cultura branca. O que chamo de cultura européia ocidental, cultura branca ocidental, o *www - White Western World* - é de uma agressividade incrível, como um grande monstro que se espalha. E, realmente, econômica e culturalmente nós estamos nos estendendo e corrompendo tudo que encontramos. (Não gosto de falar nós, porque não me identifico com essa cultura não, mas nasci nela...) A tendência é encontrar daqui a muito pouco tempo todo mundo englobado nesse sistema cultural. Por isso mesmo, a gente tem muito mais responsabilidade de ir buscar nas outras culturas as alternativas e procurar atuar dentro da nossa para empurrá-la em outras direções. Acho que temos que começar a estourar a nossa prisão ideológica. Como a gente é embebida dessa *www*! A gente tem tanto *a priori* que nem sabe! O que me abriu os olhos da maneira mais definitiva foi a vinda pra cá, porque foi a experiência *cross-cultural* que me deu outra perspectiva, que me deu alternativas. O choque abriu pra tudo, tudo! A saída foi global.

Foi tanta conscientização que eu vivia num estado de excitação constante. Descoberta permanente, um negócio lindo que até agora não parou, não pára de jeito nenhum. É uma motivação constante. Só que agora estou segurando mais a coisa, botando sob controle, porque era tão violento que eu tinha depressões. Subia igual a uma pipa e perdia o contato com a realidade, vivia no mundo das idéias e de repente caía e ficava deprimida. Só aos poucos fui aprendendo a modular a minha experiência. Mas de vez em quando fico até tonta porque há tanto pra estudar, pra aprender, pra viver... Me sinto altamente responsável com as coisas que faço e completamente envolvida. A nível de todo o meu interesse intelectual e de toda a minha intensidade emocional estou jogada nisso. Acho que não tem vida melhor!

A minha estada aqui dependia do emprego que eu tinha. Se perdesse o emprego tinha que ir embora. Aí começou a transa com advogado para conseguir um visto... demorou tempo pra sair. Já não agüentava mais trabalhar onde trabalhava. Era uma companhia completamente ligada com o esquema do sistema, onde eu tinha uma posição de importância relativa que não era nem alta nem baixa, era intermediária. Mas era toda aquela irritação cotidiana, a contradição total de sair do escritório e ir pra casa com um livro da Ju-

liet Mitchell debaixo do braço... eu pensava na questão da mulher e tempo todo e uma amiga minha ainda vinha com perguntas assim 'Como é que a gente foi parar nesse buraco? Como é que a gente caiu nessa galera?' Chegava num ponto em que eu tinha que parar e dizer: Não sei. Então fiz um programa de estudos daqueles violentos e meti a cara. Fui reler o Engels. É um livro do século XIX, e a informação antropológica que ele tinha era limitada. Teve que extrapolar muito e às vezes se enganou, mas é impressionante o que conseguiu fazer, especialmente em comparação com o que estavam escrevendo muitos dos grandes pensadores daquela época. Vibro muito com aquele trabalho. Um dia encontrei uma edição com um prefácio maravilhoso, escrito por uma antropóloga americana. Sabe o que aconteceu? Deu outro daqueles cliques na minha cabeça e falei: tenho que estudar com essa mulher. É isso que eu quero! Um ano depois estava fazendo um curso com ela de *Antropologia da Mulher através de Culturas*. Não sei como é que tudo se passou, foi no grito. Larguei o trabalho, fiquei ilegal aqui um ano. A sobrevivência material ficou difícil, mas vou me virando. Voltei aos bancos escolares aos trinta e poucos anos. Estou indo pra escola com os porto-riquenhos e com os crioulos. Resolvi estudar a evolução da família brasileira e qual foi a contribuição das classes e das raças oprimidas à nossa cultura e sociedade; a importância que a mulher índia e a mulher preta têm no processo de socialização do brasileiro; qual a influência do sistema emocional daquelas sociedades, daquelas organizações familiares, na formação da personalidade dos brasileiros. Existia um estilo de relacionamento igualitário nas sociedades índias e africanas que não é suportado pela nossa sociedade de hoje. Uma mulher tupinambá não era oprimida de jeito nenhum. Tinha uma tremenda autoridade, mandava e desmandava, tinha direitos sobre a terra que era a base da produção, e direito na distribuição do produto. Participava do controle social de uma maneira muito maior do que a gente imagina. Coisa semelhante acontecia em geral com as mulheres africanas. O engraçado é que nos textos do século XIX, por exemplo, a gente vê os senhores exploradores que iam à África comparar essa situação com a da mulher vitoriana, com as suas rendas, os seus sufocos e as suas saias e voltarem horrorizados falando das mulheres africanas, coitadas, oprimidas, trabalhando como bestas de carga!

Tudo isso alterou também a visão de política que eu tinha antes de sair do Brasil. Agora é um negócio que não é mais romântico e idealista. Antes me identificava com os oprimidos sem saber nem como nem porque. As teorias e as reações de esquerda eram um impulso de rebeldia e de resistência que me faziam bem. Agora é muito mais conscien-

te. Sei inclusive que é humanamente impossível atingir aquele nível de integração que idealizava. Porque dentro de uma sociedade de classes não é possível você conseguir isso. Todo o dia utilizamos serviços que são obtidos através de exploração. Aquela pureza não existe. Quando a coisa começou aqui foi numa base inteiramente diferente, a começar pelo fato de que foi um processo muito mais gradual. Foi a volta à ideologia de que tinha me afastado na fase de deslumbramento que marcou o início da minha vida aqui; foi a ida para a terapia, dessa vez com um terapeuta de formação marxista, que escolhi por esse motivo, e que foi uma experiência incrível; foi a ligação com o movimento feminista, com a linha marxista do movimento feminista e com as radicais feministas. E foi a integração de modo diferente do que eu havia sonhado, mas mais real – dentro de mim também e principalmente.

Hoje penso que o que tenho que fazer é reforçar a minha ideologia cada vez mais e procurar fazer um trabalho pessoal e coletivo consistente com isso. Queria trazer pro meu cotidiano as minhas idéias, e acho que dentro do possível estou conseguindo. A melhor maneira de conseguir isso é mudar. *Eu*. Antes de mudar qualquer outra pessoa. Porque *eu sou o sistema*. Isso foi a coisa mais importante que entendi aqui. Na medida em que no Brasil eu tentava mudar as coisas por fora, sem mudar o meu comportamento, estava projetando fora de mim o sistema que *eu* era. E hoje em dia eu, porque nasci, cresci e vivi nele, e aprendi exatamente nele – reconheço que eu sou o sistema, *eu* tenho que mudar. Ainda sinto todos aqueles deslumbramentos, todas aquelas vontades igualzinho como sentia antes, só sinto num nível inteiramente diferente, como se fosse uma voz distante que falasse ao meu ouvido. Não é mais uma coisa da qual sou escrava. Agora quem manda sou eu, eu e a minha vontade e a minha consciência. Desenvolvi a consciência, a consciência que não pára de crescer não, e não pode parar, a gente tem que estar sempre desenvolvendo. E sei lá, ter confiança de que a gente está fazendo a coisa certa e que vai chegar em algum lugar.

Eu sou o sistema...

Eu sou uma agressão àquele sistema
quando ando pelas ruas!

Desde que vim para cá fui ao Brasil duas vezes. Nossa senhora! Não reconhecia mais o Brasil, que problema! Havia uma mudança em mim e uma mudança no Brasil. Quando deixei o país ainda havia uma certa gentileza, mas o tipo de desenvolvimento multinacional associado que

a gente está passando agora, tem conseqüências profundas que senti demais. O que está acontecendo é que certos valores culturais estão sendo exportados pra lá e absorvidos ao exagero, com um deslumbramento! E é exatamente o que há de pior aqui que está sendo exportado. O que havia no Brasil, e que era bonito, era aquela ideologia de uma mansidão, da cooperatividade, da suavidade, da não competição. Havia, eu cresci muito com isso, e era muito doce. Agora, a agressividade mercantilista, o materialismo do mercado internacional estão deixando sua marca.

Olha, eu não consigo ver à minha volta. Mas mesmo que não esteja lá fisicamente, o meu trabalho é todo voltado pro Brasil. Isso pra mim é muito importante, saber que tudo vai poder ser utilizado naquela direção. Vou ficar aqui uns sete anos. Tenho a perspectiva de voltar para pesquisar, mas manter base aqui. Quero continuar trabalhando muito seriamente pra que o trabalho tenha um peso. Porque sou muito realista, no sentido de que sei que se tiver um doutorado, eu, como mulher no Brasil, pode ser que seja ouvida; agora, se aparecer lá sem o doutorado, *forget it*.¹

Acho que seria maravilhoso se pudesse pintar uma modificação no Brasil. Não sei se quero estar lá com as coisas do jeito que estão. Acho que não quero. E o meu problema pessoal conta muito também, porque estou muito bem aqui, encontrei um ambiente em que tenho muita informação, onde posso fazer muita coisa, botar minha capacidade pra funcionar, e quero continuar fazendo isso. Acho também que a volta seria muito difícil, sobretudo porque tudo se transformou na minha cabeça, até meu método de pensar. Quando chego lá, entro em choque. Sou uma agressão àquele sistema quando ando pelas ruas, porque é difícil de esconder o nível de liberdade e de autonomia pessoal conquistada, e que as mulheres lá não estão tendo. E que não podem desenvolver. E as famílias? Fiquei surpreendida com a minha própria reação às famílias no Brasil. Aqui estou tentando aprender a me comunicar diretamente. Não é um negócio de ser agressiva, é de chegar e dizer as coisas diretamente. E as pessoas no Brasil não dizem as coisas diretamente, não dizem porque não pensam assim, porque nunca foram ensinadas a pensar assim. Não se expressam, não se colocam, é tudo vago, falta precisão às coisas, falta direção. Estou achando isso difícil de explicar. O que quero dizer é que existe uma relação entre o sistema familiar, enquanto sistema de autoridade, e o sistema político, e que não acredito que um possa mudar independente-

1. esquece.

mente do outro. É na família que se aprendeu os sistemas de relações dinâmicas entre pessoas, coisas, o que você queira. E isso é essencial para a manutenção da ordem social que conhecemos.

Eu, como mulher, estou numa posição supersensível a todas essas relações opressivas, pessoais ou políticas. No Brasil sinto esta problemática muito visceralmente porque tudo me toca tão perto... é minha terra, minha gente, e entre eles volto a ser a outra Maria, rebelde, porque frágil. Com relação às mulheres, também senti lá muita rebelião e muito pouca consciência. Muita rebelião. E estou crescendo tanto ainda que não posso me colocar numa posição de castração, de sufoco, porque sozinha sou vulnerável e fico afetada. Só dá mesmo pra voltar se houver muita mudança, ou então quando estiver tão mais velha que não tenha mais o que temer, quando estiver na descida da vida. Talvez aí possa me sentir a salvo e saber que não vou ser apanhada de novo naquela moenda: fragmentada, pulverizada na minha identidade que tanto me custou a construir.

Eva
Dezembro de 1977.

E tudo mudou, aí tudo, completamente tudo, mudou.

EM TERMOS DE EXPRESSÃO DE UM PENSAMENTO, de uma idéia, em termos de construção de frase, escrevo melhor em francês... Mas tem certas coisas que digo melhor em português, porque estão ligadas à sociedade. Certos problemas, certas coisas que não consigo explicar em francês, porque – por exemplo – quando você fala sobre favela, você sente que é muito mais fácil falar em português, usar um vocabulário tipicamente brasileiro. Em francês só consigo escrever bem aquilo que penso depois que saí do Brasil. Ou então que aprendi aqui, que passei a pensar aqui. E outra coisa que não consigo fazer mesmo é tradução do francês pro português, isso não consigo, não consigo jogar com as duas línguas. Às vezes penso em português, às vezes em francês, e realmente são duas coisas diferentes, que ao mesmo tempo estão misturadas...

Eu nasci em 1964!

Vivi no Brasil até os onze anos de idade, e lá não sabia nem que existia uma cadeira chamada Ciências Políticas, nem o que se passava no país, o que acontecia, qual era o tipo de governo que a gente tinha. Eu sabia quem era o presidente e ponto final. Na rua, na escola, em casa, na televisão, no rádio, tudo faz com que você não tenha muita curiosidade por essas coisas e que prefira, por exemplo, fazer esporte, passar o dia na praia brincando, ou então escutando disco americano e vendo televisão. No Brasil a gente vivia um tipo de vida altíssimo pra sociedade brasileira, com muito dinheiro. A gente tinha tudo o que queria e

até demais, na minha opinião. Muita liberdade em casa, mas aquela liberdade' do... 'você pode fazer o que quiser, pode pegar dinheiro na minha carteira pra comprar bala, mas você não pode perguntar certas coisas, entendeu?...'

Certas coisas... certos tipos de relação, de amigos, eu não entendia direito. Eu perguntava porque o tipo de conversa era diferente com uma pessoa e com outra, porque certas pessoas não podiam ser mencionadas, e meus pais diziam que era uma pergunta indiscreta, que depois eles falavam, e iam adiando. Eu acho mesmo que demais. E a minha pergunta era sempre: porque? porque?

A gente comprou um disco que falava da história da década de 60 e tinha a invasão da Tchecoslováquia pelos soviéticos. Fiquei curiosa pra saber. E aí vinha sempre a mesma conversa: é muito complicado ainda pra você, ou você não pode entender ainda, quando você for maior... Acho que por motivos de segurança eles não queriam explicar. Eu era muito jovem, imatura, enfim, podia dizer uma série de coisas na escola que não deveriam ser ditas. Mas sentia muito.

E tinha gente por exemplo que ia lá em casa fazer trabalho com a minha mãe. Como é que pode mãe?... que trabalho é esse?... que trabalho é que você está fazendo... Eu nunca tive compreensão pra entender que podia haver alguma coisa em que ela estivesse ajudando... E nisso acho que eles erraram, eles achavam que eu não era capaz – se me contassem algumas realidades, algumas verdades – de guardar pra mim. Bom, tá legal, eu não podia saber de tudo assim, de repente. Mas algumas outras coisas eles já podiam dizer, eles me mentiram muito...

Houve uma vez em que a gente precisou sair de casa e ir para um sítio, viajar para um lugar no interior, e eu me perguntava: porque é que a gente está indo? – 'Não, não é nada não, é pra passear'. E eu sentia que tinha alguma coisa que não estava direito, que não estava certo. O sítio era realmente afastadíssimo... passamos lá um tempo ilimitado, faltamos à escola, aquilo não conseguia entrar na minha cabeça. Quando eu pronunciava o nome do meu tio, rapidamente a minha avó botava o dedo assim na boca e dizia: silêncio...

Nessa época ainda tinha uma lembrança muito vaga de ter visitado o meu tio na prisão, mas não me lembrava assim de ter passado um período fazendo fila pra visitá-lo todo domingo. Depois que ele foi solto, passou um tempo enorme sem nos ver e quando a gente finalmente o viu, ele estava com um aspecto saudável, brincalhão. Aquilo passou assim pra mim... Não foi uma coisa marcante, não. E ainda pensei que ele tivesse sido preso por problemas criminais, de roubo, não tinha idéia mesmo!

...Eu acho que sou uma das crianças que tem mais sorte de todo o país, de todo o Brasil.

Eu estava numa escola de elite, particular, de burguês, ou até de aristocrático-decadente.... Então, os meus amigos eram assim: as meninas passavam o dia inteiro na praia, pensavam em fazer regime, ter o nariz bonito, cortar o cabelo, comprar um cachorro e ter uma televisão a cores; os meninos só pensavam em jogar futebol. Não pensavam muito na escola, não queriam saber, não se interessavam.

No colégio, você tinha amigos e amigas?

Sempre fui mais chegada aos meninos, sempre tive mais temperamento de menino, sempre fui tratada como menino na escola, porque não estava preocupada com aquele negócio de cabeleireiro, ou em emagrecer, nada disso. Estava preocupada com outras coisas, tinha mais papo com os meninos.

Com os meninos, que papo é que dava pé nessa época?

Papo assim de política nem dava porque não tinha condição, nem base pra discutir. Eles também não sabiam, nem eles nem eu. Mas o que dava mais pra conversar era um pouco de história geral, história do Brasil e certos pontos de Instrução Cívica. Certas coisas como, por exemplo, o problema do chofer de ônibus, a gente discutia muito. Porque é que o chofer está sempre mal-humorado, quais são os problemas dele, onde é que ele vive; a gente fez inclusive reportagem sobre isso. Tinha uns aspectos bem positivos naquela escola. Aliás, era por isso que eu estava lá. Certas bases, certas noções de moral, que nunca tive em casa, aprendi na escola.

...por exemplo?

Como é que você deve agir numa sociedade, não em termos políticos, mas em termos individuais.

Como é que era essa Moral e Cívica?

Eles não quiseram nunca explicar pra gente o que era moral e cívica, sempre deixaram esse título. A gente fazia observações sobre a cidade e tinha sobretudo uma excelente relação a nível individual, entre as

pessoas. Não assim em termos de uma sociedade inteira, organizada, porque aí já entraria em outros problemas políticos, sociais, e nunca surgiu alguém que dissesse, por exemplo: puxa, essa ditadura! ou, puxa, essa situação! Nunca, nunca, jamais. Era como se não existisse, absolutamente. Mas em termos individuais, foi muito bom porque deu uma excelente formação pra gente, de honestidade, de simpatia, de não egoísmo. Essas coisas todas aprendi na escola e foi muito legal.

Estava lá um psicólogo pra saber o que você estava fazendo. Ele fazia perguntas, você escrevia redação, fazia textos sobre o que você pensava, organizava debates sobre certos aspectos... Aliás, era a única classe de crianças da minha idade, que discutia problemas de educação sexual.

Ah, se discutia isso na escola?... Como era?

Quando eu estava no primário, quando tinha nove, oito anos, o problema foi colocado mais em termos físicos: como é feito o corpo humano, as diferentes partes, o que diferenciava o homem da mulher, a reprodução sexual de bichos e plantas, inclusive do homem. Depois, mais tarde, quando a gente já estava no primeiro ginásial, foi colocado mais o aspecto afetivo. O amor, essas coisas, era bem mais tarde. Não peguei esta fase que era, na minha opinião, a melhor: a gente ia estudar não a relação sexual, mas o começo da relação entre o homem e a mulher, a amizade, depois o amor eventualmente. Mas eu saí do Brasil e perdi...

E você gostava da sua escola?

Olha, acho que sou uma das crianças que tem mais sorte de todo o país, de todo o Brasil... Minha escola era diferente. Era tudo seguido, você ia passando de um ano para o outro, sem pressões, sem exames. Tive no início pouca base científica e pouca base pra literatura. Me exprimia muito mal, como todos os jovens brasileiros. Mas esse aspecto de moral, de relação entre duas pessoas foi muito bom porque eu adquiri isso com onze anos e agora estou mais voltada pras cadeiras científicas e pra política. Então, realmente tenho uma excelente visão geral de tudo. Isso foi muito bom, isso gostei muito. Tive uma sorte enorme também porque peguei uma coordenadora muito boa, mas muito boa MESMO, que ensinava pra gente as etapas diferentes da sociedade humana, o tal primitivismo, essas coisas todas... e as passagens... os períodos de mercantilismo, depois o capitalismo, só não chegamos ao socialismo, foi a única coisa que ela não falou. Cortou. No

capitalismo acabou. Não mencionou outro tipo de organização econômica.

Você já tinha ouvido falar em socialismo?

Eu tinha ouvido falar em socialismo justamente na escola, uma professora falou... Mas, essas coisas eram assim muito vagas pra mim; não tinha a mínima idéia do que era o mundo, que coisas diferentes podiam existir entre a União Soviética e os Estados Unidos, os tipos de regimes diferentes, a política diferente. Não sabia o que era a esquerda, direita, nada, não tinha a mínima idéia. Me lembro de uma vez ter dito pra uma amiga que minha mãe era de direita porque eu confundi esquerda com a direita! E disse que ela era de direita...

Você se destacava na aula?

Sempre fui muito bem, nunca precisei estudar, a escola pra mim sempre foi uma diversão. Eu me destacava. Tenho a dizer que naquela classe eu dominava completamente. Não que fosse a mais inteligente, mas a mais voltada pra certos problemas que ninguém nem nunca tinha pensado. A vida deles era muito alienada e a minha já não era tanto. Era também, era muito, bastante, até demais, mas não tanto. Eu tinha algumas discussões com o meu pai, assim mais em termos científicos, não em termos sociais, de política, de economia, não, em termos de matemática, de geografia, quando ele tinha um tempinho, assim uma meia hora pra conversar comigo, sabe? Essas coisas se sentiam na escola, sentia-se que eu era diferente, que na minha casa tinha alguma coisa de especial. A minha família não era como as outras famílias de burgueses. De todas as famílias que eu conhecia, a nossa casa, a nossa família era única. Não posso dizer se era melhor ou pior. Era diferente. Todo o dia tinha gente, era freqüentada, cada dia vinha um amigo de cada tipo, um dia era amigo do meu pai, outro dia era amigo da minha mãe. Havia alguma coisa no ambiente...

Eu só conhecia bem duas pessoas, a empregada e a televisão, duas coisas, era a minha vida.

Imagina uma coisa: você passa o tempo todo na escola, tendo matemática e português, com pouquíssimas horas de história, de ciências, de música, essas coisas. Tudo que, enfim, diz respeito à história mais ou menos, era meio esquecido, e na minha opinião a história era o mais importante. Nessa época acho que você deve mais conversar sobre história do que sobre a matemática... Depois chega em casa e

não tem dever. Vai ali na esquina, compra sorvete e passa o dia inteiro, completamente, na frente da televisão vendo o que for... Desenhos animados alienadíssimos, daqueles americanos, coisas de karatê, Kung Fu, filmes sobre a máquina do tempo, que são aqueles filmes de ficção científica, ou então filme de Samanta, que é filme de magia, ou espetáculo de dança, e era só. Não tinha nenhum documentário ou bom filme. Os filmes à noite eram geralmente assim de terror, de vampiros, ou então comédias, daquelas bem imbecis. Vivi assim até o dia em que minha mãe disse que eu ia ficar surda e cega de tanto ver televisão. Aí fiquei com medo e parei um pouco.

E você não lia?

Eu não lia nada, só revistinhas. Tinha uma mesada de 190 cruzeiros, o que pra época era muito dinheiro, com os quais fazia o que queria. Realmente, era uma vida assim... aquele tipo de liberdade assim meio... que você fica sem saber o que fazer, meio perdida, você tem muito dinheiro, tem muitas possibilidades materiais, mas você não sabe o que fazer: passa o dia na frente da televisão, passa o dia lendo revistinha, ou então telefona pros amigos e só. Não tinha mais nada pra fazer.

Não saía?

Eu não saía com amigos, não, não. Ficava muito deprimida pela cidade, não gostava de sair na rua. Só ia ao Parque Laje. Ir à praia também gostava, passar o dia nadando, isso pra mim era legal, mas fora isso, sair à rua, assim como faço aqui, não gostava mesmo, porque não gostava de ver os carros, os edifícios, as pessoas passando, Copacabana, aquele pessoal todo andando, realmente me desagradava muito. Preferia ficar em casa, nossa casa era agradável, passava o dia ali simplesmente...

Não brincava na rua?

Não gostava de brincadeira de rua, não, porque isso aí era pra uma camada de crianças mais pobre, que estava na escola pública. Eu via as crianças brincando... Criança pobre brinca na rua... E a gente ficava em casa fazendo outras coisas, telefonando, conversando com a empregada, ou ali no prédio. O nosso prédio tinha um enorme parque, a gente ia à piscina do prédio, era um conforto magnífico...

Você não gostava do Rio?

A sociedade no Brasil, no Rio era uma coisa que eu não gostava, porque me lembrava vagamente do período de cinco meses que tinha vivido na França: Eu tinha sete anos... Numa cidade pequena, com neve, tranquilidade e calma. No Rio, todo o dia atravessava a Barata Ribeiro a pé, com calor, aquele barulho todo, as ruas em construção, sempre acidentes no meio da rua. E como já tinha visto, já tinha conhecido um outro tipo de cidade, aquilo me deprimia.

Você conversava com a empregada?

A minha convivência com a empregada era muito boa. Ela tinha quarenta e nove anos, estava esperando o nono filho, o marido estava no INPS com um ataque cardíaco, quase assim à morte. Eu procurava saber como é que ela vivia. Me lembro de ficar chocadíssima com a diferença do nível de vida dela e do nosso. Realmente achava aquilo tão esquisito, pra mim era completamente fora, nunca tinha imaginado!

E a sua irmã? Os seus pais? Como era a convivência?

A minha irmã eu quase não via porque, como a gente brigava muito, mamãe botava ela na escola à tarde e eu de manhã. Então não conhecia minha irmã, não conversava com ela. Ela tinha nove anos e era muito fechada. Me lembro de um episódio que me marcou muito, ela repetiu um ano e não fiquei nem sabendo. A gente tinha tão pouco contacto lá em casa... Minha mãe saía, passava o dia fora, ia trabalhar. Ela estava fazendo tese e a gente não se via realmente. As minhas amigas todas estavam acostumadas a isso, sempre tinham vivido nesse tipo de sociedade, nesse tipo de relacionamento de família, enfim, acostumadas aos pais que trabalham. Mas eu não, já tinha conhecido outra coisa quando a gente estava na França e papai só estudava. No Brasil, ele estava trabalhando muito, voltava às onze horas da noite, acordava às oito e também não o via. Realmente, era uma confusão muito grande, eu não fazia nada... Não pensava... Estava assim meio perdida.. Só conhecia bem duas pessoas, a empregada e a televisão, duas coisas, era a minha vida.

Eu sempre tive da Europa, da França, uma imagem assim muito... Como se fosse uma fantasia... Uma coisa assim cheia de neve... Cheia de árvores de natal, com coisas coloridas, umas bolas, umas coisas meio malucas, que se misturavam todas na minha cabeça.

Três meses antes da nossa partida papai começou a tocar no assunto, a falar um pouco, a perguntar, a sondar pra ver se a gente gostaria de vir. Ele disse que aqui na França cada uma ia poder ter um quarto separado, com camas não sei como, rústicas – eu sempre quis ter uma cama rústica – uma estante suíça, a gente ia morar num *chalet*, ia ter neve, enfim, que ia ser uma maravilha, que a escola era uma beleza e que a gente ia morar numa cidadezinha pequena, que a nossa vida ia ser tranquila e tudo... A partir do momento em que ele falou isso, a gente ficou com tanta vontade de chegar logo que abandonou tudo. Comecei a não querer saber mais das pessoas, a não fazer mais dever de escola a não ligar se ia passar ou não de ano; porque eu ia embora. Me lembro que isso mudou completamente a minha vida, não queria mais saber nem de nada, já estava indócil.

Antes da gente partir, eu e minha irmã fomos enviadas pra outro país por uns tempos enquanto se fazia a mudança, só nós duas. Havia uns certos problemas políticos com os meus pais, eles tiveram que mudar de casa. A gente saiu, foi embora, depois voltamos pro Brasil, fomos à ilha de Paquetá, me lembro bem, foi o último passeio que fizemos de barco, e viajamos três dias depois. Viemos pra França com meu pai, minha mãe já estava aqui, ela saiu antes, que ela tinha um certo risco, meu pai não.

Quando a gente chegou aqui, teve uns três meses de branco total... Aquele branco assim que você está descobrindo outra coisa totalmente diferente, entendeu? Você chega na França, você toma café da manhã diferente, não toma banho com tanta frequência, lava a cabeça com *shampoo* diferente, tudo muda, tudo... o carro que você vê na rua não é mais *Volkswagen*, não tem tanto barulho, escurece mais cedo, é inverno, você sente frio, está nevando, você entra na *Samaritaine* aqui em Paris, que é uma loja, e vê um ambiente de Natal, sabe? De alegria, de festa... foi um período assim branco, completamente perdido, mas muito legal, gostei muito, fiquei muito feliz. Bem, durante esse período a gente não fez absolutamente nada, ficamos montando casa.

Vimos primeiro para Paris, depois fomos para uma cidade pequena. Eu teria preferido uma cidade ainda menor, porque sinto muita necessidade de não ter carro. Meu problema era não ter carro, não ter poluição, não ter ônibus, não ter tráfego, não ter buzina...

Foi a descoberta total

Pela primeira vez conversei meia hora com a minha irmã, pela primeira vez em toda a minha vida consegui sentar e conversar com a minha irmã... Papai foi estudar, mamãe não estava fazendo nada, virou dona-de-casa, praticamente não fez nada em termos profissionais, e a gente foi pra escola. E tudo mudou... tanta coisa mudou, que tenho que começar assim, devagar. Vamos começar pela família. Na família a gente jantava junto, isso nunca tinha acontecido na minha vida, eu que sempre jantava na frente da televisão vendo filme... Então jantar junto, tomar sopa na mesma mesa, conversar, contar o dia, era completamente novo, diferente...

...Que mais? Aprendi a conhecer minha mãe, não conhecia a minha mãe, sabe? A única pessoa que conhecia era meu pai, no Brasil, porque ele se interessava mais, procurava conversar mais comigo e era ele quem tinha cultura científica.

Minha irmã foi surpreendente, ela era completamente diferente do que eu imaginava... Eu nunca podia esperar que ela fosse assim, mas realmente nunca... Você não pode imaginar o quanto é esquisito você chegar e conversar com uma pessoa que você conhece desde que nasceu, e pela primeira vez descobre que ela é diferente do que você pensava. Isso aconteceu com a minha irmã e também com a minha mãe, as duas pessoas que realmente eu não conhecia direito. Hoje sei dizer quais são as reações, os gostos, o que elas preferem, mas antes não sabia, realmente não conhecia mesmo, conhecia mais a minha empregada do que a minha irmã.

Cada hora muda, cada hora eu penso diferente!

A gente sempre teve empregada no Brasil, quando chegou aqui não sabia fazer nada. Com onze anos eu não sabia lavar uma louça. Além de não saber, morria de preguiça... No começo, confesso, aceitei muito mal, com agressividade inclusive, esta estória de ter que arrumar as

minhas coisas, porque na minha vida nunca tinha feito nada, nada mesmo, e a mamãe teve problema comigo em relação a isso.

Como é que você hoje em dia entende isso de todos participarem dos trabalhos da casa?

Hoje... acho natural, é óbvio que você tem que ajudar, cooperar, porque é que só uma pessoa tem que fazer? Por que alguém tem que fazer por você? Hoje vejo assim: sinto que tenho má vontade, mas tenho consciência de, primeiro, que tenho má vontade; segundo, de que tenho que fazer. Naquela época não, achava que não devia fazer, só a mãe. Nunca tinha imaginado um homem lavando louça... Agora acho naturalíssimo, claro, tanto o homem quanto a mulher, não interessa, todo o mundo tem que ajudar. Mas naquela época achava que se meu pai ia trabalhar, minha mãe devia lavar a louça, minha mãe devia arrumar a casa.

Sua mãe era professora, fazia outras coisas, mas mesmo assim você achava que era ela que devia arrumar a casa...

Sempre imaginei... Justamente esse problema da mulher... A minha avó sempre teve uma visão assim muito do homem como superior. Não entendo aliás como é que ela é feminista até hoje, militante inclusive, porque sempre dizia que eu tinha que comprar o pão pro meu pai embora eu não comesse pão. A esse nível doméstico, é uma contradição. Isso acho meio esquisito. Preciso escrever pra perguntar a ela inclusive isso, porque agora surgem novas dúvidas que eu não tinha o ano passado. Cada hora muda, cada hora penso diferente...

Que mais mudou?

Uma coisa que me abalou muito foi a situação econômica da família, porque lá a gente vivia com muito mais dinheiro, muito mais bens materiais, com tudo o que a gente queria, comida... Podia sentar e comer quinze bananas split, oitenta sorvetes, trinta chocolates! Hoje a gente não pode, não tem condição financeira... Nisso é que acho que os meus pais estavam errados, porque eles alimentaram muito um sonho, uma espécie de sonho que não foi verdade que se desmascarou três meses depois. E aí tive um período de contradições. Não entendia porque só podia comer uma fruta por jantar...

Como é que você sente a questão da tua liberdade individual? Você tem a chave de casa?

... Tenho liberdade total. Só meu pai tem um pouco de medo com histórias de namorado. Ele deixa sair, se eu não quiser dizer onde vou, ele respeita. mas a gente sente que ele fica sentido, que ele quer saber. Aqui em casa posso fazer quase tudo, praticamente tudo como um adulto... não é ainda tudo porque ainda tem umas certas coisas que eu gostaria de fazer que não posso. Não é por causa da idade, é simplesmente porque eles não estão de acordo...

E as suas perguntas agora tem resposta?

Nem todas, mas quando não tem resposta já sei... Por exemplo, eu pergunto ao meu pai certas coisas sobre um amigo qualquer, e ele: 'Escuta, eu prefiro que você não pergunte isso'. Ai eu digo: Eu sabia, já sabia que você ia dizer isso, ou eu sei, problema de segurança... Conversei com meus pais, discuti com eles, disse inclusive que acho que eles erraram, que não me disseram nada sobre o Brasil. Aqui eles tentaram corrigir esse erro e disseram quase tudo que diz respeito a eles, trabalho deles, pensamento deles, tudo eu sei... O que posso não conhecer são certas coisas de outras pessoas.

Num certo sentido se poderia dizer que você descobriu o Brasil aqui?

Exatamente. Descobri o Brasil aqui, completamente, fui descobrindo aos poucos...

Conte-me mais coisas que você descobriu...

Nas minhas primeiras férias aqui foi a descoberta total, porque aprendi tanto quanto no resto da minha vida toda... Realmente descobri completamente, realmente descobri! Mas acho que isso também não é só porque estou aqui, é também devido à minha idade. Cada vez agora vou descobrindo mais coisas... No Brasil eu seria uma alienada completa. E lá os meus pais não falavam. Se eu resolvesse querer aprender alguma coisa, olhar um livro e perguntar, mesmo agora com treze anos, isso seria vetado por eles, porque sei que até hoje estaria a insegurança, eles ainda teriam um certo medo... Aqui há outro medo. Acho que é medo mesmo da gente ficar com idéias diferentes, da gente descobrir um mundo diferente do deles, ter opiniões diferentes das deles...

E a escola?

Na escola mudou completamente; você chega na escola e vê as crianças pobres, vestidas com roupas pobres; você vê as meninas de calças descombinando, com a bainha rasgada, despenteada, uma menina que perdeu a mãe que morreu de câncer, outra que perdeu o pai de ataque cardíaco. Pra você ter uma idéia, nunca conheci uma morte na minha família, até hoje ninguém morreu. Então são problemas que pra mim estão fora da minha experiência completamente... Embora sempre ouvisse falar da miséria no Brasil, do problema da minha empregada, nunca tinha ido na casa dela. Aqui na França foi a primeira vez que frequentei mesmo a escola das crianças pobres, que vivi a mesma vida de escola que elas, e isso me chocou muito...

Aqui começou um novo período também completamente diferente em termos de ensino. Sentia que as crianças eram menos maduras. Não tinha aqui o mesmo nível de relacionamento com os professores. Tinha que chamar de Professora. Lá não, os professores tinham até apelido. Aqui: cada cada macaco no seu galho! Sabe lá o que é ficar envergonhada na frente de uma sala de aula porque chegou atrasada? Isso nunca tinha me acontecido no Brasil.

Mas agora que você está no liceu, você tem acesso às coisas que você tinha curiosidade de saber?

Completamente. Estou num liceu de esquerda – e a palavra agora tem sentido pra mim, – um liceu muito legal, muito liberal, e você faz a aula. O professor dá, digamos, quinze minutos de aula e abre um debate... 'vocês podem agora fazer perguntas e a gente vai discutir um determinado ponto'. Então isso é muito legal, porque agora não tenho realmente mais nenhuma curiosidade desse ponto de vista, porque inclusive sei satisfazer as minhas curiosidades eu mesma: pergunto ao meu professor, ou olho no dicionário. Se não conseguir, tento discutir com os meus pais. Mas aí sei que posso discutir, e eles sabem que podem discutir comigo também.

Agora, mudando de assunto... você sente alguma diferença entre menino e menina aqui no colégio?

Entre meninos e meninas... a diferença aqui é muito menor, porque aqui as meninas estão menos voltadas a virar madame, a se preocupar consigo mesmas, com o seu aspecto físico... E é uma preocupação que nenhum menino tem, nem aqui nem lá, mas lá as meninas têm esse tipo de preocupação e aqui elas querem mais é adquirir uma certa cul-

tura e nível intelectual. Então as relações aqui são muito melhores do que no Brasil; existe um clima de igualdade, de camaradagem. Os meninos de 13, 14 anos, da minha sala são legais e não tem nenhum problema de relacionamento, mas eles estão muito preocupados em namorar: 'puxa, você está com o cabelo feio hem?' E tem certos meninos que ficam dizendo: 'sexo masculino, sexo superior', porque a minha professora vive dizendo que isso é importante, os professores preferem, acham que os alunos são mais inteligentes que as alunas...

Você sente isso?

Isso se sente muito, sabe? Os professores ajudam mais os alunos do que as alunas, então os alunos sempre têm melhores notas. Eles ficam achando que é porque são meninos, mas não tem nada a ver... Isso vai demorar pra sumir. Depois, talvez na universidade mude, mas por enquanto é muito difícil...

Você falou que teve um começo de educação sexual na escola, no Brasil. A educação sexual é ensinada aqui?...

Não, só no ano que vem, ou seja, no oitavo ano, o que é uma coisa ruim porque quando a educação sexual é ensinada tão retardadamente como aqui, as crianças, porque ainda são crianças, aprendem as coisas por si mesmas e aprendem de uma forma errada, uma visão errada, uma visão de coisa ruim, o que é uma pena, não é?

E que visão você tem disso?...

Tenho uma visão muito boa, positiva, e sei que poucas pessoas da mesma idade pensam como eu. Acho difícil falar disso, sobretudo com as meninas, porque o mesmo problema é colocado de forma diferente por mim e por elas e é tratado e exprimido de formas diferentes, a gente não consegue se entender nesse ponto...

Em termos de possibilidades de relacionamento humano, de fazer amizades, como é que você sentiu as coisas?

... Olhe, eu senti que o pessoal é muito humano... não sei se isso é verdade, mas senti assim... Aqui fiz muito mais amigos e amigos mais sinceros, menos interesseiros, não de... eu sou amigo porque você tem uma televisão a cores. Senti que a nível de primeira vista, as crianças são, de modo geral, todas muito simpáticas. Fora isso a sociedade é

muito grosseira, não gosto da sociedade francesa, do povo francês, mas gosto dos jovens e do pessoal adulto que trabalha com educação, pedagogia. No começo não tive nenhum problema de relação. Tive depois, à segunda vista, digamos, um problema muito grande. Foi o da atração... Sou muito original, quer dizer, sou considerada como uma jovem exótica na escola. Sou brasileira, tenho outra cultura, conheço outras línguas, sei falar português... Então isso pras outras pessoas, principalmente pros meninos, atira muito mais e as outras meninas ficam com ciúmes, com inveja... Nunca me senti discriminada por ser estrangeira. Invejada, sim.

As pessoas fazem programas juntas?...

Em geral fazem. Vai-se ao cinema, as pessoas se visitam e tudo, festas de danças, debates... A gente vive muito em volta do liceu e qualquer encontro que você marca com alguém, marca na porta do liceu. É o centro da vida...

Aqui para mim a vida é um paraíso. Não preciso de mais nada!

Agora aqui em Paris, realmente... vou resumir tudo numa frase: aqui pra mim é um paraíso... paraíso... não preciso de mais nada. Passo o dia inteirinho no liceu... inclusive pertenco – é assim que se diz em português? – à Juventude Comunista da França e a gente na escola está lutando contra a reforma Haby. ¹ Todo o dia tem cartazes lá no liceu... eu mesmo coloco montes deles. Todo o dia estou escrevendo, falando... na minha classe discuto com as pessoas. Embora a gente só seja dois; dois comunistas na nossa classe...

Você é comunista?...

Sou.

Estou assim abismada. Com onze anos você não sabia nada, com treze você é comunista... Como foi isso? Como é que você descobriu a existência do partido comunista?

Isso veio progressivamente. Da cidade pequena na qual a gente morou pra cá, fui descobrindo... Mas eu era muito analfabeta até Julho. De-

1. reforma educacional proposta pelo governo.

pois mudou tudo... Tive contacto com outras pessoas... Olhe, as férias que passei, eu vivi o resto da minha vida naquelas férias, aprendi tanto quanto no resto da minha vida toda, não queria sair, não queria voltar, porque achei assim tão genial, foi tão diferente pra mim, foi diferente de tudo o que tinha conhecido. A sorte que eu tive... Viajei, fiz muitas viagens, fui a um país socialista, de que aliás gostei muito, porque lá conheci jovens de todos os países do mundo, até de Cabo Verde. Sociedades diferentes, culturas diferentes, línguas diferentes, problemas diferentes, regimes políticos diferentes, portanto, cabeças diferentes... Pessoas acostumadas com mais ou menos liberdade, pessoas mais ou menos voltadas pra miséria, enfim, mais ou menos pobres, e realmente foi muito legal... A gente trocou idéias, textos, tenho textos de amigos meus que os escreveram pra mim sobre as opiniões políticas, sociais, sobre o que eles achavam do mundo. Também escrevi pra um jornal árabe. Eles me perguntaram o que é que eu achava do socialismo, aí escrevi... O que mais? Ah! muito importante também... Descubri muitas coisas em termos de organização política nessa viagem, porque você imagina... eu já sabia das coisas como elas eram! Quem era presidente, partido comunista, partido socialista, PC do B, ARENA, MDB, enfim o que existia. Mas foi até interessante pegar os vários pensamentos e ver o que cada um tem de diferente. Isso me abriu muito e foi aí que decidi entrar para a *Jeunesse Comuniste*...

A decisão sua de entrar para a JC foi autônoma, independente, vontade própria?

Completamente. Pra falar a verdade nem perguntei aos meus pais, já estava meio entusiasmada com esse liceu, você passa a saber muito mais quando você está nele. Eu estava subindo a escada, vi anunciado *Jeunesse Comuniste*, aí telefonei, me informei, disse que estava interessada, marquei um encontro com o responsável. Depois disso falei com os meus pais... E estou achando ótimo, muito bom!

Houve alguma experiência de que você gostasse especialmente?

Depois da minha viagem ao país socialista, a melhor experiência que tive foi participar do festival de *L'Humanité*². Foi diferente. Na viagem que fiz tive contacto com pessoas da mesma idade que eu. No festival, tive contacto com adultos. Me sentia assim um pouco, não é que tenha

2. festa pública anual promovida pelo jornal *L'Humanité*, do Partido Comunista francês.

me sentido inferior, mas menos capaz de exprimir as minhas idéias, medo de dizer alguma besteira. Mas ouvi e aprendi muito. Foram só dois dias... Gostei muito, eu me sinto bem trabalhando, ajudando.

Você tem o hábito de ler jornal?

Não, eu não gosto de ler jornal, porque os jornais... o *L'Humanité* é um jornal ruim, o *Le Monde* é chato e complicado, um francês assim muito de literatura, não gosto. Prefiro ver o jornal na televisão e perguntar ao meu pai o que está acontecendo. Não estou diretamente ligada, estou mais preocupada com os problemas dos jovens na França. A gente está lutando e eu sinto na minha escola que há crianças que não sabem muita coisa, tem pais mais ou menos reacionários, são alienadas demais, não querem saber. Se botasse pra votar as crianças, acho que ganharia a direita na escola! Mas, são crianças boas. Sinto que se a gente contasse toda a verdade...

Da tua observação direta de um país socialista, você sentiu diferença em relação a outras sociedades que você já conhecia?

Sei que o país onde estive tem umas certas coisas que me desagradam, em termos de conforto, simplesmente conforto material, você não acha lá certas coisas que você acha aqui em Paris, porque aqui você está no seio da sociedade burguesa, da aristocracia do XVI^{ème}³, então você acha tudo. Eu sei... a sociedade de consumo, meu pai não gosta, mas a gente está acostumado com isso. Tem certas coisas que gosto de ver aqui e que lá a gente não tinha, apesar disso gostaria de viver lá, pelo menos um certo tempo. Eu ia inclusive propor um período, meu, individual, mais prolongado lá. Mas isso eu sei que não é possível, nem estou querendo por enquanto, porque realmente estou muito bem aqui no liceu. Quando piorar, enfim se piorar, aí talvez mude de idéia...

Quer dizer que você quer manter uma vida escolar e de militante...

... Sinto que alguma coisa mudou aqui em casa depois que entrei pra esse liceu. Tem quatro meses que o ano escolar começou, sinto que não gosto mais de ficar em casa, mas não gosto mesmo. Chego em casa e não sei o que fazer, não quero ver televisão, não estou com von

3. bairro rico em Paris.

tade de ler, porque eu leio na escola, meu livro fica lá na biblioteca, não posso conversar porque minha mãe está sempre fazendo outra coisa, meu pai também, aí fico sem saber o que fazer. Então 99% do meu tempo quero estar na escola, sempre quero estar na escola o máximo, mesmo que não tenha aula. A gente pode fazer outras coisas, tem biblioteca, sala de debates, sala de documentação, você pode discutir, tem pátio enorme, tem tudo o que você quiser, cantina, você passa o dia inteirinho lá... Realmente é um liceu maravilhoso...

E outros países que você visitou... a Itália?...

... Bom... Achei simplesmente linda, adorei, é o país que eu mais gosto do mundo! Cheguei na Itália e me senti como se estivesse em casa, me senti muito no Brasil, se não fosse pelo problema de língua e tudo, até gostaria de morar lá... Agora, não procurei realmente entender o que estava acontecendo, mas notei uma coisa que tinha nas cidades mais do norte – é curioso até – a população toda na rua, nas praças, fazia assim círculos de discussão no meio da rua, pra discutir problemas políticos... meus pais se enfiavam lá pra saber o que estava acontecendo, achei meio esquisito, não queria entrar naquele monte de adulto, mas era interessante: discussão política no meio da rua eu nunca tinha visto... vi uma passeata que me marcou... me marcou porque foi reprimida, de jovens de 18, 19 anos... jogaram bomba e tudo, isso eu vi, foi em Roma...

Você já tinha visto alguma passeata no Brasil?

Não. Eu nasci em 64...

Eu sinceramente não quero voltar...

Meu futuro é o seguinte: estou pensando... agora já vejo mais claramente, bom, eu quero ser militante da *Jeunesse Communiste* até dezoito anos, depois acaba, porque já passo a ser adulta. Aí depende: pode ser que eu entre para o PCF, senão fico como estou e em termos profissionais vou fazer Faculdade de História. Talvez faça Sociologia, não sei, mas é esse tipo de coisa que quero fazer, mais ou menos. Penso em trabalhar, sobretudo fazer pesquisa, escrever livros, publicar minhas idéias.

Isso me dá a impressão de um plano de estadia aqui bastante prolongado... você tem treze anos. O seu futuro em termos de Brasil... como é que você vê o Brasil agora?... a sua volta?

A minha volta não me preocupa nem um pouquinho... Sinceramente não quero voltar, estou muito bem aqui... É óbvio que uma viagem de férias assim de vez em quando ao Brasil é muito interessante, porque sinto, às vezes sinto saudade... mas estou cada vez mais familiarizada com a sociedade, com o povo, com os amigos, enfim, realmente não sinto muita necessidade de voltar pro Brasil, não. Portanto fico aqui até fazer dezoito anos pelo menos. Se os meus pais resolverem ir pra outro lugar, fico aqui com amigos, de qualquer maneira daqui eu não saio. Este é o meu primeiro plano. Depois, vamos ver... pode ser que resolva fazer universidade no Brasil. Se fizer lá, acho importante do ponto de vista de contacto com os jovens que têm a mesma opinião política no Brasil... Você mesma, você deve ter a experiência de que os seus melhores amigos são os que você conheceu na Universidade.

Quando você pensa em política você se preocupa com política brasileira?...

Táí uma coisa curiosa: estou preocupada com a política em geral, no mundo todo, mas não particularmente com a política brasileira, mais até com a política francesa. Estou lutando aqui, a gente está fazendo coisa aqui, contra a Reforma Haby, contra os planos Barre, que é o Primeiro-Ministro, contra essas coisas, não é? Contra esse racha que houve na esquerda atualmente. O Brasil, por enquanto... deixa eu fazer as coisas que estou fazendo aqui na França, deixa eu ficar bem entrosada, depois eu vejo, pode ser até que faça política... Estou menos interessada com a situação política do que com o trabalho político que a gente tem que fazer. Trabalho mais do que quero saber sobre o país.

Suas imagens sobre o Brasil mudaram depois que você viveu no exterior, sua visão do Brasil?

As coisas que eu conhecia lá não mudaram, quase que não... tenho um pouco mais de consciência sobre a injustiça da sociedade brasileira, tenho um pouco mais de consciência sobre o que é o Rio, em termos de cidade... eu cresci... não sei se foi também por causa da nossa partida, pode ser também só por causa da idade... No ano passado estive no Brasil. Até me decepcionei um pouco, porque esperava outra coisa, esperava o Brasil que eu tinha, uma imagem de um bom Brasil, porque

me agradava ver televisão, telefonar, conversar com a empregada, então esperei voltar e gostar de novo das mesmas coisas que sempre fiz. Acontece que não me acostumei mais a fazer o que fazia lá e não podia muito fazer outra coisa. Então fiquei perdida, foi um mês que passei meio perdida... Vi a família e só.

Você pensa em casamento?...

Penso...

E tem vontade de ter filhos?

Tenho... antes eu queria ter dez filhos, mas agora já vi que financeiramente não é possível. Quero ter filhos, acho que tudo o que aconteceu comigo quero que aconteça e que eu faça acontecer de uma forma melhor com os meus filhos, que eles sejam sempre melhores, tudo o que fui mais alguma coisa... Viver tudo o que vivi e mais ainda alguma coisa, que é o que sempre acontece. Eu vivi tudo o que os meus pais viveram mais muita coisa...

Imagine o seguinte: acordar, ver café pra toda a família, preparar os filhinhos pro colégio, saírem todos... Aí você fica dentro de casa, lava a louça do café, faz as camas, varre a casa, sai pra fazer as compras, prepara o almoço pros que vêm à casa almoçar...

Que horror!!!... Pra mim quero uma divisão justa das tarefas do cotidiano, da casa. Vou trabalhar, meu marido vai trabalhar e quando tiver filhos espero muito mais dele. Inclusive até uma certa idade, filho fica mais é com você mesma, então acho que... bom... não se pode evitar, é você que tem que ter o filho, não o marido, então já que você tem isso, pode-se compensar por outras ajudas que ele pode dar. Agora, acho que pode-se viver perfeitamente filho, marido, mulher, e você trabalhar e ter atividade social, ler um livro, ir ao cinema, fazer o que quiser, ir a um restaurante...

No conjunto da sua vida no exterior, se você fosse fazer um balanço, você diria que ela representou mais ganhos do que perdas, mais perdas do que ganhos?...

..Eu diria que a vida aqui fora representou mais ganhos do que perdas, porque realmente ganhei muito, muito, muito mais do que perdi. O que que eu perdi? Não perdi grandes coisas, perdi a família, quer di-

zer, o resto da família, e certos aspectos da cultura brasileira que realmente gostaria de ter aqui, ou seja, certas coisas que gostava da televisão brasileira, é a goiabada de todos os dias, são coisas do cotidiano que você gostaria de ter, a própria cidade, a praia... Fora isso não perdi mais nada... E o que que ganhei? Ganhei um liceu maravilhoso, ganhei uma possibilidade, uma abertura de futuro enorme, porque se ficar aqui eu vou ter muito mais base, muito mais possibilidade do que se voltar. Ganhei uma nova língua, muito mais cultura, um novo período de politização pessoal, um novo período de discussão com os meus pais, um novo período de conhecimento geral, enfim, de contacto com outras pessoas. Enfim ganhei muito mais do que perdi... Como é que posso querer voltar?

Emilia Viotti da Costa
Abril de 1979

PARA OS QUE FICARAM NO BRASIL e hoje vêem alguns exilados que (por questões muito especiais) conseguiram não só superar a crise inicial do exílio como encontrar relativo ajustamento e mesmo sucesso nos países para onde foram, a situação parece até invejável. Os que vêem o problema de fora desconhecem a sua natureza trágica: o desemprego, as humilhações de toda sorte, o temor constante da deportação, os problemas de visto, a angústia das famílias separadas, crianças e adolescentes traumatizados, neuroses e receios de toda espécie, e, sobretudo, a infinita solidão e sensação de desenraizamento que sofre todo exilado. A convicção de que estavam certos e de que o que lhes sucedera era consequência inevitável de suas convicções ajudou alguns a sobreviverem, mas como o homem (e a mulher) não se sustentam de convicções apenas, a luta pela sobrevivência no dia-a-dia foi avassaladora para quem não tinha os meios de subsistência.

Alguns encontraram apoio na comunidade de exilados; outros empreenderam uma luta anônima e solitária. Todos, no entanto, quaisquer que tenham sido os motivos de seu exílio, viveram horas de angústia e frustrações incalculáveis.

Eu não sabia existir sem aquele tipo de trabalho

Duas razões principais me levaram a sair do Brasil, ambas interrelacionadas. Primeiro, o clima de insegurança existente naquela época, quando qualquer pessoa podia ser detida ou punida em virtude de acusações irresponsáveis de inimigos pessoais, sem que lhes fosse dada autêntica oportunidade de defesa, pois as opiniões já estavam formadas *a priori*, pessoas rotuladas antes mesmo de serem ouvidas, e quando ouvidas tinham as suas razões automaticamente desqualificadas. Esse cli-

ma de tensão, ansiedade e arbitrariedade, que para alguns custou a própria vida, tornava qualquer atividade intelectual momentaneamente impossível. A segunda razão que me levou a sair do Brasil foi a falta de condições de trabalho, após a minha aposentadoria compulsória da Universidade de São Paulo, em 1968. Ensinar, para mim, é uma atividade fundamental. Sou mais inteligente numa sala de aula do que fora dela. O processo de ensinar me leva a clarificar as idéias, organizá-las melhor e, principalmente, a definir prioridades, separar o essencial do não essencial. O trabalho de pesquisa dissociado do ensino foi sempre insatisfatório para mim, por isso procurei no exterior as condições que me faltavam no Brasil.

Em 1970 fui convidada a vir para os Estados Unidos como professor visitante. Voltei ao Brasil, onde passei mais ou menos um ano, e naquela altura verifiquei que era impossível continuar lá. Não havia nenhuma estrutura para dar apoio a intelectuais aposentados pelo AI-5, não havia um grupo com que eu pudesse trabalhar. A única opção seria continuar sendo pesquisadora por conta própria e viver isolada como tal. Então apareceu a possibilidade de voltar aos Estados Unidos e eu vim para cá em 1972.

Para mim, naquela época, não estava claro que se tratava de um exílio: era uma tentativa de continuar o meu trabalho onde as condições existissem. Também não estava claro se essa tentativa seria viável. Não tinha uma oferta concreta de trabalho permanente. No espaço de um ano mudei-me do Brasil para Illinois, de Illinois para Massachusetts e de Massachusetts para New Haven, Connecticut, onde finalmente consegui *tenure*¹ em Yale. Tive que adquirir uma experiência nova: ensinar História da América Latina em vez de ensinar História do Brasil, que era minha especialidade. Foram meses de grande atividade, buscando uma intimidade maior com esse campo, extremamente intensos em termos de descobertas intelectuais.

Vivi essas mudanças todas... carregando meus filhos comigo. Não tardou muito para que ficasse evidente que a vida nos Estados Unidos ia ser bastante difícil para eles. Foi extremamente duro reconhecer que eles não se ajustariam aqui. Como crianças brasileiras, o conhecimento de inglês que tinham era muito rudimentar. Havia também o problema deles não conhecerem os esportes que os americanos praticam, o que dificultava sua aceitação por parte dos outros adolescentes. Sem o recurso da língua, sem o domínio de um es-

1. contrato vitalício

porte, retirados de uma sociedade em que na escola o trabalho era feito em equipe e subitamente lançados em outra, onde tudo é competitivo – o que ficou desde logo muito mais claro para eles do que para mim – eles se sentiram totalmente marginalizados. Só conseguiram encontrar acolhida e apoio nos grupos que nos Estados Unidos são chamados minorias raciais, isto é: os italianos, os pretos, os latinos em geral. Não tiveram realmente nenhuma penetração na sociedade americana, não foram assimilados de forma alguma, e não foi por falta de esforço, porque criança não gosta de ficar sozinha. E eles ficaram sozinhos. A solidão foi a primeira experiência penosa na vida de todos nós e mais ainda na deles. Um comentário feito na ocasião por uma das minhas filhas ilustra bem o que foi a experiência deles: ‘Eu não faço parte do grupo dos drogados (fumadores de marijuana), nem do grupo da cerveja, nem do grupo do sexo, nem do grupo dos fanáticos religiosos. E são esses os únicos grupos que encontro na minha escola. A solução é ter um namorado firme (e não é essa a minha intenção ainda), ou ficar completamente sozinha. Por isso eu quero voltar para o Brasil’. Uma razão que achei perfeitamente aceitável, porque é impossível pedir a uma pessoa de quinze anos que viva só.

De todas as minhas experiências do exílio esta foi a mais sofrida. Ficou então claro para mim que havia uma incompatibilidade entre a minha realização em termos profissionais, intelectuais e até mesmo políticos e o interesse dos meus filhos. Teria ou que voltar imediatamente ao Brasil e enfrentar a mesma situação que tinha enfrentado antes de sair – para dar o apoio que eles precisavam – ou teria que deixá-los partir, ficando aqui para prosseguir o meu trabalho. Foi então que descobri que o trabalho tinha sido, no passado, e continuava sendo, extremamente importante para mim. Descobri que não sabia existir sem aquele tipo de trabalho. Que por uma razão ou por outra ensinar tinha se transformado numa identidade tão fundamental quanto o meu papel dentro da família. E que não era capaz de abrir mão daquelas possibilidades... Sabia também que mais cedo ou mais tarde meus filhos iriam cuidar de suas próprias vidas...

Aqui eu descobri que cérebro tem sexo.

Posso dizer que existem dois períodos no meu exílio e que eles são completamente diferentes. Quando vim como *visiting professor* a impressão que tive foi a de receber uma acolhida absoluta. Parecia haver uma grande generosidade por parte de todos. Trabalho apreciado, elogiado, a minha presença disputada. No momento em que entrei no sistema, como elemento participante do processo de competição por em-

prego, por posição, todo o quadro se alterou. Os sorrisos acolhedores se transformaram em sarcasmos, os gestos de simpatia em hostilidade, e eu passei a ser apenas um competidor a mais que se tratava de desqualificar.

Tive que enfrentar uma série de *handicaps*, que não teria se fosse americana. Eu era uma competidora que não conhecia as regras do jogo – apta apenas a atuar na sociedade em que fora criada – agora obrigada a jogar para salvar a pele. Tive que aprender rápido, a custo de muito desgaste e sofrimento...

Descobri então que existe uma espantosa discriminação contra a mulher neste país. No Departamento de História de Yale, onde somos setenta e sete pessoas, sou a única mulher que tem *tenure*. Acredito que discriminação contra a mulher também exista no Brasil, mas por razões que têm muito a ver com a maneira pela qual a universidade brasileira se estruturou no passado – no tempo em que eu fiz a minha carreira nunca senti que o fato de ser mulher dificultava minha aceitação nos meios profissionais. Os problemas que enfrentei eram de ordem doméstica. Mas o trabalho que produzi então foi tão respeitado como o de qualquer homem. Aqui verifiquei que existe um processo bastante diferente. As mulheres americanas participam no mercado intelectual e no mercado de trabalho desde o século XIX. O número de escritoras, romancistas, poetisas e professoras universitárias é considerável porque as mulheres há muito tempo estão presentes nesta cena. Em consequência existe uma rivalidade muito maior entre os sexos do que jamais existiu no Brasil. Se lá existiu esta tensão, ela não se transformou em conflito aberto, pelo menos na minha geração. A tal ponto que eu nunca tinha tido consciência de que existia diferença em ser mulher ou homem em termos de atividade intelectual. Cérebro não tinha sexo. E aqui descobri que cérebro *tem* sexo. Para uma mulher conseguir o respeito dos seus pares é bastante difícil. De fato ela precisa ser *melhor* do que os homens para ser aceita como igual.

Existe aqui também uma suspeição em relação aos latino-americanos que não aparece claramente quando você vem só por algum tempo. Mas eu vim para ficar, ou pelo menos assim pensava, e o fato de que sou latino-americana era um fator que contava contra mim, mesmo que estivesse sendo contratada para ensinar História da América Latina. Isto porque a reputação das universidades latino-americanas não é boa, nem é boa a reputação dos latino-americanos em geral. Aqui você tem que demonstrar – inclusive aos alunos – que o fato de você ter vindo da América Latina não significa que você não seja tão ou mais competente do que qualquer outra pessoa.

A ironia desta situação é que a maior parte dos alunos é totalmente desinformada não só da América-Latina, o que é de se esperar, mas da História Universal. Os alunos *undergraduate*² desconhecem fatos essenciais, tais como: Revolução Industrial, Liberalismo, Contra-Reforma... Eles aprendem a História dos Estados Unidos bastante desligada da História Geral. O que aconteceu inúmeras vezes é que me vi obrigada a dar um panorama da História européia para poder situar a História da América Latina.

No exílio muito se aprende, mas o exílio é também um atraso de vida: um processo de infantilização, pois que o exilado tem de certa forma de ser 'ressocializado'. Ele (ou ela) tem que aprender uma nova língua e esse aprendizado leva anos. Muito poucos são os exilados que conseguem um perfeito domínio dessa nova língua. Por maior que seja o seu conhecimento, o exilado nunca adquire a certeza de suas palavras. E o que é pior: ele perde o domínio da sua própria língua. Se vive de palavras (é escritor, jornalista, sociólogo, historiador...), ou porque ensina ou porque escreve, sente ainda mais agudamente este problema. E quando, a duras penas, consegue reduzir o número de suas gaffes verbais, descobre que não se trata de traduzir palavras apenas, mas toda uma etiqueta. Não é apenas a maneira de dizer as coisas que é diferente, são também os gestos, e não apenas os gestos, mas o que eles ocultam: a maneira de pensar e de sentir. Pouco a pouco o exilado verifica que as mesmas dificuldades encontradas na tradução da linguagem encontram-se na tradução da sua maneira de ser. Toda a sua identidade é questionada.

Toda a sua identidade é questionada

O problema do intelectual no exílio é sobretudo um problema de estilo e de linguagem. Você não perde o seu público pelo fato de estar no exílio, apenas se distancia dele. Mas se você escreve História pode continuar escrevendo História. O que se altera é a falta daquilo que o americano chama de *feed-back*. Você não está em contacto com o seu público, não está em contacto com os estudantes do seu país, que de certa forma estimulam e forçam o seu pensar numa certa direção. Você não tem aquele diálogo cotidiano de que precisa. Isso lhe dá uma certa insegurança. Por outro lado, você tem que escrever para um outro público. Um público que você não conhece e que tem necessidades diferentes. Mas além disto você descobre que existe uma linguagem diferente. Não só este público está interessado em outros problemas,

2. alunos de licenciatura

como fala uma outra língua, que é muito mais do que falar em outro idioma: é ter uma etiqueta diferente, uma maneira diferente de pensar.

Uma das descobertas que fiz aqui é que língua é protocolo. As maneiras de dizer as coisas, que no Brasil são perfeitamente aceitáveis, são inadequadas nos Estados Unidos, e vice-versa. Descobri, com o passar do tempo, que o que eu escrevia em inglês não podia ser traduzido porque a linguagem não é só uma questão de palavras, é uma questão de estilo de vida. O intelectual brasileiro escreve numa linguagem teórica e abstrata mesmo quando escreve sobre a História. Essa é que é a linguagem adequada, a linguagem aceita, que circula e que as pessoas entendem no Brasil. Nos Estados Unidos esse estilo é inaceitável, porque a linguagem americana é a linguagem do concreto, do factual. Aquilo que você escreve aqui tem que ser apresentado num tom que para nós freqüentemente soa simplista, quase ingênuo. A linguagem que é adequada para o público brasileiro é aqui ininteligível. Os códigos não são conhecidos e a linguagem é obscura. Essa dificuldade de definir a linguagem adequada faz com que você sinta a sua própria identidade ameaçada.

Além disso existem problemas de ordem prática, como por exemplo os problemas de publicação. As editoras americanas visam essencialmente ao lucro e portanto são totalmente dependentes das oscilações do mercado. Ora, depois da derrota do Allende no Chile, os americanos se desinteressaram da política latino-americana. Basta fazer uma leitura nos jornais para verificar isso. Esse fato foi acompanhado de um desinteresse por parte do governo em apoiar programas de estudo que logo depois da revolução cubana tinham sido incrementados por toda a parte. Há menos dinheiro, menos estudantes e menos público nessa área. Por isso, só livros extremamente gerais podem ser vendidos, o que limita o tipo de pesquisa que você pode fazer. Esse livro sobre escravidão, por exemplo, que estou escrevendo, não é o livro que eu gostaria de escrever atualmente, mas é o livro que tenho que escrever, porque escravidão é um tema que interessa ao público aqui, é um livro que vende. O livro que realmente gostaria de escrever, sobre o período das reformas no Brasil (1870/1889), não terá público aqui. Assim como a indústria de produção de livros obedece exclusivamente às exigências do mercado, você se vê obrigada a redefinir as prioridades. Por isso vive aqui com o sentimento permanente de inadequação e de isolamento. A solução evidentemente é publicar no Brasil, o que, no entanto, não satisfaz as exigências acadêmicas daqui.

Talvez um dos fatores que mais contribui para esse sentimento de isolamento seja o fato de que o trabalho intelectual não

tem o mesmo significado aqui e lá. A vida do intelectual americano é completamente diferente da vida do intelectual brasileiro. O intelectual americano – na sua maioria – não se interessa muito pelos problemas à sua volta. Ele é um acadêmico na verdadeira acepção da palavra, um homem (ou mulher) fechado dentro dos muros da Academia, e que se orgulha disso. Considera esse isolamento um pré-requisito para o verdadeiro trabalho intelectual. No Brasil, ao contrário, o intelectual nasce e vive com os olhos para fora do seu pequeno mundo acadêmico, é um intelectual que se interessa pela sociedade em geral, e não se limita a um trabalho de especialista.

No período da minha formação existia no Brasil um grupo de professores e estudantes que estabelecia diálogos interdisciplinares dos quais muito me beneficiei. Além disso, vivi num período agitado por debates intensos sobre a realidade brasileira. No período que se seguiu à queda de Vargas (durante o qual me formei) um setor da elite brasileira se definiu em termos de moderado reformismo, em que o debate e a discussão foram não só autorizados como até promovidos pelas elites dirigentes. Isso deu aos intelectuais brasileiros a oportunidade de debaterem livremente uma série de questões. Foi dentro desse clima aberto, de participação política e de mobilização de massas, que se formou na Universidade de São Paulo uma intelectualidade empolgada pela idéia de sua missão social. Claro que houve nessa fase uma convergência de circunstâncias extremamente favoráveis à crítica, mas a função crítica do intelectual brasileiro, a consciência da sua função social, seu interesse pelas reformas sociais não é um fato novo. Tem sido uma constante na História do Brasil. Isso cria uma tradição à qual o intelectual brasileiro dificilmente escapa.

Apesar de todos os limites que possam existir – e acho que existem vários – não há dúvida de que o intelectual tem um papel importante na sociedade brasileira. Talvez por isso não perde de vista o significado social do seu trabalho. Isso age como estímulo e de certa maneira orienta sua investigação. Nos Estados Unidos o que chama atenção é exatamente a ausência de uma consciência social, a falta de um projeto que não seja estritamente acadêmico, que não seja um projeto de pesquisa pela pesquisa, e que nela se esgota.

Eu aprendi muita coisa... Pude pensar melhor a minha experiência.

Durante anos, quando me perguntavam onde é que gostaria de viver, nunca me passou pela cabeça responder que gostaria de viver aqui.

Achava que os Estados Unidos não tinham muita coisa a oferecer. Depois que cheguei confirmou-se a impressão que eu tinha sobre o estilo de vida americano, mas aprendi muita coisa que não imaginava aprender. Viver dentro de uma sociedade é muito diferente do que passar por ela como turista. Principalmente quando você vem e não sabe se vai jamais voltar. Então você observa com mais cautela como aquela sociedade funciona para saber quais são os limites do seu ajustamento.

Posso dizer que foi daqui que pela primeira vez entendi bem o conceito de alienação. Até então tinha entendido só teoricamente. Tive aqui a visão clara de quais são as conseqüências de uma sociedade essencialmente competitiva, tive a experiência da solidão em que vive a maioria das pessoas nesta sociedade. Não acho que a reflexão sobre a solidão seja apenas uma reflexão de exilado. Mesmo os indivíduos que foram criados aqui sofrem uma solidão espantosa, solidão que explica o alcoolismo, a droga, os conflitos de adolescentes. Tudo isso acredito que esteja ligado à falta de um projeto coletivo, a uma falta de perspectiva e até de sentido de viver. Isso explica todas as formas de escapismo possíveis e imagináveis que existem aqui. Curiosamente, se bem que esta seja uma sociedade muito mais livre do que a nossa, muito mais aberta em termos políticos, e muito mais igualitária, existe muito menos liberdade individual (entre as pessoas de classe média), na medida em que as pessoas todas se acomodam a um certo tipo de dever ser. Existe uma verdadeira obsessão com as normas de conduta. Isso retira às ações humanas toda a espontaneidade. Até o protesto aqui é estereotipado. Há uma falta de espontaneidade até naquilo que é mais básico: os instintos e os sentimentos. Há uma tremenda repressão inconsciente que leva os indivíduos a representarem seus papéis sociais de acordo com as normas estabelecidas, sem realmente questioná-las.

Além disso esta é uma sociedade extremamente compartimentalizada, em que cada um vive dentro de sua categoria. Por isso os relacionamentos humanos são extremamente limitados, são relacionamentos fechados dentro da mesma idade: jovens com jovens, crianças com crianças, velhos com velhos; ou são relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo: homens convivem com homens e mulheres com mulheres; ou dentro da mesma classe: os indivíduos de uma classe têm raras ocasiões de entrar em contacto com os de outra; ou da mesma raça ou etnia: os indivíduos tendem a se fechar dentro de seus grupos étnicos ou raciais. Isto empobrece a experiência de cada um. Por outro lado existe essa enorme classe média, assim chamada, na qual os indivíduos vivem mais ou menos da mesma maneira e só convivem com outros que são iguais a eles. Jamais conversam ou têm intimidade de qualquer forma com indivíduos que pertencem a outros

grupos sociais, o que de certa forma limita sua capacidade de compreender o processo histórico e social. Você percebe isso nos estudantes. O estudante brasileiro pode não trabalhar tanto quanto o estudante americano mas tem, ou pelo menos tinha, uma capacidade crítica muito maior. Ele geralmente é um indivíduo que duvida. O americano, em geral, não tem dúvidas – as dúvidas que nós temos porque somos expostos a todas aquelas contradições sociais que nos rodeiam. No Brasil, até mesmo um indivíduo de classe alta dificilmente consegue evitar contactos humanos que necessariamente vão obrigá-lo a confrontar-se com a realidade contrastante das outras camadas sociais. Ele pode tentar negar que existe miséria, exploração, ignorância, mas tem que fazer um esforço muito grande para se convencer disso. Aqui você nem chega a desconfiar, tão uniforme é a experiência da maioria dos indivíduos e tão isolados eles vivem uns dos outros: o *ghetto* e o subúrbio elegante nunca se tocam. No Brasil, o sertão todo ano invade a cidade e a favela entra na casa do rico na figura da empregada. Uma criança brasileira de família de classe média ou alta vivendo entre os pais e os empregados que vêm do sertão, do campo, das favelas, vive, naturalmente, um universo de valores contraditórios. O mundo da sala de visitas é bem diferente do da cozinha. Assim, todo brasileiro de classe média é de certa maneira exposto a um outro mundo, a essa realidade de diferenças sociais e de contrastes. Por isso é mais difícil no Brasil ignorar a existência de problemas na sociedade. Ao passo que um indivíduo que nasce e cresce numa família de classe média americana e que só convive com indivíduos como ele, não pode senão ter uma visão unidimensional do mundo. Um mundo onde não há história. Um mundo de valores universais.

Não há dúvida de que, comparada com a sociedade brasileira, existem aqui muitos aspectos positivos também. Alguns têm a ver com atitudes, mas a maioria deles tem a ver com a existência de estruturas e meios de que nós não dispomos. Um aspecto positivo é que a maioria dos estudantes trabalha. E trabalha em qualquer emprego. Não existe uma conotação negativa ou depreciativa associada a certos empregos como existe no Brasil. Nesse sentido a sociedade é mais democrática do que a nossa jamais foi. Outro aspecto positivo é que esses indivíduos que foram obrigados a viver sós desde pequenos têm maior capacidade de tomar conta de si mesmos e de assumir responsabilidades mais cedo.

O interesse que as escolas secundárias dispensam às pessoas excepcionais (aleijados, cegos, débeis mentais etc...) é uma coisa que falta no Brasil. Aqui todos os que têm qualquer deficiência têm o direito de receber assistência escolar por parte do Estado. Claro

que a questão de recursos pesa muito. Nem tudo é questão de atitude ou de mentalidade, mas de meios. As extraordinárias bibliotecas americanas não existem só porque as pessoas têm uma atitude favorável em relação a elas. Praias públicas com vestiários e banheiros, concertos públicos, campos de golfe, canchas de tênis públicas, piscinas e parques gratuitos, tudo isso é ótimo e muito raro no Brasil onde pouco se faz para o povo. Mas evidentemente, tudo isso depende de recursos.

Aqui também o debate, a discussão de temas de importância nacional pela imprensa ou pelo rádio e televisão é muito mais livre do que no Brasil (pelo menos no Brasil de hoje). Mas isso também tem sua explicação. É que de fato o debate nunca chega a ameaçar o sistema. Num país como o Brasil, onde os contrastes sociais são tão profundos, o debate sempre aparece ou é percebido como uma ameaça. Em geral essa ameaça é puramente subjetiva. Não existe de fato. Mas isso é suficiente para enterrar o debate.

A sociedade americana, por razões históricas, teve condições de institucionalizar o conflito social, o que permitiu a suas elites aceitá-lo como parte do jogo político. No Brasil, um dos problemas mais sérios é que os grupos dirigentes acreditam em mitos que tornam quase impossível uma sociedade democrática, a não ser que esses mitos sejam abandonados. O primeiro é o mito do consenso. As elites dirigentes brasileiras nunca admitiram a dissensão, a oposição. E quando se fala em conflito aqui, não se está falando em violência ou luta armada, nada disso. Está se falando em conflito social *institucionalizado*, em que grupos sociais diferentes expressam a sua crítica e manifestam os seus desejos em partidos de diversas e opostas tonalidades ideológicas. Não se conseguiu isso até hoje no Brasil. Existe uma classe dirigente que se arroga o direito de falar por todos e que não admite divergências. As elites brasileiras parece que só vêem duas alternativas: ou falamos nós e todos calam ou os outros falam e nós os reprimimos violentamente. É uma elite que sempre temeu o diálogo e que se compraz em monologar. Nunca se conseguiu encontrar um meio termo em que o conflito seja visto de modo positivo, porque os grupos dirigentes brasileiros sofrem desta limitada visão das coisas. No entanto, qualquer um que conheça história sabe que se não fosse a existência de conflitos institucionalizados ou não, os homens ainda estariam no tempo das cavernas...

Outro mito tipicamente elitista e que vem sendo repetido no Brasil desde a época da independência, impedindo a democratização da sociedade brasileira, é que é preciso primeiro educar o povo para depois *ensinar-lhe* democracia. Quer dizer, o mito de que o povo não tem condições de participar em um governo democrático,

de que o povo sempre erra. Faz cento e cinquenta anos que as elites dirigentes brasileiras estão tentando educar o povo e, a acreditar nelas, sem sucesso. Há cento e cinquenta anos que o mote é o mesmo. O que eles não percebem nunca é que ao invés de criticar o povo e acusá-lo de ignorante, deveriam criticar os políticos que se apresentaram como amigos do povo e fizeram uma política que não servia aos interesses do povo. São os demagogos, os políticos que fazem carreira à custa do povo os que devem ser condenados. Se o povo 'erra' é porque o processo de aprender democracia praticando democracia nunca foi possível ao povo brasileiro. Escolher os seus representantes, errar, selecionar aqueles que realmente representam e depois acertar: isto é verdadeira democracia. Democracia não se *ensina*, pratica-se. As elites dirigentes no entanto, continuam a afirmar, como no passado, que o povo não está preparado para a democracia, portanto não se tem democracia no Brasil. Assim o povo nunca estará preparado para a democracia e portanto não teremos nunca uma sociedade democrática.

Se muita coisa aprendi a respeito da sociedade americana, também aprendi algumas sobre a sociedade brasileira. Não posso dizer, no entanto, que hoje eu pense em termos fundamentalmente diversos do que pensava antes. Posso dizer que pude pensar melhor a minha experiência, baseando-me em dados novos. Pude, sobretudo, perceber o peso dos mitos aqui e lá. Não há nada como a gente mudar de país para ficar mais consciente dos mitos seus e dos outros.

A condição de mulher foi uma descoberta gradual para mim

O exílio mostrou-me que a condição de mulher é difícil em toda parte e os problemas que ela enfrenta são freqüentemente os mesmos, se bem que as soluções propostas difiram. Se aqui pela primeira vez enfrentei as dificuldades que essa condição criava para mim no setor profissional, a descoberta dos problemas que a mulher profissional enfrenta na família ocorreu muito antes: veio com o casamento.

Sou de uma família brasileira de classe média muito típica em São Paulo. De um lado uma família tradicional de pretensões aristocráticas, vindas do tempo do Império onde tiveram relativa projeção, gente que não só tinha dinheiro como *status*. De outro lado, uma família de imigrantes que se fez à custa própria, com grandes dificuldades. Esta combinação é curiosa porque produz a união de dois mundos que se regem por valores bastante contraditórios: o 'aristocrático' (ou de pretensões aristocráticas, dá no mesmo) e o 'pequeno-

burguês': Dizer pequeno-burguês não é dizer muito. É preciso qualificar essa *pequena-burguesia*, já que, atendendo às condições históricas, o pequeno-burguês pensa de um jeito ou de outro; tanto pode apoiar o fascismo ou ser comunista, quanto liberal. O pequeno-burguês de que falo é aquele que acredita na chamada 'ética protestante', mesmo se católico. É um pequeno-burguês que existe em geral nas fases iniciais do desenvolvimento capitalista e que sobrevive com dificuldade nos interstícios da sociedade capitalista plenamente desenvolvida. Sua ética traduz sua experiência no estágio inicial do capitalismo, anterior à fase das grandes corporações, tal como ele existiu no Brasil entre 1930 e 1950.

Nasci e cresci nesse período de transição entre a primeira e segunda fase de expansão desse sistema capitalista no país, quando esses valores pequeno-burgueses eram ainda eficientes e funcionais. Assisti também à crise desses valores que teve significado trágico para muitos dos indivíduos atingidos por ela: esse era um tempo em que ainda fazia sentido economizar o dinheiro do bonde e ir a pé, costurar pijamas e camisas em casa ao invés de comprá-las feitas. Economizando um pouquinho aqui, um pouquinho lá, esses pequeno-burgueses conseguiam melhorar de vida, comprar uma casa, depois outra, que alugavam para aumentar suas rendas, e assim por diante. No trabalho, em geral, dependiam da confiança dos seus clientes e portanto da sua própria honestidade e retidão para serem bem sucedidos. Eram tipos respeitáveis para quem trabalhar, economizar, ser honesto e disciplinado, ser ordeiro e responsável, constituíam o seu capital e com esse capital conseguiam acumular fortunas razoáveis. Viveram esses indivíduos experiências muito distintas da vivida pela elite brasileira tradicional e por isso sua posição de pequeno-burgueses lhes dava uma visão crítica em relação ao procedimento desta mesma elite. Além disso, muitos desses imigrantes que subiram através de um esforço essencialmente pessoal e de um sentimento de grande responsabilidade e respeitabilidade, não esqueceram completamente a experiência da pobreza de seus primeiros anos. As lutas que enfrentaram são ainda muito recentes para serem esquecidas totalmente.

O produto desse processo de formação é um indivíduo profundamente ingênuo. Ele imagina que através de uma atitude racional, da disciplina dos sentidos e do esforço próprio, todos podem reproduzir sua experiência. Quer abolir todos os obstáculos que a sociedade tradicional coloca para a realização dos indivíduos do tipo dele. É um reformista por natureza. É um crítico das instituições e do sistema. Não aprova a 'aristocracia' e condena a burguesia. Vão, como o meu pai por exemplo foi, à Associação Comercial dizer aos comerciantes que eles têm que limitar os seus lucros, e contê-los dentro

dos limites do que é justo, que não devem explorar os outros. Acreditam que é suficiente arrazoar com as pessoas para que elas cedam à lógica da razão. Esperam que o governo seja justo e defenda o interesse do povo oprimido e persiga os exploradores. E se espantam e se desiludem quando isso não acontece. De um modo geral, têm uma noção irrealista do processo e oscilam entre uma visão crítica da aristocracia tradicional e a crítica da ideologia que a burguesia está começando a elaborar. Esse pequeno-burguês é um indivíduo que vive de utopias.

Assim eu vivi numa família onde o que havia de constante era a crítica, mas ao mesmo tempo e contraditoriamente um grande respeito pelas instituições. Era crítica das aristocracias tradicionais, crítica dos novos procedimentos que a sociedade capitalista em desenvolvimento ia produzindo, mas crítica platônica que não levava a qualquer forma de radicalismo ou de militância política. Era uma crítica essencialmente humanista; questionava-se tudo quanto era aparência, tudo quanto soava falso, tudo quanto cheirava à opressão, hipocrisia, exploração, desonestidade, abuso ou irresponsabilidade.

Criada num ambiente desses, você é exposta a um tipo de educação bem diferente da que é dada à criança de classe alta. Ao mesmo tempo em que lhe é dada uma noção de disciplina, de respeito ao trabalho, também lhe incutem uma consciência de que existem oprimidos na sociedade, que as elites são opressoras, que não tomam as medidas que deveriam tomar. Tudo isso você aprende em criança. Para serem coerentes consigo mesmas, essas famílias criaram seus filhos de maneira bastante democrática e não estabeleceram diferenças entre homens e mulheres. Para elas a cultura é um instrumento de ascensão social, daí que todos os filhos devam ser expostos a ela. Criada nessas famílias você recebe uma educação profundamente humanista com todas as limitações do humanismo puro, e sai para o mundo com esta bagagem. Vai com aquela mesma ingenuidade, as mesmas expectativas, as mesmas utopias. E é no mundo que você aprende os limites de tudo isso.

O meu aprendizado começou quando fui ensinar na escola secundária, onde encontrei colegas que tinham vindo de mundos completamente diferentes do meu, e que procediam de maneira diversa, o que para mim era totalmente incompreensível: como é que esses indivíduos são tão corrompidos? - ou - como é que eles são tão desonestos? - eu me perguntava às vezes. Só a muito custo aprendi que certos gestos de dignidade eram privilégios de classe. E que o imperativo categórico kantiano era uma invenção de classes privilegiadas que se podem dar ao luxo de serem 'dignos'.

Por que você não é como a mãe dos outros que fica em casa?

Na minha casa, entre os muitos privilégios que tive, um deles foi o de não ter sido ensinada que a mulher era diferente do homem. Pelo contrário, mulher e homem tinham os mesmos direitos e o que devia regular as relações entre homem e mulher era o respeito mútuo pela realização do outro. Essa era pelo menos a ideologia que vigorava em minha casa, quando eu era criança. Para mim não era muito difícil aceitar isso, porque naquela época era possível a uma mulher imaginar que o seu projeto de existência era idêntico ao do seu marido, era associar-se a ele para realizar uma obra comum. Nunca me passou pela cabeça que o fato de minha mãe não ter tido uma carreira significava que ela abrisse mão de seus direitos para favorecer a carreira do meu pai. Sempre me pareceu que ela estava plenamente realizada no seu potencial humano – mesmo porque se ela teve dúvidas nunca as exteriorizou – e que o fato dela não ter uma carreira pessoal, apesar de ser extremamente inteligente e talentosa, não a limitava em coisa alguma. O que me parecia é que eram dois indivíduos que tinham um projeto que estavam levando a cabo conjuntamente, sem que houvesse qualquer exploração de um por parte do outro. Essa era a minha percepção. E como os dois se davam muito bem, tudo parecia muito natural, um projeto de vida viável. Assim, eu saí para o mundo achando que isso era perfeitamente realizável.

Casei-me muito cedo e fui cursar a Universidade depois. Não me ocorreu naquela época que já não estava repetindo o esquema de minha mãe. Nunca me passou pela cabeça que a carreira iria me causar problemas, até que a prática os colocou. E foi assim que gradualmente descobri que existia uma coisa chamada condição feminina, e que no Brasil os homens não estavam preparados para aceitar como esposa as mulheres profissionais, nem para aceitar a inteligência ou a competência da mulher, ou para respeitar o seu trabalho. (Tudo isso evidentemente se aplica aos homens de classe média, porque os das camadas pobres tiveram que se acomodar ao fato de que as mulheres tinham que trabalhar muito antes.) Todos os homens que conheci mais de perto eram pessoas extremamente bem intencionadas nesse sentido e não desejavam oprimir ninguém. Estavam convencidos de que desejavam ajudar a minha carreira. Inconscientemente, porém, todos eles poriam barreiras de todos os tipos a esse processo de realização profissional.

Logo que me casei, o problema não foi sentido. Ele passou a existir quando as crianças apareceram. Várias vezes ouvi, principalmente de uma de minhas filhas que era mais crítica: 'Por que

você não é como a mãe dos outros que fica em casa?’ Para ela havia claramente um prejuízo, que era traduzido de uma maneira mais séria ainda, em falta de afeto: uma mãe que prefere ler um livro a brincar comigo é uma mãe que não gosta de mim. Ninguém percebia que o trabalho tinha exigências que era preciso cumprir. O trabalho era visto como um capricho, como algo que eu podia não fazer, não como obrigação a cumprir. Dedicção ao trabalho era visto como desamor pela família. Nesse processo as crianças eram vitimadas tanto quanto eu. A sociedade estava organizada de tal forma que era legítimo que as crianças pensassem e sentissem dessa maneira. Minha carreira tinha que ser vista como um ato de egoísmo, jamais como um direito. A profissional responsável só podia ser considerada mãe desnaturada. Também eu passei a sentir constantemente a contradição tremenda entre a função de mãe e a de intelectual, sem falar na função de esposa que obviamente se contrapunha à de profissional, em termos igualmente violentos. Foi muito penoso reconhecer que era impossível ser as duas coisas em termos eficientes, ou seja, realizar um trabalho como imaginava que devia ser realizado e ser mãe como queria ser. Não havia instituições no Brasil capazes de assumir certas responsabilidades – como não existem até hoje – e não havia colaboração por parte dos homens, que tinham definido o seu trabalho como sendo *a sua função social* e o meu trabalho como um *hobby*; o trabalho deles como um direito ou uma obrigação e o meu como um capricho e uma concessão deles. Nunca ninguém entendeu que um era equivalente ao outro, que o meu trabalho era tão absorvente quanto o do homem, e que se havia crianças para serem criadas elas deveriam ser criadas conjuntamente. Esse foi um processo cheio de problemas que ainda não terminou.

Se a situação da mulher é difícil no seu país de origem, ela fica ainda mais difícil quando a mulher vai para o exílio sozinha com duas crianças. Aí você não é só um profissional em luta com um mundo inteiro novo, mas é também a mãe que tem que ajudar os filhos no difícil processo de adaptação a uma sociedade estranha, para a qual nem ela nem eles estão preparados. Isso quer dizer que todos os problemas que você tinha anteriormente são multiplicados, pelo fato de que você está só, numa sociedade que não conhece, na qual não sabe iniciar seus filhos, onde não tem recursos de espécie alguma e ninguém para ajudar. No Brasil você tem os seus amigos, a sua família, os empregados. No exílio tudo isso falta. Você está só com os seus problemas.

Apesar de toda a luta que tive que viver como mulher profissional não consigo ver o problema da mulher nos termos em que ele é colocado aqui pelas feministas americanas.

Imaginam que dando às mulheres os privilégios que os homens sempre tiveram resolvem os problemas...

Aqui as mulheres têm tendência a se isolarem dos homens, a criarem associações femininas, clubes femininos, e a se afirmarem em oposição ao homem, que é visto como o inimigo principal. Para quem vem do Brasil e viveu lá a realidade que eu descrevi, a maneira de lidar com os problemas da mulher, característica de muitas feministas americanas, parece absurda. Se bem que eu simpatize com a organização de um movimento que reivindique os direitos da mulher, aquilo que considero essencial nessa luta não é o que as mulheres americanas definem como tal. Nunca consegui achar que num processo de transformação social o meu projeto seja incompatível com o do homem. Para mim ele continua sendo um projeto comum. Não é que não reconheça a série de problemas envolvidos nesse projeto, mas me parece que eles são resolvidos através de uma transformação progressiva da sociedade em geral, ao invés de se atacar exclusiva e isoladamente o problema da mulher, como vejo fazerem aqui.

Tenho para mim que essa posição de isolamento em que se encontram muitos dos movimentos feministas nos Estados Unidos é fruto da compartimentação desta sociedade, traduzindo mais uma vez uma incapacidade de abarcar o processo na sua totalidade. Não há aqui uma visão dialética das relações humanas. E por isso há, no meu entender, uma infinidade de diagnósticos parciais sobre onde estão realmente os problemas. Devido à minha maneira diferente de ver esses problemas, nas poucas vezes que tive contacto com grupos feministas americanos a minha experiência foi bastante frustrante, para não dizer penosa.

Acho que é preciso lidar com estes problemas, reconhecer que eles existem e que indivíduos discriminados – sejam mulheres, sejam negros, sejam minorias em geral – devem se organizar. Mas ao mesmo tempo acho que é preciso que esses movimentos não se transformem em lutas isoladas visando apenas à auto-realização desses grupos. A impressão que tenho – e pode ser que esteja sendo injusta – é que muitos desses movimentos feministas querem é substituir um grupo no poder por outro, sem questionar a estrutura de poder. Diz-se que é preciso dar direitos às mulheres para que venham a ter o poder que os homens têm. Não se quer abolir uma estrutura que é prejudicial – um abuso do poder por parte do homem, que é preciso corrigir – mas substituir quem está no poder sem alterar as estruturas. Imaginem que retirando aos homens e dando às mulheres os 'privilégios'

que os homens sempre tiveram resolvem os problemas. Acho que o problema está no privilégio, quem quer que tenha esse privilégio. A única maneira de resolver e eliminá-lo é não dar o 'privilégio' de oprimir os outros a ninguém. É preciso criar condições materiais para que tanto homens quanto mulheres possam se realizar. É preciso criar instituições que permitam suprir a ausência da mulher de suas funções domésticas.

A situação da mulher de classe média aqui é frequentemente dramática. As mulheres trabalham dois períodos. Isto significa que a maioria das crianças fica por conta própria várias horas por dia. Na tentativa de resolver o problema, alguns homens começaram a preencher funções que as mulheres deixaram de preencher. Nesse processo alguma coisa se ganhou. Uma das coisas simpáticas no americano é que ele, em geral, é mais pai do que qualquer pai brasileiro. Ele assiste e brinca com os filhos e participa mais da sua vida, o que foi, de certa forma, imposto pelo fato da mulher se ter tornado mais independente. Mas isto evidentemente não é suficiente para resolver o problema das crianças, porque o homem também está fora a maior parte do dia. O resultado é que a companhia principal das crianças é a televisão.

Há uma tendência no Brasil a idealizar tudo o que se faz aqui e a querer modelar a nossa sociedade por esta sem prestar atenção aos inúmeros problemas que aqui existem. Um dos que aqui não foi resolvido satisfatoriamente é o da mulher que trabalha. A partir da experiência americana fica claro que é preciso repensar a condição feminina numa sociedade em que a mulher passa a ser presente no mercado de trabalho. (Para a maioria das mulheres das camadas disprivilegiadas da sociedade essa não é uma questão nova, mas só virou problema para as mulheres de classe média quando elas tiveram que trabalhar).

... Em vez de se sentir mais integrado com o passar do tempo, sente-se menos ajustado, mais crítico. Quer voltar. Uma viagem breve de sondagem é às vezes suficiente para sufocar este desejo. Embarca em Nova York e em poucas horas desembarca no Brasil depois de vários anos de exílio. Tudo é familiar: o cheiro das coisas, os ruídos, o jeito das pessoas, a sua fala e o seu andar. Já na rua verifica que afinal, apesar de haver novas avenidas e prédios, tudo parece o mesmo. Lojas e bares que costumava freqüentar estão no mesmo lugar, até mesmo os velhos amigos nem parecem ter mudado. Um ou outro engordou, envelheceu um pouco, perdeu os cabelos ou ganhou algumas rugas, mas no fundo tudo parece o mesmo. Sente-se em casa. É como se jamais tivesse saído. Cinco, dez anos de vida no exterior parecem apenas um fim de semana. O que a algumas horas

era tão concreto e real – toda sua experiência do exílio – parece-lhe agora obra de ficção, alguma coisa que não se passou com ele mas com algum outro, uma história que ele ouviu contar. De repente, reencontra a si mesmo. Sua identidade tão ameaçada, nos últimos anos, parece intacta. Aquela constante contrição, a sensação de falta de ar, tudo desaparece – respira fundo, apalpa a alma e tudo parece em ordem, nada fora do lugar – tal e qual antes. Percorre caminhos antigos, visita velhos amigos. Depois de anos de solidão e isolamento a volta traz um sentimento de euforia.

... Mas ele veio só por duas ou três semanas. Assusta com a papelada necessária para provar que reside no estrangeiro. O documento que trouxera, assinado pelo cônsul, autenticado pelo consulado, e que lhe custara uma viagem especial a Nova York, de nada vale no Brasil. Tem que ir ao consulado americano para obter prova de residência nos Estados Unidos e depois reconhecer a firma do cônsul em algum tabelião, completamente fora de mão. Esbaforido, corre de um lado para outro providenciando a papelada. Passa mais tempo cuidando de papéis que visitando a família. As vezes carrega os amigos consigo para as filas do Banco Central, filas intermináveis, dia após dia, onde freqüentemente encontra outros exilados também de passagem pelo Brasil. Lamenta o tempo perdido e finalmente entrega os papéis ao despachante para que consiga o visto de saída. Os dias passam. Tivera o cuidado de se informar previamente se poderia entrar e sair sem complicações – não que esperasse ter problemas, pois sua documentação estava toda em ordem. Mas no Brasil tudo pode acontecer... Fora assegurado por todos, desde o cônsulado do Brasil em Nova York onde recentemente tivera seu passaporte renovado, até os amigos no Brasil – a quem telefonara para que averiguassem se aposentados estavam encontrando dificuldades – que poderia ir tranquilo. Os documentos seriam expedidos rapidamente, uma vez que, afinal de contas, seu exílio fora voluntário. Não fugira a nenhuma perseguição policial. Se algum processo tivera, já fora julgado e absolvido. Na folha corrida recentemente requerida nada constava contra. O dia da viagem de volta chega. É chamado à seção de viajantes do Departamento de Ordem Política e Social para ser informado de que infelizmente o passaporte não ficara pronto. Aguardavam autorização de Brasília. Não entendia mais nada. Dificilmente conseguia controlar sua irritação. Aquele sentimento que experimentara anos atrás, quando decidira emigrar, começa a atormentá-lo de novo. Aquela sensação familiar de ser personagem numa história de Kafka. Não entendia mais nada. Estivera ausente do país por mais de cinco anos. Vivía no estrangeiro! O que é que o seu passaporte tinha a ver com o Ministério da Justiça em Brasília? Mas não era apenas o Ministério da Justiça que tinha que ser consultado. Era também o DEOPS e a Polícia Federal. Acabou perdendo a viagem. Àquela altura, a euforia da volta se dissipara. A arbitrariedade continuava sendo arbitrariedade. Por que pensar que seria outra coisa?

Tudo parece o mesmo...
É como se jamais tivesse saído

Depois de passar seis anos fora eu voltei, e assim que cheguei ao Brasil a impressão que tive é de que não tinha estado fora mais do que dois dias. Todos os anos de exílio, toda aquela realidade tão premente, tão densa, se esvaiu num segundo. Foi como se nada tivesse mudado. Havia alguns edifícios novos, alguns aspectos diferentes na paisagem, mas no momento em que o avião desceu no Rio eu sabia o que dizer: *como*, e *o que* ia dizer, e tudo me pareceu o mesmo, até as preocupações não pareciam ter mudado. O que era diferente não era significativo, e a impressão que tive foi de uma extraordinária continuidade. A impressão de continuidade ou descontinuidade provavelmente depende da idade com que a gente saiu. Os que saíram muito jovens talvez tenham tido uma sensação de maior mudança. E eu não sei como me sentiria se tivesse continuado no Brasil por mais alguns meses. Talvez aos poucos descobrisse as diferenças. Mas como fui por pouco tempo, a impressão que tive foi de que nada tinha mudado, de que nunca saí, de que pertenço àquele país, de que faço parte daquela realidade, de que é lá que tenho uma função.

Quando você está fora por ser um marginal na sociedade que não é a sua (não encontrar as palavras certas, não saber como se conduzir, não ter todos os recursos da profissionalização requeridos e não entender muito bem o que está acontecendo em torno), você sente a sua identidade permanentemente questionada. Esta é a sensação que você tem no exílio. Não sei qual seria a impressão se você voltasse ao Brasil e depois de um certo tempo se sentisse um marginal lá também, no seu próprio país.

Existe um lugar para mim naquela sociedade?

Se há indivíduos que têm capacidade de ajustamento em outros países, o que tenho verificado em quase todos os brasileiros que encontro é uma grande dificuldade em se ajustar nos Estados Unidos. O brasileiro está sempre sonhando em voltar para o Brasil. Isso é muito interessante, porque não há nenhuma dúvida de que os recursos materiais nesta sociedade são muito maiores. No entanto, quase todos acham que a qualidade da vida no Brasil (para eles) é melhor do que aqui. Todos estão ansiosos para voltar.

Como todo exilado, também sinto uma grande tentação de voltar. Voltar e assumir as minhas funções. E a questão

que se coloca é se isso é possível, se é possível encontrar um lugar numa sociedade da qual se foi removido. Você ficou isolado deste país por um grande número de anos, não se comunicou com a sua audiência, com aqueles para quem você fala, a não ser indiretamente através de livros, e o único conhecimento que você tem daquela realidade presente é o conhecimento também indireto, não o conhecimento da experiência imediata que nasce do cotidiano. Então a pergunta que você inevitavelmente se faz é: existe um lugar para mim naquela sociedade? Você nunca tem certeza...

A solução é provavelmente fazer uma experiência temporária, o que em termos práticos é difícil. No meu caso, por exemplo, tenho uma posição permanente e estável na Universidade em que leciono, o que cria uma série de obrigações das quais não posso facilmente me eximir. Não posso pura e simplesmente sair durante um ano para fazer uma experiência no Brasil. Em segundo lugar – e este é um aspecto que não tem o mesmo sentido para todos – vivendo sozinha, num país estranho, estabeleci laços afetivos que hoje não seria fácil romper. Os indivíduos que emigraram com suas famílias tiveram uma proteção especial, isto é, quando as famílias sobreviveram as vicissitudes do exílio, porque um dos aspectos que pouca gente comenta é que o processo de repressão no Brasil contribuiu para a desintegração de um sem número de famílias que não agüentaram as pressões sofridas. As que conseguiram sobreviver no exílio podem agora voltar ao Brasil sem maiores problemas, mas os indivíduos que foram sozinhos para o exílio encontram-se numa situação bem diversa. A maioria envolveu-se com outras pessoas. Os que são ainda jovens podem romper esses laços sem grandes dificuldades. Quanto mais velha é a pessoa e quanto mais longo o tempo de exílio, tanto maior será a tendência para estabelecer laços permanentes no exterior e tanto maior a dificuldade de voltar, porque a volta implica um trauma afetivo equivalente àquele que ocorreu antes quando foram forçados a deixar o Brasil. A volta significa ruptura de laços que a muito custo foram constituídos. E se você já viveu essa experiência uma vez é difícil repeti-la. Estes são os dois problemas de ordem pessoal e psicológica na minha perspectiva de volta.

Existe ainda um outro problema, que é o de encontrar uma linguagem adequada para atuar no Brasil. Não se trata apenas de recomeçar, é preciso aprender de novo. No meu caso o exílio não representou uma ruptura fundamental, mas obrigou a um reajustamento importante. A ruptura não foi essencial a ponto de eliminar a continuidade de posições, mas não deixou de ser uma ruptura. A volta implicará uma nova ruptura.

Há um outro aspecto que também pesa: depois de passar anos tentando encontrar no exílio uma forma de equilíbrio, ajustamento e serenidade necessária para completar uma obra iniciada que já fora interrompida por todos esses acidentes, a perspectiva de recomeçar a desorganizar a vida para organizá-la novamente em novas bases, não é uma perspectiva muito atraente. Significa mais um atraso no trabalho a que me propus a fazer. Muitas vezes fui obrigada a adiar os meus trabalhos por causa das atribuições que enfrentei desde 1969: a aposentadoria, a perseguição política, o exílio, problemas de ajustamento num país estrangeiro... problemas de visto, ameaça de deportação, problemas de emprego, de família... Muitos trabalhos que tinha começado não puderam chegar ao fim porque havia sempre tarefas mais urgentes que precisavam ser atacadas primeiro. Só agora, depois desses anos todos, é que a minha vida chegou a um relativo grau de estabilidade e que eu posso começar a realizá-los. Mudar de país de novo, mudar de vida, recomeçar, tudo isso implica um prejuízo de ordem pessoal considerável.

A volta não é fácil, é uma decisão angustiada, penosa; por mais sedutora que seja há sempre uma hesitação: quero ir embora amanhã... Talvez eu não vá tão cedo, talvez para o ano, quem sabe? É esta situação que muitos exilados vivem no momento presente.

Que sorte espera aqueles que voltarem?
Que garantias vão ter?

E finalmente aquela questão maior: depois da volta quais são as garantias que as pessoas vão ter? Suponhamos que todos os problemas sejam resolvidos, que seja possível romper laços afetivos, recomeçar a vida de novo no Brasil, desde que você se convença de que realmente tem um papel a desempenhar lá. A pergunta que resta é: há garantias para que este trabalho se realize? Para que essa missão se cumpra? Uma vez no Brasil, nós vamos viver as experiências que já viveram os que se exilaram em 1964 e que voltaram em 1967, os quais chamados pelo próprio governo foram depois obrigados a sair novamente em 1969? E se depois de dois ou três anos no Brasil tivermos que enfrentar uma nova onda de repressão tão irracional quanto foi aquela, e sobre a qual não temos o menor controle? Quais são as condições que enfrentaremos para viver no Brasil? Quem dita essas condições? Como é que os limites do permissível vão ser definidos? E o que é mais importante: quem nos assegura que não vai suceder o que já sucedeu uma vez? Porque o que ocorreu em 1964 e repetiu-se em 1968 foi que as regras do jogo mudaram durante o jogo. Coisas que eram perfeitamente lícitas,

que não eram proibidas, de repente passaram a ser definidas retroativamente como crimes políticos. E crimes perseguidos... Para dar um exemplo: nunca foi crime no Brasil ser marxista. De repente passou a ser. E passou a ser punido. O que você podia e o que não podia fazer passou a depender do arbítrio pessoal de quem decidisse sobre o que passava a ser ilegal. E ninguém pode garantir que esta situação não se repita de forma recorrente, de tempos em tempos, no Brasil. Porque a repressão não é nova e pode voltar. E se voltar, certamente seremos vítimas. Todo o instrumento repressivo tem sua própria lógica: precisa de um certo número de vítimas para que a máquina repressiva se justifique. E é mais fácil pegar os que já foram punidos uma vez e sobre os quais há um *dossier*, do que procurar novas vítimas.

Mas, quanto mais o tempo passa, quanto mais as pessoas amadurecem, mais difícil é recomeçar a vida no exterior. Quando você tem vinte anos é uma coisa, quando tem trinta é outra e quando tem cinquenta é uma outra muito diferente. E uma vez que você perdeu seu emprego porque voltou para o Brasil, recomeçar de novo no estrangeiro fica ainda mais difícil. Claro que quando é preciso a gente faz o que é preciso. Se não houver outra alternativa você se exila de novo. Se de novo a situação se deteriorar e você tiver que sair, você encontra as reservas de energia dentro de si mesmo para refazer o mesmo caminho. Mas a perspectiva de que isto possa a vir a suceder não é agradável. O momento agora é de cada um decidir se volta ou não, ou quando volta. E esta decisão implica já em uma decisão sobre o que fazer no futuro, caso a repressão recomece. Há em todos um desejo profundo de que isto não aconteça, de que não seja preciso exilar-se outra vez, ou que os que voltarem não tenham que viver o exílio interno, que esse também existe...

Por isso é que sem democracia é impossível ter os exilados de volta. Não é possível reincorporá-los na sociedade sem uma autêntica abertura democrática. E a volta pode contribuir de maneira positiva para a redemocratização, mas não é justo oferecer a esses indivíduos a possibilidade de voltar sem lhes dar garantias. Isso é no entanto uma coisa quase incontrollável, porque vai depender do comportamento dos grupos dirigentes e também do comportamento da oposição.

Quando voltei ao Brasil há um ano atrás, tive a impressão de que as pessoas estavam cometendo os mesmos erros do passado: uma superestimação do caráter da abertura, das possibilidades da crítica no Brasil, uma superestimação das condições radicais potenciais da sociedade brasileira. Tudo isso estava lá em 1978 como em 1968. Outro erro típico daquela época e que senti que se repetia agora: uma cobrança de definições abertas; é preciso que você diga aberta-

mente de que lado está, que se defina politicamente de forma clara. Há uma falta de reserva, de discrição. Força-se os indivíduos a tomar posições para as quais eles não estão preparados, ou que não deveriam ser tomadas publicamente. Essa falta de discrição num país em que muitos foram mortos por causa de suas opiniões políticas é imperdoável. Igualmente perigosa é a radicalização excessiva que não tem nada a ver com a realidade do momento, mas que meia dúzia de indivíduos está disposta a assumir, comprometendo assim todos os demais, prejudicando todo o processo. Outro vício visível antes e agora: todos estão interessados em grandes problemas, mas os pequenos problemas ninguém quer atacar. Em 1968, na Universidade de São Paulo, tive uma experiência que é muito significativa. Constituíram-se as comissões paritárias. No meu departamento havia uma comissão composta de cinco professores e cinco alunos. Marcamos a primeira reunião. Apareceram duas pessoas: eu e um aluno! Todo mundo tinha lutado por elas, tinham afirmado que as paritárias eram essenciais para o bom funcionamento das Universidades, mas quando chegou a hora de provar que elas eram necessárias ninguém apareceu. Ninguém queria perder tempo estudando um curriculum de departamento – essa era uma tarefa muito modesta, muito insignificante. O que as pessoas queriam era discutir a REVOLUÇÃO BRASILEIRA. Esse tipo de vício que marcou parte daquela esquerda que eu conheci, se já naquela época me irritava, hoje me irrita mais ainda: a falta de modéstia, a falta de capacidade de fazer pequenas coisas nas quais você não aparece, todos envolvidos nas discussões teóricas intermináveis sobre o processo histórico brasileiro, mas incapazes de fazer História.

Felizmente, se muitos parecem repetir erros do passado, existe também no Brasil de hoje muita gente diferente daquela. Nas conferências que tenho feito no Brasil tenho encontrado um público muito interessante: heterogêneo, composto de pessoas que vêm de várias partes do Brasil, e que têm uma visão bastante objetiva da realidade brasileira. São jovens que não se prendem a esquemas teóricos e abstratos, que constroem suas teorias a partir da discussão de fatos concretos. Essas pessoas que encontrei eram extremamente jovens e tinham um grande entusiasmo e uma grande seriedade de propósitos. Isso me deu uma grande esperança.

Círculo *Junho de 1978*

O CÍRCULO DE MULHERES BRASILEIRAS EM PARIS, ou simplesmente *O Círculo*, é um agrupamento de mulheres brasileiras, exiladas ou não, que se formou em outubro de 1975. Um dos seus principais objetivos é o aprofundamento da consciência feminina das mulheres que o compõem.

'... ao nos encontrarmos para debater, trocar idéias e experiências sobre o que lemos ou vivemos, passamos a nos sentir finalmente como mulheres, seres explorados, mas sem perdermos a visão da estrutura global da sociedade'. (Boletim nº 1 do *Círculo*, março de 1977).

O Círculo é o coletivo de brasileiros formado no exílio que conseguiu aglutinar o maior número de pessoas. Suas assembleias gerais já contaram com a presença de mais de oitenta mulheres, organizadas em pequenos subgrupos de 6, 8 ou 10, que se encontram semanal ou quinzenalmente.

Paralelamente à reflexão sobre a vivência enquanto mulheres, o *Círculo* preocupa-se em realizar ações para fora. Por exemplo: difundir a informação sobre a situação e a luta das mulheres no Brasil (dupla jornada de trabalho, denúncias de atividades da *Benfam* e da política de controle de natalidade do governo, etc.); campanhas pela libertação de prisioneiras políticas; solidariedade e contacto com grupos de mulheres latino-americanas em Paris; participação em iniciativas do movimento feminista francês. Enfim, a experiência do *Círculo* como coletivo de mulheres é bastante rica e diversificada.

Dez mulheres do *Círculo*, na época exiladas, gravaram para nós em junho de 1978, este depoimento sobre suas experiências de exílio, suas vivências como mulheres e perspectivas de volta ao Brasil. Desejam ressaltar que esta entrevista não representa necessariamente o pensamento do *Círculo* como um todo, apenas reflete esta experiência.

(as editoras)

tica. Muitas vezes a relação afetiva com um companheiro era uma necessidade desse novo tipo de vida. Às vezes eram processos violentos que nem correspondiam ao: 'é isto que eu quero e sinto'. Entrávamos numa dinâmica de vida tal que perdíamos o pé na família, no passado, em toda a educação anterior. A vida pessoal tinha que acompanhar a militância política. Não sei se vocês viram *Les Routes du Sud*, um filme que mostra como é possível as pessoas terem uma prática política revolucionária, intervirem na realidade etc. e não mudarem absolutamente nada dentro das quatro paredes onde vivem. A gente se questionava no que éramos obrigadas, saíamos de casa fisicamente porque queríamos ficar clandestinas, mas na verdade isso não correspondia a um rompimento. Consciência feminista é algo coletivo, não se adquire sozinha. Acontece na medida em que a gente começa a trocar uma série de experiências, a buscar uma vida coletiva diferente e a ver o feminismo enquanto um processo de transformação do conjunto de mulheres, não só nosso. Acho que a nossa geração, a geração de 68, viveu a briga contra a virgindade, a negação do casamento, a tentativa de uma nova relação. Tudo isso faz parte da nossa libertação, mas na minha opinião eram rebarbas de um sentimento de opressão absolutamente inconsciente. Agora, o feminismo enquanto um processo criativo que abrange uma prática social de transformação, tem que ser um processo coletivo.

ANITA - Eu acho que o grande mérito do feminismo é ter conseguido agrupar a gente. Conseguimos ver que os nossos problemas individuais não eram só nossos. Eram de todas as outras mulheres como nós. Foi o contacto com o movimento feminista aqui na França que fez com que nos identificássemos e nos aproximássemos umas das outras. Não nos vemos mais como 'aquela rival', como a causa das nossas futuras desgraças, como 'a outra'. Passamos a não olhar para as outras mulheres com desconfiança e pensar: porra, é essa que vai tomar o meu companheiro porque ela é mais bonita que eu, ou é mais inteligente, ou então, é mais bonita mas é mais burra. Todo esse tipo de competição, de comparação e de subestimação das outras companheiras não nos deixava enxergar que elas estavam na mesma que nós, a mesma coisa, o mesmo problema. O que a gente sentia em relação a elas, elas sentiam em relação a nós! Tínhamos todo esse esquema de valores. A minha experiência foi assim: se eu tinha um companheiro, achava que tinha que possuí-lo até as últimas consequências. Tinha medo de ficar sozinha no mundo, de enfrentar o mundo sozinha porque eu não tinha nada pra botar no lugar daquela pessoa.

GLORINHA – Eu acho que se a nossa militância política implicou rupturas com a família, com valores, é porque há uma particularidade nessa militância. No momento histórico em que ela se dá havia uma tentativa de crítica ao stalinismo, de construção do homem novo trazido pela revolução cubana ou pela revolução cultural. A gente tentava um mínimo de inserção do político no cotidiano, quer dizer, não éramos só a pessoa heróica no sentido de transformar o mundo, também nos questionávamos: saímos de casa não casando, tentando romper com a virgindade, tentando desmitificar o casamento. Mas não vivenciamos isso tudo enquanto movimento feminista. O que a gente sabia de feminismo nessa época era que as mulheres americanas eram lésbicas, feias, complexadas, ou então que o movimento francês era coisa de pequeno-burguesas que não tinham o que fazer e que nada disso se aplicava à realidade de um Brasil e uma América Latina subdesenvolvidos. Então pensávamos que rompíamos com tudo – e rompíamos em parte – mas continuávamos reproduzindo todos os valores da nossa educação. Houve um determinado momento no Chile em que eu me senti igual à minha mãe e ficava completamente desesperada. Afinal, eu tinha lutado à beça contra isso, tinha negado a minha mãe, tinha rompido, e de repente morria de ciúmes, de insegurança, fazia as tarefas domésticas, ou seja, reproduzia em outros níveis exatamente a minha mãe. Não importava as vinte e quatro horas de militância por dia.

REGINA – Naquele momento a gente pensava em mudança política e social e a gente queria ser o ‘homem novo’, mas não tínhamos muito claro o que questionar a nível do nosso cotidiano e vida pessoal. No Brasil, porque eu tinha uma atividade política e profissional muito intensa, esse questionamento, mesmo difuso, ainda existia. O Chile para mim foi a volta atrás, foi voltar dez anos atrás na minha consciência. Fui outra vez me instalar com um cara, casa, cachorro... Qualquer companheira que ficava em casa para dormir, mesmo que tivesse chegado do Brasil com mil problemas, era uma inimiga em potencial. Eu tratava bem, mas ficava de olho em cima pra ver o que é que ia acontecer. Eu fazia tudo pra tirá-la de casa, porque na hora em que eu não estivesse em casa, quem sabe o que é que podia acontecer... No Brasil, a nossa prática política obrigava a um questionamento diário, mas a relação com as outras mulheres era bastante mesquinha. Quando eu digo que não gostava de mulher é porque achava que mulher só era legal, só era gente, se fizesse política. Tínhamos que nos afirmar como ser humano sendo igual aos companheiros sem considerar as contradições que vivíamos, porque a nossa libertação passava por essas atividades políticas, mas não metíamos o dedo

na nossa opressão. Então, quando havia uma crise na relação com o cara que a gente vivia, isso não tinha absolutamente controle, nos sentíamos perdidas. Hoje também vivemos crises nas nossas relações, mas a consciência que adquirimos ajuda a entender melhor esse processo. Naquela época era muito difícil, eu me sentia muito mais vulnerável.

ANGELA – Sinto que vivi dois processos de ruptura diferentes: um de ruptura política, em que me afastei da família porque eles não me acompanhavam politicamente. Mas não há uma ruptura da minha estrutura mental. E o que acontece é que vou repetir com o meu companheiro exatamente tudo o que vivi na minha casa, embora com uma política diferente. Só muito mais tarde – eu não consigo situar bem quando – é que senti a necessidade de romper com esses valores. Não foi só quando adquiri uma consciência feminista, pois a necessidade, embora vaga e difusa, de uma ruptura nesse nível já vinha de antes. Por exemplo, me separar do meu marido, que era algo impensável do ponto de vista da família, eu já imaginava como algo possível. Eu me dizia às vezes: bom, não tem nada pra segurar nessa relação, eu estou vivendo com esse cara, mas... por que? O que é que estou fazendo aqui? A gente não se gosta mais, a gente não tem mais nada em comum, ele está visivelmente querendo ir para um lado, eu estou visivelmente sem saber para onde quero ir, ele sabe, mas eu, mais uma vez, não sei. Comecei a me dar conta da minha solidão. Eu não era eu, não existia enquanto pessoa, era a mulher do fulano, meus amigos eram os amigos do fulano, tudo passava por ele e era uma merda, senhores! Mas só comecei a elaborar melhor a tal necessidade difusa quando percebi que o problema não era só meu, que várias outras mulheres também sentiam isso, só que não falávamos disso, tínhamos vergonha. O grau de lealdade que eu tinha em relação a pessoa com quem vivia era tão grande que para mim, chegar aqui, fazer críticas a ele, me parecia uma traição. Eu estava de fato traindo a mim mesma, na medida em que eu não assumia determinadas coisas que estava sentindo.

ANITA – Outro dia eu andava divagando um pouco a respeito do que é o machismo, tentando perceber o que será que passa exatamente na cabeça deles, por onde passa o raciocínio deles. Não consigo entender aquela atitude, aquele pensamento deles na base do: 'eu posso, ela está ali, é só questão de pegar, assim como eu pego esse cinzeiro...' Acho que é exatamente este momento que define o machismo. O resto decorre deste momento em que eles tomam uma

decisão e vão fazer determinada coisa. A gente, mesmo estando a fim de fazer determinada coisa, muitas vezes não faz porque leva em conta os aspectos afetivos da questão.

ANGELA – Não é só isso, é uma questão de poder. Analisa um processo de ruptura de uma relação. O homem chega pra você e diz: 'fulana, eu não quero mais'. E você diz, 'tá legal'. Você cala a boca, segura, vai chorar pra tua amiga, pra tua mãe, pro raio que a parta. Agora, se você chegar para um homem e disser: 'fulano, pra mim acabou, eu não quero mais', ele te aporrinha um mês, dois meses, um ano, te enche!

REGINA – É aquela história de sempre: quando uma mulher diz 'não', pode ser 'sim', uma mulher não tem vontade própria, identidade própria.

DRO – Todas vocês estão falando de um tipo de problema que existe na ligação com um homem, o medo de perdê-lo, de ficar sozinha. Eu vivi o reverso da medalha. O meu encontro com o grupo de mulheres aqui em Paris está me dando uma nova visão da relação com um homem. Parece que pela primeira vez estou podendo ter uma relação com um homem de outra forma. Sempre procurei me manter isolada, nunca deixar que uma relação fosse fundamental na minha vida. Tinha que me preservar senão deixaria de ser eu para ser outra vez aquela mulher de não sei quem, que faz coisas para não sei quem. Isso ficou tão marcado em mim numa certa época, que passei a ter medo de ser engolida. Tive relação com vários caras, mas nunca deixei que se tornassem importantes na minha vida. Sempre tive medo, e no fundo, sempre houve um pouco de competição minha em relação ao homem. Claro que esse medo está ligado a uma série de coisas do passado. Por exemplo, até eu encontrar o cara com quem vivia, eu existia por mim mesma, participava do movimento estudantil, era presidente do centro acadêmico, figura conhecida e tal. Depois, entrei numa militância com um cara e por causa dele tive que ficar clandestina, tive que deixar o Brasil, tive que fazer o papel da noivinha pra visitá-lo na prisão. Eu deixei de ser eu. Fiquei sendo aquela menininha comportada porque precisava fazer determinado tipo de coisas. Desde que pus os pés fora do Brasil, desde que fui recebida no aeroporto, não fui mais eu mesma: era a mulher do fulano que o pessoal tinha ido buscar. Mudei até de nome, bom, por problemas políticos, sei lá o que, mas mudei e fui outra. Fiquei um certo tempo me sentindo viúva de guerra. Até meus amigos me viam assim e isso me marcou terrivelmente. Depois, na relação que tive com outros caras, já estava com aquele

pé atrás. Não queria me ver, de jeito nenhum, junto com o cara publicamente. Hoje eu não sinto aquele medo, aquela angústia de ter uma relação com um homem. Já sou capaz de estar lado a lado com o cara diante de outras pessoas. Ouvir as experiências de outras mulheres está me dando uma certa paz em relação aos homens, quer dizer, é o outro lado do feminismo. No fundo, o problema é o mesmo, eu sei disso.

A primeira reunião do grupo de mulheres a que assisti foi numa época em que estava com reuniões de manhã, à tarde, à noite, de madrugada, num ativismo terrível, daquelas reuniões onde a gente chega, já tem a ordem do dia marcada, há coisas específicas pra falar, a gente tem que se comportar de uma determinada maneira. Bom, pela primeira vez eu chegava numa reunião, com outras mulheres, tinha uma ordem do dia mais ou menos estabelecida, mas a gente conversava de outros assuntos, de roupa, de relações pessoais, amorosas, afetivas, sei lá o que, e mesmo a nível político discutíamos com muito mais liberdade. Ninguém estava falando em nome deste ou daquele grupo, então eu me sentia à vontade para falar, inclusive pra fazer críticas. Pela primeira vez estava indo a uma reunião diferente daquelas onde não sinto nada, onde a gente vai por obrigação. Era um encontro gratificante. O feminismo pra mim despertou uma determinada ansiedade emocional, uma vontade de viver, de batalhar mesmo, como eu tive na adolescência. Foi um troço engraçado a volta dessa vontade, que está ligada não só à adolescência mas também a um Brasil de outro período.

LUCIANA – Vivemos uma primeira fase aqui no *Círculo* em que o feminismo foi para nós uma descoberta, uma tomada de consciência, uma salvação também. Quando muitas de nós estávamos nos separando, sozinhas, a descoberta do feminismo e do coletivo de discussão, que funcionava às vezes como dinâmica de grupo, nos deu muita força. Agora tenho a impressão de que a gente está começando a entrar numa fase diferente. Acho que a gente já acumulou um pouco de força, estamos começando a pensar o que queremos efetivamente transformar, o que queremos enquanto coletivo, enquanto feministas. Enfim, o que desejamos como objetivos de transformação da sociedade, que papel podemos jogar nessa transformação, nessa sociedade nova que a gente quer, e que tipo de relações novas queremos ter com os nossos companheiros, o que podemos exigir deles. É uma fase diferente, difícil, muito difícil.

REGINA - Eu acho que uma das conquistas fundamentais da gente é essa vontade de trabalhar com outras mulheres, trazer mais mulheres para o *Círculo*.

ANGELA - Mas ao mesmo tempo, no próprio *Círculo* há visões diferentes. Nem todo o mundo tem a mesma visão a respeito da transformação, das mudanças nas relações entre as mulheres e da forma pela qual podemos contribuir para mudar essas relações. Sinto o que senti um pouco em outros grupos de mulheres: uma certa preocupação de que seja apenas fazer um trabalho com mulheres, sem mudar o conteúdo da relação entre mulheres.

REGINA - A transformação é exatamente quando você se coloca como mulher nessa história e você se sente *dentro* do movimento. Isso não acontece nunca se você analisa o movimento de fora. E estar dentro do movimento é se sentir tão mal, tão oprimida como todas as outras mulheres. A gente sempre se coloca num determinado nível de privilégio, pensa que conosco é um pouco diferente... Acho que o salto que a gente deu nesse processo de grupo é não ver o *Círculo* só como uma atividade política, não tentar intervir aqui assim ou assado. Foi descobrir que estávamos todas oprimidas, que nos sentíamos mal na própria pele, isto é, se sentir mulher e sentir que essa luta nos diz respeito. Na experiência do *Círculo* a gente se transforma pela força coletiva desse trabalho, da interação entre nós. Quando é que passou pela minha cabeça antes que eu pudesse discutir com uma companheira, até de outras posições políticas, as minhas opiniões pessoais? Nunca, nunca. Acho que é esse tipo de mudança que a prática dentro do movimento coloca: uma solidariedade contra a opressão, o que não é a mesma coisa que ser uma irmãzinha de todas as mulheres. Acho que muitas de nós chegamos ao feminismo achando que um grupo de mulheres seria mais uma área de atuação política, mais uma frente de trabalho político. Viemos como militantes para influir dessa ou daquela maneira. Só depois é que descobrimos, na própria dinâmica do grupo, que o movimento feminista é muito mais que a intervenção política num movimento de mulheres. Já ouvi muita gente falar: 'o movimento feminista está aí, existe, ninguém pode negar, então eu não posso fechar os olhos, deixar de participar'. A mudança é quando a gente se sente 'concernida' dentro desse movimento.

ANGELA - O feminismo fez com que recuperássemos muito da nossa feminilidade, fez com que recuperássemos a sensação de ser mulher de uma forma diferente. Em todo o pro-

cesso de militância, por mais que houvesse uma tentativa de mudança do mundo, nós jamais pensávamos que tínhamos uma especificidade enquanto mulheres. Éramos combatentes, militantes, ou seja, um homem inferior. Agora, pela primeira vez, a gente se arruma pra gente, pelo prazer de se sentir bem. Uma vez eu abri o armário, fiquei olhando e só tinha coisas marron ou cinza. Pensei: puxa, não tenho roupa! Nada do que eu tinha correspondia àquela vontade que eu sentia naquele determinado momento de botar uma coisa diferente. Um dia cheguei perto do meu companheiro – eu estava desbundante, lindíssima – e ele não teve coragem de me reprimir. Só disse assim: ‘você está linda, mas eu não gosto nada disso’. Quer dizer, ele detestava aquilo tudo em mim embora esteticamente fosse uma coisa muito bonita; noutra mulher provavelmente ele iria admirar. Eu era uma mulher charmosa quando casei e de repente deixei de me pintar, me pentear melhor, enfim, acabei sendo a mulher que só andava de *blue jeans*. Passei por um período de anulação muito grande.

SANDRA – Eu acho que não existe essa possibilidade de mudança cotidiana, individual, da nossa relação com os caras *tout de suite*.¹ Acho que já podemos ter uma postura diferente e que isto é importante, mas é ilusão pensar que já superamos uma série de coisas. Seria uma visão muito ‘oba, oba’. Vivendo aqui, na França, na Europa, é possível para nós uma ruptura mais profunda com os valores antigos porque existe um movimento social de mulheres que apoia essas nossas atitudes. Se os nossos homens estão mudando, não é apenas pelo combate cotidiano que a gente está travando, mas é muito mais pela pressão de um movimento social que está em volta. Não sei se isso já seria possível no Brasil. Quando vivíamos lá, a gente podia militar vinte e quatro horas por dia, mas provavelmente éramos nós quem lavávamos a roupa e a louça. Hoje seria diferente, acho, mas não sei até que ponto. Eu acho que é o movimento social, coletivo das mulheres que faz com que os homens também comecem a questionar um certo número de coisas. Mas se nós pensarmos que a parada já está ganha, é uma ilusão, tira inclusive o caráter ofensivo e agressivo da nossa militância, da nossa intervenção feminista.

LUCIANA – Mesmo com o peso do movimento social a gente não se libera individualmente. Hoje, as nossas formas de relação, enquanto mulheres, com a sociedade não estão tão mudadas.

1. imediatamente.

Não adianta, por exemplo, pensar que a nossa relação com a produção, com a militância está mudada. A gente sai e está constantemente com a paranóia de ser violada, com o terror de estar sozinha. Agora, é verdade que com o suporte do movimento social, a gente sente mais segurança, mais tranquilidade.

JOANA – Eu não diria que o que sinto é tranquilidade. Tranqüila era a minha vida quando estava no Brasil, tranqüila, alienada, tudo o que vocês quiserem, mas eu não tinha o conflito que tenho hoje. Continuo tendo um tipo de vida, uma série de aspectos, tradicional e reacionária, mas minha consciência não aceita ir mais longe. Romper com uma série de esquemas que durante trinta anos estavam na minha cabeça e que estão ainda presentes de uma forma ou de outra, é o combate que eu travo comigo mesma e isso não dá tranquilidade pra ninguém.

MÔNICA – Acho que isso de se sentir mais ou menos tranqüila, depois de adquirir uma consciência feminista, é algo muito pessoal. A minha condição de mulher sempre foi vivida com uma angústia muito profunda e com o feminismo essa angústia mudou. Hoje posso conviver com a minha sexualidade, com a minha vontade, com o meu prazer. Se não convivo com o meu prazer convivo pelo menos com a luta por ele. E isso me dá um certo nível de tranquilidade. A minha tendência hoje não é desaparecer, não é buscar loucamente uma transação suicida, autodestrutiva. Pra mim a transação de mulher era muito isso. Hoje é muito mais uma transação de luta, e tenho uma determinada tranquilidade com essa luta, com esse conflito.

REGINA – Eu acho que a luta que a gente está travando é pra conseguir ser um indivíduo, como se diz, *à part entière*,² coisa que ainda não somos. Eu acho que uma mulher alienada, oprimida dentro de casa, uma dona de casa cheia de filhos que lava roupa, cozinha, etc., ela sofre, mesmo sem ter consciência da opressão. A gente tem consciência dessa opressão e é aí que está o conflito. Aí a vida é um inferno porque passa a ser um combate diário com o companheiro, com o vizinho, com o homem na rua. A diferença é que a dona de casa vê isso como uma fatalidade inexorável.

MÔNICA – E nós não, é isso que dá força à gente.

2. inteiro, total.

REGINA - A gente pode dizer 'não'. Em determinados momentos conseguimos ser pessoas inteiras, principalmente quando não temos na nossa frente os elementos que vão criar a dependência, seja o irmão, o pai, o marido, o que for.

ANGELA - Eu acho que 'pronta' a coisa nunca vai estar. Não é pra gente nem pras filhas da gente. Não é pra tão cedo! A minha tendência em relação às coisas que eu fiz no passado - e eu fiz uma porrada de coisas - é dizer que não fiz nada, porque sinto como se não tivesse feito nada. Às vezes me dá até vontade de apagar esse passado porque eu não vivia como eu. Mas hoje em dia sinto que cada coisa que faço, mesmo pequenininha, é um ato meu, estou assumindo essas coisas e então cada coisa se soma a uma espécie de eixo que é meu. Pela primeira vez estou constituindo um poder que é meu. Nesse aspecto é que acho que o feminismo foi fundamental para mim. Durante muito tempo houve momentos na minha vida em que me perguntava o que eu queria e a resposta era: 'não sei'. Aparentemente tinha uma definição intelectual, uma definição política, uma definição a todos os níveis. Mas houve um momento em que se alguém me perguntasse 'você quer estudar o que?', eu não saberia responder. Eu podia estudar sociologia como podia estudar literatura ou bordar tapete. Era-me absolutamente indiferente. Não tinha vontade própria, não tinha nada constituído. Não podia ficar sozinha porque significava agüentar aquele amálgama de coisas indeterminadas que eu era. E isso era insuportável. Hoje em dia se eu fico sozinha eu sofro, mas sou capaz porque tenho alguma coisa dentro. Está se constituindo alguma coisa, está se somando algo, como uma coluna vertebral. Ainda deve estar lá embaixo, no cóccix. Mas sinto que está se formando um eixo, uma estrutura.

DRO - Todos esses problemas de opressão de que vocês estão falando, eu sinto também aqui na França pelo menos há cinco anos. Por exemplo, estou fazendo uma tese e até hoje tenho que brigar cada vez que quero falar no meu seminário, onde sou a única estrangeira. De doze pessoas há três mulheres que não abrem a boca quase nunca, inclusive eu. Cada vez que vou fazer uma exposição tenho que ser muito agressiva, quase histérica para que o pessoal me ouça, olhe para mim, senão eles começam a mexer nas coisas, olhar para baixo. Quando acabo de falar, retomam aquela discussão que estavam fazendo antes como se eu não tivesse dito nada. Na militância sindical é o mesmo problema. Tenho também que ser sempre agressiva e me

impor numa série de coisas: ser mulher e ser *métèque*,³ tá realmente fofada! Homem pra mim é sinônimo de rivalidade imperiosa, dá vontade de castrar, de matar (risos). Na faculdade onde trabalho, só agora, depois de quatro anos, é que consigo falar nas assembléias. Fui eleita delegada sindical, mas havia uma inércia tão grande que acho que a primeira pessoa que se apresentasse seria eleita. No trabalho sindical, no trabalho político, é uma luta constante. Não é por querer ter um lugar ao sol, querer ser alguém, aqui ninguém tem vontade de ser mais do que é. Quero, pelo menos, que respeitem o que eu digo, que tomem em consideração aquilo que falo. Acho que ainda não existe aqui na França um espaço político para a mulher, apesar de todos os movimentos feministas. Agora, acho que seria indecente se adiássemos viver toda essa problemática pra quando voltarmos ao Brasil.

Eu tinha um problema seríssimo em relação ao *Círculo* porque via que a maioria das mulheres brasileiras aqui não trabalhava, não estava inserida num esquema de produção, na vida francesa, principalmente as mulheres de exilados. E a maioria das mulheres brasileiras, se trabalha, não está sindicalizada, não faz parte de uma organização política francesa, vive ainda uma certa marginalidade, sem ter relações do dia a dia com esta sociedade. Como é que vão sentir na pele os problemas aqui da França? Agora, se você vive com um francês, no meio dos franceses – eu fiquei aqui uns dois anos sem ver brasileiros, sem quase falar português – então é muito diferente. Passei até a sonhar em francês! Agora, depois de conhecer melhor o *Círculo*, a minha visão mudou bastante. Vi que posso encontrar no meio de brasileiras muitas outras coisas: esta experiência está me dando coisas que eu não tinha antes, mas acho importante aqui no *Círculo* nos preocuparmos com a nossa integração no dia-a-dia francês.

3. denominação dada na França aos estrangeiros, especialmente aos que não são brancos.

O exílio é o ghetto

Não me sinto nem integrada nem refugiada.

A única coisa que me toca aqui é o movimento feminista.

A minha vontade de lutar eu concretizo aqui e agora.

REGINA – O Chile pra mim era um desterro. Vivia enfiada numa casa com jardim, cachorro e gato, clandestina nos quatro primeiros meses porque queria voltar para o Brasil, vendo só o meu companheiro. Aquilo era uma desgraça. Eu me sentia desterrada, escondida, era um pesadelo, um sacrifício. Cada dia tinha que ter força para o dia seguinte. Cheguei no exílio com uma mão na frente e a outra atrás, tinha perdido tudo, tudo... e não tentei reconstruir coisa alguma. Sentia assim: estou aqui provisoriamente, porque vou voltar, então não vale a pena... O que me impediu de me integrar no Chile foi essa sensação de provisório de não poder fazer projetos de vida por mais que alguns meses. Era aquela militanciazinha cinzenta, de todo o dia em relação ao Brasil, a expectativa de voltar. Me senti profundamente desenraizada. Além disso estava afogada nos meus problemas pessoais, foi lá que eu vivi a crise conjugal mais intensa. O meu ponto de referência era aquela crise, não sabia se aquela relação de casal ia sobreviver ou não, se eu ia ou não perder o homem. Sentia sim, uma identificação com o povo chileno, com as pessoas, com as lutas. Isso me dava alguma força até o momento em que botava o pé dentro de casa. Ai eu caía outra vez.

Quando vim pra França, tive um medo, um pavor, mas ao mesmo tempo sentia que estava mais longe do Brasil. O Brasil daqui é mais remto – e então diminuiu a provisoriidade. Pensei: vou ter que fazer alguma coisa, vou ter que viver aqui. Tive aquela sensação de que tudo ia mudar e senti um medo muito grande de não conseguir viver com a estrutura que eu tinha. A sensação era: tenho que ser outra. No Chile eu não me identificava com brasileiro nenhum. Desprezava uns porque tinham fugido, outros porque não faziam nada; ficavam só batendo papo, as minhas simpatias e antipatias mediam-se por quem era debundado, quem não era, quem era militante, quem não era, enfim, muito definidas pelas orientações políticas e acho que a minha visão da política era muito estreita. A França alargou bastan-

te o meu relacionamento com as pessoas; o que mudou aqui não foi só a visão da minha vida como mulher, foi a visão de muita coisa, de todo um modo de vida. Aqui eu me sinto integrada no conjunto das pessoas brasileiras exiladas, embora cada uma tenha uma história diferente. Sinto uma certa unidade, no sentido de que nós todos somos um corpo. No Chile eu não sentia isso. Aqui eu saí da casca, então adoro a França.

ANGELA – Eu vivi um problema de perda de identidade. No Brasil tinha uma militância política, um centro de interesses e, de repente, a gente chega ao Chile e fica descentrada, desorbitada. Os homens não. Eles se localizaram logo porque vinham com uma fama de revolucionários, com uma inserção política. Fizeram contactos mais facilmente do que nós porque estavam chegando numa outra cultura machista. Nós ficávamos na sombra deles.

BETE – Eu também saí do Brasil para voltar... e fui ficando. Por causa da intensa realidade política chilena daquela época, não tive tempo de curtir a sensação do exílio, a saudade do Brasil, a vontade de voltar. Tinha pouquíssimos amigos chilenos, mas ao mesmo tempo acho que a vida política no Chile era algo tão atraente que contrabalançava essa lacuna, coisa que não existe aqui na França.

ANGELA – Mas você vivia essa vida política como sua? Você se apropriou dela? Porque acho que eu não consegui me apropriar da vida política que vivia, nem no Chile nem no Brasil, mesmo tendo uma atividade política, em parte, separada do meu companheiro. Mas não era assim algo, sei lá, meu.

BETE – No Chile, uma coisa que me tocava muito era aquela identidade entre os chamados *rotos*⁴. É algo que me deixava extremamente emocionada. Aqui, pode ter a maior manifestação do mundo – eu já assisti a algumas grandiosas – mas não me tocam. A única coisa que me toca aqui é o movimento feminista.

ANITA – A minha história é um pouco diferente... eu militava no Brasil e ele não. Quando saí, nunca cheguei a ficar na sombra dele. A militância era minha, era eu quem fazia as coisas. Talvez a educação tenha influído muito para que as coisas fossem assim. Eu gostava muito do Chile, me identificava muito mais lá do que aqui

4. pobres.

na Europa. A minha crise conjugal, existencial, também começou no Chile. Apesar de não ter ficado na sombra dele, a experiência foi muito sofrida, muito doída, porque é muito doloroso viver o machismo na própria carne. É de uma violência terrível. Comecei a me dar conta disso através das acusações que ele me fazia: 'eu vivo na tua sombra porque não estou integrado, nunca me integrei na luta que você faz, acho que o caminho é outro, etc.' Eu também tive que pagar um preço. Algumas de nós não militavam, viviam na sombra do cara, então sentiam o machismo. As que militavam sentiam também porque haviam de ser cobradas cada cinco minutos por essa independência, esse arrojo, essa força de querer ir pra frente. A minha tomada de consciência feminista, entender o que é o machismo, tudo isso aconteceu na Europa. Foi algo muito importante, mas senti muito a perda do Chile, queria ter continuado lá mesmo.

SANDRA – No Chile eu também vivi a minha grande crise pessoal. Se não existisse aquela realidade política que me empurrava pra frente, não sei o que teria acontecido comigo. Não entendia o que estava acontecendo, não conseguia mais dominar a minha vida pessoal. Quando saí do Chile, no avião, lembro bem, a sensação que tive era a de que tudo ia mudar; eu não sabia muito bem o que, mas sentia que essa mudança ia ser radical na vida. Por outro lado, tinha um medo terrível... Lembro que no avião chegamos a conversar do que estávamos deixando pra trás. Sentíamos que o mundo estava caindo nas nossas costas.

GLORINHA – A minha família é do norte e foi pro Rio. Romper com essa colônia no Rio foi a primeira grande porrada, foi a primeira tentativa de identidade, porque senão estaria casada com um maranhense, morando nos mesmos edifícios, nas mesmas ruas, iria a todos os aniversários, são quase trezentos por ano... No entanto eu nunca me senti carioca, tenho cara de índio. Depois, foi o salto pro Chile. Como estrangeiros lá, acho que éramos valorizados: éramos refugiados políticos, revolucionários de um país diferente. Apesar da minha vida ser de militante brasileira, sentia uma integração incrível no Chile, não sentia nenhuma rejeição, as pessoas tinham uma certa curiosidade em relação a mim. Até o golpe, a sensação que eu tinha no Chile era de valorização. Depois, veio uma sensação universal de ser estrangeira muito mais profunda. Acho que isso marca a nossa integração na Europa porque a gente já vem desterrada da América Latina. Somos recebidos como refugiados.

Na Suécia, eu me sentia muito identificada com os estrangeiros porque meu trabalho não era qualificado. Lá você é estrangeira na rua, você é *cabecita negra*, como se diz na Argentina, passam a mão no seu cabelo pra ver se é de verdade. De repente você vê uma massa que parece fabricada em série: tudo loirinho, alto. Quando cheguei no campo de refugiados no interior da Suécia, me senti realmente exilada. Foi a primeira vez que vivi o exílio sem sentimento de culpa. Com a saída do Brasil, fui assumindo um nível de culpabilização muito grande, um sentimento de estar traíndo os companheiros, de estar abandonando a luta. Então no Chile eu militava quarenta e oito horas por dia, entende, e isso não representava nada para mim. Eu estava numa puta crise individual. Quem tinha saído do Brasil sem ser por seqüestro ou mandado pela organização para fazer alguma tarefa era 'desbundado', aquele a quem cabia no exterior as piores tarefas, aquele que tinha que dar prova constante de que não tinha 'desbundado', que ainda estava no campo da revolução. Eu vivi isso de uma maneira muito forte e regredi profundamente do ponto de vista pessoal. Eu era militante mas era a dona de casa mais perfeita, arranjava tempo, saía correndo de uma reunião pra outra, fazia as compras, fazia a comida pra receber as pessoas na minha casa.

Na Suécia acontece uma crise profunda, total. Eu odiava os suecos, então comecei a trabalhar loucamente pra economizar dinheiro e ir embora pra outro lugar. Meu companheiro dizia: 'não vai conseguir, não vai conseguir'. E eu insistia. O que me ajudou muito lá foi a transação do feminismo. Cheguei a ter uma visão feminista através de questionamentos que me faziam sobre a mulher na América Latina. Quando falava que a mulher na América Latina era extremamente combativa, lutava junto do homem, patati, patatá, as mulheres suecas me perguntavam sobre a vida cotidiana. Me perguntavam isso em sessões públicas de solidariedade e eu ficava assim com o olho arregalado, completamente *epatée*⁵. Foi todo um processo que tive que fazer para entender as perguntas que estavam me fazendo... e comecei a me fazer perguntas eu mesma. Um dia estava tão desesperada que cheguei e falei, falei tudo, todas as transações, e isso me deu muita força. Lá, finalmente, virei uma refugiada comum porque no Chile eu não era. Na Suécia, a possibilidade de integração através do *ghetto* de esquerda – que se formou em cima da solidariedade ao Vietnam – é muito maior que na França. De repente você descobre que os suecos estão usando *poncho* para te imitar. Fizeram um filme sobre a embaixada da Argentina no Chile, onde a gente tinha estado, que foi a coisa mais

5. escandalizada.

caótica: nós éramos refugiados e éramos 'extra' de um filme onde os atores suecos tentavam nos imitar. A gente se sente estigmatizado, não pode fazer isso, ou não pode deixar de fazer aquilo outro. Apesar de tudo, tenho um carinho enorme por coisas que aprendi na Suécia, particularmente a ligação com o feminismo. Mas descobri que não é aquela a sociedade que eu quero: angústia misturada com puta desenvolvimento. Não é por isso que eu estou lutando.

A França para mim é uma outra coisa, é algo latino, algo mais parecido com o Brasil, a língua é muito mais fácil de aprender, a universidade é mais aberta, estudo o que quero e pude criar laços com o lugar, com a rua em que moro. Aqui encontro outras mulheres brasileiras com quem posso falar de feminismo. Na Suécia eu ficava tesa, tísica, seca, não conseguiria nunca nada disso. A França não me dá a sensação do *ghetto*. Cada vez que vou à Suécia sinto a França como *Latin-America*, entende? Aqui me sinto muito mais uma emigrante sueca do que uma refugiada brasileira. A minha relação de passaporte, de sobrevivência, ganhar dinheiro, toda essa parte objetiva continua a ser com a Suécia. Vou lá trabalhar, junto dinheiro e depois venho pra cá. Não tenho condições de trabalhar e me sustentar na França, me sinto também estrangeira, mas de uma forma diferente de vocês, porque o meu ponto de referência como estrangeira é a Suécia.

MONICA – Pra mim é difícil pensar como é que foi o exílio antes daqui porque eu cheguei no Chile com oito anos! Um mês depois, já era chilena! A minha primeira experiência de exílio aqui na França, foi como refugiada chilena. Até um ano atrás eu falava com dificuldade o português porque me negava como brasileira, não me sentia brasileira, me sentia chilena. Pouco a pouco, com essa vida de *ghetto* brasileiro em Paris, fui reconquistando as minhas raízes, fui adquirindo uma certa postura de refugiada, com saudades, com certas necessidades, comecei a lembrar de tios, avós, não sei o que mais. Pra mim, exílio mesmo é Paris.

DRO – Foi em Paris que eu comecei a ver o que é o exílio. Estive antes na Argélia, mas realmente era tão isolado... e foi pouco tempo. Mesmo antes do golpe do Chile, quando havia menos brasileiros em Paris, já tinha passado por aqui e senti essa estrutura de *ghetto*. Acho que cada um tem a liberdade de continuar levando a vida que quer, guardar a sua identidade brasileira, uma condição de viver à margem em função de um trabalho político voltado para o Brasil, sei lá. É todo um lado marginal do pessoal que vive enturmado com outros brasileiros, que não sente o que é a vida francesa. Mas eu sei o que

é a França. É um país racista onde você tem dificuldade de encontrar um emprego decente. Como mulher, como estrangeira, a gente já começa um bocado desqualificada. Vivi aqui na França muitíssimo pouco essa vida de colônia brasileira. Pelo contrário, houve uma grande fase em que me separei completamente do pessoal e vivi ou quis ver o que era essa vida francesa. Mas é claro que num certo momento a gente quebra a cara, nos esquecemos que antes de tudo vamos continuar a ser brasileiras, só que dentro de um contexto francês. Há o problema muito sério da nossa identidade. Por isso, acho que não é por acaso que os brasileiros em geral vivem em *ghetto*. O racismo do francês, do europeu não ajuda muito. Existem razões objetivas: somos refugiados políticos, somos tratados de uma forma paternalista por todos os que não são racistas e acho que a única identidade que nós mulheres encontramos foi com as outras mulheres, em função da origem comum do nosso problema. Agora, fora casos isolados, é muito difícil a gente se sentir francesa. Acho que o *ghetto* é também diferente para o homem e para a mulher. Sei que a gente não se integra aqui. O meu problema é esse. Conheço homens brasileiros que estão aqui há mais ou menos o mesmo tempo que eu. Quando converso com eles sobre essa questão da integração, sinto que não estão tão angustiados com o problema.

GLORINHA – Na Suécia não era muito difícil para os homens arranjarem companheiras, transarem com suecas. Elas tinham aquela disposição em relação aos latinos. No entanto, para as mulheres era extremamente difícil. Ou transavam uma relação mais profunda e aí dificilmente era um sueco, ou então não transavam. O *ghetto* funcionava mesmo a nível das relações afetivas. Se a gente trespasse com um sueco aqui, outro ali, a primeira coisa que viria na nossa cabeça é que estávamos nos prostituindo. Os homens não tinham esse problema.

ANGELA – Aqui em Paris aconteceu uma coisa semelhante. Quando estávamos no *Foyer*⁶, logo que chegamos do Chile, os homens só queriam saber das mulheres francesas. Raríssimas foram as mulheres que naquele primeiro momento transaram com homem francês. Depois, bom, já é outra história. Acho que a gente exige muito mais uma relação estabilizada, que nos dê conforto. Nós não aceitamos uma trepada...

6. pensionato do Estado para estudantes e jovens.

GLORINHA – Eu acho validíssima a trepada pela trepada. Porque as mulheres quase sempre buscam uma relação estabilizadora?

ANGELA – De qualquer forma, acho que o que aconteceu foi um fenômeno de estabilização na vida das pessoas. Todos nós – homens e mulheres – quando chegamos aqui, vindos do Chile, objetivamente encontramos uma realidade muito diferente. Muitos de nós estávamos nessa época com casamentos e relações já estouradas, e, para os homens, entre pegar uma nova companheira brasileira e uma francesa, bom, a francesa significava, de alguma forma, o aprendizado da língua, de uma cultura nova, enfim, uma certa estabilização nessa sociedade. Então eles se lançaram naquele tipo de relação.

JOANA – Eu posso ver o problema por outro lado. Para mim era a necessidade de procurar gente que pensasse diferente, pelo menos que tivesse pontos de vista diferentes. Deus me livre voltar com brasileiro que vai discutir de novo problemas políticos, que vai dizer que foi de uma organização ou foi de outra, ou foi da mesma, sei lá o que.

LUCIANA – Você está esquecendo que a mulher é tão secundária no casal que um homem brasileiro pode perfeitamente casar com uma francesa, que continua participando no *ghetto* brasileiro. Uma mulher casa com um francês, vai ficar excluída do *ghetto* e nem por isso está integrada no mundo francês.

ANGELA – Um fenômeno de exílio interessante é que a maioria das pessoas que chegaram casadas no Chile ou mesmo aqui na França, viveram uma desestruturação do casal. Essas crises são quase inevitáveis quando a gente chega num país estranho. Os casais às vezes têm contradições que podem ser atenuadas se ambos estão integrados socialmente. Num país novo, em que muitas vezes tudo é hostil, tudo é difícil, em que as pessoas têm que se adaptar, as contradições do casal tendem a se agudizar. Eu vivi isso. No Chile, as rupturas dos casais foram, muitas vezes, por razões inversas. O confronto foi com uma sociedade aberta, bastante receptiva. Muitos casais que chegavam lá, recém-saídos da clandestinidade no Brasil, de situações desgastantes, com pouco contato social, encontraram todo o mundo falando e discutindo política. Havia muitas oportunidades para conhecer gente nova, interessante, e então as pessoas começavam a sair do burquinho em que estavam, começavam a se desreprimir. Isso foi

fatal para muitos casais: foi a primeira leva das separações. Mas houve casais que sobreviveram, claro.

Aí veio o golpe do Chile, outra porrada... a Europa. Segunda leva de separações. Eu vivi, por exemplo, com oitenta brasileiros dentro de um *Foyer*: não tem casal que resista, entende? A maioria dos casamentos estourou ali. Naquele primeiro momento os homens queriam transar com as francesas, havia por parte deles uma visão mesmo reacionária da mulher francesa, qualquer uma que entrasse no *Foyer*, tinha três, quatro em cima dela. Depois não, houve relações de brasileiros com francesas que se estabilizaram, que se transformaram em casamentos, mas num primeiro momento eles caíram em cima delas da forma mais reacionária e mais tradicional que possa ter um sul-americano. Era uma folia naquele *Foyer*!

GLORINHA - Agora tu imagina isso em relação às suecas... todo aquele mito, a mulher livre, a sauna mista, não sei o que mais, meu Deus do Céu! Elas eram realmente transformadas em objetos naquelas relações. Duas semanas depois, eles estavam chamando-as de 'onças' porque elas acreditavam no jogo, se entusiasmavam... Não se pode esquecer que a chegada em massa dos refugiados latino-americanos, depois do golpe do Chile, causou um certo impacto na esquerda européia. Este fato desperta a atenção de homens e mulheres nesse tipo de meio. Mas qual é a diferença de resposta? As mulheres européias se deixavam 'cantar' pelos revolucionários, pelos 'bravos guerrilheiros' latino-americanos.

LUCIANA - Todo o mundo tinha vontade de conhecer gente nova, de sair com franceses, mas a gente não tinha coragem...

ANGELA - É tão diferente o que eu vivi... eu só me senti estrangeira no Chile. Queria ficar na Argentina, não queria ir pro Chile, porque significava retomar com uma tradição de engajamento político sobre o qual eu não tinha mais muita clareza; era retomar um passado que não tinha ainda analisado. Eu vinha de uma crise muito grande e de um tipo de visão política muito dura que tinha me chocado imensamente e tinha me feito passar por um período de transformação interna, de reflexão de toda a minha atuação passada, de colocar em questão uma porrada de coisas. E no Chile era a fatalidade, na medida em que sabia que ao chegar lá teria que ser militante porque era militante no Brasil. Tudo o que queria naquele momento era paz para pensar. A Argentina me permitiria isso, me daria essa pausa de

que estava precisando. Mas não pude ficar lá porque ele queria ir pro Chile, eu mesma não queria e queria. Também queria aquela experiência nova, da qual todo o mundo estava falando, aquela luta pelo socialismo. Cheguei no Chile e me senti discriminada. Achava que falava espanhol e não falava, entrava num bar para pedir uma coisa e ninguém me entendia, tinha um troço verde no sanduíche, eu pensava que era alface e era abacate; tinha um outro troço vermelho, não era *Ketchup*, era pimenta. Estava tudo trocado, era um mundo diferente, então eu me senti estrangeira até mais não poder! Essa sensação durou o ano inteiro que vivi no Chile, nunca cheguei a me integrar. Além disso, comecei a tomar consciência de que o casamento estava em crise, de que as minhas fantasias de rompimento eram muito mais antigas do que supunha. Vivi então um período de solidão muito grande que evidentemente o grupo de mulheres brasileiras do Chile não preenchia, não respondia. Mesmo a atuação política no Chile não era uma atuação escolhida por mim, de uma certa maneira era imposta.

De repente vem o golpe; dizem que vou ter que sair dali, que não podia ficar na América Latina, porque se eu pudesse, teria ido pra Argentina que era o país dos meus sonhos... Então tive que vir para a Europa. E vim para a França, que era a coisa menos estranha para mim, onde eu sabia pelo menos falar a língua. Comecei a encontrar uma série de coisas do meu passado. Fui educada num colégio francês e nunca tinha entendido porque as loucas das freiras mandavam fabricar *bol*, aquela tijelinha pra gente tomar café. Em casa, eu tomava em xícara. Chego aqui, encontro esse troço todo, até mesmo o papel higiênico do colégio era como o daqui, esse papel chatinho, não era rolo não. Então, nem mesmo a crise conjugal, o fim do casamento me fodeu muito, nada disso foi suficiente para me fazer sentir perdida aqui. Às vezes me pergunto se sou exilada. Não me sinto nem integrada nem desintegrada. Quando me sinto estrangeira é assim como ter uma especificidade a mais, quer dizer, não é algo que chame a atenção necessariamente. Não me sinto *defasée*⁷.

GLORINHA – É, mas você é loura, olhos claros!

ANGELA – Todo o meu processo de descoberta enquanto pessoa está ligado à França. O fato de eu ter podido escolher um certo caminho, de ter podido pela primeira vez – isso pra mim é muito importante – ter tido uma casa minha, com móveis que são

7. defasada.

meus, arrumada do jeito que eu quero, curtida, cuidada, *bichonnée*, bonitinha.

DRO – Eu sinto muito mais o problema de ser mulher do que o de ser estrangeira. Depois de oito anos aqui, inclusive com nacionalidade francesa, não sinto mais esse tipo de problema. O que venho fazer aqui, num grupo de mulheres brasileiras, é muito mais discutir a nossa condição de mulher, porque os problemas que eu tenho em relação aos homens aqui na França não é por ser estrangeira, mas por ser mulher.

GLORINHA – O problema da integração eu vivi na Suécia de uma forma diferente. Fui trabalhar como faxineira, fui fazer todos os trabalhos não qualificados com um montão de mulheres suecas, *MULHERES*, não *petites filles*. Elas são pessoas extremamente consumidoras, tem um poder aquisitivo muito maior do que o mesmo tipo de pessoas num país como o Brasil e são completamente alienadas. De repente cheguei eu: mocinha frágil, subdesenvolvida que não aguentava mesmo a parada. Vivi dois anos o tempo todo trabalhando, era desesperante! Aquelas mulheres me ajudaram incrivelmente, pintava um certo tipo de solidariedade e elas vinham e faziam o meu trabalho porque eu não conseguia acabar. Ao mesmo tempo eram pessoas que me negavam por completo por eu ser estrangeira e porque tinha um nível cultural diferente do delas, que transparecia, mesmo eu não querendo. Então, a minha sensação era: estou aqui, é extremamente provisório, não tenho nada a ver com o mundo dessas pessoas, não tenho nada a ver com elas, estou economizando dinheiro para ir embora pra outro lugar. Mas ao mesmo tempo passava oito horas todos os dias com elas. Quando chegava em casa – morta – tinha vontade de falar do detergente, do cansaço, dos caroços de cereja que no verão entravam no aspirador e que eu tinha que catar um a um. A minha vida em Paris é muito diferente. Aqui, é verdade que vivo numa colônia brasileira. Na Suécia vivia também, mas só em termos emocionais, pessoas amigas, interesses comuns... mas, a minha prática social cotidiana era num trabalho que me deu o sentido do que é uma alienação, da não existência de comunicação entre as pessoas, em nenhum nível, nem de briga! Era a transação de suportar o limite.

REGINA – Eu não sinto de uma forma violenta a contradição *ghetto-integração*. Há determinados momentos em que gosto de estar com os brasileiros, mas não gosto dessas saudades excessivas porque não sinto isso mais; não me identifico com esse senti-

mento. Trabalhar na França foi importante para mim porque fez com que me integrasse.

Nunca tinha refletido muito sobre essa questão do exílio, inclusive vou sair daqui com a cabeça queimando... Às vezes tenho ódio de franceses, do francês que eu enfrento dentro do metrô, mas é muito contraditório: dali a três minutos sinto admiração por esse povo que fez a sua história. Quando estou no metrô e vejo aquele tipo de velho francês, com a *casquette*⁸ na cabeça, que faz uma gracinha, uma brincadeira, eu gosto. Agora, se encontro aquele tipo de francês racista, aí volta o sentimento de raiva. Quando cheguei aqui, fui trabalhar com os portugueses. Logo no primeiro momento senti uma grande identificação. Antes eu odiava Portugal, detestava, tinha vergonha de ser parecida com portuguesa. Aqui dá-se esse reencontro. Olho para os portugueses e sinto que tenho alguma coisa a ver com essas pessoas. O exílio significou também o encontro com a minha mãe. A questão do feminismo ajudou, sabe; senti uma espécie de remorso ao entender o que foi a vida dela. É uma das pessoas que tenho mais vontade de encontrar para acertar as minhas contas. Hoje sinto o que ela sofreu, o que ela passou e tenho vontade de falar com ela. Então escrevo, telefono, tenho um relacionamento que não existia antes, com muito mais carinho.

SANDRA - Se o exílio é se identificar com o *ghetto*, eu não me sinto exilada. Não me identifico com o *ghetto*, detesto. O único momento em que comecei a transar e a gostar de estar com brasileiros foi no grupo de mulheres. Eu acho maravilhoso, acho legal, a gente faz coisas junto, acho que toda essa experiência coletiva tem sido enriquecedora. Agora, essa história de ter a casa sempre cheia de brasileiros, bem, a minha nunca foi assim, porque não gosto, entende? As pessoas ficam rememorando as coisas, eu não agüento mais ouvir o fulano contar as histórias da Filosofia, o beltrano contar não sei mais o que. Detesto esse tipo de vida que acontece bastante aqui, em que as pessoas ficam até a madrugada batendo papo; bom, hoje é na casa do fulano, outro dia é na casa de não sei quem, é aquela coçação de saco, eu nunca cheguei a me integrar nisso. Eu detesto aquela curtição de sabão 'Phebo', do feijão preto etc. Mas pra mim o problema complica um pouco porque eu também não me entendo com a chamada sociedade francesa. E trabalho com um tipo de franceses que seriam as pes-

8. boné.

soas mais fáceis da gente se relacionar, pessoas jovens, de esquerda... Mas eu não consigo.

Não me sinto nem integrada nem refugiada. Sei que aqui faço coisas legais, não sei se no Brasil poderia fazer. A minha vida no Brasil era uma merda, acho que aqui é muito melhor; eu avancei em muitas coisas, acho que estar aqui e fazer as coisas que a gente faz pra mim é também um combate. Para os homens da esquerda brasileira aqui, o único combate é o que está voltado para o Brasil. É acompanhar os jornais, trabalhar em campanhas de solidariedade, discutir política brasileira, grupos de estudo, não sei mais o que. Tudo isso a gente faz, mas acho que a gente faz muito mais do que isso.

Voltar pra que?
O meu objetivo é virar brasileira
Talvez até sejamos peixes fora d'água
Não quero ser exilada no Brasil

ANITA – Eu me sinto profundamente estrangeira e profundamente exilada. Acho que não tenho nada a ver com isso aqui, no entanto, trabalho aqui. Em todos os ambientes onde estive eu me integrei, mas não tenho nada a ver, não estou ‘concernida’. Para poder me integrar, deixar de ser exilada, teria que dizer: bom, eu não sou mais brasileira, não vou voltar para o Brasil, fechei a porta, não quero mais saber. Hoje em dia, como a possibilidade de voltar é muito concreta, resolvi agarrá-la, embora eu ache que no Brasil vou me foder muito. Mas tenho que voltar, porque, na verdade eu saí de lá muito mal. Saí por uma contingência política, não emigrei, não sou uma emigrante, como os meus avós que foram da Itália para o Brasil fazer uma vida nova. Tudo o que sou hoje devo ao exílio. Os vinte e tal anos que vivi no Brasil não foram nada em relação aos sete que estou no exílio. Mesmo assim, sou uma exilada brasileira, não sou francesa.

REGINA – Ao mesmo tempo que eu tenho vontade de voltar para o Brasil sinto que vou lamentar a perda do que tenho

aqui na França, do que vivo aqui. A consciência como mulher que adquirir aqui foi muito importante porque me permitiu questionar toda uma visão de mundo. Temos hoje uma vinculação com um novo grupo social, com a luta feminista aqui na França, e mesmo que a gente não esteja integrada em grupos de mulheres francesas, vivemos esse movimento social, vivemos essa luta. Quando ando na rua ou entro no metrô e vejo uma pichação em cima de um *affiche* machista, eu me identifico com elas, essas mulheres são porretas, penso. Naquele momento tenho um sentimento de carinho em relação a esse país e me sinto feliz. Acho que nesse sentido a gente tem uma experiência muito mais rica do que a dos companheiros. O nosso processo não está acabado, nosso questionamento foi muito profundo, e mesmo que a gente não se identifique com os franceses, essa nossa transformação está vinculada à França.

ANGELA – Eu não tenho nenhuma perspectiva de voltar rapidamente. Nunca me passou pela cabeça, morro de medo de pensar que algum dia tenho que voltar ao Brasil. Tenho que ficar na França mesmo e não me sinto francesa. Tento me integrar e me sinto estrangeira, mas não quero voltar. Acho que foi bom que o meu caminho passasse pelo exílio. Vocês vão voltar para que? Que tipo de identidade vocês estão buscando?

GLORINHA – Acho que no Brasil a gente brigou muito, em todos os níveis e acho que a gente não está aqui assim de coitadinha, está aqui pelo que a gente fez lá, por causa dessa briga. Então a volta também é uma transação a ser conquistada, não é para ser cedida. Isso não quer dizer que o meu medo em relação ao Brasil não seja grande, o medo de reencontrar a família, as pessoas que passaram por outras experiências. Nós vivemos um problema de geração, temos um tipo de passado, de experiência que levamos conosco. Sabe, no exterior a minha relação com a família foi muito carinhosa, foi de uma volta muito grande, foi a primeira vez que reivindiquei mesmo o nordeste, a minha origem. Conheci a saudade do nordeste, das minhas coisas. No Rio, eu ficava junto do espelho aprendendo a falar carioca. Aqui comecei a pensar que não foi à toa que estudei agricultura... no fundo deve haver todo um tipo de interesse que vem lá de trás. Foi muito engraçado descobrir no exílio que a minha parteira era posseira. Aqui fora cresceu muito o sentimento de ser brasileira. Mas por mais

que eu ache que a gente vai voltar para o Brasil, sei que não vamos ser tão brasileiros assim, talvez até sejamos peixes fora d'água.

BETE - O meu objetivo é virar brasileira. Vou voltar ao Brasil, tenho medo, mas também não quero ser francesa.

ANGELA - Igual ao que éramos antes nunca vamos ser. O exílio dá toda uma dimensão de universalidade, de ver que a nossa experiência no Brasil não foi única, que vivemos lá coisas que são diferentes das que vivemos aqui, mas ao mesmo tempo não são tão diferentes assim.

REGINA - A minha vinculação com o Brasil tem idas e voltas. Racionalmente eu reivindico o meu passado, reivindico essa luta e tenho um compromisso com ela. Vejo a minha volta em função desse compromisso. Ainda que ache que no Brasil, num primeiro momento, vou me sentir mais desintegrada do que me sinto hoje aqui, sei que tenho mais vínculos com o Brasil do que com a França. Daí a minha opção: eu quero voltar, os meus vínculos com o Brasil não são só emocionais e afetivos, são também políticos. Mas aqui na França eu não me sinto como se estivesse me preparando para voltar, não é como me sentia no Chile. Aqui sinto que estou construindo alguma coisa, que estou me transformando, fazendo coisas, me sinto ativa, me sinto inteira. Mas quero voltar. A minha *démarche*¹⁰ é uma *démarche* de volta. Hoje em dia o meu desgaste de energia é nesse sentido. E não quero ser exilada no Brasil, quero ter o direito de continuar lutando.

DRO - Nós mulheres nunca tínhamos feito uma reflexão coletiva sobre o exílio. Saímos expelidas pelo sistema. Eu não vim para a Europa para estudar, não vim como emigrante para juntar dinheiro e voltar. Um belo dia cheguei aqui e tive que me virar para ficar. Então me virei para ficar da melhor maneira possível. Se a gente hoje é refugiada, foi em função de uma luta que assumimos há muito tempo atrás, daí o compromisso com essa luta. Hoje uma das coisas que mais me angustia, uma das coisas de que tenho mais medo é de não poder voltar para o Brasil se houver um golpe amanhã, se a

10. movimento.

abertura não se concretizar... porque a minha volta depende evidentemente da abertura. Se hoje tenho possibilidade de voltar é porque as estruturas mudaram um pouco, pelo menos na sua fachada legal, e então a minha angústia é aproveitar esse momento, porque depois de amanhã pode mudar e se eu não estiver dentro, vou ter que repensar tudo outra vez, vou ter que refazer tudo muito mais globalmente. Até agora vivi em função de uma realidade que me foi imposta, uma realidade que não enfrentava. Se eu não voltar pro Brasil vou ter que fazer uma opção, escolher um lugar para viver, um lugar que vai ser o meu lugar, onde vou ter a minha interferência na vida política. Quem sabe vou pra Moçambique ou Angola? Ou então fico mesmo na França? Fico e assumo que vivo na França, defino se vou militar ou não, escolho uma organização política francesa. Mil possibilidades aparecem, todas com aspectos positivos e negativos. Nesse momento todos estes fatores estão presentes na nossa cabeça, consciente ou inconscientemente. Na verdade eu me sinto vivendo, mais que nunca, provisoriamente.

JOANA – Quando a gente discute a questão de militar ou não em grupos franceses, nenhuma de nós assume esse problema concretamente. Acho que vivemos no *Círculo* uma prática militante voltada para o Brasil. Quase todas nós dizemos que nos sentimos estrangeiras, então essa prática que temos aqui é uma luta que fazemos. Se amanhã eu decidir não voltar ao Brasil, saio do *Círculo*, entro num grupo de mulheres de *quartier*¹¹ e não vou mais ficar dividida na minha militância política.

ANGELA – Deixa só eu contar uma coisa: no Brasil eu fiquei numa cela com cinco mulheres que eram militantes e queriam continuar militantes. Na vida de algumas delas havia uma solução de continuidade, isto é, aquele período da prisão. Havia uma coisa que elas eram antes e uma coisa que seriam depois. Agora, durante, não existia. No parêntesis, tudo era permitido. Não havia nenhuma vivência do aqui e do agora. Esse tipo de coisa me aterroriza. Acho que a minha militância aqui não vai ser a mesma que eu teria no Brasil, mas o meu investimento, a minha vontade de lutar, eu concretizo *aqui e agora*.

11. bairro.

ORISONTE BRASILEIRO

Poesia de menina de oito anos, filha de exilados.
Paris, dezembro de 1977.

orizonte brasileiro

- Onde está o gorda que gostava a casa?
- A mulher que trabalhava e não ganhava?
- O marido que falava do dia cantado agitado?
- A mulher que ouvia calada cantando brincando?
- O marido que trabalhava comendo vivendo?
- A mulher falando do dia brincando vivendo?
- que amor está nascendo vivendo?



Este livro foi impresso pela



SÍMBOLO S.A. INDÚSTRIAS GRÁFICAS
Rua General Flores, 518 522 525
Telefone 2215833
São Paulo

Com filmes fornecidos pela editora

um propósito:

incorporar a experiência e
o pensamento desta geração de homens
e mulheres no exílio
como parte positiva da vida do país.

um estímulo:

em todo o mundo as mulheres
começam a descobrir e a escrever
a sua própria história.
Mulheres no exílio podem contribuir
na construção da sua história
neste período da vida brasileira,
acrescentando uma dimensão até então
esquecida.

O LIVRO

Exílio, Feminino, Plural

A minha história, a sua história,
a história dela.



<i>Alice</i>	<i>Eva</i>
<i>Ana Maria</i>	<i>Fátima Freire Dowbor</i>
<i>Angelina</i>	<i>Joana</i>
<i>Arlete</i>	<i>Leta de Souza Alves</i>
<i>Beatriz</i>	<i>Liege</i>
<i>Carmen</i>	<i>Lucia</i>
<i>Célia</i>	<i>Maria B.</i>
<i>Círculo de Mulheres</i>	<i>Maria do Carmo Brito</i>
<i>Brasileiras em Paris</i>	<i>Maria Nakano</i>
<i>(Ângela/Anita/Bete/Dro/</i>	<i>Maria Valderez Coelho da Paz</i>
<i>Glorinha/Joana/Luciana/</i>	<i>Maricota da Silva</i>
<i>Mônica/Regina/Sandra)</i>	<i>Naná</i>
<i>Damaris de Oliveira Lucena</i>	<i>Sandra</i>
<i>Elza Freire</i>	<i>Saudade</i>
<i>Emilia Viotti da Costa</i>	<i>Sonia</i>
<i>Eny</i>	<i>Therezinha Rabelo</i>
<i>Eunice</i>	<i>Vania</i>
	<i>Zuleika Alambert</i>

MULHERES FALAM

Brasil/saída/passado/formação
 militância política/cotidiano/exílio/descobertas
 problemas/mudanças/feminismo/ganhos/perdas

ENTREVISTAS/DEPOIMENTOS/TRAJETÓRIAS



MAIS UM LANÇAMENTO PAZ E TERRA
 UMA EDITORA A SERVIÇO DA CULTURA